

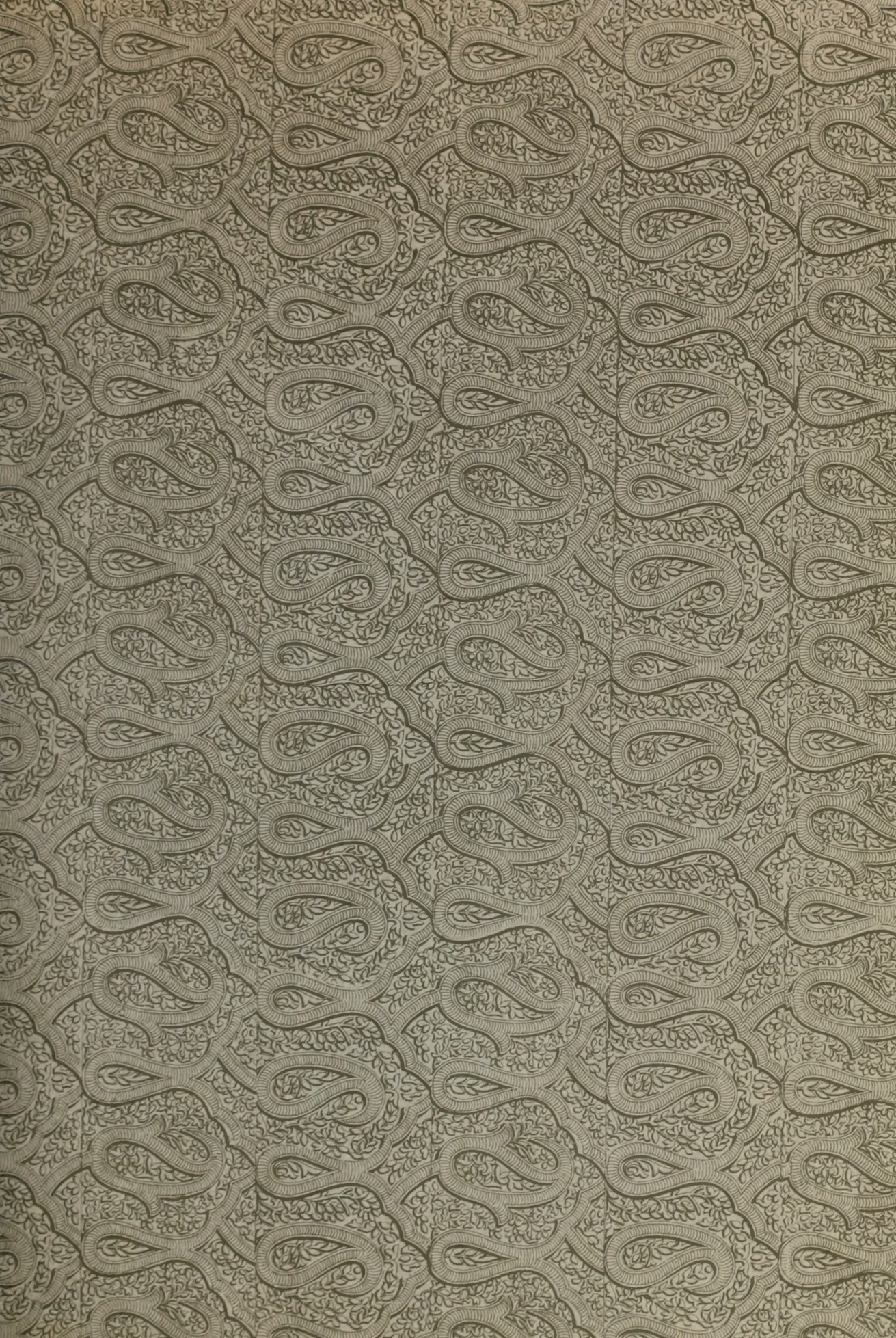
RB.136, 546



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil





ETHIOPIA ORIENTAL,
E VARIA HISTORIA DE COVSAS,
no tateis do Oriente,


COMPOSTA POLLO PADRE FR. IOAO,
dos Santos da Ordem dos Pregadores,
natural da Cidade de Eua.



DIRIGIDA AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
Dom Duarte Marques de Frechilla & Malagon, &c,
Impressa no Conuento de S. Domingos de Eua
Con licenca do S. Officio & Ordinario
& Priuilegio Real Anno 1600

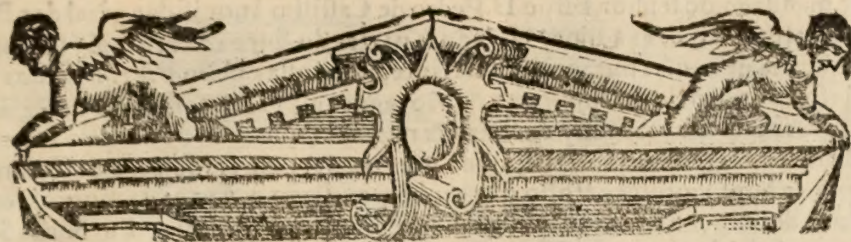
BRASNYNES L. FECIT

POR MANOEL DELIRA IMPRESSOR.



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

<http://archive.org/details/ethiopiaoriental00sant>



PRIMEIRA PARTE.

DA ETHIOPIA ORI- ENTAL,

EM QUE SE DA RELACAM DOS PRIN-
cipaes Reynos desta larga Região, dos costumes, ritos, & abu-
sos de seus habitadores, dos animaes, bichos, & feras, que nelles
se crião, de suas minas, & cousas notaveis, que tem afsim no
mar, como naterra, de varias guerras, & victorias insignes
que ouue em noslos tempos nestas partes entre
Christãos, Mōuros, & Gentios.

REPARTIDA EM CINCO
LIVROS.



Aprovação do P.M Fr. Antonio Freire.

POr mandado do senhor Bispo D. Pedro de Castilho Inquisidor gèral dos Reynos de Portugal vi, & examiney estas duas partes do liuro da Ethiopia Oriental, & varia historia de cousas notaveis do Oriente, compostas pello P. Fr. Ioaõ dos santos, Religioso da ordem de S. Domingos, & não tem cousa algũa contra a S. Religião Chriã, mas antes tem muytas muy curiosas, & notaveis, que alem do honesto interimento, & licita recreação de que serue, ajuda muyto, assi pera consolação da fè, como pera exemplo de bons costumes. Pollo que tenho por digno o Autor de muytos louvores & o liuro de licença, pera que em beneficio cõmum se imprima. Em Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 23. de Mayo de 608.

Fr. Antonio Freire.

Liçença da S. Inquisição.

Vista a informação podese imprimir este liuro intitulado Ethiopia Oriental, & depois de impresso torne a este Concelho pera se conferir, & dar liçença pera correr, & sem ella não correta. Em Lisboa em 24. de Mayo de 608.

Berthola meu da Fonteca.

Ruy Pirez da Veyga.

Liçença da mesa do Paço.

QVE se possaõ imprimir estes liuros da Ethiopia Oriental, vista a liçença do S. Oficio, & como foraõ vistos na mesa, & depois de impressos tornaraõ a ella, pera se lhes taxar o preço. Em Lisboa a 2. de Junho de 608.

Machado.

Antonio da Cunha.

Liçença do Ordinario.

POdese imprimir estes liuros, autoritate Ordinaria, porque não tem cousa q̃ o impida, antes muytas curiosidades, & algũas cousas de edificação. Euora, & de Agosto 10. de 1508.

O Bispo de Nicomedia.

Liçença do P. Prouincial.

Frey Martinho Eçay Prior Prouincial da Ordem dos Prègadores nesta Prouincia de Portugal, dou liçença ao P. Fr. Ioaõ dos Santos, Supprior, que hora he do nosso Conuento de S. Domingos d'Euora, pera que possa imprimir hum liuro. da Ethiopia Oriental, & varia historia do Oriente, que tem composto, sendo primeiro visto, examinado, & approuado pollos Padres Meistes Fr. Vicente Pereira Prior do dito Conuento, & Fr Thomas de Brito, & polla sancta Inquisição. Dada neste Conuento de S. Domingos d'Euora a 15. de Outubro de 607.

Fr. Martinho Eçay, Prior Prouincial

Aprovação do P. M. Fr. Vicente Pereira Prior de S. Domingos de Euora.

VI & examinei por mādado do nosso muyto R. P. Prouincial e P. Presentado Fr. Martinho Eçay, este liuro da Ethiopia Orietal, & varia historia do Oriente cõposto pello P. Fr. Ioaõ dos Sanctos, Religioso da Ordẽ de nosso glorioso P. S. Domingos, & não achei nelle cousa algũa contra a nossa sancta fè Catholica, & bõs costumes antes me parece obra muy pia, & curiosa, na qual se vè claramente o animo candido, & religioso do Autor, & entendõ, que folgaraõ todos muyto de o ler: não sò pola novidade de muytas cousas, que nelle se contẽ mas tambem pella fidelidade, com que se contaõ, por auer sido o Autor o sojeito de muitas dellas, & testimunha de vista de outras Pello que he digna de se imprimir muytas vezes. Dada em Euora no Conuento de S. Domingos em 15. de Abril de 608.

Fr. Vicente Pereira.

Aprovação do P. M. Fr. Thomas de Brito.

POr mādado do nosso muito R. P. Prouincial o P. Presentado Fr. Martinho Eçay, vi hum liuro intitulado Ethiopia Oriental, & varia historia do Oriente em do us volumes, composto pollo Padre Fr. Ioaõ dos Santos Religioso da Ordem do nosso glorioso P. S. Domingos & examinei o dito liuro conforme às ordenações dos nossos Capitulos gèrais, & não sòmente não achei nelle couza algũa contra a nossa santa fè, ou bons costumes, mas me pareço mui proueitoso pera os q̃ o lerem, & digno de se imprimir. Em Euora no nosso Conuento de S. Domingos a 14. de Abril de 608.

Fr. Thomas de Brito.



AO EXCELLENTISSIMO
SENHOR

D. DVARTE
MARQUES DE
FRECHILLA, E DE
MALLAGON;
&c.

Frey João dos Sanctos
S. P. D.



E condição tão propria de Principes, & Senhores, accitar a boa vontade, que seus seruos lhe mostrão, inda nos pequenos seruiços que lhe fazẽ, que não he possiuel faltar esta ã V. Excellẽcia cuja nobreza, & descẽdẽcia, que traz dos Reys de Portugal seus progenitores, he tão conhecida, não somente em toda Europa, na qual com todos os Reys, & Principes tem liança, & parentesco muy chegado, mas tambem nas mais partes do mũdo, que se me quizera deter em tratar della, com muyta razão se me podia dizer o que Antalcides Rey dos Lacedemonios disse a hum sophista, que diante delle se poz a louuar Hercules, tão conhecido, & venerado de todos. *Ecquis illum accusat?* E Aristoteles nos ensina, que as cousas q̃ são notorias, he escusado proualas. Sendo pois isto asy, & conhecendo eu o nobre, & generoso animo de V. Excel. herdado com o Real sangue do inuictissimo Rey D. Manoel de gloriosa memoria seu biza-uo, & conquistador das partes Orientaes, de que esta minha obra trata: me pareceo estaua obrigado dedicalla a V. Excel. & por essa razão tomey atreuimento de lhe fazer este peque

no seruiço, e offerecerlhe esta obra, primeiro fruto meu, posto que de pouco arteficio, mas acompanhada da boa vontade, com q̃ a offereço, & espero seja bẽ recebida de V. Excel. Lembrandome o que se conta de Artaxerxes, o qual fazendo hum caminho, & trazendolhe seus vassallos algũs presentes, cada hum segundo sua possibilidade: hũ pobre rustico nã tendo que lhe offerecer, se foy a hum rio, & lhe leuou em as mãos hũã pouca de agoa, & o Rey a estimou tanto, que a mã dou guardar em hum vaso de ouro dizendo, que nenhũ seruiço lhe fora tão aceito como este, estimando mais nelle a võ tade, q̃ a obra: & asy fez muytas merces ao rustico. Moueome tambem a offerecer esta obra a V. Excel. a particular affeição, que tem a nossa sagrada Religião dos Prégadores, como a cousa propria, pois he fundada pollo glorioso Patriarcha S. Domingos muyto parente de V. Excel. por cujo respeito todos os filhos della achamos sēpre em V. Excel. muyto fauor & emparo. E por estas razões confiadamente espero que esta minha obra debaxo da proteiçãõ de V. Excel. seja emparada & honrada. Nella verã V. Excel. muytas cousas notauẽis do Oriente, & particularmente da Ethiopia Oriental, cuja cabeça he a fortaleza de Moçambique, que o grãde Dom Constantino tio de V. Excel. mandou principiar sendo ViceRey da India, cujas obras heroicas (que sempre viui rãõ na memoria dos homẽs) mostrãõ o grande valor, com q̃ gouernou aquelle estado. E inda q̃ esta obra nã teuera mais bem que falar nelle, só isso lhe bastaua pera ser de todos bem recebida. Por tanto ponha V. Excel. os olhos nella, & ficarã com o valor & preço q̃ sem o fauor de tal Principe nã pode ter, cuja vida, saude, & estado o Senhor prospere, & conserue por muytos annos. Deste

Conuento de S. Domingos de Euora,

a 20. de Março de

1609.

De V. Excellencia

seruo, & orador

Frey João dos Santos.


EV El Rey faço saber aos que este Alvara virem, q̃ auen do respeito ao que na petição atras escrita diz o Padre Fr. Ioaõ dos Santos da Ordem de S. Domingos: ey por bem, e me praz por lhe fazer merce, que por tempo de dez annos, nem impressor, nem liureiro, nẽ outra pessoa algũa de qual quer calidade que seja, possãõ imprimir, nẽ vender nestes Reynos, e Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles o liuro de que na dita petição faz menção, saluo aquellas pessoas que para isso teuerem seu poder e licença: e qualquer impresor, liureiro, ou pessoa que imprimir, ou vender o dito liuro, ou de fora o trouxer impresso sem licença do dito Padre Fr. Ioaõ dos Santos, perdera para elle todos os volumes, que lhe forem achados, e encorrera em penna de cincoenta cruzados, ameta de para minha Camara, e outra ameta de para que o acusar: e mando às justicas, officiais, e pessoas a que o conhecimento pertencer, cumprãõ, e guardem este Alvara, como se nelle contém, o qual se trasladara em cada hũ volume dos ditos liuros, no principio, para se saber como assi o ouue por bem, que valera como carta, sem embargo da Ordenação do 2. liu. tit. 20. que o contrario dispoem. Ioaõ Pereyra de Castelbranco a fez em Lisboa a xxx. de Mayo de 609:

R E Y

Que se possa vender este liuro a 320. reis. Em Lisboa a 23. de Mayo de 609.

Bargança.

Magalhães.


REVERENDI PATRIS
FRATRIS IGNATII GALVAM
Eborensis, e sacro Ordine Prædicatorum, in Æthiopiam
Orientalem, huiusque operis
Autorem.

C A R M E N.



Ethiopúm pharetrata parens, quam luce retexūt
Solis equi, cum primúm alto se gurgite tollunt:
Exere magnanimi faciem Phaetontis adustam
Ignibus, & rabido contractum ardore colorem:
Brachia nocte auro, pictis tege tempora plumis,
Fictaque festiuis certamina iunge choreis.
Nigra licet fueris, labrisque tumentibus, atque
Torta comam: tua regna tamen, tua prælia, mores,
Æthiopsque tuos pauidus circumspicit orbis.
Et quanuis surdis pars magna altaribus ignes
(Proh dolor!) admoueas, & summi ignara Tonantis,
Præcipiti properes sub tristia Tartara gressu:
Parte tamen meliore tui super Aethera tendis,
Aeterni veneranda sequens præcepta parentis.
Contulit hæc magni sapiens tibi commoda proles
Dominici, cuius (quà sol vtrunque recurrens
Aspicit Oceanum) toto iubar orbe coruscat:
Infixasque luto, & vitiorum mole sepultas
Doctrinæ, ac morum collustrat lumine gentes:
Qualis cum primúm rubicundos Lucifer ortus
Pandit, & obstantes roseo secat igne tenebras:
Qualis cum pleno rutili soror aurea Phœbi

Orbe

CARMEN.

Orbe micat; medio qualis Sol orbe refulgens;
Purpureos spargit radios, atque æthera lustrat.

Ergò dùm Patris vestigia sacra Ioannes
Insequitur; patriosq; lares, populosq; reliquit,
Quos Tagus auriferis circumfluit inclytus vndis,
Felicesq; Eboræ campos, quam mœnibus altis,
Ingentiq; olim ductu exornauit aquarum
Pace simul, validisq; potens Sertorius armis:
Et vada falsa secans, tumidis se credidit vndis,
Oceaniq; minis, & primo à sole calentes
(Patre Deo monstrante viam, cœlumq; sequendo)
Aethiopas adiit, positosq; sub ignibus Indos
Sidereis, nostræ tradens arcana salutis,
Et leue legis onus: domuitq; ferocia verbis
Corda, volente Deo. Picei nunc rector Auerni
Sub stygias immerfus aquas, fremit ore cruento;
Sæuaq; ab Aethiopùm non flectit lumina terris:
Dùmq; suis frustra se pulsus plangit ab aris,
Thura videt summo reddi meliora Tonanti.

Salue igitur patriæ decus indelebile nostræ,
Aethiopùmq; iubar: tibi flumina grata Cuàm
Semper erunt: te Senna ferax, teq; aurea Tette,
Te cæco regnata olim Sofalla Tyranno,
Et Maurussa ferox, & picti membra Machùæ,
Cumq; pharetratis diues Mocaranga Botongis,
Argentoq; auroq; potens, regnisq; superbus
Manamotapa suis, & nudi corpora Zimbæ,
Lætâq; palmiferæ celebrabunt regna Quirimbæ.

FINIS.

PROLOGO DA PRIMEIRA PARTE.



OVSA muy sabida he, que as Indias Oriêtaes forão descubertas em tẽpo do inuicẽtissimo, & Christianissimo Rey de Portugal D. Manoel de gloriosa memoria: nas quaes os Portugueses conquistão novos Reynos, & grandes prouinçias, aruorãdo nellas o gloriosissimo estandarte da salutifera Cruz de Christo nosso Senhor, pera que tiueffem noticia, & verdadeiro conhecimento as barbaras nações, do Mysterio da redempção do genero humano, q̃ este Senhor nella tinha obrado por sua infinita misericordia. Tambem he cousa muy notoria, que o primeiro descobridor deste Oriente foy o valeroso, & prudente capitão Dom Vasco da Gama: o qual partindo de Portugal cõ esta noua empreza aos 8. de Junho do ãno do Senhor de 1497. chegou ao Cabo de Boa esperança, & depois de passar nelle muytos trabalhos, & tormentas, o dobrou a 20. de Nouembro do dito anno; & continuando sua derrota, foy correndo a costa do Cado das correntes, Sofala, & Moçambique, atê Melinde, & dahi passou à India. E depois d'elle foy toda esta costa da Ethiopia senhoreada, & conquistada por outros valerosos capitaes Portugueses; entre os quaes Pero d'Anhaya teue sua muy gloriosa parte, pois descobrio o rio, & terras de Sofala, & fez a fortaleza, q̃ oje allí tem os Portugueses, matando a Zufe Rey da mesma terra, & sojeitãdo os Mouros habitadores de todo este territorio, no que abrio bastantissimo caminho, pera se effectuar a vontade do dito Rey Dom Manoel, cujos santos intentos forão dilatar, & augmentar a Fè de Christo N. S. & imprimilla nos coraçõs destas gentes.

¶ E por quanto a Christandade desta costa foy encõmendada aos Religiosos do Patriarcha S. Domingos, em que eu tambem tiue minha parte, residindo nella onze annos, determinei relatar algũas cousas notaveis, que nella me socederão, & juntamente descreuer o sitio destas terras, suas prouinçias, & Reynos, & o mais que nelles vi, & alcançei na verdade, assi dos

custu;

PROLOGO.

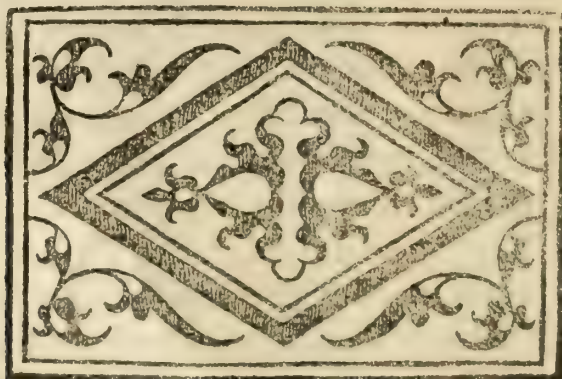
custumes, abuzos, & ritos de seus habitadores, como de muytos animaes, feras, & bichos, assim da terra, como do mar de admiraveis naturezas, & propriedades, & de outras muytas couzas maravilhosas, que nestas terras se achão: das quaes todas tiue bastantissima noticia, no tempo que andey por toda esta costa. E pera mais clareza desta historia me pareceo necessario diuidilla em duas partes. Na primeira faço cinco liuros da Ethiopia Oriental, relatando em cada hum delles particulares couzas, assim das terras, de que vaõ intitulados, como de seus habitadores; No primeiro liuro trato do Quiteue Rey das terras de Sofala, & de seus custumes. No segundo, do Manamotapa, & rios de Cuama, & suas maravilhas. No terceiro de Moçambique, & ilhas de Quirimba até o Cabo Delgado. No quarto dos principaes Reynos, que hà no sertão do Cabo Delgado até o Egipto, rio Nilo, mar Roxo, & de seus habitadores, & cousas notaveis, que tem. No quinto trato da costa de Melinde até o mar Roxo. Na segunda parte faço quatro liuros de varia historia, & cousas notaveis, que hà, & socederão, assim na Ethiopia, como na India Oriental, & da Christandade, que os Religiosos de nossa sagrada Religião dos Prêgadores nella tem feito, assi antes, como depois de ser descuberta pollos Portugeses, como mais largamente direy no Prologo da segunda parte.

¶ E por quanto algũas cousas das que digo, sãõ tam prodigiosas, que quasi sãõ incrediueis, & contadas aos que tem alcançado pouco das muytas maravilhas, que hà pollo mundo, correm muito perigo seu credito pera com elles; por tãto logo no principio duuidava sair a lume com a presente historia, entendendo que se naõ deuiãõ contar estas cousas a semelhãtes pessoas, que ligeiramente as julgãõ por fabulosas. Mas como meu intento nãõ he satisfazer a estes, nem contar fabulas affectadas com palavras exquisitas, & bem compostas, vzando pera isso de alto estillo de fallar, & lingoagem polida, senãõ contar na verdade as cousas que vi, notei, & ouui a pessoas de credito; por isso nãõ quiz desistir do intento começado, vzando desta singella narraçãõ, porque a verdade nãõ tem necessidade de palavras rhetoricas, pera se declarar: & somete esta açẽite de mim o curioso lei-

PROLOGO:

or, & não o grosseiro modo, que tenho de a relatar.

¶ Este trabalho tomei pera manifestar aos que isto lerẽ quãta variedade de gentes barbaras, superstições, abuzos, & couzas espantosas nestas terras ha: & considerandoas todas dem muytas graças ao Senhor de todo o criado, polla merçe, que lhes fez em lhe dar melhor naçimento, & mayor perfeição de gente racional, do que nestes barbaros se acha. E com muyta mais rezão deuemos nõs reconhecer esta merçe de Deos, pois fomos criados no gremio da Christandade, sustentados com o leite da doutrina Catholica, & ley da Graça. E aquelles, que tem por officio prègalla, & ensinalla aos ignorantes, se esforçem, & mouão com zeld da saluação das almas a passar a estas partes, onde ha tanta multidão de gente, que não sabe o verdadeiro caminho de sua saluação, em cuja conuersão podem aproueitar muyto, trazẽdo esta gẽte perdida ao rebanho das ouelhas de Christo, como fazẽ os Religiosos de S. Domingos, q̃ por estas partes andaõ prègando, & fazendo officio de varões Apostolicos: & os de S. Agostinho, que os annos passados entrarão na costa de Milinde, & fundarão caza na ilha de Mombaça, onde fazem muito seruiço a Deos. E por quanto meu intento (como fica dito) he tratar primeiro da Ethiopia Oriental, & a primeira, & mais antiga fortaleza de toda esta costa, he a de Sofala, della me pareceo, que deuia dar principio a este liuro, o que farei depois de dar hũa breue relação das quatro partes do mundo, no primeiro capitulo.



TABOADA DOS CAPITV- LOS DESTA PRIMEIRA PARTE da Ethiopia Oriental.

LIVRO PRIMEIRO

- ¶ Capitulo primeiro. Das quatro partes do mundo. fol. 1.
- ¶ Capitulo segundo. Da fortaleza de Sofala, & suas pouoações. fol. 6.
- ¶ Capitulo terceiro. Da fundação da fortaleza de Sofala, & da treição, q̄ os Mouros lhe fizeram. fol. 7.
- ¶ Capitulo quarto. Das eriações, aruores, & frutas de Sofala. fol. 8.
- ¶ Capit. quinto. Dos custumes do Quiteue, & de quem succede no Reyno por sua morte. fol. 9.
- ¶ Capit. 6. Do següdo modo q̄ os Principes tẽ em succeder no Reyno por eleição das molheres do Rey. fol. 10.
- ¶ Cap. 7. De como o Quiteue quebra o arco, & se mata por defeitos de sua pessoa, & de como lhe fallão. fo. 11
- ¶ Capit. 8. Das exequias que o Quiteue faz aos Reis defuntos, mde lhe falla o diabo. fol. 12.
- ¶ Capit. 9. De como estes Cafres não a lorão couza algũa, & de algũs dias que tem de guarda, & dos Paraizos que cuidão auer. fol. 14.
- ¶ Capit 10. De tres generos de ministros, de que se serue o Quiteue. fol. 20
- ¶ Capit. 11. De tres generos de iuramẽtos, de que vzaõ estes Cafres. f. 17
- ¶ Capit. 12. Das feições, trajos, vestidos, & officios destes Cafres, & da cada Real que fazem. fol. 18.
- ¶ Cap. 13. Das viuendas, & mantimẽtos dos Cafres, & modo que tem em julgar suas epõsias, & cauzas. fol. 19
- ¶ Capit. 14. De algũas leis que tem os Cafres, & das sortes que vzaõ. f. 21
- ¶ Capit. 15. Dos cazamentos, partos & mortalhas destes Cafres. fol. 21
- ¶ Capit. 16. De Cafres aluos, & homẽs que criaraõ filhos a seus peitos, & de outras mōstruosidades. fol. 23
- ¶ Capit. 17. Das guerras que tene o Governador Francisco Barreto com os Cafres do Quiteue. fol. 24
- ¶ Capit. 18. Do tributo que os Portugueses, & Cafres pagão ao Quiteue, & de como se arrecada. fol. 26
- ¶ Capit. 19. Dos custumes, que tem os Mouros de Sofala. fol. 27
- ¶ Capit. 20. Da ilha Maroupe, & da muita caça que tem. fol. 28
- ¶ Capit. 21. Dos Leões, Tygres, & Onças de Sofala. fol. 30
- ¶ Capit. 22. Da variedade de animaes de Sofala, & de como se matão as onças, & do bicho Inhazara. fo. 31
- ¶ Capit. 23. Dos lagartos, & cobras & variedade de bichos de Sofala. f. 33
- ¶ Capit. 24. Da variedade de passaros q̄ ha nas terras de Sofala. fol. 34
- ¶ Capit. 25. Dos lagartos ou Crocodillos do rio de Sofala. fol. 37.

T A B O A D A

- ¶ Cap. 26. Do modo com q̄ os Cafres pescão os lagartos, & da variedade de peixe de Sofala. fol. 38.
- ¶ Cap. 27. Do peixe Melher, & al-
jofar das ilhas das Boçicas. fol. 40.
- ¶ Cap. 28. Do nascimento do Ambar. fol. 41.
- LIVRO SEGUNDO.**
- ¶ Cap. primeiro. Dos Cafres, & cou-
sas notaveis, q̄ ha nas terras que corrẽ
de Sofala atè o rio de Luãbo. fol. 43
- ¶ Cap. 2. Dos rios de Cuâma, & suas
ilhas. fol. 44.
- ¶ Cap. 3. Dos cavalloos marinbos. f. 46
- ¶ Cap. 4. De como os Cafres matão
os cavalloos marinbos. fol. 47
- ¶ Cap. 5. De algũas cousas notaveis
dos rios de Cuâma. fol. 48.
- ¶ Cap. 6. Das serras da Lupata, &
do Reyno do Mongàs, & de hũas fon-
tes nctaveis destas terras. fo. 49
- ¶ Cap. 7. De fontes d'agoa salgada, &
d'outras fontes de admiraueis effeitos
que ha no sertão desta Ethiopia. f. 51
- ¶ Cap. 8. Dos fortes de Sena, & Tete,
& da serra Chiri, & dos frutos, &
creações, que ha nos rios de Cuâma,
& moeda que nelles corre. fo. 52
- ¶ Cap. 9. Das feiras do Mocaranga,
& do capitão de Massapa, & da Cur-
ua q̄ se paga ao Manamotapa. fol. 54.
- ¶ Cap. 10. Dos Reynos do Manamo-
tapa, & do Mocaranga. fol. 55.
- ¶ Cap. 11. Da serra chamada Fura, on-
de estene a feitoria da Rainha Sabbà,
ou de Salamão. fol. 56
- ¶ Cap. 12. De varias opiniões acer-
ca da região de Ophir. fol. 57.
- ¶ Cap. 13. Das minas q̄ ha nos Rei-
nos do Manamotapa, & de como se ti-
ra o ouro dellas. fol. 59
- ¶ Cap. 14. Das minas de prata da Chi-
côua, & de como Francisco Barreto
foy a ellas. fol. 60
- ¶ Cap. 15. Do Manamotapa, & de
suas insignias Reaes, & dos Reynos
que ha do Cabo das correntes atè Mo-
çambique. fol. 62.
- ¶ Cap. 16. De outros custumes, & in-
signias do Manamotapa, & de seus
vassallos. fol. 63
- ¶ Cap. 17. Dos Cafres vizinhos de Te-
te, & dos Mumbos, q̄ comẽ gête. f. 64
- ¶ Cap. 18. De hũa guerra q̄ os Portu-
gueses tiuerão cõ os Muzimbas. f. 66
- ¶ Cap. 19. Da morte de Andre de Sã-
tiago, & de seus cõpanheiros: & do q̄
succedeo a dom Pedro de Sousa com
os Zimbas. fol. 67
- ¶ Cap. 20. Do exercito dos Zibas, &
como entrou na ilha de Quiloa, & a
destruyo. fol. 69
- ¶ Cap. 21. De como os Zibas entrarão
em Mombaça, & a destruirão: & de-
pois foraõ a Melinde, onde foraõ des-
baratados. fol. 70.
- ¶ Cap. 22. Dos rios de Quilimãne, &
Loranga, & dos custumes de seus ha-
bitadores. fol. 71.
- ¶ Cap. 23. Dos casamentos, festas, &
superstições, que os Macãs do rio de
Loranga tẽ em suas mortalhas. fo. 73

T A B O A D A:

LIVRO TERCEIRO.

- ¶ Cap. primeiro. Dos Cafres Macúas da terra firme de Moçambique, & de como cõquistarã aquella terra. f. 74
- ¶ Cap. 2. Das guerras que os Portuguezes tiueraõ com os Macúas da terra firme de Moçambique. fol. 76
- ¶ Cap. 3. De algũs casos estranhos, q̃ succederã em Moçambique. fol. 77
- ¶ Cap. 4. Da ilha & fortaleza de Moçambique. fol. 78
- ¶ Cap. 5. Das ilhas de Quirimba, & seus habitadores. fol. 79
- ¶ Cap. 6. De algũas cousas notaveis, q̃ ha nestas ilhas de Quirimba. fo. 81.
- ¶ Cap. 7. Da ilha do cabo Delgado, & do precioso Mannã, que nella se cria, & do coral, & coco de Maldina, que se acha neste mar. fol. 82.
- ¶ Cap. 8. Da ilha de S. Lourẽço, & da morte do P. F. Ioão de S. Thomas, que nella matarã os Mouros. fo. 82
- ¶ Cap. 9. Da ilha do Comoro, & de hũa fonte maravilhosa, que dizẽ auer nella; & de hum caso que succedeo na ilha de Mazalagem. fol. 84.
- ¶ Cap. 10. Das palmeiras que ha nesta Ethiopia, & de seus frutos. fo. 86
- ¶ Cap. 11. De outras particularidades destas palmeiras. fol. 87
- ¶ Cap. 12. De quatro pragas gêraes, q̃ ouue nesta Ethiopia em nossos tempos, & de tres generos de doenças mui ordinarias nesta costa. fol. 88
- ¶ Cap. 13. Dos elefantes desta Cafra-ria, & de como os matãõ. fol. 90

- ¶ Cap. 14. Caso q̃ succedeo em Moçã bique, na morte de hũ elefante. f. 91
- ¶ Cap. 15. Dos elefantes da India, & de cousas notaveis q̃ fizeraõ. fo. 92
- ¶ Cap. 16. Das Baleas, & Espadartes que ha em toda esta costa. fol. 93
- ¶ Cap. 17. Das Tartarugas, que se pescãõ nesta costa. fol. 95
- ¶ Cap. 18. Dos Tubaroës, & d'outras castas de peixe, q̃ ha neste mar. fo. 96
- ¶ Cap. 19. Das embarcações, & mari- nheiros, nauegação, & mercadorias de toda esta costa. fol. 97.
- ¶ Cap. 20. Da guerra q̃ os Hollãdeses fizeram a Moçambique. fol. 99

LIVRO QVARTO.

- ¶ Cap. primeiro. Dos Reinos de Mu- nimuge, & Gorãge, & outros, sogei- tos ao Preste Ioão. fol. 101
- ¶ Cap. 2. Do Reyno de Damãte, & das Amazonas da Ethiopia. fol. 103
- ¶ Cap. 3. Dos Reinos de Bagamidri, & Dãbia, & suas igrejas, & do rio Nilo, & sua Catadupa. fol. 104
- ¶ Cap. 4. Do Reyno de Angôte, & Jerra em que metem os Principes, & dos edificios admiraveis de Brigama, & das penitencias asperas, & abusos dos Abexins. fol. 105
- ¶ Cap. 5. Dos Reynos Amara, Xoa, Fatigar, Adea, & das couzas notave- is que tem. fol. 107
- ¶ Capit. 6. Do grande Reyno de Ty- gãre, & das prouincias com que com- fma. fol. 108
- ¶ Cap. 7. Dos sumptuosos edificios de Aquaxumo,

T A B O A D A:

Aquixumo, & das Rainhas Sabba, & Candâces primeira Christã da Ethiopia. fol. 109.

¶ Cap. 8. Dos costumes dos Abexins, & erros q̄ tẽ no Christianismo. fol. 110

¶ Cap. 9. Das pouoações, corte do Preste loão, vestidos, armas, creações, & fruytos das terras do Abexim. fo. 111

L I V R O Q V I N T O.

¶ Cap. primeiro. Das ilhas da costa de Melinde, & seus habitadores, & das varias feitas de Mafamede. f. 113

¶ Cap. 2. Da ilha de Pemba, & suas empofias, & das ilhas de Lamo, & Pate. fol. 114

¶ Cap. 3. De hũa galê de Turcos, que sayo do Estreito de Meca a roubar a costa de Melinde, & do catiueiro de Roque de Brito. fol. 116

¶ Cap. 4. De hũa armada, que veyo da India a castigar os Mouros da costa de Melinde, & do Martirio de loão Rebello. fol. 116

¶ Cap. 5. De como foy destruida, & arrazada por terra a cidade de Ampaza pollos Portugueses. fol. 118

¶ Cap. 6. De como foy castigada a cidade de Mombaça. fol. 119.

¶ Cap. 7. De como Mirãle Beque tornou cõ quatro galês a esta costa. f. 120

¶ Cap. 8. De como o Governador Manoel de Sousa Coutinho mandou hũa grossa armada da India soccorrer a costa de Melinde. fol. 120

¶ Cap. 9. De como forão tomadas as galês dos Turcos, & destruida Mombaça. fol. 122

¶ Cap. 10. De como foy catiuo Mirãle Beque cõ os mais Turcos por meyo dos Zimbas. fol. 124.

¶ Cap. 11. De como el Rey de Lamo foy prezo, & justificado cõ os Mouros leuãtados da costa de Melide. f. 125

¶ Cap. 12. De como foy destruida a ilha de Mãdra, das pazes, q̄ o capitão môr fez cõ os Reis da costa de Melinde, & sua torna la pera a India. f. 126

¶ Cap. 13. De algũs Mouros feiticeiros que ouue na costa de Melinde, & da berna Dutrò. fol. 128:

¶ Cap. 14. Dos Cafres Moſseguejos & de seus costumes barbaros. f. 129

¶ Cap. 15. De duas victorias, q̄ el Rey de Melinde alcançou d'el Rey de Quilife, & do de Mombaça, cõ ajuda dos Moſseguejos. fol. 131.

¶ Capit. 16. Dos Maracatos, & Eunuchos desta costa, & das partes Orientaes. fol. 132

¶ Cap. 17. De toda a mais costa, & do deserto desta Ethiopia atè o mar Roxo. fol. 134.

¶ Cap. 18. Da ilha Sacotorã, & do sangue de Dragão, & do aloè, ou azeure que nelles se cria. fol. 135.

¶ Cap. 19. De como o Apostolo S. Thome veyo ter a ilha de Sacotorã, & da Christãdade q̄ nella fez. fol. 137.

¶ Cap. 20. Dos costumes barbaros destes Biduins. 138.

¶ Cap. 21. Do estreito do mar Roxo ou vermelho, & das opiniões, que ha sobre este nome, & da causa porque he vermelho. fol. 139.

Este he o verdadeiro num. dos cap. q̄ dentro no liuro vão errados.

TABOADA DOS CAPITV- LOS DESTA SEGVNDA PARTE DA CHRIS- tandade, & varia historia do Oriente.

LIVRO PRIMEIRO.

¶ Capit. primeiro. Dos primeiros Re-
ligiosos da Ordem dos Prêgadores, q̃
passarão às partes do Oriente, & fo-
rão ao Cathayo por Embaxadores do
Papa Innocencio 4. fol. 3.

¶ Capitulo segundo. Da christandade
de Armenia fundada pollos Religio-
sos do P. S. Domingos. fol. 4.

¶ Capit. terceiro. Das perseguições q̃
os Christãos de Armenia padecerão,
feitas pollos Turcos, & martirio do
Bispo D. Fr. Bertholameu, & de ou-
tros Religiosos de S. Domingos. fol. 5

¶ Capitulo quarto. Da relação que os
Religiosos de S. Augustinho manda-
rão de Persia da Christianidade de Ar-
menia dos PP. de S. Domingos. f. 7

¶ Capit. quinto. Da Inquisição de Ar-
menia, Tartaria, & Russia, cometi-
da aos Religiosos de S. Domingos, &
de como S. Domingos foi o primeiro In-
quisidor Gêral da Christandade. f. 10.

¶ Capitulo sexto. D'algũs Religiosos
da Ordem dos Prêgadores, que succe-
derão no officio de Inquisidor ao P.
S. Domingos. fol. 11.

¶ Capitulo setimo. Em q̃ se prosegue a
matéria do capitulo precedente dos In-
quisidores, que succederão ao Padre
S. Domingos, fol. 12.

¶ Capitulo oitavo. De 8. Religiosos de
S. Domingos, que de Roma firaõ ao
Preste João, a prêgar o S. Euange-
lho. fol. 13

¶ Capitulo nono. De Fr. Thacleay Ma-
noth da Ordem de S. Domingos Abe-
xim. fol. 14.

¶ Capitulo dez. Da vida, martyrio, &
milagres do P. Fr. Felipe Inquisidor
gêral do Abexim. fol. 15.

¶ Capitulo onze. Da vida do bemaũ-
turado Fr. Elsa da Ordem de S. Do-
mingos Abexim. fol. 17.

¶ Capitulo doze. Da vida do Beato
Fr. Samuel da Ordem de S. Domin-
gos Abexim. fol. 18.

¶ Capit. 13. Da vida, & martirio do
Beato Fr. Taclanaret, da Ordem de S.
Domingos Abexim. fol. 19.

¶ Capitulo 14. Do Beato Fr. Andre
da Ordẽ de S. Domingos martir Ab-
xim. fol. 20

¶ Cap. 15. Da vida de S. Clara freyra
da Ordẽ de S. D. Abexim. fol. 21.

¶ Capit. 16. Dos primeiros Religiosos
que passarão à India Oriental, & do
martirio que nella receberão antes q̃
fosse descuberta pollos Portuguezes.
fol. 23.

¶ Capit. 17. Do martirio do P. Fr. Ior-
dão da Ordẽ dos Prêgadores, & dai-
magẽ q̃ os Gêntios lhe fizeram na ilha
de

TAB O A D A:

de Tanã, & como foy achada. f. 24

LIVRO SEGVNDO.

- ¶ Capit. primeiro, Dos primeiros Religiosos da Ordem dos Prêgadores, q̄ passarão às Indias Orientaes depois de descubertas pollos Portugueses. f. 26
- ¶ Capit. segundo, Dos primeiros Religiosos da Ordem dos Prêgadores, q̄ passarão à India a fundar Conuentos. fol. 28.
- ¶ Capit. terceiro. Da Christandade q̄ os Padres de S. Domingos tem feito na ilha de Goã. fol. 29
- ¶ Capit. 4. Da Christandade, que os Padres de S. Domingos tem feito na ilha de Solôr, & Timôr. fol. 30.
- ¶ Capit. 5. Do Martirio que algũs Religiosos da Ordem dos Prêgadores receberam polla Christandade de Solôr fol. 32.
- ¶ Capit. 6. Dos Religiosos da Ordem de S. Domingos, que forão ao Reyno de Syaõ, & do martirio do Padre Fr. Hieronymo da Cruz. fol. 35.
- ¶ Capit. 7. Dos Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que forão aos Reynos de Camboja. fol. 38.
- ¶ Capitulo. 8. Da fundação da caza de S. Domingos de Moçambique. fo. 40.
- ¶ Capit. nono. De tres Padres de S. Domingos, q̄ os Infieis matarão na Christandade de Moçambique. fol. 42.
- ¶ Capit. 10. Das mais cazas q̄ os Religiosos da Ordem dos Prêgadores fundarão nas partes Orientaes. fol. 43.

¶ Cap. 11. De algũs Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que forão inuiados à India por Bispos. fol. 45.

¶ Capit. 12. De outros successos do Bispo D. Fr. Jorge de Santa Luzia. fol. 46.

¶ Capit. 13. De outros Bispos da Ordẽ dos Prêgadores, que passarão à India Oriental. fol. 47.

¶ Cap. 14. de outros Bispos & Inquisidores desta Ordẽ, q̄ passarão à India Oriental. fol. 49.

¶ Cap. 15. Dos Vigairos gêraes da nossa Ordẽ, q̄ ouue na India Oriental. f. 51

¶ Cap. 16. De outros Relig. da Ordẽ dos Prêgadores eminentes em letras, & virtudẽ q̄ passarão à India. fol. 52.

¶ Cap. 17. De 24. Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores q̄ forão de Portugal pera a Christãdade de Solôr. fol. 53.

¶ Cap. 18. Do q̄ nos a conteceo na viagem de Portugal até o Cabo de Boa Esperança. to fol. 54

¶ Cap. 19. Do Corpo S q̄ vimos, & do mais q̄ nos succedeo até Maçãbiq; f. 55

¶ Cap. 20. Da gente q̄ se salvou da nao Sãtiago, q̄ achamos em Moçãbiq; f. 56

¶ Cap. 21. Do mais successo q̄ tiuerão todas as naos desta frota. fol. 58.

¶ Capit. 22. Do successo que tiuerão os Padres da nossa companhia que forão à India. fol. 59.

LIVRO TERCEIRO.

¶ Capitulo primeiro. Da primeira viagem que fiz de Moçambique pera a chris.

T A B O A D A:

Christandade de Sofala. fol.60
 ¶ Capit. segundo. De algũas viagens q̃ fiz pollo mar de Sofala em seruiço da Christandade. fol.52.
 ¶ Capit.3. Da gente que se saluou da perdição da nao S.Thome. fol.63.
 ¶ Capit.4. Do mais que succedeo a esta gente da nao S.Thome. fol.64.
 ¶ Capit.5. Do que succedeo a D.Paulo de Lima indo de Goa pera Malaca por capitão mòr de hũa grossa armada fol.65.
 ¶ Capit.6. Da gloriosa victoria q̃ D.Paulo de Lima alcançou do Rey de Iòr. fol.66.
 ¶ Capit.7. De hũa Misquita que os Mouros de Sofala fizeram a outro Mouro rico, onde o venerauão como santo. fol.68.
 ¶ Capit.8. Da Christandade que fizemos nas terras de Sofala, & de como nos saímos della, & fomos aos rios de Cuama. fol.69.
 ¶ Capitulo.9. De hum animal marinho, & de hũs passaros muy grandes, que achamos. fol.70.
 ¶ Capitulo 10. De como fomos pollo rio de Luabo, & residimos nas Igrejas de Sena, & Tete. fol.71.
 ¶ Capitulo 11. De hũas feitiçeyras q̃ achamos em Tete. fol.73.
 ¶ Capitulo 12. Da Christandade que fizemos nos rios de Cuama, & de como fomos pera Moçambique, onde achamos hũa carauella de Portugal, fol.74.

¶ Capitulo 13. Da viagem que fiz pera a Igreja de Quirimba, & de algũas abusos que tirei aos Mouros desta ilha. fol.76.
 ¶ Capitulo 14. De como tornei de Quirimba pera Moçambique, & das naos que achei do Reyno de arribada. fol.78.
 ¶ Capitulo quinze. Da perdição da nao S.Alberto, & da nao Chagas, que os Ingrezes queimarão vindo de Moçambique pera Portugal. fol.79.
 ¶ Capitulo 16. Da Christandade que fizemos nas ilhas de Quirimba, donde tornei a Sofala cõ as bullas da Cruzada, & do que nos succedeo nesta viagem. fol.81.
 ¶ Capitulo 17. Da tornauagem que fizemos de Sofala pera Moçambique, & do que nella nos succedeo. fo.82
 ¶ Capitulo dezoito. Das nouas que achamos em Moçambique da vinda dos Ingreses àquelle porto, & da viagem que da qui fiz pera a India. fol.83.

L I V R O Q V A R T O.

¶ Capitulo primeiro. Da ilha de Goa, & de sua frescura, & das naos que neste porto entrão. fol.85.
 ¶ Capitulo segundo. Da nobre cidade de Goa, & da moeda que nella se bate, & corre na India. fol.86.
 ¶ Capitulo terceiro. Dos primeiros conquistadores da India Oriental, & das primeiras armadas que a ella foram fol.88.
 cap!

T A B O A D A

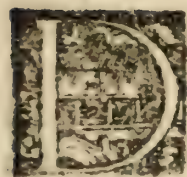
- ¶ Capit. 4. Dos Viçereis q̄ ouue na India Oriental em tempo del Rey Dom Manoel. fol. 89.
- ¶ Capit. 5. Dos Viçereis que ouue na India em tempo d' el Rey D. loão terceiro. fol. 90.
- ¶ Capit. 6. Dos Viçereis q̄ ouue na India do tempo d' el Rey Dom Sebastião até o presente anno de 608. f. 93
- ¶ Capit. 7. Dos Pagôdes, & couzas notauéis da terra firme de Goa. fo. 95
- ¶ Capit. 8. De algũs sacrificios que estes Gentios costumão fazer de si aos Pagôdes. fol. 96.
- ¶ Capit. 9. De algũs Pagôdes notauéis q̄ os Gentios tem na India. fo. 98.
- ¶ Capitulo decimo: Dos Bramenes Gentios, & seus custumes fol. 99.
- ¶ Capit. 11. Dos logues Gentios, & seus custumes. fol. 100
- ¶ Capit. 12. Da Cidade de Chaul de baixo, & de cima. fol. 101
- ¶ Capit. treze. Do Morro de Chaul & da gloriosa victoria, que os Portugueses nelle alcançarão dos Mouros fol. 102.
- ¶ Cap. 14. Dos Religiosos q̄ forão crucificados em lapão. fol. 104.
- ¶ Capitulo 15. da primeira armada que o Viçerey Dom Francisco da Gama fez contra o Cunhãle. fol. 107.
- ¶ Cap. 16. Da segunda armada que Dom Francisco da Gama mandou contra o Cunhãle. fol. 108.
- ¶ Capit. 17. Do ultimo combate que se deu ao Cunhãle, & de sua prizaõ & morte. fol. 109
- ¶ Capitulo. 18. Da Cidade de Cochĩ, & Christãos de S. Thome. f. 111
- ¶ Capit. 19. dos Christãos de S. Thomê, & dos custumes que tiuerão, & dos que tem agora. fol. 112
- ¶ Capit. vinte. De Como nos partimos de Cochim pera Portugal, & dos baixos das Chagas, & perdição da nao S. Pedro. fol. 114
- ¶ Capit. 21 Do Cabo das Agulhas & das tormentas q̄ nelle tiuemos. f. 115
- ¶ Cap. 22. De como passamos o Cabo de Boa Esperança, & de sua descripção. fol. 117.
- ¶ Cap. 23. Da briga que tiuemos na ilha de S. Helena com os Hollandeses fol. 118.
- ¶ Capit. 24. De algũs cazos que acõteçerão nesta briga, & de como desembarcamos na ilha. fol. 120
- ¶ Capit. 25. Da ilha de S. Helena, & do que nos succedeo estãdo nella. fol. 121.
- ¶ Capit. 26. De como nos partimos da ilha de S. Helena até chegarmos a Portugal. fol. 122

F I N I S

LIVRO PRIMEIRO DA ETHIOPIA

ORIENTAL, EM QUE SE DA RELACÃO das terras de Sofala, & de toda sua costa, do Quiteue Rey de todo este sertão, & dos costumes de seus vassallos Gentios, & Mouros: dos animaes, bichos, & aues, alsi da terra, como do mar: & de outras cousas notaveis desta Região.

¶ **CAPIT. PRIMEIRO**,
Em que se dá hũa breue relação das quatro partes do mundo, conforme à descripção de diuersos Autores.



DESCREuendo os Geographos antigos toda a terra q̃ no mundo auia descuberta até seu tempo, julgâo, como diz Orosio, que era situada em triangulo, & por isso a diuidirão em tres partes, que são Asia, Africa, & Europa. Os modernos acrescentâo a quarta parte, que depois se descobrio no anno de 1497. a que chamarão America, por respeito de Americo Vespucio Florentino descobridor della, como diz Apiano, posto q̃ alguns homẽs doutos querem dar a honra de seu descubrimento a Chri-

stouão Columbo Genoues, affirmâdo que elle a descobrio no anno de 1492. Esta parte do mundo he cercada em roda do mar Oceano: diuide se das outras tres partes por meyo do mar do Norte, & da parte do Sul se diuide da terra Austral incognita, polo estreito que descobrio Fernão de Magalhães Portugues, no anno do Senhor, de 1520. o qual tem cento & vinte legoas de comprido, & duas de largo, & corre de Leste a Oeste, & tem as bocas ambas em 52. graos & meyo da banda do Sul. A terra firme, que corre ao longo delle de hũa, & outra parte, he de serras muy altas, & fragosas, & tão frias, q̃ quasi todo o anno estão cubertas de neu: crião muy grandes arvores, & particularmente cedros, & tambem muytas fe-

Estreito de Magalhães.

Liuro primeiro da Ethiopia Oriental.

ras, & bichos peçonhentos.

¶ Esta terra de America he quasi tão grande como as outras tres partes do múdo juntas, & assi a diuidirão os Geographos em outras tres partes, que são Mexicana, Peruana, & Magallanica. MUYTA parte della está descuberta polos Espanhoes, & as Prouincias mais principaes. que tem, são a Prouincia chamada Terra do Laurador, & a terra dos Bacalhaos, Norombega, Noua Francia, Virginia, Florida, Panuco, Noua Espanha, cuja cabeça he Mexico, Nicaranga, Guatimala, Xalisco, ou Noua Galiza, Noua Granada, Iucatan, Nomebre de Dios, Panama, Paria, Cubagua, Honduras, Vraua, ou Veragua, Caribana, Darian, Cabo de Vella, Carthagena, Santa Martha, Venezuela, Terra do Brasil, Rio da Prata, Região Patagónica, Chili, Perú, & outras muitas, & muy largas Prouincias, q̄ deixo por abreuiar, nas quaes ha mui grossas minas de ouro & prata, & no seu mar de Levante muitas & ricas perolas.

¶ He cortada esta terra de muitos & mui grandes rios: entre os quaes os principaes

são o rio Orilhanã, assi chamado porq̄ o descubrio Francisco Orilhana. Tem de boca 50. legoas, & corre quasi todo por baxo da linha Equinocial, por espaço de mil & quinhentas legoas: enchê as mares por elle acima mais de cê legoas: tem muitas ilhas, em hũa das quaes habitauão certas mulheres q̄ viuião ao modo das Amazonas. O segundo he o famoso rio Maranhão, cuja boca está é tres graos da parte do Sul: & té quinze legoas de largo, & muitas ilhas em que se colhe Incenso, Balsamo; & finas Esmeraldas. O terceiro, he o Rio da Prata, cuja boca está em 35. graos da banda do Sul. He de grandes enchentes, como o rio Nilo. Nace dentro no Perú, & tem muita prata: seus habitadores são agigantados, & viuẽ cento & cincoenta annos pouco mais ou menos. As ilhas principaes que tem esta terra, são a Cuba, que tem duzentas legoas de comprido, & setenta de largo. A ilha de S. Domingo, de 150. legoas de comprido. & 40. de largo. A ilha de S. Ioão, de 50. legoas de comprido, & dezoito de largo. A ilha de S. tiago, de 50. legoas

Rio Orilhana.

Rio Maranhão.

Rio da Prata.

Cuba.

Ilha de S. Domingo.

Ilha de S. Ioão.

Ilha de S. tiago.

de

Prouincias de America.

de comprido, & 20. de largo. A ilha de Maracapana, onde os Gentios martirizarão tres religiosos da ordem de S. Domingos, que andauão nella prêgando, & fazendo Chritandade. Muitas cousas mui notaueis tem esta America, de que não trato, por não ser esse meu intento.

A S I A.

ASia (segúdo escreue Herodoto) tomou este nome de Afio filho de Maneo: dõde na cidade Sardis auia hũa geração de homês, a q̄ chamauão Afios. Tê por seus limites da parte do Ponête o mar Roxo, por onde se diuide de Africa: & da parte do Norte o mar Mediterraneo, & o mar Euxino, & os rios Tanais, & Duina, & a lagoa Meôtis, por onde se diuide de Europa. Polas outras tres partes he rodeada do mar Oceano, o qual da parte do Norte se chama Scythico, & do Leste Oriental, & do Meyo dia Indico. O monte Tauro a diuide em duas partes, atrauefãdo a de Leste a Oeste. Aparte que fica pera o Sul, se chama Asia mayor, & a do Norte Menor.

¶ Santo Anselmõ diuidindo Asia nomea nella samente trinta, & hũa Prouincias, & outros Autores mais doze, as quaes todas são as seguintes: As Prouincias Asiaticas do grã Duque de Moscouia; Turquia, na qual se incluem as Prouincias Licaonia, Cappadocia, Isauria, Licia, Paphlagonia, Lanech, & Phrygia, onde foy Troya, sojeitas ao grã Turco; Palestina, Phœnicia, Cœlesyria, as tres Arabias Felix, Petrea, & Deserta, Páchaya, Mesopotamia, Susia, Sarmacia, Albania, Bithinia, Lydia, Natollia, Cilicia, Ponto, ou Misia inferior, Galacia, Scythia, Armenia mayor, & menor: Persia, debaxo do qual Imperio se comprehendem as Prouincias, Assyria, Media, Susiana, Parthia, Hyrcania, Bactriana, Paroponasa, Dragiana, Arachosia, Carmania, & grande parte de Armenia mayor, todas sojeitas ao Persa: India: a gram Tartaria: as quinze Prouincias opulentissimas da China. As ilhas mais principaes que tem são as do Iappão, Philippinas, Malucas, Borneo, Gilolo, Solor, & Timor, Iaua, Sunda, Samatra, Ceylão, Maldi-

Lib. de
Imag. muan
di.
Prouinci-
as de Asia.

Ilhas de
Asia.

na, Tañã, & Ormuz.

¶ Esta parte do mundo he muito mayor que Europa, & Africa, assi em grandeza, como em riqueza de pedraria, perolas, & especiarias. Antiguamente foy muito famosa, pola Monarchia dos Assyrios, Medos, & Parthos, & oje o he pola dos Persas, & Turcos, & polo grande poder dos Tartaros, Mogores, & Chinas. Nesta parte do mundo foy nosso padre Adã criado, & posto no parayso terreal, & saluo o genero humano do diluio vniuersal, pola arca de Noe, & redimido por Christo nosso Senhor, & Salvador; & as hystorias do Testamento velho, & muita parte das do nouo, succederão nestas terras. Nellas ha muitos & grandes rios, como he o rio Gãges, Indo, Tigris, & Eufrates. Muitas grandezas, & cousas admiraveis tem Asia, de que não trato, porque como tenho dito, não he esse meu intento.

EVROPA?

EVropa tomou este nome de hũa Princesa chamada Europa, filha de

Agenor Rey de Tyro, da provincia Phoenicia, situada em Asia, a qual furtou Iuppiter, & a leuou para a ilha de Creta, que agora se chama Candia, que está no mar Mediterraneo, perto da terra firme de Europa, & por respeito desta Princesa, ficou seu nome a esta terra, como escreue Pomponio Mella. Da parte do Sul se diuide de Africa polo mar Mediterraneo, & Estreito de Gibraltar: & do Levante se diuide de Asia polo mar Euxino, rios Tanais, & Duina, & lagoa Meôtis. Da parte Occidental he cercada com o mar Athlantico, ou Barbarico, & do Norte com o mar de Inglaterra.

¶ As Prouincias principais desta terra sam as seguintes. Espanha, na qual se contem Lusitania, Castella, Galiza, Biscaya, Navarra, Leão, Aragão, Valença, Toledo, Murcia, Granada, Cordoua, & os Algarues, todas sujeitas a El Rey Philippe nosso Senhor. França, mayor provincia de Europa, a qual tem quinze Arcebispados, cento & oito Bispados, & cento & trinta & duas mil parrochias.

Italia,

Rios de Asia

Prouincias de Europa

Italia, onde está Roma, Veneza, Napoles, Genoua, Milão, Florença, Rauena, cidades nobilíssimas. Tuscia, Vngria, Liuonia, Rufsia, Thracia, Carinthia, Dinamarca, Moscouia, Lacedæmonia, Polonia; na qual se incluem as prouincias Lituania, Prussia, Rufsia menor, Podolia, Maçobia, Volhinia, Samogicia: Alemanha alta, na qual se comprehendê as Prouincias Bauaria, Austria, Sueuia, Moguncia, Stiria, Thessis, Eluecia, Alfacia, Rhenes, & outras: Alemanha baixa, onde se incluem Lotharingia, Hollandia, Zelândia, Frísia, Flâdres, Boemia, Hafsia, Brabancia, Geldria, Dauia península, Pomeriana, Stesia, Morauia, Misina, Thuringia, & outras: Germania, a qual comprehende Saxonia, Vuestualia, Frâconia, Rhescia, Vindelicia, Norica, Pannonia, & os montes Alpes, & parte do Illirico, Trento, & quasi toda a nação dos Belgas, & outras: Grecia, na qual se comprehendem Thessalia, Attica, Peloponeso, Epiro, Boecia, Pirrebia, Magnesia, Phtiote, Acarnania, Eto lia, Locris, Phocis, Euboya, & outras: Esclauonia, a qual

comprehende Liburnia, Croacia, Bosnia, Dalmacia, & outras menos principaes, que deixo por abreuiar. As ilhas mais insignes que tem, são Inglaterra, Escocia, Irlanda, Sardenha, Corcica, Sicilia, Negroponto, Stalimene, Cândia, Zelândia, Ibiça, Malhorca, & Minorca, as Terceiras, & outras muitas.

¶ Esta terra de Europa he a menor das quatro partes do mundo, porem excede a todas em nobreza, virtude, grauidade, magnificência, & quantidade de gente politica. Antiguamente senhoreaua a toda Asia, & Africa, como Rainha, por via da Monarchia Grega, & Romana, & ao presente pola autoridade da Santa Sè Apostolica, sita em Roma, cabeça do mundo, & da Christandade, & polo grande poder de Espanha, com q̄ são senhoreadas muitas Prouincias, & Reinos, assi das Indias Orientaes, como das Occidentaes.

AFRICA

AFRICA tomou este nome de hum neto de Abraham,

Abraham, chamado Affer, da geração de Cethura. O qual passou com seu exercito a esta terra, como escreue Iosepho, & depois de vencidos seus inimigos, fez assento nella, & poshe seu nome, por que dantes se chamaua Libya, por respeito de hũa Raynha da mesma terra, assi chamada, molher que foy de Epa pho filho de Iuppiter, de que trata Pomponio Mella. Esta parte do mundo tem por seus limites o mar Roxo da banda do Leuante, & das outras tres partes o Mar Oceano, & Mediterraneo. O mar que a cerca da parte do Norte se chama Libyco, & da parte do Ponente Athlantico. O da parte do Sul Ethiopico. Esta terra foy habitada logo no principio fomite de quatro nações de gente; duas natu-
raes da terra, como são os Africanos, que ficão da parte do Norte, & os Ethiopes, q̄ habitão as partes do Sul: & as outras duas estrangeiras, que forão os Phenicianos, & os Gregos, que pouoarão algũas terras da parte do Nordeste, & de Leuante. Foi mui famosa, pola potẽcia dos Carthaginenses, polo esforço mi-

litar dos valerosos capitães Hannibal, Masinissa, & Iugurtha. Recebeo muita gloria & fama polas sciencias dos Egypcios, & por suas marauilhosas fabricas.

¶ Ptholemæo descreuendo esta parte de Affrica, nomea nella fomite doze Prouincias mais principaes, começando do estreito de Gibraltar ate o mar Roxo: conuem a saber, Mauritania, onde està o monte Auila, & hũa das columnas de Hercules, Numidia, onde està Argel, Bugia, Tunez, & Carthago, ao qual territorio chamamos Africa; Mifsilia: a Prouincia chamada a terra dos Carthagenses: a Prouincia dos Masamões: a dos Asbitas; Geulos: Marmaridas; Pharusios: Garamantes; & a de Ethiopia:

¶ Outros autores acrescentarão, & nomearão mais as Prouincias seguintes: O Egypto, que tambem dizem ser Região de Affrica, a qual foy assi chamada por elRei Egypto irmão de Danao, chamandose antes Aërea. Pola parte do Leuante se ajunta esta Prouincia com o mar Vermelho, & com a Região de Palestina, & do Ponente com a Re-
gião

Doze prouincias de Africa.

Egypto.

Lib. 1. de Antiq.

Lib. 1. cap.

41. primel-
ros habita-
dores de
Africa.

gião de Cyrenne, & fim de Africa, onde está a grãde Prouincia da Nuuia, cujos pouos antiguamête forão Christãos, & oje tem muy pouco lume da fê, como diz Ortelio. E pola parte do Meyo dia tem a Ethiopia Occidental, & da banda do Norte o mar Mediterraneo, chamado Egypciaco. As principaes cidades desta Prouincia forão Thebas, Abydos, Alexandria, Babylon, Mēphis, que oje se chama Damiata, & o gran Cairo, que antiguamente foy assento real do Sultaõ do Egypto, & oje he do gram Turco.

Cidades
principaes
de Egypto

Varias gê
res de Af-
rica.

¶ Junto ao Egypto viue hũa casta de Affricanos, a que chamão Adrimachidas, que tem os mesmos costumes dos Egypcianos, mas não comê carne de porco, nem de vacca. Logo se seguem os Pænos para a parte do Ponente, os quaes occupaõ muitas, & diuersas Regiões de Affrica, & sam muy grandes creadores de gado vaccûm. Os Massagetas se vão continuando para o mar Egypciaco: os quaes tem as mulheres commuas, & sam grandes feiticeiros, & adeuinhadores. Daqui vão

Massage-
tas,

correndo para o Ponente os Macas, & os Gnidanes, que trazem coroas rapadas, como clerigos. Os Machiles viuem jntto da lagoa Tritonida, & trazem guedelha muito grande do meyo da cabeça para o toutiço, que lhe dece polas costas abayxo. Da outra parte desta lagoa viuem os Aufes, que trazem topetes muy grandes, como cauallos, que lhe cobrem o rosto, & toda a mais cabeça rapada. Os Athlantes viuem junto ao monte Athlas; não comem carne de animal algum, senão heruas, & legumes. Os Affros ordinariamente se sustentão de feras, & animaes syluestres, & de leite: mas não comem vacca, nem porco. Deyxaõ crescer o cabello da cabeça da parte direita, & cortão o da esquerda. Os Maxies sam muy semelhantes a estes em todos os costumes, & alem disso ordinariamente andão pintados com vermelhão. Os Zabicas vizinhos destes sam muy esforçados, & dados a milicia da guerra, & exercicio da caça, & as mulheres a fêmear, & cultiuar as terras. Os Zingantes viuem no meyo deste lertaõ de Africa, onde

Macas,
Gnidanes.

Machiles.

Aufes.

Athlantes

Affros

Maxies

Zabicas

Zingantes

há muito mel, que he o seu ordinario mantimento, & andão todos pintados de vermelho. Todas estas nações de Barbaros, que ficão ditas, são de cor baça, & o cabello corredo. Viuem no campo como saluagens, & ordinariamente andão nus, salvo aquelles, que se cobrem com pelles de Bogios, & de outros animaes syluestres.

ETHIOPIA OCCIDENTAL, ou Interior.

Ethiopia, & seus nomes antigos.

Tornando pois à Ethiopia (da qual he meu intento tratar mais largamente) he de saber, que esta Prouincia se chamaua antigamente Etherea, & depois se chamou Athlacia, mas agora tem este nome de Ethiopia, que tomou de Ethiope, como dizem Herodoto, & Plinio. Esta Prouincia diuide Homero em duas Ethiopias, conuem a saber, em Ethiopia Occidental, & Oriental. A Ethiopia Occidental começando do Cabo de Boa esperança (q̄ lhe fica pera o Ponente) vay correndo polo meyo da terra até o Egypto, que está da parte do Levante, & cõ-

finha da banda do Sul com a Ethiopia supra Aegyptu, a q̄ chamão Ethiopia Oriental, & da banda do Norte com as terras da Libya, que vão correndo pera o Nacente, onde habitão os Troglodytas, a quem os Gregos chamão pastores. Estes são como saluagens, porque comem todos os animaes immundos, & circuncidão os filhos; & como diz João Bohemo, põem nomes a seus filhos, não de seus antepassados, como fazem outras nações, senão de animaes, chamando a hūs boys, a outros carneiros: & tambem chamão a estes mesmos animaes pais, & mães, porque lhe dão a sustentação de cada dia, como os pais dão aos filhos. Quando tem algũas brigas entre si, & as mulheres se metem entre elles pera os apartar, logo deyxão a briga sem algũa contradição, & lhe obedecem. Tem polo mayor mal de todos desejar hum homem de viuer, que não presta pera fazer algum feito heroyco em sua vida. Iunto a estes viuem os Rizophagos, tão ferozes & esforçados, que pelejão cõ os Leões. Daqui se vão continuando os Isophagos, Es-

Troglodytas.

Lib. 1. de Moribus gent. c. 6.

Ofor. lib. 4. de reb. gest. E. man. Ethiopia Occidetal

Rizophagos.

Isophagos

par.

Esparmatogaphos.
Cyneces.
Aeridogaphos.
Canimos.
Ichthyophagos.
No mesmo lugar.

parmatogaphos, Cyneces, Aeridogaphos, Canimos, & os Ichthyophagos, todos Barbaros, & pretos, de cabelo crespo. E destes vltimos diz Bohemo, que tem por grande beamauenturança não pôfuir aquellas cousas, que quando se perdem, causão dor & sentimento a quem as perde.

ETHIOPIA ORIENTAL, ou Supra Aegyptum.

Ethiopia Oriental.
Oforio, v. b. sup.

A Ethiopia Oriental, começado do mesmo Cabo de Boa esperança, vem corrédo toda a costa do mar Oceano Ethiopico, do Ponente pera o Leuante até o mar Vermelho, onde fenecer, ficando he da banda da terra em longo a Ethiopia Occidental. Esta Prouincia em partes he fertilissima, & mui abundante de mantimentos, & creações de vaccas, cabras, & ouelhas, & muitas galinhas. He pouoada de muita diuersidade de nações, não somente nas lingoas, mas também nos costumes, & feições do rosto. Em partes he deserta, aspera, & infructifera, onde se crião muitas feras, como são Leões, Tigres, Onças, Vr

Animas desta prouincia.

fos, & muitos animaes syluestres; & brauos, como são Elefantes, Badas, Bufaros, vaccas brauas, que são mui semelhantes aas manfas, veados, empophos, que são semelhantes a cauallos, mas muito maiores, Nondos, que são semelhantes a rocins castanhos pequenos, algum tanto derreados das cadeiras, mas correm como vento: Merús, que são como asnos; os quaes todos té cornos, & vnha fendida: muitas Zeuras muy pintadas, & fermosas, & muitos outros animaes, & bichos infinitos. He terra calidissima, doentia, & perjudicial aos estrangeiros, & mais em particular aos Portugueses, porque nella adoecem ordinariamente, & morrem de febres: mas nem isso he bastante para lhes reprimir a cobiça, & sede com que passaõ a ella em busca de suas minas, & riquezas, offerecêdo se a trabalhos, perigos, & mortes, polas alcáçar. Isto que tenho dito summariamente da Ethiopia, baste por agora, porque as demais particularidades suas direi polo discurso da hystoria que se segue.

Empō phos.
Nonc.

Merús

Zc. 2000

¶ E

¶ E por que pera o bom entendimêto & credito de qual quer hystoria, he necêssario saberse o fundamento della, & a rezão em que se funda o autor que a conta, pera que assi mais facilmete se venha em conhecimento de sua verdade (sendo a hystoria que pretendo tratar da Ethiopia Oriental, de que tiue larga noticia em onze annos que nella residi) pareceome que ficaua obrigado antes que della falasse, dizer a causa que tiue para ir a estas partes, & como andey por ellas, & pera que effeito, porque vêdose as cousas que adiante contar como testemunha de vista, se lhe dê o credito deuido.

¶ No anno do Senhor de mil & quinhentos & oitêta e cinco, sabendô o Bispo de Malaca, que então era dom Ioão Gayo Ribeyro, o grande numero de Christãos que os Religiosos da ordem dos Prêgadores tinham feito, & fazião cada dia nas ilhas de Solor, & Timor (como pastor que era daquellas partes, desejando que fosse de bem em melhor, o augmento & conseruação de sua Christandade) escreueo

algũas cartas ao Archiduque de Austria Alberto, que nesse tempo era Cardeal, & gouernaua este Reyno de Portugal, & outras ao nosso Padre Prouincial, que então era o Padre Mestre Frey Hieronymo Correa, nas quaes pedia com muyta instancia lhe mandassem Padres desta sagrada Religião, para cultiuarem, & sustentarem aquella Christandade, que la tinhamos à nossa conta. Lidas estas cartas, foraõ logo manifestadas aos Religiosos desta nossa Prouincia, & muytos delles se offerecerão logo para ir a esta noua empresa, entre os quaes eutambem me offereci para os ajudar na conuersão das almas, porque assi pũdesse merecer, & alcãçar a saluação da minha.

Tanto que as naos de viagem estiueraõ auidadas, nos embarcamos todos, & partimos da barra de Lisboa aos treze dias do mes de Abril, do anno do Senhor de mil & quinhentos, & oitenta & seis. Dobramos o Cabo de Boa esperança a 2. de Iulho, & chegamos a Moçãbique a 13. d'Agosto, onde a obediencia me deixou, pera dali passar a Sofala,

&

& residir na sua Christandade, da qual tratarei na segunda parte, dando agora o primeiro lugar à descripção destas terras, & gentes da Ethiopia. E por quanto a fortaleza de Sofala he a mais antiga, & a primeira que os Portugueses nella edificarão, daqui me pareceo deuia começar a hystoria seguinte.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

¶ Da fortaleza de Sofala, & suas pouoações.



Fortaleza de Sofala está em vinte graos & meyo da banda do Sul, situada na costa da Ethiopia Oriental, perto do mar, & junto a hum rio, que tem de boca hũa legoa, pouco mais ou menos, & nace pola terra dentro obra de cem legoas, nas terras a que chamão Mocarangua, & passa por hũa cidade, que chamão Zimbaoë, onde viue sempre o Quiteue, que he Rey de muita parte destas terras, & de todo o rio de Sofala. Por este rio acima nauegão os moradores da fortaleza de Sofala, & leuão suas

mercadorias ate a Manica, q̄ he terra de muito ouro, situada polo sertão dentro mais de sesenta legoas, onde vendem suas fazendas, & trazem muito ouro em pastas, lascas, & em pò.

¶ He a fortaleza de Sofala quadrada, & cercada de muro de vinte & cinco palmos de altura. Tem quatro baluartes redondos nos quatro cantos, guarnecidos de artelharia grossa & miuda. Em hũa quadra da banda do mar, tem hũa larga & fermosa torre de dous sobrados, & ao pé della hũa falla fermosissima, as quaes casas são aposentos do capitão da fortaleza. Nos baixos desta sala tem o capitão suas despensas, & no vão da torre do chão ate o primeiro sobrado, hũa mui fermosa, & boa cisterna de agoa da chuua, de que bebe ordinariamente a mais da gente de Sofala, por ser muito melhor, que a dos poços, & não bebem do rio, porque ali he toda sua agoa muito salgada. Dentro nesta fortaleza está a Igreja Matriz, que he a freguesia de toda a gente da terra. Na quadra do muro q̄ vai
para

Fortaleza
de Sofala.

para a bāda da pouoação estā hūa fermosa casa, que serue de feitoria, onde se recolhem todas as fazendas, āsīm roupas & contas, que vem de Moçābique, como marfim, q̄ se cōpra, & a junta por todas estas terras.

Hermidas
de Sofala.

¶ Junto a esta fortaleza de Sofala esta a pouoação dos moradores Christãos: na qual auia no tempo, que eu lá estaua mais de 600. almas de cōfissão, em que entrauão Portugueses, Mistiços, & gente da terra. Nesta pouoação estā hua hermida da inuocação do Spiritu Santo. Nos fizemos outra da inuocação de nossa Sennhora do Rosario nas cazas em que morauamos, & fora da pouoação fizemos outra da inuocação da Madre de Deos em hum palmar nosso, que he o melhor posto & faida que tem Sofala, a qual he de muita romagem, & deuuação da gente da terra. E ambas estas hermidas deixamos mui bem ornadas de peças & ornamentos, quando nos saimos de Sofala.

Trato de
Sofala.

¶ Os moradores desta fortaleza ordinariamente sām mercadores, hūs se occupão em ir a Manica, ao resgate do

ouro, com roupas, & contas, āsī do capitão, como luas, & outros ao rio da Sabia, & aas ilhas das Bocicas, & a outros rios, que estāo perto de Sofala, ao resgate do marfim, ambar, gergelim, & outros legumes, & muitos escrauos. As mulheres desta terra todas se occupão em semear arroz, em o que andāo a mayor parte do anno, hora cauando a terra, hora semeando, despondo, & mondando; o que tudo fazem a poder da enxada, & nada se semea cō arado.

¶ Outra pouoação hā em Sofala de Mouros, afastada da fortaleza obra de dous tiros de espingarda, na qual aueria no tempo que eu la estaua cem vezinhos, os quaes sāo vassallos da nossa fortaleza, & muito fogeitos ao capitão, & aos mais Christãos. Todos sāo pobres, & miseraveis, & ordinariamente viuē de seruir aos Portugueses em seus caminhos, & mercancias, & de marinheiros. As Mouras tambem se occupão nas sementeiras, como fazem as Christãs, & de tudo o que colhem pagāo o dizimo à nossa igreja.

Pouoação
dos Mouros.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ Da fundação da fortaleza de Sofala, & da treição & guerra que os Mouros lhe fizeram, em que foy morto o Rey da terra, & os Portuguezes senhores della.



O Capitão que reside na fortaleza de Sofala, he posto polo capitão de Moçambique, & nella residiaõ antigualmente os capitaes de Sofala, & Moçambique, & na ilha de Moçambique nam auia mais que hũa feytoria, onde estaua hum feytor do capitão de Sofala: ate que em tempo que gouernaua a Raynha Dona Catherina por el Rey dom Sebastião, se mandou fazer a fortaleza de Moçambique, com receo dos Turcos do Estreito de Meca, que foy no anno do Senhor de mil & quinhentos & cincoenta & oito, sendo Vicerei da India dom Constantino, & depois de feita a fortaleza, residiaõ os capitaes seis meses em Moçambique, & outros seis em Sofala: mas ja agora sempre

os capitaes estão na fortaleza de Moçambique, & nesta de Sofala poem outro de sua mão, com particular prouizam, que pera isso tem dos Viceréis da India.

¶ Esta fortaleza foy feita por Pedro da Nhaya no anno do Senhor de mil & quinhentos & cinco, o qual foy a esta costa por mandado del Rey dom Manoel de gloriosa memoria, com hũa armada de seis naos: & depois de passar na viagem muitos trabalhos, chegou ao rio de Sofala, onde entrou com quatro naos mais pequenas, deixando as duas grandes no mar, por não poderem entrar a barra, que he muito baixa. E depois que desembarcou foy fazendo esta fortaleza por consentimento do Rey da terra, que era Mouro, chamado Zuse, o qual era cego de ambos os olhos, de hũa doença que teue. Mas depois que Pero da Nhaya teue a fortaleza quasi feyta, o Rey Zuse se arrependeo de ter dado consentimento para se fazer a tal fortaleza nas suas terras, & por conselho dos principaes Mouros seus vassallos, deter-

Però da Nhaya fez a fortaleza de Sofala.

minou

Tração
de Zufe,
Rey de So
fala.

minou matar aos Portugue-
ses, & tomar-lhe a fortaleza.
Esta treyção foy logo descū-
berta por hum Mouro Abe-
xim, que moraua na mesma
terra, chamado Açotes, gran-
de amigo de Pero da Nhaya:
& com este auiso se fizeram lo-
go prestes todos os Portu-
gueses dentro na fortaléza,
para resistir aos Mouros, os
quaes vierão no mesmo dia;
que pera isso tinham deter-
minado, cuidando que não
sabião os Portugueses de sua
treycam, nẽm estauão aperce-
bidos: no que se acharão mui-
to enganados, porque come-
çando de abalroar a fortalé-
za com muita furia, acha-
rão tanta resistencia, & esfor-
ço nos Portugueses, que não
podendo esperar seu impeto,
voltaraõ as costas, fogindo
para os aposentos onde esta-
ua o Rey fortalecido, & os
Portugueses lhe foraõ dan-
do nas costas, ate entrarem
as casas do proprio Rey: o
qual ainda que cego, preten-
deõ vender sua vida a troço
de tirar as de seus inimigos:
polo que fez algũs tiros com
azagayas, que tinha junto
de si, & ferio alguns Portu-
gueses, entre os quaes hum

Vitorias
de Portu-
gueses.

foy Pero da Nhaya: mas du-
roulhe pouco esta resistencia,
porque logo foy morto polos
Portugueses, com muitos de
seus vassallos, & os demais
vencidos, & desbaratados.

Morte de
Zufe.

¶ No principio desta bri-
ga acodio Açotes, com cem
homens de sua obrigação, &
familia, & se pos logo da
parte de Pero da Nhaya seu
amigo, & pelejou cõ toda sua
gente em defensam dos Por-
tugueses, como leal, & fiel
amigo. Polo qual respeito,
Pero da Nhaya o fez Rei dos
Mouros de Sofala, & reinou
nella toda sua vida pacifica-
mente, assi com os Mouros,
como com os Portugueses. E
Pero da Nhaya acabou a di-
ta fortaleza em paz, & fale-
ceo nella depois de a ter fei-
ta, ficando em seu lugar por
capitão Manoel Fernandez,
que nesta costã andaua por
feitor del Rey. No anno de
mil & quinhentos & oitenta
& seys, em que eu fuy a esta
fortaleza, achey inda nella
alguns Mouros velhos, & al-
gũas mulheres Christãs, que
auião sido Mouras, naturaes
da mesma terra, que se lem-
brauão mui bẽ desta guerra,
& de

Açotes
Rei de So
fala por
Pero da
Nhaya,

& de quando se fez a fortaleza, que neste tempo auia mais de oitenta annos q̄ era feita.

¶ Ia que falei neste Reino de Sofala, he de saber, que antigamente em muitas fraldas do mar desta costa, & particularmente nas bocas dos rios, & nas ilhas, auia pouoações mui grãdes, habitadas d̄ Mouros, com seus termos cheos de muitos palmares, & fazendas, & cada hũa destas cidades tinha seu Rey, como era este Zufe de Sofala; os quaes tinham paz & commercio com os Reis Cafres senhores do sertão: mas ja oje ha muyto poucos Reis destes Mouros, porque os mais delles se acabãrão com a entrada dos Portugueses nestas terras, como forão os de Sofala, onde ja não ha Reis Mouros, nem casta delles; & no lugar destes Reys ficarão os capitães de Sofala, que tem agora o mesmo commercio, & amizade, q̄ elles tinham com o Quiteue Rey de todas estas terras do sertão.

¶ CAP. QVARTO.

Das creações, aruores, & frutos, que ha em Sofala, & suas terras.



As terras de Sofala ha muitas hortas que tẽ hortalica como a de Portugal, & muitas aruores de fruto, como saõ Romeyras, que todo o anno tem Romãs hũas verdes, outras maduras, & outras em flor: muitas figueiras de Portugal, que todo o anno dão figos pretos, excellentissimos, mui semelhantes aos figos rebaldios. Muitas parreiras, q̄ dão vuas duas vezes no anno, hũas em Janeiro, & outras em Julho. Larangeirãs, & limeiras de muitas & boas limas. Polos campos & matos ha infinidade de mangericões, & jasmis, com suas flores brancas, mui cheirosas. Ha muitos ananazes, como os do Brasil excellentissimos. Muitas figueiras da India, que dão mui grãdes ramos de figos, os quaes sam do tamanho de pipinos, & quando saõ maduros fazem se amarellos, & cheirão, & sabem muito bem. Algũs ramos de figos vi nesta terra, que tinha cadahum delles setenta figos, & mais, todos juntos em hũa pinha, como hum cacho de vuas, & escassamente o podia hum homem levantar do chão.

Frutas de Portugal em Sofala

Chão. Ha muitos & grandes palmares, que dão infinitos cocos, & vinho, de que tratarei mais largamente adiante. Ha mui grãdes canaueaes de canas de açúcar ao longo do rio, que os Cafres semeão, & cultiuaõ cada anno, não para fazer açúcar (como se pudera fazer se nesta terra ouuera engenhos) senão somente para comer: as quaes canas são muita parte do mantimento com que se sustentão. Ha muito milho, & arroz, muitos inhames, batatas, feijões, & outra muita variedade de legumes, & tudo isto mui barato.

¶ Em todas estas terras ha muito gergelim, muito aluo, & bom, de que se faz azeite, & delle comẽ ordinariamente todos, como em Portugal se come o da oliueira. Para se fazer delle azeite pisa-se muito bem em hũs vasos de pao, feitos ao modo de hum gral, mas tão grandes que dão polacinta a hũa pessoa. Os Cafres lhe chamão Chuni, & os Portuguezes Pilão. Depois q̃ o gergelim esta bem pizado, & feito em massa, espreme-se muyto bem com os mesmos paos com que o pizão, & lança hum oleo muy claro, & fer-

moso, a que chamão azeite de gergelim, & o bagaço que fica espremido, comem os Cafres com o milho cozido em lugar de manteyga ou de conduto. Da mesma maneyra se faz o azeite de coco depois de seco & auellado, o qual azeite arde melhor, & dà mais claro lume que o de oliueira; alem disso he mui excellente para as feridas, & chagas, & fomento com elle se curão os Cafres, lauando, & vntando suas feridas.

¶ No reino da Manica se crião hũas aruores pequenas em cima de terras & rochas, as quaes a mór parte do anno estão secas, sem folha, nẽ verdura; mas tẽ tal propriedade, que se lhe cortão algũ ramo, & o deitão na agoa, em espaço de doze oras arrebenta, & floresce cõ folhas verdes, mas se o tirão da agoa, tanto que se enxuga, torna a ficar tão seco como dantes. Dizẽ os Cafres, que inda que este pao estẽ colhido dez annos, se no cabo delles o meterem dẽtro na agoa, que logo florecera, & ficará verde. Este pao moido, & dado a beber em agoa, he bom para estãcar camaras de sangue; chamãolhe os Cafres

Azeite do coco.

Pao Moído
ged ao, ad
mu. ucl.

Azeite de gergelim

Mungodao, parece-se muito cõ carrasco, mas não tẽ as folhas tão aspéras.

Matuui, pao, defen-
suo do ar.
¶ Outro pao ha, q̃ os Cafres chamaõ Matuui, nome q̃ significa o esterco do homẽ, & a causa de lhe pórem este nome he, porq̃ tem o mesmo roim cheiro, tão no jêto, q̃ não ha pessoa que o possa soffrer. Na India tambẽ ha deste pao, sua aruore he como espinheiro: dizẽ os Cafres, & a gente da India, q̃ tem grande virtude contra o ar, & por esse respeito otrazẽ muitas pessoãs enfiado como cõtas, & atado no braço, junto da carne, & particularmente os mininos de tenra idade:

Matos de
limões,
¶ Ao lôgo do rio de Sofala, em duas partes estaõ dous matos deuolutos, sem dono proprio, cheyos de larangêiras, & limoeiros, & quantos querem colher dellês ofazẽ liuremête: & saõ tâtos os limões, q̃ os Cafres carregaõ embarcãões delles, & vẽ polo rio abayxo, atè Sofala, onde os vêdẽ quasi de graça, & os moradores da fortaleza enchem barris & panellas do çumo, e dos mesmos limões salgados, q̃ mandãõ para a India, onde saõ muy estimados, & comẽse cõ o arróz.

¶ O pao ordinario q̃ se co-

me em Sofala, he de milho, & arróz misturado, de q̃ fazẽ hũs bollos, a q̃ chamaõ Mocates. Em quãto estaõ quêtes saõ soffriueis, mas depois de frios, nã ha quẽ os possa comer. Os Portugueses bebẽ de ordinario vinho de palmeiras, & os Cafres vinho de milho q̃ fazẽ mui forte, q̃ embebeda, como adiante direy. A carne q̃ se come cõmumente saõ galinhas, das quaes ha infinitas, q̃ os Cafres crião pera vêder aos Portugueses, & dêtro em Sofala daõ doze por hũ bertangî preto, q̃ ali val ao mais dous tostoês: & se as vão cõpar a fuascasas, onde morão polo rio acima, daõ dezaseis, & dezoito polo mesmo panno, q̃ fae cada galinha a onze reis pouco mais ou menos: as quaes saõ muito boas, & quasi tamanhas como as de Portugal. Tambem ha muitos porcos mansos que se crião polas casas, muytas cabras, & vaccas, muita carne de veados, porcos do mato, & outros animaes syluestres, de que tratarey mais largamente em outro lugar.

Pao de milho, & arróz.

Vinho de milho.

¶ CAPITVLO QVINTO!

¶ Dos costumes do Quiteue, Rey das terras & rio de Sofala, & de quem socede no Reyno por sua morte.

B

He



E o Rey de todas estas terras do sertão, & rio de Sofala, Caffre, de cabello reuolto, Gétio, não adora coufa algũa, nê tem conhecimento de Deos, antes diz q̄ elle o he de suas terras, & por tal he tido, & reuerenciado de seus vassallos, como adiante direy. A este Rey chamaõ Quiteue, nome cômum a todos os Reys deste reino, & assi perdê o nome proprio que tinhaõ antes q̄ fossem Reys, nê sam mais nomeados por elle.

¶ Este Quiteue té mais de cê molheres, todas de portas a dentro, entre as quaes ha hũa, ou duas, q̄ são suas molheres grandes, como Raynhas, & as mais são suas mãcebas, & muitas destas são suas proprias irmãs, & filhas, das quaes todas vsa, dizêdo q̄ os filhos q̄ destas lhe nâcem são os verdadeiros herdeiros do reyno, q̄ não tem mistura de sangue alheo, & que estes defendê, & sustentão sempre o reyno, muito melhor que os que decendem de gente & reyno estrangeiro.

¶ Quando morre o Quiteue, tâbê suas molheres grandes té obrigação de morrer com elle pera o seruirê, & viuerê cõ elle no outro mundo (que he outra brutalidade sua) & pera cõpri-

mento desta ley tão deshumana, no mesmó ponto em que o Rey morre tomão peçonha, q̄ tê prestes pera isso, a q̄ chamaõ Lucasse, cõ que morrê. O Rey q̄ socede no reino, tâbê socede por marido a todas as molheres q̄ ficarão do Rey passado, das quaes algũas são suas irmãs, & tias, & sobrinhas, & de todas vsa por molheres, tirando sua propria mãy, se tam bem era molher do Rey seu antecessor. Desta ley não vsam mais que os Reys, porque os mais Cafres, ainda que sejaõ grandes senhores, não podem casar cõ suas irmãs, nê filhas, sopena de morte.

¶ O Principe q̄ socede no reino, de ordinario he hũ dos filhos mais velhos do Rey defũto, & de suas molheres grâdes, q̄ são as legitimas, & quando estes não tê prudencia pera gouernar, socedê os segundos, ou terceiros filhos, & se tam bem não são sufficiêtes, socede algũ irmão inteiro do Rey defũto, se he esforçado, & de bõ gouerno. E a causa desta desigualdade de nesta socessão, he pordizerê os Cafres q̄ qualquer filho legitimo dos Reys passados daquela terra pode ser herdeiro do reino de q̄ seu pay foy Rey, & aquelle tem mais direito na herança

Molheres do Quiteue.

As molheres se matão quádo morre o Rey.

herança, q̄ té mais partes pera governar, polo q̄ não escolhē pera Rey o Principe mais velho, nē mais chegado, senão o mais prudēte, & esfôrçado. Esta escolha ordinariamēte està na vôtade do Rey viuo, o qual em sua vida vay logo pôdo os olhos em quē tem partes pera poder reinar, & a esse fauorece mais, tratádo cō elle as coufas do governo, & moltrando q̄ este lhe ha de soceder no reino, polo q̄ he de todos venerado, & temido. No tēpo q̄ eu estaua em Sofala, o Rey q̄ então viuia tinha mais de trinta filhos, entre legitimos & bastardos, & a nenhū delles nomeaua por Príncipe herdeiro, senão a hū seu irmão q̄ muito amaua por ser homem prudente, & de grande governo: polas quaes partes, & pola fama que ja corria de soceder no reino a seu irmão, era de todos taõ amado, como se já fora Rey, polo q̄ em morrendo seu irmão, pouca duuida aueria ē lhe soceder.

¶ O modo q̄ té em soceder, he o seguinte. O dia q̄ morre o Rey não se faz mais que negocear o enterramēto, q̄ he leualo a hūa serra, onde se enterraõ todos os Reys, & o dia seguinte de madrugada vaife o Prin-

cipe nomeado polo Rey defunto às casas Reaes, onde estão as mulheres do Rey ja esperádo por elle, & de seu consentimento entra em casa, & assentase com as principaes dellas em hūa sala publica, no lugar onde se os Reys assentaõ a ouuir as partes, o qual està cuberto cō hū panno, ou corredices por diante, q̄ ninguē pode ver o Rey, nē as mulheres que estão detras: & dali mandão logo aos principaes ministros, & officiaes, q̄ vaõ por toda a cidade, dando vozes ao pouo, q̄ fação festas ao nouo Rey, q̄ ja está de posse da casa Real pacificamente, cō as mulheres dos Reis passados, & q̄ todos o vão reconhecer por seu Rey: o que logo fazē todos os grandes q̄ se achão na Corte, & os nobres da cidade, indo às casas Reaes, q̄ ja estão bē acõpanhadas cō as guardas, e officiaes costumados, & cō licença destes entraõ poucos & poucos na falla onde està o Rey nouo cō as mulheres, indo arrastando se polo chão, atè o meyo da falla, & dali falão ao nouo Rey, dādo lhe a obediencia deuida, sem verē o Rey nē as mulheres, q̄ estão detras, & o Rey respõde de dentro, & agardece a boa vôtade

q̄ lhe mostraõ como leaes vasfallos. Isto cõcluydo cõ breues palauras, manda o Rey levantar as corredices, & mostrase aos q̄ estã na sala, no qual passo todos lhe batẽ as palmas (q̄ he o seu modo de cortesia) & logo se tornão abaixar as corredices, & os da falla se vão pera fora arrastando polo chão como entraraõ, & estes saídos entraõ outros, & deste modo vão dar obediencia ao nouo Rey todos os que se achão na Corte, & a mór parte deste dia se gasta nesta cerimonia, auendo grandissimas festas, tangeres, & bailos em toda a cidade. No dia seguinte manda o Rey seus embaixadores por todo o Reino denunciar a morte do Rey passado, & sua sucessão pacifica, & q̄ todos vão à Cortes verlhe quebrar o arco, de q̄ tratarei abaixo no cap. 7.

¶ **CAPITVLO SEXTO:**

Do segundo modo q̄ os Principes tẽ, em soceder na herança do Reino por eleição das mulheres do Rey.



A differenças algũas vezes na eleiçã destes Principes, porq̄ como as mulheres grandes dos Reis passados se jão muitas, & cada hũa tenha fi

lhos delles, saõ mui tos os pretendentes ao Reyno, & cada qual deseja ser Rey, & os q̄ tẽ posse fazẽ muito por adquirir a gente de sua banda, pera que fauoreção sua causa, ordenãdo algũas vezes alterações, & leuantamentos do pouo, outras peitãdo as mulheres dos Reis, para q̄ os admittaõ, & lhe dem posse pacifica do Reino, cõfintindo q̄ entrẽ nas casas Reaes: porq̄ he ley q̄ nenhũ Principe entre nas taes casas em q̄ ellas estão, sem licença, nẽ tome posse do Reino sem sua vontade, & o q̄ por força entrar, & tomar posse, perca o direito q̄ tẽ na sucessão do reyno, & ninguẽ poderã cõtradizer ao q̄ as mulheres nesta eleição fizerẽ, como se verá no caso seguinte.

¶ Junto do reino do Quiteue, estã outro, de que he Rey o Sedãda, cujas leis & costumes saõ muy semelhãntes aos do Quiteue, por serem todos estes Cafres da mesma nação, & antigamente serem estes dous Reynos de hum sã Rey, como adiante direy. No tẽpo q̄ eu estaua em Sofala, socedeo que o Rey Sedãda enfermou de hũa graue doença cõtágiosa de lepra, & vèdo q̄ seu mal era incuravel, declarou Principe q̄ lhe socedesse

cedesse no Reino, & tomou peçonha cō que morreo, como he costume fazerẽ os Reys que tẽ algũa defõrmidade em sua pessoa, como adiante direi. Dema neira q̃ morrẽdo este Sedanda cō a peçonha que bebeo, logo o Principe q̃ elle tinha nomeado em sua vida pretendeo entrar nas casas Reaes, & assentarse cō as molheres dos Reys passados no lugar costumado, onde lhe auião de fazer as ceremonias da posse q̃ tenho ditas: mas succedeolhe o negocio mui differente do que esperaua, por q̃ as molheres do Rey tinhão grãdissimo desgosto d'elle, por sua roim condiçãõ, & outras imperfeições q̃ lhe acharãõ, polo que mandarãõ secretamẽte de noite chamar outro Principe, em quẽ tinhãõ postos os olhos, por ser mais esforçado, & mais bẽ quisto, & assentaraõse com elle no lugar publico dos Reys, & mandãrãõ aos officiaes, que fossem pola cidade dizer ao pouo, q̃ ja tinhãõ Rey, & q̃ todos lhe fossem dar a obediência deuida: de modo q̃ quando o Principe nomeado polo Rey morto se vio frustrado de sua pretensaõ, fugio porque o não matasem, & o Rey que as molheres elegerãõ ficou reinã

do, mas não pacificamẽte, por q̃ o Principe que fugio como era poderoso, & ja tido por successor do Rey q̃ se matou, ajũtou muita gẽte, & veyo cō guerra pera tomar posse do Reino, & entrou nas casas Reaes com mão armada, & afrõta das molheres do Rey que dẽtro estauãõ, o q̃ lhe foi mui estranhado de todos, por q̃ naquella casa ninguẽ entra por força, & esta que fez este Principe foy bastãte pera todos o deixarem, & se lançarẽ da parte das molheres & do Rey q̃ ellas tinhãõ eleito, & o levantado fugio, sem mais erguer cabeça.

CAPITULO SEPTIMO.
De como o Quiteue quebra o arco, & se mata por defeitos de sua pessoa, & como lhe falãõ.



Ntes q̃ comece de governar o Reino que succede no Reyno, manda recado por todo elle q̃ venhão a Cortes todos os senhores, & grãdes, pera verẽ quebrar o arco a el Rey, q̃ he o mesmo q̃ tomar posse do Reyno, & governo, & nestas Cortes he costume mãdar matar algũs daq̃lles senhores q̃ se ali ajuntãõ, dizendo que sãõ necessarios pera irẽ

Que chãõ não quebrar arco

seruir ao Rey defunto no outro mundo, polo q̄ manda então matar algũs de quem se teme, ou a quẽ não tẽ boa vontade cõ esta cappa de virtude fingida, & mau costume recebido entre elles. E depois de matar estes, faz outros senhores novos de sua mão em lugar dos q̄ matou. E por esta rezão muitos senhores, & particularmente algũs q̄ se temem, & se sentẽ desafeiçoados ao nouo Rey, não querẽ ir a Cortes temẽdo a morte, & fogẽ do Reino pera outros estrangeiros, porq̄ antes querẽ perder o estado que possuyão, que arriscar suas vidas à vontade do Rey nouamente eleito.

¶ Antigua mẽte costumauão os Reys desta terra beber peçonha cõ que se matauão quando lhe succedia algũ desastre, ou defeito natural em sua pessoa, como era serẽ impotentes, ou doentes de algũa enfermidade contagiosa, ou quando lhe cayão os dentes dianteiros, cõ que ficassem feos, ou qualquer outra deformidade, ou aleijão. E por não terẽ estas faltas sem matauão, dizendo, q̄ o Rey não auia de ter defeito algũ, & quando o tiuesse, era mais hõra sua q̄ morresse logo, & fosse

à outra vida melhorar-se do q̄ lhe faltaua, pois là tudo era perfeito. Mas o Quiteue, q̄ reinoua no tẽpo que eu estiuue nestas terras, não quis imitar nisto a seus antepassados, como discreto, & terribel q̄ era, porq̄ caindo lhe hũ dente dianteiro, mandou logo apregoar por todo o Reino, & notificar q̄ souberessem todos como lhe cayra o dente, & q̄ quando o vissem com elle menos, o não desconhecessem, & se seus antepassados se matauão por semelhantes cousas, q̄ foraõ muito necios, & elle o não auia de fazer, antes quando a morte natural lhe viesse, que lhe pesaria muito com ella, porq̄ tinha necessidade da vida, pera sustentar o seu Reino, & defendello de seus inimigos, & que o mesmo encomendaua a seus successores que fizessem.

¶ Se querẽ os Cafres falar a este Rey, logo à entrada da porta se deitão no chão, & deitados entraõ pera dẽtro da casa arrastãdo-se atẽ onde o Rey està, & dali deitados de ilharga lhe falão sem olharem pera elle, & em quanto lhe vaõ falando, juntamente vam batendo as palmas (que he a principal cortesia de que vsaõ os Cafres)

Como se
falla ao
Quiteue

De Reis se
matauão,
quando ti
nhão defel
ro na pes
soa.

& depois de concluydo seu negocio a que foraõ, do mesmo lugar se tornão pera fora do modo que entrarão, de maneira que nenhum Cafre pode entrar em pè a falar ao Rey, nê menos olhar pera elle quando lhe falla, salvo se são familiares, & particulares amigos del Rey, ou quando està em conuersação com elles. Os Portuguezes quando lhe vão falar não entraõ arrastandose polo cham, como fazem os Cafres, senão em pè, mas entraõ descalços, & chegãdo juto do Rei deitãose no chão, recostados sobre hum lado, quasi assentados, & desta maneira falão ao Rey, sem oiharem pera elle, batendolhe tambem as palmas, de quatro em quatro palauras, como he costume.

¶ Dos Chinás se cõta, que vsam quasi da mesma reuerencia, quando falaõ aos Presidentes, ou juyzes, porque tãto que entrão na sala onde elles estão logo à entrada se poem de joe lhos, & assi vaõ entrando atè o meyo da sala, com a cabeça bayxa, & os olhos postos no chão, & dali falão o q̄ querem cõ voz baixa, & humilde, & recebendo a resposta, dali mesmo se tornaõ, vindo recuando pe-

ratras, sem leuantarê õs olhos, nem virarem as costas aos juyzes com que falarão.

¶ Este Quiteue costuma ter a hũa ilharga da casa em q̄ falla cõ as partes, algũas panellas grãdes cheas de vinho, q̄ os Cafres fazê de milho, ao qual vinho chamaõ Põbe: & com este costuma conuidar os q̄ o vam visitar, assi Cafres, como Portuguezes, & ainda q̄ os Portuguezes não possam beber o tal vinho, forçadamête o hão de beber, & festejar, mostrando q̄ o Rey lhe faz grande mimo, & merce, porq̄ se fizer algum o cõtrario, & disser q̄ não he costume a beber aquella casta de vinho, logo o Rey lhe arma hũa querella, ou trapaça, a q̄ os Cafres chamaõ empofia, dizendo q̄ deixa de beber por lhe desprezar o seu vinho, ou por cuidar q̄ lhe dà nelle peçonha, fazendo delle mau Rey, & assi o manda sayr fora de sua casa, ficando muito agrauado, ou fingindo q̄ o fica do Portugues.

E logo lhe manda recado q̄ se não saya fora da cidade sê sua licença, & primeiro que o pobre do homem aja licença do Rey pera se tornar pera a sua terra, gasta quanto tem, com dadiuas, & peitas q̄ lhe dà

Conuida
cõ vinho
aos que o
o visitão

Empofia
do Quiteue

Assi a elle, como a seus vassallos. Destas empofias costuma o Quiteue fazer muitas, sobre quaesquer cousas, ainda que muito leues, quando vee que lhas podem pagar os culpados nellas.

¶ CAPITVLO OITAVO.

Das exequias que o Quiteue faz em cadabum anno aos Reis defuntos, onde ordinariamente lhe fala o diabo.

Exequias
dos Ca.
fres.



Este Quiteue todos os annos em o mes de Setembro, quando apparece a lua noua, sobe ahúa serra muito alta situada perto da cidade em q̄ mora, chamada Zimbaohe, & em cima della faz grandes exequias polos Reys seus antepassados, que todos ali estão sepultados: & pera este effeito leua muita gente consigo, assi da sua cidade, como doutras muitas partes do seu Reino, q̄ manda chamar. E a primeira cousa que fazem tâto que chegão acima da serra, he comer, & beber do seu pombè, ate que se embebedão todos, & o Rey he o primeiro que isto faz (cousa mui costumada, & não eltra

nhada entre os Cafres) & nestes comeres & beberes continuaõ oito dias com muitas festas: húa das quaes, & a principal de que el Rey vsa, he *peberar*. beberar, como elles lhe chamão, correndo de húa parte pera outra, do modo que em Portugal vsaõ o jogo das canas. Pera estas festas se veste o Rey, & mais grãdes do seu Reino dos melhores panos de seda q̄ tem, ou de algodão, & atão pola testa húa fita larga, com muitos cadilhos tecidos nella, como frãja de alcatifas, os quaes lhe ficão pendurados sobre os olhos & rosto, como topete de cauallo, & diuididos tantos de húa parte como da outra, & todos apè, remetem hús contra os outros, cõ arcos & frechas nas mãos, fazêdo que tiraõ, & pelejão, despedindo todas as frechas por alto, de modo que se não firão, & desta maneira dão mil carreiras, & voltas, cõ muitos momos, atè que cansão & se não podem bulir, & aquelles que mais aturão no campo effes saõ os mais esforçados, & valentes, & ganhão o premio, que está posto no jogo. Garcia de Mello q̄ estaua por capitão de Sofala no tempo q̄ eu la resúdia, mádou fazer húa fita

fitas largas, com grandes franjas de seda & ouro, & a mandou com outras peças de preço ao Quiteue, & a que mais estimou foy a fita pera quando pembrasse, porque he jogo de q̄ vñ muitas vezes.

¶ Depois que o Rey tẽ feytejado oito dias, então se põe em feição de chorar os defuntos, que ali estão enterrados, no qual pranto juntamente quantos ali estão continuaõ dous dias ou tres, até que se mete o diabo em hum Cafre daquelle ajuntamento, dizêdo que he a alma do Rey defuto, pay do Rey viuo, que ali está fazendo aquellas exequias, & que vem falar a seu filho. O Cafre endemoninhado fica logo tal, como quem tem o diabo no corpo, estirado no chão, feo, mal affombrado, & fora de seu juyzo, & desta maneira fala o diabo pola sua boca todas as lingoas estrãgeiras doutras nações de Cafres, que muitos dos que estão presentes entendem. E alem disso começa logo de escarrar, & falar como falava o Rey difunto que representa, de modo que parecer o proprio, assi na voz, como nos meneos, polos quaes sinaes, conhecem os Cafres que

ja he vinda a alma do Rey defunto como elles cuidão. Sabido isto polo Rey que ali está fazendo as exequias, vem logo acompanhado de todos os grandes ao lugar onde está o endemoninhado, & postraõ se todos diante d'elle, fazendo he grandes cortesias, & logo se apartão todos pera hũa banda, & fica o Rey só cõ o endemoninhado, falando amigavelmente como quem fala cõ seu pay, que he defunto, & ali lhe pergunta se ha de ter guerras, & se vencerà nellas seus inimigos, se averà fomes, ou trabalhos no seu Reyno, & o mais que d'elle quer saber, & o diabo lhe respõde a todas estas perguntas, & lhe aconselha o que ha de fazer, mintindolhe ordinariamente, no mais do que lhe diz, como falso, & inimigo que he do genero humano, & nem isto basta pera estes cegos deyxarem de lhe dar credito, vindo cada anno a consultalo da maneira que tenho dito. Depois desta pratica, faese o diabo daquelle corpo, deixando o negro endemoninhado muito cansado, moido, & sempre mal affombrado. Isto concluydo, vayse o Rey para sua casa, com toda a mais gente que ali veyo aas

Como se
uerenciaõ
ao demonio

Como cho
rão os de-
funtos.

Como o
demonio
fala aos
Cafres.

exe-

exequias, & os Cafres louuão grandemente ao feu Rey, por ser tão bemaueturado, que lhe vem fallar os Reis defuntos, q elles tem por beuenturados, & poderosos no outro mundo, & que podem cõceder ao Rey viuõ quantas cousas lhe pedir. Algũs Portugueses se acharão ja neste ajuntamento acafo, & virão todas estas cousas que tenho dito.

¶ Deste modo que o diabo tem em falar a estes Barbaros, vfa com os mais dos Gentios, como eu soube de algũas partes onde se fazia o mesmo nesta costa, & ainda na India. O Padre Mendoça no liuro que fez da China, refere, que nauagando hũs frades descalços da China pera as Philippinas em hum nauio de Chinas Gétios, tiueraõ taõ grande tormenta, que os Chinas com medo da morte começaraõ de chamar o diabo, que lhe focorresse, & os Religiosos por outra parte se puseraõ a escõjurar, & amaldiçoar os demonios, de modo q não acudiraõ aos brados dos Gentios, como costumaõ em tais apertos, antes se ouuio claramente a voz de hum demonio, que dizia, Não acudimos nem respondemos a vossas pe-

tições, porquẽ nõlo estoruaõ esses frades que leuais conuõco. Mas indo a tormenta por diante, tornaraõ os Chinas a consultar os Demonios por escrito, do qual modo nunca deixa de lhe responder, como logo fez (naõ obstante quantos esconjuros os Padres fazião) & respondeo aos Chinas, q nam temessem, porque antes de tres dias chegarião a porto seguro, no que lhes mintio, como faz ordinariamente, porq não chegaraõ a terra senão depois de muitos dias.

¶ Junto das ilhas Philippinas estaõ outras ilhas pouoadas de Gentios, chamados Illocos, os quaes adorão o diabo, fazendolhe muitos sacrificios, nem tẽ outro Deos a quẽ adorem: de modo que os mais dos Gentios tem trato, & commercio com o diabo, hũs embuçadamente, como fazem os Cafres nas suas exequias, cuidando que sãõ almas dos defuntos; outros clara & descubertamente, sabẽdo que sãõ demonios, como fazem os Chinas, & Illocos, & outros muitos, que aqui não re-
firo por abre-
uiar.

Os Illocos
adorão o
demonio

Modos q
o diabo tẽ
de falar a
os Gétios

¶ CAPITULO NONO.

*De como estes Cafres não adorão cou-
sa alguma, & de alguns dias que tem
de guarda, em que não traba-
lhão, & dos parayfos q̄
cuidão auer.*



*Os Cafres
não ado-
rão couza
algũa.*

Vydo certamente que a nação dos Cafres he a mais barbara, & bruta q̄ ha no mūdo, porque nem adorão a Deos, nem tem idolos a que adorem, nem imagēs, nem templos, nem vsão de sacrificios, nem menos tem ministros dedicados ao culto diuino, couza que toda a nação de gente tē, polo instinto natural, que os moue à Religiaõ, & culto sagrado, principalmente tendo noticia da outra vida, como estes Cafres tem, & asy difficul-tosamente se conuertem, nem aceitão a ley de Christo, que muitas vezes lhe ensinamos, & prégamos, nem menos a dos Mouros, que de cõtino andão misturados com elles, & viuē nas suas terras, & são quasi como Cafres, asy na cor negra, como nos costumes, & conuersação; samente sabem confusamente que ha Deos grande, a que chamão Molungo, mas não lhe rêzaõ, nem se encomē-

daõ a elle. Quando padecem algũas necessidades, ou esterilidades, ao Rey se focorrē, cuidando firmemente que elle he poderoso pera lhe dar todas as couzas que desejaem, & ouerem mister, & que tudo pode alcançar dos defuntos seus antepassados, cõ os quaes lhes parece que falla. Pola qual rêzaõ, ao Rey pedem a chuua, quando lhe falta, & todas as mais bonanças de tempos pera suas nouidades, & quando lhe vão pedir qualquer couza destas, leuaõlhe grande presente, o qual o Rey aceita, & responde-lhe que se tornem embo-ra pera suas casas, que elle terá cuidado de fatisfazer a sua petição, & taõ barbaros são, que vêdo quantas vezes o Rey lhe não dà o que lhe pedem, não se defenganão, antes de nouo lhe leuaõ mōres offertas, & nestas idas & vindas gastão muitos dias, atē que vem algũa conjunção de chuua, com que ficaõ os Cafres satisfeitos, tendo pera si que o Rey lhe não concede o que pedem, senão depois de o terem bem peitado, & importunado: & o mesmo Rey asy o diz, pera os sustetar em seu erro.

*Os Cafres
pedē a bo-
nança dos
tempos ao
seu Rey.*

¶ Estes Cafres tem muitos dias

Dias que
guardão
os Cafres.

dias de guardá, em que não tra-
balhaõ, dados polo Rey, sem
elles saberem a que hõra, nem
porq̃ causa lhos mandão guar-
dar, fõmente sabẽ quando vem
os taes dias, em que fazẽ gran-
des festas & bailos. Chamão a
estes dias Musimos, que quer
dizer almas de santos ja defũ-
tos, & tenho pera mim que à
honra destes seus negros san-
tos guardão estes dias. Hum
Portugues morador em Sofa-
la foy com suas mercadorias
ao Zimbãohe, onde mora o
Quiteue, pera dahi passar às
Manicas, onde ha muitas mi-
nas de ouro, & estando nesta ci-
dade do Quiteue mandou ma-
tar hũa vacca em sua casa, pera
dar de comer a seus escrauos,
& a outra gente q̃ leuaua con-
figo pera lhe ajudar a ven-
der suas mercadorias, & neste
dia que se matou a vacca, se ce-
lebraua hũa festa destes Musi-
mos, que tenhodito. Esta noua
foy logo leuada ao Quiteue,
por via de seus malfins, que tẽ
infinitos para lhe mexericarẽ
quanto se faz na cidade, & ain-
da em todo o Reyno, o qual
Quiteue mãdou logo dizer ao
Portugues, q̃ fizera muito mal
de quebrantar o seu dia santo,
matando nelle a vacca, & ja q̃

tal fizera, deixasse estar a vac-
ca sem lhe pòr mais maõ, porq̃
o Musimo daquelle dia auia de
comer a propria vacca, & que
a cubrissem com rama. Desta
maneira esteue a vacca morta
em casa do Portugues, sem con-
sentir o Rey que se tirasse nada
della, & ali apodreceo, & chei-
raua taõ mal, que o Portugues
se quis fair da casa por esse res-
peito, & tomar outra, mas o
Quiteue o não quis consentir,
senão que em pena da morte
da vacca no dia de seu Musimo
lhe soffresse o roim cheiro, ou
q̃ pagasse a empofia que tinha
feito; pola qual rezão vendose
o Portugues forçado, & obri-
gado da pena em q̃ viuia, veyo
a concerto com o Rey, & pa-
goulhe cincoenta pannos da
empofia que fizera, & não co-
meo a vacca, antes lhe soffreo
o roim cheiro muitos dias. Es-
ta obseruãcia tão rigurosa des-
te dia santo, mostrou o ladrão
do Quiteue, mais pera roubar
o Portugues, que por querer q̃
lhe guardasse o tal dia.

¶ Não tem estes Cafres no-
ticia da creação do mundo, nẽ
que Deos fez o homem, nem q̃
ha inferno pera os maos, &
gloria pera os bõs, mas com
tudo

rudo sabem que a alma do homem he immortal, & que viue eternamente no outro mudo, & cuidão que là viuem cõ suas molheres, muito à sua vôtade, & leuaõ là melhor vida q̃ neste mundo, mas não sabem em que parte está este lugar de sua habitação. Preguntando eu algũas vezes a Cafres honrados & bem entendidos, em que lugar estauão seus Reys defuntos, & os mais a quem tinhaõ por santos, se lhe parecia que estauão no ceo, me responderão que no ceo não estaua mais que Deos, a quem chamão Mulungo, & que os seus defuntos estauão em hũas terras, & lugares muy fartos, alegres, & frescos, mas não sabião em que parte, aos quaes lugares chamão Paraísos de contétamentos, festas, & alegrias.

¶ Este mesmo erro tão barbaro tem os Gentios de Camboja, afirmando que ha vinte & sete Parayfos, hũs mais nobres & melhores q̃ os outros, onde se recolhem as almas dos iustos que passão desta vida, segundo seus merecimẽtos, & tambem as almas dos brutos animaes: & pola mesma ordẽ dizem que ha treze infernos, onde vaõ os peccadores, huns

mais abayxo, outros menos, segundo suas culpas; de modo que todas, ou as mais das nações, ainda que Barbaras, entẽdem que depois da morte ha outra vida, na qual se dà premio aos bõs, & castigo aos malos. Estes Cafres tambem sabem que ha diabo, a quem chamão Mufuca, & que he mau, & faz muytos males aos homẽs. Fazem muitã festa o dia q̃vem a lua noua, o qual costume cuido tomaraõ dos Mouros, que andaõ por estas terras espalhados, & fazem o mesmo. Dizem que o sol quando se poem vay dormir. Não lem, nem escreuẽ, nem tem liuros, & todas as coufas & hystorias antiguas, de q̃ tem noticia, sabem somete por tradição de seus antepassados. Tem pera si que os bogios forãõ antiguamẽte homẽs & molheres, & assi lhe chamão na sua lingua gente de primeiro.

¶ CAPITVLO DECIMO,
De tres generos de ministros de que se serue o Quiteue.



Em o Quiteue duzentos, ou trezentos homẽs de guarda, a que chamão Inficis, que he o mesmo que algozes,

Algozes, a q̃ chamão Inficis.

Paraiso dos Cafres

Mulungo Deos.

27. parayfos, & 13. infernos dos Gẽitos

Mufuca, Diabo.

gozes carneiros. Estes andã cingidos com hũa corda grossa polo pescoço, & pola cintura, & trazem nas mãos hũa machadinha de ferro muy luzente, & hũa maça de pau de comprimento de hum couado, que são os instrumentos com que matão a quem el Rey manda matar, dandolhe primeiro com a maça na cabeça como a porco, com a qual pancada derrubão logo no chão a quem quer que dão, & com a machadinha lhe cortão logo a cabeça. Estes ordinariamente andão gritando ao redor das casas & cercas del Rey, dizendo, Inhama, inhama, que quer dizer, Carne, carne, significando nisto, que lhe mande o Rey matar alguê, & que lhe dê que fazer no seu officio de algozes.

¶ Tem este Rey outro genero de Cafres, a q̃ chamão Marombes, que he o mesmo que chocarreiros, os quaes també andão gritando ao redor das casas Reaes, com vozes muy defabridas, dizendo muytas cantigas & prosas, em louvor do Rey, entre os quaes lhe chamaõ senhor do Sol, & da Lua; Rey da terra, & dos rios, vencedor de seus inimigos, em tudo grande, ladraõ grande, fei-

ticeiro grande, leão grande, & todos os mais nomes de grandeza, que elles podem inuêtar, ou sejam bõs, ou maos, todos lhe attribuem: E quando este Rey sae fora de casa, vay rodeado, & cercado destes Marombes, que lhe vão dizendo estes mesmos louvores cõ grãdíssimos gritos, ao som de algũs tambores pequenos, & de ferros, & chocalhos, que lhe ajudão a fazer mayor estrôdo, & grita.

¶ Seruêse mais õ Quiteue de

Musicos
do Quiteue.

outro genero de Cafres, grandes musicos, & tãgedores, que não té outro officio mais que estar assentados na primeira sala do Rey, & à porta da rua, & ao redor das suas casas, tangendo muita differença de instrumentos musicos, & cantando a elles muita variedade de cantigas, & prosas, em louvor do Rey, com vozes muy altas, & sonoras. O melhor instrumento, & mais musico de todos, em que estes tangem, chama-se Ambira, o qual arremeda muito aos nossos orgãos. Este instrumento he composto de cabaços de abobaras compridas, hũs muito grossos, & outros muito delgados, armados de tal feiçãõ que ficaõ todos

Ambira;
instrumento musico

Chocar-
reiros do
Quiteue.

juntos, postos per ordem, os mais pequenos, & mais delgados, que são os tipres primeiro, postos da mão esquerda em reues dos nossos órgãos; & logo apos os tipres, se vão seguindo os mais cabaços, com suas vozes differentes, de contraltos, tenores, & baixas, que por todos sam dézoito. Cadahum destes cabaços, tem hũa boca pequena feita na ilharga, junto ao pè, & em cada fundo tem hum buraco do tamanho de hũ patacão, & nelle posto hum espelho, feito de hũas certas teas de aranha, muito delgadas, tapadas, & fortes, q̃ não quebrão. E sobre todas as bocas destes cabaços, que estão i goaes, & postos em carreira, tem armada hũa ordem de teclas de pao delgadas, & sustentadas no ar com hũas cordas, de modo que cada tecla fica posta sobre a boca de seu cabaço, em vão, que não chegue à mesma boca. Depois disto assi armado, tangẽ os Cafres por cima destas teclas com hũs paos, aomodo de paos de tambor, nas pôtas dos quaes estão pegados hũs botões de neruo, feitos em pilouros, muito leues, do tamanho de hũa noz, de maneira q̃ tangẽdo com estes dous paos por

cima das teclas; retumbão as pancadas dêtro nas bocas dos cabaços, & fazem hũa harmonia de vozes muy consoantes, & suaues, que se ouem tão lôge como as de hum bom cravo. Destes instrumẽtos ha muitos, & muitos tangedores, que os tocão muito bem.

¶ Outro instrumento multico tem estes Cafres, quasi como este que tenho dito, mas he todo de ferro, a que també chamaõ ambira, o qual em lugar dos cabaços tem hũas vergas de ferro, espalmadas, & delgadas, de comprimento de hum palmo, temperadas no fogo de tal maneira, que cadahũa tem sua voz differente. Estas vergas são noue semente, & todas estão postas em carreira, & chegadas hũas às outras, pregadas com as pontas em hum pao, como é caualetê de viola, & dali se vão dobrando sobre hũ vão que tem o mesmo pao ao modo de hũa escudella, sobre o qual ficão as outras pontas no ar. Este tangem os Cafres tocandolhe nestas pontas que tẽ no ar com as vnhas dos dedos pollegares, que pera isso trazẽ crecidas, & compridas, & tão ligeiramente as tocão, como faz hum bõ tangedor de tecla,

Ambira
de ferro.

em

em hum crãuõ. De modo que sacudindose os ferros, & dando as pancãdas em vão sobre a boca da escudella, ao modo de berimbau, fazem todos juntos hũa harmonia de branda, & suaue musica de todas as vozes mui concertadas. Este instrumento he muito mais musico que o outro dos cabaços, mas não soa tanto, & tange-se ordinariamente na casa onde està o Rey, porq̃ he mais brando, & faz mui pouco estrondo.

¶ Outros muitos instrumentos tem estes Cafres, a que elles chamãõ musicos, de que v. saõ, mas eu chamolhe atroadores de ouuidos, como saõ hũas cornetas grandes de hũs animaes brauos, que chamãõ Paraparas, & por rezão deste nome chamaõ às cornetas Parapandas, as quaes tem hũa voz muy terribel, & espantosa, que soa tanto como hũa trombeta bastarda. Tem muitos tambores de q̃ v. saõ, ao modo de atabales, huns grandes, & outros pequenos, que temperaõ, & ordenãõ de maneira, que hũs lhe respondem em ti pre, & outros nas demais vozes, ao som dos quaes cantaõ os mesmos tãgedores, com vozes tão altas, & defabridas, que atroãõ toda

Cornetas
& tabores

a terra onde cantaõ & tãgẽ. Quando o Quiteue manda em baixadores pera algũa parte, sempre manda em sua companhia estes tres generos de gente, os quaes sempre vaõ exercitando seu officio, hũs tãgendo, outros gritando, & bailando, & gabando ao seu Rey, da maneira que fica dito. Destes tres generos de Cafres se serue o Quiteue sempre em sua casa, como de moços da Camara para mandados, & muitas vezes lhe seruem de correos pera algũas partes do seu Reyno: os quaes indo cõ este titulo, por todas as terras por onde passaõ saõ venerados, & bem recebidos de todos, & sustentados de todo o mantimento que lhe he necessario de graça, & se lho não daõ de boa vontade, elles o tomãõ por força, sem auer quem lho contradiga: & mais em particular os Inficis carniceiros, porque estes como taes tem menos temor, & respeito aos outros Cafres, & fazem absolutamente tudo o que querem, & todos lhe tem grandissimo medo, por serem carniceiros, & andarem costumados a matar gente, trazendo sempre consigo por sua diuisa os instrumentos de morte

conuem a saber, cûtello, & cor da, que a todos atemoriza, & a sombra.

¶ CAPITVLO ONZE,

¶ De tres generos de juramentos es-
pantosos, de que vsão estes

Cafres.



Tres mo-
dos de ju-
ramentos

Res generos de ju-
ramentos tem estes
Cafres, de que vsão
em juizo, terribilif-
simos, & espantosissimos, dos
quaes vsam, quando algũ Ca-
fre tẽ cometido algũa culpa
graue, de que não ha proua bas-
tante, ou quando nega algũa
diuida, ou quaesquer outras
coufas semelhâtes, polas quaes
seja necessario deixar a certe-
za dellas nõ juramẽto dos cul-
pados, & elles querem jurar pe-
ra proua de sua innocencia.

O primeiro juramẽto, & mais
perigoso, chamase juramento
de Lucasse, que he hum vaso
cheyo de peçonha, o qual dão
a beber ao que jura, dizẽdolhe
que se elle não tẽ a culpa que
lhe poem, ficarà saõ & saluo da
peçonha, mas se a tem, logo
morrerà com a beberagem, po-
la qual rezão, os que se achão
culpados, quando os chegão,
& obrigão a juramento, ordi-

nariamente cõfessão sua cul-
pa, por não beberem a peço-
nha, mas se elles saõ innocen-
tes, & não tem a culpa que lhe
daõ, bebem mui confiadamen-
te a peçonha sem lhe fazer al-
gum mal, & com esta proua fi-
caõ absolutos daquella culpa
que lhe punhão, & o accusa-
dor em pena do falso testimu-
nho q̄ deu contra o q̄ accusou,
fica catiuo do mesmõ accusa-
do innocentemẽte, & perde to-
dos seus bẽs, molher, & filhos,
ametade pera el Rey, & a ou-
tra ametade pera o acusado.

¶ Ao segundo juramẽto cha-
mão os Cafres juramento de
Xoqua, q̄ he o ferro de hũa en-
xõ metido no fogo, & depois
de estar muy vermelho, & abra-
sado, o tiraõ do fogo cõ hũa te-
naz, & o chegaõ à boca do q̄
ha de jurar, dizẽdolhe q̄ lãba
cõ a lingoa o ferro vermelho,
porq̄ se não tẽ a culpa q̄ lhe at-
tribuem, ficarà saõ & saluo do
fogo, sã lhe queimar a lingoa,
nẽ os beiços, mas q̄ se tẽ culpa
logo lhe pegará o fogo na lin-
goa, beiços, & rosto, & lho quei-
mará. Este juramento he mais
ordinario, & vsão muitas ve-
zes d'elle não samente os Ca-
fres, mas tambem os Mõuros,
que nestas partes habitão, & o

Juramẽto
de Xo-
qua,

que

Juramẽto
de Lu-
casse.

que peor he, que tambem algũs Chriſtãos deraõ já este juramẽto a ſeus eſcrauos ſobre furtos que ſoſpeitauão terem lhe feito. De hum certo morador de Sofala me affirmarão algũas peſſoas que dera este juramento a hum ſeu eſcrauo para que juraffe como lhe não furtara hũa pouqua de roupa, o qual Cafre innocente da tal culpa lambera tres vezes o ferro a brazado em fogo ſem lhe fazer mal algum.

¶ O terceiro juramento, he de menos perigo, mas não de menos admiração: chamão lhe os Cafres juramento de Calão, que he hũa panella muy grande chea de agoa quente, que leua hum almude, & eſta he amargosa de certas heruas que lhe deitão. Eſta agoa mor na dão a beber ao que jura, dizendo lhe que ſe he innocente da culpa que lhe poẽ, beberà toda aquella agoa de hum golpe ſem descansar, & toda lhe caberà na barriga, & depois a lançará outra vez pola boca fora, ſem lhe fazer algum mal: mas ſe elle for culpado, não poderà beber, nem leuar pera baixo hũa ſo gota, porque ſe lhe atrauaſſará na garganta, & o afogará.

¶ Eſtes tres modos de juramentos ſe virão já experimentar algũas vezes entre eſtes Cafres, com os quaes muitos que iurauão falso morrião da peçonha que bebião, a outros ſe lhe pegaua o foguo na lingua, & nos beiços, & a outros finalmente ſe lhe atraueſſaua na garganta a beberagem ſem poderem della engulir couſa algũa: & pello contrario ſe viu tambem aos innocẽtes que iurauão verdade, não lhe fizeram mal os taes juramentos! Couſa que muito me eſpãtou ſempre, nẽ eu o crera ſemo não contarão peſſoas de credito, q̃ ſe acharaõ algũas vezes onde fizerão ſemelhantes experiencias, nẽ ſei a que attribua hũa tão grande marauilha, ſaluo a Deos querer mostrar a innocencia daquelles q̃ erão accusados falſamente, ſem ter e culpa: ou tambem, como dizẽ mui doctos Theologos, poderẽ eſtas couſas deixar de fazer danno ao corpo por artificios do demonio, pera aſſi os aſſegurar mais nos erros em q̃ viuẽ, trazendoos cegos toda a vida.

¶ Lucio Siculo, Iſidoro, & Solino fazem menção de hũa fonte que eſtã em Serdenha, na qual ſe faz hũa manifeſta

Experiẽcias deſtes juramentos.

Juramẽto de Calão.

fonte de Serdenhamira culosa.

& espátosa proua dos ladrões, de que se té sospeita que furtarão algũa cousa, porque estes se he verdade que furtarão, & jurão métira, lauandose na fôte ficaõ logo cegos, & os que jurão verdade, lauandose na mesma fôte, ficão lhe os olhos mais claros, & com melhor vis-ta do que tinham dantes.

¶ Na sagrada Escritura temos outro semelhante exêplo no liuro dos Numeros, onde se conta como Deos manifestaua o peccado, ou a innocencia da molher de quem auia sospeita ser adultera, sem auer disso proua bastãte, porq̃ o marido que tinha semelhantes sospeitas de sua molher, a leuaua ao sacerdote, o qual lhe daua hũas certas agoas amargosas a beber, & se ella era comprehendida no tal adulterio, as agoas lhe trespassauão, & corrompião as entranhas, de modo que lhe apodrecia o ventre, & desta maneira ficaua ella infame; & manifesta sua culpa; mas se a molher era innocente da culpa que lhe punha o marido, ficaua salua, & fora de todo o perigo das agoas, & com esta proua se descubria sua innocência, & ficaua hõrada. As quaes cousas todas socedião deste

modo por diuina prouidécia, como mais copiosamête se pode ver no dito liuro. Da mesma maneira se pode presumir que Deos permittê que se manifeste a culpa dos maos, & a innocencia dos bõs, por meyo destes juramentos que tomão, pera justificarem suas causas, acudindo, como justo que he, pola justiça dos innocentes.

Outro juramento semelhante a estes refere Ioão Perez no liuro da sua Astronomia. Finalmente estes juramentos que tenho dito, de que vsão os Cafres, forão muitas vezes experimentados, & vista sua experiencia por pessoãs de credito, & tudo isto são cousas mui notorias, & sabidas em Sofala, como fica dito,

Ioão Perez, c. 13

¶ CAPITVLO DOZE,

Das feições, trajos, vestidos, & officios destes Cafres, & da caçada real que fazem.



S mais destes Cafres são pretos como azeuiche, de cabello crespo, & gentis homês, & mais particularmête o sam

Num. e.
5.
Experiência que faz a zia das adúlteras na lei velha.

Trazem
cornos.

os Mocarangas, que viuem nas terras do Quiteue. Todos trazem a cabeça chea de cornos por galantaria, os quaes fazê do mesmo cabello, torcidos, & direitos pera cima como hum fuso, & dentro nelles metem hús paos delgados, pera que andem direitos, sem se podem dobrar, & por fora os trazem enrolados com húa fita de certa casca de herua como casca de trouisco, a qual em quanto está fresca pega como grude, & depois de seca fica pegada & dura como pao. Com estas fitas cingem os cabellos em molhos da raiz até a ponta, fazendo de cada molho hū corno muito bem feito, & niffo tem toda sua bizarria, & galantaria, concertandose hús aos outros. Zombaõ muito dos homês que não trazê cornos, dizendo que andão como molheres, porque o homem como macho ha de ter cornos, comparandose niffo cõ os syluetres animaes, entre os quaes as femeas não tem cornos, como são os veados, Merûs, Zeuras, Paraparas, & Nondos. Nenhum Cafre pode trazer os cornos da feição & modo que os traz o Quiteue, o qual traz quatro cornos, hum de palmo

Compara
raõse a
brutos
animaes

sobre a moleira, como vnicone, & tres de meyo palmo, hū delles sobre o toutiço, & dous sobre as orelhas, cadahum de sua parte, mui direitos pera cima, & por respeito destes cornos andão todos cõ a cabeça descuberta, & não vĩaõ de chapecos.

¶ O vestido do Rey, & dos mais senhores, he hū panno fino de algodão, ou de seda, cingido da cinta pera baixo até os artelhos, & outro muito mayor do mesmo algodão, que os Cafres tecem, a que chamão Machiras, ou de seda, lançado polos hõbros ao modo de cappa, cõ que se cobrem, & embução, deixando sempre a ponta do panno da mão esquerda tão cõprida, q̄ lhe vã arrojando pelo chão, & quanto mais lhe arrasta, mais magestade & grauidade he pera elles, & todo o mais corpo trazem nũ. Andão todos descalços, até o mesmo Rey. Os demais Cafres pobres q̄ são quasi todos, andão nũs, afsi homês, como molheres, té se estranhar, nê terê diffo pejo, & os q̄ mais bêvestidos andão trazê húa pele de bogio pendurada da cinta pera baixo, por diante, como auetal de ferreiro, & as molheres o mesmo,

Vestidos
q̄ vlam.

Andam
nũs.

&

& todo o mais corpo anda nũ, por causa de ferẽ mui pobres, & não terẽ posse pera comprar hum panno com que se cubraõ polo menos da cinta ate o joelho. Este he o vestido & trajo da mör parte de toda esta Cafraria, saluo daquelles Cafres q̃ tẽ comércio cõ os Portuguezes, ou viuem entre elles, porque os mais destes andão cingidos com hum panno da cinta atè o joelho, & os que mais podem trazẽ outro panno maior polos hombros a modo de cappa, com que se cobrem, & o demais corpo todo nũ.

¶ Entre todos estes Cafres não ha officiaes, saluo ferreiros, que fazem frechas, azagayas, enxadas, machados, & hũas meas espadas, a q̃ chamão Lupangas, & recelões, que fazem algũs pannos grossos de algodão, do tamanho de hum lençol meão, a que chamão Machiras. Este algodão fião as mulheres, o que fazem quasi imprópriamente, porque o seu officio mais ordinario he cauar, roçar, & fazer sementiras, & tão propria he a enxada nas mãos das Cafras, como a roca na cinta das mulheres de entre Douro & Minho, polo q̃ os Cafres que acertão

de ter mulheres trabalhadeiras, são mais ricos, & tem melhor de comer. Algũs Cafres tambem roçãõ & cauãõ, & ajudaõ suas mulheres, mas são mui poucos os que isto fazem, porque todos são priguçosos, & amigos do ocio, & dados a folgar, cantar, & bailar; & por este respeito são pobres, & no que mais se exercitãõ, he em caçar syluestres animaes, bogios & feras, pera comerem.

¶ O Quiteue costuma fazer algũas caçadas Reaes, a que leua todos os Cafres da cidade em que mora, q̃ são tres, ou quatro mil homẽs, pouco mais ou menos, & cõ toda esta gente se vay aos matos, que estãõ perto da cidade, & cerca muita parte delles em roda, & desta maneira vê todos em ala batendo o mato, & enxotando quantos animaes nelle estãõ, com grande grita, & alaridos, atè os virẽ cercar em algũ campo descuberto, onde se ajuntãõ tygrẽs, onças, leões, elẽfantes, bufaros, veados, porcos javalis, & outros muitos animaes brauos, de que os matos são bem pouoados, & depois que tẽ este gado cercado, & encerrado entre si, então lhe lançãõ os cães, & lhe tirãõ cõ frechas,

Caçadas
Reaes, q̃
faz o
Quiteue

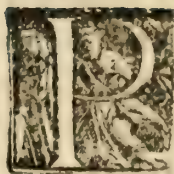
Officios
q̃ tem os
Cafres.

& azagayas, & matão muita parte delle, de que fazē muita chacina, & taffalhos, alsi pera o Rey, como cada hū pera si. Nesta caçada que o Quiteue faz muitas vezes, he licito aos Cafres poderē matar leão, & não em outro tempo, ou lugar fora daqui, porque ha em todo este Reyno hūa ley, que o Quiteue tē posta, em que manda sopena de morte, que nenhūa pessoa mate leão, porque elle chamase leão grande, & como tal diz que he obrigado a conseruar a vida dos mais leões, & samente em sua 'presença permite q̄ os possaõ matar por recreação sua. Desta carniça comē todos naquelle proprio lugar cō muita festa & regozijo, & a mais carne trazem pera suas casas.

Priuegio dos leões.

¶ CAPITVLO TREZE ;
Das viuedas & lugares dos Cafres,
& dos mantimentos que comem,
& modo que tem em julgar suas empofias, & causas.

Pouoações em q̄ morão



Osto que muytos Cafres desta Ethio pia viuē polos matos, embrenhados em suas choupanas, cō suas mo

lheres & filhos, como syluestres animaes, cō tudo os mais delles habitão em pouoações pequenas, & outras mui grandes de dous; & tres mil vizinhos. Em cada pouoação destas mora hū governadōr, ou capitão, posto pola mão do Rey: o qual tē jurdição pera julgar as empofias, & demandas dos Cafres da sua pouoação em cousas leues, mas não em casos graues, porque de todos esses toma conhecimento o Rey, & diante delle se trata, & elle os julga verbalmente como lhe parece. As penas de dinheiro, ou de bēs algūs, ē que os Reos são condenados por el Rey, ou por algū capitão, ametade delles são pera o julgador, & a outra ametade pera o autor: & o reo paga tudo à risca.

¶ As casas em que viuē estes Cafres são redondas, de madeira tosca, cubertas de palha, do modo de hum palheiro do campo. Esta casa mudão de hūa parte pera outra cada vez que elles querem. O mouel que tem dentro, he hūa panela em que cozem o milho q̄ comem, & duas enxadas pera cavarē, hū arco, & frechas com q̄ cação, hūa esteira de junco, que

Comō julgão suas de-mãdas.

Mouel de suas casas.

que elles mesmos recê, em que dormê, & mais ordinario nelles he dormir no chão, & quando té frio fazê fogo no meyo da casa, & dormê ao redor del le marido, & molher, & filhos, metidos no borrarho como gatos. Esta pobreza, & vida miseravel, he ordinaria de toda a Cafraria, no que sintem pouca pena, por nacerê, & se criarem deste modo: & tão costumados andão já cô estes trabalhos, q os té por vida, & natureza, como brutos animaes, a que são semelhantes é muitas cousas.

em dous, daõ, & crião hũas espigas muy grandes, cheas de graõ quasi do modo & feição de centeo, de que os Cafres colhem hũa grande novidade, de que se sustentão, & fazê delle tanto caso, quasi como do milho. Eu comi algũas vezes paõ que se fez desta semente, & achei que era muyto bastante mantimento. També ha muito arroz por estas terras, mas os cafres não lhe são tão afeiçoados como ao milho, que he mais sustancial, & poê mais força que o arroz, mas ordinariamente o semeão pera vêder aos Portugueses, & mais em particular na costa de Melinde, & do Cabo delgado, onde ha infinito arroz, que he vinia ga de muitos mercadores.

Mantimêto mĩ
lho & ar
roz,

Milho
mantimê-
to ordi-
nario.

¶ O mantimêto ordinario dos Cafres, he milho, legumes, frutas do mato, & pescado que tomaõ nos rios em couãos, & caniços, & todo genero de animaes, que matão polos matos, & brenhas, como são bogios, cães, gatos, ratos, cobras, & lagartos, assi da terra, como dos rios, a q elles chamão Gonas, & nõs Crocodillos, de modo q a nenhũa carne perdoão.

¶ O vinho ordinario, que bebem estes Cafres, he feito de milho, a que chamão Pombe. Este fazem da maneira seguinte. Primeiramente deitão de molho em agoa hum alqueire de milho, pouco mais ou menos, onde o deyxão estar dous dias, nos quaes arrebenta, & nace, & depois disto lhe escorrem aquellã agoa, & o enxugaõ duas ou tres horas, & elle bem enxuto, o pisaõ muyto bem, ate que fica como massa:

Vinhõ q
se faz de
milho,

Mantimêto de
cannas
brauas.

¶ Em algũas partes desta Cafraria, & mais é particular na terra firme, q está defrõte das ilhas do Cabodelgado, ha muitas cannas, como as de Portugal brauas, que nace polos valados, os quaes de tres em tres annõs, & muitas vezes de dous

O que fazê em hum gral muy grãde, que dà pola cinta a hũa pessoa, ao qual os Cafres chamão Cuni, & os Portugueses Pilão, como fica dito. Feita esta massa, poê 20 fogo hũ grande azado meyo de agoa, & depois que ferue lhe vão botando obra de meyo alqueire de farinha de milho pouca & pouca, indoa mexendo, como quando se faz hum caldo, & como ferue hũ pouco, tiraõ o azado do fogo, & deitaõlhe dentro a massa que tê feita do milho pisado, mexendoa sempre até que se desfaz em polme; & desta maneira fica este azado dous dias, nos quaes està o cozimento feruendo, & cozêdo sem ter fogo, como faz o mosto das vuas, & a cabo de dous dias o bebem, & desta maneira o fazê cada dia. Este pombe embebeda como vinho, se bebê muito delle, sustenta tanto, que muitos Cafres não comê nem bebem outra cousa, mais que este pombe, & fomenta cõ elle viuem. Se o deixão estar no azado quatro ou cinco dias, faz se muito azedo, & quanto mais azedo he, mais embebeda, & com esse folgão os Cafres, por que dizem que lhe poem mais força.

○ pōbe sustenta & embebeda.

¶ Em toda esta Cafraria se cria hũa certa herua, que os Cafres semeão, a que chamão Bãgue, a qual he da propria feyção de coentro espigado, & parece muito cõ elle na semente, & na palha, mas não na folha, porque esta a tem ao modo de goiuos. Esta palha & folhas secão os Cafres, & depois de bem secas as pisaõ, & fazem em pò, & deste comê hũa maõchea, & bebêlhe agoa encima, & assi ficão muy satisfeitos, & cõ o estamago confortado, & muitos Cafres ha que cõ este banguê se sustetão muitos dias, sem comer outra cousa, mas se comê muito junto, embebedaõse cõ elle de tal modo, como se bebessem muito vinho. Todos estes Cafres saõ muy amigos desta herua, & ordinariamente a comem, & com ella andão meyos bebados, & os q̃ saõ costumados a ella escusaõ o pombe, porque sò com ella se satisfazem.

Herua Banguê, sustenta & embebeda.

CAPITVLO CATORZE

De algũas leys que os Cafres tem, & das sortes de que vsaõ, & lançãõ em todos seus tratos.

Todos

Vsaõ de
Sortes.



Odos estes Cafres primeiro q̄ façãõ algũa coufa, ou se-ja caminho, ou mercancia, ou fementeira, lançãõ sortes, pera saberẽ se lhe socer-derà bem, ou mal, & se a sorte lhe fae diferente do que elles querẽ, não fazem aquelle dia o que determinauãõ fazer. Por estas sortes adeuinhãõ tambẽ muitas coufas perdidas, ou fur-tadas, & estes cuidõ eu que sãõ feiticeiros, posto que elles se não manifestãõ por taes. As sortes de que todos vsãõ, sãõ hũs pequenos de pãõ redõdos, espalmados, & furados polo meyo, & mais pequenos que tauolas de jugar: a estes paos ou sortes chamãõ os Cafres Chacatas, & todo o Cafre traz estas cachatas cõsigo, enfiadas em hũa linha, pera vsar dellas quando lhe socede algũa coufa duuidosa; nos quaes casos lançãõ estas sortes, do modo q̄ ca fazẽ com dados, hũas tantas vezes, & nellas dizẽ elles que se lhe mostra o que querem sa-ber, ou de bem, ou de mal, & tanto credito lhe dãõ, como nós ao Euangelho. Os Cafres que se achãõ sem estas chacatas, quando lhe socede alguma coufa duuidosa que ajaõ de cõ

sultar pola sortẽ, entãõ fazem outro modo de sortes no chãõ com certos riscos, a que tambẽ dãõ muito credito.

¶ Dos Chinas se conta que tambẽ lançãõ estas sortes dian-te dos idolos, & se ellas não lhe acodem à sua vontade, dãõ muita pancada nos idolos, & queimãõ lhe õs pès, ou mãos, & quando menos mal lhe fa-zem, he metelos na agoa, ou dar cõ elles em terra tantas ve-zes, atè que lhe fae boa sorte: & posto que depois ao expri-mentar o negocio sobre q̄ lan-çarãõ a sorte lhe soceda ao cõ-trario do que esperauãõ, com tudo nunca se acabãõ de desen-ganar, & ter as taes sortes por falsas, & incertas.

Os Chi-nas tẽ o o mesmo erro.

Algũs Cafres ha q̄ sãõ gran-des feiticeiros, & fallãõ com o diabo, a quem chamãõ Me-stre das feitiçarias. E porq̄ os mais delles sãõ inclinados a es-te vicio, por tanto he prohibi-do polo Rey da terra, que nin-gũe seja feiticeiro sem sua li-cença, porque samente elle, & seus ami-zos quer quevsem de-sta sciencia. E todo o Cafre q̄ for feiticeiro sem licença del-Rey, tem pena de morte, & per-da de seus bẽs, molher, & filhos ametade pera el Rey, & ame-tade

Ningũe pode ser feiticeiro sem licença do Rey.

tade pera que o accular: E com ser esta pena tão rigurosa, não faltão muitos feiticeiros secretos, & todos o foraõ se puderão, segundo são inclinados a este vicio, & com ser isto assi, afrontãose muito de lhe chamarem Moroy, que quer dizer feiticeiro. Esta mesma pena do feiticeiro té o ladrão, a que chamaõ Baua, & a mesma té o adultero, & qualquer pessoa pode matar estes tres generos de gente em flagrante delicto, se porisso ter pena algũa. Se com tu do a parte agrauada não quer que morra o adultero que lhe fez adulterio, ou o ladrão que o roubou, ou o feiticeiro. q̄ lhe fez feitiços, então ficão os tais malfeitores catiuos das mesmas partes a que agrauarão, & elles os podẽ vender, & fazer delles o que quiserẽ, como de cousa sua, & assi lhe chamão depois de catiuos o seu ladrão, o seu adultero, o seu feiticeiro. Esta pena de perder os bẽs pera el Rey, he mui comua entre estes Cafres por quaesquer delictos, polo que os mais delles ajuntão (como elles mesmos dizẽ) fazenda pera el Rey, por que ou tarde ou cedo, elles fazem, ou lhe arguem couzas por onde a percão.

O ladrão adultero feiticeiro, té pena de morte.

¶ CAPITVLO QVINZE,

Dos casamentos, partos, & mortas das destas Cafres.



O S Cafres destas terras compraõ as molheres com que casão a seus pays ou mãys, & por ellas lhe dão vaccas, pannos, contas, ou enxadas, cada hũ segundo sua possibilidade, & segundo a molher he. Pola qual rezão os Cafres que té muitas filhas pera casar, são ricos, & viuẽ mui contentes com ellas, porque té muito que vender. Se algũ Cafre viue descontente de sua molher podea tornar a que lha vendeo, mas fica perdendo todo o preço que deu por ella quando a cõprou, & o pay ou mãy he obrigado a tomar a filha egeitada, & depois de a ter em seu poder fica descaçada do marido q̄ a repudiou, & o pay a pode tornar a veder & casar com outro marido. A molher não se pode apartar do marido, nẽ deixalo, nem engeitalo, porque em certo modo fica como sua catiua, que lhe custou seu dinheiro. Quando estes Cafres casaõ não tem mais ceremonias, que concertarẽse

O S Cafres compraõ as molheres, & põe de engeitalas,

as partes, & o dia do casamêto
fazrê grâdes bailos, festas, &
jogos, em q se achão presentes
quantos moradores ha naquel
le lugar onde se faz o casamen
to: & cada hũ dos conuidados
traz sua offerta de milho, ou fa
rinha, inhames, grãos, feijões,
& o mais que cada hũ pode; ou
quer trazer, & tudo isto dão a
os noiuos pera ajuda dos gaf
tos daquelle dia, & a môr par
te destas offertas se gasta nest
tas vodas em comer & beber.

Todo o Cafre que quizer ter
duas molheres, o pode fazer,
se tem posse pera isso, mas sãõ
poucos os q podê, & assi naõ
tem mais de hũa, saluo os gran
des, & senhores do Reino, porq
esses tẽ muitas, entre as quaes
hũa sõ he molher grande, prin
cipal, & mais estimada, fican
do as outras como mancebas.

¶ Algũas Cafras ha nestas
terras taõ agrestes, como as fe
ras, & syluestres animacs, o q
mostrãõ claramente em seus
partos, porque muitas dellas
quando lhe dão as dores de pa
rir vãose aos matos, & nelles
andãõ passeando de hũa parte
pera outra, recebendo o chei
ro do mato syluestre, cõ que
parê mais depressa, como se fo
rãõ cabras, & depois que parê

vãose às lagoãs, ou rio, & nel
le se lauão, & os filhos que pa
riraõ, & dali se tornão pera su
as casas com elles nos braços,
sem se apertarê, porque não tẽ
cõ que o possaõ fazer, né o co
stumão, nem menos se deitaõ
em cama, porque a não tẽ pera
si, nem pera os tenros filhos,
mais q hũa esteira, ou hũa pou
ca de palha, onde quando mui
to se deitaõ o dia que pariraõ,
saluo se ficão doentes, como
muitas vezes lhe acontece.

¶ Quando algũ Cafre mor
re, naõ samente o choraõ seus
parentes & amigos, mas també
os moradores do lugar, ou al
deã em que moraua, & o pran
to dura todo aquelle dia em q
morreo, & o mesmo dia o le
uaõ a enteriar encima da estei
ra, ou catre em que morreo: &
se o defunto tinha algũ panno
pera sua mortalha, vay amor
talhado nelle, & senão vay nũ
como andãua sendo viuo. Fa
zêlhe a coua dentro no mato,
onde o metê quasi assentado,
& junto delle poê hũa panella
de agoa, & hũ pouco de milho,
o qual dizê que he pera o de
funto comer, & beber naquel
le caminho que faz pera a ou
tra vida, & sem mais ceremo
nias o cobrê de terra, & sobre

a coua

Como
casão.

Os Caf
res tem
muitas
molhe
res.

Enterra
mentos
dos Caf
res.

As Caf
ras parê
no mato

A coua lhe põe a esteira, ou o catre em que o leuaraõ a enterrar, onde se gastão & consumẽ cõ o tẽpo, sem mais se ferirem delles, ainda que se jão no uos, porque tẽ grande agouro em tocar na esteira, ou catre, e que alguẽ morre, tendo pera si que daquelle tacto se lhe pode pegar a morte, ou algũ mal.

Agouro dos Cafres.

Modo q̃ os Cafres tem em chorar seus defũtos.

¶ Os parentes, & amigos, choraõ o defunto oito dias, pola manhã, ao meyo dia, & ao sol posto, hũa hora decada vez, pouco mais ou menos: o qual pranto fazẽ bailando, & cantando em voz alta muitas lamentações, & profas lastimosas feitas ao seu modo, todos juntos em pẽ postos em roda, & de quando em quando entra hũ dos circunstantes no meyo da roda, & dà hũa volta, ou duas, & logo se torna a seu lugar; & depois que acabão este pranto, assentão se todos em roda, & comẽ & bebẽ pola alma do defunto que chorarão. Isto concluydo, vay se cada hũ pera sua casa. Pera este conuete con tribuem os parentes mais chegados do defunto.

¶ Todos estes Cafres sãõ deshumanos, & crueis hũs pera os outros. Se algum delles adoece, & não tẽ molher, ou pa

rentes, & amigos, que lhe queiraõ muito, & curẽ delle, ordinariamente morre aodesemparrado, porque nenhũ outro Cafre ha que se doa delle, nẽ lhe dẽ coufa algũa de comer, ainda q̃ o veja estar perecendo, & morrẽdo cõ fome, & necessidade; da qual doença cõmummente morrẽ todos, por serẽ mui pobres, & miseraueis, & auaros de qualquer coufa de comer, ou beber que tenham: & quando muito fazẽ a estes desemparrados, he leualos algũ seu amigo ao mato, & deitalos ao pẽ de hũa aruore, ou mouta, pondo junto dellẽs hũa panella de agoa, & hum pouco de milho, pera que comãõ, & bebãõ, se puderẽ, & ali os deixãõ atẽ que acabãõ de morrer, sẽ mais terẽ cuidado delles; & ainda que algũ Cafre passe por junto delles, & os veja lamentar, ou gemer, não se doe delles pera os remediar. Algũs Cafres ha que tẽ esta deshumanidade tanto por natureza, que e si mesmos executãõ sua crueldade, porq̃ em se sintindo mal, & parecendo dolhe q̃ jã estãõ no vltimo da vida, mandãõ se levar aomato, & postos ao pẽ de hũa mouta, se deixãõ morrer como brutos animaes,

Deshuã manida de dos Cafres.

Deixãõ morrer os enfermos ao desemparrado.

¶ CAPIT. DE ZASEIS,
De Cafres aluos, & homẽs que cria-
rão filhos a seus peitos, & de ou-
tras monstrosidades.

Cafres
aluos.



Algũas Cafras ouve
nos Reinos do Mo-
caranga, que pari-
rão filhos muito al-
uos, & louros como Framen-
gos, sendo seus pays negros
como pez. No tempo que
eu andaua nestes Reynos do
Quitene, estaua hũa criãça des-
tas brãca na sua corte, q̃ o Rey
ali tinha, & sustetaua, por cou-
sa mui estranha, & prodigiosa:
O Manamotapa tinha em sua
casa outros dous Cafres aluos
com a mesma admiração. Di-
zẽ os Cafres, que estas crian-
ças que nacam brancas de mo-
lheres pretas, sãõ filhos do di-
abo, porque elle os gera nestas
Cafras, estando ellas dormin-
do. Dom Hieronymo Couti-
nho vindo da India por capi-
tão mór das naos no anno do
Senhor de 1600. trazia na sua
nao hũa Cafrinha muito alua,
que lhe deu na India o Visorei-
dom Francisco da Gama Con-
de da Vidigueira, a qual eu vi
em Goa em sua casa, & depois
na ilha de santa Helena, onde
estiuemos todos, vindo eu na

mesma armada. Esta Cafrinha
filha de dous Cafres pretos,
era tão alua, q̃ ate as pestanas
dos olhos tinha brancas: falle-
ceo no mar vindo da ilha de
santa Helena pera Portugal.

¶ Em hũ rio chamado Inha-
guea, que està entre Sofala, &
o Rio de Luabo, vi hũa negra
velha demais de sessẽta annos,
parida de poucos mesẽs, estar
dando de mamar ao filho que
pario sendo daquella idade.

Muitas Cafras parem dous, &
tres filhos de hum parto: eu vi
hũa em Sofala, que pario tres,
morreolhe hum, & criou dous,
ate serem de perfeita idade.

¶ Hũ Cafre Christão vi em
Sofala, chamado Pedro, o qual
morrendolhe a molher depois
de parir hũa filha dahi a hum
mes, elle mesmo tomou a mi-
nina, & lhe deu de mamar a se-
us peitos, com leite que nelles
teue, & a criou perto de hũ an-
no, atẽ que lhe morreo de lom-
brigas, & não por falta de lei-
te, & depois de a minina falle-
cer se lhe secaraõ os peitos, &
nunca mais teue nelles leite.

Hũ dia me mostraraõ este Ca-
fre em Sofala, & contandome
delle o caso extraordinario q̃
tenho dito, o mandey chamar,
& pergunteilhe o modo que
teuera

Cafra ve
lha, q̃ pa-
rio.

Homẽ q̃
criou a
seus pei-
tos.

tiuera pera lhevir leite aos pei-
tos. Elle me respondeo, que a
muita pobreza, & necessidade
em que se vira posto nos ma-
tos onde moraua cõ hũa crian-
ça sem mãy, chorando, sem ter
quẽ lhe desse de mamar, essa o
ensinara, & mouera a meterlhe
o seu peito esquerdo na boca,
pera desta maneira a fazer ca-
lar, chupando nelle em seco, &
depois lhe daua papa muito ra-
la a beber; & continuando isto
dous ou tres dias, no cabo del-
les lhe acudio leite ao mesmo
peito em que a minina mama-
ua, & pouco & pouco lhe veyo
crescendo o leite em tanta qua-
tidade, que foy bastante pera
criar sua filha perto de hũ an-
no, ate que morreo, como fica
dito.

Hum Tu-
deu que
criou seu
filho aos
peitos.

¶ Contando eu na India es-
te caso, me differão pessoas de
credito, q̃ na fortaleza de Or-
muz ouue hum Iudeu de final
(dos quaes viuem muitos na
India) o qual tambẽ criou hũ
filho a seus peitos por falta da
mãy, & molher sua, que lhe fa-
leceo na dita fortaleza, deixan-
do a criança de pouca idade, &
por ser pobre não quis buscar
ama pera o filho, porque tinha
leite nos peitos muy bastante
pera o criar, como criou.

¶ Hũ Cafre vi no rio dos

bõs sinaes, a que õs Cafres cha-
mão Quilimane, o qual tinha
peitos muy grandes saydos pe-
ra fora como peitos de hũa mo-
lher que cria, mas este nunca
teue leite nelles, porque lho
preguntey, & me informei dis-
so, dizendome que de sua pro-
pria natureza tinha os taes pei-
tos, & que já seu auõ da parte
da mãy tiuera os mesmos pei-
tos grandes.

Homem
q̃ tinha
peitos co-
mo mo-
lher.

¶ Gabriel Rabello feitor, &
alcayde môr que foy da fortala-
za de Maluco, no liuro que

7. parte,
cap. 10.

fez das cousas notauéis daquel-
las ilhas Malucas, dirigido a
dom Constantino Vicerey q̃
foy da India, diz que hũ seu cõ-
padre & amigo, morador na
mesma fortaleza de Maluco,
chamado Francisco Palhã, ti-
nha hũ grande bode em sua ca-
sa, juntamẽte cõ outrascabras,
o qual tinha hũa grande teta-
chea de leite, em que lhe ma-
mauão os cabritos, & elle os
consentia, & agalhaua, como
se fora sua propria mãy.

Bode q̃
teue hũa
teta com
leite.

¶ Depois que vim da India
pera Portugal, soube como em
Moura, villa nobre de Alente-
jo, viuia hum homẽ pobre, que
ordinariamẽte ganhaua de co-
mer por seu suor, ao qual com-
mũmente chamauão Pay ve-
lho, & por este nome era muy
conhe-

conhecido naquella terra. Deste homem me affirmarão, que auia muitos annos que tinha leite nos peitos, & ainda o je sendo de idade de mais de sesenta annos, o tinha em tãta abundancia, como pode ter hũa mulher que cria, o que elle tambem dizem que fez, dando de mamar a duas crianças, filhas de hũa sua sobrinha, ou parêta, em cuja casa elle estava. Este homẽ inda oje viue, & preguntando eu por elle a pessoas de Moura, pera me inteirar na verdade deste prodigio, me disserão que algũas vezes virão este homem sobre apostas, & porfias que outros fazião, se tinha leite ou não, apertar o peito cõ a mão, & lançar leite d'elle que lhe esguichaua fora em muita quãtidade, & tão grosso, que o prouaua na vnha onde se tinhão algũas gotas pegadas & pèduradas na mesma vnha, sem cayrem. A hum religioso da ordem de S. Domingos, indo ter a esta villa, mostrarão este homẽ, & lhe cõtatarão como elle dera de mamar a duas crianças, & as ajudara a criar, da maneira que se segue, e fica dito.

¶ CAPIT. DE ZASETE
Das guerras que teue o Governador
Francisco Barreto com os Cafres do Quiteue.



Poucos annos auia que el Rey dom Sebastião tinha tomado o gouerno de Portugal, quando mandou Francisco Barreto com titulo de Governador, & capitão geral de hũa grossa armada, pera ir a Sofala, cõquistar as minas de ouro, que auia no Reino do Mocaranga, & particularmente as minas da Manica: em cuja conquista o dito Governador teue grãdes & crueis guerras cõ o Quiteue, Rey das terras que estão entre Sofala, & a Manica, porque sempre este lhe quis tolher, & defender a passagem pera as ditas minas, situadas no Reino doutro seu vizinho, chamado Chicanga, & não podia o Governador passar a estas minas, sem atruessar todo o Reino deste Quiteue, o qual o não queria consentir, assi por não terem os Portugueses cõmercio, nẽ tratado com o Chicanga seu inimigo, leuandolhe a suas terras muitas roupas, & contas, pera resgatarem cõ ellas ouro das suas

suas minas, cõ que podia ficar muito rico & poderoso, cousa que elle não queria ver é seu inimigo, como tambẽ por lhe não deuassaré suas terras, arruessandolhe todo seu Reyno; polo que sempre defédeo esta entrada aos Portugueses, & muitas vezes sayo ao encôtro a Francisco Barreto, que hora caminhaua por terra, hora navegaua polo rio de Sofala acima, seguindo sempre sua conquista com sua gente, & soldadesca ordenada; nos quaes caminhos o Quiteue lhe representaua muitas batalhas, & pelejaua com os Portugueses muy esforçadamẽte, dandolhe muy to trabalho, & matando algũs: o que tambem fazia cõ muyto riscõ de seus Cafres, porque os Portugueses, sempre hião matando nelles, & desbaratãdolhe seus exercitos, & cidades, que os mais dos dias lhe armauãõ, emboscados polos caminhos. E o Quiteue não trataua de outra cousa mais, q̃ de ajuntar gẽte de refresco, & mandala cadãdia pelejar com Francisco Barreto, pera q̃ lhe tolhesse o caminho, mäs nada bastaua pera desfazer o esforço, & animo cõstante dos Portugueses, que sempre forãõ rõ

Recôtro dos Cafres com os Portugueses.

pendo, & desfazendo os recõtros dos inimigos, padecendo juntamente grãdes fomes, por falta dos mantimẽtos, que os Cafres lhe esconderaõ, & tiraraõ de todas as pouoações, & terras, por onde os Portugueses passauãõ, & desta maneira cõ fomes, & guerra continua, & cõ suas armas às costas, foraõ caminhando atè a cidade de Zimbaohe, onde estaua o Quiteue, o qual sabendo de sua chegada, fugio da cidade, & recolheose em hũas grandes serras que perto estauãõ, com suas mulheres, & muita parte da gente da cidade, que leuou pera sua guarda, de maneira que chegando Francisco Barreto à cidade, achou nella pouca resistencia, & logo lhe pos fogo, queimãdo muita parte da pouoação: & depois disso foy continuando seu caminho pera o Reino da Manica; onde chegou dahi a dous dias, sem auer quem lhe tolhesse a passagem, antes o Chicanga sabendo de sua chegada o mandou visitar ao caminho com muitos mantimentos, & vaccas, notificãdolhe como estaua muy aluoroçado pera o ver em seu Reyno. Francisco Barreto lhe mãdou agardecer

Chega Francisco Barreto à Manica

esta boa vontade, & gafalhado, que lhe fazia, & juntamente lhe mandou hum bom presente de roupas, & cōtas, com que o Cafre ficou muy satisfeito, & contente: & tanto que Francisco Barreto chegou à sua cidade, o fayo a receber com muyta festa, & todos os dias que ali esteve o tratou com muyto amor, cortesia, & gafalhado, dandolhe todos os mantimentos necessarios pera seu exercito muy abundantemente. Neste tempo assentou Francisco Barreto pazes com o Chicanga, pera que dali por diante pudessem os Portugueses entrar liurementemente polo seu Reyno com suas mercadorias, & resgatar o ouro de suas minas, sem auer quem lho estoruasse. As quaes pazes & amizade o Chicanga aceyitou com muyto gosto, prometendo de as guardar, & sustentar com muyta fidelidade pera todo sempre.

¶ Tanto que os Portugueses se viraõ na terra do ouro, cuydarão que logo pudessem encher sacos delle, & trazer quanto quisessem; mas depois que estiueraõ algũs dias encima das minas, & viraõ a grande difficuldade, & trabalho, q̃

os Cafres tinhão, & o grande risco, & perigo de suas vidas, a que se punhão pera o tirar das entranhas da terra, & das pedras, ficaraõ frustrados de seus pensamentos.

¶ Este ouro tiraõ os Cafres da terra, & se apanha de tres maneiras. A primeira, & mais ordinaria he, fazendo grandes couas, & minas, por bayxo das quaes andão cauando a terra, polas veas que já conhecem, & dali a tirão pera fora, & a lauão com agoa em gamellas, & assi lhe tirão todo o ouro que a terra tem. Isto fazem cõ muyto perigo de suas vidas, porque muytas vezes se arruynão as minas, & os apanhão debayxo, & assi morrem muytos neste officio: mas he o interesse & cubiça tanta, que tem das roupas, que os Portugueses lhe dão polo ouro, que a todos os perigos se arriscão, polo tirar das entranhas da terra. O segundo modo de apanhar o ouro, he quando choue, porque então andão os Cafres todos polas regueiras dos campos, & das serras embusca do ouro, q̃ então fica descoberto cõ as êxurradas, & corrêtes das agoas, onde se achão muytas lascas, & pedaços de ouro.

Tres modos de tirar ouro das minas.
1. modo,

2. modo,

3. modo. Terceiramente se tira o ouro de certas pedras que se achão em minas particulares, dentro nas quaes pedras estão muytas veas de ouro, & pera lho tirarem, as quebraõ, & fazem em pó, & depois lãuaõ to do aquelle pó em gamellas, & o que não he ouro se desfaz com a agoa, & vay fora, & o ouro fica pegado no fundo da gamella, donde o recolhem. A este ouro das pedras chamaõ os Cafres Matuca, & he ouro bayxo, & de poucos quilates, & a todo o outro ouro chamaõ Dahabo, quer seja em pô, quer em lascas.

Depois que Francisco Barreto assentou pazes com o Chinganga, despediose delle, & tornou a voltar polo mesmo caminho, com determinação de passar pola cidade do Quiteue, & fazerlhe cruel guerra, quando elle não quisesse pazes com os Portugueses: mas o Quiteue sabendo de sua volta, tomou melhor conselho que dantes, & o dia que Francisco Barreto começou de entrar polo seu Reyno, lhe mandou cometer pazes: as quaes Francisco Barreto accitou cõ muyto gosto, por assegurar este caminho aos mercadores de So-

fala. E visto o pouco proueyto que o Quiteue tinha de lhe atrauessarem suas terras, leuando as mercadorias a outro Reyno, pera de là trazerem ouro, pareceo bem que lhe dessem algũa cousa pera o contentar, & assentarão que o capitão de Sofala que entã era, & o que fosse dali em diante, seria obrigado a dar ao Quiteue em cadahum anno duzentos pannos de tributo: polo qual respeito o Quiteue lhe fãria todas suas terras francas, & seguras, pera que os Portugueses dali por diante as pudessem liuremente atrauessar, & leuar suas mercadorias ao Reyno de seu vizinho Chinganga, & trazer de là ouro, sem ninguem lho cõtradizer, nem fazer agrãuo algũ: & aysi mais fãria todo o rio de Sofala franco, pera que os moradores da fortaleza mandassem buscar a elle mantimentos liuremente. Aceitadas estas pazes, & concertos por ambas as partes, tornou se Francisco Barreto pera Sofala pacificamẽte, deyxando todas as terras do Chinganga, & Quiteue quiẽtas, & de paz com os Portugueses.

Pazes & cõcerto do Quiteue, com Frãcisco Barreto.

¶ CAPITULO XVIII.

¶ Da Curua, ou tributo, que os Portugueses, & os Cafres pagão ao Quiteue, & de como se arrecada.



Tributo q̄ se paga ao Quiteue.

Mutumes, ou embaixadores do Quiteue

O 1. res. presenta a pessoa del Rey.

O 2. boca del Rey.

A fica dito no capítulo atrás, que pagava o capitão de Sofala de tributo ao Quiteue Rey daquellas terras, duzentos pannos em cadahum anno por lhe franquear as terras. Estes duzentos pannos valem dentro em Sofala mais de cem cruzados, & isto entre os Portugueses, mas entre os Cafres valem mais de cem mil reis. A este tributo chamão os Cafres Curua, a qual mãda o Quiteue buscar, & arrecadar em cadahum anno dentro a Sofala da maneira seguinte.

¶ Manda quatro embayxadores, que pera isso elege, a quem os Cafres chamão Mutumes. Hum destes representa nesta jornada a pessoa do Rey, a quem todos os Cafres tem a mesma reuerencia, & respeito neste caminho somente. Ao segundo Mutume chamão Boca del Rey, o qual vem pera falar, & dar a embayxada do Rey. Ao terceiro chamão

Olho del Rey, porq̄ este tẽ cuidado de ver tudo quãto se faz nesta jornada, & embayxada, assi de mal, como de bem, pera depois que tornar à Corte relatar tudo ao seu Rey, & juntamente pera ver quanta roupa, & que tal he a que selhe entrega. Ao quarto Mutume chamaõ Orelha del Rey; o qual vê pera ouuir tudo o que se diz nesta embayxada, assi da parte do Rey, como da parte do capitão de Sofala, & se os embayxadores accrecentão, ou diminuem algũa cousa das embayxadas. Todos estes quatro embayxadores ordinariamente são senhores, & às vezes filhos do mesmo Rey, & mais em particular o que vem em seu nome, por que este sempre he mayor senhor que os outros tres. A todos estes Cafres dà o capitão muitos pannos, & contas, cõ que ficão satisfeitos & contentes, alem da curua que lhes entrega pera o Quiteue, as quaes dadiuas são os interesses de sua embayxada: & o Quiteue despacha a estes com semelhantes officios, por lhe fazer muita merce, & hõra, & lhes dar esta occasião de grangear o interesse & dadiuas, que o capitão lhes dà.

O 3. olho del Rey.

O 4. orelha del Rey.

Recebi-
mento q̄
se faz aos
embaixa-
dores do
Quiteue

¶ Estes embayxadores quando vem buscar esta curua, trazem consigo mais de cem Cafres, assi pera os acompanharem, como pera leuarem as roupas, & contas da curua às costas, como he seu costume. E antes que cheguem à pouoação de Sofala, obra de meya legoa poucò mais, ou menos, mandão recado ao capitão, de como já são chegados, & logo o capitão os manda receber polo Xequê de Sofala, que he Mouro, cõ outros algũs Mouros, pera virem em companhia dos Cafres atè a fortaleza: os quaes entraõ na pouoação todos juntos da maneira seguinte.

¶ Primeiramente, vem na dianteira algũs tangedores de tambores, & outros instrumentos, & algũs bayladores, & todos vem cantando & tangendo, & atroando a terra toda com suas defabridas & defentoadas vozes, com as cabeças ornadas de penachos de rabo de gallo. Logo detras destes se seguem os demais Cafres, ordenados todos em hũa fileyra: no cabo dos quaes vè os quatro Mutumes por sua ordem, & no vltimo lugar vem o que representa a pessoa do

Quiteue, & à sua ilhargã o Xequê dos Mouros, & desta maneyra muy bem ordenados, entraõ em Sofala. O capitão da fortaleza os aguarda, & recebe cõ muyta cortesia, em hũa sala da fortaleza, onde estã acompanhado de todos os Portugueses que ha na terra, & dali os manda aposentar no lugar dos Mouros, onde os sustenta de todo o necessario os dias que ali estã, q̄ são sete, ou oito. Neste recebimento costumaua o capitão muytas vezes mandar disparar a artelharia da fortaleza, pera cõ isso festejar aos Mutumes, mas elles se affombrãõ de tal maneyra com o estrondo della, que lhe pesaua muito de a ouuir, & achauao q̄ era hũa festa muyto pesada pera elles: & assi pediraõ ao Quiteue mandasse dizer ao capitão, que quando a sua gente fosse buscar a curua, escondesse os Inhafutes da fortaleza (que assi chamaõ às peças de artelharia) porque gritauão muyto, & eraõ muy agastados, & não auia quem lhe pudesse soffrer os seus gritos: & alem disso, que todos quantos ouuiaõ a quelle estrondo tão espantoso, ficauão affombrados delle

de

de tal modo, que se seccanaõ, & mirrauaõ, & muitos morrião d'isso. Este recado mandou o Quiteue ao capitão, & de então pera cá não desparão a artelhatia, & tem os Cafres tão grande medo della, que nem a mão ousaõ de lhe pôr encima quando vão á fortaleza, na porta da qual estão tres peças grossas. Da maneira sobredita manda o Quiteue todos os annos buscar esta Curua, ou tributo, que Francisco Barreto lhe prometeo, quando fez pazes com elle, no tempo da conquista, como fica dito.

¶ Os Cafres vassallos deste Quiteue tambem lhe pagão seus tributos, da maneira seguinte. Em todas as aldeas, & pouoações que ha no Reyno do Quiteue, se faz hũa grande seara de milho pera el Rey, & todos os moradores do lugar saõ obrigados a trabalhar nella certos dias no anno, que pera isso estão já determinados: de modo que os Cafres de cada pouoação, roção, canaõ, & semeão, & colhem esta seara, que naquelle lugar se faz pera el Rey, a qual o mesmo Rey manda arrecadar por seus feytores, que pera esse ef-

feito tem em cada lugar. Este he o tributo que todos pagão a este Rey, sem outra cousa alguma mais, saluo os mercados Cafres, que tratão em roupas, & contas, & em outras mercadorias com os Portugueses, porque esses pagão de cada vinte peças tres pera el Rey.

¶ Os Portugueses mercadores, que vão com suas fazendas á Manica, & passaõ pelas terras do Quiteue, pagão de tributo, ou direitos ao mesmo Quiteue, de vinte pannos hũ, & o mesmo pagão das contas, & desta maneira passaõ seguros por suas terras, ate o Reyno da Manica, onde estão as minas de ouro.

Tributo, q os mercadores Portugueses pagão ao Quiteue.

¶ CAPIT. DEZANOVE.

¶ De alguns costumes, abusos, & agouros, que tem os Mouros de Sofala.



Em muytos lugares desta costa da Ethiopia Oriental, viuem alguns Mouros baços, & nos costumes quasi semelhantes aos mesmos Cafres, & auntejados ainda em muytas superstições barbaras.

D 3 Quando

Tributo q os Cafres pagão ao Quiteue.

Cafamẽ-
to dos
Mouros
de Sofala

Quando algum Mouro destes casa, o dia de seu recebimento busca outro Mouro valente, & bem despoito, que o leue às costas, de sua casa até a da noiuua, sem descansar no caminho ainda que seja de meya legoa, como algũas vezes acontece, porque todos estes Mouros de Sofala viuem espalhados polos palmares circunstantes da fortaleza, que são como as quintas de Portugal, distantes hũs dos outros algũas vezes quasi hũa legoa. E se acõtece casar no caminho o Mouro que leua onoiuo às costas, & não poder chegar com elle até a casa da noyua, em tal caso se não faz o casamento naquelle dia, porque tem os Mouros por grande agouro não poder o desposado chegar à casa da molher que hade ser sua, sem descansar no caminho quem o leuã; & assi escolhem outro dia, & buscão outro Mouro mais esforçado, que o possa leuar de hũa só vez, sem descansar no caminho, & he tão vsada esta cerimonia entre elles, que nenhũ Mouro casa sem ella.

Mortas
Iha & cen-
terramen-
to dos
Mouros
de Sofala

¶ Todos os Mouros desta costa, ainda que sejam muito pobres, & não tenham de co-

mer em sua vida; com tudo fazem muito por ter guardado hum panno fino, ou canequim pera se amortalharem quando morrẽ. Enterraõse tambẽ nos matos como os Cafres, & dentro na coua lhe metem arroz, milho, manteiga, & agoa em algum vaso, & depois cobrem tudo de terra.

¶ Sobre a coua lhe poem duas pedras leuãtadas como marcos, hũa à cabeceira, & outra aos pês, as quaes vntaõ de sandalo moido cheyroso, não somente logo quando enterrão o defunto, mas tambem polo tempo em diante, vem ali seus parentes vntarlhe as pedras de sandalo, & lançarlhe arroz sobre as couas, & algũs lhe poem hum testo com brasas acetas sobre a coua, com incenso dentro, que esteja defumando aquelle lugar. Trazẽ estes Mouros a enterrar seus defuntos, encima das esteiras, ou catres em que morrem, os quaes lhe deyxão ficar sobre as mesmas couas, & ninguem se serue mais delles, ainda que sejam novos, & ali se gastão & consumem com o tempo, & este costume parece que tomaraõ dos Cafres, que todos fazem o mesmo.

Agouros
dos mo-
radores
de Sofala.

Os moradores de Sofala Christãos, tambem quando lhe morrem os escrauos, mandão que os leuem a enterar sobre os catres, ou esteiras em que morrerão, & não consentem que lhe tornem a levar pera casa as taes esteiras, ou catres, senão que fiquem sobre as couas dos defuntos, que ordinariamente se enterraõ no adro: mas eu sempre as mandava tirar, & lançar no rio, ou levar pera nossa casa pera o fogo, assi por desoccupar o adro, como por lhe tirar estes agouros, o que se firião mal algũs naturaes da terra, particularmente molheres: & chegou a tanto sua paixão, que me mandaraõ auisar com titulo de charidade que não bulisse com as mortallas, & alfayas dos defuntos, porque não era cousa boa, antes me poderião vir por isso muitos males, causados polos mesmos defuntos: mas eu tomei seu conselho tanto ao contrario, que dali por diante, nem contenti que catre algũ, ou esteira lhe ficasse sobre as couas, mas todas logo mandava lançar no rio: o que fazia (como tenho dito) por ver se lhe podia tirar estas superstições, & abusos, vendo elles

que nenhũ mal me vinha por isso, como dezião que me poderia vir.

Todos os naturaes desta terra, assi Mouros, & Gentios, como Christãos, dão muito credito a sonhos, de modo que se sonhão em cousas boas, andão mui alegres, & contentes, esperando que lhe soceda algũa cousa boa, ou lhe venha algũa boa noua: & polo contrario se sonhão roins sonhos, andão muito tristes, & pensatiuos, cuidando no mal que lhe pode soceder. E posto que algũas vezes lhes soceda ao contrario de seus sonhos, nem por isso deyxão de lhe dar credito. Se lhe bole o olho direito, dizem que lhes ha de vir algũa boa noua, ou que hão de ver muyto cedo algũa cousa que lhe dê grande contentamento: & polo contrario, se lhe bole o olho esquerdo. Se ouuem gritar algũa curuja denoite junto de sua casa, ou lhe passa voando por cima della, ou poufa no seu telhado, acodem logo com muita pressa a tomar as crianças nos braços, & depois disto andão por toda a casa com hũ panno ou ramo na mão, sacudindo o ar pera fora da casa, como que

Supersti-
ções dos
naturaes
de Sofala

Agouro
sobre as
mortallas.

Agouro
dacuruja

enxota mofcás, porque tē pera si que o brado, & voz da curuja deixou o ar daquella casa inficionado de modo, q̄lhe mata as crianças, como se folsem embruxadas.

Agouro da câna.

¶ Outro agouro tem os naturaes desta terra, & particularmente os Cafres Gentios, que he, se lhe dão algũa pancada com coufa vaã por dentro, como he câna, ou palha, fogem, & gritão como se os mataffẽ, & antes querem que lhe dem com hum pao, ou ferro, ainda que lhe doa, que não com coufa vaã por dentro, porque dizẽ que afsi como a canna he vaã, afsi faz mirrar, & seccar a quẽ leua suas pancadas, & pouco & pouco se vay consumindo, atẽ que morre. Outros muitos agouros, & superstições tem estas gẽtes mui arreigados no coraçãõ, que não ha poderlhos tirar, por mais rezões que lhe dem pera isso, & particularmente as mulheres de Sofala: o que lhe nace da mistica conuersaçãõ que tẽ com as Cafras que vñãõ destas cousas.

¶ CAPITULO VINTE,
Da Ilha Maroupe, situada no meyo do Rio de Sofala, & da caça que nella se cria.



O rio de Sofala obra de quatro legoas da fortaleza polo rio acima, começa hũa ilha chamada Maroupe, que tem oito legoas de comprido, & no mais largo legoa & mea, pouco mais ou menos. Hum Portugues chamado Rodrigo Lobo, era senhor da mór parte desta ilha, da qual lhe fez merce o Quiteue por ser muito seu amigo, & juntamente lhe deu titulo de sua mulher, nome que o Rey chama ao capitão de Moçãbique, & ao de Sofala, & aos mais Portugueses que muito estima, significando com o tal nome, q̄ os ama, & quer que todos lhe fação cortesia, como a sua mulher, & realmente afsi he, que todos os Cafres veneraõ muito os Portugueses que tem titulo de mulheres del Rey. Nesta ilha tinha Rodrigo Lobo muitos Cafres seus escrauos, & os mais que nella morauão, todos eraõ seus vassallos. Algũas vezes fomos a ella, eu & o padre meu cõpanheiro, a catechizar, & bautizar algũs delles, que pola mór parte erã Gẽtios, outras vezes a folgar, porque he a ilha de muita recreaçãõ, por auer nella gran-

Titulo com q̄ o Quiteue hõra os Portugueses.

Recreaçãõ da ilha de Maroupe des p̄s

des pescarias, & caça de muitos & varios animaes, como são veados, merús, paraparas, nondos, gazellas, vaccas bravas, que tem pouca differença das mansas, muitos porcos do mato, & jaulis, & outras muitas castas de feras, que andão em bandos como vaccas, ou cabras.

Tres mo-
dos q̄ os
Cafrestes
de caçar.
2. modo.

¶ Os moradores desta ilha de tres maneiras caçao estes animaes. A primeira, & mais ordinaria, he em couas que fazem polos valles da ilha, onde se recolhe de noite a comer. Estas couas são de altura de hũ homem, & de tres varas de comprimento, & vara & meya de largo na boca da coua, & no fundo muy estreitas, de modo que caindo a caça dentro, trocasse lhe os pés embaixo, & não pode tornar a saltar fora, & ali fica entalada, & presa, sem se poder mais bolir, onde os Cafres a matão sem perigo, nem trabalho, ou a tiraõ viua. Estas couas armão cõ paos atraueffados por cima, & cubertos de palha, ou de rama, de modo q̄ não aja final de coua.

2. modo.

¶ A segunda maneira de caçar, he fazendolhe cerco da banda da terra com muita gente, & cães que ladrem, & fação fu-

gir a caça perã o rio, onde te postas ao longo da terra muitas embarcações pequenas a q̄ chamão almâdias, com dous caçadores em cada hũa, hum assentado na popa, com hũ remo na mão prestes pera remar, & outro na proa com azagayas, pera ferir, & matar a caça. Isto preparado no rio, & a gente das embarcações muy agachada, & quieta sem falar, por não ser vista nem sentida da caça, faz a gente da terra hũa meya lũa, & a vay cercando, & açulandolhe os cães, com grande estrôdo & grita, & ella fugindo, vay buscar o rio pera o atraueffar a nado à outra banda, como costuma: mas tanto q̄ se lança na agoa, acodem muy depressa as almâdias remando, & tomão a caça no meyo do rio viua, & ali a prendem, & leuão à borda da agoa, onde a matão sem trabalho algũ, nem perigo, & com muita festa. E assi he esta caçada de mais gosto, & regozijo q̄ a primeira, porque nella se toma muitas vezes todo hũ bando destes animaes.

¶ A terceira maneira com 3. modo.
que se mata todo o geneio de Caçada
caça, he no tẽpo das cheas do vniuers
rio, no qual os mais daquelles sal.
campos

Campos da ilha se alagão, & a caça toda foge pera os altos da ilha, onde fica cercada sem poder fugir pera nenhũa parte. Ali ficão leões, tigres, onças, elefantes, veados, porcos, & todo o mais genero de animaes syluestres, & feras, jutos hũs com os outros, sem se fazem mal, como se estiuerão é a arca de Noë; & esta conformidade lhe causa o temor das enchentes das agoas que alagão os campos, & afogão muitos delles. Neste tẽpo se vão os Cafres a estes altos, em almãdias, & de dentro dellas ferem estes animaes cõ frechas, & azagayas: os quaes vendose feridos, & acossados, se lanção a nadar sobre as agoas, & cuidando así escapar das feridas se metem na morte, porque os caçadores vão logo remando em suas almãdias, & seguindo toda a caça q̃ foge, & no meyo das agoas a prendê, & matão sem resistencia, nem perigo algum, & de suas carnes fazem muita chacina, & taffalhos, q̃ comem, & vendem todo o anno. Eitas caçadas são mui estimadas, & celebradas ètre os Cafres, así por serê de muito gosto, & pouco perigo, como por serê de muito proueito.

Hum anno socedeo que o do no desta ilha Rodrigo Lobo, fez hũa caçada, cõ muitos Cafres seus escrauos, & vassallos, moradores na mesma ilha, & entre muito gado q̃ matarão, juntamete foy morto hũ leão (couisa mui defesa em todo o Reyno do Quiteue, senhor, & Rey destas terras, como atras fica dito) vendose pois o senhor da ilha com o leão morto, & que o Rey o auia logo de saber, (porque os Cafres nenhum segredo tem, & são muy inclinados a dar hũa roim noua) mandou meter o leão em hũa almãdia, & cobri-lo de rama, & poshe encima vinte pãnos, & mandou tudo ao Quiteue, dizendo que elle Rodrigo Lobo, sendo molher del Rey, & andando fazêdo a seara pera seu marido, o viera cometer aquelle leão, aleuãtado, & descortes pera a molher de seu Rey, pola qual rezão lhe deu com o cabo da enxada na cabeça, por honra de seu marido, & que ali lho mãdaua morto, pera que acabasse de tomar vingança delle, & do agrauo q̃ fizera a sua molher. O Quiteue recebeu o presente, & mandoulhe dizer, que fizera muito bem de matar o leão, pois fora

Caso fo
bre amor
te de hũ
leão.

Parabola
las de q̃
vsaõ os
Cafres.

descortês a sua mulher. E desta maneira se acabou esta empofia, que Rodrigo Lobo temia pagar polo menos cõ perder a ilha, & se fora Cafre com perder a vida, & todos seus bẽs pera a coroa, conforme a ley do Quiteue: Mas como Rodrigo Lobo era grãde amigo seu, & sabia falar ao modo dos Cafres por metáforas, buscou esta inuencão pera contentar ao Quiteue, como defeito contentou, & declarou que a ley q̃ tinha posta não se entédesse em Rodrigo Lobo sua mulher muito amada.

¶ CAPITULO XXI.

¶ *Dos leões, tigres, & onças que ha nesta ilha, & de algũs casof, que nella socederão.*



O meyoda ilha de Maroupe, de que atras falley, meya legoa das casas em que mora o senhõr da ilha cõ toda sua gente, està hũ bosque muito fermoso, mais de hũa legoa emroda, de aruoredõ syl uestre, tão alto, que se vay às nuuẽs, & tão basto, & copado por cima, que não dà lugar ao sol pera entrar nelle, polo que em algũas partes he escuro &

medonho. Aqui dentro he casa & morada de leões, tigres, onças, elefantes, & porcos mofetes. Hum dia fomos dêtro a este bosque, eu & o padre meu cõpanheiro, pera vermos hũa caçada de porcos, que o dono da ilha quis fazer, por respeito de nos recrear, & fazer mimo: pera o que mandou ajuntar mais de cincoêta escrauos, & vassallos seus caçadores, afi pera segurança de nossas pessoas, como pera o effeito da caça, os quaes hião todos armados de arcs, frechas, & azagayas, & algũas espingardas, & desta maneira atraucssamos o bosque, em q̃ achamos muitos porcos, & delles forão mortos tres, & tomados algũs leitões pequenos. Tambem encontramos elefantes & tigres, & algũs bufaros, que todos se desuiaraõ de nõs, & fugiraõ, com que muito folgamos.

¶ Em hũa coua fomos dar com hum cachorro filho de tigre, de idade de hũ mes pouco mais ou menos, o qual trouxemos cõnosco pera casa, & logo na noite seguinte veyo amã, polo faro atè as portas da casa onde estaua o filho, bramindo, tão raiuosa, q̃ parecia querernos comer & matar a todos,

Estremõs de fera sobre seu filho.

Bosque mui fermoso, casa de feraras.

dos, & desta maneyra conti-
nuou quatro noites, atè que o
filho morreo, por falta dos Ca-
fres, q̄ o não quiferaõ criar, po-
lo odio que tem a estas feras,
& depois de morto foy lança-
do no campo pera aquella par-
te do bosque donde a mãy vi-
nha embusca delle, & ao outro
dia não foy achado, do q̄ pre-
fumimos que a mãy o achou,
& o leuou, ou comeo, por q̄ da-
li pordiante não tornou mais
a bramir, nem rodear a casa de
noite, como dantes fazia com
muita ferocidade.

Seis leões
es, q̄ en-
trarão ne-
sta ilha.

¶ Estando nós hũ dia à tar-
de assétados nesta ilha à porta
da casa cõ o senhordella, veyo
a nós hum Cafre seu escravo,
& disse se queriamos ver seis
leões, qui tinhão àquella hora
passado o rio da terra firme pe-
ra a ilha, q̄ nos leuantassemos,
porque elles vinhão atraues-
fando o valle, que estaua junto
das casas. Eu & o padre meu
companheiro quasi que estiue-
mos em duuida de os ir ver ao
campo, mas o senhor da ilha,
& o caçador nos asseguraraõ,
dizendo que os leões & os ti-
gres daquella ilha não come-
tiaõ gente algũa, nem lhe fa-
ziaõ mal, saluo se acaso encon-
trauão com ella, ou se os assa-

nhauão, & a cãusa disto era,
por que lhe sobejaua a caça, de
que andauão enfarados, por
auer na ilha infinita. Então
nos leuantamos, & os fomos
ver de hum alto que estaua jun-
to da casa, mas não lhe vimos
mais que meyos corpos, & as
cebeças leuantadas, por causa
da muita herua, que no valle
auia, & afsi forão passando pe-
ra a parte do bosque, tão segu-
ros & confiados, como senho-
res do campo, & das armas.

¶ Aquellã mesma noite, já
pola madrugada, ouuimos grã
des latidos de tigre, & ronc
de leão, muy perto das casas
em que dormiamos; & o caso
foy, que hum leão veyo seguin-
do hum merú, ate q̄ o apanhou
junto das nossas casas, & estan-
do comendo nelle, acudirão
tres ou quatro tigres, & rodea-
raõ o leão pera lhe apanhar a
presa, & isto dizem os Cafres
que fazem os tigres ordinaria-
mente, andando polo rasto do
leão, quando mata a caça, pe-
ra comerem os sobejos quelhe
ficaõ depois que se farta: dema-
neyra que afsi o fazião estes
aqui. Mas o leão como não
estaua ainda farto, roncaualhe
como cão, que está comendo
muito sofrego, tendo outros

Briga de
tigres cõ
hu leão.

diante, que lhe querem tomar o que come: & de quando em quando fazia que remetia aos tigres, de que elles fugião algũ tanto, mas logo tornauão a perseguir o leão com latidos, pera que largasse a caça, mas cõ tudo nenhũ delles ousaua chegar a pegar nella. Estando elles nesta contêda, chamounos o senhor da ilha, dizendo que fossemos ver a briga das feras, que era muito pera ver: o que nós logo fizemos, & estando vendo, & esperando o fim della, mandou o senhor da ilha a dous escrauos seus caçadores, que presentes estauão, que fossem tomar a presa ao leão, os quaes foraõ dando grãdes brados, & apupos, pera que fossem as feras, & deixassem a caça: o que os tigres logo fizeram, tanto que viraõ a determinação dos caçadores, mas o leão nunca se quis bulir, nem teue deuer com os caçadores, antes se deixou estar bem de vagar comendo, & ronçando aos caçadores, que se chegauão: os quaes tornaraõ a voltar, & disserão ao senhor que o leão não estaua ainda farto, porque em quanto o não está, tendo a caça morta diante de si, não a larga ainda que o ma-

tem, porque he muy soffregõ, & carniceiro: mas depois que se fartou, elle mesmo se leuantou, & se foy passeando muy de vagar, & tão seguro, como quem não temia cousa viua, & depois que desapareceo, foraõ os Cafres, & trouxeraõ o merũ quasi todo, porq̃ o leão lhe não tinha comido mais q̃ o pescoço, & muita parte dos peitos, & algũs bocados das ancas, & o leão não tornou ali mais, nem os tigres.

¶ Estes tigres tẽ muy grande fardo de coua morta, porq̃ muytas vezes vinhão ao adro da igreja do Spiritusanto de Sofala, a desenterrar os defuntos que estauão enterrados de fresco, & os comiaõ, como eu vi por tres vezes, pola qual razão mandaua sempre fazer as couas muyto fundas. Hũa manhã se achou neste mesmo adro hum tigre morto em cima de hũa coua, com as vnhas metidas na terra, começando de cauar, & abrir a coua. Este era tão velho que ja tinha os dentes todos quebrados & podres, & estaua tão magro, que nam tinha mais que a pelle & o osso, & muita parte do corpo pelado, ou gaffo: tinha mais de vinte sinaes de feridas velhas,

os tigres
tẽ grãde
fardo.

Caso de
hũ tigre.

&

& algũas de palmo, q̃ deuião fer doutros tigres com quem tinha pelejado, o que elles ordinariamente fazem sobre o comer, de modo que este veyo aqui morrer, ou de velho, ou de fome, ou de tudo junto.

¶ CAPITULO XXII.

Da variedade de animaes que ha nos matos de Sofala, & como se matão as onças, & do bicho Inba zara.



M todas as terras de Sofala se crião muitas & varias especies de animaes syluestres, & muytas feras, bichos & caça, como são porcos de duas ou tres castas, cuja carne he muito boa, lebres, veados, gazellas, vacas brauas, q̃ são quasi da feição das nossas manfas. Ha muytas zeuras fermosas, & pintadas, muy semelhantes a mulas na feição do corpo, & quasi da mesma natureza, porque quando correm metem a cabeça antre as mãos, & vão correndo & respingando, com outros effeitos de mula: tem vnha redonda nos pés, & mãos, como mulla: as pinturas que tem são hũas cintas de cabello branco, & preto muy fermosas, de largura de dous de-

Zeuras.

dos, bem compassadas por todo o corpo, pés, & mãos, & cabeça, hũa branca, & outra preta, de cabello muy brando, & maisio como seda. Ha muitos merús, q̃ são como asnos, mas têm cornos, & vnha fendida, como veados, cuja carne he muy boa pera comer: têm hũa cinta branca muyto fermosa, de meyo palmo de largura, que lhe cinge as ancas, & dece pelas coxas abayxo até os gíolhos: tem o mais cabello de todo o corpo cinzento, & aspero. Ha muytos Nondos, que são quasi como roçins galegos, todos de hũa cor castanha escura, & cabello curto, & maisio: tem hũa feição nas cadeiras, q̃ parecem derreados, & a causa he proque tem os pés mais curtos que as mãos, & desta maneyra correm muyto mais que veados. Ha muytos bufaros muy brauos, em cujos cornos morrem ordinariamete os caçadores desta terra, por q̃ são muy ciosos das femeas, & dos filhos, & em vendo qualquer pessoa, logo a vão buscar, & cometer, com mais furia, que hũ brauo touro.

Merús.

Nondos.

Bufaros.

¶ Ha muytos gatos de algalea, muytos bugios, & monos grãdes. Em casa de Garcia de

de Melo, que então era capitão de Sofala, estava hum bugio, que tinha ambos os sexos, de macho & femea. As bugias femeas dizem os Cafres que tem seu costume de purgação cada lua, como se foraõ molheres. Nos matos destas terras se cria hũa certa casta de cachorros, que não são maiores que gozos, a que os Cafres chamão Impumpes, os quaes ordinariamente andão em alcateas, & quando querem caçar algũa rez, todos juntamente a cometem, & vão correndo apos ella, & pegandolhe nas pernas, & saltandolhe nas ancas, & comendo nella, porque tem tanta força na boca, & dentes, que em pegando, & levando o bocado fora, tudo he hum, & desta maneira vão seguindo hũ veado, ou qualquer outra caça, & comendolhe as pernas, até que de fraca & cansada cae no chão, onde a acabão de comer. Correm muito, & são muy ligeyros, quando vão caçando não ladrão, são todos ruiuos pelas costas, & brancos pola barriga, & fogẽ muyto da gente.

Elefates.

¶ Em toda esta Ethiopia se crião muytos & grandes elefantes, de cuja natureza, & pro

priedades tratarey adiante. Ha muytos leões, quasi tamañhos como bezerros de seys meses, muy carrancudos & medonhos, todos pardos sobre el curo. Ha muitos tigres pouco menores que os leões: não são pintados como os da India, mas todos são de hũa cor cinzenta, fusca, & mal assombreada, quasi que arremedão os lobos deste Reyno, são mais covardes que todas as outras feras, porque não se sabe que cometessem algũa gẽte. Há muytas onças, muy pintadas, & de fermosa cor, são muito maiores que hum librão, & muyto mais compridas, em todas as feições do corpo, & cabeça muy semelhantes aos nossos gatos. São taõ carniceiras, q as mais das noites vem dêtro à pouoação de Sofala, fazer presa nos porcos, & cabras, q achão desgarradas dos curraes, em que dormem fechadas por este respeito: a sua principal relè he apanhar cães, & gatos pèra comerẽ, & muy poucas vezes cometem gẽte. Hũs Cafres estauão hũa noite comendo em hũa casa de Sofala todos em roda assentados no chão, como he seu costume, entre os quaes estava hũ gato.

Neste

Caso de hũa onça

Neste tempo veyo hũa onça do campo, & saltou dentro na cerca da casa, onde os negros estauão assentados, sem ser sentida de ninguê, & chegando se a elles, deu hum salto, & apanhou ogato do meyo delles, & acolheose cõ elle na boca, & tornou a saltar a cerca pera fora, & foyse. Isto he muy ordinario nellas, porque saltão estas cercas em claro, que são de madeira de quinze palmos de altura, pouco mais, ou menos.

Modo de
caçar as
onças.

¶ Os moradores de Sofala armão a estas onças, & tomão algũas da maneira seguinte. Fazem no câpo fora da pouoação hũas casinhas de madeira grossa, & bem metida pola terra, que se não possa arrancar, as quaes casinhas são de cõprimêto de duas varas de medir, & de quatro palmos de altura, & dous palmos de largo somente, quanto a onça possa entrar: são cubertas de madeira muy bem atada. Em hũa ponta tem hũa porta de alçapão, como porta de ratoeyra, & dentro na outra ponta tem hum reparimento, como camarinha, onde metem hum cachorro, & jũto delle armão a ponta de hũa corda, que sustenta a porta da casinha no ar, como ratoeyra;

& desta maneyra deyxão está armadilha denoite, na qual o cachorro fica ganindo, & gritando, a cujas vozes acode a onça, & rodeando a casinha, entra pola porta dentro, pera tomar a presa, & tanto q̃ chega jũto della, toca cõ as mãos ou com o focinho na ponta da corda, que está sotilmente armada, & logo desfarma, & cae a taboa por detras, & fecha a porta, ficando a onça dentro entalada, que não se pode virar, por ser a casinha muyto estreita, nẽ menos pode comer o cachorro, por causa do reparimento da madeira que tẽ no meyo, que lho defende, de modo que ali fica presa, atẽ q̃ vẽ de madrugada os armadores, & ali dentro as matão às estocadas por antre os paos da casinha.

¶ Nos matos de Sofala se crião hũs bichos, a que os naturaes chamão Inhazaras, os quaes são tamanhos como grãdes porcos, & quasi da mesma feyção: tem o cabello muyto preto, & ralo, cinco dedos em cada pè, & quatro é cada mão, como dedos de homem, & nelles vnhas muy compridas, & agudas. Viuem debayxo do chão, em couas que elles mes-

Inhazara bicho

Comem
formi-
gas.

mos fazem ao modo de couas de coelho, com duas ou tresbo- cas. O seu mantimento prin- cipal são formigas, cauando com as vnhas os formiguey- ros, que nestas terras ha muy- tos, & muy grandes: & depois que tem as formigas assanha- das, metem polos buracos dos formigueiros a lingoa, que té de comprimento de hum coua do, redonda & delgada, como húa vella de cera, na qual as formigas pegaõ, & depoy de bem cheya, o bicho a recolhe pera dentro da boca, & engo- le as formigas, & tantas vezes faz isto, até que se farta. Tem o focinho muyto comprido, & delgado, & as ventas gran- des, & abertas, & as orelhas muy compridas, & delgadas, da feyção de orelhas de mula, pelladas, sem cabello algum. Não tem dentes em toda a bo- ca: tem hum rabo de hum pal- mo muyto grosso, direyto, & saydo na pôta como fuso. Hú bicho destes mataraõ us nos- sos escrauos, indo aos matos buscar madeira, & o trouxerão pera casa, onde o chamuscarão, abrirão, & tiraraõ todo o deuê- tre: no qual não acharão ester- co algum, mais que as tripas cheas de véto semente, de que

muyto se espantarão todos os que isto viraõ, & differão al- guns naturaes da terra, que ja tinhão ouuido a seus ante- passados, que estes bichos se sostentaõ semente do ar, & que muytas vezes o tinhão vis- to estar com a boca aberta pe- ra o vento. Outros dezião & affirmauão, que tambem co- mião formigas, porque todas as vezes que os encontraõ no mato, os achauão emcima dos formigueyros cauando a terra com as vnhas, & comen- do as formigas, do modo que fica dito. A carne destes bi- chos he muyto boa, & come-se: he quasi como carne de porco, mas não tem toucinho, & suas entranhas são propriamente como as de porco.

Sostentaõ
se do vé-
to.

¶ **CAPITULO XXIII.**

*Dos lagartos, & cobras peçonhentas,
& de outra variedade de bichos
que ha nos matos de
Sofala.*



EM todo este terri- torio de Sofala, & rios de Cuama, se crião nos ma- tos grãdissimos lagartos pintados, da mesma feyção dos que ha em Por- tugal: tem de comprimento

Lagarto
tos da
terra.

vara & meya, & mais, como tinha hum que eu vi morto; são tão grossos como húa perna de hum homem; tem muyto grandes, & agudos dentes, & a lingua farpada na ponta, & muyto negra. Não cometem a gente, saluo se os affanhão, porque então remetem sem medo algum, & mordem cruelmente, & sua mordedura he peçonhenta, mas porem não tanto que mate.

¶ Algũas pessoas querem affirmar, que estes lagartos da terra vão á borda dos rios, onde lhe saem os lagartos da agoa, & ali se ajuntão hũs com outros, & fazem gêração, mas eu tenho isto por grande patranha, pois até agora não ha nenhum natural da terra que tal visse: polo que algũs que isto escreuerão, deuião fazelo por falsas informações. Os Cafres matão estes lagartos, & comem lhe a carne, & affirmão que he a mais saborosa de todas as carnes dos bichos do mato.

¶ Nestas proprias terras se crião muy grandes, & peçonhentas cobras, particularmente hũas, a que os Cafres chamaõ Cangâras, que são tão grossas como húa grossa perna de hum

Cangâra
cobra.

homem, & tem de comprimẽto dezoyto, & vinte palmos. Estas são muy daninhas, porque matão o gado meudo, como são porcos, cabras, ovelhas, & galinhas para comerem, & são tão peçonhentas, que toda a coufa viua que mordem, logo morre, se lhe não acodem com algũa contrapeçonha.

¶ Nas terras de hum Rey Cafre chamado Biri, que estão junto da Manica, de que ja faley atrás, se cria húa certa casta de cobras pequenas, do tamanho de hum couado, a que os Cafres chamaõ Ruca Inhãga, as quaes são tão peçonhentas, que secaõ a herua, ou pao em que mordem cadadia quando não achão coufa viua em q̄ possaõ morder, como he seu costume, ou natureza, porq̄ nesta mordedura deixão grande parte da peçonha, cõ que parece ficaõ defaliuadas; & quando mordê em algũa coufa viua, logo o animal mordido incha como hũ odre, & dentro em vinte & quatro horas lhe cae o cabello, vnhas, cornos, & dentes, & morre, sem auer contrapeçonha que lhe resista.

Destas cobras faz o Rey Biri húa certa confeição de massa, com

Ruca Inhãga cobra peçonhenta,

Peçonha do Biri, mata em 24. horas

com q̄ vnta as frechas, a qual he tão fina, & forte, que em tocando qualquer frecha destas vntadas em qualquer cousa viua, como lhe tire sangue, logo lhe causa os mesmos effeitos, que faz a mordedura da mesma cobra. Ninguem pode usar desta peçonha nas frechas, senão o proprio Rey Biri, que o tem prohibido sob pena de morte, & perda da fazenda:

Hũa cobra destas mordeo a hum Cafre daquelle Reyno, & elle vendo se mordido, & com grandes dores, & sabendo que não auia de escapar da morte, foy no alcançe da cobra pera lhe fazer o mal que pudesse, & voltando ella pera o tornar a morder, como fez, elle lhe ferrou com as mãos ambas, & a leuou à boca, & lhe mordeo tambem com grande raiua, dizendo: Tão peçonhêto sou eu como tu es, & se eu morrer, tu não ficarás viua, & así aconteceu, que largando elle a cobra, não pode fugir, & ambos morrerão no mesmo dia. Isto ainda q̄ pareça ficção de Cafres, com tudo algũas pessoas de credito desta terra me affirmarão que acontecera na verdade o que tenho dito.

¶ Muytas vezes ouui dizer

na India, que ouue hum homẽ na ilha de Ormuz ruião & sardo, grande jogador de tauolas, o qual era tão peçonhêto, que todas as moscas que poufauão na sua cabeça, ou mãos, ou rosto, logo morrião se lhe picauão, & se lhe não picauão ficauão atordoadas se poder voar: Polo qual respeito elle as não enxotaua de si, como faz a mais gẽte, antes dizia, Deixay as vos picar em mim, que ellas o pagaraõ: & así quando se leuantaua de hum lugar, o deyxaua cheyo de moscas mortas, & atordoadas: donde se pode ver que não somente nas feras & bichos se gera a peçonha, mas tambem nas criaturas racionaes.

¶ Em toda esta Cafraria se ^{Zagaõs} crião muytos zangaõs, da maneira seguinte. Fazem hum pelouro de barro pegado nas paredes, ou telhados, cõ muytos buracos, ao modo de hum fauo de abelhas, ou bespas, & em cada buraco metem hum bichinho, como aquelles que se soẽ criar nas coues, hũs verdes, outros pretos, outros brãcos, & pardos, de maneyra que não são todos de hũa casta, senão quaesquer que achão, os quaes leuão entre os pês, & voão até

o seu fauo, que tem feyto de barro, & em cada buraco mette seu bicho, & tapaõlhe a porta com barro fresco, ficando os bichos todos entaypados. E ali dentro se geraõ delles outros zangãos com pernas & alas, & tanto que são gêrados, elles mesmos furaõ o barro, & saem perã fora, & voão. E estes despois de grandes fazem a mesma criação, de maneira que de filhos alheos de diversas castas fazem filhos proprios, cousa que muyto me espantou.

Bichos
que luzẽ
de noite.

¶ Ao longo do rio de Sofala, & de Cuama, se crião infinitos bichos como escaraveinhos pequenos, cujo rabo lhe luz de noyte como hũa brasa viva, dos quaes tambem ha neste Reyno. Estes tanto que vem a noyte, se leuantão em bandos polos ares, & são tantos, que alumiaõ quasi todo o ar, & fazem espanto a quem não té noticia do que isto he, como eu sey que fizeraõ a certas pessoas estrangeiras nestas terras hũa noyte escura, que dormiraõ ao longo deste rio, os quaes fugiraõ com medo pera a pouoação dos Cafres, cuidando que eraõ feiticeiras.

Cameleões.

¶ Criãose nestas terras mui-

tos Cameleões, os quaes se fazem cada hora de mil cores, & estas tomão das cousas em que poufaõ, porque se estão sobre a terra, tornãose pardos como a mesma terra, se na herua verde, ficão logo da mesma cor das heruas, se em coufa vermelha, tornãose vermelhos, & asy nas demais cores. São do tamanho, & quasi da mesma feição de hum lagarto pequeno de hum palmo: té grande cabeça, & quasi vã, porque a enchem de vento, & logo a vazão, tem quatro pés altos, como pés de raã, andão de vagar, & não correm, faltão como raãs, mas não com tanta ligeireza: sostentaõse do ar.

¶ Ha nestas terras hũa casta de ratos mui pequenos, que cheirã a almiscar, não somente tomados na mão, mas por ondequer que passaõ, deyxão suauißimo cheiro: mordẽ muito, & sua mordedura he peçonhentissima.

Ratos q
cheyraõ.

¶ Nestas terras ha muito grandes morcegos, os quaes se crião nos troncos das arvores, & entre os ramos das palmeyras: são tamanhos como grandes pombos: os Cafres os matãõ, & lhe esfolã a pelle, & comumente os comẽ cozidos,

&

& assados; & dizem que são muy gordos, & saborosos como galinhas.

Cãgados ¶ Nos matos de toda esta Cafraria se crião muy grandes Cãgados, os quaes são todos pretos, & melãconizados, & ta manhos como grandes rodellas. Tem muyta carne, & muy gorda, & os Cafres fazem muy to caso delles, pera os comere m assados, & cozidos. Algũs Portugueses comem delles cozidos, & temperados como galinha. Outra muita variedade de bichos se crião nestas terras, que deixo por abreviar.

CAPITULO XXIII:

Da variedade de passaros, que ha nas terras & limites de Sofala



As terras de Sofala, & ao longo do seu rio, ha muyta diuersidade de

passaros de muytas castas, & de varias & fermosas cores: & algũs delles que cantão muy suauemente, & se crião em gayolas: particularmente hũs, a que chamão Inhapures, que se parecem muyto com canarios na cor, & na musica. Ha tam-

bem muytos passaros de Portugal, como são rolas de tres ou quatro castas, hũas das quaes são muy fermosas, & tẽ as asas douradas, que parecem de fino ouro. Arueloas, que cantão excellentissimamente, o que de ordinario fazem pola manhã, pola festa, & ao sol posto. Muytas ándorinhas, pardaes, poupas, gayos, papagayos verdes pequenos. Ha muyta caça, como são patos de tres castas, hũs delles que são muyto maiores que os de Portugal, pretos polas costas, & brancos pola barriga: tem hũa crista vermelha no meyo da cabeça muyto dura, & aguda como corno: a estes chamão Patos Gregos. Muytas adẽs de quatro castas, & muytas marrecas tambem de diuersas castas & feições, algũas muyto pintadas & fermosas. Muytas garças Reaes, & ribeyrinhas, como as de Portugal.

Passaros de Portugal

¶ Ha muytos Pelicanos, os quaes são tamanhos como hum grande gallo do Perú: são brancos, mas não muyto claros; & tem os pês muyto grossos, & curtos, & ordinariamente andão dentro no rio caçãdo peyxe pera comer. Ha

Pelicanos

Guin-
chos.

muytos Guinchos, que tam-
bem andaõ a caça de continuo:
saõ tão grandes como milha-
nos, & tem a cabeça & as alas
pretas como azeuiche, & hũa
colleyra branca polo pesco-
ço fermosíssima, & a barriga
branca, bicoreuolto, olhos, &
vnhas como Aguia.

Abutres

¶ Ha muytos Abutres do
tamanho de hũa pauão femea,
& quasi da mesma feyção, mas
não da mesma cor: tem as per-
nas muyto compridas, & ne-
grás, & a cor de todo o corpo
cinzenta escura, quasi preta,
fea, & malaffombrada; & não
tem pennã em todo o pesco-
ço, nem na cabeça, senão hũa
pelle branca, sarabulhenta, &
chea de carepa, que parece le-
pra: saõ muyto nojentos, por-
que ordinariamente andaõ po-
las prayas, & monturos, bus-
cando coufas mortas, & o es-
terco da gente, de que se suste-
tão. Tem muy grande fardo de
coufas mortas, saõ domesti-
cos, & não fogem muyto da
gente.

Curua-
nes.

¶ Nestas terras ha hum ge-
nero de passaros, a que os na-
turaes chamão Curuanes, os
quaes saõ tão grandes como
grous, mas muyto mais fer-

mosos: porque sam todos pre-
tos polas costas, de hũa cor fer-
mosíssima, que parece cetim
preto, & pola barriga, & pey-
tos, sam brancos, de cor aluís-
sima. Tem o pescoço de hum
grande couado de comprido,
cuberto todo de penas brãcas
finíssimas, como seda, asquaes
saõ excellêtes pera penachos.
Tem esta ave sobre a cabeça
hum barrete de penna preta,
muy fermoso, do modo que o
tem vermelho os nossos pinta-
filgos, & no meyo deste barre-
te tem hum penacho de quasi
hum palmo de alto, de pennas
brancas, finíssimas, todas di-
reitas & iguaes por cima, &
no alto se espalhão, & ficão
redondas, como hum cogu-
mello aluísimo, com seu pê
estreyto, que lhe nace do me-
yo da cabeça, & parece hum
sombreyro de sol. Os Cafres
dizem que este he o Rey dos
passaros, assi por ser muyto
grande & fermoso, como por
ter sombreyro de sol sobre a
cabeça, que he insignia & ban-
deyra vñada de algũs Reys del-
ta Cafria, como saõ o Qui-
teue, o Chicanga, o Sedanda,
& outros.

¶ Hum Portugues me con-
tou em Sofala, que andando
elle

elle fazendo resgate de Marfim na terra firme de Mambone, defronte das ilhas das Boticas (de que fala fey adiante) tinha hum bogio com hũa cadea preso a hum cepo, que pesaria dez ou doze arratens, o qual estando hum dia fora de casa no campo, deceo hũa aue de rapina, de immensa grandeza, & ferrado nelle o leou nas vnhas polos ares, juntamente com o cepo a que estaua preso, indo o bugio dando mil gritos, & finalmete o leou a hús matos q̄ perto estauão, onde o comeo, & depois foy achado o cepo com a cadea no mesmo mato. Assim mais me affirmou, que auia nestas terras muitos passaros desta casta, que fazião muyto danno, porque apanha uão os cabritos, & leitões, & galinhas, das quaes cousas ha nestas terras grandescriações. Outros passaros ha nestas partes muyto grandes, de que fala fey adiante, quando tratar do lugar em que os achamos.

¶ Marco Paulo Veneto no cap. 4. do 3. liuro aponta hũa ilha, que jaz ao mar do meyo dia da ilha de S. Loureço, não muyto longe desta costa de q̄ you falando; onde diz que ha

hũas auēs de rapina de tanta força & grandeza, que leuam polos ares hum elefante nas vnhas, & o deixão cayr em terra, onde se faz pedaços, pera que assi possaõ comer del le. Diz que estes passaros tem muyta semelhança cõ Aguias, & são taõ grandes, que tem algũas pennas das asas de comprimento de dez passos cada hũa. Eu nunca vi, nem ouui falar em taes auēs nesta costa, nem me parece verdadeyra esta relação de Veneto, posto q̄ seja verdade que nesta Ethiopia se crião muyto grandes auēs de rapina, & particularmente ao longo do rio Nilo, de que adiante direy algũa cousa.

¶ Nas terras de Sofala se cria hum genero de passaros cujo mantimento he cera. Estes andão polos matos embusca de enxames de abelhas, dos quaes ha muytos polo chão em buracos, & polos troncos das aruores, & como achão algum que tenha mel, vem se aos caminhos embusca da gente pera lho mostrar, o que fazem indo diante della gritando, & batêdo as asas de ramo em ramo, atè chegarem ao enxame. E os naturaes da terra, que já conhecem os passaros, tanto

Sazu pafaro que come cera.

Aue d'ra
pina grã
dissima.

Aues de
incredy-
uel gran
deza.

que os v̄e, logo os v̄ão seguin-
do perá colherem o mel; & o
interesse que daqui colhem os
passaros, he comerem as miga-
lhas, & rapaduras da cera, &
dos fauos, & das abelhas mor-
tas, que ficão no mesmo lugar
da colmea. A estes passaros
chamão os Cafres Sazu, são
do tamanho de verdelhões, &
quasi da mesma cor, & tem hū
rabo comprido. Muitas vezes
entrauão polas frestas da nos-
sa igreja de Sofala, & os acha-
uamos comendo as migalhas
da cera, que ficauão nos casti-
ças, & ali lhe armarão os mo-
ços de nossa casa, & tomarão
algūs.

Passarō
q̄ famea
arvores
cō que se
sustenta.

¶ Outro gênero de passa-
ros ha nestas terras, que se sus-
tentão do fruto de arvores q̄
elles mesmos fameão, da ma-
neira seguinte. Vaõse a quaes
quer arvores, & como o bico, q̄
tem muyto duro, lhe fazem hū
buraco no tronco emcima en-
tre as pernadas, onde metem o
carouço da fruta que comem,
o qual carouço arrebeta ali
dêtro, & grudase com a arvore
de tal feição, que faz hūa en-
xertia noua, & cria hum ramo
da casta do mesmo carouço.
De modo que ha muytas aruo-
res destas que tem duas castas

de folha & fruto, hum da pro-
pria arvore, outro da q̄ o pas-
saro fameou no seu tronco, de
cujo fruto se sustenta depois.

Destas arvores vi muytas em
Sofala, & nos rios de Cuama.
Os passaros são do tamanho,
& feição de estorninhos, mas
são pardos, como calhandros.

¶ Huns passaros ha nestas
terras, verdes, & amarells, ^{Minga}
muyto fermosos, a que os na- ^{passaros}
turaes chamão Minga, são mui
semelhantes a pombos, & nun-
ca pouso no chão, porque tē
os pês tão curtos, que quasi se
lhe não enxergão; poufam so-
bre as arvores, de cujo fruto
comem. Quando querem voar
deixaõse cayr da arvore abay-
xo com as asas fechadas, & no
ar as abrem, & voão. Quando
querē beber v̄ão voando muy-
rasteiros por cima da agoa, &
vão bebendo dos rios, ou das
lagõas. Se acertão de cayr
no chão, não se podem mais le-
uantar. São muy gordos, & sa-
borosos.

¶ Outros passaros dizem q̄ ^{Cincoes}
ha nestas terras, semelhantes ^{do Me-}
aos passaros do Mexico, a que ^{xico,}
chamão Cincoes, os quaes não
tem pês, & sustentaõse do or-
valho do ceo, de cujas pennas
fermosissimas de diuersas co-
res,

res fazem os Índios do Mexico muytas imagēs, assentadas, & grudadas em retabolos, cō tanto artificio & sutileza, que não se podé melhor pintar cō pincel, & finas tintas.

¶ CAPITULO XXV.

Dos lagartos, ou Crocodillos, que se crião no rio de Sofala, a que os Cafres chamão Gona, outros Engona.



O rio de Sofala se crião muytos lagartos, muyto grãdes, & muy carniceiros, porque apanhão toda a coufa viua que se mete no rio, & ainda da borda do rio apanhão o gado, q̃ a elle vay beber, & as negras q̃ vão buscar agoa, ou lauar: & pera fazerē estas prefas, poēse à borda do rio muy agachados, & cofidos com a area, & tanto que chega o gado, ou qualquer pessoa descuy dada, remetē a ella muy ligeiramente, & pondo as mãos & o peito firmes em terra, leuantaō o rabo no ar, & com elle lhe dão taō grande pancada, que a deitão dentro no rio, onde lhe ferrão logo cō as vnhas & dentes, & a leuão ao fundo, & depois de morta, vãose às

Manhã com q̃ os lagartos apashão a caça.

prayas despouoadas, ou aos ilheos desertos, queettaō polo meyo do rio, & ali poem a presa quasi descuberta em terra, onde a comem, & todos os bocados que leuão pera bayxo engolem cō agoa: & a causa disto he porque não tem lingua, com que possaō engolir. Não comē coufa morta de muitos dias, nē seidiça, o que se vé claramente nas que lanção ao rio, como são caēs, & gatos, & algũa gente que se afoga em algũas ribeyras, que se vem meter neste rio, o que acontece muitas vezes em tēpo de cheas em que se afogão muytos Cafres ao passar das ribeyras, cujos corpos mortos se achão pelas prayas deste rio, sem auer lagarto q̃ lhe chegue, no qual, lugar se estiuera qualquer coufa viua, logo fora tomada do lagarto, morta, & comida.

Não cō mēcoufa seidiça.

Estes lagartos todas as manhãs & tardes ordinariamēte se poem ao sol nas prayas deitados em cima das areas, os pequenos todos fora da agoa, & os grãdes sōmente com meyo corpo, ficando lhe o outro meyo, & o rabo dentro no rio: & desta maneyra estão com a boca aberta caçando moscas, & a causa disto he, porq̃ lhe chey

Pōese aō sol a caçar moscas.

ra muyto mal o bafo, & a este roim cheyro acodem as moscas, & poufaõlhe nos focinhos & picãolhe nas ventas, & nos olhos, o que os lagartos soffré mal, & perseguidos dellas lhe abrem a boca, onde as moscas entraõ a comer as immundicias que tem entre os dentes, & por este respeito de quando em quando fechão a boca, & matão as moscas que podem apanhar dentro, pola qual causa muitos Cafres chamão aos lagartos papa moscas.

¶ Os lagartos deste rio así como são carniceiros, & crueis dentro na agoa, así fora della são muyto couardes, & medrosos; porque quando estão em terra postos ao sol, se ouem qualquer rumor, ou voz de gente, ou aparece algũa pessoa em terra, ou embarcação nauegando polo rio, logo fogem, & se lanção ao mesmo rio, cõ muyta ligeireza, polo grande medo que tem. ¶ Estes lagartos são muyto fogueitos a ventosidade de cujo roim cheiro não ha cousa viva que o possa aguardar. Vindo eu, & outras pessoas hum dia da ilha de Maroupe pera Sofala polo rio abayxo, foytão grande o mau cheyro que sentimos em hũ reman-

so, onde os lagartos são muyto certos, q̃ não o podêdo soffrer todos acudimos com as mãos aos narizes, & os Cafres que vinhão remando começaraõ de rir & festejar o caso dizêdo que fora ventosidade do lagarto, cujo pestifero cheiro passaua pelas agoas até sair fora, & enjoaua toda aquella parte do rio. Isto mesmo me contãraõ outras pessoas de credito, que lhe tinha focedido neste rio.

¶ Gabriel Rebello cõta no liuro que fez das cousas notaveis das ilhas de Maluco, que entre estas ilhas ha muytos lagartos maritimos, os quaes saem em terra, & matão a gente que achão descuydada, & a comem: & muito mais danno fizerão, se não forão sentidos, & conhecidos polo roim cheiro que lhe sae da boca, o qual enjoa tanto, que de muyto logo se sente. Tambem diz que são muyto couardes, porque se remetem a elles quatro ou cinco homens, logo fogem, & se metem na agoa, muyto cosidos com a terra, cuidando que ali estão escondidos: & tão medrosos estão neste passo, q̃ aguardão que ponhão os pés encima delles, & os prendão com cordas, sem ousarem de bolir consigo.

Lagartos de Maluco.

São muyto couardes em terra.

São muyto fogueitos.

cõfigo. Estes lagartos diz que tem quatro olhos, dous na testa, & dous na garganta: nas quaes coufas differem muyto dos lagartos desta costa.

Grãdeza
& feição
dos lagartos.

¶ Os lagartos desta Ethio pia são de mais de vinte & cinco palmos de cõprido, & mais grossos que hum grosso homẽ: são verdes, com algũas pintas de amarello escuro, & outras pardas, quasi pretas: são muy feos, medonhos, & nõjentos. Os velhos tem polas costas, & sobre a cabeça musgo, & outras pegadas, como se fossẽ pedras ferrenhas, & duras. Tem muitas ordens de dentes: nõ tem lingua: tudo o que comem engolem com agoa, como fica dito. Estes são os Crocodillos semelhantes em tudo aos que se crião no rio Nilo. Os Cafres lhe chamão Gonna, & outros Engonna. Nacem em terra, & criãose na agoa. Quando he tempo de desouarem, vãose a terra, & fazem hũa coua na area junto do rio cõ as vnhas, que tem muy grandes, & grossas, & nesta coua desouão muitos ouos juntamẽte de hũa postura, maiores que ouos de pato, quasi pardos, pintados de pintas quasi pretas: & cubertos de area os deyxão, & se re-

colhem outra vez ao rio. Ali se chocão os ouos, & delles se gerão lagartos com as influencias do sol; & depois de gerados elles mesmos saem fora da terra, & se recolhem ao rio, onde se crião. Os Cafres lhe achão muitas vezes os ouos, da maneyra que tenho dito: tẽ gema vermelha, & a clara liquida como agoa.

Nacẽ em terra cõ as influencias do sol.

¶ O Quiteue Rey do rio de Sofala tem posto ley com pena de morte, & perda dos bẽs pera sua coroa, que nenhũ vassallo seu em todo seu Reyno, seja oufado a matar lagarto algum do rio; & a causa he, porq̃ se sabe de certo, q̃ os figados destes lagartos são peçonhentissimos, & por tãto nõ quer que os matem, por nõ virem de sua fina peçonha. Alguns Cafres dizem, que hũa penna dos figados do lagarto he peçonhētissima, & a outra penna sua contra peçonha: no q̃ ponho muyta duuida, porque estão as pennas do figado tão pegadas & juntas hũa com a outra, que seria dar aqui dous contrarios em hum sojeito, como he peçonha, & cõtra peçonha no mesmo figado, coufa q̃ em Philosophia natural se tẽ por impossivel. Posto que tambẽ dizem

Figados do lagarto, fina peçonha

Dous contrarios em hum sojeito.

dizem que ha hũa certa aruore nas terras de Malaca, cujas rayzes tem differêtes effeitos, porque as que estão pera a parte do Oriente são contrapeçonha muy aprouada, & medicinaes pera febres, & as q̄ estão da parte do Occidente são fina peçonha, como refere o Padre Mendoça, no seu Itinerario do Nouo mundo.

¶ CAPITVLO XXVI.

Do modo com que os Cafres pescão os lagartos, & da variedade de peixe que se cria no rio de Sofala.



OS Cafres do rio de Cuama, que não são vassallos do Quiteue, nem sojeitos à ley de q̄ faley no capitulo atras, pescão, matão, & comem os lagartos: os quaes tomão da maneyra seguinte. Fazem hũ pedaço de pao grosso, & dereyto, de dous palmos, com hũa encarna no meyo, onde lhe atão hũa corda grossa, & neste pao espetão hum pedaço de carne fresca, como em anzol. Isto feyto, lanção este anzol cuberto de carne dentro no rio, em al-

gũs remãos, onde os lagartos são mais certos; os quaes tanto que lhe dà o fardo da carne, logo remetem a ella, & a engolem juntamente com o pao: & os Cafres pescadores como vê bolir a corda do anzol, & lhe parece que algum lagarto tem ja engolido a isca, puxão pola corda, & tazem o lagarto preso atè a borda do rio, cõ a boca aberta, sem poder morder na corda, por causa do pao q̄ traz atrauessado na garganta, que lhe não deyxá fechar a boca, & porisso selhe enche a barriga de agoa, & cõ ella se afoga; & desta maneyra meyo afogado, o acabão de matar à borda do rio, & depois de morto, o tirão em terra, & o reparatem pera comerem. Dizem os Cafres que quando o matão, geme, & deita lagrimas polos olhos, como hũa pessoa.

¶ Nas terras que correm ao longo do rio de Sofala se cria hũa herua, com que os Cafres se vntão quando se querem meter no rio a pescar, por virtude da qual os lagartos não podem pegar nelles, nem fazer lhe mal algum, porque se querem pegar com os dentes, botaõselhe de tal maneira, que ficam como dentes de cera, sem

Micirixl herua cõ tra os lagartos.

Modo & pescar os lagartos.

força

força algũa, & assi é pegando na gête vntada, & é a largado & fugindo, tudo he hum. Quanto mais que raramente chegão a pegar nos que entraõ vntados, porque indo pera pegar nelles, dalhe o fardo da herua, com que ficão enjoados, & fogem. Esta herua se chama Miciriri; & quando os Cafres querem vsar della pera effeito da pescaria, a prouão primeiro é si mesmos, pondo a sobre suas proprias cabeças: & mastigando algũa cousa, se os dentes se lhe botão, & ficão como de cera sem poderem mastigar, então sabem q he boa, & de vez, & vsão della pisando, & vntando se com o seu çumo, mas he o medo tanto que tem dos lagartos, que nem vntados da herua ousão entrar no rio a pescar.

¶ Neste rio de Sofala se cria muyto peyxe, gordo & saboroso, como são tainhas muy grandes: saltões, semelhâtes a tainhas, mas muyto melhores: muytos cações, melhores, & mais sádios que os de Portugal: muyto peixe Pedra, que he como grandes choupas: Cabozes, semelhâtes a pescadinhas, tão excellentes, & sádios, que se dão aos doentes, tem a cabe

ça espalmada, & quasi redôda, como hum bollo: muytos caranguejos, cheyos de coral, & muito bõs: infinitas ostras, & tudo isto muyto barato.

¶ Nos rios de agoa doce desta costa, se cria hũa certa casta de peyxe, a que os Portugueses chamão peyxe Tremedor, & os Cafres Thinta, o qual tem tal propriedade, q nenhũa pessoa o pode tomar na mão é quanto está viuo, & se alguem o toma, causalhe tão grande dor nella, & em todo o braço, que parece lho desfazem por quantas juntas tem, de maneyra que logo larga o peyxe, mas como morre fica como qualquer outro, & comese, & he muyto saboroso, & estimado. Dizem os naturaes, q da pelle deste peyxe se fazem feitiços, & tambem que he muyto medicinal contra a colica, tórrada, & moida, & bebida em hum copo de vinho. O mayor peyxe que se acha desta casta, he de hũ coado: tem pelle como de cação, quasi preta, muy aspera, & grossa.

¶ Outro peyxe ha em Sofala, que se cria nas lagoas, a q os naturaes chamão Macone, o qual tem buracos polo peçoço como lamprea, & he do mesmo

Thinta;
peixe
Tremedor.

Diuersas
castas
de peixe.

Macone
peixe.

do mesmo tamanho, & quasi da mesma feição, pintado pelas costas, como cobra d'agoa. Té tal natureza, que depois q se seccaõ as lagoas no veraõ, se enterra debaixo da lama mais de hum palmo, ficando enroscado com o rabo na boca, & desta maneyra está todo o veraõ chupando no seu proprio rabo, de que se sustenta todo este tẽpo até que torna a chouer, que são mais de tres meses. E deste modo comê muytas vezes quasi todo o rabo: mas depois que choue, & as lagoas tomãõ agoa, tornalhe o rabo a crescer como dantes. Os Cafres são muy pagados deste peyxe, & o vaõ buscar a estas lagoas, cauando a terra, onde o achão da maneira que tenho dito. He muyto gordo, & soffriuel: eu comi delle muytas vezes.

¶ No tẽpo do inuerno, quando o rio de Sofala enche, muytas vezes fae fora da madre de tal maneira, que alaga os campos, & enche as lagoas que nellesha, & juntamete ficaõ cheas de peixe do mesmo rio, entre o qual fica hũa casta de peixe semelhante a choupas, muyto gordo, & saboroso, a que os natu-
raes chamaõ Enxauos. He tan

Enxaõ
peixe.

ta a quãtidade deste peixe neste tempo, que não ha quem o possa desfinçar, nem acabar, & até os porcos andão enfardados delle.

¶ Outro peixe se cria neste rio, a que os Cafres chamaõ Munemune, o qual he quasi da feição de çafios, & do mesmo tamanho; tem hum cheyro tão fortunado, que não ha quem lho possa aguardar, salvo os Cafres que o comem. He gordissimo, & languinhofo, & não se come em fresco, senão escalado, & seco ao fumo. Deste peccão os Cafres muita quantida-
de no tẽpo das cheas deste rio, & fazem delle grandes fumeyros, & prouisaõ pera todo o anno. Estando eu na fortaleza de Sofala, ouue hum anno raõ grandes tormentas naquelle mar, que muito peixe delle deu á costa, & se achou em cardumes morto pelas prayas, entre o qual se acharaõ algús folhos muyto semelhantes aos de Portugal, na grandeza, parecer, & sabor. E posto q algús disserão ferẽ toninhas, comitudo os que mais sabião desta materia affirmãõ que eraõ folhos. Junto da barra do rio de Sofala, ao longo da ilha de Inbanfaro, de que abayxo falarey, se tomãõ

Munemune
peixe.

lingoados, & azeuias, & muytas mais se tomarião, se ouerra pescadores que lhe soubessem armar, & pescalas, como fazem neste Reyno, o que os Cafres & Mouros daquella terra não sabem fazer, porque não tem redes, & aparelho, né habilidade pera isso. Outro muyto peixe ha nestes rios de varias castas, que deixo por abreuiar.

¶ CAPITULO XXVII.

Do peixe Molher, & aljofar que se cria nas ilhas das Boçicas.



Vinze legoas de Sofala estão as Ilhas das Boçicas ao longo da costa,

pera a parte do Sul: no mar das quaes ha muyto peixe Molher, que os naturaes das mesmas ilhas pescaõ, & tomaõ cõ linhas grossas, & grandes anzoes, com cadeas de ferro, feitos somete pera isso, & de sua carne fazẽ tassalhos, curados ao fumo, que parecẽ tassalhos de porco. Esta carne he muito boa, & muy gorda, & dellá comiamos em Sofala muitas vezes cozida com coues, & tẽpe rada com seu molho. Este peixe tem muyta semelhança cõ

os homẽs & molheres da barriga atẽ o pescoço, onde tem todas as feições, & partes que tẽ as molheres, & homẽs. A femea cria seus filhos a seus peytos, que tem propriamente como hũa molher. Da barrigapera bayxo tem rabo muyto grosso, & comprido, cõ barbatanas como caçãõ. Tem pelle branda, & alua pola barriga, & polas costas aspera mais qã de caçãõ. Tem braços, mas não tem mãõs, né dedos, senão hũas barbatanas, qã lhe começãõ dos cotouellos, atẽ a ponta dos braços. Tem hũ disforme rosto espalmado, redondo, & muito mayor que de hũ homem, mas não tẽ nelle semelhança algũa de homẽ; porque tem a boca muy grande, semelhãte a boca de hũa arraya, & os beiços muy grossos, & derrubados, como beiços de librêõ. Tem a boca cheya de dentes, como dẽtes de cão, quatro dos quaes, qã saõ as presas, lhe saem fora da boca quasi hũ palmo, como dentes de porco jauali, os quaes saõ muy estimados, & delles fazem as contas a que chamãõ de peixe molher, & dizem que tem muita virtude contra as almorreimas, & contra o fluxo de sangue, & traze

Feições
de peixe
Molher.

Peixe
Molher.

Cõtas de
peixe
Molher.

zêse

zêse pera isso junto da carne. Tem as ventas do nariz, como as de hũ bezerrõ, muy grãdes. Chamão-lhe peyxe molher, & não homem, porq̃ nas feições do corpo tem mais semelhaça de molher que de homem.

¶ Este peyxe não falla, nem canta, como algũs querem dizer, fomite quando o matão dizê que geme como hũa pessoa: não tem cabellos no corpo, nẽ na cabeça. Tirado fora da agoa morre como qualquer outro peyxe, mas poem muito tẽpo em morrer, se o não matão. Eu cuydo que estas deũ ser as Sereas, & Tritões que os antigos fingião, dizendo que Tritão era homẽ marinho, filho da Nympha Salacia tambem molher marinha, os quaes habitauão no mar; & por esse respeito fingião q̃ Tritão era Deos do mar, & trombeta de Neptuno. Outros Poetas fingirão que as Sereas foraõ tres irmãs chamadas Parthenope, Lygia, Leuconia, filhas de Acheloo, & de Calliope, as quaes habitauão nas prayas do mar de Sicilia, onde estão os bayxos de Scylla, & de Carybde. Estas irmãs dizem q̃ cantauão ao longo destas prayas tão suavemente, que attrayaõ a si to-

dos os nauégantes daquelle mar, de tal maneyra, que enleuados com sua musica, se descuidauão das embarcações, & da nauegação que fazião, & dauão á costa, & se perdiaõ, de cuja perdição as Sereas tinhão muyto interesse. Pola qual rezaõ querendo Vlysses nauegar por este mar, tapou as orelhas a seus marinheiros com cera, & mādouse atar a si mesmo ao pê do masto, pera que não se pudesse bulir, nem mouer cõ a musica das Sereas: & desta maneyra foy naugando por este passo perigoso, sem as Sereas poderem conseguir seu intẽto: Polo que vêdose desprezadas de Vlysses, tomaraõ tanta payxão, q̃ se lançaraõ no mar, onde foraõ conuertidas em peyxes da cintura pera bayxo, por merce dos Deoses, que não permitiraõ que ellas se afogassẽ.

¶ Ouidio finge q̃ estas tres irmãs Sereas eraõ cõpanheyras de Proserpina, a qual Plutaõ Deos do inferno furtou, & leuou pera lá, & a teue por sua molher, de que as Sereas ficaraõ tão magoadas, & sentidas, que se lançarão no mar pera se matarẽ; mas por merce dos Deoses foraõ conuertidas em peyxes da cintura pera bayxo.

Tudo

Sereas;
ou Tritões.

Quẽ foy
Tritão.

Quẽ foraõ
as Sereas.

Scylla.
& Carybde.

Inuẽção
de Vlysses
cõtra
as Sereas

Comõas
Sereas se
cõuertem
em
peyxes.

Ficção d'
Ouidio.
Met. 5.
Fab. 9.

Tudo isto são fingimentos de Poetas: mas a verdade he, que o peyxe Molher de sua natureza he gérado, & criado no mar, como o demais peyxe, & tē mais propriedade de peyxe que os cauallos marinhos, & lobos marinhos, & que os lagartos do rio, porque todos estes viuem fora da agoa, & andão muitas vezes em terra: o que não faz o peyxe molher, antes se està fora da agoa logo morre como fica dito.

Alexandre Magno em hũa carta q̄ escreueo a seu mestre Arifoteles, acerca das cousas notaneis, & prodigiosas q̄ vio nas partes do Oriēte quādo as cōquistaua, cōta q̄ indo marchando cō seu exercito polos desertos da India, vio andar em hũcāpo razo molheres, & homēsnūs, cubertos de cabello, como feras brauas, os quaes vēdo a gente do arrayal, fugirão pera hũ grãde rio q̄ perto estaua, & nelle se mergulharão, mas antes q̄ se recolheffē foraõ tomadas duas molheres daquellas. A estes chamaõ os Indios Ichthyophagos. Destas diz Q. Curtio q̄ viuiaõ dentro nelle rio, & se sustētavaõ do peyxe crũ, & q̄ tinhaõ o pēs de cōpriedo, o corpo muito aluo, & os olhos como de Nymphas mui

fermosas, & grãdes cabellos na cabeça, lançados pera tras: & q̄ fazião muito mal aos Indios ignorātes, q̄ se metião no rio, porq̄ a hūs afogauão, a outros espedaçauão entre os canauaes, & a outros vécidos de sua fermosura, matauão cō seu desordenado & sensual appetite. Nas quaes cousas todas differem muyto do peyxe Molher, que se cria & viue no mar das Boçicas, como tenho dito.

¶ No mar destas ilhas ha muito aljofar, & perolas, as quaes se criaõ dentro em hũas ostras mui grandes, a q̄ chamaõ madre perola, q̄ andaõ no fundo do mar e terra de area. Os naturaes as pescão de mergulho, & antes de ir abaixo, lãçaõ no mar hũ cesto preso da embarcaçaõ, cō hũa pedra dētro, pera q̄ vā ao fũdo. Isto feito, lançaõ se de mergulho, atados pola cinta, cō hũa corda, ficando presa na embarcaçaõ, porq̄ se não desuiē della: & pera irem mais depressa ao fundo, leuão nos braços hũa pedra, q̄ largaõ tãto q̄ lã chegãõ: & assi andão polo fundo do mar buscando as ostras, & metēdoas no cesto & depois de cheyo, puxãõ de baixo pola corda cō que estão presos na embarcaçaõ, & os pescadores q̄ nella estão os sobē

Aljofar
& perolas onde se criaõ

acima, & o vazão, & tornão a lançar a baixo. E quando os pescadores q̄ andão no fundo do mar se agastão, & não podem mais reter o folego, vêse pera cima guiados pelas cordas, cõ que vão atados, & metêse na embarcação, mas como descã são tornão a mergulhar, & cõtinuar sua pescaria, & desta maneira vão abayxo muitas vezes, & pescão muytas ostras: & andaõ tão costumados a mergulhar, q̄ muitas vezes estaõ meyo quarto de hora debaixo da agoa, & fazê muitas apostas, sobre quẽ ha de estar mais tempo. O fundo em q̄ pescão sera de dez, doze, atè quinze braças.

¶ O aljofar, & as perolas se achão dentro nestas ostras, pegadas na carne da ostra. Muitas ha q̄ tem dous, tres, & quatro graõs, & outras nenhũ. E a principal causa porq̄ estes Cafres & Mouros pescão as ostras, he pera lhe comerẽ a carne, porq̄ não fazem tanto caso do aljofar, & por essa rezaõ o vendẽ muy barato. Este aljofar se gera do rocio, & orualho do ceo, que cae em Março, & Abril, & em Setembro, & Outubro, nos quaes ordinariamẽte andão as ostras porcima da

Aljofar, & perolas se gerão do orualho do ceo.

agoa com as bocas abertas em tẽpo de bonança, recebendo o orualho q̄ cae do ceo, o q̄ fazẽ depois q̄ se poem o sol! âprima noite, & na madrugada, antes de sayr o sol. E dizẽ os naturaes, que o aljofar, & perolas mais finas são as q̄ se gerão do orualho que as ostras recebem na madrugada. Deos sabe a verdade deste segredo.

¶ CAPITULO XXVIII:
Do nascimento do Ambar, & da muita quantidade que ha d'elle nesta costa da Ethiopia.



M toda esta costa do Cabo de Boa esperãça, atè o mar Roxo, se acha muito Ambar, que o mar lança nas praiyas. Este Ambar nace, & cria se no fundo do mar, donde se arranca com o aballo, & mouimento das agoas, particularmente em tempo de grandes tormentas, & nas partes onde o mar tẽ pouco fundo, & batẽ as õndas com mayor furia, porque entãõ cõ estes aballos se quebraõ algũs pedaços de Ambar, & se arrãõ do fũdo, õde estaõ pegados, & vẽ acima da

Ambar

Comõ õ Ambar se arrãõ do mar, & vẽ tẽõ a praya

dá agoa, & as ondas & vento dão com elles na praya; pola qual rezão todas as vezes q̄ ha grandes vêtos & tormêtas no mar, logo os Cafres andão pelas prayas embusca do âbar, & achão muitos pedaços, q̄ vendem aos Mouros, & aos Portuguezes.

¶ Tres fortes de ambar hã nesta costa: hũ muito aluo, a q̄ chamã Ambar Gris: outro par do, a que chamão Mexueyra, outro negro como pez, a q̄ chamão Ambar preto: o qual muitas vezes se acha taõ mole, como massa, & de roim cheiro, & a causa disso he, segũdo dizem os naturaes desta terra, q̄ este arreueffaõ as baleas, & he certo que o comem, porque ja foy achado no bucho d'algũas, que por esta costa morreraõ. E não fomite as baleas o comẽ, mas tambem o mais peixe do mar, porque muitas vezes foraõ vistos pedaços de ambar em cima das agoas, & os peyxes andarem comendo nelles. O mesmo fazẽ os passaros da praya, se o achão nella, de modo que os peixes, & os passaros o comem, ou porque lhe achão algũa virtude, ou porque lhe sabe bem. O Ambar Gris he muito estimado dos Mouros, & o

cõpraõ pera comer, porque dizem q̄ esforça muito a natureza, & he proueitoso aos velhos pera os esforçar, & auuêtar.

¶ He cousa muito aueriguada, q̄ este Ambar nace no fũdo do mar, onde estã pegado em grande quantidade. Hũ nauio foy de Moçambique à Ilha de S. Lourêço, & lançou hũa noite fatexa ao lógo da dita ilha, onde esteue furto aquella noite, & ao outro dia pola manhã leuantaraõ os marinheiros a fatexa pera sairẽ dali, & continuarem sua viagẽ, como fizeram, mas depois que a meteraõ dentro no nauio, viraõ que trazia as vnhas cheas de ambar branco excellentissimo, sobre o qual esteue o nauio anchorado aquella noite em vinte & tantas braças. O mesmo soccedo a outro nauio, perto do Cabo das correntes.

¶ Roque de Brito Falcão, que catiuaraõ os Turcos indo da costa de Melinde pera a India, estando na sua Capitania da mesma costa, teue hum pedaço de ambar, que fayo naquella paragem, o qual era do tamanho, & quasi da feyção de hum chapeo cuzcuzeyro, muy grande.

Hũ nauio
anchora
sobre
bar.

Pedaço
de Am
bar q̄ se
achou
ẽ
Melinde

Entre os rios de Linde, & Quilimá ne foy achado hum pedaço de ambar mexueyra, q̄ tinha mais de vinte arratens, & os Cafres o foraõ vender a hum Portugues, chamado Francisco Brochado, que residia nestes rios, cudando que era paõ de breu. No tẽpo que eu estíue na ilha de Quirimba, deu à costa outro pedaço de ambar branco, tamanho como este q̄ fica dito, o qual apanhãraõ os Mouros da Xanga, & o repartiraõ entre si, & depois o venderaõ em pedaços de arratel cada hũ pouco mais, ou menos.

No anno do Senhor de 1596. deu à costa hũa serra de ambar branco muy excellente junto da cidade de Braua, & perto da costa de Melinde, o qual ambar segundo disseraõ os Mouros que o acharãõ, era tão grosso, & alto q̄ se não viãõ hũs aos outros, ficando o ambar no meyo delles: & foy tanta sua quantidade, que vieraõ os Mouros de Braua, & muitos da cidade de Magadaxo, & leuaraõ muyta copia delle, & valia muyto barato. Veyo esta noua ter a Moçambique, & dô Pedro de Sousa, que entãõ era capitãõ da fortaleza, auiou hũa fulta, & mandou que fosse

a Braua, & cõprasse o ambar q̄ pudesse, & cõ ir dahi a hũ anno ainda achou tanto, que trouxe hum cayxãõ cheyo delle a Moçambique muyto barato.

Outro pedaço de ambar semelhante ao q̄ fica dito foy achado antiguamẽte na costa do Malauar, entre Chãle & Panãne, terra pouoadada de pescadores muy barbaros, os quaes cudarãõ que era breu, & como tal o cozerãõ, & brearaõ cõ elle suas embarcações. Neste tẽpo socedeo, que veyo ali ter hũ Portugues de Cochim, & na mesma praya, onde as embarcações foraõ breadas, achou muitas migalhas de ambar, & pregũtãdo aos morãdores da terra quem lhe dera breu tão cheiroso, pera brearẽ suas embarcações, elles lhe cõtaraõ o caso, polo que soube que fora ambar, q̄ dera naquella costa. Esta historia he muy sabida em toda a India.

Quãdo se perdeu a nao S: Thome vindo da India pera Portugal, a gẽte q̄ se saluou no esquife tanto q̄ chegou à vista da primeira terra, q̄ foy a dos Fumos, perto da terra do Natal, chegou se à praya pera melhor a conhecer, & sayrãõ dous homẽs pera descubriẽ a terra,

Ambarq̄ se achou no Malauar.

Ambarq̄ se achou em Linde.

Ambarq̄ se achou em Quirimba.

Serra de Ambarq̄ se achou em Braua.

Ambar da terra dos Fumos.

& trazerem nouas do que nella achauão. Hũ dos quaes foy Antonio Gomes Cacho, que sabia algũa cousa da lingua dos Cafres. Estes caminhãdo pela praya hũa tarde toda, forão achando muytos pedaços de Ambar de que se carregará. Vêdo isto algũs Cafres da terra, que vierão alli ter com elles, fizerão grandes espantos porq̃ lhe virão Ambar namão; & disseraõlhe que lançassem aquella peçonha nochão, & q̃ nem pera ella olhassem, porq̃ toda a pessoa que a leuanta da praya logo se mirraua, & secava, ate que morria, & que até o gado, & tudo quanto tinha viuo em sua caza morria com seu dono. E com isto se despedirão os Cafres, & forão fugindo delles como se ficarão feridos de peste. E os Portuguezes se tornarão ao esquife, que acharão ao longo da praya, on

de se embarcarão, & o mais q̃ lhe soccedeo neste caminho cõtarei a diante. Esta historia me contou muitas vezes Antonio Gomes Cacho, estãdo eu em Sofala quando esta gente da perdição ve yo alli ter. Demodo q̃ por toda esta costa se achão muytos, & mui grandes pedaços de Ambar. Donde se collige claramẽte o engano daquelles que disserão que o Ambar se gera, & cria no ventre das baleas, & que ellas o vomitão: o que he falso, porque nenhũa balea por grande que seja pode vomitar tão grandes pedaços, & serras de Ambar como estes, que referi neste capitulo. Alẽ disto a experiencia nos tem mostrado o contrario.

As Baleas não gerão Ambar.

FIM DO PRIMEIRO LIURO

F 3



Agouro
que tem
os Cafres
do
Ambar.

LIVRO SE- GVNDO DA ETHIOPIA ORIENTAL, QUE TRATA DO MANAMOTAPA, & do seu grande Reyno, seus costumes, & de seus Cafres: dos celebres rios de Cuama, & dos animaes, bichos, & ou- tras cousas muy notaueis de todo este terri- torio, incognitas na nossa Lusitania.

¶ CAPIT. PRIMEIRO,
Dos Cafres, & cousas notaueis, que
ha nas terras que correm de So-
fala até o rio de Luabo.



Vatro annos estiuemos na fortaleza de Sofala, o Padre frey Ião Madeira, & eu, occupados no seruiço d'aquella Christandade: & daqui nos saymos por mandado do nosso Padre Vigairo geral da India, & nos passamos aos rios de Cuama, que são trinta legoas de caminhos asperos, & trabalhosos, onde ha grãdes matos, & desertos pouoados de muitas feras, & bichos, como são leões, tigres, onças, elefantes, bufaros; muitos monos & bugios, & outros muitos animaes syuestres. Todas estas terras são do Quiteue Rey do rio de Sofala. Nos lugares pouoados q̄ tem ha muitas crea-

ções de cabras, & de galinhas pequenas, mas muy gordas, & saborosas. Ha muitos mâtimentos de milho, arroz, & painço; grandes inhames, & outros legumes de differêtes castas:

¶ Os moradores destas terras são Gétios Cafres, não muyto pretos: os mais delles têm os dentes podres, & quebrados, & dizem q̄ lhe vê isto da terra em q̄ moraõ ser muito humida, & apaúlada, & tãbem de comerẽ inhames assados quêtes, q̄ he o seu comer ordinario, pola muita quantidade deste legume, q̄ ha nestas terras. Os mais destes Cafres são quebrados, & algũs delles ha tão aleijados desta infirmitade, q̄ não podem andar. Neste caminho vimos hũ Cafre, q̄ viuia em hũa aldeã chamada Inhaguêa, q̄ naceo aleijado sem o braço esquerdo: mas a natureza q̄ lhe negou este membro tão necessario, lhe deu tal habilidade, q̄ logo de pequeno

Fertilida
de destas
terras.

Cafre q̄
naceo cõ
hũ sobra-
ço.

se

se costumou a trabalhar cõ a mão direita, & cõ o pé esquerdo em lugar da mão esquerda, de tal maneira, q̃ fazia cõ estes dous mēbros taõ disparatos tudo aquillo q̃ podia fazer qualquer pēssõa cõ duas mãos, por que fazia escudellas, & gamellas de-pao, & tecia esteiras de palha, cõ q̃ ganhaua a vida: onde se pode ver a prouidēciada natureza, q̃ como diz Aristoteles, não falta nas cousas necessarias perã a vida humana. Não espantarã isto aos q̃ tiuerão noticia de hũ aleijado, que ouue na villa de Mõte mór o nouo em nossos tempos, chamado Francisco Diaz, o qual naceo sem braços, & desta maneira se costumou logo de sua tēra idade a seruir, & vsar dos pês em lugar das mãos q̃ não tinha, & cõ elles comia, bebia, jugaua cartas, enfiava hũa agulha, & fazia taõ boa letra, q̃ tinha escola, em que ensinava muitos moços a ler, & escrever, cõ que ganhaua sua vida, & cõ os pês aparaua as penas, açoutaua os moços, & lhe daua palmotreadas, seruindo-se em todas estas cousas cõ os dedos pollegar, & index do pé direito, de maneira q̃ todas as cousas q̃ se podē fazer cõ as

mãos, fazia elle cõ os pês muy perfeitamente, os quaes trazia metidos e hũas chinellas, aparelhados pera lhe seruirem de mãos.

Os Cafres destas terras são de boa natureza, & bē inclinados, porq̃ tendo pouca noticia de nõs, se ouueraõ comnosco muy amigauelmēte, recebēdo-nos e suas casas, & dandonos do q̃ auia na terra pera comer muito barato. Alem destes Cafres seis ou sete legoas perã o Norte, estã hũ rio pequeno chamado Tebe; o qual corre por meyo de hũ fermoso bosque de aruoredo syluestre, de mais de hũa legoa de largura, q̃ foy a paragé por onde o nõs atraueflamos. Muitas aruores deste bosque são taõ altas, & grossas, como grandes mastos de nao, direitas, & limpas, sem esgalhos, ou de sua natureza, ou porq̃ os Cafres lhas cortão: & assi se crião sē terē nõs, até serē aruores muy grandes. Neste bosque achamos muitos Cafres cortando algũs paos grossos, pera fazerē delles embarcações, como fazē ordinariamente, inteiras, de hum sò pao cauado por dentro: & algũas são taõ grandes, que tem vinte braços, & mais de comprido,

Rio, & bosque de Tebe.

Almã dias muy togrãdes

Aleijado de Mõte mór onono.

& carregão vinte toneladas, das quaes eu vi algũas, que an dauão em os rios de Cuama, colhidas, & feitas neste bosque: chamaõse estas embarcações Almâdias. Estas aruores são tão bastas neste lugar, & têm a rama no alto tão copada, q̃ parecê de longe hum fermoso pinhal, tão cerrado por cima, que em poucas partes da o sol embayxo na terra, & por esse respeito não cria herua, mas têm folhada das mesmas aruores quasi de hũ palmo de altura.

Tendanculo rio, q̃ diuide o Quiteue do Manamotapa.

¶ Adiante deste rio está outro chamado Tendaculo, onde acaba o Reyno do Quiteue, & começa o grande Imperio do Manamotapa. Neste rio achamos hum animal do mar morto, de hũa figura espantosa, & hũas aues nocturnas, que nos puseão em grãde admiração, do q̃ tudo tratarey adiante em seu lugar. Deste rio até o de Luabo, que he o principal dos rios de Cuama, são terras do Manamotapa, pouoadas de Cafres Gétios, & de Mouros, hũs pretos, & outros brancos, & algũs delles ricos: & có serẽ vassallos do Manamotapa, vivem aqui quasi como isentos, por estarem muy distantes da Corte deste Rey, de cujas ter-

ras, vassallos, & costumes, pretendo tratar neste segundo liuro. E por quanto os rios de Cuama, onde agora chegamos são as portas por onde os Portugueses entraõ neste grande Reyno, delles me pareceo, que deuia tratar primeyro, como farey no capitulo seguinte.

¶ CAPIT. SEGUNDO.

Dos rios de Cuama, & das ilhas principaes que nelles ha.



Este rio de Cuama tão celebre & conhecido por suas riquezas, chamão os Cafres Zambeze;

Principio do rio de Cuama, chamado Zabeze.

nace pola terra dentro tão longe, que não ha quem tenha noticia de seu principio. Dizẽ os Cafres que têm por tradição de seus antepassados, que este rio nace de hũa grande lagoa, que está no meyo desta Ethiopia, da qual nace outros rios muyto grandes, que correm por diuersas partes, cada hũ de diferente nome, & q̃ polo meyo desta lagoa ha muytas ilhas pouoadas de Cafres, ricas, & abundantes de creações, & mantimentos. Chamase este rio Zambeze, porque ao sayr da lagoa

lagoa passa por hũa grande pouoação de Cafres alsi chamada, & dahi vem o rio tomar o mesmo nome da pouoação. Este rio he muy impetuoso, & tẽ em partes largura de mais de hũa legoa. Antes que chegue a se meter no mar algũas trinta legoas, se diuide em dous braços, & cada hũ delles he quasi tão grande como o mesmo Zambeze, & ambos vão entrar em o mar Oceano Ethiopico, trinta legoas distantes hũ do outro. Ao principal, & de mais agoa chamão rio de Luabo: o qual também se diuide em dous braços, hum delles se chama rio de Luabo velho, & o outro Cuama velha, donde parece q̃ todos estes rios tomaraõ nome de Rios de Cuama. O braço menos principal se chama rio de Quilimane, ou Rio dos Bons sinaes: nome que lhe pôs dõ Vasco da Gama, quando a elle chegou, indo no descobrimento da India, pelas boas nouas & sinães q̃ nelle achou de Moçambique estar ja perto, onde auia embarcações, & pilotos q̃ sabião nauegar pera a India. Polo qual respeito pôs na praya deste rio hũa coluna de pedra, que tinha hũa Cruz, & as armas Reaes de Portu-

gal entalhadas; & juntamente pôs nome a esta praya Terra de S. Raphaël. Este rio também lança de si outro braço muyto grãde, a que chamão o Rio de Linde. De maneira, que este grande rio Zambeze entra no mar cõ cinco bocas, ou braços de muyta largura, & muytas agoas. Os Portugueses nauegão semente polos dous principaes: polo de Luabo podem nauegar todo o anno, porque tẽ muyta agoa, & sempre he capaz de nauegação; o que não tem o de Quilimane, por onde nauegão somente no inuerno; porq̃ no veraõ descobre muytas areas, & madeiros, que estão crauados no fundo do rio, onde perigaõ muyto as embarcações.

¶ Por este rio acima (indo sempre a Loesnorõeste) se nauega obra de duzentas legoas até o Reyno de Sacumbè, que está muyto arriba do forte de Tete, no qual lugar faz o rio hũa grande queda de hũs rochedos abayxo, & dali pera cima vay inda cõtinuando muyta penedia polo meyo do rio, por espaço de vinte legoas, até o Reino de Chicoua õde estão as minas de prata, de modo q̃ se não nauegão estas vinte le-

Duzetas legoas se nauega este rio.

goas

Diuisam dos rios de Cuama.

Livro segundo da Ethiopia Oriental.

goas de Sacübè atè Chicoua, por causa da grande corrente com que as agoas vê quebrando de penedo em penedo polo rio abayxo: mas do Reyno de Chicoua pera cima he naue gael, poré não se sabe atè onde.

Ilha de Luabo.

¶ Tornando pois ao rio de Luabo, que he o braço principal, chama-se assi por respeito da ilha Luabo, situada na sua barra, em dezanoue graos escassos. Esta ilha tem da parte do Sul o rio que dissemos, & do Norte o rio de Cuama a ve lha, & pola parte de Leste he cortada de hum esteiro de cinco legoas de cõprido, que vay de hum rio atè o outro, & do Sueste lhe fica o mar Oceano Ethiopico. Tem cinco legoas de comprido, & outras tantas de largo, pouco mais, ou menos. He pouoada de Mouros, & Cafres Gentios, de cabelo crespo, muy sogeytos, & quasi vassallos do capitão dos rios de Cuama, o qual muytas vezes reside nesta ilha, entendendo no concerto das embarcações, q̄ leuão as mercadorias polo rio acima, as quaes vê ali de Moçâbique em hũas embarcações grandes, chamadas Pãgayos, & por serem grandes, &

não poderé nauegar polo rio acima, descarregão nesta ilha, onde as embarcações pequenas, que tenho dito, tomão sua carga, & todas juntas nauegão polo rio acima atè o forte de Sena, que são sesenta legoas de caminho. As terras que correm ao longo deste rio da parte do Norte, se chamão Bororo, & as da parte do Sul Botõga, polos quaes dous nomes se governão os maritheiros quãdo nauegão, lançando o leme hora pera Bororo, hora pera Botonga, como fazem os das naos pera Bombordo, ou pera Eltibordo.

¶ Polo meyo deste rio ha muytas ilhas, & algũas dellas muyto grandes. A primeira, & mayor de todas indo polo rio acima, he Chingoma, da qual he senhor hum Cafre Macua, que té o mesmo nome da ilha. Esta he fertilissima, & a melhor de todas. Na ponta della se diuide o rio Zâbeze em os dous braços de Luabo, & Quilimane, como atras dissemos, ficando ella entre ambos. A segunda ilha nomeada deste rio se chama Inhãgoma, situada junto do forte de Sena, a qual he muito raza, & bayxa, & por isso alagadiça polas fraldas

Ilhas deste rio.

Chingõma ilha.

Inhãgõma ilha.

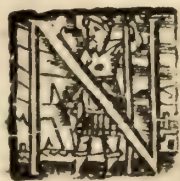
das do rio. Tem dez legoas de comprimento, & no mais largo legoa & meya: he muyto fertil, & abastada de mantimentos. Quando os Portugueses nauegaõ por este rio, recolhemse denoite a estas ilhas, & a outros muitos ilheos, que polo rio ha despouoados, & samente de dia nauegaõ, por causa das muitas correntes, & bayxos que ha por todo este rio.

¶ Quando estas embarcações nauegaõ polo rio, os Cafres que habitão em muitas aldeas ao longo d'elle, vem logo a ellas em suas Almâdias pequenas, carregadas de frutas da terra, arroz, milho, legumes, pescado fresco, & seco, & muitas galinhas, as quaes cousas vendem aos passageiros baratas, por auer grande abundancia, & fertilidade nestas terras, & muitas creações de galinhas, q̃ os Cafres não comê, mas crião samente pera vêder aos que nauegaõ polo rio, & por isto val hũa galinha nelle dezoito atè vinte reis samente. A causa desta fertilidade são as enchentes deste rio, que muitas vezes alagaõ os câpos que correm ao longo d'elle, & mais particularmente no mes de Março, & Abril, quando

enchem outros rios, & ribeyras muy grandes, que se vem meter neste; & lhe acrecentão suas agoas, com cuja inundação ficão estas terras cheas de nata, & frutificação grandissima. Nestes dous meses são as môres cheas deste rio, sem nelles auer chuvas nestas terras, nê neues que se desfação, & corraõ pera o rio, polo que se manifesta claramente q̃ vê estas agoas de muito longe, & causaõ aqui estas enchentes, como fazê as do rio Nilo nas terras do Egypto. Neste tẽpo são estas terras muy doentias, por causa dos ares grossos, que ordinariamẽte se leuantão das lagoas, & campos apaúlados, & entãõ morrem mais Cafres deste rio, que nos outros meses do anno.

¶ CAPIT. TÊRCEIRO

Dos Cavallos Marinhos, a que os Cafres chamão Zono, outros Zoo.



Estes rios de Cuama, & no de Sofala, & nos mais de toda esta costa, se crião muitos cavallos marinhos, muy ferozes, & espantosos. São muyto mayores, & mais

Abundancia destes rios.

Em Março enchẽ os rios de Cuama

feições dos mais grossos que dous caual-
 los iuntos dos nossos; tem os
 pés muito curtos & grossos,
 cinco vnhas em cada mão, &
 quatro em cada pé, & a pèga-
 da quasi tamanha como a de
 hum elefante: tem húa boca
 muy grãde rasgada, & chea de
 dentes, & quatro delles q̄ são
 as prezas, té mais de dous pal-
 mos de comprimento cada
 hum, os dous de baixo são
 direitos, & os de cima reuol-
 tos como de porco juali, &
 todos quatro saídos pera fora
 da boca hum grande palmo.
 Tem húa cabeça como de tres
 bois juntos. Húa caueira de ca-
 uallo marinho vi hũ dia á por-
 ta de hum Casre que lhe seruia
 de asêto, & elle a tinha posta
 naquelle lugar por façanha, &
 vendome olhar pera ella com
 admiração, chamou hum filho
 seu menino de sete, ou oito an-
 nos, & abrindo a boca da ca-
 ueira fez asêtar o menino den-
 tro nella sobre o queixo de bai-
 xo, & daua com a cabeça no
 queixo de cima muy folgada-
 mente; & disse-me que a inda a-
 uia maiores cauallos do que fo-
 ra o daquella caueira. Estes ca-
 uallos ordinariamente viuem
 dentro na agoa, mas comem
 em terra, & sustentão-se da her-

ua & rama dos matos, fazem
 muito dano nas searas do mi-
 lho, & arròz, assim com os pés
 como no que comem: ordina-
 riamente saem dos rios a co-
 mer de noite, & tãbem de dia,
 em lugares despouoados, & de-
 fertos: tem muita semelhança
 com os nossos cauallos somete
 na frontaria do rosto, olhos, &
 orelhas, & quasi no rinchar.

¶ São muito çiozos, & nun-
 ca seuerão dous machos jun-
 tos, antes como se encontrão
 logo pelejão, & ferem-se muy
 cruelmente com os dentes, &
 algũas vezes se matão nella
 briga & achaõ-se mortos pelas
 prayas dos rios com muitas fe-
 ridas & buracos pella barriga
 onde elles ordinariamente se
 ferem quando pelejão. Entre
 hum bando de egoas marinhas
 não anda mais que hum caual-
 lo, como gallo entre gallinhas.
 E os outros cauallos menores
 & que menos podem, andão
 sempre fugindo de se encon-
 trar com os grandes. Tambem
 quando a egoa pare macho, fo-
 ge da companhia das outras
 egoas, & anda sempre sô com
 seu filho, por q̄ o pay lho não
 mate. E são tão çiozas dos fi-
 lhos que remetem atoda a em-
 barcação que passa pollo rio

São muy
 toçiozos
 hũs dos
 outros, &
 as feme-
 as dos fi-
 lhos.

junto

Caueira
 de hũ ca-
 uallo ma-
 rinho.

junto do lugar em q̄ ellas andão, & muitas vezes emborcã algũas, & fazem afogar algũa gente. Quando querem parir vão-se a terra, & parem dentro no mato, ou em algum esteiro solitario perto do rio, que não tem agoa, nos quaes lugares são achadas pelos Cafres muytas vezes parindo. Depois que parem comem as parias, & lam bem o filho todo, & tornão-se com elle pera orio onde o criaõ com leite de duas tetas que tem como as nossas egoas, mas muyto mayores, & de tanto leite q̄ às vezes lhe corre em fio no chão quando saem fora a comer.

Feições
destes ca
uallos.

¶ Estes cauallos marinhos tem pelle muito mais grossa q̄ a de hũ boy, todos são de hũa cor parda sobre çinzenta, & de cabello muito aspero: quasi todos, ou os mais delles tem hũa silua branca muito alua pello meyo do rosto abaixo atè as ventas, & hũa estrella brãca na testa muito fermoza. Tem mui pouca coma, & muito curta, & não tem topete nê sedas compridas no cabo, são muy sojeitos a doença de gota coral, ou accidentes de malenconia, & quando lhe vem esta dor collão o peito muy forte

São doe
tes de go
ta coral.

mente com amão esquerda do brandoa pera traz, & sobre ella se deixão cair no chão ficando as vnhas debaixo do peito, com cuja virtude dizem os Cafres que se lhe tirão os accidentes mais depressa; onde se pode ver a prouidencia da natureza q̄ não falta nas cousas neçessarias. Por esta rezão affirmão os Cafres, & Mouros desta terra q̄ as vnhas da mão esquerda do cauallo marinho tem muita virtude cõtra a malenconia: Deos sabe a verdade disto, mas he certo que os cauallos tem os accidentes que disse, & que se collão com as vnhas da mão esquerda, porq̄ deste modo os tem achado os Cafres em terra muitas vezes, & algũas tão desmayados, & se acordo cõ a força do mal que padecem, que assim matarão algũs sem se poderem erguer, nem fugir.

¶ Posto que estes cauallos marinhos são mui ferozes, & de grãdes corpos, cõ tudo não são tão brauos que remetão à gente, saluo dentro no rio, quando andão no çio, como fica dito; mas quando saem a comer em terra, se sentem nella qualquer pessoa, ou tem vista della, logo fogem pera o rio correndo

Virtude
das v-
nhas de
cauallo
marinho

São mui
medro-
zos, &
fogẽ da
gente e
terra,

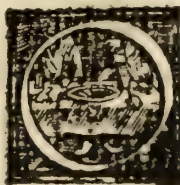
do com tãta furia, como se forão animaes mui pequenos, & muito medrozos, & tãta esturpiada fazem cõ os pès quãdo correm que parecem hum trouão, & cõ esta preça, se lançaõ ao rio, & muitas vezes de ribançeiras mui altas, & com tãta furia, que leuaõ cõ sigo grãde parte da borda do rio, deixando nelletal rasto como se fora caminho mui seguido.

¶ Huã tarde fuy pellas prayas do rio de Sofala com dous Portuguezes cazados da fortaleza pera nos recrearmos & pescarmos nelle, & pera esse effeito forão com nosco muitos escrauos seus pera andare com as redes. Indo nõs desta maneira ao longo do rio, vimos fair do mato dous cauallos marinhos que andauão comendo nelle, & tanto que nos sentiraõ vierão correndo pera se meter no rio, & o seu caminho direito era por onde nõs estauamos, polo que logo os portuguezes tomarão as espingardas, & os Cafres seus arcos & frechas, & aguardaraõ os cauallos pera os ferirem, ou espantarem, mas foi o seu medo tanto, & mayor que o nosso, porq̃ se desuiarão denõs, & forão foggindo ao lõgo do mato atẽ q̃ se

meterão no rio bem longe donde nõs estauamos de que nos não pezou, porq̃ algũs temiaõ que com sua chegada ouuesse algum desfastre.

¶ CAPIT. QVARTO.

De como os Cafres matão os cauallos marinhos dentro, & fora do rio.



S Cafres do rio de Cuama, & os de Sofala, armaõ aos cauallos marinhos, &

Primeiro modo de caçar os cauallos.

os caçãõ de tres maneiras. A primeira & mais ordinaria, he fazêdo couas polla borda das semêteiras do milho, & arrõz, onde os cauallos denoite vão a comer, as quais estaõ cubertas de rama, & herua de tal maneira, que não se enxerga sinal de coua, & por isso vão os cauallos passeando muy seguros por entre as searas, & pôdo as mãos ou os pès sobre as couas daõ cõsigo dêtro, & ali ficão entalados atẽ polla manham, que vem os donos das searas, & os matão sem perigo, nem trabalho algum.

¶ De outra maneira lhe armaõ com hũas taboas de comprimento de hũa braça, muyto grossas, & fortes, nas quaes os

si modo

Cafres

Medo q̃ os cauallos tẽ da gente em terra.

Cafres metem muitos farpões de ferro, como farpões de físga, muy grossos, & agudos nas pontas. Estas taboas poe ao longo das searas meas enteradas cõ os bicos dos farpões pera cima, & tanto que os cauallos poem os pês encima de algũa taboa destas, encrauaõse nos farpões de tal modo, que não se lhe podê mais despregar, & desta maneira ficão presos, sem poderẽ andar, nẽ quebrar as taboas, por serẽ muito fortes, & así os mataõ os Cafres que lhe tẽ armado.

^{3. modo.} ¶ O terceiro modo, cõ que os Cafres mataõ os cauallos marinhos, he no rio, onde lhe armão cõ muitas embarcações pequenas, de hũ sò paõ, a que chamaõ Almâdias: em cada hũa das quaes se metê dous caçadores, hum assentado na popa remando, & outro na proa em pê, com hũa físga na mão, de grande & agudo farpaõ de ferro, a qual vay atada polo meyo da haltea, cõ hũa ponta de corda muy cõprida, & fica presa cõ a outra ponta na mesma Almâdia. Alé desta físga, leuãõ outras, & muitas frechas, & azagayas, & penedos, tudo pera effeito de caçar. Desta maneira vão remando pera

os pêgos, & remansos, onde os cauallos andão cõmunmente, cõ as cabeças fora da agoa, dando fê de quantos passãõ polo rio; & tanto que as Almâdias chegaõ perto delles, fazemhe cerco, & todas em ala remetẽ com muita ligeireza, pera lhe fazerẽ chegada, mas elles logo mergulhão, & fogẽ, & vão sayr em outro lugar perto daquelle cõ a cabeça fora, & as Almâdias apos elles remando, & tirandolhe sempre cõ penedos & frechas, & tantas voltas lhe daõ pera bayxo, & pera cima, atè que algũa embarcação chega perto de algũ, a tiro quelhe possaõ della pregar a físga, & tanto que lha prêgão no corpo, & elle se sente ferido, logo desfmaya, & vay fogindo com a físga pregada, leuando apos si a Almâdia em que a físga está presa â corda, polo qual respeito lhe vão tirãdo da mesma Almâdia com muitas frechas, & as outras Almâdias juntamente acodẽ, & tambem lhe prêgão suas físgas, & com fer hum animal taõ feroz & grande, he taõ pusillanime depois de ferido, que não remete pera se defender de quem o perseguẽ, antes foge, andãdo de hũa parte pera outra, leuãdo apos

São pusillanimes, & feridos desfmayã

si as

fi as Almâdias presas das fí-
gas, que leua no corpo prega-
das, & tanto trabalha desta ma-
neira, até q̄ cansa, & anda em
cima da agoa cõ a boca aberta,
& a lingua fora sem poder to-
mar folego; entãõ remetem as
Almâdias todas a elle, & dão-
lhe muitas azagayadas, até q̄ o
matãõ, & depois de morto lhe
ataõ hũa corda no pescoço, &
o leuãõ a terra, onde o cortãõ,
& desfazê em quartos, & peda-
ços, & cada Cafre leua seu qui-
nhão pera comer. Desta ma-
neira matãõ muitos cauállos
marinhos: & posto que este mo-
do de caçar seja trabalhoso pe-
ra os caçadores, he muito gost-
oso, & de grande festa, & rego-
zijo. Indo eu de Luabo polo
rio acima pera Sena, vi andar
no rio dez ou doze Almâdias,
com seus caçadores dentro, fa-
zendo a caçada q̄ tenho dito,
cousa que muyto folgamos de
ver, & senãõ fomos com tão
prospero vento, sempre nos
detiuermos neste lugar, por
ver o fim da caçada.

¶ CAPIT. QUINTO.
*De algũas cousas notaveis que ha nos
rios de Cuama, asbi dentro na agoa,
como fora nas terras que corrê
ao longo delles.*



M todos estes rios
se cria muito peixe
de varias castas, &
algum delle muyto
bom, gordo, & saboroso, como
saõ taynhas, cações, peixe Pe-
dra, semelhãte a grandes chou-
pas, peixe Boquinha, semelhã-
te a fauelha: tem mui pequena
boca, & pouca espinha: he mui
gordo, & saboroso: peixe Bar-
riginha, da feição de Aren-
ques, mas muyto mayor: tem
grande barriga, pequena bo-
ca, & pouca espinha: he muy-
gordo, & saboroso. Ha nestes
rios tão grandes Espadartes,
como os do mar. Hum destes
se matou arriba de Tete no an-
no do Senhor de 1586. de que
todos ficaraõ marauillados,
porque não cudaraõ que tama-
nhos peyxes se criassem nesta
paragem, mais de cento & vin-
te legoas distante do mar. Tã-
bem se criãõ nestes rios muy-
tos cauállos marinhos, & mui-
tos & grandes lagartos, como
fica dito.

¶ Os Cafres destes rios con-
tãõ hũa historia mui sabida, &
praticada dos Portugueses, &
Mouros destas terras, da ma-
neira seguinte. Dizem q̄ hum
dia veyo hum leão correndo
apõs hũ veado pera o matar,

Diversi-
dade de
peyxes
dos rios
de Cu-
ma,

Espada-
tes do
rio.

Briga de
hũ leão,
& hũ la-
garto, so-
bre hum
veado.

&

Varios
animacs

& comer, o qual veado védo se perseguido, veyo fugindo cõ medo da morte pera se lançar ao rio, & chegãdo a elle, indo já pera se meter dẽtro, chegou lhe primeiro o leão, & lançan dolhe as vnhas sobre as ancas teue mão nelle, pera q̃ se não acabasse de meter de todo no rio: mas a este reboliço, & briga acodio hũ lagarto, & védo que o veado estaua cõ meyo corpo dentro na agoa, ferrou logo delle cõ os dentes & vnhas, pera o meter no rio, & teue mão nelle tão fortemente, q̃ nunca o leão o pode tirar fora, nẽ o lagarto o pode meter dentro, & tirar das vnhas do leão: & desta maneira estiueraõ algum tempo em porfia de quê auia de levar a presa, atẽ q̃ acudiraõ hũs Cafres, que andauão trabalhando em suas fearas, & tinhão visto todo o successo desta contenda, & correndo ao rio cõ grandes brados, & alaridos, o lagarto se espanrou, & largou o veado, recolhẽdo se pera dentro d'agoa, & o leão tambem fugio, deixando a caça que tinha ja quasi morta, & aberta polas cadeiras cõ as vnhas. Chegaraõ entãõ os Cafres, & recolherãõ o veado, & o repartiraõ entre si.

¶ Polas terras q̃ correm ao longo destes rios, ha muytos leões, tigres, onças, badas, elefantes, bufaros brauos, vaccas brauas, quasi da feição das nossas manfas. Ha caualllos brauos, com sua coma, & cabo como os nossos caualllos, & rinchão quasi da mesma feição; tẽ hũa cor castanha, muito clara, quasi cinzeta, tẽ cornos moçicos como veado muy direitos, & sem esgalhos, & vnha fendida como boy: os Cafres lhe chamãõ Empophos. Tambẽ ha alnos brauos de cor parda, cõ cornos, & vnha fendida, a que chamãõ Merús, sua carne he tão boa como a de vacca. Ha muita variedade de bichos, porcos monteses, & outra muyta casta de animacs syluestres.

¶ Ao lógo destes rios nace[m] muitos algodões, em fearas, q̃ os Cafres semeãõ, cultiuãõ, & podãõ, quasi ao modo de vinhãs. Deste algodão fazẽ pannos, a q̃ chamãõ Machêras, de q̃ se vestem, os quaes saõ do tamanho de hũ lençol. Ha grandes canaueaes de cânas de açucar, q̃ os Cafres semeãõ pera comerem, & saõ muyta parte de seu mâtimeto. Naõ sabẽ fazer açucar, nẽ tẽ engenhos p[ar]a isso, q̃ se os tiuêraõ, cudo q̃ des

Algõ
dão,Cânas d'
açucar,

tes rios, & do de Sofala, se tirara mais açucar, q̄ do Brasil.

Douradinha.

¶ Neste territorio nace[m] muitos paos, & heruas mui me dicinaes, & particularmente em hūas ferras, a que chamāo Lupâta, q̄ atraue[ss]aõ este rio, nas quaes ha muita Douradinha: infinita Aguila braua mui boa, & de tão excellente cheiro, que parece mansa, & algūas pessoas me affirmaraõ auella nestes matos. Estando eu em Tete me deraõ hū tronco velho de Aguila, tão gastado ja do tempo, que lhe não ficou mais q̄ o cerne de dentro, preto, & duro, & fazendo eu pouco caso d'elle, por saber q̄ auia muito na terra, o mandei lançar em hum quintal q̄ tinha, onde o sol lhe daua, & nelle este ue algū tempo, atè q̄ hum dia o vi estar lançādo de si oleo suauissimo, q̄ lhe corria no chão cõ a quentura do Sol: então o recolhi, & o tiue em grande estima, & como tal o dey a què o trouxe pera este Reino, por peça de muito preço.

Cānafistola.
Pao cõ q̄ se purgã.

Ha nesta terra muita cānafistola polos matos, & outro pao com que os Cafres se purgāo, mui medicinal, o qual cozē cõ hūa galinha ē agoa simples, & depois de bē cozida, bebē o cal

do, & cõ elle purgāo muito bē. Esta purga tomey ē Sena pera hūas sezões q̄ tinha, & me achei muito bē, o q̄ não fiz cõ outras purgas que antes desta mederaõ. Outro pao ha, q̄ moido, & dado a beber ē agoa simples estāca camaras de sangue. Outro pao ha excellēte, com q̄ os Cafres curaõ suas feridas, moido, & deitado dentro nellas o pô: & té tanta virtude, q̄ em 24 horas lança fora das feridas toda a podridāo, ou sangue pizado q̄ tem, & por grande q̄ a ferida seja, em poucos dias fara, curādo se cõ estes pôs, sem pontos, nē outra medicina. Outro pao me mostraraõ em Sofala, o qual tambem ha nestes rios, & dizem que pizado, & dado a beber, faz vir leite aos peitos de qualquer pessoa q̄ o beber, assi molher, como homē: té as folhas muito grossas, & grandes, quasi como herua babosa.

Pao de estancar sangue.

Pao para curar feridas.

Pao que faz vir leite.

¶ CAPITVLO SEXTO,
Das ferras da Lupâta, & do Reino do Mongâs, & das guerras q̄ teue cõ os Portugueses, & de hūas fontes notaveis destas terras.



O forte de Sena atè o de Tete saõ 60 legoas polo rio acima. No meyo deste

deste caminho estão situadas aquellas muy famosas, & nomeadas serras da Lupâta, 90. legoas distantes do mar Oceano Ethiopico. Estas serras tem de largura quatro ou cinco legoas: são muito altas, & frago-
 sas de penedias; & saibro aspero, & duro como ferro, & desta maneira vão correndo, & atrauessando grande parte desta Ethiopia, & por serẽ altissimas & atrauessarem muitas terras, lhe chamão os Cafres espinhaço do mûdo. Com estas serras serẽ taõ altas, largas, & de pedra viua, teue o rio Zambeze tanta força, que as rompeo polo meyo, leuando suas agoas por entre ellas cõ tanto impeto, q̃ faz medo sua corrente; & taõ cortadas estão estas serras em muitas partes ao longo do rio, q̃ do alto dellas atẽ o fundo são direitas, como se foraõ talliadas ao picão, & a prumo. E noutras partes ficaõ os altos das serras pendentes sobre o rio, taõ medonhos, q̃ parece estarem pera cayr sobre as embarcações q̃ passaõ por bayxo. Nesta paragem serã este rio de largura de 50. braças, pouco mais, ou menos, cercado destas serras ingremes, & altissimas, polo q̃ estas cinco, ou seis le-

goas de rio são muy perigosas de nauegar, & aqui se perdẽ algũas embarcações, por causa das grandes correntes que tẽ, dando com ellas sobre as pedras, sem lhe poderẽ fugir.

¶ Estas serras de Lupâta atrauessaõ o Reino de hũ Rey chamado Mõgãs, cujas terras estão ao lõgo deste rio, da parte do Sul, como Sena, & Tete, & tẽ por seu limite o mesmo rio, & da banda do sertão cõfinaõ cõ as terras do Manamotapa. Este Mõgãs pellejou cõ os Portugueses no tẽpo da conquista de Frãcisco Barreto, & de Valco Frz Homem, q̃ lhe socdeo nõ gouerno por sua morte. Todos estes Cafres do Mõgãs são Gétios, algũ tanto baços, muy esforçados, & mais bellicosos q̃ todos os q̃ entãõ auia nestes rios, & asideraõ muito que fazer aos nossos cõquistadores, representandolhe muitas batalhas. Em hũa das quaes se cõta que vindo hũ dia cometer aos Portugueses, trazião cõfigo hũa Cafra velha, que diziaõ ser grande feitiçeyra, & tanto que chegaraõ à vista dos nossos, ella se adiantou da sua gente, & pôdõse no meyo do eãpo entre os dous arrayaes, tirou de hum cabaço certos pões q̃ ali

Mõgãs,
 Rey da
 Lupâta;

Feitiçeyra do
 Mõgãs.

Serras
 da Lupâta

Grande
 força de
 agoa.

trazia, & lançando algũas mãos cheas delles pera o ar contra os Portugueses, dezia que os auia de cegar a todos daquelle maneira, & que facilmente seriaõ logo desbaratados, & presos. Com esta promessa da feytiçeira vinhaõ os Cafres taõ confiados, que todos traziaõ cordas, pera leuarem os Portugueses atados como carneiros: mas em breue tempo ficaraõ frustrados de seus penfametos, porque o governador vendo a feytiçeira no campo, taõ soberba & cõfiada em suas artes diabolicas, mandou ao Condestable, que lhe fizesse tiro com hum falcão, que diante de sirtinha carregado, o que o Condestable logo fez, & quis Deos que fosse taõ bem apontado, q̃ acertou a feytiçeira pelos peitos, & diante dos seus a fez e pedaços, polo qual o governador leuou de hũa cadea d'ouro q̃ trazia cõ hũ relicario, & a lançou ao pescoço do Condestable, muy alegre, louuãdo sua destreza, & vêturoso tiro, taõ importante pera o principio da briga q̃ começaua. Da outra parte os Cafres ficaraõ muy espãtados do successo não esperado, & muy tristes com a morte da sua feytiçeira, em quẽ

Tiro de Falcão bẽ acertado

vinhaõ estribados, mas nada foy bastãte pera deixarẽ a briga, antes logo rõperaõ batalha, & pellejaraõ muy esforçada: porẽ depois q̃ experimentaraõ o braço dos Portugueses, & os pelouros, tanto a custa de suas vidas, se foraõ retirando & fugindo, ficando os nossos senhores do cãpo: & não tardou muito q̃ o Mõgãs mandasse cometer pazes ao gouernador, prometẽdo lhe a passagem liure por suas terras, q̃ dantes lhe queria impedir, as quaes o gouernador aceitou, & durão atẽ agora, sem auer mais quebras, nem alteraçãõ algũa.

¶ Abaixo destas serras da Lupãta, perto do rio, da bãda do Leste, defronte das terras do Mongãs, estã hũa fermosa lagoa, de tres legoas e roda, muy fũda, & no meyo della hũ ilheo de terra fragosa muy alta, q̃ terá 500. braças em roda. No alto deste ilheo estã hũ fermoso Tamarinheiro, do tamanho, & quasi da feiçãõ de hũ grãde pinheiro, o qual carrega os mais dos annos de Tamarinho. Seu fruto he semelhante a alfarrobas, tẽ hũ azedo excellẽtissimo pera tẽperar o comer em lugar de limãõ, ou de vinagre, he muy medicinal, & yza se delle

Lagoa Rufuba

Propriedade do Tamarizheiro. nas boticas pera purgas. Os tamarizheiros tẽ tal propriedade, q̃ em se pôdo o sol, logo fechão as folhas, & assi estão toda a noite, atẽ q̃ torna a sair, & em nascendo, logo selhe abré.

A esta lagoa chamão os Cafres Rufuba, he de agoa doce, cria muita & bõ peixe, muitos cauallos marinhos, & muy grãdes lagartos. A borda della estã hũ bosque, a q̃ os Cafres chamão Chipanga, de mui fresco, & espesso aruoredo sylvestre.

Os Cafres vezinhos deste bosque enterrão seus defãtos nelle, & de todos he tido por causa muy sagrada; & a causa principal he, porq̃ os lagartos da Rufuba se deitão ao sol, como he seu costume, nas bordas deste bosque, & os Cafres tẽ pera si q̃ saõ as almas dos seus defãtos, q̃ andaõ dentro nestes lagartos, & pouoão aquella lagoa, & por esse respeito muytas vezes lhe deitão de comer naquellas prayas do bosque.

Perto desta lagoa estã hũa fonte, a que os Cafres chamão Maembe, na qual naçẽ cinco olhos de agoa afastados hũs dos outros pouco mais de hũa braça: esta agoa he toda quẽte, connem a saber, dous olhos de agoa morna, & dous de muyto

quente, & o quinto de agoa taõ quẽte, como se estiuera feruendo cõ grande fogo, na qual ninguem pode meter a maõ, antes podẽ cozer nella ouos, & pellar leitões, como ja fizeram algũs Portugueses, que ali foraõ ter de proposito, a ver as marauilhas desta lagoa. Estas fontes corrẽ todo o anno, & suas agoas se recolhem na lagoa Rufumba.

Arriba do fonte de Tete estã hum lugar chamado Empongo, no qual naçẽ tres olhos de agoa quente, à borda do rio Zambeze, & apparecẽ quando vay vazio, mas como enche, cobre as fontes, & não se vem. Hum destes olhos dizem que he de agoa quentissima, onde ninguem pode meter a maõ. Outras muitas cousas marauilhosas dizẽ que ha nestes rios, & nas terras que correm ao longo delles, de que não trato por não ter dellas certa & verdadeira informação, como tiue das que ficão apontadas.

CAPIT. SETIMO,
De algũas fontes & ribeiras de agoa salgada, & doutras fontes de admiraveis effeitos, que ha no sertão desta Ethiopia Oriental.

Fôres da Empongo.

Bosque chamado do Chipanga.

Maẽbe, fonte de agoas quẽtes.



Fontes
de agoa
salgada.

Vnto do forte de Tete obra de duas legoas pola terra dentro, está hũa ribeyra pequena, cuja agoa he tão salgada como a do mar, estando distante d'elle mais de 120. legoas. Nas terras do Mocaranga, que estão muito mais lóge do mar, dizê que ha muitas ribeiras, & lagoas d'agoa salgada, de q̄ os Cafres fazê sal cõ certos cozimêtos q̄ lhe daõ. & deste se prouê quasi todo este Mocarãga, & val muito, pola grande falta q̄ d'elle ha nestas terras, tão distantes, & afastadas do mar.

¶ Não foy cousa q̄ muito me admirasse ver agoa natiua & salgada em terras tão remotas & alongadas do mar, porq̄ ja em Portugal tinha visto o mesmo jũto do Real & sumptuoso Conuêto da Batalha, q̄ el Rey dõ Ioão de gloriosa memoria fundou, & deu aos religiosos do Patriarcha S. Domingos, onde elle jaz sepultado com a Raynhã dona Felipa sua mulher, & quatro filhos. Iũto pois deste Cõuento, está hũ posto a que chamão Santas, quatro legoas distante do mar, onde na ce hũ grande olho de agoa salgada, de que fazê muito sal em

Põço de
agoa sal
gada.

marinhas, que estão feitas no mesmo lugar, entre as quaes os religiosos do dito cõuento tẽ algũas de importancia.

¶ Algũs Mouros mercados de Machiras (q̄ saõ hũs panos de algodão, de q̄ se vestem os Cafres) me cõtaraõ estando eu no forte de Tete, q̄ polo ser tão dêtro destas terras da parte do Nordeste, perto do grande rio Mãganja, auia hũa fõte de agoa salgada, mais de 200. legoas distãte do mar: na qual se via hũa espãtosa marauilha, q̄ era conuerterse e pedra dura todo o pao q̄ lhe deitauão dentro, mudãdo a natureza de pao em pedra ferrenha, muy pesada.

Fonte de
agoa sal
gada, q̄
muda o
pao em
pedra.

¶ Alberto Magno faz menção de outra fonte de agoa doce, semelhante a esta nos effeitos, a qual elle diz q̄ vio em Alemanha, & experimêtou suas marauilhas, onde se cõuertia e pedra qualquer pao q̄ lhe deitassê dêtro. Isto mesmo refere o P. F. Hector Pinto sobre Daniel. Ioão Perez no liuro da sua Astronomia, cõta de outra fõte, cuja agoa tirada fora, & lãçada em terra, logo se coalha, & fica como pedra dura, sem mais se desfazer, nem tornar a sua primeira natureza.

Fõte de
Alemã
nha.

Cap. 12.

Fôte do Eruedal.

¶ Na Prouíncia de Alentejo, do Reino de Portugal, está hũa pouoação, q̄ se chama Eruedal, distante pouco mais de hũa legoa da villa de Auis, na qual nace hũas fontes, a q̄ os naturaes da terra chamão Fontanheiras, & são quatro, ou cinco olhos d'agoa doce, mas não boa pera beber. Esta agoa nace fomite no Verão, & corre em tãta quantidade, q̄ faz hũa ribeira muy grande, cõ que se regaõ algũas hortas, & moem muitas assenhas em todo o Verão, de Abril, atè Setembro, & tanto q̄ torna o tẽpo a esfriar, logo se secão as fontes. Couza admirauel, porque no inuerno quando choue, & toda a terra se resolve em fontes, nesse mesmo tẽpo estas se secão, sem terẽ algũa agoa. Tẽ mais outra propriedade estas fontes, q̄ a sua agoa nos lugares onde està queda sem correr, se conuerte em pedra dura, ao modo de pedra pomes, & nũca mais se torna a desfazer: se deytão algũ pao dentro nesta agoa, ou seja na fonte, ou na ribeira, por onde corre, todo se cobre de pedra dura, gẽrada & creada da mesma agoa, de modo q̄ fica o pao dẽtro como meolo da pedra, & selhe tiraõ o pao de dẽ-

tro, fica hũ vãõ, como cano de pedra. O mesmo causa nas heruas, & syluas, q̄ estão ao lõgo da ribeira, onde quer q̄ chega esta agoa, cobrindoas tãdas de pedra. Da mesma maneira o faz nas assenhas, cobrindohe as rodas de pedra, de modo q̄ pera moerẽ he necessario alimparlhe cada anno a pedra, que selhe cria desta agoa.

¶ No Reino de Dãbia, situada do nesta Ethiopia Oriental, ao lõgo do rio Nillo, & na Prouincia Belgada, de q̄ adiante falarei, ha muitas minas de sal em pedra, do qual os mercadores leuão aos Reynos de Mandiga, & Ialofa, situados no sertão desta Ethiopia, onde ha tãta falta de sal, & tanto ouro, q̄ val o sal quasi tãto como elle.

Minas de sal e Dãbia, & e Belgada

¶ Na ilha de Ormuz, situada no Estreyto da Persia, estão muytas serras de sal em pedra, nacido ali naturalmẽte, o qual alẽ de seruir pera tẽperar o comer, he muito medicinal, & cõ ser estimado por sua bondade, não val muito, pola grande copia que delle ha nesta terra.

Serras de sal e Ormuz.

¶ GAP. VIII. Dos fortes de Sena e Tete, e da serra Chiri, e dos frutos, e creações, q̄ ha nos rios de Cuama, e moeda q̄ nelles corre.

Agoa q̄ se cõuer te em pedra.

Pouoa-
ção de
christãos
de Sena.



Ena he hũa pouoa-
ção situada jũto ao
rio Zãbeze, da par-
te do Sul, nas terras
da cidade Inhamioy, sojeita ao
Manamotapa. Nesta pouoa-
ção está hum forte de pedra &
cal, guarnecido de algũas pe-
ças de artilharia grossa, & miu-
da, muy bastantes pera sua de-
fensão; na qual mora o capi-
tão posto da mão do capitão
de Moçambique. Dentro nes-
te forte está a Igreja, & a Fey-
toria, onde se metem todas as
roupas, contas, & veniagas, q̃
vão de Moçambique, & daqui
se võem aos mercadores, que
depois as leuão a vender aos
Cafres. No tempo q̃ eu estive
neste forte, aueriã nelle mais
de 800. Christãos, dos quaes
seriãõ cincoenta Portugueses,
& os outros Indios, & Cafres
da terra:

¶ Defronte de Sena, da ou-
tra parte do rio obra de sete,
ou oito legoas pola terra den-
tro, está hũa grandissima, & al-
tissima ferra, chamada Chiri,
a qual se deyxa ver de mais de
vinte legoas. Esta ferra he fer-
tilissima, & toda pouoadã de
Cafres, assi no alto, como po-
los valles. Daqui vão pera Se-
na os mais dos mantimentos,

ferra Chi-
ri.

que se nella gastão, como são
arroz, milho, batatas, figos, &
galinhas. Tem muitas fontes,
de excellentes águas, não somẽ-
te nos valles, mas tambem nos
altos. Polo pé della corre hũa
fermosa & grande ribeira, que
dizem ser braço do celebre rio
Suabo desta costa da Ethiopia,
a qual ribeira vem entrar no
rio Zambeze dez legoas abay-
xo de Sena, & p̃or ella naue-
gão os Cafres, & os morado-
res de Sena, & tem seu comer-
cio de hũa parte pera a outra.

¶ Deste forte de Sena atẽ
o de Tete são sessenta legoas
pola rio acima. Os moradores
de Tete vem a esta feitoria de
Sena empregar o seu ouro nas
mercadorias que nella estão.
He Tete hũa pouoação situa-
da ao longo do rio, da mesma
parte de Sena, no Reino de I-
nhabãzoe, que o Manamotapa
conquistou, & repartio entre
algũs vassallos seus, dando ao
forte de Tete hũa boa parte
delle, que são as terras que re-
conhecem aos Portugueses, &
ao capitão do forte, como a
seu Rey, do qual tratarey abai-
xo mais largamente. Este for-
te he de pedra & cal, em que es-
tão sete ou oito peças de arte-
laria; nelle mora o capitão da
terra,

Tete.

terra, que tambem he posto polo capitaõ de Moçambique. Nesta pouoação aueria nõ tempo que eu nella estiu mais de seiscentos Christaõs, dos quaes seriaõ 40. Portugueses, & os outros Indios, & Cafres. Deste forte atè o mar Oceano Ethiopico, onde este rio vay entrar, saõ centõ & vinte legoas, & atè aqui nauegaõ os Portugueses com as mercadorias, q̄ vem de Moçambique, & deste forte vão caminhando por terra cõ ellas atè o Mocaranga, levandoas Cafres às costas, q̄ andão a este ganho por alu- guer, como bestas de carga.

¶ Nestas pouoações de Sena, & Tete ha muytos figos de Portugal, & da India, como os que tenho dito que ha em So- fala: os quaes ha todo o anno. Ha muytas Romeiras, Parreiras, Limoeiros, Palmeiras, muitas frutas do mato, algũas dellas boas, como saõ hũas, a q̄ chamaõ Bõbãras, que saõ quasi como azeitonas, & comense da mesma maneira salgadas, & saõ muito appetosãs: hã muytas hortas de boa hortaliça. Hum rabão vi em Tete da casta, & semente dos de Portugal q̄ tinha tres palmos & meyo de grosso em roda junto ao pè,

cheo por dentro, tenro, & sabo- roso de comprimento de quasi hum couado: donde se pode collegir a grande fertilidade destas terras: ha muitos inha- mes, batatas, ananazes, & mel- lões muito finos, abobaras, pe- pinos, arroz, milho, & outros muitos legumes. Ha muytas creações de vaccas, cabras, & ouelhas, de que fazem taõ bõs queijos, como os de Alentejo; porcos, & grande numero de galinhas. E todas estas cousas valem baratas: mas as que vè da India pera estes rios valem muito caras, particularmente vinhos, farinhas de trigo, cal- çado, & vestido, & todas as mais cousas necessarias, q̄ vem de carreto. Hum barril de vi- nho de Portugal de seis almu- des, se he bom, val nestes rios ordinariamête cem Maticaes, que saõ centõ & vinte cruza- dos. Hum barril de farinha do mesmo tamanho, val cincoen- ta & sessenta Maticaes, & assi as demais cousas, que vem da India. No anno que eu estiu nestes rios socedeo, que se per- derão na viagê dous pãgayos do capitaõ de Moçambique, q̄ então era Lourenço de Brito, os quaes vinhão pera estes for- tes carregados de todo o pro- uimento,

Varios
frutos
dellas
terras.

Carestia
do q̄ vè
de fora.

uimento, & roupas, como he costume virem cada seis meses, com cuja falta sobirão a grande preço todas as cousas de comer, & beber, & chegou a valer hũa canada de vinho de portugal quatorze Maticaes, que são seis mil, & seis centos reis, hũa caxa de marmellada de cinco arratês pouco mais, ou menos, dez Maticaes, hũa mão de papel quatro Maticaes, & a mesma carestia tiuerão as farinhas, roupas, & mais cousas, que auia na terra.

¶ A menor moeda que ha nestas terras he hũ peso de ouro, a que chamão Tanga, que val tres vintens, & a maior he Matical, que val 480. reis. Também ha outro genero de moeda, com que se compraõ as cousas miudas, que são hũas barrinhas de cobre de comprimento de meyo palmo, & de largura de quasi dous dedos, a que chamão Maçõtas, & cada hũa dellas val também tres vintens. Tambem he moeda corrente estanho, a q̃ chamão Calaim feito em pães, cada paõ de meyo arratel, & chamão a estes pães Pundos, & cada hũ Pondo destes val duas Tangas, que são seis vintens. Correm tambem por moeda ordi-

dinaria nestas terras contas miudas de barro vidrado de cores enfiadas em hũs fios de comprimento de hum palmo, aos quaes fios de contas chamão Mites, & a dez Mites juntos, chamaõ Lipõte, & a vinte Lipõtes juntos chamão Motaua, que val ordinariamente hum cruzado. Alem destas moedas tambem com as roupas de toda a sorte se compraõ & vendem todas as cousas, & se pagão as diuidas em lugar de ouro. Com esta sorte de moeda pagão também aos Padres seus ordenados, & as Missas q̃ lhe mandão dizer: o q̃ fazê poucas vezes, porque ordinariamente pagão a esmola das Missas em ouro; & o que cõmummente se da por cada hũa, he hum Matical, & algũas pessoas dão auentajadas esmolas, conforme a deuação de cada hum. E não pareça que he grande esta esmola nestas terras, onde todas as cousas que a ellas vem de carreto valem pesadas a ouro, & tanto importa aqui hũ Matical, como neste Reino podẽ importar dous vintẽs, ou meyo tostaõ: polo que se os sacerdotes tiuerão menos esmola de suas Missas, não se poderaõ sofrer.

Moedas
q̃ correm
nestes
reinos.

CAPITULO NONO.

¶ Das feiras que ha no Mocaranga,
& do capitão de Massapa, & da
Curua que se paga ao
Manamotapa.



Depois que as mercadorias partê de Tete por terra, como fica dito, vão atraueffando muita parte do Reyno do Manamotapa, até chegarem a três pouoações, q̄ estão neste Mocaranga, distantes hūas das outras, a que chamão Feiras, como he Massapa, Luanze, Manzouo, nas quaes os moradores de Sena, & Tete tem suas casas, a que chamão Churros, onde recolhem suas fazendas, & daqui as vendem, & mandaõ vender por todas as terras. A principal Feyra destas he Massapa, onde mora sempre hū capitão Portugues, apresentado polos Portugueses destes rios, & confirmado polo Manamotapa, ao qual capitão chama o Rey sua molher grande, nome cõ que elle hõra aos Portugueses que estima, & tem em muita conta, como saõ os capitaes de Sena, Tete, & Moçambique. Este capitão de Massapa tem jurdição, & autoridade de justiça mayor sobre

todos os Cafres que vem ter a Massapa, & sobre os que morãõ nas suas terras, & confins, & pode sò per si julgar verbalmente todas as causas, & condenar os delinquentes, até os mandar enforçar, sem auer appellação nem agrauo de sua sentença. A qual autoridade lhe tẽdado o Manamotapa. Este capitão tem tambẽ prouisaõ dos Vicereis da India, pera ser juyz, & cabeça sobre todos os Portugueses, que nestes Reinos andaõ, & como tal julga todas as causas dos Portugueses, que nestas partes se mouem, & dâ suas sentenças. He tambem Prouedor dos defuntos. Semelhante jurdição, & autoridade tem todos os capitães destas partes, como saõ o de Sofala, Sena, & Tete, concedida polos Vicereis. Todos elles podẽ sentençar somete aos Christãos da terra, & executar as taes sentenças, sem auer appellação nem agrauo dellas, como fazem algũas vezes a Cafres ladrões, & malfeitores, que mandaõ enforçar.

¶ O Capitão de Massapa serue neste lugar de tratar todos os negocios dos Portugueses com o Manamotapa: està tambem aqui como feytor do mesmo

Jurdição
dos capi
tães des
tas par
tes.

feiras do
Mocarã
ga.

Capitão
de Mas
sapa, &
sua jurdi
ção.

Direitos
q̄ pagão
os merca-
dores ao
Manamotapa.

mesmo Rey, pera lhe arrecadar todos os direitos, q̄ os mercadores lhe pagão, assi Christãos, como Mouros, que são de cada vinte pannos hum, dos q̄ leuaõ a estas terras pera vender: polos quaes direitos lhe fição todas as mais roupas liures, & as terras franqueadas, pera seguramête andarem por ellas, & venderem suas mercadorias, sem auer quem lhe faça impedimento algum. Deste lugar de Massapa pera dentro, até onde está o Rey, ninguem pode entrar, nem passar, sem licença do mesmo Rey, ou deste capitão, & por isso chamão a este lugar as Portas de Massapa, & ao capitão, capitão das Portas: o qual officio he perpetuo em vida de cada hũ dos que nelle entraõ, nem podem renunciar o cargo, nẽ sayr deste lugar sem licença do Manamotapa. As insignias deste capitão, & de sua jurdição, he hũa azagaya de pao preto, de comprimento de hũa vara, pouco mais, ou menos, cõ hũa ponta comprida de ouro, ao modo de ferro de lança, a qual traz muitas vezes na mão, como vara de justiça mayor. Alem disto traz hũa manilha de ouro.

¶ O capitão de Moçambi-

que he obrigado quando entra na sua fortaleza de nouo a dar ao Manamotapa tres mil cruzados de roupas & contas, polos tres annos que ha de ser capitão, por franquear suas terras no dito tempo a todos os mercadores, assi Christãos, como Mouros, porque todos elles tratão com as roupas do mesmo capitão, & o mais do ouro que destes rios sae, vem ter à mão do capitão de Moçambique, & se não tiuer as terras abertas, & franqueadas, pera os mercadores leuarem dentro suas roupas, & cõtas, não auera ouro, nem quem o traga em tanta quantidade. E franqueadas as terras desta maneyra, andão todos os mercadores por ellas cõ os sacos de ouro, muito mais seguros, do que podiaõ andar em Portugal, porq̄ até oje se não sabe q̄ Cafres ladrões salteassem Portugueses algum em caminho, nem o roubassem, saluo por mandado do mesmo Manamotapa, cousa q̄ elle algũas vezes faz, por se viõgar d'algũs agrauos que tem, ou fingẽ ter dos Portugueses, particularmente quando o capitão de Moçambique, que entra de nouo, lhe não paga, ou lhe dilata pera o segundo anno

Roupa
q̄ se paga
ao Manamotapa.

as roupas, que lhe costuma dar no primeiro; porque então não dá dar Empata por todas suas terras nas fazendas dos mercadores, & tomar todas as mercadorias que lhe achaõ (q̃ a isto chamão Empata) & desta maneira se paga do q̃ lhe deve muy largamente, & satisfaz do agrauo que tem recebido. Alé disso pera tornar a franquear as terras, & fazellas de paz, paga o capitaõ tudo inteiramente. E nestas Empatas, q̃ não dá fazer, toma muitos mil cruzados aos mercadores, se auer mais restituição delles, nem da parte do Rey, nem de que foy causa dellas.

¶ A esta paga, que os capitaes fazem, chamão os Cafres Curua, & esta mada o Manamotapa buscar ao forte de Sena polos seus Cafres embaixadores, a que chamaõ Mutumes. Estes vem buscar a Curua com a mesma ordem, & do mesmo modo, q̃ os Mutumes do Quiteue Rey do rio de Sofala, como atrás fica dito. Mas he muy differete a entrega da Curua de Sofala, desta de Sena, porque em Sofala o capitaõ da fortaleza a entrega aos Mutumes que a vem buscar, & elles a leuão ao Quiteue seu

Rey: mas aqui em Sena entrega a hum Portugues, que pera isso elege o capitaõ, ao qual depois de eleyto chamão Vicerrey, porque vay por embaixador ao Manamotapa em nome do capitaõ de Moçambique, a quem os Cafres chamão Vicerrey. Este Portugues recebe a dita Curua na Feitoria de Sena, diãte dos Mutumes do Manamotapa, pera que elles vejaõ todas as roupas q̃ lhe mandaõ, & depois de entregue dellas, as leua a seu cargo até a corte do Manamotapa, em companhia dos Mutumes, & lá entrega esta Curua ao Manamotapa em nome do capitaõ de Moçambique.

¶ CAPIT. DECIMO,
Dos Reynos do Manamotapa, &
das terras do Mocaranga,
& sua diuisão.



Este Reyno do Manamotapa está situado nas terras a que chamaõ Mocaranga, como fica dito: as quaes antiguamente forão todas do Imperio do Manamotapa, & agora são diuididas em quatro Reynos, a saber, o Reyno que oje tem o Manamotapa, & o
Reino

Empa-
tas dos
Cafres.

Li. i.
cap. 18.

Diuisão
dos reys
nos do
Mocarã
ga.

Reyno do Quiteue, o Reyno do Sedanda, & o Reyno do Chicanga. A causa desta diuisão foy hum Emperador Manamotapa, o qual não querendo, ou não podendo governar terras tão distantes, fez governadores dellas tres filhos seus mandando a hũ chamado Quiteue, pera governar o Reyno que corre ao longo do rio de Sofala: & a outro chamado Sedãda, pera governar as terras q̄ corta o rio da Sabia, o qual vê sayr ao mar Oceano Ethiopico, defronte das ilhas Boçicas: ao terceiro, chamado Chicanga, mandou governar às terras da Manica, onde ha muitas minas de ouro. Estes tres filhos governadores, tanto q̄ o pay morreo, & entrou no Imperio outro filho que estava na Corte, levantaraõse com as terras em que estauão, & nunca mais quiseraõ obedecer a este Manamotapa, nem a seus successores, allegando cadahum por si pertêcerlhe o dito Imperio. Esta he a causa, porque quasi todos os annos tem guerra hũs contra os outros. De maneyra, que deste grande Imperio do Manamotapa se diuidiraõ tres Reynos muyto grandes, de muitos vas-

sallos, ficando com tudo o mesmo Reyno q̄ oje possue o Manamotapa muito mayor, que todos estes tres juntos. A todos estes Cafres chamão Mocarangas, porque todos fallão a lingua Mocaranga; & por essa rezão chamão tãbẽ a todas estas terras o Mocarãga, tirando as fraldas do mar destes Reynos, porque em algũas dellas fallão outras linguas diferentes, particularmente a lingua Botõga, polo que chamão às mesmas terras Botonga, & aos habitadores dellas Botongas.

Cafres
Mocarã
gas.

Cafres
Botõgas

¶ Este grãde Reyno do Manamotapa tem de comprimento mais de duzentas legoas, & de largo quasi outro tanto. Da banda do Noroeste confina cõ outro Rey muyto grande, cõ que tem muitas vezes guerra, ao qual chamão Abûtua, cujo Reyno tem o mesmo nome, & dizem que chega polo meyo da terra firme, atè os confins do Reyno de Angõla, com cujos Cafres tem cõmercio, & estes com os Portugueses, que vão de Portugal pera Angõla: no que eu não ponho duuida, porque os Cafres mercatores do Abûtua trouxeraõ ja a vender ao Reyno da Manica hum

Descrição
do
reino do
Manamotapa

cober.

cubertor de papa, q̄ veyo pola
 via d'Angôla, o qual mercou
 hum Portugues, que estaua na
 Manica, & eu o vi em Sofala.
 Neste Reyno do Abûtua tam-
 bê ha muito & fino ouro, mas
 os naturaes da terra não se
 dão tâto a buscallo, & cauallo,
 por estarem longe dos Portu-
 gueses que lho podião cõprar,
 mas são muy dados a crear ga-
 do vaccûm, de q̄ ha nestas ter-
 ras grande abûdancia. Da par-
 te de Leste cõfina o Manamo-
 tapa com o rio Zambeze, ao
 qual os Cafres vassallos do
 Manamotapa chamão Empani-
 do, que quer dizer, Leuantado
 contra o seu Rey, porque dizê
 que se o rio não corra por a-
 quella parte, fora o Manamo-
 tapa senhor das outras terras,
 que estão da outra banda do
 rio, onde elle não pode passar
 com seu exercito, por falta de
 embarcações. Pera a parte do
 Sueste vem corredo este Rey-
 no atè o mar Oceano Ethiopi-
 co, onde entra cõ hũa põta de
 terra, de largura somete de dez
 ou doze legoas, que he do rio
 de Luâbo, atè o rio de Tendancûlo,
 porque as mais terras, q̄
 correm pera o Sul, atè o rio de
 Inhambâne, estão diuididas en-
 tre os tres Reis leuantados, co-

mo fica dito. De Tendancûlo
 atè Sofala, he Reyno do Qui-
 teue, de que faley no primeiro
 liuro. De Sofala pera o Sul fi-
 ca o Reyno da Sabia, de que
 he Rey o Sedanda; o qual tam-
 bê he Rey de muyta parte das
 terras, a que chamão Botõga,
 que vão corredo pera o rio de
 Inhambâne. Na cabeça des-
 tes dous Reynos, do Quiteue,
 & do Sedanda, pola terra den-
 tro fica o Reyno da Manica,
 de que he Rey o Chicangá, o
 qual está pera a parte do No-
 roeste, algûas cem legoas dis-
 tante do mar: & este compri-
 mento tem estes dous Reynos
 do Quiteue, & Sedanda, q̄ am-
 bos vão daqui entestar no mar
 Oceano Ethiopico. Da outra
 parte da terra da Manica pera
 o Norte, fica o Reyno do A-
 bûtua, & o Manamotapa lhe
 fica da parte do Nordeste, &
 da parte do Sul outro Rey, a q̄
 chamão Biri. Todos estes tres
 Reys leuantados são grandes
 senhores, porem o Quiteue he
 mayor, & mais rico, polo muy-
 to cõmercio que tem com os
 Portugueses, donde lhe vão
 muitas roupas, & contas, que
 he a riqueza dos Cafres: alem
 disso, são estes Cafres muyto
 mais esforçados, que todos os

outros

Reyno
do Sedã-
da.

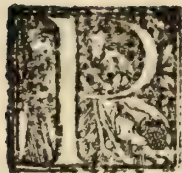
Reyno
da Ma-
nica.

Reyno
do Abû-
ua.

outros Mocarangas, & por isso nũa o Manamotapa os pode vencer, vindo muitas vezes sobre o Quiteue, com grande poder de gête. São muy grandes frecheiros, & destros no jugar de azagaya de arremesso. São muy soberbos, & grandes homens de bulras, & trapaças.

¶ CAPITULO ONZE;

Da serra chamada Fura, & de hũas ruinas antiguas, que dizem forão Feitoria da Rainha Sabbà, ou de Salamão.



Rerto da pouoação de Massapa estã hũa muito alta, & grande serra, que se chama Fura, donde se descobre muita parte do Reyno do Manamotapa, & por esse respeito não consente o Rey que os Portugueses subão a esta serra, por lhe não cubiçarem a grandeza, & fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas, & tão grossas minas de ouro. No alto desta serra estã inda em pè hũs pedaços de paredes velhas, & hũas ruinas antiguas de pedra, & cal, que bem demoltrão estarem ali já casas, & aposentos fortes, cousa que não ha em toda

a Cafraria, porque atè as casas dos Reys são de madeyra, bar radas com barro, & cubertas de palha. Dizem os naturaes destas terras, & particularmente algũs Mouros antigos, que tem por tradiçãõ de seus antepassados, que aquellas casas forão antiguamente Feitoria da Rainha Sabbà, & que daqui lhe leuauão muito ouro polos rios de Cuama abaixo, atè o mar Oceano Ethiopico, pelo qual nauegauão em nauios, indo sempre correndo a costa da Ethiopia, atè o mar Roxo, & entrando por elle acima, nauegauão atè chegarem às prayas que confinão com as terras do Egypto, onde se desembarcaua todo este ouro, & dali o leuauão por terra atè a Corte da Rainha Sabbà, a qual dizião forã Rainha, & senhora de muita parte da Ethiopia do Egypto, & que por este mar Roxo mandaua suas armadas, buscar o ouro destes rios. No que eu tenho pouca duuida, porq̃ esta opiniãõ he de grauissimos Autores nossos, q̃ dizẽ q̃ a Rainha Sabbà foy senhora da Ethiopia do Egypto, como são o glorioso S. Hieronymo sobre o Propheta Sophonias, & Origenes sobre os Cantares, & Io sepho

Feitoria da Rainha Sabbà,

Hier. e. j.
Soph.
Orig. ho
mil. 2. in
Canto

lib. 8. An
 sig. c. 6-
 sepho no liuro das antiguidades Iudaycas. E alem disso ainda oje ha húa nobilissima cidade na Ethiopia, que antigua mēte se chamaua Sabbà, situada é húa ilha que faz o rio Nilo, muy nomeada, & contada entre as cousas notauéis daquella região, así por sua fertilidade, como por ser muy pouada, & frequētada de varias nações de gente. A esta cidade Sabbà mudou o nome depois hum Rey deste Reyno, chamado Cambysses, & chamoulhe Méroe, em memoria de húa irmã sua, a quem amaua muyto. Fazem menção destas cousas Plinio, Strabo, Iosepho, & S. Hieronymo, & outros muytos autores. Donde se collige ter muyto fundamento o que se diz acerca desta Raynha de Ethyopia poder ter sua Feitoria nesta terra da Fura, dōde lhe leuassē o ouro.

¶ Outros dizem, que estas ruinas foraō Feitoria de Salamão, onde tinha seus feitores, que lhe leuauão muyto ouro destas terras, polos mesmos rios abayxo, atē sayrē ao mar Oceano Ethiopico, & polo mesmo mar nauegauão, atē entrar polo Estreito do mar Roxo, & q̄ desembarcādo nas

prayas de Arabiã, jūto à Suez, o leuauão por terra atē Hierusalē, que saō oitenta legoas de caminho, pouco mais ou menos. Dizem mais, q̄ o ouro de Ophir, que leuauão a Salamão era desta terra, a q̄ chamão Fura, ou Afura, & que pouca differença vay de Afura, à Ophir, o qual nome andarã já corrupto pola mudança dos tēpos, & idades, q̄ de então atē agora correraō. Eu não sey cō que fundamēto estes dizē húa cousa, & outra, somente sey dizer, q̄ ao redor desta terra ha muito & fino ouro, & q̄ daqui podia ir por estes rios abayxo neste tempo, como agora vay por via dos Portugueses, & antigamente hia por via dos Mouros de Moçambique, & de Quiloa, antes q̄ os Portugueses conquistassem estas terras. E así como agora todo este ouro, q̄ sae destes rios vay pera a India, así podia ir atē o Cabo do Estreito do mar Roxo, & dahi atē Suez, & atē Hierusalē como fica dito. A qual nauegação se deuiã fazer em muito tēpo, por q̄ então não estaria esta viagē tão sabida como agora, nē tambem aueria tão boas embarcações, & pilotos, como oje saō os q̄ sabē esta carreira,

Ouro de
 Ophir.

& tambem polo muito tempo que se deuia gastar em quanto se ajuntava, & resgataua o ouro da mão dos Cafres, porque ainda oje, que as minas estão mais sabidas, & a cobiça dos Cafres mais acesa no desejo de possuir as contas, &roupas; que os Portugueses de cõtino leuaõ a suas terras, toda via gastão osmercadores neste trato hum anno, & mais, sem acabarem de vender suas mercadorias, por causa de serem os Cafres muito perguiçosos em cauar a terra pera buscarem o ouro, porque o não fazem senão contrangidos da necessidade. Alem disso gastase muito tempo na viagem que se faz así polos rios, como polo mar Ethiopico, o qual se nauega cõ muitos contrastes, por causa dos tempos differetes, que nelles se esperaõ, porque em toda esta costa da Ethiopia se nauega fomite com dous ventos, que duraõ seis meses da banda do Levante, & outros seis do Ponente, a que chamão Monções. Polo qual respeito inuernão as embarcações muytas vezes nesta costa.

¶ CAPITULO XII:

De varias opiniões acerca da região de Ophir, donde se leuaa o ouro a Salamão.



A temos visto no capitulo atras, quantos impedimentos, & detenções tem a nauegação, q os Portugueses oje fazẽ da India pera estas minas de ouro do Manamotapa. Dõde se pode collegir, que no tempo de Salamão deuia esta viagem ser ainda mais vagarosa, & perigosa, do que agora he, así pelas razões allegadas no capitulo pasado, como tambem porque a sua frota não podia nauegar polo mar Roxo de noite, senão de dia, por causa das muytas ilhas, & bayxos, que nelle ha, & desta maneyra deuia gastar muito tempo, & alem disso, quando nauegasse pola costa de Ethiopia, deuia fazer muita detença em tomar os portos, concertando, & reparando nelles suas embarcações, & prouendoas de mantimentos, & agoa, Marinheiros, & Pilotos, q as fossem guiando até os rios de Cuama: polo q não he de espantar, que se gastassẽ nella os tres annos qdiz a sagrada

sagrada escritura. O que se de ue entender: em ir, & vir, & em ajuntar o ouro da Fura, & as mais cousas desta região, que se leuauão a Hirusalem.

¶ Prouasse mais, poder vir a frota de Salamão a esta costa da Ethiopia buscar ouro da Fura, pois tãbê lēuaua pedras preciosas, madeira pera o Templo, bugios, & pauões, como consta de algũs lugares da Escritura; as quaes cousas todas se achão nesta costã, como são perolas finas, & aljofar, que se pescão no parçel de Sofala, entre as ilhas Boçicas, de q̄ já fal lei; & a rica, & preciosa madeira dos matos de Tebe, q̄ estão entre Sofala, & os rios de Cua ma, em q̄ eu já estiuẽ, õnde se fazẽ embarcações dehũ sò pao cauado por dentro, que tẽ. 20. braças de cõprido, pouco mais ou menos: & tãbê em muitas partes desta costa se cria & co lhe muito, & fino pao preto, q̄ se leua pera a India, & vẽ pera este Reynò. E quanto aos pauões, posto que os eu não visse nestas terras maritimas, cõ tudo não deuẽ faltar polla terra dentro, por q̄ algũs Cafres della tenho visto com penachos na cabeça de pennas de pauão muy conhecidas. Pois bugios,

são infinitos em toda esta costa da Ethiopia de castas muy diferentes. ja no ouro não fallo, porque ha grande copia del le em todo este territorio da Fura. Nem menos na fina prata da Chicoua, onde se sabe q̄ ha ricas minas, como adiante direy. Assim que todas estas confrontações parece que prouão ser esta serra da Fura a verdadeira região de Ophir. O que tãbem se pode confirmar cõ o texto da Sagrada escritura, onde diz que Salamão enuiaua suas naos embusca de ouro a Tharsis: a qual região entendẽ os Gregos por Africa, onde estáõ as minas da Fura, de q̄ vou fallando. Esta opinião segue Rafael Volaterrano, dizendo que muitos tiuerão pera si que Ophir era hũa parte da Ethiopia, situada no mar de Sofalla: Isto mesmo affirma Ludouico Veneto, no tratado que fez de sua nauegação.

¶ Outros autores tem differetes opiniões, entre os quaes S. Hieronimo diz, que Heber Patriarcha dos Hebreos teue dous filhos, hum chamado Phaleh, & o outro Iactan, os quaes lhe nacerão no tempo que foy a diuisão de todas as lingoas em Babylonia, & que Iactan

vbi sup̄

Tom. 3.
in 99.
Hebr. in
Genes.

Euila,
& Ophir
pouoarão
a India.

teue treze filhos, & dous del-
les .f. Euila, & Ophir foraõ
habitar as terras da India, que
estaõ do rio Ganges, atè Mala
ca, & por respeito destes dous
homês chamaraõ às terras do
Ganges a regiaõ de Euila, &
do Gãges atè Malaca a regiaõ
de Ophir. Deste antiguo fun-
damento parece que veyo a di-
zer Iosepho, que a regiaõ de
Ophir, donde leuauaõ o ouro
a Salamaõ, era a ilha de Samà
tra situada na India, na costa
de Malaca. Esta opiniaõ segue
tambem Rabano autor graue,
dizendo que Ophir he hũa ilha
deserta do mar da India, onde
ha muitas feras, & muito ouro,
a qual tomou nome de Ophir
filho de Iactan. O mesmo diz
Niculao de Lyra. De modo, q̃
desta opiniaõ se collige, q̃ O
phir esta na India, & que deue
ser a ilha de Samàtra, a qual
Iosepho diz que se chama Ter
ra aurea.

Vatab. ib.

Vatablo Parisiense vay por
outra via muy differete, & diz
que Ophir he hũa ilha situada
no mar do Sul, descuberta por
Christouaõ Columbo, a q̃ cha
mou Spagniola, mui abũdante
de fino ouro, & muy distãte de
Asiõ. Giber, porto do mar Ro
xo, donde as armadas de Sala-

maõ partiaõ abuscar o ouro: &
por quanto esta ilha estava taõ
lõge, tardauaõ as naos tres an
nos è ir, & vir. Esta opiniaõ he
menos prouauel, pois sabemos
q̃ esta na uegaçaõ d'Arabia pa
o mar do Sul, naõ se podia fa-
zer fenaõ pollo mar Oceano E
thiopico, atè o Cabo de Boa es
perança, & dahi atrauessando
aquelle grãde golfaõ, atè o Es
treito de Magalhães, por onde
auia de entrar, & sayr. A qual
nauegaçaõ naõ estava inda des
cuberta, porq̃ muyto tẽpo de
pois descobrio Fernãdo de Ma
galhães este Estreito, q̃ foy no
anno do Sñor de 1520. no mez
de Setebro. Pollo q̃ tem pouco
fundamẽto a opiniaõ deste au-
tor. De modo q̃ todos os q̃ tra
taõ desta materia, differẽ no si
tio, & regiaõ de Ophir. E final
mẽte naõ determinando eu es
ta questão, digo q̃ a serra da Fu
ra, ou Afura podia ser a regiaõ
de Ophir, dõde se leuaua o ou-
ro a Hierusalẽ; pollo q̃ se pode
dar algũ credito a que diz serẽ
estas casãs Feitoria de Sala
maõ, pois esta uã o na Fura, & o
ouro, q̃ leuauaõ, era de Ophir;
nẽ eu sinto outras minas mais
perto, donde pudesse ir ouro a
Hierusalẽ: & neste tẽpo podia
Salamãõ ter o cõmercio, & tra

Descobri-
mento do
estreito
de Maga
lhães.

to que oje têm os Portugueſes neltes rios.

¶ CAPITULO XIII.

¶ Das minas que ha nos Reynos do Manamotapa, & de como ſe tira o ouro dellas.



M todas as terras do Manamotapa, ou na mayor parte dellas, ha muytas minas de ouro, & particularmente no Chiroro, onde ha muyto, & o mais fino que ſe acha neste Reyno. Os Cafres colhem este ouro de duas maneiras, como ja diſſemos que o colhião os do Quiteue. A primeira, & mais ordinaria, he cauando a terra ao longo das ribeyras, & das lagoas, & lauando em gamellas, até que toda ſe deſfaça em polme, ficando no fundo o ouro, & as pedras, as quaes lançadas fora também com a terra, fica o ouro limpo na gamella, donde o tiraõ, & recolhem; polo que nunca cauão o ouro ſenão ao longo da agoa, pera com ella poderem logo lauar a terra, & apartallo della. O ſegundo modo de que os Cafres vzaõ pera colher o ouro, he no tẽpo das chuvas, pelas rigueiras por onde corre agoa, nas quaes achão muitas

laſcas, & pedaços d'ouro, que ficão sobre a terradeſcubertos com a corrente.

¶ Todo o Cafre, q̄ deſcobre mina groſſa, & tira ouro della, té pena de morte, & os bẽs que tiuer, perdidos pera el Rey, & ſe a caſo indo cauando deſcobre algũa mina dellas, he obrigado a gritar cõ grandes vozes, para q̄ acuda outro qual quer Cafre, a que tome por teſtemunha de como cauando a caſo naquelle lugar achou raſto de mina groſſa, & de como a torna a deixar, ſem leuar della couſa algũa, & logo juntamente ſaõ ambos obrigados cobrilla outra vez com terra, & cortar hũ ramo grãde de qual quer arvore, & polo ençima; o qual ramo tanto q̄ heviſto dos Cafres q̄ por ali paſſaõ, fogem daquelle lugar, como que foge da morte, por q̄ bẽ ſabem ja que ali eſtã mina groſſa, onde ſe os virẽ eſtar, ou chegar, ſerãõ condemnados à morte, inda q̄ ſelhe não proue q̄ leuaraõ dali ouro. E a cauſa de todo eſte rigor he não querer o Manamotapa q̄ ſaybãõ os Portugueſes, q̄ em ſuas terras ha tão groſſas minas d'ouro, por lhe não fazerẽ guerra, com a cobiça delle, & tomarem o Reyno.

Minas deſcubertas.

Modos, de q̄ os Cafres vzaõ pa colher o ouro.

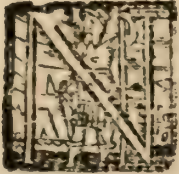
¶ Andando eu nestas terras me affirmaraõ algũs homẽs, que tinhão experiẽcia dellas, que era cousa muy aueriguada fazer o sol nellas tanta impresãõ, com as influẽcias de seus rayos, que alem de as apurar, & cõuerter em ouro, fazia brotar o mesmo ouro fora da terra com tanta força, como se fora planta que quer nacer, & particularmente naquelles lugares onde se cria na superficie da terra. O que se mostraua claramente onde auia minas grossas, porque ali se via a terra gretada em muitas partes, & nas aberturas que fazia se achauão lascas de ouro. Assim mais se achauão pedaços de ouro sobre a terra descubertos em paragês muy seguidas, & trilhadas, onde se via que brotaua fora nos taes lugares, & em se descobrindo era logo achado. E pera proua disto me trouxeraõ hũa historia de hum vaqueyro, que indo hum dia pera entrar no curral, onde cada noite recolhia suas vacas, dera hũa topada com o pè em hũa pedra, cousa que muito estranhou, por não auer pedras naquelle lugar, & levantandoa pera a lançar fora do curral, & achandoa muito pe-

zada, aesfregou, & alimpou da immúdia das vacas, pera ver o q̃ era, & achou ser ouro moço, & teria mais de mil cruzados de pezo. Este ouro se acha de muitas feições, a saber, em pô miudo como areia: em graõs como contas miudas, & grossas: em lascas, hũas tão moças, que parecem fundidas, outras feitas em raminhos, com muitos esgalhos, outras enuoltas, & misturadas com a terra, & sacudindo a, ou lauando a, ficão vãs por dêtro, como fauo de mel, ou como borra de ferro, que sae da fornalha do ferreiro, cujos vaõs, & buracos estão cheos de terra vermelha, que ainda não està conuertida em ouro, mas bem mostra na sua cor que tambem se ha de conuerter nelle. Tambem se tira ouro de pedras, a que chamão ouro de Matúca, como ja dissemos que se tiraua no Reyno da Maníca. De todas estas sortes de ouro, o de lascas feitas em raminhos, ou esgalhos, esse he o mais fino, & de mais quilates, & o que chamão de Matúca, he o mais bayxo de todos, & de menos quilates.

Liuro 7.º
17.

CAPITULO XIII.

Das minas de prata da Chicôua, & de como Francisco Barreto foy a ellas, & da guerra que os Cafres lhe fizeram, & morte de duzentos Portugueses.



As terras que con-
finaõ com o Rey-
no do Manamota-
pa polo sertão de-
tro da parte do Nordeste, estã
o Reyno da Chicôua, muy no
meado pelas grossas minas q̃
tem de fina prata, & corre ao
longo do rio Zambeze. De-
pois que o governador Fran-
cisco Barreto foy a Sofala cõ
quistar as minas do ouro da
Manica, como atras fica dito,
passou dali com sua gente aos
rios de Cuama, pera conqui-
star tambem as minas de prata
da Chicôua: & querendo por
em effeito sua determinação,
partio de Sena polo rio aci-
ma, & no caminho pellejou
com o Mongás, abayxo das
ferras da Lupâta, & o veneeo,
como tambem fica dito; & dar-
qui foy passando por todas
as mays terras, & Reynos,
que estão ao longo deste rio,
sem auer que lhe fizesse agra-
uo algũ. E posto q̃ muitos Ca-

fres desejarão impedir-lhe a pas-
sagẽ por suas terras, com tudo
nenhum delles ousou fazello,
sabendo que tinha vencido, &
desbaratado em batalha cam-
pal o Mongás, a quem elles
tinhão por muy esforçado, &
fenhor da melhor gente, que
auia em toda este rio, & por
isso o deyxaraõ passar, fugindo
dos lugares, & pouoações em
que morauão, com os manti-
mentos que tinhão, embre-
nhandose polos matos, onde
estiueraõ escondidos atè pas-
sar Francisco Barreto com a
soldadesca que leuaua; & des-
ta maneyra foy seguramente,
hora nauegando polo rio aci-
ma, hora caminhando por ter-
ra, atè chegar ao Reyno da
Chicôua, onde assentou seu
arrayal, & logo pretendeo des-
cubrir as minas de prata: mas
não veyo a effeito o descubri-
mento dellas, por não auer
Cafre algum, que ousasse di-
zer o lugar certo, onde esta-
uão, porque tinhão grandissi-
mo medo, que os Portugueses
depois que as achassem lhe to-
massem as terras, & os lança-
sem fora dellas: & por esse res-
peyto fogiraõ todos neste tem-
po, & desempararaõ a terra a
os Portugueses: & tambẽ porq̃

Chegada
de Fran-
cisco Bar-
reto a Chi-
côua.

Liuro segundo da Ethiopia Oriental.

naõ fossem tomados algũs delles, & obrigados por força, ou tormentos a descubrir o q̃ tanto receauão, posto que por isso ouuesse grandes promessas, & dadiuas, que o governador offereçia a quemquer que descubrisse as minas. Com tudo hũ Cafre desta terra, mouido pelo interesse que podia alcãçar se as descobrisse, determinou mostrarlhe algũas pedras de prata, arrãcadas das proprias minas, & enterradas em outra parte, dizêdo, & fingindo, que aquelle era o proprio lugar das minas. A qual determinação pos e effeito, & foyle hũa noite secretamẽte, onde sabia, que estauão as minas, & arrancou duas pedras de quatro, ou cinco arratês cada hũa, & as foy enterrar muyto longe das minas, cada pedra em seu lugar, distante hũa da outra duas ou tres braças: & depois de ter esta maranha feyta, foyle ao governador hũa tarde, ja quasi sol posto, & disselhe que elle lhe queria descubrir as minas de prata em segredo, que onão foubesse o seu Rey, por lhe não fazer mal, com tal condição q̃ lhe auia de dar por isso certa quantidade de roupas, & contas. O governador lhe prome

teo tudo o que pedia com muyto gosto, & logo lhe mandou dar algũs pannos pera o contentar, & juntamente mandou ajuntar hũa cõpanhia de soldados, & foyle com elles, & cõ o mesmo Cafre ao lugar em q̃ tinha enterrado as pedras, no qual disse o Cafre, que caualsẽ, porque aquellas eraõ as minas de prata; o que logo foy feyto com grande aluoroço. E depois de terẽ cauado grande pedaço de terra, foraõ descobrindo as pedras, com cuja vista ouue grandissima festa, & alegria em todos os Portugueses da conquista, & as trõbetas, & tambores do arrayal ajudãraõ a festejar este descobrimento. E porq̃ era ja quasi noite, disse o Cafre ao governador, que se queria recolher a sua casa, & posto que as minas estauão ali ja descobertas, elle tornaria pola manhã cedo. O governador o deyxou ir, cuidando que o tinha seguro pela roupa que auia de tornar a buscar, alem da que tinha ja recebido, com a qual se foy, & não tornou mais. No dia seguinte, vendo o governador q̃ não tornaua o Cafre, mandou cauar no mesmo lugar, onde se acharaõ as duas pedras, &

Engano q̃ hũ Cafre fez a o governador na Chicoua

toda

toda aquella terra circunstan-
te, sem achar mais sinal de mi-
nas: entã cayo no engano do
Cafre. E vendo que não tinha
remedio para descubrir as mi-
nas que desejava, & que todos
os Cafres daquellas terras e-
raõ fugidos com os mantimen-
tos que tinham, & elle não po-
dia deterse ali muitos dias, po-
la falta delles, tornou-se polo
rio abaixo atè Sena, deixando
duzentos soldados com seu ca-
pitaõ, chamado Antonio Car-
doso d'Almeida, naquelle lu-
gar, prouidos de alguns manti-
mentos, & armas, & fortaleçi-
dos em hũa trincheyra de ma-
deyra, pera dali se informarẽ
de vagar da terra, & verem se
podiaõ descobrir as ditas mi-
nas.

¶ Neste lugar estiueraõ os
soldados algũs meses, sè auer
quẽ lhe descobrisse o que dese-
jauão, nem quem lhe desse por
seu dinheiro os mantimentos,
que lhe eraõ necessarios: polo
que lhe foi forçado tomallos
aos Cafres por força d'armas,
& fizeraõ algũas saydas polas
terras circunstantes, onde to-
maraõ muitos mantimentos,
& vaccas, de que se sustenta-
uão. Vêdo os Cafres que não
podiaõ viuer quietos, nem se-

guros, tendo os Portugueses
por côtrarios, & taõ vizinhos,
pretenderaõ fazer pazes com
elles, & cõmunicallos amiga-
uelmente, com intento de os
assegurar em sua amizade, pe-
ra depois os matarem por en-
gano, como fizeraõ: assi q̃ cor-
rendo com elles algum tempo
nesta fingida amizade, no fim
delle lhe vieraõ a dizer, q̃ pois
eraõ seus amigos lhe querião
descubrir onde estauão as mi-
nas da prata, que tanto deseja-
uão; do que os nossos ficaraõ
muy alegres, tendo por bê em-
pregados os trabalhos, & fo-
mes, que tinhaõ passado à con-
ta de descobrirẽ estas minas.

Assentado o dia em que auiaõ
de ir a este descobrimento (fi-
cando no forte quarenta ho-
mẽs pera sua guarda) os mais,
que neste tempo erã cento &
cincoenta, sayraõ com suas ar-
mas pera acompanhar os
Cafres atè a serra das minas, q̃
elles fingiaõ estar dali hũa le-
goa: & deste modo todos jun-
tos foraõ caminhando, atè en-
trarẽ por hũs matos çerrados,
õnde estauão em çilada embre-
nhados tres mil Cafres arma-
dos, & tanto que os nossos fo-
raõ entrãdo neste passo, sayraõ
os Cafres com grande impeto,

&

& derão sobre elles, ferindo, & matando quantos podião: & posto q os Portugueses mataraõ muitos delles, com tudo como estiuessẽ cercados de mato, & de todas as partes fõ sem cõmetidos dos inimigos, & não pudessem pellejar cõ ordem, foraõ ali mortos quasi todos, & muy poucos escaparaõ, que fugiraõ pera o forte, onde os Cafres lhe puferaõ cerco, determinando matallos â fome; & assi estiueraõ cercados algũs meses, padecendo grandes fomes, & vendo que de todo pereciã, sem esperança de socorro, determinaraõ sayr fora, & tomar algũs mantimentos por força de armas, ou morrer como caualeiros, & não cercados como ouelhas. Esta determinação puferaõ em effeito, dando sobre os Cafres cõ tanto impeto, que os puferaõ em fugida com morte de muitos, mas quando se quiseraõ recolher, foraõ os Cafres creçendo, & ajuntaraõse de todas as partes em tanta quantidade, q vindo em seu alcance, os mataraõ todos, sem escapar hum fõ delles, & desta maneira morrerã, vendendo suas vidas a troco de muitas, que tiraraõ a seus inimigos. O governador

mandou fundir as pedrãs de prata, & sayraõ na fundição tres partes de fina prata, & hũa fõ de escoria: donde se collige que saõ estas as mais ricas minas, & de mais fina prata, que atè oje se sabem. Deltas minas de prata, & ouro, ha muytas nesta Ethyopia Oriental, como saõ as do Reyno do Gorãge, & as do Reyno de Conche que vio o Patriarcha de Alexandria dom Ioão Bermudez; como elle refere no liuro, que fez do Preste Ioão, & outras muitas.

prouada
prata da
Chicõua

¶ Alem destas minãs de prata, & ouro, tambem ha por estas terras do Mocaranga muyto ferro, & taõ bom, que algũs Portugueses o leuã daquiã pera a India, pera delle fazerẽ espingardas: tambem ha muyto cobre. Os quaes metaes tirã os Cafres da terra, & os fundem, & do ferro fazem enxadas, frechas, ferros de azagayas, espadas, machadinhas, & a mais ferramenta, que lhe he necessaria: & do cobre fazem manilhas, de que vsã nas pernas, & nos braços, assi homẽs, como moiheres.

Minas
de
ferro, &
cobre,

morte d
200. Por
rugeses
na Chi
cõua.

¶ CAPITULO QVINZE
Do Manamotapa, & de suas insignias Reaes, & dos Reinos que ha do Cabo das Correntes até Moçambique.



A temos dito cõmo o Manamotapa foy antiguamente hum Rey muito mais poderoso, antes q̃ se lhe leuantassem os estados do Quiteue, Chicanga, & Sedanda: & posto que inda oje seja grande senhor, nem por isso tem outros Reys por seus vassallos, & tributarios, saluo se saõ algũs senhores grandes de seu Reyno, que saõ como os senhores de titulo em Portugal, que tem terras & vassallos, a que os Cafres não chamão Reys, senão Encoffes, ou Fumos. Polo q̃ se enganaraõ certos autores em algũas cousas que escreueraõ do sitio destas terras, & costumes do Manamotapa, como foy Ioão Bortero Italiano, na relação vniuersal q̃ fez de Africa, & Luis de Guzman: os quaes nesta descripção segne em tudo a Osorio, & outros, q̃ primeiro escreueraõ estas cousas; o q̃ deuiaõ fazer por informações pouco certas, porq̃ a saberẽ a verda-

Bortero;
1. p. lib. 3
Guzm.
1. p. lib.
3. das
missões.

de dos costumes deste Rey, não differão q̃ os mays Reys de toda esta costa pagauão tributo ao Manamotapa, & que os filhos destes mesmos Reys se criauão, & residiaõ em sua corte, pera ali aprenderem as leys & costumes do seu Reyno, auendo muyta certeza do contrario: porque primeiramente o Reyno do Manamotapa não corre ao longo da costa, antes està metido pola terra dentro no meyo da Cafraria, & samente vem sayr nesta costa com hũa ponta de terra, como ja dissemos, ficado esta fralda do mar tão remota de sua corte, que atẽ os mesmos seus vassallos, que nella moraõ, lhe não obedecem, & viuem quasi como gente sem Rey. Tambẽ se vè claramente, a incerta informação que teue o dito Luis de Guzman, na descripção & diuisão que faz da Ethiopia, dizendo q̃ o Reyno de Inhabane està situado na Ethiopia Occidental, junto cõ o Reyno do Manamotapa, & q̃ ambos estão juntos entre Sofala, & Moçambique: não aduertindo que estes Reynos ambos estão na Ethiopia Oriental, como refere Osorio, & muy distantes hum do outro, porque o

Lib. 3.º
11.

Lib. 2.º de
reb. gest.
Emmano

Reino

Divisão
dos Rey
nos da
costa de
Sofala.

Reyno de Inhambane fica junto do Cabo das Correntes para a banda do Cabo de Boa esperança, & do rio de Inhambane para a banda da India vay correndo outro Reyno chamado Botonga, & acaba junto do rio da Sabia, de que he Rei o Sedanda, cujo Reino vey correndo atè perto de Sofala, & em Sofala se começa o Reyno do Quiteue, & chega atè o rio de Tendanculo, & daqui corre o Reyno do Manamotapa atè o rio de Luabo: & deste rio de Luabo atè Moçambique são cento & trinta legoas ao longo da costa. Nas quaes terras ha muitos Reys de diferentes castas, & nações de Cafres: & nenhum destes, nê dos mais que nomeamos paga tributo, nem vassallagem ao Manamotapa, antes todos são liures, & supremos, & algus delles tem guerra com o mesmo Manamotapa, como ja disse-

Li. 2. c.
10.

mos. Donde fica claro não estaremos Reynos de Inhambane, & do Manamotapa juntos entre Sofala, & Moçambique, se não muy distantes, & apartados hum do outro: nem menos estes Reis serem vassallos do Manamotapa, nem lhe pagarem tributo, nem me-

nos andarem seus filhos na sua Corte. E se em algum tempo foy algua cousa destas (no que ponho muyta duuida) oje nem memoria disso ha, antes a gente do seruiço do Manamotapa he muy limitada, & de pouco faulto, & trata se do modo que o Quiteue Rey do rio de Sofala, como atras fica dito, onde se pode ver.

Li. 7. c.
4. at. 09

¶ Tambem Felippo Pigafetta Italiano escreuendo da costa do Cabo de Boa esperança atè o mar Roxo, por informação de hum Portugues, que andou em Cogo, chamado Duarte Lopez, faz hua descripção das terras, & cousas desta Ethiopia, na qual troca hũs rios por outros, & Reynos por reynos, pondo tudo fora de seu lugar, & acrecentando outras muitas cousas, que não ha nas ditas terras. E particularmente, falando do Reyno do Manamotapa, diz que viuem nelle as Amazonas, de que faz hũ grande discurso, não auendo taes molheres nestas terras, nê memoria do que diz. Por onde claramente se vey a incerta informação com que se pos a escrever as taes cousas.

¶ Dizem mais estes autores, que as insignias de que vsa

o Ma

o Manamotapá são húa enxada d'ouro, cõ cabo de marfim, em final de ser cultiuador das terras, & duas setas, pera manifestar o rigor de sua justiça, & pera ser temido, & q̄ sepre anda acõpanhado de gēte de guerra. Mas em tudo se enganarão. E quãto aos Cafres andarẽ cõ arcos, & frechas, he tão ordinario nelles, como a espada na çita dos Portugeses, & nenhũ Cafre sae fora de casa sem estas armas: & da mesma maneira, quãdo o Manamotapa vay fora, leua na mão seu arco, & frechas; & o mesmo fazẽ os Cafres que o acompanhão, conforme a seu costume, & não como gēte de guerra. Diante d'elle vay hũ Cafre batendo cõ a mão e hũa coixa, pera que se saiba q̄ detras d'elle vay o Rey. Quando o Manamotapa não leua seu arco, leualho outro Cafre, q̄ tẽ esse officio, a q̄ chamão Masocorira, q̄ he como moço da câmara, & o Rei leua na mão hũa azagaya de pao preto, cõ a pōta de ouro moçiço, ao modo de ferro de lança, ou tres pedaços de pao de obra de hũ couado laurados, & delgados, a q̄ chamão Fimbos. E quando falla cõ algũ Cafre, & o quer matar, deixa cair da mão hũ def-

tes 3. Fimbos, & os seus algozes, chamados Infiçes, q̄ estão presentes, o leuã, & matão cõ azagaya; & assim morrẽ todos os condenados, porque nesta terra não ha força.

Modo de condenar a morte.

¶ O Manamotapa tẽ muitas molheres, & a principal, a q̄ elle muyto quer, chamada Mazarira, he sua irmã inteira, & mui amiga dos Portugeses, & os defende, & falla por elles a el Rei & por essa rezão, quãdo dão a Curua a el Rei, tãbem dão a esta molher seu presente de roupas. Ninguẽ falla cõ el Rei ou cõ esta sua molher, sē lhe leuar algũa cousa. Os Portugeses lhe leuão roupas; os Cafres hũa vacca, ou cabra, ou algũs pannos. E quando são tão pobres q̄ não tẽ q̄ lhe dar, leuão lhe hũ sacco de terra, e reconhecimento de vassallagẽ, ou hũ feixe de palha, pera cobrir suas casas, porque todas as q̄ ha nesta Cafria, são cubertas della.

O Manamotapa tẽ muitas molheres

¶ O Manamotapa, q̄ agora reina; se chama Mambo: seus vassallos, quãdo querẽ afirmar algũa cousa, jurão por sua vida dizẽdo, Xè Mambo. E quando fallão cõ elle, dezẽ, Xè dico, como quẽ diz V. Alteza tal cousa. Aos filhos do Rey chamão Manambo.

nome proprio do Manamotapa.

Este

De q̄ modo
de vay fora
o Manamotapa.

Tres igrejas do Mocaranga.

¶ Este Manamotapa deu é trada aos nossos Religiosos é seus Reinos, & deu licença pera fazeré igrejas, & Christãda de nelles, como oje fazé: & té ja edificado tres igrejas nos lugares principaes de seu Reino s. em Massapa, Luanze, Bucutu: nos qnaes morão muytos Portugeses: & esperamos é Deos, q̄ vã esta Christãdade de bẽ é melhor, & q̄ façã os nossos Religiosos deste Reyno muyto fruto nas almas.

¶ CAPITULO. XVI.

¶ De outros costumes, & insignias do Manamotapa, & de seus vassallos.



Manamotapa, & todos seus vassallos são Mocarãgas, nome, q̄ té por habitare às terras do Mocaranga, & fallaré a lingoagem, chamada Mocarãga, a qual he a melhor & a mais polida, de todas as lingoas de Cafres, q̄ tenho visto nesta Ethiopia, porque té mais brandura, melhor modo de fallar: & así como os Mouros de Affrica, & de Arabia fallaõ de papo, que parece q̄ vomitaõ, & arrãcaõ as palauras da garganta, así pollo contrario estes Mocarangas fallaõ, & pronũciaõ as palauras cõ a ponta da

Lingoag. dos Mocarangas.

lingoa, & beiços, de tal maneira, q̄ muytos vocabulos dizem, quasi assouando, no q̄ té muyta graça, como eu vi algũas vezes fallar os Cafres da corte do Quiteue, & do Manamotapa, õde se falla o Mocarãga mais polidamẽte. O seu modo de fallar he por metáforas, & cõparações mui proprias, & trazidas a proposito, pera seu proposito, & interesse, é q̄ todo o seu intento se resolue.

¶ O Manamotapa, & os Mocarãgas seus vassallos trazẽ na testa hũ buzio brãco, como joya, pẽdurado dos cabellos, & o Manamotapa tras outro buzio grãde sebre o peito. Aestes buzios chamaõ Andoros, os quaes são mui odiosos ao Quiteue por seré diuiza do Manamotapa seu inimigo, & así nẽ o Quiteue nẽ seus vassallos trazẽ Andoro, posto q̄ todos sejaõ Mocarãgas. Nenhũ Cafre corta o cabello da barba, nẽ da cabeça: & cõ tudo muito poucos hã, q̄ tenhãõ barba cõprida, porq̄ lhe creçe pouco o cabello, & nãõ se lhe faz brãco senãõ depois de muita idade. O cõmũ destes Cafres, he viueré 90. & 100. años. São agoureiros, & lâçaõ sortes pera adiuinhar, & muytas vezes falla nelles o diabo,

Sinal dos vassallos do Manamotapa

Nãõ cortãõ o cabello.

Vuem muito.

min.

mintindo-lhe ordinariamente, como he seu costume: mas nê isso he bastante pera deixarem de se fiar delle, dando credito a suas mintiras.

¶ Deste Manamotapa se conta, que tem hũa casa onde manda pendurar algũs homẽs mortos, dos que manda matar por justiça, & assi pendurados estão estillando, & lançando de si toda a humidade que tẽ, em hum vaso, que lhe poẽ debayxo: & depois que se estillão alli todos, & ficão secos, & mirrados, os manda tirar, & enterrar, & daquella górdura & humidade, que fica nos vasos, dizem que faz vnguentos, com que se vnta, assi pera viver muito (como elle cuida) como pera lhe não poderem fazer mal os feitiçeiros. Outros dizem, que faz feitiços daquelle humidade.

¶ Destas superstições, & abusos tem muitos. Dõ Jorge de Meneses sendo capitão de Mocambique, mandou ao Manamotapa hum librêo muito ferroso, que lhe tinha ido de Portugal: o qual o Manamotapa estimava tanto, que sempre o tinha junto consigo, sem fiar o tratamento delle mais, que de sua propria pessoa. Dahi a pou

cos tempos morreu este Rey; & antes que morresse mandou aos seus, como em testamento, que logo em elle acabando de espirar, lhe matasem o seu librêo, a quem queria muito, & a hum carneiro muito manhõ, que tinha criado à sua mão, porque se queria la no outro mundo servir delles, & tellos là pera seu gosto, & passatêpo. O que tudo se cumprio tanto que o Rey morreu, juntamête com sua molhier grande, q̃ tam bẽ bebeo a peçonha pera morrer com seu marido, como he seu costume.

¶ Os Chinas tem o mesmo erro que estes Cafres em seus enterramentos; segũdo refere o Padre Mendoça Religioso de S. Agostinho, no liuro que fez da China, dizendo que os homẽs nobres, quando morrẽ, mandão matar as molhieres, & criados que tem mais estimados nesta vida, pera que os vãõ servir na outra, onde crem que hãõ de viver eternamente em gostos, & passatempõs, sem tornar a morrer. E por esta causa os taes criados, & molhieres não recusãõ a morte que lhe dãõ, antes folgãõ com ella.

¶ Os mais costumes deste Manamotapa, assi de suas molhieres,

As molhieres do Rey se matãõ quãdo el le morrẽ

Corpõs mortos estillando.

Superstições do Manamotapa.

Iheres, officiaes, seruiço, trato, & leys, como de outras particularidades tocantes a seu gouerno, & modo de viuer, & de seus vassallos, são muy semelhantes, & quasi os mesmos, q̄ tenho apontrado do Quiteue, Rey de Sofala no primeiro liuro, do 5. capitulo até o 16. q̄ aqui não repito, por abreuiar, onde se poderã ver tudo o mais que podiamos agora dizer do Manamotapa.

¶ CAPITULO XVII.

¶ Dos Cafres vezinhos de Tete, & dos Mumbos, que comem gente.



O redor do forte de Tete duas, ou tres legoas em circuito, estão onze pouoações de Cafres, em cada hũa das quaes reside hum capitão, & governador Cafre da mesma nação, a que chamão Encosse. Todos estes Cafres são sojeitos, & vassallos do capitão de Tete, & a elle vem cõ suas demandas, & trapaças, as quaes elle julga, & sentença, quando o seu Encosse lhas não pode julgar, ou concertar. A jurdição do capitão de Tete he tanta sobre estes Cafres, q̄

Onze capitães Cafres, vassallos de Tete.

atè sobre os mesmos Encosses a tem, & os pode tirar do cargo, quando fazem o que não deuem. E quando algũ delles morre, poem outro de sua mão, que lhe parece que o pode bẽ fazer, sem auer cõtradição dos Cafres, que hão de ser seus subditos. Quando o capitão de Tete té necessidade destes Cafres, ou pera algũa guerra, ou pera seruiço do forte, ou qual quer obra necessaria pera o bẽ cõmum de sua jurdição, manda recado a todos estes onze Encosses: os quaes logo vem com sua gente armada de arcas, frechas, azagayas, machados, enxadas, & todo o mais necessario, conforme ao negocio, pera que são chamados: & postos em ordẽ cada capitão com sua gente, tambores, buzinas, & bandeiras, entraõ na pouoação de Tete, & apresentaõse ao capitão do forte, entre os quaes se ajuntaraõ mais de dous mil Cafres de pelleja, gente muy esforçada, & belliosa. E esta tem o capitão de Tete sempre certa, quando lhe he necessaria pera algum successo.

Obediência dos Cafres de Tete.

¶ Estes Cafres, & outros muitos, que habitão ao longo deste rio Zambeze, foraõ antigua

riguamente senhoreados polo Manamotapa, vindo cõ guerra sobre elles, os quaes depois de conquistados, por estarem muito longe do seu imperio, repartio por algũs Cafres seus vassallos, & amigos, pera os senhorearem, & governarem, & nesta repartição deu o governo, & jurdição destes onze lugares ao capitão de Tete, que então era, & a todos os mais, que lhe socedessem na capitania, & de então pera cá, tem estes Cafres tanta obediencia a os capitães de Tete, como se foraõ seus Reis, & así nenhũa cousa fazê em suas terras sem sua licença, como he semear as terras, ou colher as searas dellas, & quando lhe vão pedir licença pera fazer algũa destas cousas, vay o Encoffe do lugar, que pede a licença acompanhado d'algũs Cafres, & leua hum presente ao capitão, & sem elle nunca lhe pedê cousa algũa.

¶ Defronte de Tete da outra parte do rio pola terra dentro, que corre pera o Nordeste & Leste, ha duas castas de Cafres, que cõmem carne humana, hũs se chamão Mumbos, & outros Zimbas, ou Muzimbas: os quaes naõ somente comê to

da a gente que matãõ em guerra, mas tambem comê seus catiuos quando saõ já velhos, & não prestãõ pera trabalhar: & não se contentãõ com comerê o que haõ mister pera sua sustentação, mas o q̃ lhe sobeja vendem no açougue, como se fora carne de vacca, ou carneiro, sem auer quem lho estranhe, nem defenda.

¶ Socedeo hum annõ, que hum capitão de Tete passou o rio da outra banda em companhia dos Portugueses, q̃ auia na terra, leuando juntamente consigo os onze Encoffes vassallos do forte, & todos juntos foraõ caminhando atè hum lugar chamado Chicarõgo, que estã dez legoas de Tete: & o intêto deste caminho foi socorrer a hum Cafre nosso amigo, contra outro Cafre Mũbo, chamado Quizũra, o qual lhe viera fazer guerra, & lhe tinha destruido grãde parte das suas terras, & estaua fortalecido no dito lugar de Chicarõgo, no qual lhe tinha catiuos muytos vassallos.

¶ Tanto que os Portugueses chegaraõ a este lugar com a mais gente de guerra, deraõ logo Santiago nos Mumbos,

Guerra dos Portugueses com os Mũbos.

& depois de auer hũa mui trauada briga d'ambas as partes, matarão os inimigos todos, fê ficar hũ sò, de seiscentos homês de pelleja, que eraõ, muy esforçados. A qual vitoria alcançada, o capitão de Tete entregou a terra outra vez a seu dono, que presente se achou na mesma briga: & depois de descansar ali algũs dias, se tornou com sua gente pera Tete, trazendo catiuos todos os mi-ninos, & molheres, que se acharaõ dentro no lugar. Nesta pouoação tinhão estes Mumbos feito hum açougue, onde matauão cada dia daquella gente, que tinhão catiua, junto do qual acharaõ os Portugueses muytos negros, & negras, atados todos de pês, & mãos, q̄ estauão já destinados pera se matarem, & comerem aquelle dia, os quaes soltaraõ, & puseraõ em sua liberdade, & outros muitos, que tambem acharaõ presos pera o mesmo effeito. Este ladraõ Quizura tinha todo o chão da porta da çerca, ou pateo, que entraua pera sua casa, calçado de cabeças de homês, que tinha morto naquella guerra, & todos quantos entravaõ em sua casa, ou sayão, passauãõ por çima desta cal-

çada de câueyras, & elle tinha isto por grãde magestade; mas os Portugueses, que pellejaraõ com elle, lhe deraõ o pago de tão grande crueldade, tirandolhe a vida, & a todos os seus.

¶ Estes Cafres vassallos de Tete saõ facilissimos pera a guerra, & se fora em sua mão, sempre andaraõ nella, por reuoyto das presas que della trazem, & dizem que antes querẽ pellejar, que cauar, porque os que morrem na guerra acabão seus trabalhos, & os que uem ficão ricos de despojos. Pola qual causa todas as vezes que o capitão de Tete os chama pera algũa guerra, logo vẽ muyto contentes. Quando eu estaua em Tete, fiz com o capitão, que então era Pero Fernandez de Chaues, que fizesse hũas portas pera a Igreja, que estaua sem ellas, pera as quaes eraõ necessarias muy grandes, & grossas taboas, por ser o portal muy grande; & o capitão não tendo taboado, nem paos pera as fazer, fingio que queria fazer hũa guerra a certos Cafres, que tinhão feyto algũs agrauos ao forte de Tete, & mandou hum recado aos onze Encosses seus vassallos,

açougue de carne humana.

Calçada de câueyras.

Cafres d Tete saõ amigos de guerra.

vassallos, que viessem com sua gente pera esta guerra: os quaes logo vieraõ. E depois que o capitão os teue todos juntos, fayo fora de Tete com elles, & com algũs Portugueses, q̄ fã bião a maranha, & caminharãõ obra de meya legoa, atè hũs matos, onde há grossa madeyra, & ali assentou seu arrayal, & tomou conselho cõ os Encõses, & com os Portugueses, & disselhe que seria mais acertado, & melhor conselho, deixar aquella guerra pera outro tẽpo, por certas causas que pera isso apontou. A qual determinação pareceo bem a todos, posto que os Cafres ficaraõ muy pefarosos de se não fazer a guerra, polo interesse que della esperauãõ. Depois disto disse o capitão aos Encõses, que pois ali estauãõ naquelle mato, cadahum delles com sua gente cortasse hum par de paos muito grossos, & os leuas se a Tete: o que elles fizeraõ. E desta maneira se fizeraõ as portas da igreja. Esta historia contey pera mostrar a facilidade que estes Cafres tem

em se ajuntarem pera a guerra.

(?)

¶ CAPITULO XVIII

¶ De hũa guerra que tiueraõ os Portugueses com os Muzimbas, & do roim suceßo della.



E fronte do forte de Sena da outra banda do rio morãõ algũs Cafres, senhores daquellas terras, bõs vizinhos, & amigos dos Portugueses, & sãpre lhe foraõ muyto leaes. Socedeo no tempo q̄ eu ali estaua, q̄ os Cafres Muzimbas, de que atras fiz menção, que comem carne humana, vieraõ com guerra sobre as terras de hum Cafre destes nossos amigos, & por força de armas lhe tomaraõ o lugar em que moraua, & muyta parte das ditas suas terras, & alem disso lhe mataraõ, & comeraõ muyta gente. Vendose o Cafre desbaratado, & impossibilitado, se foy a Sena manifiestar seus trabalhos, & pedir socorro ao capitão, que entãõ era Andre de Santiago, pera o ajudar a lançar fora de sua casa o inimigo, q̄ estaua apossado della. O qual vista sua piedosa petição, determinou de o focorrer, aysi por elle ser muito nosso amigo, como por não ter

Guerra dos Portugueses de Sena com os Muzimbas.

mos tão perto de Sena hum vizinho tão mau, como era o Muzimba. Polo que juntas todas as cousas, que eraõ necessarias pera esta guerra, se partio, levando consigo muyta parte dos Portugueses de Sena, com suas espingardas, & dous berços grandes do forte. E chegados ao lugar onde os Muzimbas estauão, o acharaõ mui fortificado com hũa çerca em roda de madeira dobrada mui forte, com seus reuezes, & seteyras, & çercado de hũa caua muito funda, & larga, & os inimigos dentro muy soberbos. Vendo Andre de Santiago, que a empresa era muyto mayor do que elle cuydava, & que trazia pouca gente pera cometer tal inimigo, & sua fortaleza, assentou seu arrayal ao longo de hũa ribeyra, que estâ junto do lugar, & mandou recado ao capitão de Tete Pedro Fernandez de Chaues, que o viesse ajudar com os Portugueses de Tete, & com os Cafres que pudesse trazer vassallos do seu forte.

¶ Pero Fernandez de Chaues se fez logo prestes pera ir socorrer a Andre de Santiago, & ajuntou mais de cem homẽs espingardeyros, entre Portu-

gueses, & Mistiços, & os onze Encosses seus vassallos. E passados todos da outra banda do rio, foraõ caminhando por terra atè chegarem perto do lugar, em que estauão fortes os Muzimbas; os quaes tiuerãõ noticia de sua vinda, & temerãõ muyto sua chegada. Polo que mandaraõ logo algũas espias secretamente ao caminho, pera que quando chegassem, tomassem vista delles, & trouxessem recado da gente que vinha. E sabendo das mesmas espias, que os Portugueses vinhaõ diante do arrayal dos Cafres em Machêras, & andores, & sem ordem algũa de pelleja, sayraõ de noite de sua fortaleza secretamente, sem serem sentidos de Andre de Santiago, & foraõ se embrenhar em hũ mato espesso, q̃ estaua dahi meya legoa, por onde a gente de Tete auia de passar. Estando desta maneira, chegaraõ os Portugueses, q̃ vinhaõ quasi meya legoa sempre diante dos Cafres de sua cõpanhia, bem descuidados do q̃ lhe podia soceder naquelles matos: & assi como vinhãõ foraõ entrãdo por elles, & nãõ eraõ bẽ entrados, quãdo lhe sairãõ os Muzimbas ao encontro, &

Fortaleza dos Muzimbas.

Portu-
gueses
mortos
& citada
pelos
Muzim
bas.

subitamente deraõ nelles com tanto impeto, que em breue tempo os mataraõ todos, sem ficar hum só viuo, & depois de mortos lhe cortaraõ as pernas & os braços, & os leuaraõ às costas com todo o fato, & armas, que trazião consigo, & logo se tornaraõ secretamête pera a sua fortaleza. Quando os Encosfes chegaraõ ao mato, & viraõ todos os Portugueses, & seu capitão mortos, daquelle mesmo lugar deraõ volta, & se tornarão pera Tete, onde contarão o lastimoso caso, que tinha socedido.

¶ Nette tempo que se orde- nou esta guerra andaua em Tete prêgando hum Padre de S. Domingos, chamado Frey Nicolao do Rosario, natural do Pedrogaõ, varão perfeito em muytas virtudes, ao qual o capitão Pero Fernandez, & os Portugueses de Tete pediraõ muito quisesse acompanhallos nesta jornada, pera confessar, & sacramentar os que disso tiuessem necessidade. O que o Padre aceitou, parecendo-lhe que nisso fazia seruiço a nosso Senhor, & amizade aos Portugueses, & finalmente foy com elles, & nella çilada o feriraõ muito mal, & o prenderão, & le-

uarão consigo inda viuo, pera depois lhe darem mays cruel morte, como deraõ, porq̃ chegãdo ao forte o ataraõ de pés & de mãos a hũa aruore, onde o affetearaõ, & acabarão de matar cruelmente; o que lhe fizeraõ a elle mais em particular, que aos outros, por ser Padre, & cabeça dos Christãos, como lhe elles chamão, dando-lhe a culpa de toda esta guerra, dizendo q̃ os Christãos nenhũa cousa fazem sem licença & conselho do seu Caçis. E desta maneira acabou este Padre com grande constancia, prêgando sempre em voz alta, & confessando a fê de Christo, como é outra parte mais largamente contarey.

¶ Estes Zimbas, ou Muzimbas não adorão Idolos, nê conhecê a Deos, mas é seu lugar veneraõ & honraõ ao seu Rey, ao qual tê por cousa diuina, & dizem q̃ he o mayor & melhor do mundo. E o mesmo Rey, diz de si, q̃ elle só he Deos da terra: polo q̃ se choue quando elle não quer, ou faz muita calma, tira cô setas ao ceo, porq̃ lhe não obedece. E posto q̃ todos estes comêgête, o Rey so mête anão come, por se não parecer cõ seus vassallos. Todos

Morre
do pad.
Frey Ni-
colao do
Rosario.

2. parte
lib. 1.

Custu-
mes Bar-
baros
dos Mu-
zimbas.

Morte
do P. Fr.
Nicolao
do Rosar-
io.

estes Cafres pola mayor parte são altos de corpo, mēbrudos, & muito robustos. As armas q̄ trazem são machadinhas, frechas, & azagayas, & hūas rodellas grādes, cō que se cobrē todos, de pao muito leue, forradas de pelles de animaes syluestres, que elles matāo, & comē. Tem de costume comer a gēte q̄ matāo em guerra, & beber polas caueiras, mostrādo se nisso fonfarrões, & ferozes. Se algūs Cafres de sua cōpanhia adoecem, ou ficaō mal feridos da guerra, por não terē trabalho de os curar, os acabāo de matar, & os comē. Outras muitas brutalidades tē semelhātes a estas, q̄ deixo por abreuiar.

¶ **CAPITVLO XIX.**

Da morte de Andre de Santiago Capitão de Sena, & seus companheiros, & do que socedeo a Dom Pedro de Sousa com os Zimbás.



Epois que os Zimbás mataraō ao P. Frey Nicolao, descansaraō aquella tarde que lhe restaua deste triste dia, & a noite seguinte, festejando sua vitoria, & bõ successo, cō muitas cornetas, & tam

bores, & ao outro dia rompendo a manhã sayraō todos da fortaleza, o capitão vestido na Casūla, que o Padre leuaua pera dizer missa, & com o caliz dourado na mão esquerda, & hūa azagaya na direita, & todos os mais Zimbás com os quartos dos Portugueses às costas, & com a cabeça do capitão de Tete espetada na ponta de hūa lança comprida, & tangendo em o tambor que lhe tinham tomado, & desta maneira com grandes gritos, & alaridos, vieraō dar hūa vista, & mostra de todas estas cousas a Andre de Sātiago, & aos Portugueses q̄ com elle estauā, & logo setornaraō a recolher pera dentro, dizendo, que o mesmo lhe auiaō de fazer a elles, que tinham feito aos de Tete, que vinhāo pera os ajudar, cuja carne era aquella, que logo auiaō de comer. Andre de Santiago, que estaua esperādo por Pero Fernandez de Chaues cō muito aluoroço, & não sabia cousa algũa do que tinha acontecido, ficou muy atemorizado, & todos os mais Portugueses que com elle estauā, vendo hum tão horrēdo, & lastimoso espectáculo. Polo q̄ logo determinaraō dese ir, tātō q̄ viesse

*Lafin o
so specta
culo.*

viessê a noite: E pondo em effeito sua determinação, foy tâta a pressa que tiueraõ de passar da outra banda da ribeyra, que foraõ fétidos dos Muzimbas: os quaes saindo de sua fortaleza com grande impeto, deiraõ sobre elles, & ali na praya do rio mataraõ muitos, entre os quaes morreo també Andre de Santiago, como esforçado que era, porque podendo fugir o não fez, antes se deixou ficar pellejando, & defendêdo seus companheiros na praya, onde primeiro que omataffem, tirou a vida a muytos Muzimbas.

De maneira, que estes ladrões & crueis Muzimbas mataraõ afsi da gente de Tete, como de Sena cento & trinta Portugueses, & Mistiços, & os dous capitães destes fortes. O que fizeram cõ pouco custo seu, porque sempre tomaraõ os Portugueses desapercibidos, sem poderem pellejar, como manhosos que são. Isto foy no anno de 1592.

¶ Muy sentida foy a morte do P. Fr. Nicolao, a quẽ todos tinhão por santo, & a dos mais Portugueses, q̃ tão desestradamente acabarão nesta guerra, afsi porque algũs delles eraõ casados, & tinhão suas molhe-

res, & filhos nestes rios, como polos Zibas ficarem vitoriosos, & mais soberbos, & fortalecidos junto de Sena, donde com mais atreuimento podião fazer polo tẽpo em diante muito danno aos Portugueses, que nauegão por estes rios cõ suas fazendas. Polas quaes cousas Dom Pedro de Soufa capitão de Moçambique determinou castigar estes Zibas, destruillos, & lâçallos da vizinhança de Sena. E pera isto passou de Moçambique aos rios de Cua ma, no anno seguinte de 1593. leuando consigo algũs soldados da dita fortaleza, com que chegou a Sena. E depois de se informar do estado em que os Zibas estauão, ordenou logo todas as cousas necessarias pera esta guerra, & ajutou perto de duzêtos Portugueses, & 1500. Cafres, & passando â outra banda do rio Zambeze, foy marchando por terra, atè chegar â fortaleza dos Zibas, onde affétou seu arrayal no mesmo lugar, em q̃ dantes o tiuera Andre de Santiago, & d'aqui mādou bater o muro da fortaleza cõ algũas peças de artilharia, que leou consigo, pera este effeito, mas nenhum danno lhe fez, por quanto era

Dom Pedro de Soufa faz guerra aos Muzimbas,

Morte d'Andre de Santiago, & de sua gente.

madeira grossa, & terreplena- do pola parte de dētro de entulho mui largo, & forte, que os Zimbas fizeraõ cõ a terra que tinhão tirado da caua.

¶ Vendo Dom Pedro que sua artelharía não fazia dāno ao muro dos inimigos, determinou de os entrar, & render a força de braço, & pera isso mandou entulhar hum pedaço da caua: o que fez cõ muito trabalho, & perigo dos nossos, porque os Zimbas de çima do muro frechãraõ, & matãraõ algũs. Entulhado este pedaço de caua, passou muita gente por elle com machados nas mãos atè o pè da tranqueira, & começando de cortar nella, foy tanto o azeyte, & agoa feruendo, que os Zimbas lançaõ de çima do muro, sobre os que cortauão, que se escaldaraõ, & pellaraõ quasi todos, & particularmente os Cafres, que andauão nũs, demaneira que não auia quem oufasse chegar ao pè da tranqueira, afsi por medo do azeite feruendo, como de hũs ganchos de ferro compridos amodo de físgas, que os Zimbas lançaõ polas feteiras do muro fora, & com elles ferião, & afferrauão em todos os que chegauão perto, & pu-

xauão de dētro por elles com tanta força, que os chegauão aos buracos das feteiras, onde lhe dauão feridas mortaes. Pola qual causa mandou o capitão que se recolhesse toda a gente ao arrayal, & descansasse, & todo aquelle dia se gastou em curar os feridos, & escaldados.

O dia seguinte mandou o capitão colher muita madeira, & verga, de que se fizeraõ grãdissimos cestos, tão altos, & mais, que as tranqueiras dos inimigos, & mandou q̃ os pusessem defronte dos muros, & que os enchessem de terra, pera que os soldados pellejassem de çima delles com as espingardas, & os Zimbas não oufassem andar por çima do muro, nē lançar azeite feruendo sobre os q̃ cortassem a tranqueira. Estando este ardil de guerra já quasi ordenado, nesse mesmo tēpo se ordenou outro de paz, ou couardia, da maneyra seguinte. Auia dous meses que esta guerra duraua, polo que os moradores destes rios (que ali estauão mais por força, q̃ por sua vontade, por estarem fora de suas casas, & mercancias, que he todo o seu trato, & não guerras) fingiraõ algũas cartas, como que lhevieraõ de Sena,

Sena, de suas molhêres, em que lhe dauão conta do aperto em que estauão, por causa de hum Cafre leuâtado, que diziaõ vi nha com muita gente pera rou bar Sena, sabendo que os Por tugueses não estauão nella: po lo que acudissem logo a suas casas. Esta maranha fingida, foy logo diuulgada polo arrayal, & os moradores de Sena se foraõ ao capitão, & lhe re quereraõ que largasse o çerco dos Zimbas, & acudisse ao que mais importaua, & senão que elles auião de acudir a suas ca sas, & deixallo.

¶ Vendo dô Pedro sua deter minação, & cuidando que as nouas das cartas eraõ verda deiras, largou o çerco, & man dou passar a gête hũa noite da outra banda da ribeira, pera se tornar a Sena. Mas não se po de fazer esta mudança cõ tan to segredo, que não fosse logo fétida polos Zimbas: os quaes saindo da sua fortaleza com grande impeto, & grita, deraõ sobre o arrayal, onde mataraõ algũa gente, que nelle ainda es taua, & tomaraõ a môr parte dos despojos, & artelharía, q̃ ainda não estaua recolhida. Com este desbarate, & desgof to, se tornou o capitão pera Se

na, & dahi pera Moçambique, sem fazer o que desejava, & o Ziba ficou melhorado, & mais soberbo que dantes, & com tu do isso depois cometeo pazes aos Portugueses de Sena, di zêdo, que elle nunca quisera guerra cõ os Portugueses, an tes desejava sempre sua amiza de, & comércio, mas q̃ os Por tugueses foraõ os que lhe fize raõ a elle guerra injusta, sem lhe ter feito agrauo algum, & que elle os matâra em sua jus ta defençaõ, como era obriga do. Estas pazes cuidõ que se lhe cõcederião, polo bem que dellas vinha aos Portugueses deste rio. Neste estado ficauão as coufas desta terra, quando della me parti pera Moçam bique.

¶ CAPITULO XX:

¶ *Do exercito dos Zimbas, que foy destruindo, & comendo grande parte da Cafraria, & de como entrou na ilha de Quiloa, & a destruiu.*



Um Cafre Muzim ba, da nação daquel les de que faley no capitulo passado, sendo senhor de hũa pequena aldeia, & de poucos vassallos,

mas

mas muito ambicioso de honras humanas, traçando em seu peyto, o modo que podia ter pera ser grande senhor, & nomeado polo mundo, assentou que seria bom meyo pera este effeito, sayr de suas terras com mão armada, & destruir, roubar, & comer toda a coufa viua que achasse. Este seu diabolico intento declarou a seus vassallos, & a outros Muzimbas de sua nação: aos quaes não pareceo mal sua determinação, porque como elles ordinariamête são amigos de não trabalhar, & de roubar, & de comer carne humana, tinham ali occasião entre mãos pera satisfazerem â sua cruel, & depravada inclinação. Assentada pois, & concluida sua ida, farrão de suas terras, & começarão logo exercitar sua furia em seus vizinhos, & forão por todos os lugares, & Reynos da Cafraria, caminhando sempre pera o Levante; polas quaes terras hião destruindo, & roubando quanto achauão, matando, & comendo toda a coufa viua, assi homens, molheres, & mi-ninos, como gado, caes, gatos, ratos, cobras, & lagartos, sem perdoarem a ninguem, saluo aos Cafres, que se vinhaõ pera

Intento
diaboli-
co dos
Muzim-
bas.

elles, & os querião acõpanhar nesta empresa, os quaes admitião a seu exercito. E desta maneira ajuntarão mais de quinze mil homens de guerra, com q̄ forão assolando todas as terras por onde passauão, que parecia hum cruel açoute, & castigo, que Deos quis dar a esta Cafraria.

¶ Chegados pois â ilha de Quíloa, q̄ he pouoada de Mouros, & està jũto da terra firme, vêdo que a não podiaõ entrar por causa do mar, que a cercaua, assentaraõ seu arrayal na terra firme, defronte da ilha, tendoa de cerco algũs meses, & comendolhe todas as criações, & sementeiras, q̄ os Mouros tinbão na terra firme, de modo que nenhũa coufa della lhe vinha pera a ilha.

Cercão a
ilha de
Quíloa.

Neste tempo hum Mouro da mesma ilha, mouido da cobiça & ambição de honras, passou hũa noite secretamête da ilha pera a terra firme, onde estauão os Muzimbas, por hũ passo que elle sabia muito bê, por onde se pode passar de mar e via zia de agoas viuas, & chegando ao arrayal, disse aos Cafres (que lhe sayraõ ao encontro) q̄ elle era da ilha, & queria fallar ao capitão môr daquelle exercito

cito

Treição
de hum
Mouro
de Quiloa
a sua pa-
tria:

cito em cousas de muyta importancia. E sendo por elles leuado, & apresentado ao capitão, disse: Poderoso capitão faberas que eu sou natural desta terra, & morador naquella ilha de Quiloa, que tês cercada; & sey de certo que muyto cedo has de ser senhor della, & castigar seu pouo, por te não reconhecer por grande senhor como es, & obedecer como era rezão. E eu conhecendo isto, venho agora darte a obediencia deuida: & assi mais te quero meter detrás na ilha de Quiloa, com todo teu exercito, polo passo por onde agora vim, que eu sey muito bem; com tal condição, que has de perdoar a morte a meus parentes, que la estão, & repartir comigo dos despojos, & riquezas, que tomares na ilha; & tambem me has de fazer merce das terras, que eu nella te apontar, pois nisso te vay pouco, & eu interesseo muito. O Zimba lhe respondeu, que era muito contente, & que se elle o metesse com sua gente na ilha, como dezia, que lhe prometia de fazer tudo o que pedia. Polo que postos logo em ordem de passar o vao, o Mouro os encaminhou porelle, indo na dianteira, &

mostrandolhes o caminho. E assi chegaraõ todos á ilha depois da meyanotte, onde tomaraõ todos os Mouros dormindo bem descuydados da treycão que lhe tinhão feito, & do q̄ lhe podia soceder: dos quaes os Muzimbas mataraõ logo a mayor parte, sem auer resistencia algũa, & aos mais catiuaraõ, & depois os foraõ comendo pouco & pouco em quanto ali estiuerã: de modo que mataraõ & comeraõ mais de tres mil Mouros, & Mouras, q̄ ali auia, entre as quaes eraõ muytas fermosas, & delicadas, & roubaraõ toda a cidade de Quiloa, em que acharã grandes despojos, & riquezas, & somente escapaõ destes mouros os que tiueraõ tempo de fugir pera os matos da mesma ilha, onde andaraõ embrenhados, até que os Muzimbas se tornaraõ pera a terra firme, & depois se vieraõ pera a cidade, a qual antiguamente foy mui nobre, & nella morauã os Reys de toda esta costa: & inda oje se vé sua antiga nobreza, nas ruinas das grandes & sumptuosas Mizquitas, & aposentos, que nella ouue.

Destruição
de
Quiloa.

¶ Depois que os Muzimbas não tiueraõ que fazer na ilha, mandou

Iusta sen-
tença do
Zimba,
cõtra hũ
traidor.

mandou o seu capitão que lhe chamassem o Mouro q̃ os me- teo nella polo vao, o qual inda era viuo cõ toda sua geração, q̃ o capitão mandou guardar, não querêdo que fosse morto algum delles, como foraõ os demais. E tanto que os teue diante de si todos juntos, vi- rouse pa o Mouro, & disse: Não quero nem sou contente, que tão má couza como tu es, viua mais tẽpo, pois foste tão cruel, que por teu proprio in- teresse entregaste tua patria, & teus naturaes nas mãos de seus inimigos. E virandose pera os seus Cafres, disse: Tomay este mau homem, & toda sua ge- ração, que presente està, & ata- dos de pês & mãos os lançay todos naquelle mar, pera que os peyxes os comão, porque não he bem que fique alguem viuo de tão má geração, nem quero que os comais, porq̃ sua carne deue ser peçonhenta. O qual mandado logo se pos em execução. Sentença certo não de Barbaro, como este era, se- não de homem prudẽte; & bem se vê nella com quanta rezaõ disse Alexandre Magno, que folgaua com as treições, que faziaõ os que lhe entregauão as cidades, mas q̃ abominaua

os traydores. Concluyda està guerra de Quíloa, tornou-se o Muzimba da ilha pera a ter- ra firme, polo mesmo passo por onde entrou guiado polo Mouro.

¶ CAPITULO XXI

¶ De como os Zimbás entrarão em Mombãça, & a destruyrão, & de- pois forão a Melinde, onde forão desbaratados.



Víloa destruyda, tornou o Zimba a continuar seu ca- minho ao lógo da costa, atè chegar à terra firme que està defrõte da ilha de Mõ- baça, na praya da qual assen- tou seu arrayal, com determi- nação de entrar na ilha, como tinha feito na de Quíloa: mas não pode logo fazer o que de- sejava, porque nessa cõjunção tinham entrado na mesma ilha quatro galês de Turcos do Es- treito de Meca, de que tratarei adiante mais largamente. Os quaes Turcos lhe defenderão a entrada na ilha, pellejando com elles muitas vezes, & ma- tandolhe muita gente com sua artelharia, que jugaua de duas galês, que tinham postasem hũ passo por onde o Zimba queria entrar

liu. 4.

Briga
dos Zim-
bas com
os Turo-
cos,

entrar. E nesta briga foraõ cõ
tinuando algũs dias, atè que
focedeo no mesmo tempo vir
Thome de Soufa da India, cõ
hũa grossa armada contra es-
tas mesmas galés: & achando-
doas neste rio, pellejou com el-
las, & as tomou cõ tudo o que
trazião, & catiuou os Turcos,
que nellas estauão, & juntamẽ
te destruyo a ilha de Mombã-
ça. O que tudo foy feyto â vis-
ta dos Muzimbas, que estauão
da outra banda na terra firme,
muy espantados de verẽ obrar
tantas maravilhas aos Portu-
gueses. Polo que disse o capi-
tão Muzimba, q̃ os Portugueses
eraõ Deoses do mar, & elle
da terra. E logo mandou hum
embayxador a Thome de Sou-
fa, dizendo, que elle era amigo
dos Portugueses, & não queria
guerra com elles: & pois tinha
já acabada sua obra tão honra-
damẽte, q̃ tambem elle queria
concluir a sua, em que estaua
aia já dias, que era entrar na
ilha, & matar, & comer toda a
coufa viua, q̃ nella achasse. O
que logo pos em effeito por cõ-
sentimento dos Portugueses.
E entrando na ilha, buscou to-
dos os palmares, & matos, que
nella aia, onde achou muitos
Mouros embrenhados, que ti-

nhão fugido da cidade, & ma-
tou, & comeo todos os que po-
de tomar. Isto feito, tornou-se
Thome de Soufa cõ sua arma-
da pera a India vitorioso (co-
mo adiante acabarey de con-
tar) (& o Zimba pera a terra fir-
me, & foy continuando seu ca-
minho, & marchando com seu
exercito pera Melinde.

¶ El Rey de Melinde esta-
ua muy atemorizado cõ as no-
uas q̃ tinha da vinda dos Mu-
zimbas, sabendo a destruição,
que tinhão feito em Quiloa, &
Mombãça: mas cõ tudo tinha
grande confiança no esforço
de Matheus Mendez de Vascõ-
cellos, capitão que então era
desta costa, o qual naquelle tẽ-
po estaua em Melinde cõ trin-
ta Portugueses semente, entre
soldados, & mercadores, os
quaes estauão apostados a de-
fenderlhe a cidade, atè morrer
na contenda. Chegando pois
os Zimbas a Melinde cõ muy-
ta soberba, & oufadia, como
gente que atè então nenhũ me-
do tinha de nação algũa, come-
teraõ a cidade com muito ef-
forço. E posto que os nossos
soldados mataraõ muitos à es-
pingarda, elles com tudo isso
não deyxauão de entrar por al-
gũas partes do muro, que era

bayxo,

Destruir-
ção de
Mombãça
& toma-
da das ga-
lês.

Br 7a
dos Zim-
bas em
Melinde

bayxõ, & estauão já quasi se-
nhores de hum baluarte, auen-
do briga muy trauada de par-
te a parte. Neste tẽpo chega-
rão de focorro a Melinde mais
de tres mil Cafres amigos del
Rey, chamados Mosseguejos.
Os quaes sabendo o aperto,
em que el Rey de Melinde seu
amigo estaua com a vinda dos
Muzimbas, o vinhão focorrer,
& ajudar. Estes Mosseguejos
são homẽs muy esforçados, &
amigos de guerra, dos quaes
tratarey adiante mays larga-
mente. Chegando pois a este
tempo do combate, deraõ nas
costas dos Muzimbas com tan-
to animo & esforço, q̃ em bre-
ue tempo os ajudaraõ a desba-
ratar, & pôr em fugida. E co-
mo estes Muzimbas eraõ estrã
geiros, & tinhaõ feito tãtos ma-
les & mortes polos caminhos,
& terras por onde foraõ, o mes-
mo lhe fizeraõ a elles em sua
fugida, matando a todos por
onde quer que os achauão, &
fomente escaparaõ com vida
o capitão delles, & obra de
cem homẽs, q̃ tornaraõ a desfã-
dar o caminho por onde foraõ
todos vnidos em hum corpo,
sem se apartarem atẽ chega-
rẽ outra vez a suas terras. De
modo que nesta cidade de Me-

linde com ajuda dõs Mosse-
guejos, se acabou o exercito
dos Muzimbas, que tinha sai-
do das terras, que correm ao
longo deste rio de Sena, & che-
gado atẽ Melinde, q̃ saõ quasi
trezentas legoas de caminho,
sem auer quem lhe resistisse, nẽ
pellejasse com elles; antes lhe
largauão as pouoações, & lu-
gares por onde sabião que vi-
nha este cruel, & carniçeyro
exercito.

¶ Isto que tenho dito dos
Cafres, que habitão as terras
deste sertão, me parece que bas-
ta por agora. E pois entramos
nellas polo rio de Luãbo, des-
creuendo suas particularida-
des, rezão he que tambem de-
çamos polo de Quilimane, atẽ
chegarmos â fralda do mar, &
q̃ digamos algũa cousa de seus
habitadores, o que farey nos
capitulos seguintes.

¶ CAPITULO XXII.

¶ Dos rios de Quilimane, & Lo-
ranga, & dos costumes de
seus habitadores.



¶ Vilimãne he hum
braço do rio Zam-
beze, fermoso, &
apraziuel, de pou-
co fundo, como já dissemos.

Tem

Socorro
dos Mos-
seguejos
a Melin-
de.

liu. 4.

Destruir
cão dos
Muzim-
bas.

Tem de largura na boca pouco mais de hũa legoa. A sua barra tem somete tres braças de agoa, pola qual rezão não podem por ella entrar naos de alto bordo, & essa foy a causa por q̄ nella se perdeu a nao S. Luis, como adiante direy. A terra que corre ao longo del- le he rasa, sem outeyro algum. Da barra pera dentro, obra de duas legoas, tem hum porto bẽ asõbrado de campo raso, no qual estão hũas casas, palmar, & horta, de hũ Portugues chamado Francisco Brochado, de quem já faley atras, que era capitão destes rios. Este porto he refugio de toda a gente que nauega pera este rio: porque nestas casas achão gafalhado os Christãos graciosamente, & em particular os Portugueses, onde descansão, dormem, & se recolhem das calmas, que nestas terras são mui grandes. Perto destas casas está hũa po- noação pequena de Cafres Gentios, & Mouros pobres, q̄ viuem aqui à sombra dos Portugueses, que vão, & vem por este rio: onde os marinheyros (que ordinariamente são Mouros) tambem achão abrigo, & gafalhado, pera se refazerem dos trabalhos do mar, & algũs

delles tem ali suas molheres.

¶ Toda a demais terra polo sertão dêtro he pouoada de Cafres Macũas, fogeitos a hũ Cafre chamado Gallo, que tẽ nome de Rey, mas seu Reyno he pequeno, de poucos vassallos, & menos sustancia. Este Rey tinha hum irmão chamado Sapata, o qual se tinha feito Mouro quando ali fuy ter, & por essa rezão era malquisto & odioso a todos os Cafres, porque inda que estas terras estão inçadas de Mouros, & vi uẽ nellas como naturaes, quer nosso Senhor que nenhum Cafre se faça Mouro, porque os tem em pouca conta, & dizem que he gente bayxa, & q̄ mais hõrados são elles, que os Mouros: & asy raramente se verá Cafre que se torne Mouro, nẽ eu o vi nestas partes, fazêdose cada dia Christãos, aos quaes tem por gente nobre, & honrada; & asy cõmummente chamão aos Portugueses Musungos, que quer dizer Senhores. São pretos, de cabello reuolto, Gentios, mas não adorão Idolos: são amigos dos Portugueses, & bem inclinados.

¶ Com estes Cafres confinão outros, que habitão as terras que correm ao longo de hum

Nenhũ
Cafre se
faz Mou
ro.

Porto d
Quilimã
ne.

Rio de
Loranga.

hum rio chamado Loranga, cuja boca está cinco legoas de Quilimane, mais pera o Levante, indo correndo a costa pera Moçambique. Este rio he mui apraziuel, & tem hũa enseada, & barra muito boa, onde os Pangayos entraõ & saem francamente, & nella ha muyto peixe, o qual não he pescado dos naturaes da terra, porque não ousaõ sayr fora do rio a pescalo em suas Almâdias, q̄ são pequenas, & fomente o peiscão em couaõs, que armaõ no rio, & nos esteiros que entraõ pola terra, onde tomão peyxe miudo. Este territorio de Loranga he pouoado de Cafres Macûas Gentios, pretos de cabelo crespo; os mais delles trazem cornos feitos do mesmo cabelo, & muitos delles são pintados polo corpo cõ ferro, & tem as queyxadas furadas por galantaria, como os Macûas de Moçambique, de que adiante salarey mais largamente. Entre estes viuẽ algũs Meuros pretos, os mais delles pobres, & quasi semelhantes aos Cafres em seu modo de viuer. Toda esta terra he sogeita a hum Cafre chamado Bano, & a seus irmãos, que viuem nella repartidos em diuersas aldeas.

São todos commuõmente bê despostos, & bem inclinados. O seu principal trato & comércio, que tem com os Portugueses, he de Marfim, arroz, milho, painço, inhames, & outros muytos legumes, q̄ esta terra cria, em grande abũdancia. Os Portugueses lhe leuão pannos, estanho, & contas de varias cores, de barro vidrado, com que os Cafres se vestem, & fazem galantes. As fazendas desta terra são searas dos mantimentos q̄ tenho dito, & estas grangeadas pelas molheres, cõ tanto & mais cuydado que entre nos polos homens, porque ellas roçãõ, cauaõ, semeãõ, & colhem as nouidades. Os homẽs passeãõ, conuersaõ, pescaõ, & caçãõ, & leuãõ boa vida, & daqui vem serem as molheres desta terra escassas, & os homẽs liberaes. Ha nesta terra palmares, de q̄ os Cafres não sabem tirar vinho, nem outro proueito, mais q̄ os cocos pera comerem. E posto q̄ a terra he fertil, & de grandes pastos, tẽ pouca creação de gados, porq̄ estes Cafres são de pouco trabalho, & mais dados a baylos, & festas, que a grangearias; cõtentaõse com o comer ordinario de arroz, ou milho, & legumes,

liu. 3. c. 1

Bano senhor de
Loranga

mes. Também comem ratos, cobras, & lagartos, & zombão de qué os não come. Criãose nestas terras muitos tigres, onças, leões, elephantes, bufaros, meriús, veados, gazellas, muitos gatos d'algalea, infinitos bugios, & monos, & os Cafres caçam todos estes animaes, & comelhe a carne. Nos campos, & matos ha muito mágericaõ, madre sylua, mosquetas, & jasmis, de suaue cheiro.

solar de seu nojo, lhe differaõ, q̄ Deos o fizera muito mal cõ elle, em lhe dar tantos trabalhos na sua perdição, & agora em lhe matar o sobrinho, & q̄ não se fiasse delle, porque era mau: mas o Padre acodido pola honra de Deos, lhe disse o q̄ em tal materia cõuinha, & facilmente os cõuenceo, porque não são homens de muitas repostas, nem replicas.

¶ CAPITULO XXIII:

Dos casamentos, festas, & superstições, que os Macúas do rio de Loranga têm em suas mortaldas.



S mais destes Macúas de Loranga têm duas mulheres, & algús mais nobres & ricos, alé das mulheres têm mancebas, mas os filhos destas não são herdeiros da casa, & bês de seus pais, como são os filhos das duas legitimas. O dia de seu casamento, logo

*Come
casão.*

polamanhã começaõ duas, ou tres Cafras, a cantar, tãger, & bailar à porta da desposada, & a estas se vão ajútando outras, de modo que ao meyo dia está ali junta toda a gente daquelle aldea, festejando & bailãdo, & nisso gastão o dia todo, &

K

quantos

Crê q̄ ha
hũ Deos
q̄ está no
ceo.

¶ Estes Cafres no q̄ toca á religião adoraõ hũ sò Deos, q̄ está no ceo, crê a immortalidade da alma, não negaõ a providência diuina, crem q̄ ha demônios, & q̄ são maos, & q̄ todos os bês vê de Deos, & cõ tudo isto são grãdes blasfemos, porque quando lhe as nouidades não respondẽ como querẽ, ou lhes não socedẽ as cousas a seu golto, dizẽ mal de Deos, & q̄ faz o q̄ não deue, & outras palavras semelhantes. A esta terra foy ter o P. Fr. Thomas Pinto da ordẽ dos Prêgadores, Inquisidor da India, quando se saluou da perdição da nao Sãtiago, & aqui lhe faleceo hum seu sobrinho, q̄ leuaua cõsigo, polo qual respeito algús Cafres principaes da terra o forãõ visitar, & querendoõ con-

quantos vão àquellas vodas offerecem à desposada, arroz, milho, feijões, painço, figos, & farinha, em cõpetencia de quẽ primeiro lhe fara sua offerta, & de tudo o que lhe offerecem lanção primeiro hũa maõchea sobre os tangedores, & bailadores, & juntamete enfarinhão hũa face, & o olho esquerdo. Esta festa se acaba ao sol posto, porque entãõ leua o noiuo a esposa pera sua casa, acompanhada desta gente, & dali por diãte fica tida por sua legitima molher, sem mais çeremonias.

Festas de
ses Ca-
fres.

¶ Tem muitos dias de festa, em que fazem algũas superstições, como he não comerẽ nelles couza algũa, mas bebẽ todo o dia & noite seguinte de hum çerto vinho que fazem, assi de milho, como de hũa fruta, a q̃ chamãõ Putò, que em verde toca de azeda, & he apetitosa, & madura he muito doce, & saborosa. E destes dous vinhos que tem feitos pera estes dias de festa bebem de modo, que sempre andão bebados bailando, tangendo, escaramuçando hũs có outros, & fazendo de si tantas vilagẽs, enramados, & enfarinhados, que parecẽ andando ministros do diabo, ou soldados de Baccho, quando triũ

phaua da India.

Esta gente dâ muito credito a seus feitiçeiros, & a suas sortes, que lanção pera adivinhar o que querẽ saber. Quando querem descobrir algũs furtos, ajuntaõse muitas Cafras, & todas fazem hum bailo, no qual juntamente dizem hũas çertas cantigas, & tanto cantão, & bailaõ, atẽ que moudas de hum furor diabolico, pareçem doudas, ou endemoninhadas, & neste tempo entra o demonio em hũa dellas, & descobre o furto. O governo desta gẽte he de pouco trafego: tem em cada aldeia hũa cabeça, que os governa, a que chamãõ Fumo, este determina verbalmente suas differenças, que são poucas, & quando o Fumo as não pode julgar, o Bano senhor das terras as determina com conselho dos mais Fumos, q̃ se ajuntão pera isso em hũ terreiro à porta da casa do mesmo Bano. São homẽs de grandes cõprimentos, & em suas visitas vsão de tantos, q̃ primeiro q̃ começẽ a fallar do negocio a q̃ vẽ, se gasta grande espaço de tẽpo em cortesias de ambas as partes, & isto lhe vẽ de serẽ ociosos, & desoccupados. São de cõdição mauiosa.

Bailos diabolicos

Vsão de muitos cõprimentos.

Quando

¶ Quando morre algũ def-
tes Cafres, a primeira coufa q̃
se faz por sua morte, he faysse
hum parente dos mais chega-
dos fora da casa do mesmo de-
funto, & prantealo e vozes al-
tas, a q̃ acode a gente toda da-
quella aldea, & todos juntos
começão hum pranto muy sen-
tido com vozes entoadas, &
tão lastimosas, que mouem a
cõpaixão a quem as ouue. Du-
ra este pranto hũa hora, pouco
mais, ou menos. O defunto se
amortalha quasi ao nosso mo-
do, enuolto em hum bertan-
gĩ preto, & atado cõ muitas ti-
ras do mesmo bertangĩ. Enter-
raõ com elle seu arco, frechas,
& azagayas, & as mais armas
que tem, & milho, arroz, fei-
jões, & outros legumes. Poem
lhe sobre a coua o leito, ou es-
teira em que dormia, a tripeça
em que se assentaua, & depois
de enterrado lhe queimão a ca-
sa palhaça em que moraua, cõ
todo o mouel que tinha, porq̃
ninguem pode possuir coufa de
que o defũto se seruia quando
era viuo, nẽ tampouco por lhe
a mão: & se acõtece que alguẽ
toque coufa do defunto, naõ
entra em sua casa atẽ se naõ ir
lauar ao rio. A cinza da casa q̃

se queimou, com algũs peda-
ços de paos, que se não acaba-
raõ de queimar tudo junto lhe
poem sobre a coua. O defun-
to se prantea oito dias conti-
nuos, começando dameya noi-
te por diante, entoando hum
Cafre o pranto, a cujas vozes
se leuantão os mais do lugar,
& juntos vão continuando o
pranto na forma que atras fi-
ca dito por espaço de hũa, ou
duas horas. Entre dia vaõ á se-
pultura do defunto, & dicen-
dolhe certas palauras, lhe lan-
çãõ encima milho, feijões, &
farinha de arroz, & cõ ella jun-
tamente enfarinhão hũa face,
& hum olho, & desta maneira
andão sem lauar o rosto, atẽ q̃
a farinha lhe cae de todo. Cõ
esta cerimonia dizem que en-
comendão suas sementeyras
aos defuntos, & cuidão q̃ suas
almas lhe podem nisso valer,
& dar boas nouidades.

¶ Por aqui demos fim a este li-
uro 2. & da mais costa que vay
correndo atẽ o cabo Del-
gado fallarey no li-
uro seguinte.

FIM DO SEGVN-
do liuro.

Como
chorão
os defun-
tos.

supersti-
ções que
em.

LIVRO TER

CEIRO, DA ETHIOPIA

ORIENTAL, EM QUE SE DA RELAC, AM DA ilha, & fortaleza de Moçâbique, & do Maurûça Rey da terra firme, que estâ defronte, & seus custumes, & das ilhas de Quirimba, atè o Cabo Delgado, & seus habitadores, & cousas muy notaveis, que ha nesta costa.

¶ **CAPIT. PRIMEIRO,**
¶ Dos Cafres Macûas da terra firme de Moçambique, & de seus costumes, & de como conquistara aquella terra.



M Toda esta costa, que vay correndo dos rios de Cuama atè a ilha de Moçambique, (que são cento & trinta legoas de terra) não ha Reys poderosos, & grandes, como são os de que tenho tratado no primeyro & segundo liuro. E posto que aja nella muytos senhores de vassallos, comtudo nenhum delles tem titulo de Rey, inda que algûs Mouros ha, que viuem por esta fralda do mar em pouoações pequenas, os quaes se chamão Reys dos mesmos lugares em que viuem, & são como antiguamete era o Rey de Sofala Zufe, a quem matou

Pero d'Anhaya, de pouca ^{Li. 1. c.} tancia, & vassallos. Mas polo ^{3.} serrão dêtro desta terra viuem algûs Reys grandes, & poderosos, Cafres Gêtios de cabello crespo, os quaes pola mayor parte são Macûas de nação. Hû delles, q̄ agora seme offerêce, cõ que os moradores de Moçâbique tratão, & vizinhaõ, he o Maurûça, de quem me pareceo deuia dizer aqui algûa cousa.

OS Cafres da terra firme de Moçambique são Macûas Gêtios, muito barbaros & grandes ladrões. O seu Rey, se chama Maurûça. Esta nação de Macûas, de que ja falei atras algûas vezes, he a mais barbara, & a mais mal inclinada, q̄ todas as nações de Cafres q̄ tenho visto nesta costa. O seu modo de fallar he muito alto, & aspero, como que pelleja: & assi

assí a primeira vez que os vier fallado, cudei q̄ pellejauão. Todos ordinariamente limaõ os dentes de cima, & de baixo, & tão agudos os trazem como agulhas. Pintaõse todos polo corpo cõ hũ ferro agudo, cortando suas carnes. Furaõ ambas as queyxadas das pontas das orelhas, quasi atè a boca, cõ tres ou quatro buracos de cada parte, por cadahum dos quaes cabe hũ dedo, & por elles lhe apparecê as gingiuas, & os dêtes, & lhe corre ordinariamente a humidade, & cospinho da boca. E por esse respeito, & tambê por galantaria trazê em cadahũ destes buracos metida hũa rolha de pao, ou de chũbo, q̄ pera isso fazê redõda, & os q̄ as podê trazer de chũbo saõ mais ricos, & tratãose com mais custo, porq̄ o chũbo val muito entre elles. Tambê trazê dous buracos nos beiços no de cima metem hũ pao delgado, como hũa penna de galinha, de cõprimêto de hum dedo, & ali o trazem direito pera fora, como hum prego, & no de bayxo trazê hũa grande rolha de chumbo, encaixada, tão pesada, que lhe derruba o beiço quasi atè a barba, & assí lhe andaõ sempre apparecendo as

gingiuas, & dentes limados, q̄ parecê demonios. Trazê mais as orelhas todas furadas e roda cõ muitos buracos, & nelles metidos hũs paos delgados como agulhas de rede, de comprimeto de hum dedo, q̄ parecem porcos espinhos. Etudo isto trazê por galantaria & festa, porque quando andão anojados, ou tristes, deixão tudo isto, & trazê todos os buracos destapados. He gête muito robusta, & de muito trabalho. Todos andaõ nũs, assí homẽs, como molheres, & quando andaõ bê vestidos trazê hũa pelle de bugio, ou d'outro animal çingida da cintura atè os joelhos. Em todos os mais costumes, tratos, modos de viuer, sustentação & lugares em q̄ habitãõ, saõ muito semelhantes aos Cafres de Loranga, de q̄ já faley atras, & deixo de o repetir aqui por abreuiar. Estes costumes q̄ tenho dito, saõ de quasi todos os Cafres desta costa, q̄ viuẽ polos matos, & mais em particular destes Macûas, nos quaes se achãõ mais brutalidades.

¶ Dos Macûas do rio de Quizungo se cõta, q̄ quando ha de casar algũa moça dõzella ètre elles, amesma moça se sae fora

Furaõas queixadas por galantaria.

Liũ. 2. c. 22. & 23.

Macûas do riode Quizungo.

da pouoação em q̄ viue, & se
 vay aos matos, nos quaes áda
 toda húa lua inteira, como em
 degredo, sintindo, & lamétan-
 do a virgidade q̄ ha de perder;
 pranto bẽ differente do q̄ fez a
 filha de Iephte, a qual sabẽdo
 que seu pay a queria sacrificar
 polo voto q̄ tinha feito, pedio
 lhe licẽça pera andar dous me-
 ses polos mõtes, chorando sua
 virgindade cõ suas amigas, &
 cõpanheiras: mas esta choraua
 porq̄ morria sã filhos, coufa q̄
 na ley dos Iudeos era muy abo-
 minada: & as Cafras dizẽ que
 choraõ a virgindade q̄ hã de
 perder. Nestes trinta dias, q̄ as
 Cafras tomão pera este prãto
 podẽ ser visitadas, & acõpanha-
 das de suas amigas, & parẽtas,
 & todas as noites podẽ vir dor-
 mir a suas casas, & pola manhã
 tornar a continuar o degredo,
 atẽ q̄ appareça a lua noua: no
 qual dia a mesma desposada, &
 seus parẽtes, & amigos fazem
 grandes festas, & bailos, & no
 dia seguinte se faz o recebimẽ-
 to, q̄ he entregar a desposada a
 seu marido sem mais ceremo-
 nias. Estes Cafres de Quizun-
 go foraõ os q̄ catiurãõ, & ti-
 uerãõ ẽ seu poder o P. Fr. Tho-
 mas Pinto, religioso da ordem
 dos Prẽgadores, Inquisidor q̄

foy da India: o qual foy ter a
 este rio cõ os outros seus com-
 panheiros, que se saluaraõ da
 perdição da nao Sãtiago, que
 deu nos baixos da Iudia, como
 mais largamente contarei a-
 diante.

¶ Tornando pois ao Mau-
 rûça, & a seus vassallos Macû-
 as, que habitão as terras fron-
 teiras a Moçambique, he de sa-
 ber, q̄ sendo elles estrangeiros,
 vieraõ antiguamente cõ guer-
 ra sobre os naturaes destas ter-
 ras tambẽ Macûas, & por for-
 ça d'armas lhas tomaraõ, & se
 apossaraõ dellas: o que fizeraõ
 com pouco trabalho, por cau-
 sa da grande crueldade q̄ vsa-
 uãõ, em comer carne humana
 dos Cafres q̄ matauãõ na guer-
 ra, & inda dos q̄ tomauãõ vi-
 uos. E por isso os naturaes lhe
 largaraõ a mayor parte da ter-
 ra, & se assombrauãõ de ouir
 nomear o Maurûça. Tãõ encar-
 niçados adauãõ estes Macûas
 ẽ suas mortes & latrocinios, q̄
 se nãõ occupauãõ ẽ outra cou-
 sa, mais q̄ em roubar, matar, &
 cõmer quanto achauãõ, & mui
 poucos se dauãõ a cultiuar as
 terras, que tyrannicamente ti-
 nhãõ vsurpado, porq̄ todos na-
 turalmẽte (inda que robustos,
 & sofredores de trabalho) sãõ

Os Macûas
 cõm
 carne
 huma-
 na

Judicũ
 cap. 11.

Casamẽ
 to das
 Macûas

priguiçosos, & dados ao ocio, causa principal de todos os males, que cometião. Nesta ociosidade, & carnicaria foraõ continuando algũs annos, atè que na era do Sñor de 1585. sendo Nuno velho Pereira capitão de Moçambique, se desmandáraõ mais, & tomaraõ tanta offadia, que vinhão muitas vezes à praya da terra firme, onde os Portugueses de Moçambique tem seus palmares, hortas, & searas, que são as fazendas desta terra, & nellas fazião muitos roubos, forças, & mortes, de modo que os Portugueses vinhão quasi a perder, & desamparar suas fazendas; & quando menos mal lhe fazião era virem os Cafres a ellas, & meteremselhe em casa, pedindohe pannos, & de comer, & de beber, & se lhe não dauão quanto querião, lho tomavaõ por força, & muitas vezes lhe queimauão as casas, & cortauão as palmeiras. De maneira que os Portugueses não podião ser senhores de suas fazendas, & aquelles que com estes encargos as querião sustentar, recebião mais perda do que ellas valião, & juntamente se ariscauão a serem mortos, & comidos polos Cafres.

Insolências dos Macúas

¶ CAP. SÈGVNDO,
¶ Da guerra que os Portugueses de Moçambique tinerão com o Maurúça, & do roim successo della.



¶ Endo Nuno Velho Pereira, tanto atre uimento & soltura dos Macúas, determinou tomar delles vingança, destruilos, & queimarhe a cidade em q̃ o Maurúça moraua, q̃ estaua tres ou quatro legoas pola terra dentro. Pera o qual effeito mandou quarenta Portugueses, e tre soldados da fortaleza, & casados de Moçambique, dos que tinhão fazendas na terra firme: os quaes magoados das muitas forças, & perdas q̃ tinhaõ recebido dos Macúas, se offereceraõ de boa vontade pera este assalto, leuando consigo seus escrauos, & outra muita gête forra da terra, que serião perto de 400. homẽs, & por capitão de toda esta gente mandou Antonio Pinto seu criado, tambem casado na fortaleza. Concluyda esta determinação, & aparelhadas as cousas necessarias pera esta guerra, passáraõ da ilha pera a terra firme hũa tarde ao sol posto com muito segredo, sem dizerem pera onde hião, com

Guerra dos Portugueses cõtra os Macúas

propósito de caminhar de noite, & de madrugada darem sobre o Maurúça, que estava descuidado. Esta determinação se pos em effeito; porque foram até a cidade do Maurúça, onde chegaram de madrugada, & acharão a gente toda descuidada, & matarão muita parte della, sem auer resistencia alguma; polo que com pouco trabalho destruíram a pouação, & lhes puserão fogo.

Destruição dos Maurúças & sua cidade.

¶ Os Macúas que puderão fugir deste assalto, se foram embrenhar polos matos, que estão ao redor da cidade, & depois se ajuntaram todos, & se meterão em hum mato, que estava no caminho, por onde os Portugueses auião de tornar pera Moçambique, com intento de se vingarem delles, se pudessem. Por outra parte os Portugueses, vendo que não auia mais que fazer na cidade, pois ficaua queimada, & os Cafres della mortos, & fugidos, cuidaram que tudo ficaua seguro, & deram as espingardas a seus escravos pera que as leuassem, & elles meteram-se em seus andores, em que outros escravos os leuam às costas: & desta maneira se tornauão a recolher pera Moçambique, espalha-

dos hús dos outros, com muita desordem, como quem caminha-ua por terras seguras. Mas os Cafres que os estavam esperando com mais ordem, & melhor cuidado, tanto que os tiuerão a bom lance, deram subitamente sobre elles com tanto impeto, & raiua, que a todos mataram, sem ficarem mais que dous, ou tres Portugueses, & alguns Cafres, que se embrenharão polos matos, onde estiuerao escondidos, & dahi a tres dias vierão ter a Moçambique, & deram as novas do roim successo de seus copanheiros, que ficauão mortos, & comidos polos Macúas do Maurúça. Outros muitos desastres semelhantes a este tem acontecido aos Portugueses, pola muita confiança, que tem de suas pessoas nestas partes, & pouca conta em que tem os Cafres.

Morte, & destruição dos Portugueses.

¶ Alguns tempos continuou o Maurúça cruel guerra com os Portugueses de Moçambique, destruindo-lhe suas fazendas da terra firme, como fica dito, que foram os primeiros annos que elle andou nestas terras, como leuamado, & forasteiro: mas depois que fez assento nelas, & começou de as cultiuar, vendo que lhe era necessario

ter

ter comércio, & trato com os Portuguezes moradores d' Moçambique, polo proueito que disso lhe vinha, fez pazes com elles, & pera confirmação del las mandou, que nenhum Macúia fizesse mais força, nem roubos nas fazendas dos Portuguezes, nem comesse carne humana; senão que todos cultuassem as terras, & tiuessem commercio cõ a gente de Moçambique, cõprandolhe, & vendendolhe suas mercadorias a miguel, & fielmente. O que se cumprio mal muitos annos, porque sempre estes Cafres se desmandaraõ, vsando de seus ordinarios, & crueis costumes, & mais por força, & medo do Maurúça, q' por vontade guardauão suas leys; contrarias a sua mã inclinação. E quanto ao comerem carne humana, já o não fazê publicamente, mas em secreto todas as vezes que podem a comem, como se verá nos casos do capit. seguinte.

¶ CAPITULO VIII.

De algũs casos estranhos, que socederaõ em Moçambique.



O tempo que o Alferrez mór de Portugal Dom Jorge de Meneles foy ca

pitão de Moçambique, que foi no anno do Senhor de 1586. socedeo, que vieraõ dous Cafres Macúias vender hũa negra aos Portuguezes, a qual deuia ser furtada, como elles costumão fazer: & chegando com ella a hum palmar dos que estão na praya da terra firme, acharaõ nelle hũa mulher, que era senhora daquella fazenda, & disseraõlhe que lhe comprasse a negra; & vindo a preço, pediraõlhe por ella dez pãos que valerião mil & quinhentos reis; & não lhe querendo ella dar mais que cinco, responderaõ os Macúias, que antes a queriãõ comer, que darlha tão barata. E vendo, que nem ella nem outrem lhe daua pola negra o que pediãõ, foraõse pera hum mato, que estaua perto, & mataraõ a negra, & nelle estiueraõ tres, ou quatro dias, comendo, cozida, & assada. Deste caso teue logo noticia o capitão de Moçambique, & mandou prender a mulher do palmar, & a castigou muy asperamente, por não querer comprar a negra, & por ser occasião de os Cafres a matarem, & comerem, & juntamente castigou algũs Cafres Gentios, dos que moraõ por aquelles palmares, que

Caso estranho.

Pazes do Maurúça cõ os Portuguezes.

que soube ajudaraõ tambem a comer da mesma negra.

¶ No anno do Senhor de 1596. aconteceu em Moçambique o caso seguinte. Viuia nesta ilha hum Portugues, chamado Francisco Leitão, casado com hũa mistiça, que fora já casada outra vez, & era rica, & tinha fazendas, & palmares da outra banda na terra firme onde tinha seus escrauos, q̄ lhe administraõ esta fazenda. Succedeo, que este Francisco Leitão teue roins sospeitas de sua molher, por algũs indicios que o diabo lhe representou, polos quaes a matou, & fugio logo pera a terra firme e hũa embarcaçãõ que tinha prestes pera isso na praya com seus remeros, & foyse meter no seu palmar: onde e chegando foy sabida polos negros seus escrauos que la estauão, a causa de sua fugida, & que deixaua sua senhora morta. Polo qual se indignaraõ contra elle de tal maneira, que o mataraõ às frechadas, & azagayadas, dizendo q̄ vīgauão a morte de sua senhora, que era innocete. E depois de o matarem fugiraõ pera o Maurúça, de modo que ambos os senhores foraõ mortos dentro em hũa hora, pouco mais,

Grãde
atreuimento
d'escrauos

ou menos.

¶ Soubese logo em Moçambique este caso, & o atreuimento destes escrauos: polo q̄ mandou o Ouidor pedilos ao Maurúça a troco de roupas, q̄ lhe mandou a custa da fazenda dos mortos. E o Maurúça tanto que vio as roupas, mouido da cobiça dellas, entregou os homicidas, que eraõ quatro, à justiça, & por ella foraõ presos, & sentençaõs à morte. A dous delles atanazaraõ, cortaraõ as mãos, enforcaraõ, & espartejaõ dentro na ilha de Moçambique. Aos outros dous cortaraõ as mãos no pelourinho, & depois os embarcaraõ em hum batel, & os leuaraõ á terra firme, indo eu, & outro Padre com elles pera os cõfessar, & animar. E depois de chegados à praya, enforcaraõ hum delles em hũa aruore da mesma praya, onde tinhão morto o senhor, & depois o espartejaõ, & penduraraõ os quartos pelas aruores. O outro Cafre foy affeteado viuo, posto e hũa aruore muy bem atado, & vestido em hũa alua, onde o deixaraõ morto, com mais de vinte frechas pregadas nelle. Mas ao outro dia nem os quartos do negro enforcado, nem o corpo

Justiças
q̄ se executarãõ
em Cafres.

o corpo do affeteado , foraõ vistos, porque aquella mesma noite vieraõ os Cafres da terra firme, & os leuaraõ , & comeraõ, como depois se soube. De modo que estes Cafres Macúas do Maurúça comem gente todas as vezes que o podê fazer secretamente , & dizem que a carne humana he mais tenra , & melhor que todas as carnes.

¶ **CAPITVLO IIIII.**

¶ *Da Ilha, & fortaleza de Moçambique, & suas pouoações, & frutos.*



Ilha, & fortaleza de Moçambique está nesta costa, e 15. graos da bāda do Sul. He de mais de mea legoa de comprimento, & no mais largo terá hū quarto de legoa , pouco mais, ou menos. Na pōta desta ilha, à entrada da barra está a fortaleza , na qual sempre reside o capitão, com soldados Portugueses de guarnição, que toda a noite & dia vigiāo aos quarteiros : de dia postos à porta da fortaleza com suas armas , & denoite por cima dos pannos do muro, & dos balluartes: dos quaes tem quatro fortissimos,

dous pera a banda do mar , & dous pera a ilha, donde també se descobre o mar de hūa parte, & da outra, & nelles estão muitas peças d'artelharia grossa, & fermosa , em que entrāo esperas , camellos, & colubrinas. Dentro da fortaleza está hūa cisterna, que leua duas mil pipas de agoa, que se toma da que choue nos telhados, & muros, por canos que a ella vaõ ter. A qui dentro estão os almazês, assi da poluora , & cousas necessarias pera defensão da fortaleza, como de mantimentos de arroz, & milho , de que sempre está bem prouida. No meyo do terreiro desta fortaleza está hūa igreja noua, inda por acabar, que ha de seruir de Sè, & junto della outra da Misericordia.

¶ Esta fortaleza he hūa das mais fortes q̄ hana India : foy traçada assi ella , como a de Dâmão, por hum Architecto, que foy sobrinho do Arcebispo santo de Braga Dom Frey Bertholameu dos Martyres da ordem dos Prégadores: o qual Architecto sendo mancebo se foy a Fládrès , donde tornou grande official de Architectura, & depois disso foy mandado à India pola Raynha dona

Fortaleza d' Moçambique, fundada no anno de 1558

Catherina quando governaua este Reyno, pera fazer estas fortalezas: o que foy no anno do Senhor de 1558. quando dõ Constantino foy por Viçerey da India. E tornando este Architecto da India, foyse pera Castella, onde tomou o habito da ordem de S. Hieronymo & foy muy aceito a el Rey Philippe II. & por sua traça se fizeram muitas obras no Escorial.

Nossa S. do Balluarte.

¶ Fora da fortaleza de Moçambique, na ponta da ilha esta hũa hermida da inuocação de nossa Senhora do Balluarte, o qual nome lhe puferão por respeito de ser a mesma igreja antiguamente hum balluarte, onde estaua a artelharia pera defender a barra, antes que se fizesse a fortaleza: a qual igreja he de muita romagem, não somente dos moradores da terra, mas também dos mareantes, que nauegão por esta costa, assi de Portugal, como da India. Defronte desta fortaleza pola ilha dentro está hum campo raço muy fermoso, que terá de comprimento mais de hum grande tiro de mofquete, & outrotanto de largõ, no fim do qual esta o Conuento de S. Domingos, nouo,

S. Dõmigos.

& muy fermoso, sem auer nelle outra casa, mais que hũa hermida de S. Gabriel ao longo da praya, defronte da qual surgem as naos que vem a este porto, assi de Portugal, como da India. Alem do Conueto de S. Domingos vay correndo a pouoação, em q̄ viuem os Portugueses, & os mais Christãos da ilha, que seraõ por todos duas mil pessoas, pouco mais, ou menos. Nesta pouoação está a fortaleza velha, & nella a Sè antigua, & a casa da Misericordia, que inda oje seruem. Em hum panno do muro desta fortaleza velha está hũa fermosa torre de dõs sobrados, com outros aposentos junto a ella, onde viue o Feitor, & Alcayde mór de Moçambique, que polo tempo he: A hũa ilhargã desta torre está hũa boa cisterna, & nos baixos da torre a cadeia publica. Perto desta fortaleza velha está hum hospital, onde se curaõ todos os enfermos, que adoecem na terra, & os que vem de fora a este porto, assi da India, como de Portugal. O que se faz com muita charidade, & diligencia: Deste hospital té cuidado o Prouedor, & irmãos da Misericordia, mas o gasto del le he

S. Gabriel.

Fortaleza velha

Hospital d' Moçambique.

le he à custa del Rey, que pera isso manda pagar o capitão da fortaleza, como Veador que he de sua fazenda nestas partes de Moçambique. A este hospital está junta hũa hermidã do Spiritosanto, & no cabo da ilha outra de S. Antonio de muita romagem, & deuãção, & ambas situadas ao longo do mar.

¶ Está também nesta ilha outra pouoação de Mouros apartada da dos Christãos obra de dous tiros d'espingarda, pouco mais, ou menos, na qual vivem poucos Mouros, & estes pola môr parte são marinheiros, pobres, & misquinhos, & ordinariamente andão no seruiço do capitão, & dos Portugueses, dos quaes são amigos, & mostraõselhe leaes, ou por medo, ou porque sempre depẽdem delles.

¶ Toda esta ilha he muito seca; não tê agoa doce pera beber, nem lenha pera queimar. A agoa lhe vê por mar de hũa fonte, q̃ está fora da barra dahi a tres legoas, em hũa baía chamada Titangõne, muy nomeada, & conhecida de todos os marinheiros da carreira da India, pola bõdade de suas agoas & porque nella fazem agoada

todas as náos de Portugal, & da India. Iunto a esta fonte esteu antiguamête hũa pouoação de Mouros, os quaes sojeitou, & fez obedecer à fortaleza de Moçambique Antonio Galuão vindo da ilha de Quirimba, onde tambem sojeitou os Mouros q̃ nella morauão, q̃ foy no anno do Sñor de 1522. mas já oje não estão neste lugar mais que algũas pobres casinhas de pescadores. A lenha que se queima nesta ilha vem da terra firme, que está defronte, é partes hũa legoa, & mais, & em outras muyto menos de meya legoa. Nesta terra firme & dentro na mesma ilha ha muytos palmares muy ricos, & proueitofos, que dão muito vinho, & cocos. Tem algũas hortas de hortaliça, laranjas, cidras, muytas & boas limas, romeiras, figueyras de Portugal, & da India, parreiras, & muytos ananazes, & algũas fruytas do mato muyto boas:

¶ Nos matos da terra firme ha muitas aruores de pao preto, de q̃ os moradores de Moçambique colhem grande quantidade, que vendem aos q̃ vão pera a India, & pera Portugal. Nesta terra firme, & tambem na ilha, ha creações de porcos, cabras,

Pouoação de Mouros.

Frutas de Moçambique:

Fonte de Titangõne.

Creações de Moçambique:

& pera Portugal. Nesta terra firme, & tambem na ilha, ha creações de porcos, cabras, & galinhas, das quaes se refazem as naos deste Reyno, quá do ali vão ter, & de todos os mais legumes, & refresco da terra, & de Cafres, que ali se vendem baratos, & a ilha fica prouida de vinhos, azeytes, queijos, azeitonas, marmeladas, & de tudo o mais que vay de Portugal pera a India. Todo o mais prouimento lhe vé da India cada anno, & daqui vay pera as mais partes de toda esta costa, como são fari-
 nhas, roupas, contas, vestido, & calçado, & todas as mais mercadorias, & cousas necessarias, que não ha naquellas terras. Esta ilha logo no principio, quando foy pouoada pelos Portugueses era muy doentia: & assi estão nella enterrados muytos milhares delles, mas já agora pola bondade de Deos he mais sadia.

Proui-
 méto de
 Moçábi
 que.

¶ CAPIT. QVINTO.
 ¶ Das Ilhas de Quirimba, & de seus
 habitadores.



Ilha de Quirimba
 está sesenta legoas
 de Moçambique,
 ao longo da costa,

da bāda da India. He hūa ilha de mais de hūa legoa de comprimento, & meya de largo, terra muito chā, sem outeiro algum, quasi toda femeada de milho, & outros legumes, que na ilha se dão fertilissimamente. Tem hūa fortaleza cercada, em que mora o senhor da ilha, & dono da mesma fortaleza, q̄ he Portugues. Ao lōgo da praya desta ilha da parte do Norte está hūa fermosa Igreja, que he dos religiosos de S. Domingos, a qual serue de freguesia, assi desta ilha, como das mais, que estaõ nesta costa, até o cabo Delgado: & todos os moradores dellas são obrigados a vir ouuir Missa a esta igreja certos Domingos, & festas do anno, & na Quaresma a confessarse, & commungar. Esta igreja se chama Nossa Senhora do Rosario, a qual edificou Diogo Rodrigues Correa, primeyro senhor desta ilha, & a deu aos religiosos de S. Domingos cõ terras, & palmares, que tem ao redor. De que mais largamente tratarey adiante.

Igreja de
 Quirim
 ba.

¶ A primeira ilha desta costa indo de Moçambique pera a India, he a ilha das Cabras, de que era senhor hum Portugues chamado Antonio Affonso

Ilha das
 Cabras.

fo no tẽpo que eu andava nestas ilhas, que foy no anno do Senhor de 1592. Logo adiante desta està a segũda ilha chamada Fũbo, de que entãõ era senhor Matheus Mendez Portugues. A terceira ilha està duas legoas adiante desta, a qual he a fermosa ilha de Quirimba, de que sãõ senhores os filhos de Diogo Rodriguez Correa, de quem agora fallei. A quarta ilha està hũ legoa de Quirimba, chamada Ibo, de que era senhor outro Portugues. Dahi a tres legoas està hũ grande ilha, que he a quinta, chamada Mâtẽmo, onde antigamente ouue hũ grande pouoação de Mouros, cujas ruinas o mostraõ inda oje: por que tem os portaes & janellas de muytas casas guarnecidos de columnas bem lauradas. O que tudo destruireãõ os Portugueses, quando foraõ conquistando, & tomando estas terras aos Mouros, tendo muitas brigas com os moradores destas ilhas. Nas quaes inda no tempo que eu ahi estiuẽ auia Mouros, que s. lembrãõ dos primeiros Portugueses, que passaraõ por esta costa, & da crueldade, de que usaraõ com os naturaes da terra, q̃ naõ queriãõ

paz, & amizade com elles: nos quaes executaraõ taõ grande castigo, que a nenhũ perdoaraõ a morte, nẽ ainda a molheres, & mininos. Desta ilha Mâtẽmo era entãõ sñor Lourẽço Vaz de Carualho Portugues. Daqui a quatro legoas està a sexta ilha, a que chamãõ Maco Maco loẽ, de q̃ neste tẽpo era senhor Ioãõ Estacio. Dahi a outras quatro legoas està a septima ilha, chamada Xanga, de que Xanga era senhor outro Portugues, chamado Domingos Caçella. Allem desta obra de duas legoas està outra, chamada Malinde Malinde, de que era senhor hum Mouro chamado Muinhe Falumẽ. Iunto da qual obra de hũ legoa estaõ duas ilhas quasi juntas, que vãõ correndo ao mar, hũ de hũ Portugues chamado Manoel Gomez, & outra d'outro chamado Manoel Freyre. Destas ilhas ao Cabo Delgado sãõ quatro legoas, onde està a derradeira, chamada do Cabo Delgado, de q̃ era senhor Jorge de Barros Botelho Portugues. Outros ilheos estãõ nesta costa por entre as ilhas nomeadas, os quizes naõ aponto aqui por serem despouoados, a hum delles chamaõ o Ilheo das Rolas, pola grande

Fumbo.

Quirimba.

Ibo.

Mâtẽmo

Maco loẽ.

Xanga.

Malinde

Cabodelgado.

Ilheo das Rolas.

grande creação, que ali ha del las todos os annos, & fazem grande danno nos milhos, de q̄ todas estas ilhas se semeaõ. Po lo que no tẽpo de sua creação se vão os moradores das ou tras ilhas a esta, a destruirhe os ninhos, & quebrarlhe os o uos, & dos filhos pequenos, q̄ achaõ trazẽ sacos cheos, mas nem isto he bastante pera dei xarem de ser infinitas.

Tributo q̄ pagão os Mouros destas ilhas

¶ Em cada ilha destas ha hũa pouoação de Mouros, os mais delles misquinhos, & pobres, mui fogueitos aos senhores das ilhas em que moraõ, a quẽ pagãõ tributo cada anno, que he de tudo o que semeaõ, & colhẽ na sua ilha de vinte hum, a fo ra o dizimo, que pagão à nossa igreja.

¶ Todas estas ilhas saõ mui to sãdias, & de muy bõs ares, particularmente Quirimba, & a ilha do Cabo Delgado, & a das Cabras, ainda que por serẽ os ares muito sotis, & penetã tes, morre nellas muita gẽte de ar, particularmente velhos, & mininos. Pera esta infirmida de tem muitos remedios, & a sabem muito bem curar, como mal continuo, & caseiro. Pri meiramente, a toda pessoa em que dã o ar, logo a defumãõ cõ

remedio pera curar o ar.

esterco de elefante, mostarda, cascas de alhos, & hũa certa semente, a que chamãõ Ingo, que he como siziraõ verde, de cheiro muy fortũm. E com tu do isto junto, deitado em bra seyros, vão defumando o doẽ te duas, ou tres vezes no dia, & a cabo de quatro, ou cinco dias, que cõtinuãõ isto, fazem hum excellente vnguento de meya canada de azeite de oli ueira, & hũ quartilho de vinho branco de vuas, & pouco mais de hũa quarta de pao da China desfeito em migalhas, & tudo junto ferue no fogo atẽ que se gasta o vinho, ficando somen te hum quartilho de azeite: no qual coado deitãõ hũa peque na de cera bella, pera se coa lhar: & assi fica feito o vnguen to, & cõ elle vntãõ toda a par te tomada do ar pola manhã, & ao meyo dia, & à noite. E desta maneira em breue tẽpo saraõ os doentes deste mal, & ficãõ tão saõs, como se nunca lhe dera o ar. De outra mêzi nha vsãõ tambem muy excel lente, que he hũa certa rayz de pao, a que chamãõ Coto, moi da, & desfeita em agoa morna, com a qual vntãõ a parte lefa, & saraõ em breue tempo.

Outro remedio cõtra o ar.

CAPITULO VI.

De algumas cousas notaveis, que ha nestas ilhas de Quirimba.

creações
de Qui-
rimba.



Em todas estas ilhas de Quirimba ha muitas creações de vacas muito mansas, & os touros tambem são mansissimos. Tem sobre os hombros hũa corcova, como hũa grande abobora de Guiné, que lhe dece sobre o pescoço, a carne da qual he como vure de vacca muito gorda. Hum touro velho quiserão coar é Quirimba, por não prestar. ja pera castá: mas não o souberão fazer, & así morreo. Este touro viraão outros do mesmo rebanho morrer, & esfollar em hum campo juto do curral, onde todos se recolhião com as vaccas: os quaes com esta vista começaraão a dar taõ grandes berros, & mugidos, que parecião chorar com sentimento a morte do touro morto, do qual os mais delles eraõ filhos. E depois de tirarem a carne do lugar onde o esfollaraão, se forraão os touros viuos àquelle lugar a cheirar o sangue, arranhando a terra com as vnhas, & dando terribes, & espanto-

fos mugidos. E nisto continúa raão muitos dias à tarde quando se recolhião do campo, particularmente hum, que foy continuando desta maneyra mais de hum anno. O qual touro todos os dias à tarde, quando se recolhia pera casa com o mais gado, tanto que chegava ao curral, apartava-se dos outros, & hia-se direito ao lugar, onde vira morrer o touro, que tenho dito, & nelle cheyrua, & arranhava com as vnhas hum grande espaço de tempo, & depois disso dava dous, ou tres mugidos muyto grandes, & tornava-se pera o curral. Isto que tenho dito, vi eu fazer a este touro muytas vezes, achãdome no mesmo lugar ao tempo, que as vaccas se recolhião do campo. No que vi claramente verificado, o que refere o glorioso S. Bernardo, acerca do pranto que fazem os touros na morte dos outros, trazendo em hum seu sermão, onde diz, que os touros, quando achão outro algum morto, choraão, & mugem sobre elle, & quasi moidos de hum deuido, & natural sentimento de piedade, & humanidade, celebraão suas exequias, como se foraão racionaes.

Os touros sentem a morte dos outros.

ser. de tri-
plici-ge-
nere bo-
notum.

Abundã
ciadestas
ilhas.

¶ Em todas estas ilhas ha grandes creações de porcos, & cabras fertilissimas, as quaes ordinariamête parem duas vezes no anno dous, & tres cabritos de cada parto. Ha muitas creações de galinhas, adês & pombas mãsas, que se crião em pôbaes. Tem muitos palmares, que dão muito vinho, & cocos. Té algúas hortas & quintaes cõ romeiras, lorangeiras, limeiras, & figueiras da India. Polos câpos ha muito mangiricão, como alfauaca: a qual herua se dà nos mais dõs campos desta costa. Ha grandes sementeiras d'arroz, q̄ he a principal veniaga de todas estas ilhas.

Herua d̄
q̄ se faz
o Anil.

¶ Nestas terras q̄ tenho no meado ha muita herua de q̄ se faz o Anil. A qual nace polo campo em moutas d'altura de hũa vara de medir: na cor, & na folha he mui semelhãte â Arruda, mas nenhum cheiro té. Esta herua colhẽ os Mouros destas ilhas pera fazerem tinta azul. E depois de a terem colhida algúas dias, a pizão muyto bem, & asy a deitão de molho em hũas gamellas d'agoa, onde se està cortindo, & apodrecendo, & alli a vão mexendo, pera que se desfaça. E depois

de bê desfeita lhe dão hũa feruura, onde tambem a mexem, & desfazem, atè que fica como polme: & depois disto a tornão a lançar em gamellas, ou pias de pedra, & a poem ao sol a curar, onde se vay coalhando, & secando, & tomãdo a cor azul que tem, & dalli a tiraõ em pedacos secca, & dura como pedra. Este he o Anil, de que os Mouros fazem suas tintas pera tingirem o fiado d'algodão, & de seda, de que em todas estas ilhas fazem ricos pannos pera se vestirem as molheres, asy Portuguezas, como Mouras, & tambem os Mouros graues. Estes pannos teçem os Mouros, que nestas ilhas ha grãdes teçelões, aos quaes chamaõ teçelões de Miluâne, & os pannos que teçẽ tem o mesmo nome. E a causa disto he, porque antiguamente morauão todos estes Mouros na terra firme ao longo de hum rio, que se chama Miluâne. Mas depois, que os Muzimbas pasarão por estas terras destruin doas, & comendo quanto nellas auia, fugirão os Mouros pera estas ilhas, onde agora viuem, & nellas trabalhão todos em seu officio, como là fazião: mas os pannos, que inda

Teçelões
es de pã
nos de
Miluâne

Oje fazê não perderão o nome de panos de Miluâne: os quaes também são muito estimados dos Reys Cafres de Sofala, & rios de Cuama. Estas terras, que correm polo sertão d'êtro desta costa se chamão do Embœe.

¶ **CAPIT. SETIMO.**
 ¶ *Da ilha do Cabo Delgado, & do precioso Mannâ que nella se cria, & do Coral, & Coco de Maldina, que se acaba no mar destas ilhas.*



A Ilha do Cabo Delgado está situada tres ou quatro legoas ao mar defrôte da terra firme do mesmo Cabo. He muito fermosa, & grande, & a vltima de todas as ilhas de Quirumba. No tempo que eu estaua nesta costa, era senhor della hum Portugues, chamado Iorge de Barros Borelho. He pouoada de Mouros, & algûs Gentios, como as mais desta costa. He fertil de mantimentos, & creações de cabras. Nos matos desta ilha ha muito Mannâ: o qual se gêra, & cria do orualho do ceo, q̄ cae sobre certas aruores, que ha nesta ilha: nas quaes somen

Mânâda ilha do Cabodelgado.

te este orualhõ se coalha em cima dos troncos, & dos ramos, & das mesmas folhas, & depois de coalhado fica como açucar encandilado, pegado nos paos a modo de resina, & pēdurado das folhas, que parece estando Aljofar. Daqui o colhê os moradores da ilha, & enchem muitos azados, jarras, & frascos, q̄ vendem a todos os que por ali passaõ muito barato. Este Mannâ he doce como açucar; com elle se purgão na India, & por toda esta costa ordinariamente. Eu fuy algûas vezes a esta ilha, & por recreação fuy ao mato em cõpanhia dos moradores della, & apanhei com minha mão hum frasco de Mânâ mais por curiosidade, q̄ por me faltar quem mo desse: porque na ilha me dauão de graça quanto eu queria. As aruores onde se coalha, & cria este Mânâ são quasi como as de esteua dos nossos matos, así na grandeza & feição da aruore, como na folha. E cõ auer nesta ilha outras muitas aruores de diferentes castas, somente nestas q̄ tenho dito, se acha este precioso Mannâ.

Aruores onde o Mânâ se cria.

¶ No mar desta costã do Cabo delgado se cria coral preto polo

Coral preto.

polo fundo do mar, estendido em longo da feição de húa rota. Não tem nós, mas tê húas raizes pequenas, & delgadas, como barbas, com que parece estar pegado no fúdo do mar. Algũs marinheiros o tem leuantado nas vnhas da fateixa de suas embarcações, quando as leuantão do mar. Hum marinheiro me deu hum pedaço deste coral de comprimêto de quasi hum couado, & de grossura de húa pèna de pato. Este coral quando logo sae do mar vem correento & brando, que se pode dobrar, mas depois q̃ lhe dá o ar fora d'agoa, vayse fazendo duro como pedra.

Nesta costa se achão polas prayas algũs cocos de Maldiua; os quaes dizem, que nacẽ no fundo do mar, em húas palmeiras muito grossas, & curtas, que sempre estão cubertas de agoa em algũas ilhas allagadiças de Maldiua, situadas no mar da India, defronte da ilha de Ceylão. Estes cocos depois que são de vez, & estão em sua perfeição, caem das palmeiras, & vindo acima d'agoa, os ventos, & as correntes os leuão de húa parte pera outra, até que vão dar em algũa costa, onde os tomão. Nesta da

Cocos d'
Maldiua

Ethiopia se achão muitos, os quaes são muy estimados, & dizem que são muyto grande cô trapeçonha.

¶ A terra firme, que corre ao longo destas ilhas de Quirimba, & de Moçambique, até este Cabo Delgado, toda he pouoada de Barbaras nações de Cafres de cabello reuolto Gentios, os mais delles Macúas furados, & pintados, como os de que tenho fallado atrás. Algũs Cafres destes, q̃ habitão perto do Cabo Delgado, já se não pintão, nem furão, nem vsão de cornos, antes rapão as cabeças. Polo sertão dentro deste Cabo está o Reyno do Mongallo, Cafre Gentio, senhor de muitos vassallos. Suas terras são fertilissimas, & abundantes de mantimentos. Neste Reyno dizem que está húa fonte, que conuer te em pedra os paos, que lhe deitaõ dentro, de que já tratei no liuro segundo.

Cafres
do Cabo
delgado.

¶ CAPITULO VIII

¶ Da ilha de S. Lourenço, & da morte do Padre Frey João de S. Thomas, que nella mata-
rão os Mouros.

Defron



DEfrôte desta Ethiopia, de que atego. ra falley, do Cabo das Correntes, até o Cabo Delgado, em todo este golfaõ, jaz a ilha de S. Lourêço, aqual té 300. legoas de côprido, & 90. de largo, ficando entre a ilha & a terra firme da Ethiopia hũ braço de mar, que no mais estreito té 60. legoas, de traueffa, q̄ he defronte de Moçambique. Esta ilha foy descuberta pola armada de Tristão da Cunha, quando foy à India por capitão môr, no anno do Sñor de 1506. em dia de S. Lourêço: polo qual respeito lhe ficou o nome do mesmo sãto, chamandose antiguamente Madagascar. Toda esta ilha he muito fertil, assi de mantimêtos, como de creações. Té muito arroz, milho, & legumes & hũas certas rayzes de herua saborosas, & sustanciaes, de q̄ os naturaes se sostentão muita parte do anno. Té muitas cidras, & limas muito boas: muitas cânas d'açucar, q̄ lhe serué de mantimêto, & não sabê del las fazer açucar, té muito geniure: muitas fontes, & rebeiras perênes, grâdes, & de boas agoas: té muitos matos, syluados, & bosques desertos, em q̄

se crião muitas feras, & animais syluestres. Té muita caça, a q̄ os naturaes saõ mui dados. Achaõse nellas minas de ferro, & cobre, de q̄ fazê manilhas, anneis, & muita, & boa ferramenta. Tambem dizem q̄ tem minas de prata.

¶ Os moradores desta ilha saõ Cafres idolatras, de cabelo crespo, & cor baça, que tira quasi a vermelha, como os Brafijs. Vsaõ de arcos, frechas, & azagayas, com que pellejão, & cação. Naõ sabem nauegar mais, que ao longo da costa em Almâdias pequenas, particularmente pera pescar muito & bõ peixe, que ha neste mar. Onde tambem ha ambar, & coral em grande copia. São governados por mais de quarenta Reys, que ha na ilha. Os quaes ordinariamente andão em guerra hũs com os outros, & nellas se catiuão muitos escravos, que se vendem commumente aos mercadores, que tê comércio nesta ilha.

¶ Pola fralda do mar desta ilha da parte q̄ fica defrôte da Ethiopia viuê algũs Mouros, q̄ ali vieraõ ter da costa de Melinde, & do estreito de Meca: os quaes se ficãrão nesta ilha pera terem côtrato có os Gëtios

Maradõ
res desta
ilha.

Ilha de
S. Lourê
ço delcu
berta an
no de
1506.

Fertilida
de da i
lha de S.
Louren
ço.

Veniaga
desta ilha.

naturaes da terra, atraueffando suas mercadorias, pera de pois as véderé mais caras aos Mouros, q̄ ali vaõ do Estreito de Meca, & de toda esta costa. A principal veniaga, q̄ os Mouros leuão desta ilha he Ambar, & muitos escrauos, pera os véderem no mar Roxo aos Mouros, & Turcos: coufa certo muito pera sentir, pois todos estes se fazē Mouros, podendo facilissimamente ser Christãos, se os Portugueses de Moçambique tiuessem este comércio, & trato, pois lhe ficão mais perto & a conuersão destes he çerta, porque inda que são idolatras facilmente aceitão a ley, que lhe ensinão seus sn̄ores.

¶ No tēpo q̄ o Alferez m̄or de Portugal dõ Jorge de Menezes era capitão de Moçambique, estauão os Mouros desta ilha leuantados cõtra os Portugueses, aos quaes defendião o porto, & naõ querião q̄ fossem ali fazer suas veniagas, assi polo odio q̄ tem aos Christãos, como polo dano q̄ lhe fazião em seus tratos, tirãdolhe o ganho. O q̄ podiaõ fazer, pois viuē no porto principal q̄ os Portugueses vão demandar. Polo qual respeito o dito capitão armou hũ nauio muy bẽ pertrechado

de armas, & soldados, & os m̄adou aquelle porto fazer o custumado resgate, dandolhe regimēto, q̄ se os Mouros naõ quisessem paz cõ Moçambique, nẽ cõsentissem fazerse o comércio cõ os naturaes da ilha, lhe fizessẽ cruel guerra, & lhe queimassem a pouoação: mas aceitando as pazes, se ouuessem com elles amiguelmente: & depois de fazerse seu resgate, ficasse na ilha hũ feitor cõ dez soldados pera tomarẽ pê, & fazerẽ assento nella dahi por diante, & q̄ o nauio se tornasse cõ as nouas do q̄ socedesse. E pera q̄ isto se fizesse cõ mais firmeza, & paz, pediu ao Vigairo do Cõuento de S. Domingos de Moçambique que lhe desse hũ padre pera mandar no nauio, & ficar na ilha cõ os Portugueses, assi pera os cõfessar, como pera fũdar casa & fazer Christãdade dos naturaes da ilha, como se esperaua. ¶ Offereceose pera esta empresa o P. Fr. Ioão de S. Thomas, bõ letrado, & prégador. E auiladas as coufas necessãrias para esta ida, partio o nauio de Moçambique, & chegou a saluamēto ao porto da ilha leuãtada; mas tanto q̄ os Mouros viraõ o nauio armado, & guarnecido cõ gente de guerra, tiuerão tanto medo,

medo, que logo lhe cometerão pazes, & aceitãraõ todos os côcertos, & partidos, q os Portugueses lhe fizeraõ, de modo que desembarcaraõ todos pacificamente, & fizeraõ seu resgate sem contradição algũa. Mas não se pode effectuar o principal intento q leuauão, q era ficar hũ Feitor na ilha cõ soldados, por respeito d'algũas differenças, que ouue entre os mesmos Portugueses, de maneira, q nenhũ delles quis ficar. Mas o Padre não desistio de sua santa tẽção, antes ficou sò na ilha em hũa igreja q ja tinha feyto de madeira, esperando q logo lhe fosse cõpanheiro de Moçambique, & tornasse o nauio cõ as cousas necessarias pera se fazer a Feitoria, que o capitão mandau.

¶ Partido o nauio pera Moçambique, dahi a poucos meses chegou ao mesmo porto hũa naueta de Mouros do Estreito de Meca. E sabendo q os Portugueses lhe querião tomar o porto, & lhe danauão o trato q nelle tinhão, & vendo q o Padre prégaua liuremente a ley de Christo e sua presença, não o puderaõ soffrer, & logo pretẽderãõ matallo, como fizeraõ, dandolhe peçonha secretamen

te por meyo dos Mouros da terra. A qual morte o Padre conheceo, & recebeu da mão dos inimigos, cõ grande contentamẽto polo amor, & fẽ de Christo nosso Sñor, q prégaua, & cõfessau. Depois disso, no anno do Sñor de 1587. tornou o nauio de Moçambique a este porto pera côcluir o primeiro intẽto. Mas achando o Padre morto, & a terra leuãtada, lhe fez cruel guerra, destruindo a pouoação, & pondo tudo por terra. E dali se foy a outros portos da ilha a fazer o resgate: donde tornando pera Moçambique deu nouas da morte do Padre, q foy muito sentida.

¶ Logo no anno seguĩte veyter a Moçambique hũa naueta de Mouros do Estreito de Meca forçada de hũa grande tormenta, que a fez arribar a esta ilha, quasi perdida. A qual hia da ilha de S. Lourẽço carregada pera o Estreito, & nella vi-nhão algũs Mouros dos culpados na morte do P. F. Ioão, polo qual tanto q desembarcarão na ilha, mãdou o capitão chamar o Ouidor da terra, q entã era Lisuarte Caeyro da Grã, & dandolhe 40. soldados armados da fortaleza, lhe mãdou q fosse prender todos os

Brigã do
Portu-
gueses,
& Mou-
ros.

Morte
do P. F.
João de
S. Tho-
mas.

Mouros da naueta. Aos quaes indo cõ este aluoroço, se ajuntaraõ quasi todos os moradores de Moçambique com suas armas, & deraõ sobre os Mouros, & prenderaõ algũs cincoẽta, & mataraõ quarenta, que se não quiferaõ dar à prisaõ. O que os Christãos fizeraõ com mais vontade mouidos de hũa voz que se levantou d'entre elles, q̃ dizia: Mata, mata, Mouros levantados, que mataraõ o Padre Frey Ioão na ilha de S. Lourenço: cuidando juntamente que o capitão os mandaua matar. Os Mouros antes que morressem, resistiraõ muy fortemẽte com suas armas, & feriraõ algũs Portugueses de perigosas feridas: mas quis Deos que nenhum morreo. Os outros Mouros que ficaraõ vivos, estiuerãõ presos algũs meses, & com isso, & com as mortes dos companheiros se satisfiz o capitão: & depois os mandou soltar, & darlhe sua naueta, em que se foraõ pera sua terra.

¶ **CAPITULO IX.**
Da ilha do Comoro, & de hũa fonte marauilhosa, que dizem que tem, & de hũ caso que na ilha de Mazalagem aconteceu.



Entre o Cabo Delgado, & a ilha de S. Lourenço, está situada a ilha do Comoro, em onze graos & meyo da banda do Sul. A qual tem dezaseis legoas de comprido, & jaz mais encostada pera a ilha de S. Lourenço, que pera a terra firme da Ethiopia. He terra montuosa, & chea de serras tão altas, que se vão às nuuês, muy frescas, & de muytas creações de vacas, cabras & carneiros. He pouoada de Cafres Gentios, & de Mouros brauos, que são os principaes senhores della. Tem comércio cõ os Mouros do Estreito de Meca, & da costa de Melinde.

¶ Entre estas grandes serras dizem que ha hũa tão alta, que a mayor parte do anno está cuberta de nuuens, & affumada com neuoeyros, de modo que se lhe não pode ver o cume, & que destes neuoeyros se causa sobre ella tanta estillação de orvalho, que sempre corre do alto della muyta agoa, que a vem regando até os valles. Polo qual respeito he muito fresca & fertil. Outros dizem, que estas agoas são de fontes, que nascem na cabeça da mesma serra. O que tudo

Ilha do Comoro

Fontegẽ rada de nuuês.

pode

pode ser, pois sabemos de muitas fontes, que nascem no alto de grandísimas serras, como he aquella tão celebre entre os Gentios da ilha de Ceylão, q̄ nasce no cume de hũa serra mui alta da mesma ilha, chamada o Pico de Adam, porque dizem os Gentios, que deste Pico sobio ao ceo nosso Pay Adam. Assim mais as fôtes, que nascem no alto das serras da ilha de S. Helena, & outras muitas, q̄ serà infinito contar.

¶ E quanto a ser agoa estillada de nuuem, também he cousa possivel, porque outra nuuê de mayor maravilha se vê na ilha do Ferro (que he hũa das sete Canarias) a qual està sempre sobre hũa aruore estillado agoa, sem crecer, nê mingoar, verao, & inuerno, de noite, & de dia; & nenhũa aruore se vio jamais semelhante a esta: suas folhas são estreitas, & muito compridas, & todo o anno estão verdes, como limos, & dellas està gotejando continuamente agoa, que recebem da nuuem, muy clara, em hũas pias, que os moradores da ilha tem feito ao pé da mesma aruore, onde se recolhe toda, a qual he bastantissima para sustentar a todos os moradores

da ilha, gado, & animaes, sem se saber até oje a causa desta maravilha, nem quanto tempo ha que começou. Parece que quis Deos prouer esta ilha desta agoa maravilhosa, porq̄ em toda ella não ha outra fonte, nem agoa doce para beber. Polo que fica muito claro, que menos maravilha he auer hũa nuuem sobre a serra do Comoro com o mesmo effeito, onde he mais proprio crearem-se nuuês, por respeito das exhalações, & vapores da terra, que nas aruores.

¶ Perto desta ilha estão outras, também grandes, povoadas de Mouros, & Gentios, de cabello crespo, & cor baça Os Reis, & senhores dellas são Mouros, gente muyto má, & atreçoada, como tem experimentado algũs nauios, que ali foraõ de Moçambique: os quaes chegando a estas ilhas, foraõ nellas recebidos com sinas de paz, & amizade, & dandolhe nellas licença para poderem os mercadores seguramête negociar, & tratar das veniagas que quisessem, & ouesse na terra, foraõ salteados, roubados, & mortos polos Mouros da ilha.

¶ Em hũa destas ilhas, chamada

Pico de Adam.

Fôte admiravel da ilha do Ferro

Ilha de
Mazala
gem.

mada Mazalâgem, acon-
teceo o caso seguinte no anno
do Senhor de mil & quinhentos
& oitenta & sete, no qual
o Capitão de Moçambique
dom Iorge de Menezes man-
dou hum nauio a fazer resgate
à ilha de S. Lourenço, em que
foy por capitão Antonio Go-
dinho seu criado. O qual de-
pois de tomar S. Lourenço, &
não fazer la todo o resgate, q̄
desejaua, foy ter à ilha de Ma-
zalâgem, com tenção de o fa-
zer nella, & carregar o nauio,
achâdo cómodo pera isso. Che-
gado ao porto da ilha, lançou
ancora nelle, & mandou a ter-
ra dous marinheiros Mouros,
que sabião a lingua della, pera
q̄ dissessem ao Rey da ilha don-
de era o nauio, & como vinha
de paz a fazer resgate naquel-
le porto, dandolhe licença pe-
ra isso. O Rey, como era mau,
& atreçoado, fingio que fol-
gava muito com sua vinda, &
mandoulhe dizer, que desem-
barcasse seguramente, & fizesse
o resgate que quisesse. E logo
mandou chamar seus Rege-
dores, & disselhe, que tanto q̄
os Portugueses desembarcas-
sem, logo os prêdessem, & que-
rendo resfistir os matassem, por
que lhe queria tomar o nauio,

Treição
feita aos
Portu-
gueses.

& darlhe tal castigo, que não
tornassem mais Chriştãos à
sua ilha.

¶ Consultada esta treição,
inspirou Deos em hum mance-
bo de dezoito annos Mouro,
natural da mesma ilha, que aui
fasse os Portugueses, parecen-
dolhe mal a treyção que lhe ti-
nhão ordenado. E foyse denoi-
te secretamente ao nauio na-
dando, & entrando nelle, deu
côta ao capitão de tudo o que
estaua ordenado. O qual aui-
so lhe daua, porque ja estiuera
em cõpanhia de Portugueses
na costa de Melinde, & sabia
que era boa gête, & que se não
achasse fer verdade o que lhe di-
zia, omatasse, ou catiuasse, pois
o tinha em seu poder. Polo q̄
determinou o capitão experi-
mentar se era verdade o que o
moço lhe dizia; & no dia se-
guinte de madrugada mādou
o batel a terra somente com os
marinheiros Mouros, pera que
se informassem do que passaua
na ilha. Os quaes tanto q̄ che-
garaõ à praya, deraõ logo so-
bre elles muytos Mouros ar-
mados, que estauão em espia,
& abalroaraõ o batel, cuidan-
do que vinhão nelle os Portu-
gueses. Mas achâdose frustra-
dos de seu intento, com raina
dillo

descubri-
mêto da
treição.

disso, começaram espancar os marinheiros. Os quaes se lançaram logo ao mar, & forão nã dando até o nauio, ficando o batel na praya.

¶ Vendo o capitão a treyção que lhe estaua ordenada, & que o moço fallara verdade no auiso que lhe dera, quis premiallo com dadiuas, & mandallo na noite seguinte outra vez pera sua terra. Mas elle respondeo, que não queria tornar pera tão má gente, falsa, & atreçoada: & pois na ilha já não tinha pay, nem may, que queria ir com o capitão, & ser Christão, pera saluar sua alma. O que pos em grande admiracão aos do nauio. Os quaes se partiraõ daquelle porto, & tornaraõ pera Moçambique. O moço foy posto no Conuento de S. Domingos, pera o cathizar, & depois foy bautizado, & chamado Ioão Bautista, & foy muito bom Christão. Onde se podem ver as marauilhas, & secretos juizos de Deos que chamou a este Mouro por taes meynos ao rebanho d' suas ouelhas, tirandoo como rosa d'entre as espinhas: & pode ser que seria este predestinado pera gozar da bemauenturança dos escolhidos de Deos.

Conuersão
são mara
uilhosa
de hum
Mouro.

¶ CAPIT. DECIMO:

¶ *Das Palmeiras que ha nesta Ethiopia Oriental, & de seus frutos, & utilidades.*



¶ **P**M todas estas terras da Ethiopia Oriental ha muytos Palmares, muito estimados, polo muito proueito & varios frutos, que delles se colhem, que podem causar admiracão a quem delles não tiuer noticia. O fruto natural, que destas Palmeiras se colhe, são cocos: os quaes nãcem no alto da Palmeyra em cachos, & ha cacho que té sessenta cocos, & mais, & muytas palmeiras, q̄ tem dez, & doze cachos. Estes se crião dentro de hũas cascas grossas, de comprimeto de hum couado, ao modo de baynhas, a que os Cafres chamão Tombos. E depois que os cocos estão de vez pera brotar, abremse estes Tombos, & apparecem os cachos dos cocos, da feição de hũa espiga de milho, & cada coco do tamanho de hũa noz, & ali se vaõ criando, até ficarem do tamanho & mayores, que a cabeça de hum homem.

Cocos &
Palmeiras.

¶ Todos estes cocos estão cheyos d'agoa, & algũs delles ha,

há, que tem mais de mea canada: a qual he muito fria, & excellente así pera beber, como pera refrescar com ella, particularmente quando os cocos são téros, aos quaes então chamaõ lanhas, & tem melhor agoa pera beber, q̄ quando são grãdes, & duros. Estas lanhas quando são pequenas, & têm tiraõlhe a casca grossa de fora, a que chamão cayro, & o entrecaasco de dentro, que está inda tenro, come-se aparado, & molhado no sal, como cardo, & té o mesmo labor, & nome. Este entrecaasco depois que o coco he de vez, se faz duro, & seco, & dentro nelle se vay coalhando toda a agoa que tem, & conuertendo em miollo duro, de grossura de hum dedo, laboroso, & aluo, a que chamão coco. E este he o fruto que se colhe das palmeiras.

¶ Do miollo do coco fresco se tira leite com que cozem arroz, ralado com hum ralo, & bem lauado em duas, ou tres agoas, & espremido entre as mãos, de modo que lhe fação lançar toda a humidade q̄ tem. E desta maneira fica o coco tão seco, & miudo, como farello de pao, & polo contrario a agoa em que foy lauado fica

taõ grossa, que parece leite de vaccas muito aluo, ou de amendoadas, & com esta agoa se faz o arroz de leite taõ bom, q̄ fica mais laboroso, do que pudera ficar, se fora cozido com qualquer outro leite. Este miollo de coco depois de seco, & auelado se chama Copra, & serue aos Gentios de mantimento, & así o comem com o arroz em lugar de cõduto, o qual he muito bom, & sabe como auelãs. Desta copra se faz azeite muito excellente, pisandoa em certos engenhos, ou lagares, do modo que se faz o azeite de Gergelim, como fica dito. Este azeite de coco se queima nas candeas, & arde melhor, & dá melhor lume, que o azeite da oliucira, & tambem he muito medicinal pera as feridas, & os mais dos Gentios as curaõ lauandoas com elle sõmente.

¶ Se quèrem que a palmeira dê vinho em lugar dos cocos, tomão os Tombos, em que estão os cachos encerrados, & cortaõlhe as pontas, quando ja estão pera arrebentar, das quaes começa logo a gotejar hũa agoa solta, & clara, como câ faz hũa vidè de parreyra, quando a podão. A qual agoa he hum liquor suaue, & doce,

Leite de coco.

Copra

Azeite de coco.

Sura pr̄ meiro vinho da palmeyra.

qual

Agoa de lanhas.

Cardo de coco.

quasi como mel, & afsi fresco se bebe, & he muito medicinal, refresca, & engorda: pola qual rezaõ se manda dar a doentes de febres antiguas, que se não querẽ despedir, como cã se faz aos que mandãõ tomar o foro do leite. E este he o primeiro vinho da palmeira, a que chamãõ Sura doce. Ha muitas palmeiras, que tem quatro, cinco, & seis Tombos destes, que estãõ estillando sempre Sura, & cada hum delles dà cada dia meya canada, pouco mais, ou menos deste liquor, o qual se recolhe em panellas, que penduraõ debayxo dos Tombos cortados, & nestas panellas estãõ pingando sempre, em quanto duraõ os mesmos Tombos, que he pouco mais, ou menos, vinte, atè trinta dias, & antes que se acabem vão nacẽdo, & criando-se outros Tombos, de modo q̃ sempre as palmeiras tem ou poucos, ou muitos, que estillãõ Sura. E a causa de se acabarem, he porque duas vezes no dia lhe cortãõ hũa pequena da ponta, pera que corra o liquor cõ mais força, porque se lha não cortãõ, engrossa nella o mesmo liquor de modo, que não pode correr. De maneira, que toda a sustancia

que a palmeirá auia de commu-
nicar aos cocos daquelle ca-
cho, se os criasse, estilla, & lan-
ça fora polo mesmo cacho cõ-
uertida neste liquor.

¶ Desta Sura doce se fazem tres vinhos, & vinagre, mel, & açucar. O primeiro vinho se faz deyxandoa estar dous ou tres dias em algum vaso, onde se azeda, & alli estãõ feruendo com grande impeto, como faz o mosto das vuas, & desta maneira o bebem ordinariamen-
te os mais dos Genticos, & com elle se embebedaõ, se bebẽ de-
masiadamente, porque he muy fumoso.

¶ O segundo vinho se faz estillando esta Sura azeda em hum engenho a modo de lam-
bique, a que chamãõ Batã: & to-
do o liquor que dalli sae estil-
lado he o segundo vinho, a que chamãõ Vrraca. O qual he muito melhor que o primeiro, mais forte, & fumoso, quasi co-
mo agoa ardente, & embebeda mais que a Sura azeda.

Vrraca;
segundo
vinho.

¶ O terceiro vinho se faz des-
ta mesma Vrraca, deitandolhe dentro passa de vuas pretas
quantidade que tinga o vinho
& nas pipas estãõ feruẽdo com
esta passa vinte, ou trinta dias,
atè que se assenta a balsa no fũ-
do

Terceiro
vinho

do da pipã; & depois de assentada se trasfega o vinho tinto pera outra pipa vazia, donde bebem depois de se compor algũs mezes, & quanto mais velho he, melhor sabor tem, & he mais estimado. A este chamão vinho de passa, que he o vinho ordinario, que bebem os Portugueses na India, & algũ d'elle he tão bom, que lhe não faz ventagem o de Portugal, & em bebedas como elle.

Vinagre de palmeira.

¶ O vinagre se faz deste vinho, quando se dana, ou da mesma Sura, deyxandoa azedar muitos dias, ou das balsas, que ficão nas pipas, deixandoas também azedar, & depois de bem azedas, deitandolhe agoa dentro, da qual se faz vinagre. Eto das estas tres castas de vinagre são fortes, & tẽperaõ muito bem os comeres, como o bõ vinagre de Portugal.

Mel de palmeira.

¶ O mel se faz da Sura doce logo quando se colhe da palmeira, o qual cozem muito bẽ ao fogo em hum tacho, ou caldeira, & alli ferue tanto, atẽ q̃ fica em ponto, do modo que cã se faz o arrobe do mosto das uvas. Mas este mel da palmeira he muito melhor, mais aluo & mais doce.

¶ Deste mel se faz o açucar,

deyxandoo feruer no fogo tanto, atẽ que se coalha de todo, & fica duro, indolhe sempre tirando a escuma, q̃ faz em quanto ferue. E depois de tirado do fogo se acaba de apurar, & per feiçoar fora, curandose ao sol, como se faz ao açucar de cãna, com o qual se parece muito, af si na cor, como no sabor. E a este chamão na India Iagra.

Açucar de palmeira.

¶ CAPITVLO ONZE:

¶ De outras particularidades, & vtilidades da palmeira.



Vando querem fazer palmares, semeão estes cocos enteiros, com sua casca & cairo, que tem de fora enterrados hum palmo debaixo da terra pouco mais, ou menos, todos juntos em algum lugar humido, pera que nação depressa, ou onde lhe possaõ lançar agoa cada dia. E neste lugar estão atẽ que nadem, & lanção polo olho hum palmito de comprimento de hum covado. E então õs tiraõ daqui, & os despoem no campo, onde se hade fazer o palmar, quatro brãças apartado hum pẽ do outro, & enfiados de modo, que ficão fazendo ruas muy largas &

Palmares.

& dereitas, & depois que são de sete, ou oito annos começam a dar fruto:

Maças
de coco
de palmeira.

¶ Se querem comer o miolo destes cocos nacidos, abre lhe a casca, & achão d'entro hũa maça muito alua, & fermosa, do tamanho de todo o vão do coco, a qual se criou, & formou do miollo, & agoa, que o coco tinha é si. Este pomo he muito saboroso, t'ero, & frio. Muitas pessoas mandão semear estes cocos, samente pera lhe comerem as maças, tanto que começam de nacer.

Palmito
q se come.

¶ O olho destas palmeyras se come tambem, & he muyto excellête, & saboroso, ao qual chamão palmito. Quando querem comer estes palmitos, cortão as palmeiras polo pé, & depois de lhe cortarem todas as palmas do olho, & a casca de fora, fica o palmito limpo, aluo, & fermoso, de mais de hũ couado, & de quatro ou cinco palmos de roda.

Folhas d
palmeira
ra feruê
de telha.

¶ Das folhas da palmeira fazem cubertura pera as casas que feruem em lugar de telhas teçidas hũas com as outras: as quaes vedão muito a chuua, & duraõ quatro, ou cinco annos. Do entrecasco duro dos cocos fazem na India caruão pe

Caruão
de cocos

ra os ouriues, o qual he muito forte, & faz boa obra.

Cordas
de Cairo

¶ Das cascas de fora destes cocos, a que chamão Cairo, se fazem cordas da maneyra seguinte. Metem estas cascas em couas debaixo da terra, & alli estão apodrecendo, & curtindo se certo tempo, & dalli as tirão, & pisaõ, como cá fazê ao linho, até que ficão desfeitas, como estopa, & assi desfeito este Cairo, o troçem à mão, ou com engenho de cordoeiro, & tambem o fião à roca, & destes fios fazem todo genero de cordas, q feruem na India, as quaes são muy fortes, & chamaõ he cordas de Cairo, & destas fazê muy grossos calaures, & amarras, que feruem nas naos da India.

¶ Dos troncos velhos, & duros destas palmeiras fazem taboado, & delle embarcações particularmente nas ilhas de Maldiua, onde ha muitas todas de palmeira, assi o casco do nauio, masto, vellas, & cordas, como as mercadorias, que nellas se embarcão, como são Copra, cordas de Cairo, azeite de coco, vinho estillado, a que chamão Nipa, açucar, a q chamaõ Iagra, & tambem muitos cocos frescos, de cuja agoa be-

Taboado
de palmeira.

Nipa:

bem

hem em toda a viagē, sem auerem mister outra agoada.

¶ De modo que destas palmeiras se colhe mantimēto, como são cocos, maçãs, palmitos, & cardos, quatro castas de vinho, & tres de vinagre, mel, & açúcar, azeite, agoa, madeira, caruão, cordas, vellas pera embarcações, cobertura pera casas, & lenha pera queimar. Allem de tudo isto, os palmares em si são fermosísimos, & deleitosos à vista, porque todo o anno estão verdes, & frescos, & fazem muy boas sombras. E com rezão podem estas aruores ser tidas pelas melhores, & mais proueitosas, q̄ ha no mundo.

¶ Outra casta de palmeiras brauas ha polos matos de Sofala, pequenas, & delgadas, a q̄ os Cafres chamão Muchindos, & os Portuguezes palmitos: das quaes se colhe vinho em certos meses do anno, cortandolhe o olho, donde corre muito em panellas, q̄ lhe poē debaixo. Os olhos destes palmitos tambem se comem, mas nelles, nem o vinho que delles se tira he taõ bom como o das outras palmeiras.

¶ No reino de Mexico ha outras aruores, quasi semelhan-

tes a estas nossas palmeiras mãsas nos proueitos, & frutos, q̄ dellas se colhem, as quaes se chamaõ Maguey, & dellas se tira vinho, vinagre, & mel: de suas folhas curtidas na agoa como linho, se faz muito fio, de que teçem mantas, & fazem linhas, com que as cozem, & cordas fortes, & de muita dura. Os troncos destas aruores seruem de vigas, cõ que emmadeiraõ as casas, & as folhas de sua cobertura em lugar de telha. Das pontas destas folhas se tiraõ hũas agulhas duras, como ferro, cõ que cozem os vestidos, çapatos, & alparcas, que fazem do mesmo fio destas aruores: mas as nossas palmeiras lhe fazem ventagem em muytas cousas.

Maguey
de Mexi
co.

Palmei-
ras bra-
uas.

¶ CAPITVLO DOZE!

¶ De quatro pragas gêraes, que ouue nesta Ethiopia em nossos tempos, & de tres generos de doenças muy ordinarias nesta costa.



¶ Vatro castigos, ou pragas gêraes ouue nesta costa em nossos tempos. A primeira foi a guerra dos Zimbàs, de que ja fallei atras, que

Primei-
ro casti-

1. p. 112

no

no anno de 1589. atraueffarão muita parte destas terras, matando, & comêdo quanto acha uão, afsi gente, como brutos animaes, fem perdoarê a coufa viua: de maneira, q̄ se pode dizer, que estes Barbaros foraõ hum fogo abraçador, & consumidor de meya Ethiopia:

¶ O segundo castigo, q̄ no mesmo tẽpo tiueraõ estas terras, foy hũa cruel praga de gafanhotos, q̄ por ellas passarão, mui grandes, & em tanta quantidade, q̄ cobrião às terras: & quando se leuantauão no ar, fazião taõ grande nũvem, q̄ as assombrauaõ. E tanto danno fizeram nellas, q̄ comeraõ todas as searas, hortas, & palmares, q̄ auia por onde passauão, deixando tudo taõ secco, & queimado, como se lhe poseraõ o fogo: de maneira, q̄ nem dalli adous ãnos tornaraõ adar fruyto: polo q̄ ouue grandissima esterillidade e todo este tẽpo, & fome, de q̄ muita gẽte morreo: Esta fome foy o terceiro castigo desta Ethiopia, porq̄ ouue tãta falta de mantimẽtos, que os Cafres se vinhão vender, & catiuar, sõmente polo comer, & vendiã seus filhos a troco de hũ alqueire de milho, & os que não achauão este remedio

pereçião à fome. De modo que morreo neste tẽpo grande parte da gente destas terras.

¶ O quarto mal, & trabalho q̄ ouue nesta Cafraria, foy hũa grande doença de bexigas, de que també morreo grande numero de gente. Esta infirmitade em toda esta costa he como fina peste, porq̄ na casa em que dà todos mata, afsi homẽs como molheres, & mininos, & mui poucos escapão deste mal, porq̄ o não sabem curar. Os q̄ se sangraõ muito morrem, & da mesma maneyra os que se não querem sangrar. Mas o mais certo remedio he, sangrarêse logo em lhe dando. Não se pegão estas bixigas aos Portugueses, inda que tratê com os Cafres doẽtes, saluo às criãças de tenra idade. Em todas estas partes do Oriẽte não ha, nem se sabe que ouuesse peste em algum tempo; o que deue ser por cãusa d'estes clymas serem muyto quentes, & gastarẽ os vapores, & áres grossos, de q̄ ordinariamente se gêra este mal, mas em seu lugar ha estas bixigas mui ordinarias, taõ cõtagiosas como a peste. Algũas vezes vem estas bixigas mais brandas, & menos perigosas, de modo que não matão.

4. castigo.

Bixigas, q̄ são como peste

¶ Outra doença ha em toda esta costa de Sofala, rios de Cuama, & Moçambique, muy pegadica a todo o genero de homem, a qual he causada pelas negras destas terras, porque muitas dellas, particularmente as escravas dos Portugueses, se acertão de conceber, & não querê que o parto venha a lume, tomão hũa beberagem do çumo de hũa certa herua, q̄ nestas partes ha, & logo mouem com ella; mas depois do muito ficão tão apeçonhentas, que se não pegaõ aquelle mal a algum homem por meyo de ajuntamento, vaõ se sec-cando, & consumindo pouco & pouco, atè que morrem. Polò que depois de mouerem logo buscão algum homê, a quê peguem esta infirmitade, pera ficarem com saude: & o homê fica tão apeçonhento, que raramente escapa da morte, porque logo no mesmo instante se lhe causão taõ grandes dores nas virilhas, que dellas morrem em poucos dias. E já aconteço a algũs destes em acabando este acto deshonesto, acabarem juntamente a vida. A esta infirmitade chamão Entaca, & contra ella ha hu n sò remedio, que he beber

Entaca, infirmitade perigosa.

o çumo de outra herua contra peçonha da que tomão as negras pera mouer, com a qual beberagem escapaõ da morte. Mas pera aproueitar esta mezinha, ha de ser tomada no mesmo dia, em que o mal se pegou porq̄ se lhe dilatão a cura, logo lura a peçonha atè chegar ao coração, & já então não té remedio. Destas duas heruas ha muita quantidade na terra firme de Moçambique, mui conhecida de todos.

¶ Outro genero de doença ha sòmente em Moçambique, que vem a muitas pessoas, sem se saber de que procede, a qual he, priuar da vista de noite, não sòmente a Portugueses, mas tambem a Cafres, sem lhe causar dor, nê pena algũa, mais q̄ a de não poderê ver de noite: & esta çegueira lhe começa desque se poê o sol, atè que torna a nacer, no qual tẽpo nenhũa cousa vem, ainda que faça muito grande luar, & tão çegos ficão, como se o fossem de sua naçença. Mas tanto que o sol naçe, logo tornão a ver muyto bem, & todo o dia vem, in-da que o sol ande encuberto. Dizem algũs, q̄ os figados do Cação assados nas brasas, & comidos, são remedio com que

Doença d' çegueira.

que se tira este mal. Outros dizem, q̄ lauando os olhos com agoa dos bebedouros das pōbas, tambem saraõ. Outros affirmãõ, que todo o q̄ tiuer este mal, se se for de Moçambique pera outra qualquet terra, tãbem se lhe tirará, & verã de noite como d'antes.

¶ Quando os Cafres tẽ dores de barriga, cingemse com hũa corda, ou correa de casca de pao, como de trouisco, & cõ ella apertaõ muito a barriga. & quando lhe doe a cabeça fazem o mesmo, atando hũa fita destas pola testa muy aperta-da, & dizem que assi se lhe tiraõ as dores, & saraõ mais de pressa, & nisso tem muita fê.

¶ CAPITULO XIII.

¶ Dos Elefantes desta Cafraria, & de como os Cafres os matãõ.



M toda esta Cafraria se criaõ muitos elefantes muy grãdes, & brauos: os quaes saõ muy daninhos nas sementeiras do milho, & arroz o qual comem, & pisaõ, de que os Cafres recebem muita perda. Allem disso fazem grande danno nos palmãres, derrubã dolhe as palmeiras, pera lhe

comerem os palmitos. Os Cafres lhe armãõ de muitas maneiras. A principal, & mais ordinaria, & menos perigosa pera os caçadores, he fazêdolhe couas polos matos, muito cõpridas, fundas, & largas, cubertas de rama, & de herua com terra por çima, de modo que se não enxergue a coua, onde se os elefantes caem, naõ se podem mais tirar, & alli os mataõ sem trabalho.

Modo d'caçar elefantes.

¶ Outro modo tem de caçar os elefantes, & he quando estaõ dormindo, o q̄ he facil de saber, porq̄ o elefante quando dorme resona, & rōca taõ grandemente, que o ouuem de muyto longe, & tem o sono tãõ carregado, que se chegaõ os Cafres caçadores a elle muyto manso, sem serem sentidos, & metemse pelas virilhas hũa azagaya, cujo ferro he de meyo palmo de largo, ao modo de choupa, & de cõprido dous palmos, sayda na ponta muy aguda, & cortadora, feita somente pera esta caça dos elefantes. E depois de lha pregarem, fogem mui ligeirãmete, & embrenhaõse polos matos, atẽ que se vão pera suas casas. O elefante ferido acorda logo com a dor da ferida, & leua.

Outro modo.

tandose cõ grãde furia, acaba de meter a azagaya polas tripas, carregãdo sobre ella quando se leuanta, & logo começa de se vaziar em fangue. E desta maneira vay fogindo, & bramindo polos matos, atè que se lhe elgota o fangue todo, & morre. No dia seguinte tornão os caçadores ao lugar onde o ferirão, & o vão seguindo polo rasto do fangue, atè q̃ dão nelle, ou morto de todo, ou já tão desmayado, & desfallecido, que se não pode bollir, & alli o acabaõ de matar. Este modo de caçar, he mais perigoso a os caçadores, porq̃ algũas veze achaõ os elefantes pouco feridos, & são mortos por elles. Esta caçada fazẽ os Cafres ordinariamente ẽ noyres de luar, alsí pera que vejão os elefantes, & os vão seguindo, & vigiando, atè que se deitem a dormir, como he seu costume, como tambem pera verem o modo, que haõ de ter em chegar a elles, pera os ferir.

¶ Tanto que os caçadores tẽ morto algum elefante, vaõ chamar toda sua familia, parẽtes, & amigos, & vẽse todos ao lugar onde o elefante jaz morto, & alli o comẽ assado, & co-

zido, sã fazerẽ outra cousa em todo este tẽpo. E posto q̃ o elefante morto logo aostres dias cheira tão mal, q̃ não ha podello sofrer, nẽ por isso deixão de o comer, atè que não fica delle cousa algũa, como caẽs ẽcarniçados em corpo morto.

¶ A causa principal porque os Cafres armaõ aos elefantes & os matão, he pera lhe comerm a carne, & depois disso pera lhe venderẽ os dẽtes, q̃ he o Marfim, de q̃ se fazẽ todas as peças, & brincos, q̃ da India vẽ

Marfim
pricipal
veniaga
desta col-
ta.

Os Cafres comẽ carne de elefante.

numero

numero de elefantes, q̄ ha nesta Ethiopia, & a multidão que delles se mata cada anno, pois de cadahum se não tiraõ mais, qu e dous dentes.

¶ Estes dous dētes são as presas da boca, cō que trabalhão & pellejaõ. Estão metidos no queixo de bayxo mais de hum couado, & saemlhe fora da boca outro tanto, & mais: & alguns delles são muito grossos, & muito mayores do que tenho dito, particularmente os de elefante velho. Garcia de Mello, de quem agora falley, teue dous dentes na sua Feitoria, ambos de hum elefante, q̄ pesauão hum Bar, que são deza seis arrobas, oito cada dente. Estes vi eu, & outros muitos quasi tão grandes como estes.

¶ Todos os elefantes se deitão no chão, & dormem deitados, & roncão muyto alto, como tenho dito; donde se vê bem claramente o engano, que alguns tiueraõ em dizerem, que os elefantes não se deitauão, & por isso dormião encostados às arvores, & que pera os matarem, lhas ferrauão polos marcos onde andauão, deixandoas em pé meas ferradas, pera que encostãdose os elefantes a ellas pera dormir, caissem junta

mente no chão com elles: & alii por serem muy pesados, & não se poderẽ levantar, os matauão. O q̄ tudo he falso, porque inda que os elefantes se jão muito grandes, & pareçãõ carregados, com tudo tem muita força pera se poderem menear, & andão, & correm muito, como lhe euvi fazer muitas vezes.

¶ Os elefantes de Ceylão são mais pequenos de corpo, q̄ todos os das outras partes, segundo dizem. Mas são mais nobres, & mais Reaes, q̄ todos, & de mayores forças. Polo que todos lhe tem sojeição, & medo. Isto se tem experimentado em algũas partes da India, onde se ajutarãõ hũs, & outros. El Rey de Camboja dizem que teue antigamente hũ elefante branco, outros que o Rey de Syaõ, sobre que ouue grandes guerras com o de Pegũ, pretendendo cadahum que fosse seu, por ser hũa cousa nunca vista. Dizem os Cafres, q̄ os elefantes viuem trezentos annos, & que não gêraõ, nem parem, senão de çem annos pera cima, porque atè entãõ são crianças. De cada parto parẽ hum filho, o qual criãõ a duas tetas, que tem como vaccas.

Elefantes de Ceylão.

Elefante branco.

Grãdes dētes de elefante.

¶ CAPITULO XIII.

¶ De hum caso que socedeo em Moçambique na morte de hum elefante, & do caçador q̃ o matou.



Stando eu hũa tarde com outros religiosos na terra firme de Moçambique, chamada Cabâceira, em hũ palmar do nosso Conuêto, subitamente veyo dar cõ nosco hum elefante brauo, & muy affanhado, dando grandes bramidos: do qual não pudemos escapar com vida, se nos vira: mas quis Deos que antes que chegasse nos metemos na hermita q̃ alli temos, & elle foy passando sem nos ver. Dahi a perto de meya hora veyo da mesma parte hum Cafre Gento chorando, & lamêtando a morte de hũ seu irmão, que lhe matara a quelle elefante. E o caso foy, q̃ este morto era hum Cafre Macûa, grande caçador de elefantes, o qual a noite atrás foy seguindo dous delles polo rasto, até q̃ se deitaraõ a dormir dêtro no mato espesso, como he seu costume: & depois de dormirẽ, & roncarẽ, chegou o caçador a hum delles, & me toelhe cõ ambas as mãos hũa azagaya polas virilhas, & fu-

gio pera sua casa. Odiã seguinte tornou cõ este seu irmão, q̃ o choraua em busca do elefante ao lugar onde o deyxou ferido, & achando grande quantidade de sangue, foraõ ambos polorasto delle dar cõ os elefantes jũto de hũa ribeira, q̃ perto d'alli estaua: onde viraõ estar o ferido à borda d'agoa, em pé sem se bullir, ja muy defallecido do muito sangue q̃ se lhe tinha ido; & o outro estaua dêtro na ribeira, tomãdo agoa cõ a trôba, & borrifando o rosto do elefante ferido muito a miude, porq̃ não desmayasse de todo. Isto estiuerã vendo os dous irmãos grãde espaço de tẽpo, sem ferẽ vistos, nẽ sentidos dos elefantes: mas enfadãdose o caçador de esperar tanto q̃ o ferido morresse, se chegou mais perto delle, & deulhe hum brado, pera que se inquietasse, & virasse pera quem lhe bradava, porque entendia, que tanto q̃ se bollisse auia de cair logo no chão de fraqueza, & assi oacabaria de matar, como costumaua fazer a outros. A cujas vozes acudio o outro, q̃ não estaua ferido, & antes que o negro caçador se lhe escondesse, foy delle visto, & morto. E neste mesmo tẽpo cayo

Prudẽcia de elefante.

no chão o elefante ferido, que-
rendose bolir, & morreo junta-
mente cõ o caçador, que o ma-
tou. Com cujas mortes ficou
o elefante saõ muy affanhado,
& veyo fugindo, & bramindo
pelos palmares que perto esta-
uão, como tenho dito.

¶ Vendo nõs o caso, que o
Cafre nos cõtou, fomos ver os
dous mortos, elefante, & caça-
dor, seguindonos mais de vin-
te Cafres, & Indios, & algũs
Mistiços, q se ajutãrãõ d'aquel-
les palmares, & tanto q chega-
mos a elles, mandamos aos Ca-
fres q enterrassẽ o caçador no
mesmo matõ, onde estaua mor-
to. Depois distõ começaraõ
cortar no elefante pera levar
cada hũ pera casa seu quinhão.
E sobre esta repartição ouue
tantas brigas & differenças, en-
tre os Cafres, que se nõs alli
não estiuemos, se ouueraõ de
matar. De modo, q estiuemos
alli a requerimento dos mes-
mos Cafres, como juizes, repar-
tindo lhe os lugares no corpo
do elefante, onde cada hũ fosse
cortando, & tirando a carne q
quisesse, ficando pera o irmão
do morto os dentes, & hũa per-
na inteira, & a tromba, que he
a cousa q os caçadores mais es-
timãõ, por q com ella ganhãõ

muito, leuandoa polas aldeas,
& lugares dos Cafres, & mol-
trandoa, como em Portugal fa-
zem cõ pelle de lobo, ou de ra-
posa, & os Cafres vendoa lhe
dão sempre algũa cousa, polo
odio q tem aos elefantes, por
ferem muito daninhos, & des-
truidores de suas searas.

¶ Este elefãte jazia de barri-
ga, & os Cafres lhe fizeraõ no
costado duas portinholas, ti-
rãõdo lhe primeiro daquelles lu-
gares dous pedaços de couro,
como duas adargas, q tinhão
de grossura mais de hũ dedo. E
depois lhe forãõ tirãdo a car-
ne, & quebrando as costas cõ
machados, atè que lhe fizeraõ
duas janellas mui grandes, por
onde lhe tiraraõ as entranhas.
As tripas ordinarias tinhão
mais de dous palmos de roda.
O coraçãõ era muito mayor, q
hũ grãde bucho de boy: & asst
quando o abriãõ polo meyo,
lançou de si quatro, ou cinco
canadas de sangue. Os figados
& bofes eraõ tamanhos, q se
não pode crer suagrãdeza. De-
pois q lhe tiraraõ as etranhas,
entraraõ dous Cafres dentro
polas janellas, como que entra
em hũa casa, & là por dentro
enuoltos no sangue, & gor-
dura, andauãõ cõ grande festa

tirandolhe as banhas, çeuo, & infinita gordura, de que enche raõ muitas gamellas, & outros por fora cortauão a carne: de modo, que estauão dez, ou doze Cafres a cortar nelle, & outros tantos se occupauão em acarrerar a carne pera suas casas. A carne destes elefantes toda he entrefachada com gordura, ou çeuo, do modo da carne de porco, porque tem hũa cama de feuara, & outra de gordura. E destas camas tem tres de carne, & tres de gordura entre a pelle; & as costas, que virã toda junta a ser quasi meyo palmo de carne.

¶ CAPIT. QVINZE.

¶ Dos elefantes da India, & de algumas cousas notauis, que fizeraõ.



Algũs elefãtes del Rey andão na Ribeyra da Cidade de Goa occupados no seruiço della, o qual fazem por mandado dos Nayres, que os governão, a quem obedecem, & entendem tudo quanto lhe dizem, & mandão, como se fossem racionaes.

Prudencia de hũ elefante.

¶ De hum elefante destes, q̃ ouue na Ribeira se conta, que

tendo o Nayre rota a caldeyra, em que lhe fazia de comer, & dizendolhe que não tinha em que lho fazer, & mostrandolhe a caldeyra assi rota, lhe disse: Oje teras paciência, q̃ não has de comer: polo que o elefante tomou a caldeira com a tromba, & foyse ao ferreyro del Rey, que trabalha na mesma ribeyra, & meteo lhe a caldeyra na mão. Vendo o ferreiro, que a caldeira estaua rota, entendeu que lha trazia pera a concertar, & assi o fez, & tornou lha a dar concertada, esperando elle sempre por ella, se se tirar da porta do ferreyro até que lha concertasse. E depois que lha entregaraõ, foyse com ella ao rio, que estaua defronte, & meteo a dentro; & leuantando a peraçima chea d'agoa com a tromba, olhaua por bayxo, pera ver se se hia como d'antes, & vendo que não, se foy cõ ella pera caza, & a deu ao seu Nayre, pera que lhe fizesse de comer.

¶ Outro elefante ouue nesta ribeyra chamado Perisco, muito nomeado, & conhecido na India. Este era grande bebado, & todas as vezes que passaua por algũa casa, onde estiuesse ramo de vinho, se punha

Elefante bebado.

nha á porta, & metia dentro a tromba, & não se bolia dalli, até lhe não darê de beber. Os tauerneiros, que já lhe sabião esta manha, tanto que o vião à sua porta, lhe deytauão vinho na tromba, que elle apparaua pera isso, & nella o recolhia, & bebia, fazendo muyta festa: & depois d'isso fazia seu caminho. Algúas pessoas que lhe sabião esta habilidade, lhe dauão dinheiro pera hum quartilho, ou meya canada de vinho, o qual dinheiro elle tomava na tromba, & leuaua logo à tauerna, & dando ao tauerneiro, apparaua a tromba, pera lhe medirem nella o vinho; & se lho não daua muito bem medido, que trasbordasse por fora da medida, não o queria tomar.

¶ Todos os elefantes têm certo tempo, em que andão no cio: no qual ficão muito mais brauos, & furiosos do costumado. E até estes mansos, que andão em Goa, neste tempo ficão mui brauos, & não ha pessoa a. que não remetão, & tratem muito mal se a podem apanhar. Mas os Nayres, a quem somente têm obediencia, os prendê cõ hûas cadeas de ferro polos pés em hûas aruores fora da cidade,

onde estão presos todo o tempo do cio, & alli lhe dão de comer & com estarê neste tempo mui furiosos, & brauos, nêisso basta pera deyxarem de reconhecer a obediencia que têm a seus Nayres, pera cõ os quaes sempre estão mansos, & humildes.

¶ Socedeo hum anno, que este elefante Perico, dando-lhe esta payxão, foy fugindo pola cidade brauo como hum touro, & muyta gente apos elle correndo, & bradando, que fugissem delle, & passando desta maneira pola porta de hûa tauerna, onde lhe costumauão dar de beber, achou hûa criança da mesma casa na rua, & conhecendoa, teuelhe tanto respeito, que nenhum mal lhe fez antes a tomou com a tromba mansamente, & a pôs sobre o telhado da casa, que era terrea no que fez grande bem à criança, porque allem de a não matar, a liurou de a poder pizar a multidão de gente que apos elle vinha correndo desatentadamente.

¶ De outro elefante da ribeira se conta, q̄ andando hum dia ajudando a lançar os nauios da armada ao rio, lhe maldou o Nayre, que pusesse a cabeça na poppa de hum nauio,

gratidão
de hum
elefante.

Os elefantes sentem as afrontas q̄ lhe dizem.

&

& que o lançasse ao rio, como cultumaõ sempre fazer. Pos o elefante a cabeça no nauio, & fez força pera o lançar por duas vezes: mas não pode, por que o nauio era muito grande, & pezado. Polo que pellejou o Nayre com elle, chamandolhe fraco, & molle, que sendo vassallo del Rey de Portugal tão poderoso, não prestaua pera deitar hum nauio ao mar. O elefante tomou estas palauras em grande afronta, & em caso de honra. Polo q̄ remeteo terceira vez ao nauio, & pondo lhe a cabeça, fez tanta força, que o lançou ao mar, & juntamente arrebêto, & cayo logo morto.

¶ Hum elefante nouo do tamanho de hũ boy veyo na nao S. Simão, em que eu vim da Índia pera Portugal no anno do Senhor de 1600. o qual mandaua o Conde dom Francisco da Gama Viçerey da India pera el Rey Philippe nosso fñor. Este elefante entendia quanto lhe dizia o Nayre, que vinha com elle, não somente na lingua em que õs crião, mas tambem na lingua Portuguesa. Algũas vezes me focedeo ir onde estaua este elefante. O qual em me vendo, ensinado polo

Nayre, me fazia muitas mesuras, com a mão peratras, como nõs fazemos com o pé, & grãde inclinação cõ a cabeça, & metomaua a mão com a tromba, & abejaua. Algũas vezes, que o Nayre deixaua este elefante sò, indo pola nao fazer o q̄ lhe era necessario, daua tão grandes bramidos, & vrros, q̄ atroaua toda a nao, & choraua lagrimas, que lhe corrião dos olhos, como hum minino podia fazer por sua mãy, ou ama. Baylaua ao som que o Nayre lhe fazia com hum ferro, mouendo todos os quatro pés, & meneando o corpo, & colleando a cabeça, como que gostaua do som que lhe fazião. Outra mudança fazia tambem, q̄ era bater com hũa sò mão no chão a compasso, & pancada do som que lhe fazião, sem errar passo, com os mesmos meneos do corpo & cabeça, & mostras de bailar.

Chorão,
& deitão
lagrimas

Entendẽ
& fazẽ o
q̄ o Nay
re lhe
diz.

¶ CAPITULO XVI

¶ Das Baleas, & Espadartes, que ha em toda esta costa da Ethiopia.



M toda esta costa da Ethiopia ha muitas Baleas, & Espadartes, q̄ são quasi tão

Briga de
Balea cõ
Espadarte.
tc.

taõ grandes como ellas. Os quaes dous generos de peyxetodas as vezes q̃ se encontraõ pellejão cruelmente, & as mais das vezes sobre a agoa. E a causa he, porque o Espadarte, quando pelleja, pera ferir melhor a Balea, dà hũ grande salto pera o ar, & virando sobre ella de cabeça, a fere com a espada que tem na ponta do forcinho, chea de muy duros, & agudos dentes, ao modo de ferra. A qual espada he de osso muy duro, de mais de hum covado de comprido, & mais de meyo palmo de largo. Da terra os viamos muitas vezes pellejar no mar de Moçambique, & as naos da India os encontraõ muitas vezes pellejando desta maneira, quando vão ou vem por esta costa.

¶ Na terra firme de Moçambique, entre hũs baixos, que estã na barra, a que chamão Luxaca, deu hũa Balea à costa, & outra em Sofala na praya chamada Maçamzane, no tempo q̃ eu estava nestas terras, mas nenhũa dellas vi inteira, porq̃ quando soubemos, que estavaõ alli, indo pera as ver, ja os Cafres as tinhão quasi desseitadas, & levado a mayor parte da carne, a qual he gordissima, &

della fazem muyto azeyte, pãdo a derreter em tigellas, como fazem á banha de porco. Os Cafres comem os torrefmos que ficaõ, & com o azeite se allumião, & comem seu milho. Este azeyte cheyra mal, mas allumia bem. Dos nõs do espinhaço fazem tripeças, em que se assenta hũa pessoa folgadamente.

¶ São tantas as Baleas nesta costa, que muitas vezes andão em bandos, particularmente entre as ilhas de Moçambique, que estã na barra, onde vi hum dia à tarde entrar polo rio dentro cinco, todas enfiadas, & assi passaraõ ao longo da fortaleza polo meyo do canal, & deraõ hũa volta dentro na enseada que estã entre a terra firme, & a ilha, & depois se tornaraõ a sayr polo rio fora, como entraraõ. As Baleas não tem ambar no bucho, como algũas vezes ouvi dizer neste Reino a pessoas que diso tinhão pouca noticia: verdade he, que dizẽ os Mouros pescadores desta costa, que as Baleas o comẽ, & o vomitão muy negro, & molle, como massa, & de roim cheyro. Mas eu não sey que çerteza, ou experiencia elles disto tinhão, salvo

Azeite
de Balea

Dizem q̃
as Baleas
comem
ambar.

cuy.

cuidarem que o ambar preto, que muytas vezes se acha nas prayas lâguinhofo, & de roim cheiro, he vomitado da Balea.

¶ Os Pangayos, que no mar encontraõ com estas Baleas, correm muito perigo, porque ellas lhe vão no alcance pera pellejarem com elles, como fazem cõ os Espadartes, cuidãdo (segundo parece) q̃ faõ outros peyxes grandes, que vão nadãdo, & por isso remetem às embarcações, & lhe dão focinhadas, & encontros, o que já algũas vezes aconteceu, particu larmête a huã, que vinha dos rios de Cuama pera Moçambique carregada, em que vinha Dom Fernando de Monroy, capitão q̃ então era desta forteza. O qual perto das ilhas de Angoxa encontrou com huã Balea, q̃ o veyo seguindo quasi hum dia, & por duas vezes remetto à embarcação, & de huã dellas lhe deu tal encontro, q̃ lhe leuou fora o leme, & a teue quasi virada. Vêdo se os q̃ nella hião arriscados, receando que se lhe desse outro encontro, os metesse no fundo, foraõ lhe fugindo pera terra, com determinação de darê à costa, se a Balea os não deixasse, & juntamê te lhe deraõ grandes brados,

& lhe tangerã cõ huã baçia de cobre, & baterã com ferros na poppa do Pangayo. Cõ o qual estrondo a Balea não tornou mais a encontrallos, mas de lôge os foi a inda seguindo mais de duas horas.

¶ Hum peixe deu à costa na ilha de Moçambique, de fronte da porta da çerca do nosso Cõuento de S. Domingos, o qual depois que vazou a marê ficou em secco na praya. Os escravos de casa acudiraõ logo, & vêdo o peixe chamaraõ os religiosos, que o fossem ver, porq̃ era monstruoso, & nũca visto. Tinha este peixe de cõprimen to dezanoue palmos, & no mais grosso do corpo tinha oito em roda. As quaes medidas lhe mandamos tomar cõ huã corda, antes que o cortassem, porque nõs fomos dos primeiros que chegamos a elle. Logo se ajuntou muita gente da ilha neste lugar, & todos começã raõ a cortar no peixe, & levar pera suas casas. E cuido eu, q̃ pouca gente ficou na ilha, que delle não leuasse quinhão. Este peixe era da feição de hum cação, ou Espadarte, mas não tinha espada no focinho, nem menos era Baleato, porq̃ estes tem a pelle mais preta, & ou

mostruo
so peixe

As Baleas come
tẽ as em
barca
ções pe
quenas.

trã feição de cabeça, & a boca muito mais larga. E afsi não ouue pescador, nem marinheiro, que soubesse a casta deste peyxe.

¶ CAPITULO XVII.

¶ Das Tartarugas, que se pescão nella costa, até o Cabo Delgado.



Or toda esta costa de Moçambique, até o Cabo Delgado, ha muytas Tartarugas da feição de hum cágado, & do tamanho de hũa grande rodella. Estas sayem do mar em çertos têpos a defôuar nas ilhas desertas, & deshabitadas, onde fazendo hũa coua com as vnhas nos areaes da praya, poem nella de hũa postura trinta, até quarêta o-uos, & tornandoos a cubrir com a área, se recolhem outra vez pera o mar. Estes ouos são do tamanho de ouos de galinha, redondos, não tem casca, senão hũa pelle muito dura & grossa: tem gemma, como ouo de galinha, mas a clara he liquida, & solta como agoa. Estes ouos estão debayxo da terra çerto têpo, no qual se chocão, & se gêraõ delles as Tartarugas, sômente com as influências do sol, sem mais be-

As Tar-
tarugas
crião se
em
terra.

neficio da mãy que õs pôs: & depois de nacidas, ellas mesmas saem da area, & caminão pera o mar, onde se crião.

¶ Os naturaes destas terras sabem já o tempo, em q as Tartarugas saem a defôuar em terra, & vaõ se pôr nas prayas pera as vigiar, & espreitar, quando saem fora do mar, & como as vem em terra, correm a ellas, & virão de costas as que podem alcançar, do qual modo ficaõ sem se poderem mais bollir, & affi as matão, & tiraõ lhe a carne dentro pera comer, & as côchas de çima das costas sômente, que são as que prestão, & vendê. Das quaes fazem na India os cofres, & brincos de Tartaruga, q vem pera este Reino.

Modo de
tomar as
tartarugas.

¶ Os pescadores matão as Tartarugas no mar de differente, & estranha maneira. Primeiramente, pescão em çertas paragês do mar ao lôgo da costa entre pedras hús peyxes de comprimêto de dous palmos, a que õs Mouros chamão Sapi, tão inimigos das Tartarugas, como o Foraõ do coelho. Este Sapi tem pelle muyto par da, que vay tirando a preta, o focinho comprido, & delgado, & na ponta delle hũa tromba
como

Pexe Sa-
pi inimigo
das
tartarugas.

como porco. Tem hũ peçoço de meyo palmo, & sobre elle da parte de cima hũa concha do mesmo cõprimento, & de tres dedos de largura, a qual he de couro, dura, & espõjosa, toda arregoada, com a qual se pega nas pedras, como fazem as sanguifugas, & a mesma propriedade té de chupar sangue. E poressa rezaõ quando encontraõ as Tartarugas, remetem a ellas, & ferraõlhe do peçoço, ou de hũa ilharga com esta concha, & com ella lhe chupaõ tanto sangue, atè que se fartão deixandoas quasi mortas, sem ellas lhe poderem resistir, nem fogir, por serem muyto grandes, & carregadas, & o peixe Sapi muy ligeiro.

Modo de
pescar as
Tartarugas.

¶ Tanto que os pescadores tem tomado algum destes peixes, logo o deitão em hũa gamella de agoa salgada, & o trazem nã embarcaçãõ em viuciro, & lhe atãõ no rabo hũa linha de pescar muito cõprida, & desta maneyra o leuãõ, & vão polo mar ebusca das Tartarugas, que ordinariamente andaõ sobre as agoas, & como vem algũa, lançaõlhe o peyxe prezo polo rabo, como quẽ lança foraõ atrêllado a coelho, & o peyxe remete logo a ella cõ

tanta furia, como se estiuerã solto, & não tiuera recebido algũ escandalo do enzol com que foy pescado, ou da prisaõ em q̃ andaua. E em lhe chegando, aferra nella tão fortemete que a não larga mais: & depois que os pescadores o tentẽ ferrado, puxão pola linha, & o trazẽ açima d'agoa sem soltar a Tartaruga, a qual com ser tão grande, & pesada, vem tão senhoreada, & atormentada do peixe, que não bolle consigo, antes se deyxã leuar delle facilmente, pola dor que sente no tempo que puxão por elle, porq̃ entãõ ferra muito mais. E desta maneira, chegando a Tartaruga à borda da embarcaçãõ, os pescadores a tomaõ logo com as mãos muy deprefa, & a metẽ dentro, & tornaõ o peixe à sua gamella. E desta moneira tomãõ muitas Tartarugas:

¶ Deste modo se faz outra pescaria na China com coruos marinhos, que pera isso manda o Rey criar em todos os seus portos de mar em capoeyras como galinhas, como refere o Padre Fr. Gaspar da Cruz, no liuro que fez da China. A qual pescaria se faz da maneira seguinte. Atãõ estes coruos cõ

hum

Pescaria
dos cor-
nos da
China.

hum cordel cõprido por bay-
xo das azas, & os lançaõ ao
mar, com o bucho atado, pera
que não possaõ engolir o pey-
xe que tomarê. Os quaes mer-
gulhão logo abaixo, & tomãõ
quanto peixe miudo lhe pode
caber na boca, & na garganta,
& tornãdo açima d'agoa, voaõ
pera a embarçaõ, onde estãõ
os pescadores, & nella despe-
jaõ a pescaria que trazem, &
logo voltãõ ao mar a fazer ou-
tra. E depois de terem feyto
grande pescaria desta manei-
ra, lhe desfãõ o laço do bu-
cho, pera que possaõ pescar pe-
ra si, & comer atè que se fartê.
Este peixe miudo recolhem os
pescadores em viueiros d'agoa
que trazê nas embarçaõs, &
daqui os leuãõ pera terra, & os
criãõ em tanques, que pera is-
so tem feitos, atè que sãõ gran-
des, & dali os vendem. Polo
qual respeito ha sempre gran-
de abundancia de peixe fresco
em todas as terras da China.

Duas cas-
tas d' tar-
tarugas.

¶ Duas castas de Tartaru-
gs ha nesta costa: hũas tẽ hũa
lõ concha, como concha de câ-
gado, preta, & fea, da qual se
não faz obra, nem presta pera
mais, que pera servir de gamel-
la, mas a carne destas he me-
lhor. Outras Tartarugas ha, q̃

tẽ duas conchas. A primeira,
que tẽ junro da carne he intei-
ra, & molle como couro gros-
so: sobre esta tem outra cõcha
pegada muy fermosa, & pinta-
da de amarello, & preto, a qual
he de onze peças, cada hũa de
hum palmo pouco mais, ou me-
nos, & estãõ juntas hũas com
as outras, & pegadas na con-
cha molle, de tal maneira, que
parecẽ ambas hũa sò inteira.
E daqui se tiraõ estas conchas
de cima, de que se faz toda a
obra, que vemos feita de Tar-
taruga, como sãõ cofres, colhe-
res, & outras peças curiosas, &
ricas, tãõ estimadas como sa-
bemos.

¶ **CAPITULO XVIII!**
*Dos Tubarões de Moçambique, &
de todo o mar Oceano, & de
outras castas de peixe q̃
ha neste mar.*



Randes & muitos Tubarõ-
es carnis-
ceiros.
Tubarões ha nes-
te mar Oceano,
muy carniceyros,
& em particular os que andãõ
no mar de Moçambique. Os
quaes se vão às prayas da ilha
a espreitar os Cafres, q̃ se vão
lavar no mar, onde tem ja to-
mado muitos. Polo q̃ ninguê
ousa de se meter nelle pera se
lavar,

lavar, ou nadar, porque estão os Tubarões nas prayas, tão cofidos com a areia debaixo da agoa, que não parecem senão quando daõ de subito cõ a presa, & a apanhão, & leuaõ. Em hũa praya desta ilha, junto a S. Gabriel andauão hūs moços folgando á borda do mar, & não tinham deõtro n'agoa mais que os pés, cuydando que andauão mui seguros, mas succedeolhes mal, porque veyo hũ Tubaraõ, & apanhou hum delles, & o leuou pera o mar, & o comeo.

¶ Outro Tubaraõ apanhou hum escravo da nossa casa de S. Domingos de Moçãbique, o qual andaua com outros da mesma casa deytando ao mar hum batel, que na praya estaua varado, estando presente o Padre Fr. Ioão Madeira, Vigairo que entaõ era da dita casa, que lhe mandaua fazer esta obra: o qual Tubaraõ ferrou do escravo por hũa perna de tal maneira, que lha leuou logo fora por cima do joelho, como se lha cortaraõ com hum machado, & acodindo o escravo cõ hũa mão, lha leuou juntamente cõ meyo braço, & acabara de o leuar de todo, se os outros escravos lhe não acodiraõ, & o tira

raõ a terra, onde dahí a pouco morreo.

¶ A estes Tubarões chamão os homēs do mar Marraxos. Outra casta de Tubarões ha mais perjudiciaes, & carniceiros, que estes, a q̄ chamaõ Tintureiras. Estes saõ muito maiores, & mais compridos, & tem a pelle mais parda, & muitas ordēs de dentes. São muy golosos, assi hūs, como os outros. Não ha cousa que se deyte ao mar, que elles não engulaõ, se podem. Quando eu fuy pera a India, é hũa nao de nossa companhia tomaraõ hum Tubaraõ, & acharaõlhe no bucho hum garfo de prata, que denia ter caido de algũa nao, ou da mesma companhia, ou de qualquer outra. Diz o Padre Mendoça, que na viagem das Indias Occidentaes acharaõ os Hespanhoes muy grandes Tubarões, que tinham muitas ordēs de dentes, & pescando algūs delles, lhe acharaõ nos buchos todas as immundicias, q̄ lançauão das naos, em hum dos quaes acharaõ a cabeça de hum carneiro inteira cõ seus cornos, que tinha caydo ao mar de hũa das naos. Os q̄ nós achamos hião seguindo a nao, & tomando toda a carne

Tintureiras.

Itinera-
rio do
nouomũ
do. cap. 3

de

de salè , quē os marinheyros, & soldados deitauão ao mar a toda em cordas , pera se lhe ir lauando a salmoura. E taõ golosos, & carniçeiros erão , que atè as camizas , que deitauão ao mar atadas da mesma maneyra, pera se irem lauando, a panbauão, & engollião inteiras cortandolhe as cordas, em que ãdauão presas. Polla qual causa os marinheyros lhe armauã com enzoes grãdes iscados cõ carne , que pera isso leuauão, com dous palmos de cadea de ferro, porque lhe não cortassē a corda com os dentes. E desta maneyra tomauão muytos, de que fazião grandes jultças , a brindolhe as barrigas, & o bucho, onde achauão muytas vezes as camizas, que tinhão engollido, inda com os nòs atados, & as postas de carne inteiras. E depois disso lhe quebrauão os olhos, & lhe cortauão dous palmos de rabo, & né assim acabauão de morrer. Desta maneyra os tornauão a deitar ao mar, onde inda hião nadãdo, até que desappareçião.

¶ Em muytas partes desta viagem achamos muyto peixe que logo hia seguindo anao, como erão douradas, bonitos, al bocoras. Dos quaes se pescaua

muyta quantidade. Este peyxe se pesca, indo anao à vela, com enzoes, que pendurão da nao por hũa linha, atè chegar à superficie da agoa, os quaes leuão pegado ao ferro hũ retalho de pãno de linho, ou penas de gallo, que vão tocando de quando em quando na agoa:ãs quaes remete o peyxe de salto, cuidando que he outro peyxe pequeno, a que chamão peyxe voador, & assim engollindo estãs iscas falsas juntamente com o enzol, fica prezo , & pendurado polla linha, até que o tiraõ acima da nao.

Peixe voador.

¶ Em outras paragēs achamos infinitos peyxes voadores. Os quaes saõ do modo de hum arenque, & do mesmo tamanho. Tem duas barbatanas nas ilhargas grandes, & largas como azas de morçego , com que voão muyto alto, & longe como passaros, quando se vem apertados de outros peyxes grandes, que os querem comer. Este he o mais perseguido peyxe, que me parece ha no mar, porque os grandes andão sempre apos elle, pera o comerem, & quando foge d'elles , & vay voando pollo ar, he perseguido dos passaros , que tambem o buscão pera o comerem. De-

N modo

Peixe q̃ segue naos.

modo, que se foge do mar perseguido dos peyxes, fica no ar nas vnhas das aues. E com estes voadores serem tão perseguidos, & morrerẽ desta maneira muitos, ficão tantos, que em muytas partes cobrem os ares voando, como passaros, q̃ andão em bandos.

¶ No mar das ilhas de Quirimba desta costa, de que vou fallando, ha tantos Salmonetes que por serẽ muytos, não são estimados. Ha também outrõs peyxes, a q̃ chamão Mordixis, q̃ se pareçe muyto cõ Bogas, ou Picões do rio. Este he o melhor & mais sãdio peyxes, que ha nestas partes. Ha outro peyxes, a q̃ chamão Peyxe ferra, como grãdes Coruinhas, mas he muyto melhor, & guardase em cõserua, & curado parece lacaõ: & a sãni he muyto estimado.

¶ CAPITULO XIX.
¶ Das embarcações, & marinheiros,
nauegação, & mercadorias de
toda esta costa.



¶ Das embarcações, em que se nauega por esta costa do Cabo das correntes atẽ o estreito de Meca são de madeira, que os Mouros

colhem no mato, fendida pollo meyo ao machado, & depois laurada cõ enxõ de duas mãos ao modo de enxada, & assim não fazem de cada pao mais q̃ duas taboas, podendo fazer muytas, se o ferrarão, mas he couza, que não se vza nesta costa. Deste taboado fazem as embarcações cozidas todas cõ fio de Cairo, & pregadas com pregos de pao, & do mesmo Cairo lhe fazem toda a cordalha, & as amarras. As embarcações grandes chamão nautas, & às means pangayos, & às pequenas luzios, ou almadias. As velas de todas estas são de esteira feita de folhas de palma, ou tamareiras brauas.

¶ Os marinheiros de todas estas embarcações são Mouros os mais delles pretos, barbaros & muy amigos de vinho, & não tem de Mouros mais que o nome, & circunçisaõ, porque nẽ sabem, nẽ guardão a ley de Mafoma, que professão. O principal em que se esmerão, he ã festejar muyto todas as luas novas, & nellas ordinariamente se embebedaõ todos com festa defendendo he sua ley o vinho. São muyto agoueiros; quando andão no mar, se tem algũa tormenta grande, inda que

Salmonetes.

Mordixis

Peyxe ferra.

Marinheiros desta costa.

Embarcações desta costa.

Açouros
dellesma
rinheira
105.4

q̄ tragão a embarcação sobre carregada, não querem alijar cousa algũa della, dizendo, que o mar engolle tudo, quanto lhe lançaõ, & nunca se farta & quanto mais lhe lançaõ, tanto mais se embraueçe, & não amaina suas ondas, até lhe não lançarem tudo quanto vay na embarcação.

Açoutfo
as embar
cações.

¶ Quando falta o vento a estes marinheiros pera nauegar, açoitaõ as embarcações, em que vaõ, com cordas, polla poppa, & pollas ilhargas tanto, até q̄ elles mesmos cansaõ, & suaõ, & isto fazê gritado, & pellejãdo com ellas, como se tiueraõ entendimêto pera sentirê, o q̄ lhe dizem, & fazem, ou deixaraõ de nauegar por sua culpa, attribuíndolha elles; porque dizê, que tambem as embarcações se fazê priguiçosas, & rōçeiras por não nauegar: & o vêtõ, como as vê desta maneyra, deyxã devêtar, cõ padecendo se dellas & deyxãdoas descãsar, & como descãsaõ, torna a vêtar, como dâtes. Ealgũs marinheiros ha, que tẽ esta superstição por tão verdadeira, que não ha de persuadillos della. Isto vi eu fazer duas vezes aos marinheiros das ilhas de Quirimba, indo pera Moçambique, & esta

nhandolhe muito darem nas embarcações, pois não sintiaõ o que lhe faziaõ, zombaraõ de mim, dizendo, que não sabia o costume daquelles Pangayos, porque como se descuidauaõ era necessario espertallos, & q̄ eu veria logo tornar o vento: mas não veyo, senaõ quando Deos foy seruido. Ao piloto destas embarcações chamaõ Malêmo, & ao Mestre Moca-daõ.

¶ As mercadorias, com que os mercadores desta costa resregaõ tudo o q̄ os Cafres vendem, saõ roupas de todas as sortes, & particularmente bertanjijs pretos, & contas miudas de barro vidrado de todas as cores, as quaes vem cada anno da India, pera Moçambique. Com estas veniagas manda o capitaõ da fortaleza hũa naueta cada anno à ilha do Inhaca: Ilha do Inhaca. que està no rio de Lourenço Marques, a fazer resgate, donde lhe vay ambar, marfim, escrauos, mel, & manteiga, cornos, & vnhas de Bada, dentes, & vnhas de cavallo Marinho. Outra naueta, ou Pangayo mãda cada anno ao Cabo das Correntes, & rio de Inhambãne, Cabo das Correntes donde lhe vay o mesmo. Cada seis mezes manda hũ Pangayo

Sofala. & muytas vezes dous a Sofala com as mesmas mercadorias, donde lhe leuão ábar, marfim, aljofar, & perolas, que se pescão no mar das ilhas Boçicas, dentes depeyxe molher, mel, manteiga, arroz, muytos escrauos, & hũa boa copia de ouro em pò, pastas, & lascas. Aos rios de Cuãma manda cada seis meses tres, & quatro pangayos com estas mercadorias. Donde lhe vay grande copia de ouro em pò, pastas, & lascas, marfim dentes de cavallo marinho, mel, & manteiga, arroz, & muytos escrauos. As ilhas de Ango xa manda cada seis meses hum pangayo. Donde lhe trazem marfim, algum ambar, muytos escrauos, esteiras de palha muito fina; & palhetes pera a cabeça, que são muy vzados nesta costa. A ilha de S. Lourenço manda cada anno hum nauio, ou naueta grande. Donde lhe leuão muytas vaccas, cabras de boa casta, que parem duas vezes no anno dous, & tres cabritos de cada parto, ambar, & escrauos, pannos de heruas, q os negros da ilha teçem, muy bons, & finos, de que as Portuguezas fazem esteiras pera os estrados, & alguns negros, particularmente os da ilha, se ves-

tem delles. As ilhas de Quirim ba, até o Cabo Delgado, manda cada anno hum Capitão. O qual faz por todas estas ilhas muytos mantimétos de milho, & arroz, pera prouimento da fortaleza de Moçambique, muytas vaccas, cabras, & algũ marfim, que vem da terra firme a vender às ilhas, algum ambar, muyto mannã, & muyta Tartaruga, & grande copia de escrauos. Esta jurdição do Capitão de Moçambique, começa da ilha do Inhaca até o Cabo delgado, que são mais de trezentas legoas de costa.

Ilhas de Quisiba;

Jurdição do Capitão de Moçambique.

¶ Estes escrauos de todas estas terras, que tenho apontado todos, ou a mayor parte delles nacerão forros: mas estes Cafres são tão grandes ladroes, que furtão os pequenos, & trazem enganados os grãdes até as prayas, onde os vendem aos Portuguezes, ou aos Mouros, ou a outros Cafres mercatores, que tratão nisso, dizendo, que são seus catiuos. A outros escrauos destes vendem seus pays, em tempo de necessidades, ou de fome. Outros catiuão os Reys por algũs crimes, que cometem, & os mandão vender. Outros são os q se catiuão em guerra, na qual ordinaria mente

te

te os Cafres andao hús com os outros, & os vencedores vendê os catiuos, q̄ tomão nella.

¶ Ia que neste liuro terceiro tratei da ilha, & fortaleza de Moçambique, rezão sera, que dè aqui húa relação, que agora veyo da India, do cerco, & guerra, que os Hollandeses lhe fizeram o anno passado de 607. a qual se pode ver no capitulo seguinte.

¶ CAPITULO XX.

¶ *Em que se da húa breue relação da guerra, que os Hollandeses fizeram à fortaleza de Moçambique, & do cerco, que lhe puzerão no anno de 607.*



Este anno de 608. chegarão a este Rey no as naos da India, de que era capitão mór Dõ Hieronymo Coutinho, em as quaes vierão nouas da guerra, que os Hollandeses fizeram à fortaleza de Moçambique. E por quãto neste terceiro liuro da Ethiopia Oriental tenho tratado desta ilha, & fortaleza, me pareceo que deuia (antes de passar auante) dar húa breue relação do que nesta guerra, & cerco succedeo, a qual he a seguinte.

A Os 29. de Março do anno do Senhor de 1607. chegarão ao porto de Moçambique oito naos de Hollandeses (estando nella por Capitão Dom Estevão de Attaide fidalgo muy nobre) com cuja vista os moradores da ilha se acabarão de recolher na fortaleza, porque ja se começauão a recolher, por terem auizo da India da ida destas naos: & por essa cauza tinhão ja metido nella a principal fazenda, dinheyro, peças, & mouel de suas cazas. Tanto, que estas naos chegarão ao porto (que he daban da de dentro de duas ilhas que estão defronte da fortaleza, obra de húa legoa ao mar, chamadas, (são Iorge, & Santiago) surgirão todas juntas, & logo largarão húa bandeira de guerra, por onde de todo forão conhecidas por naos de inimigos & juntamente lançarão muitas lanchas aomar, que trazião dêtro nas naos. No dia seguinte, que foy sabbado, tanto que a marè começou a encher se leuou a nao Capitaina, & as mais apoz ella, & todas infiadas húa detras da outra, forão entrando polla barra da ilha de Moçambique, com tanta ouladia, como se não ouuesse alli

N 3 fortaleza,

fortaleza, sendo ella hũa das mais fortes da India, & jugando ella neste tempo com muyta, & grossa artelharia, que tem, de que os inimigos receberão muyto danno. Nesta entrada, tocou hũa destas oito naos em hum bayxo (de dous que tem esta barra muyto perigosos) & sobre elle esteue quasi encostada, & perdida: mas os Hollandeses lhe a codiraõ logo com muyta pressa em suas lanchas, & com cabos, que lhe derão, a tirarão pera o canal, & a meterão dentro, em companhia das mais naos, com tanta diligencia, como se toda a sua vida forão pilotos daquella barra, & souberão os passos daquelle canal, & baya. E forão surgir dêtro, em parte, onde a fortaleza lhe não podia fazer dâno: & logo no Domingo seguinte polla manhã, deitarão em terra quinhentos mosqueteiros; & forão senhores della, por causa da gente da fortaleza ser então pouca em comparação dos inimigos, que não era bastãte pera lhe defender que não desembarcassẽ porque nesse tẽpo não auia na fortaleza mais que 145. homẽs ãtre velhos, & moços. No mesmo Domingo tirarão das suas

De se batãção mais lha.

naos algũas peças d'artelharia & as puzerão no Conuento de S. Domingos: onde se fizerão fortes, & se alojarão todos, por ficar fronteiro à fortaleza. E vendo que lhe ficaua dalli a bateria longe, começarão a fazer vallos, & trincheiras, do Conuento atè a hermidã de S. Gabriel, & dahi outras atè junto à fortaleza: onde armarão tres balluartes cõ saccas, & pipas, cheos de terra, tão fortes, como de pedra & cal; & nelles puzerão noue peças d'artelharia grossa, com que batião a fortaleza com tanta pressa, que cada dia lhe tirauão de oitenta peças pera cima; entre as quaes auia hum Canhão muyto grande, que tiraua com pelouro de cincoenta, & dous arratẽs, com o qual fazião muyto danno na fortaleza. Neste cõbate forão continuando por espaço de dous meses, que a tiuerão de cerco.

Fazẽ vallos, trincheiras, & baluartes.

¶ Allem desta bateria, ordenarão hũas mantas de madeira & taboas postas sobre cauallos de pao, & debayxo dellas chegarão a querer picar hũ balluarte, que se chama de S. Gabriel, mas a gẽte da fortaleza os tratou tão mal cõ penedos, que lhe lãçou deçima dos muros

Ordenarão mantas de madeira.

ros, que lhe fez largar a empreza, & o ardil, que tinham ordenado, cõ morte de muitos Hollandeses. Todos estes ardils fazião os Hollandeses de noyte por se liurarẽ do grande dãno, que os nossos lhe fazião de cima dos muros da fortaleza cõ a espingardaria. Da nossa parte tambẽ não faltauão ardils para encõtrar, & desfazer os dos Hollandeses, porque fizeram grãdes luminarias de alcatraõ ardendo em halteas compridas sobre o muro, de modo que allumiauaõ o campo circunstãte à fortaleza: por õnde os Hollandeses não ouzauão chegar perto della, por não serẽ vistos dos nossos, que vigiãuaõ por cima dos muros, & mortos à espingarda. Demaneyra, que os 145. homẽs que auia dentro na fortaleza, sempre leuaraõ a melhor dos inimigos, que eraõ de us mil homẽs, pouco mais ou menos, & sempre lhe desfizerão suas machinas, & vieraõ a tellos em taõ pouca conta, que fãraõ hũa noyte da fortaleza vinte homẽs, & deraõ sobre elles, & mataraõ muytos, sem algũ dos nossos perigar: & pollo discurso do tempo, que durou este cerco foraõ mortos dos

Ardidos
cercados

inimigos passantẽ de trẽzẽtos, & dos nossos sõmente dous Portugueses: no que se deue muyto ao bom gouerno, & prudenciã do capitaõ da fortaleza; q̃ nesta guerra se ouue não sõmente como sagas capitaõ, mas tambem como esforçado soldado, sendo o primeiro nãvia, & na briga, com que daua grãde animo aos seus soldados

¶ Vendo os inimigos o pouco fruyto que tinhaõ feito em taõ continua guerra, & a muyta gente, que os da fortaleza lhe tinhaõ morto: & tambem por se temerem, que podiaõ ir as nossas naos deste Reyno à quelle porto (como tem de costume) & achallos dentro, sem poderem fugir, tornaraõ a embarcar toda a sua artelhãria, & querendose partir, fizeram hũa carta ao capitaõ da fortaleza em que lhe diziaõ, se queria resgatar as igrejas, cazas, & palmares da ilha, & quintas da terra firme, que fossem dous homẽs da fortaleza tratar isso cõ elles, & se não, que tudo auiaõ de por por terra, & abraçar com fogo. A isto lhe foy respõdido, que nenhum concerto, nẽ resgate queriaõ cõ elles, mais que guerra. O que visto pollos Hollandeses, puseraõ logo fo-

Cartados
Hollãdeses
ao capitaõ,
& sua
repositãõ.

go a toda a cidade, cõ taõ grã-
de incendio de alcatraõ, que
naõ ficou casa, nem igreja em
pé. Couza bem pera sentir, ma-
yormente o que fizeraõ às ima-
gês, & altares: o que tudo que-
braraõ, & derrubaraõ. Allem
disso cortaraõ todos os palma-
res, que auia na ilha, que eraõ
muytos, & de muyta rēda. Tã-
bem queimaraõ duas naos, q̃ es-
tauaõ no porto, hũa dellas me-
ya carregada de fazendas, que
auia poucos dias tinha che-
gado da India. E em terra to-
marão ainda muyta fazenda,
que não ouue tempo pera se re-
colher na fortaleza. E leuarão
hũ galeoto do capitão da fort-
leza, que tinha vindo do Cabo
das correntes. De maneyra q̃
a todos foy gêral a perda, esti-
mada em mais de çem mil cru-
sados. Isto concluydo, sayrão
polla barra fora, não tanto a
seu saluo, como cuydarão, por
que allem de lhe matarem muy-
ta gente cõ a artelharia da for-
taleza, que sempre lhe foy tirã-
do, hũa das naos, ao sair da
barra, se embarçou de manei-
ra q̃ tocou em hũ dos bayxos
do canal, & alli ficou encalhá-
da. Daqui se forão os Hollan-
deses às ilhas do Comoro, que
estão setenta legoas desta de

Moçambique, buscar manti-
mētos, como depois se soube.

¶ Poucos dias, depois que
os Hollandeses se forão, che-
gou ao porto de Moçambique
D. Hieronimo Coutinho (q̃ hia
deste Reyno pera a India, por
capitaõ mōr) com tres naos, &
entrando com ellas polla bar-
ra dentro, surgio perto da for-
taleza, onde he costume surgi-
rem. A qui esteue fazēdo agoa-
da, tomando refresco, & espe-
rando tempo, pera se partir pe-
ra a India, atē cinco de Agos-
to: no qual dia tornaraõ os Hol-
landeses ao porto de Moçam-
bique, & lançarão anchora no
surgidouro, que está da ilha de
S. Jorge pera dentro, com cuja
chegada se tornou a recolher a
gente da ilha de Moçambique
dētro na fortaleza: & D. Hiero-
nimo com a sua se foy pera as
suas naos, & assim hūs, como
os outros se puzerão em ordē
de pellejar com os Hollande-
ses, se quisessem entrar o canal
de Moçambique; o que elles
não ouzaraõ fazer, antes se dei-
xaraõ estar no mesmo porto,
& dalli fizerão algũas saidas
em suas lanchas, & de hũa se
encontraraõ com os nossos ba-
teis, & pellejarão às mosqueta-
das, até fugirem pera as suas

naos. Outra vez fairoão, & desē-
barcando na terra firme, toma
raão hum Mouro da ilha, & sou
beraão delle como Dom Hiero-
nimo tinha dous mil homēs
de pelleja, polla qual rez aão lo
go se resolueraão em ir pera a
India, como fizeraão, & fairoão
do porto de Moçambique aos
26. dias de Agosto.

¶ Vê do D. Hieronimo Cou
tinho como os Hollandeses
erão idos, & que inda tinha tē-
po pera poder ir â India, nego-
ceou as couzas, que lhe eraão
necessarias pera a viagem, &
deixando na fortaleza cem sol-
dados das suas naos, & trinta
mosquetes, logo se partio: mas
ao sair da barra tocou hũa das

tres naos que leuaua (que foy
a nao S. Francisco) em hũ dos
bayxos do canal, õde se encos-
tou, mas logo lhe a codirão,
& a descarregarão da fazenda
que leuaua, sem se perder nada
della: & depois que a nao se
descarregou, nadou, porem fa-
zia tanta agoa, que ficou em
Moçambique, & parte da sua
carga, & a outra se partio pol-
las outras duas naos, & foy pe-
ra a India. Neste estado fica-
raão as couzas desta ilha, & for-
taleza de Moçambique. E
oje est â muy bem proui-
da de soldados, muni-
ções, & manti-
mentos.

F I M D O T E R C E I R O
Liuro.



LIVRO QVARTO DA ETHIOPIA ORIENTAL,

EM QUE SE DA RELACAM DOS REYNOS, & prouincias, que ha pollo fertoã dentro, do Cabo Delgado, até as terras do Egypto, & prayas do mar Roxo, particularmente, de algũs Reynos principaes sojeitos ao Preste Ioaõ; & do rio Nilo, que por elles corre, dos costumes, ritos, & abusos dos habitadores destas terras, & de muytas coufas notaueys que nellas ha.

¶ CAP: PRIMEIRO.

¶ Dos Reynos de Munimugi, & Gorãge sojeitos a Cafres, & de outros sojeitos ao Preste Ioaõ.



Endo já tratado da mayor parte da Ethiopia, do Cabo das corrétes, até o Cabo Delgado, q̄ são trezêtas legoas de costa, da jurdição do capitão de Moçãbi que, cõuê agora pera côclusão desta historia, dar relação das terras, & Reynos, q̄ vão daqui até o Egypto, & mar Roxo, q̄ são os limites desta Ethiopia.

¶ Do Cabo Delgado, até a linha Equinoctial jaz situada a costa de Melinde, que he da jurdição do capitão de Mombaça. Toda esta terra firme he poucada de Cafres diferentes na lingoa, & costumes, & todos barbaros, como

os da costa de Quirimba. Pollo fertoã deste Reyno de Mongallo, de que ja fallei, vay correndo pera o Norte o grande Reino de Munimugi Cafre Gêtio, poderoso, & grãde senhor & cõfina da parte do Sul cõ as terras do Maçuça, & do Embêoe, & da parte do Norte, & Nordeste cõ os Reynos do Preste Ioaõ, & de Leste cõ ode Gorãge!

¶ Este Reyno de Gorãge estã situado perto do rio Nilo da parte do Leuãte, cinco graos da linha pera o Tropico de Cácro. He poucado de Gêtios barbaros Cafres pretos de cabello reuolto. Tẽ muytas minas de ouro, & delle pagaõ grãde tributo a seu Rey. Entre eltesha grãdes feytiçeiros, & adeuinhadores, & fazẽ seus feitiços nas entra nhas do animal, q̄ mataõ, adeuinhado nellas quãto querẽ: fazẽ parecer, q̄ naõ queima o fogo

1. p. liu. 9. cap. 7.

Reino de Munimugi.

Reynode Gorãge.

Feytiçeiros de Gorãge.

com

com seus feitiços, & pera isso mataõ hũ boy, fazendo certas ceremonias, & dizendo certas palauras, & vntaõse cõ o çeuo do mesmo boy; & depois fazem hũa grande fogueira, & afentaõse nella, & de dentro respondem a todos os circunstantes, adiuinhandolhe as cousas, que lhe perguntaõ, sem se queimar. E desta maneyra ganhaõ de comer, & saõ temidos, & venerados por esta arte.

¶ Neste Reyno hà grandes pouoações debayxo do chaõ, a bertas em ladeyras muyto ingremes de terras muy altas, aõ de escaçamete podem sobir os donos das casas, ou lapas, pera se recolherẽ nellas. O vaõ de cada hũa destas lapas he quadrado, & capaz de recolher sete, ou oito pessoas, & o portaltaõ estreito, & baixo, que não cabe por elle mais q̃ hũa sò pessoa inclinada. Quem vê de longe estas ladeiras cheas de portaes, pareçelhe que saõ pombas escheos de buracos, em que criaõ pombas.

¶ Este Reyno he çercado, do Norte, Leste, & Oeste, de algũs Reinos do Preste Ioaõ dos quaes apontarei os principaes que saõ os seguintes. *Hadía*, *Conche*, *Damute*, *Gôjame*,

Bagamedri, *Dãmbia*, *Caphatê*, *Angòte*, *Xòã*, *Amàra*, *Fatigar*, *Baruu*, *Baligange*, *Adea*, *Oja*, *Vague*, *Tigrimahom*, *Barnagais*, no qual està a Prouincia *Sabbaim*, donde foy a Rainha *Sabbà*, & outras muytas prouincias de grandes senhores, q̃ saõ como Reys, os mais delles sojeitos ao Preste Ioaõ, o qual se intitula *Açegue*, q̃ quer dizer Emperador, & tambem se chama *Negus*, que significa Rey.

¶ Destes Reinos tratarei algũas cousas mais notaueis, q̃ nelles ha, de q̃ tiue noticia nesta costa, por informação de algũs *Abexins*, que a ella vierão & particularmente de hum, que catiuaraõ os Mouros do Reyno de *Adel* nas guerras de *Ianamora*, & fugio de *Zeila* pera esta costa; & tambẽ por via de hum *Veneziano* mercador chamado *Hieronymo Cherubĩ* homem de muyto bom entendimẽto, o qual passou aos Reinos do Preste Ioaõ por via de *Alexandria*, com suas mercadorias, & correo quasi todos, & residio nelles algũs annos, & depois se tornou polla via do mar Roxo pera a *India*, trazendo consigo hũa mulher *Abexim*, & hum filho

Casas de bayxo do chaõ.

Reynos do Preste Ioaõ.

filho, q̄ della tinha, & da India se veyo pera Portugal cō elles na mesma nao, em q̄ eu vim, onde me informei delle de muytas couzas, q̄ lhe perguntei, & me disse destes Reynos, que são muy conformes cō as q̄ escreuerão o Patriarcha D. Ioaõ Bermudes, & o P. Frâncisco Alvarez Clerigo de missa, os quaes andarão muyto tēpo nestas partes, & virão as mais das couzas notaveis q̄ nellas ha, & dellas taõ bẽ relatarei neste liuro algũas.

Reino de Hadia.

¶ Junto de Gorãge do Niolo pera o Levante, estã o grande Reyno de Hadia pouoado de Gétios tributarios ao Preste Ioaõ, muyto mais pollidos, q̄ os Gorãges, & menos feytiçeiros posto q̄ tãbẽ algũsvzaõ da mesma arte diabolica. Achase neste Reyno muyta, & boa myrrha, cria infinito incenso, anê me, & pouco ouro.

Conche.

¶ Pollo fertoã dentro deste Reyno, indo pera o Ponete, estã situada a prouincia de Conche pouoada de Gétios tributarios ao Preste Ioaõ: he gente muy pollida, & muy dada ao exercicio da guerra. Nesta prouincia estã hũa ribeirá, ao longo da qual vaõ corredo grãdes & altas serras, deshabitadas, & cheas de matos, & aruores syl

uestres, onde hã muytas ferãs, bichos, & cobras venenosas. Em hũa destas serras ha muyto ouro, & deyxase ver em algũas partes, particularmente, quando lhe dà o sol. Esta serra tem o Rey muy guardada, & defesa, como grande thesouro, que he. Ninguem pode passar à outra parte da ribeira, onde ella estã, nem o Rey manda tirar ouro della, senão de outras minas, que tem nesta paragem das quaes na fundiçaõ se tiraõ as tres partes de ouro, & hũa de terra. O Patriarcha D. Ioaõ Bermudes estene neste lugar, & vio esta serra, como elle diz no liuro q̄ fez do Preste Ioaõ.

Minas de ouro.

¶ De Gorãge pera o Ponente estã o Reyno de Gojame, o qual he muyto rico, assim por respeito das minas de ouro, q̄ tem, como do infinito algodão gados, cauallos, & mullas, q̄ nelle se criaõ, & de tudo isto pagaõ os naturaes ao Preste Ioaõ, em cada hũ anno, tres mil cauallos tres mil mullas, tres mil pãnos grãdes gadelhudos, como tapetes feytos de algodão, muy estimados, a q̄ chamão Bazutos, trinta mil pãnos de algodão de bayxa forte; & 30. mil ouquias de ouro, que tẽ cada hũa pezo de doze cruzados. Por este

Reino de Gojame.

Reyno

Reino corre hũa ribeira perenne, no fundo da qual se achão muytas pedras furadas por dentro, ao modo de pedra pomez; mas são muy pezadas, & amarellas, como açafraão; das quaes se tira muyto ouro, poltoq̃ de poucos quilates.

¶ CAP. SEGVNDO.

¶ Do Reyno de Damûte, & das Amazonas da Ethiopia.



DE Gojame mais pera o Ponete, da outra parte do rio Nilo, se vay estendendo o Reino de Damûte, atè quasi a linha Equinoctial, em altura de 48. graos de Leite a Oeste. He pouoado de Gétios tributarios ao Preste Ioão, & de Christaõs Abexís. He terra de muito ouro, & de nenhũ ferro, pollo q̃ val nella quasi tâto como o ouro, por q̃ o trazê alli de muito lôge. Em muitas partes deste Reino ha grandes serras mui fragosas, & desertas, onde se criaõ muitos bichos, & feras como são serpes peçonhêtilsimas, elefantes, leões, tigres, onças, vnicornes môtetes, q̃ são do tamanho, & quasi da mesma feiçãõ de roçins pequenos, de cor parda, & fermosa, & não são de casta de badas, como al

Reino de
Damûte.

Vnicor-
nes.

gũs affirmãõ. Os naturaes dizem, q̃ estes são os verdadeiros vnicornes, pollas grandes virtudes q̃ tê experimentado ê hũ sò corno, q̃ tê na testa. Ha nestas terras muytas creações de boys muy grandes, & mansos; tem grandíssimos cornos, dos quaes vzão os moradores desta terra em lugar de cantaros de seruiço, & leuão algũs mais de meyo almude. Isto refere Francisco Alvarez. Nesta terra val o sal muyto, pollo não a uer nella, & lhe vir de muyto longe, que he do Reyno de Dãbia, & da Prouincia Belgada, & val tanto, que daõ hũ escravo muito bõ por cinco, ou seis pedras de sal, q̃ pesa cada hũa 4. arratês, pouco mais ou menos.

Liv. do
Preste Io
ão, c. 19.

¶ Junto de Damûte està hũa Prouincia de mulheres tão varonijs, & robustas, q̃ ordinariamente andaõ cõ as armas nas mãos, assi na caça das feras, & animaes syluestres, como nas guerras, q̃ se lhe offerecem: onde mostraõ esforço, & animo mais de homês bellicosos, q̃ de mulheres fracas: & pera este effeito logo ê pequenas lhe quei maõ a teta direita cõ hũ ferro abraçado, pera q̃ se lhe seque, & não creça, & assi possaõ vsar do braço direito ligeiramente

Amazo-
nas da E-
thiopia.

não tirar de arco, & frecha. Os maridos destas são muy pusillanimes, & effeminados, ou por natureza, ou por costume ja introduzido de muitos annos, de exercitar os officios, q̄ as mulheres ouueraõ de fazer.

¶ Outros affirmão, q̄ estas mulheres viuẽ sem cõpanhia de homẽs, do modo q̄ antigamente viuiaõ as Amazonas da Scythia, & q̄ em certo tẽpo do anno admittẽ em sua prouincia os Ethiopes seus vizinhos, & as q̄ concebẽ, & parẽ machos, depois de tirados da criaçãõ do leite, os mandaõ a seus pais q̄ os acabão de criar, & se parẽ femeas, ficaõ cõ suas mãis, & lhe queimaõ a teta direita, como fica dito. A Rainha destas mulheres nõca conhece varaõ, & por isso he venerada de todas, como Deosa. Estas mulheres estaõ conseruadas neste estado, & defẽdidãs pollos Reis, & senhores seus vizinhos, Gentios como ellas, por dizerem q̄ foraõ instituidas polla Rainha Sabbà, como refere o Patriarcha D. Ioaõ Bermudez.

I lu. do
Prestelo
ão.

Amazo-
nas do
mar da
China.

¶ Outras mulheres semelhãtes a estas se descubriraõ em hũas ilhas, que estaõ ao mar da China, as quaes são pouoadas de Gentios idolatras, muy se-

melhãtes aos Iappões na cor, & feiçãõ do rosto, mas differẽtes na lígoa. Entre estas ilhas estã hũa pouoada de mulheres sem auer homẽ entre ellas: mas em dous meses do anno os admittẽ, como fazẽ as de Ethiopia, somẽte pera propagarem a gẽraçãõ. E na criaçãõ dos filhos fazẽ tambẽ o mesmo, q̄ as de Ethiopia, & tambẽ vsãõ de arco, & frecha, & por esse respeito tem a teta direita secca. Destas trata o P. Mendoça, no liu. q̄ fez da China. Das outras da Ethiopia trataõ muitos authores, como refere Francisco Tamara, no liu. q̄ fez de todas as nações do mundo: onde tambẽ diz, q̄ junto do monte Athlas situado na Ethiopia, estã hũa grande lagoa, chamada Tritonida, no meyo da qual estã hũa fermosa ilha, chamada Hesperia, pouoada de Amazonas; as quaes tem os costumes, q̄ teinho dito das outras.

Li. 3.

¶ Na prouincia destas Amazonas da Ethiopia ha muitos Grifos, q̄ são aues grãdissimas de rapina. Nella estaõ hũas serras altas, & fragosas, sobre as quaes dizem q̄ se cria a fermosa aue Fenix, que he hũa sã no mundo, & que os naturaes da terra tem conheçimento della

Grifos:

Aue Fo-
nix.

& a vem muytas vezes, & he muy grande, & fermosa. Isto refere o Patriarcha allegado.

¶ CAPIT. TERCEIRO
 Dos Reynos de Bagamedri, & Dãbia, & suas igrejas admiraveis, & do rio Nilo, & sua Catadupa.

DA linha Equinocial pera o Norte se vay estêdêdo o grã de Reyno de Bagamedri, pouoado de Gétios, no qual dizem, que ha minas de prata, de que os naturaes se não aproueitão, porq̃ saõ muy priguçosos, & não se querem occupar ê cousa algũa, que lhe de trabalho, & por isso saõ pusillanimes, & pobres. Neste Reyno êtra o rio Nilo, o qual naçe no sertão desta Ethiopia de hũ grã de lago, chamado Barzêna situado em doze graos dabãda do Sul (segundo a mais certa informaçãõ q̃ tiue) oqual he cercado de altissimas serras, & asperissimas môtanhas, particularmente de Leste, por ôde sae este rio, q̃ saõ as terras habitadas de Cafres Gétios, chamados Cafates barbaros, muy robustos, & dados à caça das feras, & animaes siluestres. Daqui vay correndo

esterio ao Nordeste, atê o segundo lago, q̃ està debayxo da linha: donde vay continuando pera Leste, & Nordeste, passan do por algũs Reynos do Prestê atê chegar à ilha Mèroe; & dali torna ao Nordeste, atê o Reyno de Dãbia, pouoado de Christãos Abexis. Eneste Reyno faz hũ cotouello, & torna a voltar pera o Sudueste por espaço de cincoenta legoas pouco mais, ou menos, & dalli faz outras duas voltas, hũa pera o Nordeste, & outra pera o Norte, até se meter no mar Mediterraneo, por sete braços, defronte da ilha de Chipre. Os dous principaes sãõ Damiata, que fica pera o Levante, & Rosseto pera o Ponente, junto de Alexandria.

¶ Do cotouello, q̃ este rio faz no Reyno de Dambia, comecou o Preste Ioão, chamado Alebãle, a romper a terra, pera lançar sua corrente, que fosse entrar no mar Roxo, como refere Francisco Aluarez, posto que Ioão Botêro diz q̃ el Rey Sesostrres começou a cauar a terra; do Nilo pera o mar Roxo, & depois d'elle Dario reçoando que o mar Roxo allagãse o Egypto cõ suas agoas salgadas, & se perdesse, desistio des

ta obra; & depois os Ptholemeos lhe fizeram hũ grande lago de çem couados de alto, em que se recolhessem suas agoas, pera que não passassem ao mar Roxo, nem as do mar Roxo ẽ trassem nas terras do Egypto & as salgassem, por q̃ totalmẽte se perderião, & não serião habitadas, porquanto nunca choue nellas, & samente com as ẽchẽtes deste rio se regão de tal maneyra, que todas se semeão, como se lhe chouera a seus tempos. Estas enchẽtes socedẽ ordinariamẽte em tres meses do anno, que sãõ Iulho, Agosto, & Setembro: & a causa he, porque neste tẽpo he a força do inverno em muytas partes da Ethiopia, por onde o Nilo corre; o qual recolhendo em si todas estas agoas, vem correndo por ẽtre grandes serras, de que he çercado, atẽ chegar ao Egypto que tem as terras chans, & nellas espraya, como fica dito.

¶ Neste Reyne faz o Nilo hũa grande lagoa, que tem trinta legoas de comprido, & vinte de largo, & nella ha muytas ilhas grandes, & fertilissimas, entre as quaes esta a famosa ilha Siẽne, onde ha Conuẽtos de Religiosos: nos quaes ha duas igrejas abertas em pedra vi

ua, muy grandes, & de excellẽte obra: as quaes affirmãõ os naturaes, que forãõ edificadas pollos Anjos, porque no principio desta Christãdade forãõ achadas miraculosamente, pollos Christãos nouamente convertidos, & dentro nellas hũa Cruz, & hũa imagem de N. Senhora com o minino IESV no collo, feitas de pedra, muy primas, & bem talhadas. O q̃ parece quis Deos mostrar no fũdamento desta Christandade, pera confirmação dos Fieis. E pi amẽte se pode crer isto ser verdade, pois Deos tem mostrado aos homens outras semelhantes marauilhas obradas pollos Anjos, como foy a sepultura q̃ mãdou dar a S. Catherina martyr no monte Sinay, & a q̃ deu a S. Eiria martyr dentro no Tejo, junto a Santarem, & o Templo de marmore, q̃ os Anjos edificarãõ no mar da ilha Transpontina, em q̃ sepultarãõ o corpo do glorioso S. Clemẽte, Papa, & martyr. Isto mesmo se crẽ da pedra quadrada, de q̃ fazem menção as Chronicas da India q̃ se achou miraculosamente ẽ hũs alicesses, q̃ se abrirãõ pera se edificar hũ Templo ao Apóstolo S. Thome na cidade Meliâpôr, na qual pedra estava hũa

Apostolo S. Thome na cidade Meliapôr, na qual pedra esta-ua hũa cruz étalhada, çercada de gotas de sangue inda fresco, com hũas letras, que referião o martyrio do Apostolo. Da mesma maneira se pode afirmar, q̄ he obra feita pollos Anjos aquella tã marauilhosa imagem de nossa Senhora, q̄ se manifestou aos moradores da ilha Tanarife, q̄ he hũa das Canarias, a qual appareceo nesta ilha, sendo inda de Gétios, em hũa lapa, onde os pastores se costumauão recolher das calmas, & chuvas. Hũ dos quaes entrando hũ dia na dita lapa, vio dêtro esta imagẽ rodeada de muito resplendor. E cuidãdo q̄ era algũa phantasma, leuou de hũa pedra pera lhe tirar cõ ella, mas o braço lhe ficou logo secco com a pedra na mão fechada: E deste modo permittio Deos, & a Virgẽ nossa Sñora, q̄ ficasse todo o tẽpo que viueo, em testemunho deste milagre. Sabido isto pollos mais pastores moradores da ilha, tiueraõ esta imagẽ em grã de veneraçãõ, dizendo q̄ era a mãy do Sol: pollo q̄ lhe fazião cada anno grandes festas. Mas depois q̄ os Castelhanos possuirãõ esta ilha, lhe fizeraõ hũ

templo mui sumptuoso, q̄ hoje he dos Religiosos da Ordem dos Prégadores, onde està mui venerada, & solênizãõ sua festa dia da Purificaçãõ, & tẽ feito assi no tempo dos Gentios, como dos Christãos infinitos milagres. De maneira, q̄ destes Tẽplos, & imagês, que piamente se crê serẽ feitas pollos Anjos, podẽmos inferir, que estes Tẽplos da Ethiopia, & suas imagês, serião tambem feytas por elles, como dizẽ os moradores de Dambia, segundo me cõtou o Veneziano, em q̄ atlas fallei, q̄ residio nesta terra.

¶ Abaixo da ilha Siene obra de 20. legoas, faz o Nylo a Catadûpa muy nomeada de q̄ tra-
 tãõ Ortelio, Botero, Tullio, & outros. Nesta paragem faz o Nylo hũa grandissima queda do alto de hũa rocha muy alcãtilada, q̄ terã de altura meya legoa, & de rãõ alto cae toda a agoa junta de pancada sobre hum profundissimo pego, çercado de altas, & mui fragosas serras, & faz na queda tanto estrôdo por entre ellas, q̄ atroa os ouvidos, & soa mais de hũa legoa. Chamase este lugar na lingua da terra Catadî, dôde parece que os antigos lhe vierãõ a chamar Catadûpa.

Ort. na descr. do Nylo, no Teat. do mundo. Botero, na descr. do Nylo Tullio, no sonho de Scip.

¶ C A P I T V L O III.

¶ Do Reyno de Angôte, & serra em que metem os Principes, & dos officios admiraveis de Brigama, & das penitencias asperas & abusos dos Abexins.



A Linha pera o Leuante vay correndo o Reyno de Angôte. Neste

Reyno d' Angôte

Reyno está hũa serra grandissima, quasi redonda, tão alta, que se vay ás nuuês, & tão ingrime, & talhada na rocha dura do alto a baixo, que parece muro feyto a prumo, & ao picão. Tem de circuito mais de vinte legoas. Em çima della ha grandes campinas, & muytas fontes d'agoa. Nesta serra metem os infantes filhos de todos os Prestes, & nella se crião & moraõ toda sua vida, sem dalli nunca sayrem, tirando o Principe herdeiro do Reyno, porq̃ esse lamente fica na corte, onde se cria. Aos da serra dão mulheres com que casaõ, & nem ellas, nem os filhos, & netos podê dalli sayr pera fora, salvo quando morre algum Preste, que naõ deyxã filho herdeiro, porq̃ então se vão os tenhores do Reyno a esta serra

Serra onde se criã os infantes dos Prestes.

& trazem della o filho, ou parente mais chegado do Preste que então falleceo, & esse juraõ por Preste, se tem partes pera poder gouernar, & quando não he sufficiente, escolhe outro mais idoneo pera isso.

A causa deste ençerramento dos infantes, he porq̃ os Prestes antigos tinhão muitas mulheres de diuersas nações, & muitos filhos dellas, & não querião que estes sendo homẽs se leuantassem com algũs Reynos de seu imperio, & assi se diminuisse por têpos este grande senhorio. A esta serra são applicadas muitas rêdas pera comedia dos infantes, & suas familias, que la viuẽ em muitas pouoações; onde tambem ha conuentos de Religiosos, pera lhe celebrarem os officios diuinos. Tem esta serra tres portas por onde se entra nella, nas quaes ha muytas guardas, que não tem outro officio, mais q̃ vigiallas, & guardallas, & quaesquer outras pessoas, q̃ alli chegarem, tem pena de morte, o que se lhe defende por não leuarem nouas aos Principes do que se passa no Reyno, nem tambem trazerem de là secretamente algũs recados dos mesmos Principes, ou al.

algũas cartas pera pessoas de
cã de fora.

Prouin-
cia d Bri-
gama.

¶ Neste Reino està hũa Pro-
uinçia, chamada Brigama, que
confina com as terras de Ti-
grimahom; esta foy a segunda
que se fez Christã logo depois
da terra de Aquaxumo. Nella
viuião antiguamente os Reis,
como em Aquaxumo viuião as
Raynhas. Aqui està hũa no-
bre & sumptuosa igreja, cha-
mada Santa Maria d'Ancõna,
& outras muitas obras, & edi-
ficios Reaes, entre os quaes ef-
tão grandes piramides, & pa-
drões leuantados, com seus ler-
treiros, que ninguem pode en-
têder, como os de Aquaxumo.
Perto deste lugar està hum cõ-
uento de Religiosos, chama-
do Alleluya, o qual man-
dou alli fazer hum Rey, por
lhe dizer hum frade santo, que
ouue nestas partes, que naquel
le lugar ouuira aos Anjos can-
tar Alleluya. Este frade (segũ-
do conta Fr. Serafino Razzi,
na Chronica da Ordem de S.
Domingos) foy Religioso da
mesma ordem, dos primeyros
oito que foraõ prêgar a estas
partes, como adiante direy.

S. Maria
de Ancõ-
na.

Cõuêto
chamar
do Alle-
luya.

igrejas d
N. S. &
de Chris-
to.

¶ Nesta Prouincia de Bri-
gama estão duas igrejas funda-
das em duas terras debaixo do

chão: hũa he da inuocação de
nossa Sñora, & outra de Chris-
to. São muy grandes, & de grã
de magnificencia, lauradas em
pedra preta muito fermosa, cõ
suas columnas da mesma pe-
dra. A de Christo tem tres se-
pulturas, hũa de hum Preste,
chamado Abraham, o qual dei-
xando o gouerno do Reyno,
se fez clerigo, & edificou esta
igreja nesta lapa, ondẽ dezia
missa sempre, & dizem que foy
santo. Outra sepultura de hũa
sua filha. E a terceira de hum
Patriarcha de Alexandria, que
vindo alli visitar o Rey polla
fama de sua vida, falleceo, &
foy enterrado na mesma igre-
ja, por mandado do mesmo
Rey.

¶ Na mesma Prouincia es-
tão dez igrejas, que mandou
edificar hum Preste chamado
Lalibella, que reynou oiten-
ta annos. Todas são lauradas
em pedra dura de muytos la-
uores, & primas laçarias. São
de muitas naues, com suas co-
lumnas da mesma pedra. A ma-
yor destas he hũa, chamada S.
Saluador, a qual tẽ cinco na-
ues, & e cada hũa sete colũnas,
& em cada cabeça de naue hũa
capella muy bem laurada, cor-
tada na mesma rocha, com

10. igre-
jas debai-
xo da ter-
ra.

O 2 suas

suas columnetas bem tiradas, & lauradas, & nos portaes das igrejas tem a mesma obra, & outras muytas particularidades, & grandezas, que sera infinito contallas.

¶ Em todas estas igrejas, & cōuentos, que ha por estas Prouincias, viuem muitos Religiosos, os quaes polla mōr parte são muy penitētes, & abstinentes, & particularmēte na Quaresma, que entre elles começa da segūda-feira da Sexagesima dez dias antes da nossa. Neste tempo ha muitos que não comem pão, & sōmente com heruas cozidas passaõ a Quaresma: outros que fazem esta penitēcia hum anno inteiro, outros toda a vida. Outros ha, que é toda a Quaresma se não deitão, nem assentaõ, & sempre andão em pê, & quando o cansasso & sono os vence, tē hūas casinhas muy estreitas (quanto hūa pessoa possa estar em pê entallada) onde se metem, & no lugar onde lhe fica o assento tem hum releixo, ou encayxo de tres dedos, onde descansa o corpo, & no lugar em que ficão os cotouellos, outros releixos do mesmo tamanho, onde poem as pontas dos cotouellos, & assi descansão com

este pequeno encofsto, estando sempre em pê. Outros se metē em tanques d'agoa atē o peçoço no tempo dos frios, onde estão em pê toda hūa noite fazendo penitencia. Outros se metem em couas, & lapas pollo deserto, onde não comem mais que heruas de tres é tres dias, & isto em quanto dura a Quaresma.

¶ Com auer Religiosos tão penitentes, & seculares, que tambem os imitaõ na mesma penitencia, não faltão outros muytos, que na guarda dos jeuns da Quaresma são mui deprauados, porque os mais delles seguem hum abuso, que tē como ley, que he dizerem que podem comer carne dous meses inteiros depois que casaõ, & assi muitos deyxão os casamētos pera o principio da Quaresma, & antes que entre, casaõ & ficaõ comendo carne em toda ella, & o mesmo fazem no Aduento. E quanto aos Sabbados, & Domingos (que ambos são de guarda entre elles) he costume geral comer é sēpre carne em toda a Quaresma, sē lhe ser prohibido. E tambem podem casar com muytas molheres, & não lhes he defeso polla justiça secular, senão

Abusos
deprauos
dos dos
Abexis.

Asperas
peniten
cias dos
Religio
sos Abe
xins.

polla

polla Ecclesiastica, & a pena que lhe daõ, he não lhe darem communhaõ, nem officios na igreja, inda que sejam clerigos, nem se ajuntarem nas procifões, & ficarem como excõmũgados: & muitos ha que viuẽ desta maneyra muitos annos, & como se enfadaõ das molheres daõlhe libello de repudio, & ficaõse com hũa sò, & entãõ saõ admittidos outravez à graça da igreja.

¶ CAPITULO QVINTO

¶ Dos Reynos Amara, Xoa, Fartigar, Adea, & das cousas notaveis que tem.



O Reyno de Angõte pera o Norte vay correndo o Reyno de Amara, cujas rendas quasi todas tem o Preste applicadas pera as igrejas de seus Reynos. Pera o Nordeste se vay estendendo o Reyno de Tigãre, de que fallarey abayxo. E pera Levante o de Xoa, todos tres pouoados de Christãos Abexins de corbaça, polyticos, & muy bem entendidos. E todos estes tres Reynos saõ abũdantes de mantimentos. De trigo, çeuada, fauas, legumes, & frutas, caça,

creações de vaccas, cabras, & ouelhas, em grande quantidade.

¶ No Reyno de Xoa reside ordinariamente o Preste Ioã, aysi por ser muyto sãdio, & de bõs ares, como por estar quasi no meyo de seus Reynos. Neste Reyno estã hum passo muy perigoso, por onde se caminha de muytos Reynos do Levante pera a Corte do Preste, por não auer outro caminho mais acomodado, por causa das grãdes serras, & valles profundissimos, que atravessaõ este Reyno. Este passo he de cinco legoas, & todos se andãõ porçima de hũa muy alta serra, cujo caminho he muyto ingreme, & particularmente em espaço de hum tiro de bêsta he tão estreyto, que escassamente cabẽ por elle dous homẽs a cauallo, indo emparelhados, & de hũa parte, & da outra he a serra tão alcantilada, q̃ faz medo caminhar por ella, & aysi perigaõ aqui muytas caualgadas, que se desuiãõ do caminho, porque lhe escorregãõ os pês, & antes que cheguem aos profũdos valles, jã vaõ feitas em pedaços. Na entrada deste caminho de hũa parte & da outra, estãõ hũas

Portas d
Badaba-
xa.

portas, onde pagão direytos ao Preste todos os que por elle passaõ, com tanto perigo de suas vidas. A este passo chamaõ Badabaxa, que quer dizer Terra noua.

Reino d
Fatigar.

¶ O Reino de Fatigar con-
fina com o de Xoa da parte de
Leuante, he pouoado de Chri-
stãos sogeitos ao Preste: a môr
parte deste Reyno he de ter-
ras campinas, onde ha muy-
tas creações de gados, vaccas,
cabras, ouelhas, egoas, & mul-
las. He muy abundante de tri-
go, çeuada, fauas, & todo o ge-
nero de legumes. Tem figos
da India, pessegos, & vuas, as
quaes frutas começã no prin-
cipio de Março, & acabaõ no
fim de Abril, que he o Veraõ
destas terras: porque o inuer-
no começa meado lunho, & a-
caba meado Setembro, pouco
mais, ou menos. Neste Reino
estã hũa ferra, de mais de vin-
te & çinco legoas de roda, &
he quasi quadrada, muito alta,
& ingrime, tem ençima gran-
dissimas campinas, & no me-
yo dellas hũa lagoa de quatro
legoas de comprido, & hũa de
largo, onde se criã muitos, &
grandes peixes. Ao redor des-
ta lagoa estã muitas pouoa-
ções dos naturaes da terra, &

ferra grã
dissima,
onde estã
hũ lago.

algũs conuêtos de Religiosos
mui abastados, & ricos.

¶ De Fatigar pera o Ponen-
te ficão as Prouincias de Gan-
ze, & Gamû, de Gentios pre-
tos, de pouco fausto, & menos
estimados, sogeitos ao Preste.
De Fatigar pera Leuante, estã
o Reyno de Oya, pouoado de
Christãos, & Gentios, sogey-
tos ao Preste.

Prouin-
cias de
Gáze, &
Gamû.

Reinod
Oya.

¶ De Oya mais pera Leuã
te, estã o Reyno de Adea, de
Mouros amigos, & vassallos
do Preste. Este Reyno dizem q̃
chega perto de Magadaxô, &
confina com os Maracatos.
Nelle viuẽ muitos Christãos,
por ser a terra mui boa, & de
paz. Ha nestas terras muyta
frescura de aruoredos sylues-
tres, que não daõ fruto, muy-
tos mantimêtos, & gados. No
meyo deste Reino estã hũa grã
de lagoa, que parece mar, &
não se vê a terra de hũa parte
à outra, tem muito peixe, & ca-
uallos Marinhos, & hũa ilha
pequena, onde estã hũa casa de
Religiosos, que hum Preste al-
li mandou fazer (sem embar-
go de ser esta terra de Mou-
ros) & applicoulhe algũas ren-
das, dos tributos q̃ este Rey-
no lhe paga.

Reinod
Adea.

Grande
lagoa.

¶ Deste Reino d'Adea pera o
Nor.

Norte, jaz húa Prouíncia de Christãos, chamada Balgáda, na qual estão húas serras de sal em pedra, donde se tira muito em pedaços, que se leua a véder polos mais dos Reynos deste sertão, onde val muito, pola grande falta que delle ha pola terra dentro, & assi são infinitos os almocrenes, que de continuo o vão buscar a esta Prouincia, de todos os Reynos desta Região.

¶ Nestes Reynos viuê muitos Christãos, que decendem daquelles quatrocentos Portugueses, que da India foraõ em socorro do Preste Ioão, mãdados por el Rey D. Ioão III. em cõpanhia do Patriarcha Dom Ioão Bermudes, & do capitão dô Christouão da Gama, sêdo gouernador da India Dõ Esteuão da Gama seu irmão, filhos ambos do grande D. Vasco da Gama descobridor, & Almirãte domar da India Oriental. Destes 400. Portugueses ficaraõ muitos nestas partes, & nel las casaraõ, & multiplicarão filhos, & delles descendê os que inda oje viuê no Reino de Tigãre, Bãroa, & Annãna, sogeitos ao Preste Ioão. Porê inda q̄ viuê nas terras dos Abexins em nenhúa cousa segue seus er

ros, mas em tudo se cõformão cõ a Igreja Romana, guardãdo sua doutrina, & pureza na fê.

¶ C A P I T V L O VI:

¶ Do grande Reyno de Tygãre, & sua diuisão, & das Prouincias com que confina.



O Reyno de Anãgõte pera o Nordeste vay corrédo o grande Reino de Tigãre por entre o Reino de Amara, que lhe fica pera o Ponente, & o de Xoa, que jaz pera o Leuante, & alem de Xoa confina cõ as Prouincias Balgada, & Ianamõra, ambas poouadas de Christãos sogeitos ao Preste Ioão: & mais auante da mesma parte de Leste lhe ficão os Dobãs, Mouros bellicosos, q̄ sempre andão em guerra com os Christãos de Ianamõra, & assi hús, como os outros são muy efforçados, & grandes caualleiros, polla continua guerra em que andão. Alem destes se vay estendêdo Tigãre atê os Alarues Mouros, pastores de gado vaccûn, que habitão nas terras maritimas do mar Roxo, & dalli vay correndo da parte de Leste atê as terras de Suãquem.

Prouin-
cia Bal-
gada.

Serra de
sal.

¶ Da outra bāda do Ponente vay corrēdo este Reyno de Tigāre em muytas partes ao longo do rio Nylo, atē chegar às Prouincias dos Agāos Gē-tios, & dos Belloos Mouros, tributarios ao Preste em grande cōpia de cauallos. Com estes confinaō os Nobijs, que segundo dizem foraō antigua mēte Christaōs, fogeitos a Roma, donde lhe vinhaō Bispos, & morrendolhe o vltimo q̄ ti- ueraō, nūca mais lhe pode vir outro, por causa das muytas guerras, que ouue nos portos, & terras fogeitas ao Turco, por onde elles vinhāo, & assi foraō perdendo os ministros Ecclesiasticos, & juntamente o Christianismo, & a fē: & os que hoje viuem nāo tem ley algūa, & dizem que desejaō ser Christaōs, como antiguamēte foraō seus antepassados, mas nāo tem quē os possa instruyr na fē, porque o Preste lhe nāo quer dar padres pera isso, por quanto nāo são seus vassallos, antes trazē sempre guerra cō as Prouincias Dafila, & Canfila suas vezinhas, que são as vltimas fogeitas ao Preste: as quaes vindo do Ponente cercando o Reino de Tigāre con finaō pollo Leuante, com as

Nobijs
antigua-
mente
Christã-
os.

terras de Suâquē, perto do mar Roxo, onde fenece esta Ethio pia Oriental.

¶ Saindo das terras de Suâ- quem pera o Norte, começão as Prouincias do Egypto, po- uoadas de Mouros, & Gentios, & de algūs Christaōs, & Iudeus & todos fogeitos, & tributa- rios ao Turco. De Suâquem atē o Cayro cidade principal do Egypto, são dez, ou doze dias de caminho, muita parte delle despouoado, por nāo ter agoa pera beber: & com tudo isso dizem que ha nelle algūs Mosteiros de Monges, que fa- zem aspera penitēcia, entre os quaes estā o Mosteiro onde vi ueo o bemaumentado S. An- taō, & da sua ordem ha muitos religiosos, que viuē nestas par tes. Por este caminho faziaō antiguamēte os Christaōs A- bexins cada anno sua romaria à casa santa de Hierusalē, quā do estas terras estauāo pacifi- cas, em que gastauāo hum mes de ida, & outro de vinda, pou- co mais, ou menos, a qual Ro- maria oje nāo podem fazer, se nāo com muito trabalho, & pe rigo de suas vidas, por causa das guerras do Turco, cō que tem os portos atalhados, & im pedidos.

Terras &
Suâquē,
& do E-
gypto.

Reino &
lingoa
Tigâre.

¶ Tornando pois ao grande Reyno Tigâre, he assi chamado, porque em todo elle se falla a lingoa Tigâre, que he a melhor, & mais polida destas partes. Este Reyno está reparado polo Preste em duas grandes senhorias, que são como grandes Reynos. A primeyra que fica pera o Sul juto de Angote, se chama Tigrimahom, que quer dizer senhor de grandes terras. E a segunda, q̄ vay pera o Norte, se chama Barnagais, q̄ significa Rey do mar, por quanto está perto do mar Roxo. Os senhores que gouernão estas duas Prouincias são postos polo Preste, & tirados quando lhe parece, como Vicerceis. Ambos tem debaixo de sua jurdição grâdes senhores. As terras são muy abundantes de mantimentos de trigo, çeuada, fauas, graões, lentilhas, feijões, & outros legumes. Tem muytas creações de vaccas, cabras, ouelhas, lebres, perdizes, porcos do mato: & também muytas feras, leões, tigres, Adibis, & outros bichos peçonhêtos. Neste Reyno ha grandes edificios, & sumptuosos templos, como se pode ver no cap. le. quinto.

¶ CAPITULO VII.

¶ Dos sumptuosos edificios de Aquaxumo, & das Raynhas Sabbâ, & Candâces, primeira Christã da Ethiopia.



A Senhoria de Barnagais está hũa Prouincia chamada Sabbaim, q̄ vay entestar no rio Nylo, donde era natural a Rainha Sabbâ, senhora de grande parte desta Ethiopia: & daqui foy cõ muytos Camellos carregados de ouro a Hierusalem, offerecello a Salamão, do qual ouue hũ filho, que depois foy Rey muy poderoso nesta Ethiopia. Polo tempo em diante socedeo neste Reyno a Raynha Candâces, & tinha sua Corte no lugar chamado Aquaxumo, onde se fundou, & principiou a Christandade destas terras, de que foy causa aquelle Eunucho mōrdomo desta Raynha, a quem o Apostolo S. Phelippe conuerteo, & bautizou, vindo de Hierusalem pera Ethiopia, como nos consta da sagrada Escritura. Este Eunucho depois que foy instruido na fè polo dito Apostolo, veyose pera Ethiopia muy contente, & cõtou a sua senhora Candâces o su.

Reyno
das Ray
nhas Sab
bâ, & Câ
dâces.

A. d. c. 3.

Cádâçes o successo q̄ tiuera no caminho
 cõ elle polla qual rezão ella se
 cõuerteo com toda sua casa, &
 foybautizada pollo mesmo Eu
 nucho, & depois ella mãdou
 bautizar a todo o seu Reyno de
 Buno, Cama, & Bono. Elogo
 edificou hũa sumptuosa igreja
 no lugar de Aquaxumo, onde
 tinha sua corte, & pos!he no-
 me Santa Maria de Syon, & di-
 zem que foy afsi chamada, por
 que de Syon lhe mandaraõ os
 Apostolos a pedra d'ara pera
 o seu altar, na qual vinha es-
 culpido o mesmo nome. Dizẽ
 mais estes Abexins de Aquaxu-
 mo gloriandose, que elles fo-
 raõ os primeiros Christãos, q̄
 ouue no mundo, & que nelles
 se cumprio a Propheçia de Da-
 uid, que diz, *Aethiopia praueniet
 manus eius Deo: A Ethiopia leuã
 tara as mãosa Deos, & o lou-
 uara primeiro q̄ todas as Pro-
 uincias, & nações do mundo.*

¶ Esta Igreja de Aquaxu-
 mo he de cinco naues, todas
 de abobada, & pedraria de can-
 taria bem laurada, na qual es-
 tãõ sete capellas muy fermo-
 sas, com seus altares, & Coro-
 alto de abobada, ao modo dos
 nossos. Tem hũa grande çerca
 em roda, de muro alto de pe-
 draria, & todo o campo que ha

entre o muro, & a igreja, he la-
 geado de pedras mui grandes,
 como campas. Fora desta çer-
 ca estãõ dous aposentos muy
 grandes, sumptuosissimos, que
 deuiã ser os em que morou
 a Raynha Sabbá, & depois
 a Cádâçes, onde agora moraõ
 dous Prelados, ou dignidades,
 que tem esta Igreja, cõ muitos
 Conegos, & frades, os quaes
 em todas as igrejas seruem jũ-
 tamente com os clerigos. Pol-
 lo campo em roda deste lugar
 estãõ mais de trinta pirami-
 des de hũa sò pedra, mui altos,
 quadrados, & bem laurados,
 & todos passaõ de cincoõeta, &
 de sessenta couados de altura,
 & seis de largo, & tres de gros-
 so, & cadahũ delles tem seu
 letreiro de letras antiguas, q̄
 os naturaes agora não enten-
 dem.

¶ Meya legoa deste lugar
 estãõ duas casas debayxo do
 chãõ, lauradas em pedra viua,
 onde ha muitas casas por den-
 tro, & retretes, & nelles postas
 arcas de pedra, grandes, & bem
 lauradas, onde dizem q̄ a Ray-
 nha Sabbà tinha seu thesouro.
 Perto deste lugar estãõ muitos
 picos altos, de pedra dura, em
 çima dos quaes estãõ edifica-
 das muytas hermidas cõ gran-
 de

Cádâçes
 primei-
 ra Chris-
 tã da E-
 thio pia.

S. Maria
 de Sion,
 primey-
 ra igreja
 da Ethio-
 pia.

Pfal. 67.
 vers. 34.

edificios
 de Aqua-
 xumo.

Pirami-
 des de A-
 quaxu-
 mo.

Thesou-
 ro da Ra-
 ynha Sab-
 bà.

S. Abba
licano.

de artificio, muy custosas, & de muitas rendas, onde estão sepultados algũs santos, que ouue nestas partes, entre os quaes está hũ chamado Abbalicano, o qual dizem que foy confessor da Raynha Candâçes.

¶ Em todos estes edificios, & outros muitos, q̄ deixo por abreuiar, se mostra muy bem a magnificêcia, & nobreza, que ouue antiguamête neste lugar onde a Christandade destas terras começou, com grande feruor, & perfeição na fê pura: & nella perseueraraõ os Abexins muitos annos, atè q̄ pollo tempo em diante, receberaõ a falsa doutrina de Eutiques, & do maluado Dioscoro Alexandrino, aos quaes veneraõ por santos, seguindo seus erros na fê, sendo desobediêtes ao Papa, & obediêtes ao Patriarcha de Alexandria, & guardando muitas ceremonias Iudaycas, como he a obseruaçia dos Sabbados, & dos jejuns, a çircuçisãõ dos miñinos, não comerẽ algũs manjares immundos, em darem libello de repudio a suas molheres, tomando outras:

¶ No anno do Senhor de 1316. sendo Papa Ioão XXII. foraõ oito religiosos da Ordẽ dos Prégadores em romaria a

Hierusalem, & dalli passaraõ a estas terras do Abexim cõ desejo de prêgar nellas a fê, & doutrinar estes pouos, & tiral los dos erros em que viuiãõ; & aproueitaraõ tanto com sua doutrina, que cõuerteraõ muytos delles, & fundaraõ casas da Ordem de S. Domingos, onde receberaõ muitos Abexins á Religiãõ, entre os quaes tomou o habito hum filho de hũ Rey vassallo do Preste Ioão, que depoyes foy martyrizado polla fê, como mais largamente cõtarey adiante. Destes Religiosos trata Serafino Razzi, & Luis de Paramo Inquisidor de Sicilia.

Razzi,
na Cron.
dos Pre-
gadores,
fol. 299.
Paramo,
lib. 2. de
orig. In-
quis. tit.
2. c. 9. fo.
237.

¶ CAPITULO VIII.

¶ Dos costumes dos Abexins, & erros que tem no Christianismo.



¶ Odos estes Abexins ordinariamête não comẽ mais, que hũa vez cada dia, & esta depois do sol posto. Os religiosos, & clerigos, jejuãõ a Quaresma estreitamête, de maneira, que muitos delles não comem mais que tres dias na semana, s. Terça, Quinta, & Sabbado. Não bebem vinho, nem comem carne, nem leite,

Erros q̄
segue os
Abexins

Seus jejús.

leyte, nem ouos, nem manteyga, comem somente legumes, & frutas. Os seculares também jejuão a Quaresma estreitamente, & todas as Quartas, & Sestasfeiras do anno, tirando o tempo que se mete entre o Natal, & a Purificação de nossa Senhora, & da Pascoa da Ressurreição, até dia da Trindade, porque nestes tempos não ha jejum. Toda a semana santa andão vestidos de preto, ou azul, & não falão huns com os outros, nem se saudaõ quando se encontraõ nas ruas, por quão Iudas com saudação, & beijo de paz entregou Christo nosso Senhor à prisão.

Igrejas pintadas com imagens.

¶ Todas suas igrejas são pintadas por dentro pollas paredes, onde tem muitas imagens de Apostolos, Profetas, & santos, & em particular a S. Jorge, que em todas as igrejas está pintado. Tem muitas imagens de nossa Senhora, & de Christo, & Cruzes, & em nenhũa té a Christo crucificado, tendo se por indignos de ver a Christo pollo em hũa cruz, onde fez tantas merçes ao genero humano.

Festas mouiueis.

¶ Celebraõ suas festas mouiueis, de Pascoa, Ascensão, & Spiritusanto, nos proprios

dias, & tempos, em que nós as celebramos: & na festa do Nascimento de Christo, Circunção, Epiphania, & de algus santos, também são conformes com nosco. O seu anno se começa aos 29. dias de Agosto, em que se celebra a Degolação de S. Ioão Baptista, & esse dia também he o primeiro do mes. O anno tem doze meses, & cada mes trinta dias, & acabado o anno sobejão cinco dias, a que chamão Pagomè, que quer dizer, Comprimento do anno, & no anno Bissexto sobejão seis dias, & assi fica o seu anno de tantos dias como o nosso.

Quando começa o seu anno.

¶ Suas igrejas todas tem duas cortinas, que as atrauefão: hũa está perto do altar com campainhas, & daqui pera dentro não entraõ senão sacerdotes: outra no meyo da igreja, onde não entraõ senão pessoas de Ordês: pollo que muitos fidalgos, & pessoas honradas se ordenaõ fomite pera poderẽ entrar nas igrejas.

Os seculares não entrão na igreja.

¶ Nenhũa pessoa entra calçada na igreja, nem se assenta nella, nem cospe dentro, nem menos deixão entrar nella cão né outro animal. Confessaõ se em pé, & em pé lhe dá o sacerdote a absoluição. Os frades,

Reuerencia q̃ tẽ às coufas da igreja.

&

Os clérigos casa. & clérigos rezão nas igrejas Psalms, & Hymnos. Os clérigos casaõ depois que saõ de Missa. Os frades não casaõ.

Ha muitas igrejas que tẽ Conegos, os quaes viuem juntos, em hum çercado em communi- dade: mas tem suas casas & mo- lheres fora da çerca, onde vão estar com ellas. Os filhos dos Conegos ficão Conegos, & co- mo saõ de idade seruem a igre- ja onde os pais andão, o q̃ não tem os filhos dos outros cléri- gos. Em todos estes Reynos não se paga dizimo à igreja, porque todas tem grandes ren- dás, de que viuem os ministros dellas.

Não se diz mais em cada igreja q̃ hua missa. ¶ Em nenhũa igreja se diz mais de hũa sò missa, aqual he pollo pouo, & não se diz por esmola, nem por defuntos. Di- zem as Epistolas, & Euange- lhos à porta da igreja, aos secu- lares, que estão fora della. Os sacerdotes cõsagraõ no altar, & não mostraõ o Sacramento ao pouo. Toda a gente q̃ vem à missa he obrigada a comun- gar, ou deixar de vir à missa, se não quer tomar cõmunhão, a qual lhe vão dar à porta da i- greja, no lugar onde se diz a Epistola, & Euangelho. Comũ gaõ todos, atẽ os mininos sub

vtraque specie: & acabada a co- munhão daõ hũa pouca d'agoa benta a cadahum dos que co- mungaraõ pera lavar a boca.

¶ O vinho com que dizem a missa se faz da maneyra se- guinte. Deitão passas de vuas de molho em agoa, onde estão dez, ou doze dias, & depois de bem inchadas, as deixão enxu- gar, & as pisaõ, & espreme em hum panno, & deste çumo que dellas sae fazem o vinho que bebem, & com este dizẽ missa.

¶ As vestimentas com que dizem missa, saõ ao modo de camisas grandes, & a estolla fu- rada pollo meyo, & metida pol- la cabeça; não vsaõ de mani- pulo, nem de amictõ, nem de cordaõ pera se çingirẽ. Os fra- des dizem missa com o capello na cabeça, & os clérigos com ella descuberta. Todos trazẽ as cabeças rapadas, & barbas compridas.

¶ Ninguem pode passar por diante das portas das igrejas a cavallo, & antes que cheguẽ a ellas saõ obrigados a se de- çer, & passar a pé com a caual- gadura pollo freo, ou cabresto & depois que passaõ a igreja tornão a caualgar, & fazem seu caminho. Tanta reuerençia tem às couças da igreja, q̃ quã- do

Cõ que vinho di zẽ missa

Modo d vestimẽ ta.

Não po de passar a cavallo por diate da igreja

Não se diz mais em cada igreja q̃ hua missa.

Como consagraõ & daõ co munhão

Reueren-
cia q̄ tē
à pedra
d'Ara.

do o Prêste muda sua corte pe-
ra outro lugar, também se muda
o altar em que lhe dizē missa,
& este leuão os clerigos nos
braços, & a pedra d'Ara com
muyta reuerencia, indo diante
hum Diacono tangendo hũa
campainha, & toda a gente se
afasta do caminho, & os de ca-
uallo se apeão, & fazem reue-
rencia à pedra d'Ara, & altar,
quando passa.

Quê he
seu Pre-
lado.

¶ O Prelado mayor destas
partes lhe vem de Alexandria,
mandado pollo Patriarcha, o
qual tem todos seus poderes:
& em toda esta Christandade
não ha outro Bispo mais que
este, a que chamão Abîma, que
quer dizer Padre, & este lò or-
dena os clerigos, & frades des-
tas partes, & quando este mor-
re vão buscar outro à Alexan-
dria.

¶ Temê muito nesta terra
as censuras, porque se o Prela-
do manda cõ pena de excõmu-
nhaõ a qualquer pessoa que fa-
ça algũa cousa, inda que seja õ
seu perjuyzo, logo a faz, o que
não faria doutra maneira.

De q̄ mo-
do dão ju-
ramento
em juy-
zo.

Quando se manda dar juramē-
to a algũa pessoa, poemse dous
clerigos à porta da igreja com
encenso, & brasas, & o que ha
de jurar poem as mãos na por-

ta da igreja, & hũ dos clerigos
lhe diz que falle verdade, & q̄
se jurar falso, que assi como o
leão traga a preza no mato, af-
si seja sua alma tragada do dia-
bo: & que assi como o trigo he
muido entre as pedras, assi se-
ja elle muido dos diabos: & af-
si como o fogo queima a lenha
assiseja sua alma queimada no
inferno: & se elle differ verda-
de, que sua vida seja alongada,
cõ muita honra, & sua alma go-
ze do Paraiso cõ os bœauentu-
rados. E a cada hũa destas mal-
dições, & benções responde o
q̄ jura, & diz Amen. Isto aca-
bado, dà seu testemunho, & vay
se cada hum pera sua casa.

¶ Quando morre algũa pes-
soa vão os clerigos a sua casa
com cruz, encenso, & agoa bê-
ta, & rezão lhe çertas orações,
& leuãono a êterrar aos adros
da igreja, os quaes estão çerra-
dos onde ninguem entra.

Como se
têrrão os
defutos.

¶ CAPITULO VIII

¶ Das Pouações, Corte do Preste
Ioão, vestidos, armas, creações,

¶ e fruitos das terras
do Abexim.



M todos estes Reî-
nos do Preste Ioão
não ha cidade, nem
lugar, que passe de
dous

dous mil vizinhos, & nenhum delles he çercado, nem acaftellado. As aldeas não tẽ conto, porque a mais da terra, he pouuada. As casas cõmumente sãõ redondas, terreas, algũas dellas cubertas de argamassa, & outras de palha, com sua çerca em roda, de pedra, ou de madeira. As camas em que dorme a gente nõbre sãõ catres cõ precintas de correas de boy, & a gente pobre sobre os couros dos mesmos boys. Não vsãõ de mesas, porque ordinariamẽte comẽ sobre hũas bandejas grãdes, sem toalhas, nem guardanapos. A louça de que se feruem he de barro preto muyto delgado, fino, & rijo. Muita gente desta come carne crua, & outros assada nas brasas. Os fidalgos, conegos, & religiosos andãõ vestidos, & a mais gente cõ muã anda nua da çintura pera çima, & hũa pelle de carneyro lançada ao hombro, atada do pé à mão, ao modo de çurraõ de pastor.

O Preste não tẽ certo lugar onde viua, porque o mais do tempo anda correndo seus Reynos, & onde quer que chega assenta sua casa & corte no campo, cõ grande numero de tendas, que cadahum dos que

anda na corte leua pera seu alojamento. Junto das tendas do Preste estãõ as da Raynha sua molher, que sãõ por todas seis ou sete tendas, muy grandes, & fermosas, forradas por dentro de muitas sedas. Todas estas tendas sãõ çercadas com hũas cortinas de cores, quarteadas ao modo d'enxadres, de branco, & preto, que ficãõ como muro das tendas, & em roda d'elle muita gente de guarda. A cozinha do Preste se faz em hũa tenda, que estã detras da em que elle mora hum tiro de bêsta, & de là lhe vẽ as iguarias em tigellas, & panellas de barro preto como azeuiche, postas em hũas bandejas; as quaes trazẽ pagens nas mãos, todos juntos debaixo de hum paleo. Afaltado hum grande espaço das tẽdas do Preste estãõ as das igrejas, onde se diz missa, & se çelebraõ os officios diuinos. E na frontaria das tẽdas Reaes outro bom espaço, estãõ as tendas da justiça, & logo se vãõ seguindo em circuito as mais tendas dos senhores, que andãõ na corte, que todas tomaraõ campo de grande mea legoa, ordecstãõ todas assentadas, & arruadas por sua ordem, como em hũa cidade

popu

Pouoar
ções del
tas ter
sas.

Como
andãõ vi
stidos.

Onde ha
bita o
Preste.

populosa, porq̃ nesta se acha tudo o que pode auer nas cidades, alsi de officiaes da terra, como de mercadorias de toda a forte, & outras muitas particularidades, em q̃ me não detenho, quaes pode cadahum julgar, que são necessarias pera hum tão grã de pouo, como he este, que anda com o Preste, cujo numero he de çincoenta mil homens de cavallo, & de mulhas, antes mais que menos, afora gente plebeya, que sera muita mais.

Não se escreuem cartas.

¶ Nestas terras não he costume escreverse hūs aos outros, nem ha escriuães, nem taballiães, porque todas as suas demandas, & sentenças são verbaes, aueriguadas, & julgadas diante das partes. Somente o Preste, & grãdes senhores tem escriuães de suas fazēdas. Não corre moeda nesta terra, nem o Preste a manda bater: as compras se fazem por troca de hūs cousas por outras, & particularmente do sal em pedra, que he a moeda ordinaria nestes Reynos, onde val muito, pollo pouco que nelles ha. Tem estas terras ouro, prata, cobre, & estanho, mas os moradores dellas tem tão pouco artificio, que o não sabem tirar

das minas, & fomento se aproveitão daquelle que as chuvas descobrem nas regueiras, com a corrente das agoas.

Todas estas terras são muy abundantes, & fartas de trigo, çeuada, milho, tafo, & guça, semētes que não conhecemos, de que se faz mantimento. Ha muitas fauas, graõs, feijões, chicharos, & outros legumes, tirando pipinos, & melões, & rabãos, que estes não se dão nestas terras. O Preste Ioão tem grandes reguengos, & campos que manda semear, & todo o trigo que delles se colhe manda repartir por pessoas pobres & honradas, & nenhum se recolhe pera seus çeleiros. Pollos matos ha muito mangericão, & pollas ribeiras muitos salgueiros: pollos campos, & terras grandes zambujaes. Ha muitas canas d'açucar, de que não sabem fazer açucar, & ser uemlhe de mantimento. Ha muitas vuas, & pessegos, que amadurecem em Feureyro, & duraõ atè todo Abril. Ha muita abundancia de mel, & colmeas, alsi nas pouoações, como nos campos, & da çera fazem muytas & boas vellas, cõ que se allumião. O azeite q̃ se gasta nestas terras he de hūs

Abundancia d'frutos.

A moeda q̃ corre he sal.

heruas,

heruãs que parecẽ pãmpillos, muyto louro, & fermoso, mas tem pouco gosto. Ha muytas aruõres de espinho, & pouca ortaliça.

Grãdes
creações
degados

¶ Ha nestas terras grandes creações de vaccas, cabras, & ouelhas, muitas aues como as de Portugal, s. perdizes de tres castas, lebres, galinhas do mato pintadas, grandes, & fermosas, codornizes, tollas, põbas, açores, falcões, gaviães, aguias Reaes, & ribeirinhas, tordos, pardaes, andorinhas, roxinoes; cotouias, patas brauas, adens, marrecas, garças, groues, emas, & outra muyta variedade de aues não conhecidas.

Muitas
feras, &
animaes

¶ Criãose nestas partes muitos leões, tigres, onças, lobos, veados, antas, vaccas brauas, porcos monteses, & porcos espinhos, gazellas, elefantes, gatos d'algalea, raposas, & outros animaes, & bichos de varias especies. Os bogios são tantos, que por amor delles ordinariamẽte guardão os pães, & searas, de dia semente, porque de noyte não saem a comer, & são tão daninhos, que se os não vigiassem, em dous dias destruirião as searas, particularmente no Reino de Bar nagais, onde são infinitos.

¶ As armas de que vsaõ cõmumente são arcsos, & frechas azagayas, espadas, sayas de malha, algũas espingardas, & capacetes, muytas & boas adargas: não tem bombardas, nem outras peças de artelharia, mais que algũs berços, q̃ lhe mandou elRey dom Manoel. Os instrumẽtos de guerra são trombetas, atabales de bronze ou cobre, & outros de pao, tambores de duas pelles, da feição dos nossos, mas não tão primos. Os caualllos em que pellejão cõmumente são da terra, pequenos, posto que ha muitos nestes Reinos, muy fermosos, & grandes, que vem de Arabia, & outros muito meliores, que vem do Egypto. Outras muytas cousas notaueis ha nestas terras, & Reinos do Preste, que sera infinito contallos, & hũa das melhores q̃ tem, he não auer Iudeus nel-

Armas d
que vsaõ

las: auendo Christãos,
Gentios, & Mouros.

FIM DO LIVRO
Quarto.

P

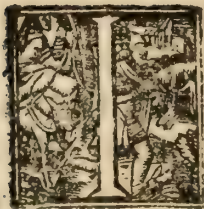


LIVRO QVINTO,

DA ETHIOPIA ORIENTAL,

EM QUE SE DA RELACAM DA COSTA de Melinde, & suas ilhas: & de toda a mais costa, atè o mar Roxo: & dos costumes dos habitadores destas terras: & de algũas cousas notaueis, que nellas acontecerã em nossos tempos.

¶ CAPIT. PRIMEIRO;
Das ilhas da costa de Melinde, & seus habitadores, & das varias seytas de Mafameda.



A remos visto as terras, & Reinos principaes, que correm pollo ser taõ dentro da Ethiopia, atè as terras do Egypto seu limite. Resta agora pera concluirmos a historia da mesma Ethiopia, relatar as terras maritimas, que a cercão, começando do Cabo Delgado, onde ficamos, atè entrar pollo Estreito do mar Roxo.

¶ O Cabo Delgado està em dez graos da parte do Sul, del le atè a linha Equinoctial se chama Costa de Melinde, que he da jurdição do capitão de

Mombâça. Nesta costa vem sayr o grande rio Quilimanci, ou Quilimangi, & o celebre rio Cuabo, ou Coauo, o qual dizê que nace de hum lago do rio Nilo. Ao longo desta costa estão muytas ilhas, pouoadas de Mouros baços, & Gentios Cafres, algũas das quaes são ilhas muy grandes, fermosas, & fertiles, como he Quiloa, Monfia, Zanzibar, Mombâça, Pemba, Lamo, Pate, & outras mais pequena. Em cada hũa destas ilhas tem o capitão da costa seu feitor, que lhe feitoriza suas mercadorias, que são escravos, Ambar, Tartaruga, Marfim, Cera, Milho, & Arroz, das quaes veniagas tem estas terras boa quantidade.

Em todas estas ilhas ha muytos palmares, & searas de milho, & arroz. Fazemse nellas muy-

Quiloa.
 Monfia.
 Zanzibar

veniagas
 desta
 costa.

Pannos
de Pate.

muytas embarcações, muyto cayro, esteiras, & palhetes de palha fina, muytos & bõs pannos de seda, & algodão, & particularmente na ilha de Pate, onde ha grandes teçelões, & por esse respeito são muy nomeados os pannos de Pate, de que se vestem os Mouros fidalgos, & Reys desta costa, & tambem as molheres de algũs Portugueses.

¶ Cadahũa destas ilhas tem seu Rey Mouro, os quaes todos são vassallos del Rey de Portugal, & todos lhe pagão tributo em reconhecimento de vassallagem, o qual arrecada o capitão da costa em cada hum anno. Todos estes Mouros foram antigamẽte estrangeiros nesta costa, como hoje nella são os Portugueses, porque são Arabes de nação, & sayraõ da Prouincia de Arabia Felix, da cidade de Larach, & vieraõ pouoar estas ilhas, & algũas terras da fralda do mar desta Ethiopia, onde fundaraõ grãdes & populosas cidades, & pouoações que hoje tem, & nellas viuem ha muitos annos já como naturaes da terra, & quasi semelhantes aos mesmos Ethiopes, assi na cor do rosto, como em costumes. Todos estes A-

Origem
dos mouros
de Ethiopia.

rabes seguem a seyta dos Persas, que he a interpretação q Ale fez sobre a ley de Mafamede, no que vão muy desuiados da seyta dos Turcos, os quaes seguem a Omar interprete de contraria opinião: pol la qual rezão tẽ hũs aos outros em conta de herejes na obseruancia da mesma seyta de Mafamede; & essa he hũa das causas, porque o Xá Ismael Sophi Grã Sultão de Persia he inimicissimo do Grã Turco, & traz sempre guerra com elle sobre a pretensão do summo Pontificado da seyta de Mafamede, allegando que lhe conuem legitimamẽte, por quanto segue a mais certa interpretação da ley que Ale fez, & o Turco lhe tem vsurpado o mesmo Pontificado, sendo hereje, & seguidor d'outra falsa interpretação.

Causa
das guerras
do Persa
co Turco

¶ E pera que esta differença de seytas melhor se entenda, he de saber, que depois da morte de Mafamede ouue algũas duuidas entre seus descendentes, sobre o entendimento da seyta que tinha deixado, pol la qual rezão quatro parentes seus mais chegados, & que mais o comunicauão, querẽdo cadahũ mostrar-se mais douto

4. seytas
de Mafamede.

na mesma ley, pretendendo cõ
 isso ser seu verdadeyro suces-
 sor, escreuerão todos quatro
 sobre a ley, cadahum por seu
 modo differente, variando em
 muytas cousas: pollo que resul-
 taraõ daqui quatro feitas, dif-
 ferente hũa da outra. Ale foy
 o primeiro que escreueo, & fez
 a feita chamada Immemia, se-
 guida dos Persas, Indios, &
 Gelbinos de Affrica, & dos A-
 rabes, que habitão as terras
 maritimas de Arabia Felix, dõ
 de os Mouros desta costa pro-
 cedem. Albubequer, foy o se-
 gũdo, que fundou a seyta Mel-
 chã, seguida geralmente de to-
 dos os mais Arabes, Sarrace-
 nos, & Affricanos. Omar, foy
 o terceyro, que fez a seyta Ane-
 phia, seguida dos Turcos, Su-
 rrianos, & dos Affricanos da-
 quella parte chamada Zahara.
 Odmão. Odmão, foy o quarto, que dey-
 xou a seyta Baanephia, ou Xa-
 phaya, como vulgarmente se
 chama, seguida tambem de al-
 gũs Mouros desta costa. De
 modo que os Mouros que se-
 guem hũa seyta destas, tem aos
 mais que seguem qualquer das
 outras por hereges, cuidando
 cadahum que a sua he a mais
 certa seyta de Mafamede, mas
 todas ellas são infames, & des-

honestas, & tão alheas da veri-
 dade, como he a noite escura,
 do claro, & fermoso dia.

A principal ilha de toda
 esta costa, foy antiguamente
 Quiloa, onde auita hũa muy no-
 bre, & sumptuosa cidade, de so-
 berbos edificios, como inda
 hoje se mostra em algũas mis-
 quitas muy grandes, que estão
 em pê, posto que muy dãnifi-
 cadas. Nesta cidade moraua
 hum Rey, que era como Empe-
 rador, & senhor de toda esta
 costa atè Sofala, & em todas
 estas ilhas, & rios tinha trato,
 vassallos, & feytoria: mas hoje
 he hum Rey muy pequeno, &
 pobre, & agora a mais nobre
 ilha, & mais rica desta costa he
 a de Mõbaça, onde està a nos-
 sa fortaleza, em que reside o ca-
 pitão da costa de Melinde, o
 qual antiguamente assistia o
 mais do tẽpo na cidade de Me-
 linde, antes que se fizesse esta
 fortaleza de Mombãça.

Ilha de
 Quiloa.

Fortale-
 za de
 Mõbaça

CAPITULO SEGVNDO

Da ilha de Pemba, & suas Empõ-
 fias, & das ilhas de Lamo,
 & Pate.



Efronte de Mom-
 bãça està outra ilha
 chamada Pemba,
 oito legoas ao mar

Ilha de
 Pemba,
 fertil.

pouco

pouco mais, ou menos afastada da terra firme, a qual tẽ nove ou dez legoas de cõprimẽto. He muy fertil de mantimẽtos, & em particular de arroz. Tem muitas & grandes criações de gado vaccũm, polla qual rezão val muy barato. Toda esta ilha he cortada de muitas ribeyras de agoa doce. Tem muitos matos cheos de lorangeiras, & limoeiros sem dono, deuolutos a quem quer colher delles, & algũs sãõ tão cerrados, q̃ não ha quem possa romper por elles. Tem muito rica, & grossa madeyra, de que se podem fazer muitas naos, & nauios. E com ser hũa ilha tão viçosa, fresca, & fertil, he muito doentia.

¶ Nesta ilha morarãõ sem pre muytos Portugueses, assi mercadores casados, como soldados, & soffriãõ as doencas da terra polla grossa & boa vida, que nella leuauãõ, por sua grande abundancia, & fertilidade: & tinhãõ senhoreado tanto aos Mouros da ilha, que atẽ o comer do fogo lhe tomãõ, particularmente os soldados vãdios, & ociosos, o que fazião não porque lhe faltasse cousa algũa, senãõ pollo não cozinharem, ou por zomba-

rem das Mouras. E alem disto lhe apanhauãõ tudo o que dellas auião mitter, sem pera ifõ lhe pedirẽ licença, nẽ satisfazerẽ cousa algũa. Estãõ opprimidos erãõ estes pobres Mouros com as perpẽtuas forças, que lhe fazião os Portugueses, não somente os moradores da terra, mas tambem os mercadores forasteiros, que a ella vinhãõ com suas fazendas, que não podiaõ viuer. Por que a galinha do Mouro, que entraua em casa do Christãõ, não era mais do Mouro, & se elle a pedia, respondialhe o Christãõ, que a galinha fora a sua casa, pera se fazer Christãõ, & que lha não auia de dar. E a mesma rapina lhe fazião das cabras, & dos porcos, que os Mouros alli criauãõ, pera vender aos mesmos Portugueses. Se o Christãõ passaua polla porta do Mouro, & azer taua de empeçar em algũa pedra, ou daua algũa topada, ou lhe socedia qualquer outro de fastre, o pobre do Mouro, ou Moura daquella casa lhe auia de pagar todo o damno que recebeo, ou com roupa, ou com galinhas, ou com fardos de arroz, de modo q̃ ficasse o Christãõ satisfeito à sua vontade:

Empõ,
fias de
Pembã.

& outras mil forças, & trapaças como estas lhe fazião: às quaes os Mouros chamão empôfias; de maneira q̄ eraõ mui nomeadas por toda esta costa as empôfias de Pemba.

Treição
dos mouros
de
Pemba.

¶ Não pôdêdo os Mouros desta ilha soffrer tâtas forças & afrontas, como de contino recebiaõ dos Portuguezes, determinaraõ levantar-se contra elles, & contra o seu mesmo Rey q̄ os sofria, & consentia, a qual determinação puferaõ em effeito, & hũa noite saltaraõ na pouoação dos Portuguezes, & nas casas do seu proprio Rey, q̄ perto delles estaua, & mataraõ muitos, así homens, como molheres, & mininos. E o Rey cõ algũs Portuguezes q̄ puderaõ escapar deste affalto fugiraõ, embarcando-se em Pangâyos, q̄ estauão no mar, perto da ilha, & se foraõ pera Mõbaça. E de então atè agora sêpre estes Mouros de Péba estiuerãõ leuãtados, & nunca mais quiserãõ obedecer ao proprio Rey, nê menos consentir Portuguezes na sua ilha. E posto que depois disso foraõ castigados por Matheus Mendez de Vasconcellos capitão desta costa, & o Rey metido de posse da ilha por força

d'armas, com tudo tornaraõ-se a levantar, como oje estãõ, tem quererem obedecer a seu Rey natural, q̄ está na fortaleza de Mombâça, feyto Christão, & casado cõ hũa Portuguesa das orfãs que vão deste Reino pera a India:

¶ Alem da cidade de Melin de está situada a ilha de Lamo, Lamo. onde ha muita criação de afinos muy grãdes de corpo, mas muito moles, & de pouco seruiço. Perto de Lamo está a fermosa ilha de Pate junto da terra firme, a qual he muito fertil & grãde, & senhoreada de tres Reys, que viuem em tres cidades situadas dentro na mesma ilha, pouoadas de muitos Mouros, que são Pate, Sio, & Ampãza, tributarias a el Rey de Portugal. Esta vltima cidade Ampãza foy antiguamente muito rica, & muy prospera, & de melhores edificios, que todas as mais cidades desta costa, & así era pouuada de Mouros mais arrogantes & soberbos, & grãdes inimigos de Christãos: pol la qual rezão foy castigada pollos Portuguezes, destruida, & posta por terra, como se

Pate, Sio
& Ampãza.

pode ver no capitulo seguinte.

sc.

¶ CAPIT. TERCEIRO,
 ¶ De hũa galê de Turcos que fayo do Estreito de Meca, a roubar a costa de Melinde, & do catineiro de Roque de Brito.

Galê de Turcos.



O anno do Senhor de 1585. fayo do Estreyto de Meca hũa galê de Turcos a roubar, & saquear a costa de Melinde, na qual vinha por capitão hum grande cofairo Turco de nação, chamado Mirãle Beque: & foy elle tão venturoso, que fez quanto quis nas pessoas & fazendas dos Portugueses, que estauão espalhados por toda esta costa, o que fez com muy pouco trabalho, porque os mais delles lhe foraõ entregues pollos Mouros, assi pollo odio que tem ao nome Christão, como pollos escãdalos, que cadadia recebãõ dos mesmos Portugueses. Neste tempo tinha fayo da capitania desta costa de Melinde Roque de Brito Falcão, natural da cidade d'Euora, o qual fazendo sua viagem pera a India em hũa fusta sua, com corêta mil cruzados seus em dinheiro, Marfim, Ambar, Cera, Breu, & muytos escravos, foy ter à ilha de Lamo, na

Roque de Brito.

qual teue nouas da galê dos Turcos, & logo começou de temer o q̄ lhe podia focer: mas o Rey da ilha (q̄ era Mouro, vassallo, & tributario à Coroa de Portugal) lhe disse q̄ não temesse, nê receasse a vinda dos Turcos, antes se deixasse ficar na sua ilha, porq̄ elle o defenderia, ou morreria cõ elle em sua defensão, & dos mais Christãos, q̄ vinhaõ em sua companhia, q̄ eraõ 40. pessoas Portuguesas, entre homês, mulheres & mininos, afora muitos escravos Christãos. Roque de Brito pareçendolhe q̄ as palauras do Mouro naõ eraõ fingidas, & q̄ era amigo seu, como sempre se mostrara, deixou se ficar na ilha: mas tanto q̄ os Turcos chegaraõ a ella, o trêdo Rey os fayo a receber, & meteo na ilha, & foy tão infiel, & falso, q̄ os leuou onde os Christãos estauão, pera lhos entregar todos à prisaõ: mas o esforçado capitão Roque de Brito (posto q̄ tinha pouca gête cõligo pera resistir a tãta multidão de Turcos, & Mouros) naõ se quis entregar, antes abraçando hũa rodella, & tomãdo hũa espada nas mãos, juntamête cõ cinco Portugueses, que o ajudaraõ, pelejou tão valerosamente,

Treição do Rey de Lamo.

Briga &
prisaõ d
Roque d
Brito.

que em pouco espaço de tẽpo tirou a vida a muytos inimigos primeiro que lhe tirassem sua liberdade: finalmente depois de auer hũa muy trauada briga, & Roque de Brito ja mui mal ferido, então foy rendido, & catiuo, & logo curado pollos Turcos com muito cuydado; por respeito do resgate q̃ por elle esperauão de auer, & depois foy leuado a Constãtinopla, onde falleceo de sua doença. De modo que os Turcos leuaraõ desta costa muitas & grossas prezas, q̃ montariaõ ao todo cento & çincoenta mil

Preza q̃
os Tur-
cos leua-
raõ.

cruzados, assi do que tomaraõ a Roque de Brito, & aos outros Portugueses, como tambẽ de dadiuas q̃ os Mouros desta costa lhe deraõ, & alem disso leuaraõ duzentas & sessenta pessoas catiuas, em que entravaõ corenta Portugueses, que lhe foraõ entregues em diuersas partes desta costa, pollos Mouros della, falsos, & trêdos

¶ Soube tão bem este boca do aos Turcos, que determinaraõ tornar a esta costa com mayor cabedal, & armada, pera nella fazerem hũa fortaleza onde se recolhessem, & fortificassem. O qual intento fauo-

reção grandissimamente os Mouros desta costa, & mais e particular os de Mombâça, & os de Ampâza, o que fazião e odio dos Portugueses, & de el Rey de Melinde nosso amigo, prometendo pera este effeito muitas dadiuas aos Turcos & todo o fauor, & ajuda q̃ lhe fosse necessaria. Com esta determinação se tornou o Turco pera o Estreito de Meca, leuando consigo a Roque de Brito, & a seus cõpanheiros, & a fusta que lhe tomou, cõ toda sua carga.

¶ CAPITULO QVARTO

¶ De hũa armada que veyo da India castigar os Mouros da costa de Melinde, & do martyrio de Ioão Rebello.



Icou o estado da India receando a tornada dos Turcos a esta costa, & assentarem nella como tinhamõ concertado cõ os Mouros falsos, & trêdos da mesma costa: tudo a fim de lançarem os Portugueses fora destas terras. O qual intento, se viera a effeito, recebera o estado da India muito danno, & a fortaleza de Moçambique muita oppressão, por ficar na

mesma

mesma costa. Pollas quaes rezões, o Viçerey dom Duarte de Meneses ordenou logo mandar hũa grossa armada, pera to mar vingança destas culpas, & castigar os Mouros daquella costa, pollã treição que fizeraõ aos Portugueses e os entregar aos Turcos, & em quebrar as pazes q̄ tinhão cõ Portugal, fauoreçedo, & recolhêdo os Turcos inimigos nossos em suas terras. Pera o qual effeito mandou Martim Affonso de Mello por capitão môr de hũa grossa armada de dous galeões, tres galês, & doze galeotas, em que foraõ 650. Portugueses, & por Sotacapitão Simão de Brito de Castro.

¶ Partio toda esta armada de Goa aos 9. de Ianeyro, de 1587. (que he o tempo em q̄ se nauega da India pera esta costa) & fazêdo sua viagem com prospero tẽpo, chegou a vista della aos 28. do mesmo mes, & querendo logo dar em Magadaxô çidade de Mouros, isenta, & soberba, passaraõ por ella de noite sem a poderẽ tomar, nem menos Braua, & outras pouoações desta costa: mas forãõ tomar vista de sete ilheos despouoados, que estãõ defronte da cidade de Ampãza, com

a gente toda fãa, & deseiosa de dar assalto naquella maldita cidade, mereçedora de todo o castigo que lhe logo veyo, porque alem de nella se entregarem algũs Portugueses com suas fazêdas aos Turcos, succedeo o caso seguinte. Hum dos Portugueses catiuos, chamado João Rebello, adoeçendona galle foy mādado polo capitão môr dos Turcos a esta cidade, pera que lho curassem; mas os Mouros della em vez de o curarẽ lhe derãõ grauissimos tormentos, & lhe fizerãõ muytos opprobrios, & injurias, porque não quis deixar a ley de Christo, & fazerse Mouro (sendo cometido pera isso). E finalmente lhe ataraõ hũa corda ao pescoço, & o arrastaraõ por toda a cidade, o q̄ tudo este martyr soffreo com grande constãcia, sendo ja de mais de çincoẽta annos, respondendo sempre aos Mouros, que nunca Deos permitisse que elle empregasse tão mal sua velhiçe, seguindo a falsa ley de Mafamede, & deixando a seu verdadeiro Deos, Iesu Christo, em tempo que tinha mais necessidade delle: & assi morreo arrastado, & apedrejado, com muito contentamento, como caualleiro fiel de Christo.

João Rebello martyr.

Morte de João Rebello

Estaua

Armada q̄vem da India pera esta costa.

Capitão môr. Martin Affonso de Mello.

Descrip
ção de
Ampâ
za.

¶ Estaua esta çidade de Ampâza em hum monte redondo, cercada em partes de vaza, & em partes de muro, & da parte do mar com grande, & grossa estacada de madeira. Era çidade muy grande, & muy chea de gente, prospera, & rica: o Rey que a pessuya era muy poderoso, & muy enuejado de todos os Reys desta costa.

Ao tempo que a nossa armada lançou anchora, veyo logo hū batel de terra tomar falla della, cudâdo ser a frota dos Turcos, que vinha do Estreyto de Meca, como tinha prometido, mas achando o contrario, voltou muy ligeiramente, & tornou à çidade com a noua do que era. O Rey chamado Estâbâdur, entendêdo muito bê que os Portugueses auião de pelejar com elle, & castigallo, pollas culpas que contra elles cometera, & que tinha pouca esperança de socorro de seus vizinhos, poys a todos tinha por inimigos, fez hūa falla a seus vassallos, da maneira seguinte.

Falla do
Rey de
Ampâ
za.

¶ Bem vedes amigos quam incerta he nossa vida, & saluação nesta hora, porque se fugimos pera a terra firme auemos de ser roubados, & por ventu-

ra comidos, ou catiuos dos Cafres. Os vizinhos que temos dêtro na ilha da çidade de Parte, & de Sio, çerto he que nos não haõ de focorrer, nem ajudar, antes entregar aos Portugueses, de quem saõ amigos. Pollo que nos fica fomite o remedio da espada, a qual ha de por em duuida esta conten da entre nôs & os Portugueses: & se vençermos, ficamos com muita honra, & nossa cida de com nossas familias, & fato seguro, & ficamos então pôdo os pês sobre os pescoços de nossos inimigos, & se morreremos, mais val que seja pelejando com os Portugueses, q̄ saõ caualleiros, que não comidos pollos Cafres, & finalmente eu ey de pelejar atè vencer, ou morrer. Ditas estas palauras, & outras semelhantes rezões, & çertificado dos grandes, & principaes vassallos que tinha estarem todos no mesmo parecer: ordenouse logo hum solenne juramento, em que todos jurassem de pelejar em defenção da patria, de seu Rey, & de suas familias, atè morrer na contêda, o qual juramento se pode ver no capitulo seguinte.

re.

¶ CAPITULO QUINTO

¶ De como foy destruyda, & arrasada por terra a cidade de Ampâza pollos Portugueses.



Anto que os Mouros de Ampâza se resolueraõem pellejar com os Portugueses, & defender sua cidade, ordenaraõ hum solemne juramento, com mil superstições, da maneira seguinte. Tomaraõ hũa nouilha brãca sem malha algũa, & puferaõlhe os olhos pera o Nacête, lançando sobre ella arroz com casca, ramos, & vinagre, com çertas paluras; & depois disto lhe derão hum golpe no pescoço, da parte esquerda com hum terço, do qual logo cayo morta. E porque cayo pera a parte onde estauão os Portugueses, ficaraõ muito alegres, tendo se por senhores do campo, & vitoriosos: & abraçandose hũs com os outros tres vezes, & tocãdo o giolho do Rey cõ a mão, & pondo a na cabeça, remeteraõ aos Portugueses, que já neste tempo cometiã a cidade, polla ordem seguinte.

¶ Desembarcou a nossa gente em baixamar, parte polla la

ma, & parte pollã agoa, atè sayrem a hũa praya, onde fizeraõ tres bandeiras: A primeira leuaua o Sotacapitão Simão de Brito de Castro. A do meyo leuaua o capitão môr dacosta de

Melinde. A terceira leuaua o capitão môr d'armada. E com esta ordem foraõ marchando pera a cidade, assi polla banda da praya, como polla parte da terra, onde auia infinitos Mouros, que estauão esperando aos Portugueses com muito esforço, & com elle os cometeraõ, & pelejaraõ varonilmete; mas durou pouco tẽpo sua resistencia, porque os nossos lhe romperaõ logo as tranqueiras, & foraõ entrando a cidade polla parte do mar com tanta furia, que os fizeraõ retirar. Por outra parte o capitão môr da armada foy rodeando a cidade, atè que tomou hum tezo alto, onde mandou tocar as trombetas, & ao som dellas foy comendo grande numero de Mouros, que estauão juntos em hũ corpo com o Rey, & Principe pelejando como leões no terreiro dos paços, onde logo foraõ mortos muytos Mouros, entre os quaes morreo tambẽ o Caçis grande, que era como

Ordẽcõ
que pelejaraõ os Portugueses.

Solenne
juramen
to dos
Mouros

morte

morte ficaraõ os Mouros mui defanimados, mas nem por isso deixaraõ de pellejar como esforçados pollo seu Rey que presente estaua, & á vista de suas molheres, & filhos, que tu do lhe acreçentaua o esforço. & vontade de pellicjar. Porem não podendo resistir tanto à valentia dos Portugueses, o Rey cayó morto a seus pês, & muytos Mouros ao redor del- le. Mas nem tudo isto bastou, pera os mais inimigos se darẽ por vencidos, antes se recolhe raõ em suas casas, onde se fize- raõ fortes de dez em dez, & de vinte em vinte, & dalli se de- fendiãõ muy valerosamente, fazendo muito damno aos nos- sos. Finalmente nada lhe va- leo, pera escaparem do castigo que mereçiãõ, porque foraõ mortos quasi todos, por respei- to de hum pregãõ que se lan- çou entre os Portugueses, que não perdoassem a coufa viua, o qual se cumprio tão inteyra- mente, que foraõ mortas mo- lheres, & mininos, bugios, pa- pagayos, & outros animais in- nocentes, com tanta colera, quanta mereçiãõ as culpas da quella cidade. E com tudo isto inda se catiuaraõ trezentos Mouros, & morreraõ à espada

quatrocetos: & dos Portugue- ses morreraõ somente quatro homens, que foraõ Frãcisco de Souza Rolim, dom Duarte de Mello, Vasco de Figueiredo, & Antonio Fernandez Mala- ca, & foraõ mal feridos 40.

¶ Depois que não ouue re- sistencia na cidade, logo se deu sacco em toda ella, o qual foy muy grosso, & de muita impor- tancia: & depois que os Portu- gueses foraõ satisfeitos, se lar- gou o sacco aos nêgros nossos amigos, & ajuntandose pera isso quasi quatro mil, dous dias inteiros acarretaraõ fato, & atè as portas das casas leua- raõ. O capitãõ môr da arma- da armou muitos caualleiros neste lugar, & mandou tomar a cabeça do Rey leuantada na ponta de hũa lança, & que fos- sem rodeando, & correndo a ci- dade com este pregaõ, que se daua ao som de trombetas.

¶ Iustica que manda fazer sua Magestade neste traydor, & re- belde Estambâdur, Rey q̄ foy desta cidade, a qual manda se- ja queimada, & assolada pera sempre, pollas treições q̄ nella foraõ cometidas cõtra os Por- tugueses. E logo lhe puferãõ fogo, & a destruyraõ de manei- ra, que não ficou pedra sobre

Sacco q̄ se deu à cidade.

Pregaõ da iustica.

Destruicãõ da cidade.

Morte do Rey Estambâdur.

Estrago dos mouros,

pedra,

pedra. E porque os Mouros não tornassem a pouoar aquelle sitio, forão cortados ao machado quantos palmares tinha em çircuito, que serião passante de oito mil palmeiras, que he a principal fazenda, & sustentação destes Mouros: de modo que não ficou alli mais que o campo raso, onde foy a soberba cidade de Ampáza.

¶ CAPITULO SEXTO;

De como foy castigada a cidade de Mombâça, & do mais que succedeo a esta armada.



Ornou a partir a nossa armada deste porto, & foy correda a costa, & foy seguindo outra vez de nouo a cidade de Lamo, Lusua, & outras, que estauão leuantadas, deyxâdoas tributarias a el Rey de Portugal, como dantes estauão. E querêdo o capitão môr castigar o Rey de Lamo, por entregar Roque de Brito aos Turcos, soube como era fugido polla terra dentro, & logo o declarou por leuantado. E daqui se fez à vella, & foy correndo a costa atè Melinde, cujos moradores ainda que Mouros, sempre forão nossos ami-

gos, & conseruâraõ a lealdade que deuião aos Portugueses.

O Rey veyo logo à nossa armada, & entrou na galè Capitaina muy contête, & galante. Vinha vestido cõ hũa Cabaya de Damasco roxo, trazia na cabeça hũa touca branca, bordada de amarello, & perfilada de ouro, ferragoulo de grãa, calções Portugueses, alparcas ricas nos pés, & hũ terçado cingido, que el Rey dom Manoel tinha mandado a seus antepassados. Era mancebo de vinte & quatro annos, de cor baça, & muy graue. Tanto que entrou na galè, assetouse na cadeira do capitão môr, que estaua na tolda, & mandou ao capitão môr que se assentasse, o q̃ fez em hum banco que alli estaua. Aqui festejou muyto a vinda da nossa armada, & obõ successo q̃ atè então tiuera. Os Mouros seus vassallos por festa jugaraõ em terra à choca, lutarão, & correraõ com grande contentamento.

¶ Algũs dias gastou a nossa armada neste porto, onde deyxou algũs feridos pera se acabarem de curar, & daqui se partio pera Mõbâça, indo em sua companhia el Rey de Melinde com tres nauios seus, & leuan-

do

Entra el Rey na nossa armada.

Festeja el Rey a nossa armada.

Parte a armada pera Melinde.

do configo muitos Mouros em fauor da nossa armada. Chegados ao porto de Mombaça, o capitão môr se foy a terra com toda a soldadesca, deixando toda a armada entregue a el Rey de Melinde, cousa que o Rey estimou grandemente.

Castigo
q se deu
a Mom-
baça.

Os Mouros da cidade quizerão fazer rosto aos Portuguezes, & pellejarão com elles cõ grande confiança, mas durou lhe pouco tempo seu atreuímento, porque logo nos primeiros encontros voltarão as costas com tanto medo, que nem dentro na cidade se deraõ por seguros, antes desemparrãdo de todo, fugirão pera os matos da ilha, onde se embrenharão, & os Portuguezes lhe foraõ dãdo nas costas, & matando quantos alcançauão: & juntamente entraraõ a cidade, sem acharẽ resistẽcia nella, por estar toda despejada, & logo lhe puseraõ fogo, com que ardeo muyta parte dellã; & assi mais lhe derubaraõ os muros quasi todos & totalmente ficãra posta por terra, se os Mouros não acudiraõ com bandeira de paz, perdindo misericordia, & concerto, o qual lhe cõcederaõ, & cessou a destruyção da cidade, & por isso deraõ quatro mil cru-

zados pera as despesas da nossa armada, & assi ficou Mombaça castigada cõ pouco damno dos Portuguezes.

¶ Depois de concluidas as cousas desta costa, partio se della Martim Affonso de Mello cõ toda sua armada, & foy correndo a mais costa atẽ o Estreito de Meca, & tomou porto na ilha de Sacotorã (que estã na boca do mesmõ Estreito) onde se refez de agoa, & do mais necessario pera a armada. E dalli partio pera a fortaleza de Ormuz, onde chegou a saluamento, & nella adoeceo de hũa graue infirmitade, & morreo. Pela qual rezãõ seu sogro, q estãua nesta ilha, chamado Simãõ da Costa, homem de muito ser, leuou aquella armada em paz, & a saluamento a Goa. A carbeça del Rey de Anpãza foy tambem leuada a Goa mirrada, & o Viçerey dom Duarte de Meneses a mãdou leuar por toda a cidade na ponta de hũa lança, com trombetas & tambõres, & pregaõ diante que dizia: Iustica que manda fazer el Rey de Portugal nosso Senhor, ao Rey de Ampãza, chamado Estambãdur, por ser trẽdo aos Portuguezes, com quem tinha pazes, & dar entrada

Tornase
a armada
pera a In-
dia.

Morteã
Martim
Aff. de
Mello.

Pregã fo-
bre Estã-
bãdur.

no seu Reino, & aos Turcos seus inimigos.

¶ CAPITULO SETIMO

¶ De como Mirâle Beque tornou com quatro galês a esta Costa, & de como foy lançado do porto de Melinde



O tempo que Martin Affonso de Melillo veyo da India com sua armada castigar os Mouros leuantados, & tredos da costa de Melinde, estava o Turco Mirâle Beque dentro no Estreyto de Meca, negociando algũas galês pera tornar a esta costa, & tomar nella força, & assento, como tinha prometido aos Mouros della, mas não se pode auiar tão de pressa como desejava, polia muita falta de madeyra, que ha dentro no Estreyto, & por esse respeito se deteu algũs annos em se auiar pera esta vinda. Muyto mal sofrirão os Mouros desta costa sua tardança, porque desejauão summamete sua vinda, pera os vingarem dos Portugueses, de quem ficaraõ tão magoados, & castigados, como temos visto no capitulo atras, & não sofrêdo tanta dilação, mandaraõ seus

embaixadores dêtro ao Estreyto, com presentes, & cartas a Mirâle Beque, pedindolhe muyto apressasse sua vinda, & viesse vingarem as afrontas, perdas, & mortes, que tinhão recebido dos Portugueses, & lança-los desta costa.

¶ Por esta causa logo Mirâle se resolveo em vir, pera o que arrou quatro galês, & a fusta que tinha tomado a Roque de Brito, & sayo polo Estreyto fora no anno do Senhor de 1580. & veyo correndo a costa até Magadaxô, cidade pouoada de Mouros, onde o receberaõ com muito aluorço, & lhe deraõ muito dinheiro, pedindolhe quisesse dalli por diante ser seu protector, & defensor contra os Portugueses. Daqui tornou a dar vella, & veyo correndo as demais cidades, & lugares de Mouros desta costa, onde todos lhe deraõ dinheiro, hũs com medo, outros forçados, & outros por sua vontade, & desta maneira veyo até Melinde, onde chegou hũa tarde já quasi noite, & logo mãdou amaynar as vellas, & lançar anchora ao mar, com determinação de dormir alli aquella noite, & no dia seguinte cõbater a cidade,

Torna da d Mirâle à costa d Melinde.

Embaxadados mouros a Mirâle

&

& fazerlhe todo o mal que pu-
desse, por quanto era de hum
Rey grande amigo de Portu-
gueses.

Láça Ma-
teus mē
dez os
Turcos
de Mes-
linde.

¶ Matheus Mendez de Vas-
concellos (capitão que então
era desta costa) estaua neste tē-
po aqui em Melinde cō el Rey
& vendo que Mirále tinha an-
chorado no porto, mandou lo-
go trazer hūs falcões, & assel-
tallos em cima de hũa coroa
de area, que estaua no mar, per-
to das galês, & d'ally as man-
dou esbombardear de noite, &
posto que fazia escuro, & os
tiros fossem dados à ventura
de acertar as galês, com tudo
algús pellouros deraõ nellas,
de que os Turcos receberaõ al-
gũ dâno: & por quanto não sa-
bião donde lhe vinha o mal, nē
se podião defender delle, nē po-
dião offender a qué lho fazia,
leuaraõ anchora, & forãose na
volta de Mombâça, sua vltima
derrota, com tenção de se faze-
rem fortes nesta ilha, & d'alii
fayrem com suas armadas pe-
ra destruyr Melinde, & lançar
os Portugueses desta costa, o q̃
Deos não permittio por sua
misericordia, atalhâdo as suas
danadas tenções. Porque an-
tes que estas galês saíssem fora
do Estreito, se soube em Melin-

de de sua vinda pôr espias, &
vigias, que o capitão desta cos-
ta traz sempre no Estreito. E ^{Auiso q̃}
têdo esta çerteza, mandou hũa ^{foy da}
fusta com estas novas à India, ^{costa à}
auisando ao Governador Ma- ^{India.}
noel de Sousa Coutinho da
vinda dos Turcos a esta coita
com galês, perã que lhe socor-
resse logo com armada, antes
que os Turcos chegassem, & fi-
zessem primeiro algũ dâno.

¶ CAPITULO OITAVO

¶ De como o Governador Mancel de
Sousa Coutinho mandou hũa grossa
armada da India socorrer a costa
de Melinde, & do que lhe
socedeo na viagem.



Anto que o Gover-
nador teue estas
novas, temendo o
muito damno, que
os Turcos podião fazer na cos-
ta, negoçcou logo hũa grossa
armada, em que entrãõ duas
galeaças, çinco galês, seis ga-
leotas de Traquète, seis Na-
uios, & hũa manchûa pera o
seruiço da armada: & mandou
por capitão mór della Thome
de Sousa Coutinho seu irmão,
com quem se embarcaõ pera
esta empresa nouecentos ho-
mēs de pelleja: Negoçeadas
todas

Armada
da India.

todas as cousas neçessarias, partiraõ da barra de Goa aos 30. de Janeiro, do anno do Senhor de 1589. com prospero vêtõ, mas depois que se engolfaraõ no mar, tiueraõ tantas tormentas, q̃ hũa das galês abrio & arribou a Goa, fazendo muita agoa, & a mais armada ali jou ao mar muita parte da carga que trazia, & apartandose as duas galeaçãs da mais frota de remo, ficaraõse no golfaõ, & os nauios, & galês vieraõ fazendo sua derrota pera a costa demandando a terra do deserto da Ethiofia, aonde chegaraõ a saluamento milagrosamente, porque vindo hũa noite marrando já com terra, quasi metidos no rollo do mar, viraõ em terra dous fogos, de que ficaraõ marauilhados, assi por ser terra deserta, & deshabitada, como por lhe parecer que vinhão inda longe della, mas com tudo logo voltaraõ pera o mar, & desta maneyra atemorizados andaraõ toda a noite, sem saberem em que paragem estauaõ. Vindo a manhã, que foy em 20. de Feuereiro, tiueraõ vista da terra deserta, & achonfe toda a armada, sem faltar vella algũa, saluo as duas galeaçãs q̃ tinhão ficado

Diuide
se a arma
da com
torrmeta

no golfaõ, pollo q̃ deraõ muitas graças a Deos, reconhecendo a merce que lhes tinha feyto, em lhe dar o final dos fogos, sem o qual toda a armada ouuera de dar à costa, & perderse. Com este contentamento foraõ correndo a costa, fazendo sua derrota pera Melinde, & o primeiro porto q̃ tomaraõ foy a cidade de Braua, pouada de Mouros amigos nosos, ou fingidos, ou forçados, como saõ ordinariamente os mais desta costa. A qui acharãõ noua çerta de como os Turcos eraõ vindos do Estreito com quatro galês, & hũa fusta, & tinhão passado pera Melinde, indo tyrannizando os Reys da costa, & pedindolhe grandes tributos, a hús quatro mil, a outros oito, & dez mil cruzados, conforme à posse de cada hum.

Saluafe
a arma
da por
milagre.

¶ Sabida esta noua çerta de sua vinda, foy polla armada muy festejada, com toda a artelharia, trombetas, tambores, pifaros, & gritas em geral com grande alegria. E com ella mãdou o capitão môr levar áchoras, & dar vellas aos 22. de Feuereiro, & foy tomar o porto de Ampâza cidade de Mouros q̃ Martin Affonso de Mello auiã dous ânos tinha destruido

Liuro quinto da Ethiopia Oriental:

O Príncipe de Ampâza visita o capitão môr.

matandolhe o Rey, como ficado dito. O Príncipe de Ampâza (que tinha outra vez pouxada esta terra, & remendado suas ruinas, & incendios) vendo a grossa armada dos Portuguezes, ficou assombrado, & mandou logo pedir seguro ao capitão môr, & licença pera vir à sua galê: a qual lhe deu, & veio a ella, onde foy bem recebido do capitão môr, & despedido com esperança de lhe fazer pazes da volta que fizesse, pro uando elle ser amigo dos Portuguezes, & não ter recebido, nem agasalhado os Turcos. Daqui fayo o capitão môr, & foy tomar a ilha de Lamo, onde fez agoada, por ser a melhor de toda esta costa, & de pouco trabalho, por estar à borda do mar. Aqui estava recado de Matheus Mêdez de Vasconcellos capitão da costa, pera o capitão môr d'armada, em q̄ lhe daua cõta como as galês dos Turcos estavam metidas em Móbâça, & como vinha nellas por capitão môr Mirâle Beque, de quẽ os Portuguezes desta costa tinham recebido tãtos males, como ficão ditos. Pollo q̄ lhe pedia muito não se detiuesse, por que se o Turco tiuesse nouas de sua vinda, auia de fugir. Sa-

bida esta noua pollo capitão môr, mandou logo dar vella, pera ir a Melide, onde chegou a 3. de Março, & ahi foy recebido com muito aluoroço, a si dos Portuguezes, como dos Mouros. Veyo logo Matheus Mêdez à galê capitaina, & deu conta miudamente ao capitão môr do estado dos Turcos, & de como lhe defêdeo q̄ não desembarcasse em Melinde, & estava aparelhado das cousas necessarias pera esta guerra, & q̄ toda a tardãça nella era muito perigosa. Informado o capitão môr de todas estas cousas, mandou logo lançar pregaõ, q̄ ninguẽ desembarcasse em terra. E tanto q̄ foy noite, elle somente cõ algũs fidalgos desembarcou, & foy visitar el Rey de Melinde amigo leal dos Portuguezes & leuoulhe hũ bõ presente, q̄ lhe mandaua o Governador da India, o qual recebeo cõ muito gosto, & festa. Estaua aqui tambẽ el Rey de Pêba, & o Príncipe, cõtra os quaes se tinham leuantado seus proprios vassallos, & esperauão que os Portuguezes os tornassẽ a meter de posse de seu Reyno, como fizeraõ, & adiante contarey.

Chega o capitão môr a Melide.

Visita o capitão môr a el Rey.

¶ Concluydas todas as cousas necessarias pa esta guerra, partiõ

pãrtio o capitão môr com toda a armada, que era de quatro galês, sete galeotas, & oito nauios, em que entraua hũa fermoza galeota, & hum nauio, que Matheus Mendes tinha na costa, & leuou consigo o mesmo Matheus Mendes, & o Rey, & Principe de Pemba, para o mandar meter de posse de seu Reyno. Forão nauegando ao longo da costa todo este dia, & a noite seguinte; & quando amanheçeo, acharão se de frente da barra de Mombâça, que foy hum Domingo finco de Março: com cuja vista se alegrarão todos grandemente. Tanto que forão vistos pelos Turcos; que estauão em hũa forte: que ja tinhão feyto à entrada da barra, logo despararão d'elle hũa grossa peça de ar telharia, & embandeirarão o mesmo forte, mostrándose guerreiros, & contentes com auidada dos Portugeses. Etanto que a armada se foy chegando, começaram de a seruir com muytos pelouros de ferro coado, por amor dos quaes se abrigou a nossa armada com a mesma Ilha de Mõbaça, peradalli se dar ordê à entrada do rio, q̃ parecia mais difficullosa do q̃ foy, como se vera no cap. seguinte.

CAPITULO NONO

¶ De como forão tomadas as galês dos Turcos; & destruyda Mombâça, & do mais successo desta guerra.



Anto que o capitão môr Thomè de Sousa Coutinho se pos na barra de Mombâça, meteose em hũa barquinha, para dar ordê à entrada dos nauios, & mandou a Matheus Mendez capitão da costa, que fosse na dianteira com os nauios pequenos & a pos elle fossem as galeotas, ficando elle capitão môr na retaguarda com as quatro galês. Isto ordenado, leuouse toda a armada muy embandeirada, cõ tanta grita & aluoro. çõ, ao som de tróbetas, pifaros & tambores, que parecia isto mais ser entrada de paz, & regozijo, q̃ conflicto de guerra. E desta maneira forão entrando todos os nauios em ala, & passando pollo forte dos Turcos, donde lhe tiraraõ muitos pelouros, mas quis Deos q̃ ne nhũ mal lhe fizeraõ, de que os inimigos ficaraõ mui sétidos; & em particular Mirãle, que estaua no mesmo forte, & sepre cudou meter no fũdo os nossos nauios,

Entrã a armada.

Brigadõ forte.

Q 2 nauios,

Chegão
capitão
môr a Mõ
bâça.

navios, & com tudo esperou pollas galês, parecêdo lhe que nellas por serem mayores empregaria melhor os pelouros: no que tambê ficou frustrado, porque tanto que a galê capitayna emparelhou com o forte, desparou nelle sua artelharria, & matoulhe o Condestable dos primeiros tiros, com cuja morte cessou o forte de tirar, & os inimigos, que nelle estauão, começaram de fugir pera a cidade. O que vendo Mirâle Beque, arrepellâdo as barbas, caualgou em hum cauallo, que alli tinha, & foy se com muita pressa pera a cidade, onde estaua o Rey da terra. Logo no mesmo tempo se sayo hũ mancebo fidalgo com cinco companheiros, & foraõ a terra em hũa barquinha, & cometeraõ o forte: onde acharaõ dous Turcos mortos, & dous viuos, que logo mataraõ, & tiraraõ as badeiras do forte (q̄ eraõ de seda muito fermosas) & tornaraõ se outra vez a meter na galê, dô de sayraõ, com muita festa.

¶ Socedeo neste mesmo anno, que hũa nação de Cafres, chamados Zimbas, sayraõ de suas terras, que estão junto dos rios de Cuama, & vieraõ correndo meya Ethiopia, destruin

do, matando, & comendo toda a coufa viua que achauão, assi gête, como animaes, & bichos: & desta maneira foraõ assolando todas as terras por onde passaraõ, atê chegarem defronte desta ilha de Mombâça, & asentarem seu arrayal na praya da terra firme, com determinação de entrarem na ilha, por hum passo, que de marê vazia se passaua cõ a agoa polla cuinta, pera matarem & comerem os moradores de Mombâça, como tinhão feito aos de Qui loa, de que já faley. E por este respeito os Turcos diuidiraõ sua armada, pondo duas galês & a fusta junto dos muros da cidade, & as outras duas galês neste passo, pera defenderem a entrada aos Zimbas, que craõ mais de vinte mil homês, & cõ elles pellejauão quasi todos os dias no mesmo passo. Nesta conjunção entrou a nossa armada pollo rio dentro, como tenho dito.

¶ Os navios pequenos, que hiaõ diante com Matheus Médez, remeteraõ logo às duas galês & fusta, q̄ estauão surtas junto do muro da cidade, as quazes despararaõ nelles duas vezes toda sua artelharria, mas quis Deos q̄ nenhũ mal lhe fizeraõ, pollo

Esforço
ã 6. Por
tugueses

Annõ
1589.

Liũ. 5.
cap. 21.

Brigã
dos nos
fos cõ o
Turcos.

pollõ que os nauios forão cõ
tinuando com seu acometi-
mento, & a balroarão as galês
com tanto impeto, que em me-
nos de cinco credos as rende-
rão, & tomarão, matando algũs
Turcos, que quizerão re-
sistir, porque os mais delles
se lançarão ao mar, & nadãdo
fugiraõ pera a çidade q̄ estaua
muito perto, & foy tanto o a-
nimo dos Portugueses que se
lançarão algũs añado nõ al-
cançe dos Turcos, & na praya
matarão algũs à espada, & pe-
ra os recolher foy necessario
lançar-se hum capitão dos na-
uios a nado, & chegar a terra,
& mãdallos recolher, & embar-
car. Estas duas galês, & fusta ef-
tauão ricas, & tinhão e si muy-
to ouro, prata, Ambar, Alga-
lea, Marfim, roupas finas, &
muytos escrauos, de que os nos-
sos soldados ouuerão grandes
despojos. Depois de rendidas
estas duas galês, & fusta; man-
dou o capitão môr aos mes-
mos nauios que as renderão q̄
passassem auante com duas ga-
lês mais, & fossem ao passo on-
de estauão as outras duas ga-
lês dos Turcos, & pellejassem
com ellas, & as tomassem.

¶ O capitão môr se deyxou
ficar cõ duas galês, & dous na-

uios defronte da çidade dãdo
ordem pera se tirarem as duas
galês, & a fusta dos Turcos de
junto da çidade pera o mar lar-
go, como logo se fez, & depo-
is disto mandou a Dom Fran-
çisco Mascarenhas com çem
companheiros que fossẽ ao for-
te que estaua na barra, & lhe ti-
rassem toda a artilharia que ti-
uesse: o q̄ se fez no mesmo dia
posto q̄ cõ muyto trabalho por-
serẽ as peças muy grãdes, & pe-
zadas q̄ erão esperas, & meas ef-
peras, & hũa peça muy fermoza
q̄ leuaua pelouro de 30. arratẽs.

¶ Os nauios q̄ passaraõ auãte
ẽbusca das duas galês dos Tur-
cos, q̄ estauão no passo dos Zi-
bas, tãto q̄ chegaraõ a ellas, lo-
go as abalroarão, & renderão
posto q̄ cõ mais trabalho q̄ as
primeyras, por q̄ nestas estaua
todo o pezo, & a melhor gente
dos Turcos, por causa dos Zim-
bas cõ q̄ pellejauão. Mas ainda
q̄ abriga fosse muy trauada nã
morrerão mais q̄ quatro Por-
tugueses, mas forã muitos feri-
dos, & dos Turcos morrerão
quasi çeto, & forão catiuos nes-
te fragrãte mais de 70. a fora os
christãos q̄ vinhão a bãco nas
galês q̄ logo foraõ soltos, & a
fora muytos escrauos de Portu-
gueses q̄ se tornarão a seus do-

Brigados
nauios
cõ as ga-
lês do pas-
so.

Catiuos;
& artilha-
ria que se
tomou
nas galês
dos Tur-
cos.

Grãde ef-
forçados
Portuge-
ses.

As galês
dos Tur-
cos fãto
madas, &
o forte
destruido

Acharãose nestas galés vinte & tres peças de bronze, entre as quaes estava hum canhão forçado, peça muy fermoza, & grande, de ferro coado, & cinco peças mais de ferro, q̄ estauão açestadas no passo cõtra os Zimbas, para lhe defenderem a entrada na ilha.

¶ Estes Zimbas estauão na terra firme da outra parte do rio à mira vendo toda esta brigada, que os Portugueses tinham com os Turcos, donde também exercitauão sua crueldade, por que algũs Turcos, que fugião das galês pera a terra firme cõ medo dos Portugueses, logo erão tomados pollos Zimbas, esquartejados, & comidos. Pol la qual rezão, vendo os Turcos opouco abrigo, que tinhaõ na terra firme, algũs delles se tornaraõ pera os nauios dos Portugueses escolhendo antes serem catiuos, q̄ comidos pollos barbaros Zimbas. Todo este dia se gastou em despojar as galês de muita riqueza que tinhaõ, em a ferrolhar os catiuos, & em curar os feridos.

¶ Passado este dia, logo na noite seguinte veyo hum recado d' el Rey de Mombaça à galê capitaina, pedindo misericordia ao capitão môr. O qual

lhe respondeo, que se elle entregasse os Turcos que tinha em sua companhia, então alcançaria o que pedia, & faria pazes com elle: pera o q̄ lhe daua vinte & quatro horas de espaço: & não querendo fazer o q̄ lhe pedia dentro nestetempo, escuzasse mandar lhe mais resposta, porque logo lhe auia de dar na cidade pondo a ferro, & fogo quanto nella ouuesse se deixar pedra sobre pedra.

¶ Ao outro dia polla manhã, sete de março, tempo em q̄ se acabauão as vinte & quatro horas de treguas, vendo o capitão môr que não tornaua recado, nem resposta d' el Rey, desembarcou em terra cõ quinhentos Portugueses muy bẽ armados, & guiados por hũa bandeira em q̄ estava Christo crucificado, foraõ entrando na cidade sem acharem resistencia algũa, porq̄ todos os Mouros della erão fugidos, & embrenhados pollos matos da Ilha. Comõ o capitão môr viu q̄ não auia resistencia na cidade, mandou a saquear, & por lhe o fogo: & depois disto se veyo recolhendo aos nauios, & de caminho mandou queimar hũa fermoza nao, & outros muitos nauios dos inimigos q̄ estauão

na

Os Zimbas come os Turcos.

Desembarcou os Portugueses e Mombaca.

Recado q̄ el Rey de Mombaca mandou ao capitão môr.

na praya da cidade varada em terra: & juntamente mandou quebrar os muros da cidade, & o forte que os Turcos tinham feito na barra.

¶ CAPIT. DECIMO,

¶ De como foy cativo Mirâle Beque, com os mais Turcos, por meyo dos Zimbas.



Depois que a cidade de Mombâça foy destruyda, vendo os Zimbas que já os Portugueses não tinham ali que fazer, mandáraõ hum recado ao capitão môr, dizendo que elles eraõ seus amigos, & não queriaõ guerra com elle nem com gente sua, & pois os Portugueses tinham acabada sua empresa tão honradamente, & com tanto danno de seus inimigos, que tambem elles queriaõ acabar a sua, em q̄ estauaõ auia muitos dias, que era entrar na ilha de Mombâça, & buscar os Mouros que estauaõ escondidos pollos matos pera os acabarem de matar, & comer. Não pesou ao capitão môr com esta embayxada, porque entendeu que os Mouros, & Turcos, que estauaõ escondidos na ilha com medo

de serem comidos pellos Zimbas, fugiriaõ pera a praya, que sendo antes o cativoiro dos Portugueses com vida que serem mortos, & comidos pellos barbaros: como acôteceo, porque sabido o tempo em que os Zimbas auiaõ de entrar na Ilha mandou o capitão môr no mesmo algũs nauios, & barquinhas das galês que fossem ao longo das prayas da Ilha, & se possessem em paragem onde fossem vistas da gente da terra, o que os nauios fizerão com muita deligencia.

¶ Estando pois neste lugar virão vir grande multidão de gente fugindo pera a praya, & girando pollos nauios que os tomassem, porq̄ os Zimbas lhe vinhão no alcance pera os matar, & comer: pello que logo se chegarão a terra quanto puderão, & às espingardadas defenderão os fugidos que se puderão chegar mais perto dos nauios: entre os quaes ueyo o capitão môr dos Turcos Mirâle Beque fugindo ençima de hum cauallo cõ o qual se meteo pollo mar atè lhe dar a água pollo pesçoço pedindo aos dos nauios q̄ o tomassem, como fizeram logo, posto que cõ algũ tra balho, porq̄ chouião sobre elle

Fogeõ os Mouros de mōbaça dos Zimbas pera os nauios dos Portugueses

Catiua foy Mirâle cõ muytos Turcos.

Embaxa da q̄ os Zimbas mādaraõ ao capitão môr.

Entraõ os Zimbas e mōbaça.

infinitas frechas dos Zimbas, que o vinhão seguinto, & o desejavaõ matar, polla muyta resistencia que lhe tinha feito no passo em que pellejou com elles. Vieraõ mais cõ este capitão trinta Turcos honrados, entre os quaes vinha hum capitão das suas galês, homẽ de muyta feição, & hum Xarife, que era Prouedor da sua armada. Tomaraõ aqui mais passante de duzentos Mouros de Mõbaça, que escaparaõ da boca dos Zimbas. E não poderaõ recolher mais gente, por serem os nauios pequenos, & estarẽ ja metidos no fundo com esta, que se tinha embarcado. Era magoa ver a fogar muitas mulheres, & crianças, que por medo dos Zimbas se lançauão ao mar, escolhendo antes a morte d'agoa, q̃ a do ferro cruel dos Barbaros.

¶ Depois que os nauios recolheraõ a gente que podião boamente levar, voltarão pera a nossa armada, que estaua surta no meyo do rio, & foraõ despejando parte da gente pollos outros nauios, Mirãle Beque foy leuado à galê Capitaina, & tanto que entrou nella fez sua cortesia, & cumprimentos ao capitão môr, como de ser

uo a senhor, & disse com muyto animo & prudencia: Não me espanto de minha aduersa fortuna, porque saõ successos de guerra: & mais quero ser catiuo de Christãos (de quem já outra vez o fuy em Hespanha) que ser comido dos Zibas barbaros, & deshumanos. O capitão môr o recebeo com benignidade, dizẽdo, que fizera boa escolha, de que lhe não auia de pesar ao diante. Catiuouse aqui tambem hum filho, & hũ irmão del Rey de Quilife; que estauaõ com el Rey de Mombâça. O filho se resgatou, mas o irmão foy degolado, por se lançar da banda dos Turcos, como adiante direy. Neste dia que foraõ 15. de Março, chegaraõ os galeões à barra de Mombaça, os quaes tinhaõ ficado no golfaõ da India. O capitão môr lhe mandou logo recado da vitoria que lhe Deos tinha dado, a qual foy muy festejada nos galeões cõ hũa fermosa salua de artelharia. Neste mesmo dia chegou o Principe de Pate com a sua gẽte, por que assi lho tinha mandado o capitão môr, pera se ajudar della na terra se fosse necessario. E porque ja não auia que fazer, mandou que se tornasse pe

Pratica
de Mirã
le Beque

Chegar
da dos
galeões.

Vida do
principe
de Pate.

Lastimo
so spec-
taculo.

ra sua terra, & fosse de caminho dando as boas novas da vitoria aos Reys da costa amigos dos Portugueses, o que elle fez de melhor vontade, que pellejar com Turcos & Mouros de Mombâça, que elle tinha por amigos.

Mãda o capitão môr meter de posse de Pemba ao seu Rey.

¶ Concluydas estas cousas de Mombâça, determinou logo o capitão môr de entender nas de Pemba; pollo que mandou a Matheus Médez de Vasconcellos capitão da costa, q fosse meter de posse o Rey de Pemba, que trouxera consigo de Melinde, o qual por rebelião, & levantamento de seus vassallos estaua desapossado do Reino. Foraõ em sua companhia algũs nauios da armada, pera que se os da ilha não quisessem obedecer a seu Rey, fossem castigados, & o Rey metido de posse por força de armas. Mas tanto que Matheus Mendez chegou a Pemba, não achou resistencia, nem contradicção algũa: antes muy pacificamente meteo o Rey de posse do seu Reyno, porque tão grande era o medo que toda aquella costa recebeo cõ a vinda desta armada, que nenhũa cousa cometeraõ então os Portugueses, por difficultosa que

fosse, que não alcançasse nella com muita facilidade.

¶ Não auêdo já que recear na ilha de Mombâça, nem que fazer em seu porto, entregou o capitão môr as galês dos Turcos aos capitães que as auiaõ de leuar pera a India, prouendoas de chufma, munições officiaes, & mantimentos, & mandou leuar toda a armada, fazendo sua derrota pera Melinde aos 22. de Março, & dahi a dous dias chegou à dita cidade, onde foy recebido com muyta festa, & alegria, asy do Rey como dos Mouros da terra. E logo o Rey, & o Principe, & Regedores de Melinde foraõ visitar o capitão môr à sua galê, & com grande admiração louuauão a merce que Deos fizera aos Portugueses, em lhe dar tão breuemête hũa tão insigne vitoria. E depois que entraraõ na galê, & viraõ nella preso a Mirále Beque cõ os mais Turcos, & Mouros nobres de Mombâça, ficaraõ pasmados, & disseraõ: Cõ os Portugueses não se tome ninguê, porque tarde ou cedo lho hão de pagar. Antes que el Rey de Melinde chegasse à galê disse o capitão môr a Mirále Beque que fallasse a el Rey cõ muita

Parte a armada pera Melinde.

Visita el Rey de Melinde o capitão môr.

cor

Cortesia, & grãuidade: ao que respondeo o Turco: Por mais que o asno se queira fazer cavallo sêpre ade ficar asno: querendo nisto dizer que hum cattuo pouca grauidade podia mostrar. No dia seguinte foy o capitão môr a terra visitar o Rey: onde foy recebido com muitas festas, musicas, tangeres, & bailos, & não se fartauão tôdos de louuar os Portugueses, & dar graças a Deos polla merçe, que lhês fizera em os liurar de tão grãde cossairo como era Mirãle. Aqui deixou o capitão môr a Matheus Mendes capitão da Costa com douus nauios mais da armada, & algũs soldados pera se defenderem dos Zimbã, que vinhão correndo a costa, & auião de passar por Melinde. Depois disto se despedio d'el Rey, & partio pera Lamo aos vinte & sete de Março, onde chegou o dia seguinte, & o que mais fez nesta costa se verá no capitulo q se segue.

Foy recebido o capitão môr em Melinde cõ grãde festa.



TANTO que o capitão môr chegou à Ilha de Lamo, & lançou anchora no seu porto, logo o Rey da terra o veyo visitar muy confiado à galê, como se fora leal, & verdadeiro amigo, & não tiuera entregue Roque de Brito aos Turcos cõ os mais Portugueses de sua companhia. Mas tanto que entrou na galê, logo o capitão môr o mandou prender nella, & o mandou por a bancõ, & depois chamou a cõselho todos os fidalgos, & capitães da frota, & fayõ do conselho que o Rey de Lamo fosse degolado pera exemplo, & espanto dos outros Reys da costa. Desta Ilha se partio leuando ao Rei preso, & chegando a Pate mandou dizer ao Principe da terra, & ao Rey de São & ao Principe de Ampãza q viessem assistir à morte d'el Rey de Lamo, & trouxessem consigo seus regedores, & todos os Mouros principaes de suas Cidades: o que inteiramente compriraõ. E depois de todos juntos mandou o capitão môr fazer hum cada falso alto na praya, em cuja guarda mandou pôr duzentos soldados. Isto feito desembarcou em terra

Prendê o capitão môr a el Rey de Lamo na galê.

Recadõ q o capitão môr mandou ao principe de Pate.

¶ CAPITV LO ONZE
De como el Rey de Lamo foy preso, & justicado cõ os mais Mouros leuantados da Costa de Melinde.

com

Desembar-
ca o capi-
tão, & o,
que ande
padecer
em Pate.

com grande estado acompa-
nhado de todos os fidalgos, &
capitães da armada, & logo
mandou desembarcar os que
auião deser justificados: o que
tudo foi feito em hũa manhã
seis de Abril de 1589.

¶ Desembarcados aquel-
les Mouros que auião de ser
justificados, sobirão logo ao
Rey de Lamo no cadafalso,
estãdo presêtes todos os Prin-
cipes Mouros, & Regedores, q̃
fica dito, & mandarão ao Rey
que se lançasse em çima de hũa
alcatifa, que estaua pera isso
posta no theatro, o que elle lo-
go fez. E deytado nella lhe cor-
taraõ a cabeça, dando primei-
ro ofeguinte pregaõ em lingua
portuges, & depois na lingua
da terra, pera q̃ todos os Mou-
ros soubessem a causa de sua
morte: Iustica que manda fa-
zer o muito alto, & poderoso
Rey dom Felipe nosso Senhor,
& em seu nome o senhor Tho-
mê de Sousa Coutinho Capi-
tão mór desta sua armada: mã-
da degollar este Rey de La-
mo, por nome Banebaxira, &
confiscarlhe todos seus bês pe-
ra a Coroa de Portugal, por ho-
ra o achar metido de posse do
Reyno de Lamo, contra justi-
ça, & rezão, sêdo elle tido, & a

Pregaõ
da morte
d' el Rey
de Lamo

uido por trêdo, & leuãtado co-
mo he, & entregar aos Turcos
falsariamente a Roque de Bri-
to, cõ quarenta Portugueses,
entre homẽs, molheres, & me-
ninos, & como rebelde se tor-
nar agora confederar com os
mesmos Turcos, & ajudallos.
E porque isto seja notorio a tã-
dos os Reys desta costa, man-
da sopena de serem auidos por
trêdos, & postos no mesmo lu-
gar com as proprias penas, q̃
ninguẽ dê sepultura a seu cor-
po. Acabado este pregaõ lhe
cortaraõ a cabeça.

¶ Logo apos este Rey, foy ^{Sam jus-}
subido no cadafalso o Irmão d' ^{tiçados}
el Rey de Quilife, que foy acha ^{os leuan-}
do em companhia dos Turcos ^{tados.}
em Mombâça: ao qual da mes-
ma maneira cortarão a cabeça
& alê disso o fizerão em quartos
pera os pèdurarem em diuersas
partes. Trouxerão logo os do-
us Regedores de Pate, que ti-
nhão ido ao estreito de Meca
em busca dos Turcos, que tão-
bem foraõ tomados em sua cõ-
panhia na Ilha de Mombâça:
& por honra do sangue Real
não quis o capitão mór q̃ fos-
sem degollados em çima do the-
atro, senaõ ao pè delle sobre
hum çepo, que pera isso lhe pu-
serão no chaõ, onde foraõ de-
golla

gollados, & esquartejados, & postos seus quartos pollos muros da çidade, & lugares publicos. E como estes Regedores eraõ naturaes da mesma çidade, foy muy sentida sua morte. E as molheres, & parentes da uão por sua vida muito dinheiro, mas nada lhe valeo pera deyxarẽ de ser justicados. Foy esta justiça couza, que asombrou todos os Reys, & Mouros desta costa, & tremião cõ medo de lhe poder a cada hum soçeder o mesmo castigo. E posto que todos o não teuseẽ no corpo, na bolça o sentirão: porque o capitão môr condenou aos Mouros de Pate em quatro mil cruzados peras as despezas da armada, porquanto tinham recebido aos Turcos, 'dandolhe seu dinheiro sem pelejarem com elles, nem lhe defenderem a desembarcação no seu porto, podendo, como eraõ obrigados, conforme às pazes que tinham feyto cõ os Portugeses. Alem disso lhe mandou quelogo quebrassẽ hũ fermoso baluarte, que tinham de pedra, & cal, pois lhe não valeo pera se defenderem dos Turcos, porque pera os Portugeses não seruia, o q os Mouros açeitarão, & fizerão, posto

Penas & q o capitão môr cõdenou aos Mouros de Pate.

que não de boa võtade:

¶ El Rey de Sio tambem ^{Prizão &} foy preso na galê, & posto a ^{el Rey de} banco, por duas causas: a primeira por receber os Turcos, & lhe dar dinheiro, a segunda por não ir a Mombâça como foy o Principe de Pate tendo lho mandado o capitão môr pera se ajudar delle contra os Turcos, pellas quaes culpas o condenou, que pagasse tres mil cruzados pera as despezas da armada, & mandasse quebrar os muros da sua çidade de Sio, que todos erã de pedra, & cal & não foy solto da galê atẽ não comprir inteiramente esta pena que lhe tinham dado.

¶ CAPITULO DOZE

De como foy destruida a Ilha de Mandra, & das pazes que o capitão môr fez cõ os Reys da costa de Melinde, & sua tornada pera a India.

DE fronte de Pate, esta hũa Ilha chamada Mandra de muyto mau desembarcadouro, onde estã hũa cidade pouoada de Mouros, os quais auia muyto tempo estauão leuantados sã quererẽ pagar as parças que erã obrigados dar a coroa

a coroa de Portugal. E taõ soberbos estauaõ, que quando esta armada passou pera Mombança, quis hum nauio della fazer agoada na mesma ilha, & os moradores della lhe disseraõ, que naõ desembarcassem em terra, porque em Mandra somete o sol podia entrar. Pol la qual rezaõ, depois de concluidas as cousas de Pate, & Sio, mandou o capitaõ mór algus soldados, com todos os nauios de remo, que fossem destruir, & pòr por terra a cidade de Mandra. Os quaes foraõ: & tanto que chegaraõ à vista da ilha, logo os Mouros della desempararaõ a cidade, pollo grande medo, que tinhaõ concebido dos Portugueses, & fugiraõ pera os matos da ilha. Polla qual rezaõ os nossos desembarcaraõ nella pacificamente, & puseraõ a cidade por terra, & cortaraõ lhe mais de duas mil palmeiras, q̄ he a mór guerra que se pode fazer a esta gente. E pera este effeito mandou o capitaõ mór aos Mouros de Pate, & de Sio, que fossem na companhia dos Portugueses, com ferrote & machados, pera ajudarem a cortar as palmeiras da ilha: o que elles fizeraõ com muito gosto, por ganharẽ

a vontade do capitaõ mór, & cobrarẽ a paz, & amizade dos Portugueses.

¶ Concluyda a destruyçaõ de Mandra, & junta toda a armada, partio o capitaõ mór do porto de Pate pera o de Ampãza, aos dez de Abril, onde asentou, & fez pazes cõ o Principe da mesma cidade, por achar que naõ tinha offendido aos Portugueses em cousa alguma: & pera isso mandou vir o Principe à sua galè: onde se achou tambẽ presente o Principe de Pate, & o Rey de Sio, & todos os fidalgos, & capitães da frota, & diante de todos fez o Principe de Ampãza hum solenne juramẽto em seu Moçapho, de guardar inteiramente o concerto das pazes. O qual era, que elle seria obrigado a dar em cada hum anno vinte escrauos pera as galès do estado da India, & naõ deyxaria entrar em suas terras ho mões trêdos à coroa de Portugal. E sendo caso que viessem Turcos à costa, elle se ajuntaria com o Rey de Sio, & Pate (pois eraõ todos vizinhos, moradores na mesma ilha, & vassallos d' el Rey de Portugal) & lhe defenderiaõ o porto, atè morrer na contenda: & assi

mais

Pazes cõ
Ampãza

Tributõ
q̄ paga o
Rey de
Ampãza

Mandra
foy destruida

mais lhe não dariaõ agoa, nem Pilotos, nem fauor, nem coufa algũa de suas terras, fopena de serem auidos por trêdos, & castigados como foy Mombâça, Mandra, & o Rey de Lamo. As mefmas condições de pazes, jurarão os Reys de Pate, & São, com todos os seus Regedores. E o capitão môr em nome de fua Mageftade prometeo de cumprir, & guardar as ditas pazes comprindo elles o que tinhão jurado. Acabada eſta çeremonia, foy jurado por Rey natural o Principe de Ampâza com muyta feſta, fom de trombetas, tambores, pifaros, & artelharia.

¶ Poſtas as coufas deſta cofta nos termos, que tenho dito, partio o capitão môr deſte porto com toda a armada pera a India, aos quinze de Abril leuando em fua companhia as galês, & fuſta dos Turcos, & os catiuos, que tomou em Mombâça. E deſta maneira foy naugando a tê a Ilha Sacotorà, onde chegou a vinte & oito de Abril; & tomando na ilha mantimentos, & agoa, mandou leuar anchoras, & largar as velas, & nauegar pera Goa: a onde chegou com proſperoyento a dezaseis de Mayo, &

a chou na barra o Governador Manoel de Soufa, o qual tendo ja notiça de fua vinda, o eſtaua alli eſperando.

¶ Tanto que a armada ſurgio no rio, veyo logo o Governador à galê capitayna muy allegre, dando graças a Deos pol-la merçe, que lhe tinha feito de tão glorioſa vitoria. Mirâle Beque ſe lançou a ſeus pès, & o Governador ſe leuanto da cadeira, & empè lhe diſſe que ſe leuantaffe: & tornandofe a aſentar, lhe preguntou como eſtaua. Ao que o Turco reſpondeo; Como eſcrauo de V.S. Diſelhe entãõ o Governador; Alegrayuos, & eſperay e Deos, que ja eu fuy catiuo de peor ſenhor, do que vos foys, que foy o Malauar, & agora eſtou neſte eſtado que vedes: aſſi vos pode ſoceder a vos. A iſto reſpondeo Mirâle; Senhor verda de he que eu ſou catiuo mas ſendoo de V.S. me tenho por grande ſenhor. No dia ſeguinte entrou a armada pera dentro, & foy reçevida, & feſtejada na çidade de Goa cõ muytas feſtas, fom de artelharia, como tal vitoria mereçia. Mirâle Beque foy mandado pera Portugal, onde ſe conuerteo, & fez Chriſtão: no que reſtaue

Chegã eſta armada a Goa

Comprimentos q o Governador teue cõ Mirâle Beque

Foi feſtejada eſta vitoria e Goa.

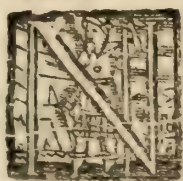
O mefmo tributo paga Pate, & São.

Parte a armada. pera a India.

Mirale
feito
Christão

rou pera sua alma todas as perdas & quebrás, que tinha recebido no corpo. Os mais Turcos, & Mouros ficaraõ seruin-do nas galês do Estado da India.

¶ CAPIT. T R E Z E ;
¶ De algũs Mouros feitiçeiros , que ouue na costa de Melinde , & da berua Dutrô, a que os Cafres chamaõ Herua feiteira.



Esta costa de Melinde, deque vou falando, ouue grãdes feitiçeiros, & inda hoje ha muitos Mouros, que se prezão desta habilidade. Estan-do eu nesta costa , moraua na ilha de Zanzibâr hum grande feitiçeiro, por nome Chande, muy conhecido , & nomeado por suas obras diabolicas. Def-te me contarão, q̄ tomãdolhe o Feitor do capitão da costa , q̄ alli residia, hũa embarcação, pera lha mandar a Melinde sê sua licença, elle se foy à praya onde o Feitor a estaua carregando pera a mandar, & lhe pediu muito q̄ lhe não tomasse a sua embarcação, nê lha mandasse fora, porque tinha neces-sidade de fazer viagem nella muito cedo. Mas o Feitor zõ

bou disso, & não lha quis lar-gar, dizendo que a auia mister pera o seruiço delRey (capa com que estes ordinariamente cobrem muitas forças, que nes-ta costa fazem aos Mouros del-la.) Vendo Chande a força que o feitor lhe fazia, foyse pe-ra sua casa , jurando que o seu Pangayo não auia de fayr do porto sem sua licença. Sem em-bargo disso , o Feitor o ficou carregando, & auian-do de ma-rinheiros, & depois de aparelhado, mãdou leuar fateixa, & dar à vella , o que logo se fez, & a vella se encheo de vento muy bom que ventaua em po-pa, mas o Pangayo não se bo-lio, nem se moueo do lugar on-de estaua, & assi quedo esteue posto à vella mais de hũa ho-ra, ao que ácodio o Feitor , & outros Portugueses , & Mouros que alli se acharaõ , todos admirados do caso nunca vis-to. Disse então hum daquelles Mouros ao Feitor, q̄ se defen-ganasse, porque o Pãgayo não se auia de bolir daquelle lu-gar , sem vontade de Chande seu dono. Polla qual rezão o Feitor se foy logo a casa de Chãde, & lhe pediu muito qui-lesse fretarlhe o seu Pangayo, pera o mandar a Melinde, por que

Grãde
feitiça-
ria.

Chande
feitiçey-
ro.

porque importaua muito, & q̃ lho não tomara por lhe fazer força, senão polla neçsidade que delle tinha, & q̃ logo lho mandaria tornar, & lhe pagaria seu frete, & o seruiria também outro dia no que se offercesse. Com estas rezões, & palauras brandas, que o Feitor lhe disse, se quietou este feitiçeiro, & ficou satisfeito. E logo se foy com elle à praya, onde estaua o Pangayo posto à vella, sem se querer bolir do mesmo lugar, & disselhe em alta voz: Pangayo vay em bora onde te manda o Soñ Feitor. No mesmo ponto que o Mouro acabou de dizer estas palauras, partio logo o Pāgayo do lugar onde estaua como hũa seta, & foy saindo polo rio fora, & fez sua viagem a saluamento.

Feitiços
graciosos.

¶ Hum soldado Portugues fez hum agrauo a este Chande feitiçeiro, de que ficou muy magoadado, mas elle por se vingar do soldado lhe fez hūs feitiços graciosos, & foraõ taes, que todas as vezes que o soldado abria a boca pera fallar, antes que dissesse algũa palaura, lhe cantaua hum gallo na barriga, sayndolhe a voz do gallo polla boca tão claramen-

te, que se ouuia muito lōge, de que o soldado andaua tão envergonhado, que não ousaua sayr fora de casa, né fallar com pessoa algũa, porque todos se rião delle, & lhe dauão matracas. Desta maneira andou mais de hum mes, & juraua mil juramentos, que auia de matar o Chande, sospeitando que elle lhe fizera algūs feitiços, por onde padecia o mal que tinha. Andando desta maneira, foy aconselhado que se fosse a casa do Chande, & se lançasse a seus pês, pedindolhe perdão do agrauo que lhe fizera, & q̃ em satisfação disso, seria muy grande seu amigo dalli pordiãte, & o seruiria no que lhe fosse necessario, & que lhe pedia o curasse daquelle mal que tinha. E posto que o soldado estava indignado contra o feitiçeiro, & juraua de o matar, cõ tudo a neçsidade em que se via lhe fez mudar o parecer, & aceitou o conselho quelhe derão, & foy a casa do Chande, & pediolhe perdão, & remedio pera sua infirmitade. O Mouro aceitou sua satisfação, & disselhe, que elle não lhe tinha feito o mal que padecia, nem feitiço algum, mas que elle faria muyto pollo curar, & sarar daquel-

la infirmitade, & que se fosse embora pera sua casa, confiado em ter saude; o que o soldado fez, & tanto que chegou a sua casa nunca mais cantou como gallo, como até aquella hora fazia, quando queria fallar.

¶ A Melinde veyo ter hum mercador da India cõ muitas mercodarias, & roupas, & hũa noite lhe furtaraõ hũa trouxa de canequins, q̃ valeria duzentos cruzados. Achãdo elle menos a trouxa, & não sabendo quem lha pudesse furtar, foyle hũa noite secretamente a casa de hum Mouro feitiçeyro affamado, que viuia em Melinde, & dandolhe cõta do furto que lhe tinhão feito, pediolhe muito lhe quisesse descobrir a sua trouxa, porque era homem pobre, & nella lhe leuaraõ muita parte de seu remedio, & q̃ por isso lhe daria vinte cruzados. O Mouro lhe respondeo, que elle era ja velho, & não vsaua daquella arte, mas que por ser obra de misericordia o feruira no que pudesse, & que tornasse a ter com elle a noite seguinte às mesmas horas. Tornando o mercador a noite seguinte como lhe mãdara o feitiçeyro, tornoulhe elle a perguntar miudamente pollo furto

que lhe fizeraõ, & o dia em que aconteçera, & depois disse se foy com o mercador a sua casa, onde lhe tinhão feito o furto, leuando consigo hũa peneira, & hũa tesoura, & pondo a peneira no meyo da casa, no lugar donde se tinha leuado a roupa, disse hũas çertas palavras, & começou de tanger cõ as pernas da tesoura, dando com hũa na outra, ao qual som deu a peneira hũa volta no meyo da casa, & depois disse se sayo correndo polla porta fora, & o Mouro apõs ella tangendo. O mercador fechou logo sua porta, & se foy depressa apõs o Mouro, que hia tangendo, & a peneira correndo diante d'elle, & assi foraõ por duas ruas, até que a peneira chegou a hũa porta, onde parou, sem se mais bõllir; & entãõ o Mouro a leuanteu do chão, & bateo à porta, & acodindolhe de dentro outro Mouro, fez com elle que abrisse a porta, & aberta lhe disse: Hũa trouxa de canequins estã nesta casa, a qual he deste Portugues q̃ vê comigo, mandaya logo aqui vir se mais detêça, & ficarã isto e segredo, & senãõ sabeloã el Rey & capitãõ, & custaruosha caro

Modo de descobrir o furto.

terdes furtos em vossa casa. O ladrão, que conhecia muito bem o feitiçeiro, teve grande medo d'elle, & sem mais replicas nem rezões, lhe entregou a roupa toda, sem faltar cousa algũa, & elle mesmo a leuou às costas até a casa do Portuguez pedindolhe tiuesse segredo no furto, & desculpandose que elle a não furtara, senão hum marinheiro gétio do mesmo mercador, o qual lha leuara a sua casa pera dahi a vender. Esta historia me contou o mesmo Portuguez mercador, estando eu na ilha de Quirimba. Outras muitas feitiçarias fazião estes Mouros semelhantes a estas, & particularmente em descubrir cousas perdidas, ou furtadas.

Herua
Dutrô,
Feitiçeira.

¶ Em muitas partes desta Ethiopia se cria hũa herua, a q̃ os Portugueses chamão Dutrô, & algũs Cafres Bâguinî, & por outro nome lhe chamão Machaya Moroy, q̃ he o mesmo q̃ herua feitiçeira, significando com este nome, q̃ seus feitos são de feitiços. Esta herua he quasi semelhante à de Beringellas brauas, a si na folha como no fruto, & dentro nelle tem muita semente, da feyção de gergelim: a qual moyda, &

deitada no comer, ou beber, tira totalmente o juyzo a quem a toma: & de qualquer modo q̃ está quando come, ou bebe a tal seméte, do mesmo anda 24 horas: quero dizer, q̃ se a pessoa quando come está alegre, tal fica, rindo sempre, & se está triste, chora todas as 24. horas & depois que torna em si, nada lhe lembra do que fez, nem disse em todo o tẽpo, nem menos dà fêdo que lhe fizeraõ: & com esta semente dizem que se fazê muitos feitiços, & couzas muy mal feytas.

¶ CAPITULO XIII.
¶ Dos Cafres Mosseguejos, & de seus costumes barbaros.



Olla terra dentro, que corre ao longo da costa de Melinde, habita hũa nação de Cafres, chamados Mosseguejos, muito barbaros, & muy esforçados, os quaes ha muyto poucos annos que começaram. Cujos principio, & origem foy de Pastores de vaccas, no qual officio & trato viuem inda hoje todos estes seus descendentes, & assi tem grandissimas creações de boys, & de vaccas.

O seu principal mantimento he leite das mesmas vaccas, as quaes tambem sangrao muytas vezes, asy porthe naõ abafarẽ & morrerẽ de gordas, como pera se sustentare do proprio sangue. Do qual fazẽ hũa potagẽ misturada cõ leite, & bolta fresca das mesmas vaccas, & tudo isto junto, & quente ao fogo, o bebẽ, dizẽdo que os faz robustos, & fortes.

¶ Os machos de idade de sete, ou oito años pera cima saõ obrigados a trazer a cabeça cuberta de barro pegado nos cabellos, & no couro da cabeça, de tal modo q̃ lhe fica como outro casco, ou capacete, muyto bõrudo por cima, & quando se greta o barro, tornaõlhe a dar cõ outro molle por cima, & a cõcertallo de nouo cõ muyto primor, estimãdo muito sua perfeiçãõ. E ha Caste, q̃ traz neste capacete de barro cinco ou seis arratẽs de peso, & com elle dormẽ, & andaõ, como se naõ trouxeraõ nada. Este barro naõ podem tirar da cabeça, nẽ fallar em ajuntamẽto de homens velhos, nẽ entrar em cõselho, atẽ q̃ naõ matẽ algũ homẽ em guerra, ou briga justa. Põlla qual rezaõ todos os mancebos pretendẽ que aja guerras,

pera nellas se mostrarẽ, & fazẽ nẽ caualleiros, & nobres, mantando algũ inimigo nellas. E pera se saber q̃ o mataraõ, saõ obrigados depois da briga acabada, leuar diãte do seu capitão hũ sinal evidente do homẽ q̃ mataraõ: & os q̃ leuaõ mais sinaes destes, saõ tidos por mõres caualleiros, & esforçados na guerra, & por isso mais honrados, & estimados. Põlla qual rezaõ logo o capitão os armã caualleiros, tirandolhes o barro da cabeça, & dalli por diante ficã gozando dos priuilegios dos outros caualleiros.

¶ A principal causa por que estes barbaros fazẽ isto, he por ferẽ temidos de seus inimigos, vendo cõ quanto gosto entraõ na guerra, apostados a lhe tirar a vida, põlla honra que disso lhe resulta, da qual saõ tão ambiciosos, q̃ pellejão hũs cõ os outros, em porfia de quẽ ha de chegar primeiro ao inimigo q̃ cae ferido pera este effeito, não dando lugar pera que outrẽ lhe tire esta honra.

¶ O senhor da ilha de Macolõ me contou, q̃ achandose elle na guerra de Quilise (de que abaixo tratarey) virã estar do

Caso estranho,

R 2 ferido,

Pesada
obriga-
çãõ.

ferido, em grande porfia sobre qual dellés o cortaria primeiro: & por outra parte o Mouro, que estava ainda viuo, defendendo se dellés o melhor que podia. E finalmente hum dos Mosseguejos que mais força teue leuou o que pretédia, & depois disso tornou à briga em q' andauão os mais cõpanheiros: a qual acabada, se foy diante do seu capitão, & lhe mostrou o final q' leuaua de ter morto homê na guerra, & foy armado caualleyro por isso, com outros muytos, que fizeraõ o mesmo na mesma guerra.

Brutali-
dades dos
Mosse-
guejos.

¶ Taõ barbaros são estes Mosseguejos, q' guardaõ estes sinais de sua valentia, pera depois se honrarẽ cõ elles nos dias de suas festas, em que se querem mostrar, leuãdoos cõfiguo, pera que todos conheçaõ por elles sua valétia, & cauallarja, & sejaõ estimados por isso. A mesma brutalidade permittê a suas mulheres quando se haõ de achar em algũas festas, ou baylos: pera la serẽ estimadas, & conhecidas por mulheres de homê honrados, & esforçados. Outras muitas brutalidades pudera cõtar desta nação de Cafres, assi nesta materia, como em outros cultu

mes, & abusos q' callo, por serẽ muy deshonestos, & incredibleis.

Os Abexins, & algũs Mouros seus vizinhos, & os Gallas Gétios desta Ethiopia: todos tem este mesmo costume dos Mosseguejos, como refere o Patriarcha Dom Ioão Bermudez, no liuro que fez do Preste Ioão. De modo, que deste costume vĩaõ algũas nações desta Ethiopia. Outra cousa quasi como esta se acha na sagrada Escritura, no 1. li. dos Reys, onde se conta, q' Saul pedio a Dauid por lhe dar sua filha Michol em casamêto, lhe trouxe se çê prepuçios de Philistheus, q' mataste na guerra: & elle lhe trouxe duzentos. O q' Saul fez (como diz Nicolao de Lyra explicando este lugar) assi por que por este sinal se conhecesse serem Philistheus os que Dauid matara na guerra, & não Hebrêus, que eraõ circuncidados: como tambem por acrescentar o odio dos Philistheus cõtra Dauid, & elles lhe procurasse a morte, por quãto os circuncidaua: cousa q' elles grandemête abominauão. E como depois o filho de Salamão, & da Raynha Sabbâ veyo reinar nesta Ethiopia (como ja disse)

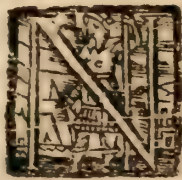
cap. 18

cousa

cousa prouauel he, q̄ traria de là este costume, & o mandaria vsar nesta Ethiopia.

¶ CAPITULO XIII.

De duas vitorias que el Rey de Melinde alcãçou del Rey de Quilife, & do de Mombãça, com ajuda dos Mosseguejos, & do capitão da Costa.



O anno do Senhor de 1592. estando eu nesta costa, alcançou el Rey de Melinde duas vitorias del Rey de Quilife, & del Rey de Mõbãça seu parête, cõ ajuda do capitão da costa, & seus soldados Portugueses, & cõ ajuda dos Mosseguejos seus vizinhos, & amigos. Quilife he hum rio, q̄ està entre Mõbãça, & Melinde, de q̄ era Rey hũ Mouro parente del Rey de Mõbãça, o qual fazia tão roim vizinhança aos Mouros de Melinde, em odio dos Portugueses, q̄ consintia a seus vassallos fazerelhe mil forças, & agrauos. E era isto tãto, q̄ os mocos, & negras de seruiço, não oulauão ir aos matos q̄ estão junto da cidade abuscar lenha, porq̄ nelles os salteauão roubauão, & espancauão os de Quilife. Vendo el Rey de Melinde tanto desaforamento, &

tantos agrauos, quantos cada dia recebia dos de Quilife, consultou este negocio cõ o capitão da costa, & assentaraõ ambos de lhe fazer guerra, & tomar vingança destas afrontas. E pera este effeito negoçearã as cousas necessarias, & ajuntaraõ os Portugueses, & Mouros, q̄ auia em Melinde, & juntamente mandaraõ chamar os Mosseguejos, pera q̄ os viessem ajudar: o q̄ elles logo fizeraõ, & todos juntos forãõ a Quilife, onde acharãõ o Rey cõ sua gente entranqueirado, & fortificado, porq̄ já tinha noticia de sua ida. Tanto q̄ os de Melinde chegaraõ, forãõ cometendo a cidade, & os de Quilife lhe sayrãõ ao encontro, & começaraõ hũa cruel, & trauada briga, em q̄ todos pellejaraõ muy efforçadamente. Porẽ inda q̄ os de Quilife pellejauão por defender sua patria & familias varonilmente, cõ tudo os de Melinde os cometerãõ cõ tanta ventagẽ de animo, & esforço, que em breue tẽpo lhe fizerãõ virar as costas. E foy tãto o aperto em q̄ os puserãõ, q̄ os mais delles indo fugindo pera a cidade, se meterãõ em hũa estacada, onde se encrauarãõ nos estrepes, & abrolhos de pao, &

Briga de Quilife.

ferro, q̃ a lli tinhaõ metido, & ordenado, pera os de Melinde se espetarẽ. E neste passo foraõ mortos, & desbaratados quasi todos, juntamente cõ o mesmo Rey de Quilife. Alcançada esta vitoria, saquearaõ os de Melinde a cidade, leuando della muitos despojos, & catiuos, & depois disso a puseraõ por terra, & se tornarãõ pera Melinde muy contẽtes, aysi polla vitoria q̃ tinhãõ alcançado, como por estarẽ desapressados de tãõ roins vizinhos, & inimigos. Algũs Mouros que puderãõ escapar da briga, fugiraõ pera Mombãça desbaratados.

¶ Sabida por el Rey de Mombãça a destruyção da cidade Quilife, & morte do Rey della, & de seus vassallos, sintio grandissimamente tal perda de parentes, & amigos, & logo determinou tomar vingança del Rey de Melinde. E pera isso ajuntou passante de cinco mil Mouros seus vassallos, & vizinhos, quasi contrã vótade de todos elles, porque nenhũ queria pellejar cõ os Mouros de Melinde, por respeito dos Portugueses, q̃ estauãõ em sua cõpanhia, dos quaes entẽdiãõ q̃ nãõ auiaõ de levar a melhor, & por isso todos faziaõ muito

porse escusar desta guerra. Mas o Rey q̃ estaua magoado, & tinha os desejos muy acesos da vingança q̃ pretẽdia tomar de Melinde, nũca quis desistir de seu intẽto: antes logo se pos a o caminho por terra, indo marchando cõ a sua gẽte ordenada & quasi forçada; & desta maneira chegou a terras dos Mosseguejos amigos d' el Rey de Melinde, onde assentou seu arayal, & determinou pellejar primeiro cõ estes barbaros, & desbaratallos, porq̃ entendia muy bẽ que se passasse auante, & lhe ficassem nas costas, q̃ lhe poderiaõ fazer muito mal, por serẽ amigos del Rey de Melinde, & era certo q̃ o auiaõ de so correr, & ajudar, como tinhaõ feito no tẽpo que alli foraõ os Zimbas, cõ cujo socorro foraõ destruidos, & desbaratados, ficando el Rey de Melinde vitorioso, como fica dito. Pollas

El Rei d' Mõbaça faz guerra a Melide.

lib. 2.
cap. 21.

O Rey d' Mõbaça desbaratado.

a esta

a esta guerra forçados, ficando fomento no campo el Rey de Mombâça, cõ tres filhos seus, & algũs Mouros fidalgos, que com vergonha se deyxaraõ ficar, & não fugiraõ, os quaes todos alli morrerãõ como esforçados pellejãdo cõ os Mosseguejos. E proseguindo estes barbaros a vitoria, foraõ no alcance dos que fugiaõ, matando sempre nelles atè as terras de Mombâça, & dalli passaraõ à mesma ilha de Mombâça, onde entraraõ sem auer resistencia algũa, & catiuraraõ muitas molheres, mininos, & velhos, que não puderaõ fugir pera os matos da ilha. E depois que foraõ senhores da cidade, tomaraõ hum minino filho del Rey de Mombâça, que ficou na ilha, & a gente principal, que puderaõ auer às mãos, & meteraõ todos em duas embarcações, que acharãõ no porto da ilha, & puserãõlhe gête de guarda, & mandaraõ que fossem a Melide dar a obediencia & vassallagem ao Rey de Melinde, que auia de ser dalli por diante seu Rei, & senhor. E mandaraõ dizer ao mesmo Rey, que viesse tomar posse de Mombâça, que elles tinhãõ ganhado; contandolhe

o mais sucesso da guerra q̄ tiueraõ cõ o foberbo Rey de Mombâça, & como ficauão na ilha esperando q̄ fosse tomar posse della.

¶ Bẽ diferentes eraõ os pẽsamentos del Rey de Melinde, o qual estaua na sua cidade, & o capitão da costa prestes com todos os Portugueses, & Mouros, q̄ se acharãõ alli naquelle tẽpo, esperãdo a vinda del Rey de Mombâça, q̄ sabiaõ vinha por terra cõ maõ armada sobre Melinde, & atè entãõ não tinhãõ noticia do q̄ lhe succedera no caminho cõ os Mosseguejos, antes se aparelhauão pera pellejar cõ elle quando chegasse. Estãdo pois desta maneira esperando a vinda del Rey de Mombâça, chegaraõ ao porto de Melinde os dous nauios q̄ vinhãõ de Mombâça mādados pollos Mosseguejos, & desembarcando os embaixadores foraõ leuados a el Rey de Melinde, que estaua na mesma praya cõ o capitão, & mais gête da cidade, cuidando serẽ chegados os inimigos por marimas ficaraõ logo desassõbrados cõ as nouas q̄ os embaixadores lhe deraõ da morte & destruição del Rey de Mombâça, & de como os Mosseguejos ficauão na ilha,

Chegãõ as nouas da vitoria a Melinde.

esperando a ida del Rey de Melinde pera lha entregarem; & finalmente relatarão todo o mais successo desta vitoria. El Rey de Melinde, & o capitão da costa, & os mais que presen-tes estauão, ficaraõ espátados de tal successo, & caso não es-perado, & não podião crer o q ou- uião, parecêdolhe ser sonho. Finalmête o Rey mandou del- embarcar o minino filho del- Rey de Mombâça, com todos os mais prisioneiros, q vinhaõ nas duas ébarcações: os quaes chegando a terra se foraõ lan-çar aos pés del Rey, & elle os recebeu benignamente, apei- tandoos por vassallos, & ami- gos: & logo se começou de a- uiar, & em breue tempo se em- barcou pera ir a Mombâça, le- uando em sua companhia o ca- pitão da costa, com todos seus soldados, & muitos Mouros de Melinde, & chegãdo à Ilha de Mombâça logo os Moçe- guejos lhe entregaraõ a cida- de com muyto gosto, festas, & alegrias. E de então atêgora ficou esta ilha del Rey de Me- linde, & passou sua casa pera ella, onde hora viue: deixando em Melinde seus governado- res, & regedores postos de sua mão. Nesta ilha està hoje húa

fortaleza nossa, que fundou & principiou Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueyra, quando inuernou nesta ilha, indo de Portugal por Viçerey da India, no anno do Senhor de 1556.

pricipio da forta- leza de Mombâça anno de 1596.

¶ CAPITULO XV.

¶ Dos Maracatos, & Eunuchos desta costa, & das partes Orientaes.



A temos visto as principaes cousas desta costa da E- thiopia, que ficão da Linha pera o Sul: resta ago- ra relatar a mais costa que vay correndo da mesma Linha pe- ra o Norte, atê feneçer no Es- treito do mar Roxo. Esta cos- ta he a mais esteril, & aspera, que se pode ver. Nella està si- tuada a cidade de Braua, pe- quena, mas muito forte, pouoa- da de Mouros amigos dos Por- tugueses, & vassallos del Rey de Portugal. He terra muyto quente, porque està hum grao somête da Linha Equinoctial da parte do Norte. E çerto q lhe està muy bem o nome de Braua, porque tem húa barra- tão trabalhosa, & braua, q não se pode tomar, nê entrar, tenão com

Braua ci- dade de mouros.

com muito risco, & perigo. Esta cidade não tem Rey, como as mais desta costa, mas he governada por Vreadores, ou Governadores eleitos polla mesma Republica, como Veneza. Daqui por diante vay corredo esta costa pera o Nordeste com a mesma braueza, até a cidade de Magadaxò, situada em tres graos & meyo da banda do Norte. A qual cidade he grande, forte, & bẽ cercada de muro alto: tem muytos edificios de pedra de cantaria: he muy sumptuosa, & ornada de muytos Alchorões q̃ são torres das suas Mesquitas: os moradores della são Mouros soberbissimos, & ricos, & os môres inimigos que os Portugueses têm nesta costa.

¶ Polla terra dentro que fica entre Braua & Magadaxò habita hũa nação de Ethiopes a que chamão Maracatos, Gêntios, muy pretos, & azeuichados, mas têm o cabello corredo & boas feições de rosto; são polidos, & bem entendidos, & muy semelhâtes nos costumes aos Abexins, dos quaes cuydo não estão muito longe. Estes Maracatos costumão cozer as femeas, quando são mininas de tenra idade, por não pode-

rem conceber quando forem grandes, pollo que são muito estimadas: & ordinariamente fazem isto às moças catiuas, pera as venderem por mais preço, & assi valem mais que as outras, por serem mais castas, & terem a occasião tirada de serem roins molheres, & por esse respeito fião mais dellas seus senhores, entregandolhe suas despensas, & o governo de suas casas.

¶ Custumão tambem estes Maracatos cortar os mininos catiuos, demodo que ficaõ razos, pera os venderem por mais dinheiro. Este costume de cortar os mininos, quando são de tenra idade, he quasi geral em muitos Reinos, & Prouinçias do Oriente, pouoadas de Gentios, & particularmente nos Reynos de Bengala, onde fazem eunuchos aos mininos catiuos, pera os venderem por mais dinheiro, & assi he, q̃ estes são mais estimados, & valem mais, que os outros, q̃ não são eunuchos: & isto não somente entre os Portugueses,

Cortão os mininos machos.

Valem muito os eunucos na India

&

Gouvernode Braua.

Magadaxò cidade de mouros.

Maracatos Gentios.

& senhores, que nestas partes vſaõ de muitas. Alem disto os Reys, & Principes do Oriente estribão tâto nestes, que lhe entregaõ capitãias, & gouernos muy grandes, & de muita importancia. Em a çidade de Chaul de çima esteue muytos annos por capitaõ, & gouernador dos Mouros da dita çidade, hum Eunuchos posto pollo Melique, homẽ terribilissimo, & de grande gouerno, o qual fez & sustetou guerra crudelissima contra os Portugueses de Chaul, & de muita parte do Norte, por espaço de tres annos, & fez aquella grande, & admiravel fortaleza sobre o Morro de Chaul, que os Portugueses depois tomaraõ quasi milagrosamente, como adiante contarey.

¶ Destes Eunuchos ha muytos na China, muy honrados, & nobres por este respeito, por que destes se serue o Rey da China em sua Corte, & de suas portas adentro, & por estes saõ ordenadas & gouernadas todas as cousas do Reino. E por quanto estes hão de cõmunicar, & despachar com el Rey todos os negoçios de importancia, que acodem a elles de todas as Prouinçias da

China, & entrar ondẽ o Rey estã com suas molheres, onde nenhum outro homẽ pode entrar: por tanto saõ todos Eunuchos, & logo de pequenos lhe manda el Rey ensinar todas as leys do Reyno, & mais sciencias neçessarias pera o gouerno da Republica, antes que entrem no paço, & depois q̃ saõ muy doutos nellas, & instruidos nas artes liberaes, entãõ fiçãõ suffiçietes pera entrar no gouerno, & seruiço do Rey.

E pera isto ordinariamente se escolhem os mais prudentes, & de melhor entendimento. Aos quaes depois de postos nesta dignidade chamãõ Loutiãs, como conta o Padre Fr. Gaspar da Cruz no liuro que fez da China. De maneira, que estes Eunuchos saõ tão estimados polia impossibilidade que tem de poderem gêrar, como as Maracatas da Ethiopia, polia que tem de não poderẽ conceber: & tambem porque saõ mais fieis, mais castos, & limpos, & mais tirados de occupaões, & obrigações, que forçãõ muitas vezes os homẽs, & as molheres a fazer muitos desmãchos, & injustiças, moidos polia desordenada afeição.

Loutiãs
nome chã
rado.

Eunuco
de Chaul
ul grãde
capitãõ.

2. p. lib. 3.
cap. 13.

Oseunuchos da
China
saõ nobres.

¶ CAPITULO XVI.

¶ Em que se dá conta de toda a mais costa, & do deserto desta Ethiopia, até o mar Roxo.



Vante da Cidade Magadaxò pera o Nordeste vay correndo a côsta mais de 150. legoas, até a ilha de Saçtorá, aqual costa he quasi toda deserta, & deshabitada, & tão esteril, que não tem hũa folha verde, nem fontes, ou ribei-

Deserto da Ethiopia.

ras de agoa, senão grandes áreas, & terra infructifera, pollo qual respeito lhe chamão o deserto da Ethiopia Oriental. Neste deserto se crião grandifsimas aves, a q̄ chamão Emas, as quaes tem o estamago tão calido, que gastão, & esmoem pedras, & ferro, como já muitas vezes se tem experimentado. Estas quando voão ordinariamente não leuantaõ os pés do chão, por seré muy carregadas, mas vão correndo, & voando, com as azas abertas, leuutando, & abaixando hora hũa aza, hora outra, & desta maneira com ambas estédidas ao vèto, como vellas, vão voãdo, & tocando de quando em quando cõ os pés no chão tão ligeiramente, como as outras

Emas, aves do deserto.

aves o fazem voando pollos ares: & ordinariamente vão correndo, & voando, atrauesfadas de ilharga, como nao, q̄ vay polla bolina. Estas Emas são todas brancas, çinzentas, & os ouos que poem tambem são brancos, & tão grandes, q̄ leua cadahum quasi hũa canada: tem a casca muito dura, & grossa, fazem seu ninho emçima da areã, onde crião somêtedous filhos, como fazem os pombos.

¶ Neste deserto se perdeu a Nao Madre de Deos, q̄ Mathias d'Albuquerque sendo Viçerey da India mandaua pera Portugal, muy rica, & prospera: a qual partindo de Goa em Ianeiro de 1595. veyo demandar este deserto (como fazem todas as naos que da India nauegão pera esta costa, por assegurarem a viagem: & depois de teré vista deste deserto, tornão a voltar pera o mar, & vão correndo a costa çinco, ou seis legoas, & mais, afastados de terra, até chegarem aos portos pera onde nauegão. E as naos q̄ de Goa partem pera Portugal veni seguindo esta mesma derrota, até passarem o Cabo Delgado, & Moçambique, & o Cabo de boa Esperança. Mas esta

Nao Madre de Deos.

Perdição
da nao
Madre
de Deos.

esta nao de que agora fallo te ue peorventura que as outras, porque vindo demandar este deserto (fazendose o piloto inda lóge de terra) veyo marrar com ella hũa noite bem descuidada do que lhe podia soceder: & tanto que tocou em fundo, logo se fez em pedaços, & se afogou muita parte da gête que trazia, a qual foy inda menos oprimida de trabalhos, q̄ a que chegou a terra com vida, porque essa teue depois mais penosa, & lastimosa morte, ficando posta em hũa terra esteril, deserta, & deshabitada, s̄ mantimentos, sem agoa, & sem abrigo, nem repayro pera o grande calor do sol, que nesta paragem tão acesamente fere com seus rayos, q̄ parece abraçar a terra. De modo que neste deserto forão morrendo poucos & poucos, consumidos, & mirrados do sol, da fome, & da sede. Destes escaparão somente dezaseis, que fazendo logo seu caminho ao lógo da praya, vierão ter a Magadaxô, sustentados com hũa pouca de agoa, & biscouto, que salvarão da nao, mas chegarão todos esfolados do sol, & negros, como Cafres; & taes, que mais representauão a figura da morte, q̄

Morte
destes p̄
didos.

Os q̄ se
saluarão

a de homês viuos. Esta nao se perdeu por descuido do Piloto, que tambem acabou com ella, ou pollo enganarem as agoas, que correm grandissima mente do mar pera esta costa. Pollo que os Pilotos deuião de dar grandissimo resguardo a esta terra, muyto antes que se fizessem com ella, deixando de a vir buscar de noite, por fugirem a semelhantes desastres, como foy o desta nao, & de outras, que se virão já no mesmo perigo.

¶ No fim desta costa está hũa grande ponta de terra em doze graos largos da banda do Norte, a qual lança muyto ao mar pera o Leuante: & chama-se Cabo de Guardafuy. Esta terra pollo sertão dentro he pouuada de algũas aldeas de Mouros pastores barbaros do Reyno de Adêl, cuja cidade principal, & cabeça de todo o Reyno, he Arar. Deste Cabo voltãdo pera dentro da enseada, antes que cheguem às portas do mar Roxo, estão os portos de Methe, Micha, Barbora, Zeyla, lugares pouuados de Mõuros do dito Reino: & a toda esta costa, chamão Baragião. Zeyla he hũa cidade lituada vinte & seis legoas antes q̄ cheguê

cheguem às portas, na qual ordinariamente viue o Rey de Adêl, por ser porto de mar. Este Rey foy antiguamente vassallo do Preste loão, mas depois se leuátou, & isétou delle, & deentão pera cá traz guerra com a Prouincia Ianamôra, so geyta ao mesmo Preste, q̄ confina com o seu Reyno pollo fertaõ dentro. Lopo Soarez d'Albergaria, sendo governador da India, veyo cõ hũa grossa armada pera o Estreyto de Meca, & chegando ao porto desta cidade de Zeyla pacificamente, os moradores della o não quiserão receber, nem menos darlhe por seu dinheyro os mantimentos que pedia, pera prouimento da sua armada: pollo qual rezão a mandou cõbater, & a entrou por força de armas, & a queymou toda.

¶ CAPITULO XVII.

Da ilha Sacotorã, & do sangue de Dragão, & do Aloë, ou Azeure, que nella se cria.



O fim de toda esta costa da Ethiopia Oriental, que começa do Cabo de Boa Esperança, & feneçe no Estreito do mar Roxo, defron

te do Cabo de Guardafuy, em doze graos da banda do Norte, jaz situada a ilha Sacotorã, que pôr outro nome (segundo os escriptores antigos) se chama Dioscorida. Esta ilha tem de circuito mais de trinta legoas; he terra môtuoza, & cheia de muy grandes serras tão altas que se vão às nuuens, & ordinariamête andaõ afumadas com neuoas, que quasi se não enxergaõ. He cercada em torno de fragosas, & altas penedias, pollo que em poucas partes tem desembarcadouro seguro. He terra muy seca, & estéril, onde se não pode semear cousa algũa, q̄ naça. Não choue nella mais que obra de hum mes, pollo qual respeyto he muy doentia, & quente, & em particular pera os estrangeiros, que a ella vão ter.

¶ Criaõse nesta ilha muytas heruas medicinaes, & de grande virtude, & em particular hũa que se chama Coto, cujas rayzes saõ muy excellêtes

Sacotorã ilha.

Cotõ herua.

Aloë, ou Azeure.

ilha

ilha aos lugares onde se cria esta herua, & daõlhe hum golpe em cada folha, por onde corre toda a humidade que tem, & nella se vay coalhando, como faz a rezina nas aruores, & dahi a algũs dias a colhem das folhas õde està pégada, a qual he muy verde, transparente, & fermosa, & muy medicinal.

Gastase nas boticas, & serue pera purgas: os naturaes se curãõ com ella, & tambem a vendem aos mercadores que vão ter a esta ilha, por preço accõmodado.

¶ Colhefe tambẽ nesta ilha muito sangue de Dragaõ, que a terra dá em grande abundancia. Deste sangue tem algũs autores diuerfas opiniões. Plinio diz, que o verdadeiro sangue de Dragaõ he o q̃ corre, & se coalha das feridas do Dragaõ, quãdo ficã mal ferido das brigas, que tem muitas vezes com o elefante: o que he falso nesta ilha, porque nella não ha Elefantes, nem Dragões, & ha muito & fino sangue de Dragaõ. Esta opiniãõ de Plinio refuta tambem Mathiolo Senense, escreuendo sobre Dioscorides: onde diz, q̃ se o sangue de Dragaõ fora verdadeyro sangue de animal, tanto q̃ cayf

se no chãõ, logo se ouuera de fazer preto, como faz o mais sangue, & tomar algũa area, ou pò da terra, & não ficar tão limpo, vermelho, & transparente, como vemos que elle he.

Outros disserãõ que o sangue de Dragaõ era hũa certa especie de vermelhão, muito fino, & apurado. O que tambem he falso, porque o verdadeiro vermelhão he mineral, & tirase de minas, que estão debayxo da terra (posto q̃ aja outro artificial) & deste sãgue de Dragaõ sabemos o contrario, pela experiencia que oje temos, do q̃ se colhe nesta ilha, o qual se estilla de hũas aruores muy grandes, q̃ nella se criaõ, chamadas cõmummẽte Dragões, & dellas se congella este licor ao modo de rezina, feyta em lagrimas muy vermelhas, & trãparentes. E como isto seja tratado & veniaga dos moradores desta ilha, sangraõ estas aruores muitas vezes, dãdolhe golpes na casca, onde a code a humidade que tem, & alli se coalha, & faz em rezina vermelha, & dura, do modo que tenho dito: & este he o verdadeiro sangue de Dragaõ, de que se vfa nas boticas. Esta mesma opiniãõ he de Mathiolo, & de A-

estilla-se de aruores.

Sangue de dragaõ.

mato Lusitano, o qual diz que nas ilhas Canarias, & na ilha da Madeyra se crião tambem estas aruores, a q̄ chamão Dragões, de que se tira esta resina, chamada fangue, por ser muito vermelha, a qual he semelhãte a esta de Sacotorã.

¶ Em algũs valles desta ilha, & ao longo de algũas ribeyras que tem de agoã doce, se crião tamareiras, q̄ daõ muitas, & boas tamaras: nos quaes lugares os moradores da terra semeão tambẽ algũs legumes, & abobaras, porque em todas as mais partes da ilha não se pode semear coula algũa, por ser a mais aspera & fragosa terra, que se pode imaginar. Nos matos desta ilha se crião gatos d'Algalea, porcos monteses, veados, & ainos syluestres. Tãbẽ ha muitas creações de vacas, cabras, & ouelhas, que os naturaes da ilha crião, & apaçentão toda sua vida, porque não tem outra mais que serem pastores, & por esse respeito os Mouros lhe chamão Biduins, que na lingua Arabica quer dizer pastores de gado. No mar que çerca esta ilha se cria infinidade de peyxe de diuersas castas, muyto gordo, & saboroso, polto que não he muito sa-

dio, do qual se sustentaõ os Biduins que viuem ao longo das prayas, mas os que viuem pol a terra dentro, mantemse de leyte, manteyga, tamaras, & da carne de animaes que matão, & do gado q̄ lhe morre, & tambẽ de algũas frutas syluestres, que os matos crião: & cõ esta pobreza, & aspera vida que tẽ viuem tão contentes, cõmo se foraõ os mais ricos homẽs de todo o mundo. Saõ muy pusillanimes, & de fraco coração, porq̄ facilissimamente se deyxão dominar dos Mouros Arabios seus vizinhos da cidade Caxem, situada na terra firme de Arabia Felix: os quaes senhorearaõ esta ilha, sem os moradores della lhe resistirem, antes lhe pagão vassallagem, & tributo: & por este respeito viuem aqui de presidio sempre algũs Mouros Arabios de Caxẽ, os quaes moraõ ao longo do mar em tres pouoações pequenas, onde nenhum Biduim habita.

¶ No anno do Senhor de 1507. forão estes Biduins libertados da fogleyção destes Mouros por Tristão da Cunha & Affonso d'Albuquerque, os quaes indo de Portugal, cadahum cõ sua armada pera a In-

dia,

Biduins libettados por Portuguezes.

Ilhas, q̄ tẽ fãgue de Dragão.

Frutos, & creações de Sacotorã.

Biduim, que significa.

dia, chegarão ambos juntos a esta ilha, onde actualmente estaua Abrahamo filho del Rey de Caxém, com muita gente de guarnição, em hũa fortaleza q̄ tinha feita na mesma ilha, dõde oprimia & tyrannizaua os moradores della. Sabido isto pollos dous capitães, mandarão dizer a Abrahamo, que largasse a fortaleza, & se fosse em paz, deixando libertos os moradores daquella ilha, que dizião serem Christãos, & viuião tyrannicamête dominados pollos Mouros, sem justiça, nê direyto. A este recado respondeo Abrahamo, que não conhecia dominio, nê tinha obediencia mais que a seu pay Rey de Caxém, & que todos os mais Principes, & capitães desprezaua, & tinha em pouca conta. Esta soberba resposta sentiraõ muito os nossos capitães, & logo desembarcarão na ilha cõ seus esquadrões de soldados armados, & os Mouros lhe qui

Briga de
Portu-
gueses &
Mouros

serão defender a praya cõ muito impeto, & esforço, mas o dos Portugueses era tão desigual, & auêtejado, que os Mouros sêntido sua grande melhora, forão logo desemparrando as prayas, & deyxando muyta parte dellas semeada de cor-

pos mortos, & os mais que puderaõ escapar da morte, se recolherão â fortaleza, mas nem ella lhe valeo, porque os Portugueses a escalarão, & entrarão, & matarão quantos dentro estauão. Alcançada esta victoria, forão chamados estes Biduins pera se lograrem della, & da liberdade que os Portugueses lhe tinhão alcançado: pollas quaes cousas dauão todos muitas graças a Deos, & agradecimentos a quem os tirara do catiueyro, & jugo dos Mouros em que estauão. Nesta fortaleza ficarão logo algũs Portugueses pera sua guarda, mas pollo tempo em diante a puserão por terra, & se forão pera a India, por acharem que era cousa de muito pouca importancia, & a Christandade que cuidauão auia nos moradores da ilha de muito menos, pois nenhũa cousa tinhão de Christãos, antes muitas de Gêtios, & Mouros, como direy no seguinte capitulo. Depois que os Portugueses desemparrarão esta ilha, tornarão a senhoreala os Mouros de Caxém sem contradição algũa dos naturaes da terra, & nella viuem hoje pollas fraldas do mar, como tenho dito.

¶ Outras ilhas pequenas estão pegadas a esta de Sacotorâ, pouoadas de Gentios baços, mais barbaros a meu ver que todas as nações do mudo, porque não tem, nem querem trato, ou comércio com gente algũa, viuê pollos matos embrenhados como syluestres animaes, de cujas frutas se sustentão, & de bichos, & feras q matão. Nestas ilhas dizem q ha muitas minas de fino verme-
lhão, que se leua daqui pera muitas partes do Oriente.

¶ CAPI TVLO XVIII.

¶ De como o glorioso Apostolo S. Thomè veyo ter à ilha de Sacotorâ, & da Christandade que nella fez, & dos custumes que hoje tem os naturaes della.

DEpois que os sagrados Apostolos foram mandados pollo Spiritu santo a prègar o Santo Euangelho pollo mudo, repartindo entre si as Prouinçias a que cada hũa auia de ir, coube ao glorioso S. Thomè Apostolo esta parte Oriental, onde ha muytas, & muy diuersas nações, & castas de Gentios, os mais delles barbaros, & idôlatras. Partindo

pois de Hierusalem com esta empresa, veyo ter (segundo parece) ao mar Roxo (que he distancia quasi de oitêta legoas) onde se embarcou pera ir à India, & saindo pollo Estreito fóra, veyo tomar a ilha de Sacotorâ, onde a nao deu à costa com hũa grande tormenta que lhe sobreueyo, estãdo surta no porto da mesma ilha. O q não careço de mysterio, & misericordia que Deos quis vfar cõ os naturaes desta ilha, porque vendose o Apostolo sem nao pera seguir sua viagem, ficouse na ilha, & prègou o santo Euangelho, & conuerteo, & baptizou os moradores della, & juntamente fez algũas igrejas, ajudandose pera isso da madeyra da sua nao, que tinha dado à costa, das quaes dizem que ainda hoje se conserua hũa igreja que està em pé por memoria do Apostolo que a fez. Depois que este glorioso santo teue a gente desta ilha conuertida, ordenoulhe ministros, que cultiuassem, & sustetassẽ esta Christandade, & embarcouse pera a India, & indo correndo a costa de Arabia, foy ter ao Estreito da Persia, onde se deixou ficar algũs annos, & prègou por aquellas partes entre os Per-

f. Thomè
vê a Sa-
cotorâ.

Faz con-
uerção
na ilha.

Prèga
Persia.

S
las,

fas, Medos, & Parthos, conuertendo algũs Gentios à fè de Iesu Christo. E dalli se tornou a embarcar pera a India, onde chegou a saluamento, & nella fez a Christandade que hoje està nas serras do Malabar, de q̃ adiante fallarey algũa coufa.

¶ Os Christãos que ficaraõ em Sacotorá foraõ continuando, & perseverando muitos annos na doutrina que S. Thomè lhe tinha ensinado, atè q̃ o Patriarcha de Babilonia veyo ter conhecimento delles, & tomou posse desta Christandade mandandolhe Bispos que a regessem, & cultiuassem: o que fizeraõ muitos annos com grande augmêto da verdadeira ley & fè de Christo nosso Senhor: mas depois q̃ estes Bispos acietaraõ a falsa doutrina de Nestor, essa mesma foraõ ensinando aos moradores de Sacotorá, atè o tempo em que foraõ dominados pollos Mouros Arabios de Caxêm, que os oprimiraõ, & tyrannizaraõ de maneira, que lhe não deyxaraõ vir mais Bispos de Babilonia: & por esta falta q̃ tiueraõ de Pastores, que os apacentassem no Christianismo, foraõ pouco & pouco perdendo a doutrina, & ceremonias Christãs.

Alem disso com a liança que tiueraõ por via de casamento cõ os Mouros Arabios, foraõ tomando muitos cultumes, & ceremonias suas, & tão esquecidos estão já do Christianismo, que nem o nome tem de Christãos, nem menos saõ Mouros, nem Gentios, mas de cada ley tem seu pouco. Porque como as nossas, jejuão, & vão fazer oração à Cruz, que tẽ em çima do altar, a que adoraõ. Como Mouros circũcidão os filhos, & naõ vfaõ de baptismo, & fazẽ grande festa odia q̃ aparece a Lua noua. Como Gẽtios adoraõ a lua, tendoa por Deos, que lhe dà as nouidades & a criação dos gados, & por esse respeito lhe fazem sacrificios do mesmo gado em çerto tempo do anno, com grandissimas festas, musicas, & baylos. Chamão às suas igrejas Mocâmos, & aos sacerdotes Hodâmos. As molheres todas se chamão Marias, nome çerto q̃ parece lhe ficou cõmum a todas do tempo que eraõ Christãs, posto pollo glorioso Apóstolo S. Thomè, em memoria da Virgem Maria nossa Senhora, da qual estes barbaros hoje nã tem notiçia, nem conhecimento de

Varias feitas q̃ seguem.

Quedou trina tiueraõ.

Como pderaõ a fè.

Nome q̃ vfaõ.

to de

to de Iesu Christo nosso Senhor, nem de sua sacratissima payxão, & morte: nem menos os mysterios da Cruz, q̄ venerão & adoraõ, sem saberem o porq̄ lhe fazem a tal adoração, nem o que significa. E sendo perguntados por isso, respondem, que adoraõ aquella Cruz, ou aquelles dous paos armados naquella figura, porque seus antepassados a adoraraõ, & lhe deyxaraõ ley que a adorassem, & venerassem como coufa diuina, o que fazê sem auer falta nisso, & nenhũa outra figura tem, nem imagem, que adorem nas suas igrejas. Queira nosso Senhor abrir caminho a esta Christandade, que o Apolto S. Thomè principiou, & cultiuou pera que se torne a reduzir a seu príncipio santo, & ao verdadeiro Christianismo, que tem perdido.

¶ CAPITULO XIX.

¶ Dos costumes barbaros destes Biduins;



¶ Todos estes Biduins se prezão de feyticeyros, pollo que são muy dados a encantamentos, & arte Magica, & a ensinão hús aos outros,

& tem isto por tradição anti-gua de seus antepassados, coufa muy difficultosa entre elles de aprender, pollo que nenhũ he perito nesta diabolica arte. Careçem de todo genero de escolas, & sciencias. Não tem moeda, mas trocãõ hũas coufas por outras. Não tem pouações em que morem juntos, antes viuem espalhados polla ilha em couas, & lapas, que tem feito pollas ferras, onde se recolhem com seus gados. Não vsão de nauios, nem nauegaõ pollo mar. Tem feyto ley entre si, que não tenham comércio com outra nação, nem que gente estrangeira viua entre elles, nem aceytem costumes, ou ley algũa, mais q̄ a sua brutal, que dizem lhe ficou de seus antepassados. Geralmente são todos elles grandissimos ladrões, que furtão o gado hús aos outros, polla qual rezão se matão, & não têm pena por matarem o ladraõ, mas se o ladraõ foge pera a igreja não morre, porem se o apanhão fora della, cortãolhe a mão direita por justiça. Esta pena de cortarem as mãos aos malfeitores he muy cõmua entre estes barbaros. Cortão a mão direita a todo aquelle q̄

Castigo q̄ dão aos malfeitores.

Adoraõ a Cruz.

Não vsão imagens.

quebra o jejum da Quaresma, & ao que achão, ou sabem que não he çircuncidado. Os seus sacerdotes trazem hũa cruz de pao pequena comlgo por sua diuifa, & se consentem que alguem lhe ponha a mão, ou andão sem ella, cortãolhe a mão direita. Se algũa pessoa que não he sacerdote toma a cruz na mão, cortãolha logo sem remissaõ; & por outras semelhantes culpas daõ esta pena, pol-la qual rezaõ muitos delles tẽ as mãos, & os dedos cortados, os quaes tambem lhe cortão por culpas mais leues. Os seus juyzes & governadores são os sacerdotes, & estes julgaõ suas causas, & daõ nellas sentença final como lhe parece, sem auer apellação, nem agrauo. Estes sacerdotes não dizem missa, nem rezaõ o officio diuino, nem menos tem noticia disso: somete seruem nas igrejas de çircuncidarem os mininos; & de rezarem çertas orações; & estas ensinaõ os sacerdotes aos que lhe haõ de soceder no officio, a qual oraçãõ fazem duas vezes cada vinte & quatro horas, que he quando sae a Lua, & quando se poem. Tambem fazem procições ao redor da igreja hũa

vez em cada mes, quando aparece a Lũa noua. Todos jejuãõ a Quaresma, a qual começa em a Lua noua de Abril, & dura sessenta dias, nos quaes não comem peixe, nem carne, nem coufa de leyte. As molheres não podem entrar na igreja, nem os mininos, que estiuere por çircuncidar. Cadahũ vay à igreja se quer, porque ninguẽ he obrigado a isto contra sua vontade.

¶ Duas castas de Biduins ha nesta ilha, hũs que proçedem de Mouros Arabios, & de molheres naturaes da ilha Biduinas, os quaes viuem ao longo das prayas, & geralmẽte são pescadores. Outros são Biduins, sem mistura de sangue Mourisco, os quaes habitãõ polla terra dentro, & viuem de criar, & apaçentar seus gados, & estes são mais aluos, & mais bem assombrados, que os pescadores. E todos são altos de corpo, & bem despostos. Nũca cortão o cabelo da barba, nem da cabeça, antes se prezaõ de o trazer muy creçido, solto, & atado atras como molheres. Vestem pannos grossyros, & asperos, que elles mesmos teçem de laã de cabras, çingindose com hum pan-

Duas castas de Biduins.

Os sacerdotes são juyzes.

Officios dos sacerdotes.

Traços dos Biduins.

no da çintura pera baixo, & outro mayor pollos hombros como capa, do qual modo andão assi homẽs, como molheres. Vsaõ de fundas, com que mataõ passaros, & lhe seruem de armas, & tambẽ vsaõ de espadas curtas todas de ferro, que trazem penduradas nos çintos. Tem quantas molheres querem, & todas as vezes que as querem repudiar o fazem, & tomão outras, o qual costume tomaraõ dos Mouros desta costa, que fazem o mesmo. Podem perfilhar quantos filhos alheos quiserẽ, os quaes ficão herdeiros igualmente cõ os seus filhos legitimos. Cada gêraçãõ tem hũa coua muito funda, onde lançaõ os seus defuntos, sem os cubrirem de terra, & aos doentes que já estão mal, & desconfiados da vida, não aguardaõ que acabem de morrer, mas antes que espirarem os lançaõ dentro nas couas, dizendo que tanto monta estar já morto, como estar pera morrer. Outras muitas brutalidades, abusos, & superstições tem estes barbaros, muy alheas do Christianismo, por õde se enganão algũas pessoas desta costa, que cõmummente lhe chamão Christaõs.

¶ CAPITULO XX.
¶ Do Estreito do mar Roxo, ou Vermelho, & das opiniões que ha sobre este nome, & da causa por que he vermelho.



Mar Vermelho, ou Roxo taõ afamado, se conhece por tres nomes. O primeiro, & mais gêral que tem nas partes do Oriente, he Estreito de Meca, por respeito da cidade Meca, situada perto deste mar, onde jaz sepultado o corpo do maldito Maphamede. O segundo he Estreito do mar Arabico, por quanto çinge com suas agoas muita parte das prayas de Arabia. O terceiro nome por que se nomea cõmumẽte nesta Europa, & em muitas partes d'Africa, & Asia, he mar Vermelho, ou Roxo: sobre q̃ ha muitas opiniões, assi entre os escritores, como entre os Mouros destas partes, os quaes dizem que he vermelho por causa de ter o fundo de barro vermelho, & q̃ sendo a mesma agoa branca & clara, parece vermelha, por respeito de ter o fundo vermelho. Outros Mouros dizem que se faz vermelho no tempo das inuernaças, com as muitas agoas que rece-

recebe vermelhas, a qual cor tomão de algũas terras de barro vermelho por onde passaõ, atè se meteré neste mar. No que elles cuydaõ ter algũa rezaõ, & probabilidade, por quanto muytas terras que correm pollo fertoã dentro da parte de Arabia saõ de barro tão vermelho como sangue, & assi no tẽpo do inuerno tomão as agoas a cor deste barro por onde correm, em tanta maneira, q̃ quando se vem meter neste mar parecem sangue, & particularmente as q̃ vem corredo pollas terras circunstantes ao monte Sinay, onde està sepultada a gloriosa S. Catherina martyr. Tãbem da outra parte da Ethiopia ha muitas terras barrentas & tingẽ as agoas que por ellas passaõ, & assi tintas se vem meter neste mar. Mas ainda que tudo isto seja verdade, não podẽ estas enxurradas fazer tanto effeito no mar, q̃ o tingãõ mais que ao lógo das prayas, & isto somente em quanto durãõ as inuernadas, que he muito pouco tempo, & a vermelhidãõ que se vê neste mar, naõ he somente pollas bordas delle, & no inuerno, mas tambem pollo meyo, & em todo o tempo, quãdo o ceo està sereno, &

reuerbera o sol nelle com seus rayos. Plinio, Aristoteles, & Pomponio Mella, dizem, que este mar Vermelho tomou o nome de hum Rey que moraua nas suas prayas, chamado Erythreo, que quer dizer Vermelho. Quinto Curcio, & outros Autores affirmãõ que tẽ este nome por causa do sangue que os Egypcios nelle derramaraõ, quando alli morreraõ afogados, indo no alcance dos filhos de Israel, denotando cõ este nome de Vermelho, o grãde castigo, & mortes, que tiueraõ neste mar, as quaes se declaraõ mais ao viuo por sangue, que significa crueza, & q̃ por isso lhe chamarãõ Vermelho.

¶ Mas todas estas opiniões que tenho referido deste mar Vermelho (posto que algũas sejam de tão graues autores) se podem refutar, & desfazer com a seguinte, verdadeyra, çerta, & verificada polla experiencia. Este mar nunca teue, nem tem as agoas vermelhas, mas com tudo algũas vezes appareçem ruyuas em muitas partes delle, por causa do muyto coral vermelho que tem naçido pollo fundo daquellas mesmas partes: & por essa rezam

lib. 5. c. 2
lib. Meth. c. 14.
Põponio
Q. Curt.
lib. 9.

verdadeira
opiniãõ do
mar Roxo :

não

não appareçe todo da mesma cor, senão somente naquelles lugares onde ha este coral, que faz parecer a mesma agoa vermelha, ou roxa com a reuerberação do sol quando as agoas estão claras. Esta experiencia fez dō João de Castro quando veyo a este mar, em hũa grossa armada da India, da qual elle depois foy governador. Este prudēte capitaõ correó de proposito quasi todo este mar Roxo, como elle conta nos seus cōmentarios Geographos, que fez de todas estas terras: & nos lugares onde via estas máchas vermelhas, mandaua mergulhar algūs homēs grandes mergulhadores, que já leuaua pera este effeito, os quaes indo abaixo ao fundo do mar pera fazerem experiencia daquella vermelhidão, trouxeraõ muytos pedaços de coral vermelho, q̄ arrancaraõ do fundo, & affirmaraõ que toda a mais vermelhidão que appareçia, era coral vermelho.

¶ Na entrada deste mar Roxo está situada a ilha Babelmãdêl, que o faz diuidir em dous canaes, a que chamão portas: a que fica da parte da Ethiopia tem cinco legoas de largo por onde as naos podem en-

trar, & sayr francamente: a outra boca da parte da Arabia, he de legoa & meya, pouco mais, ou menos, & tem muitos secos, & areas, que empedem a nauegação a grandes embarcações. A terra firme da Ethiopia, que está defrõte desta ilha faz hũa ponta, a que chamão Rosbêl: & da parte da Arabia faz outra chamada Arâ. Daqui pera dentro vay correndo este mar atè Suês, vltima terra deste Estreito: que he distancia de quatrocentas legoas de comprimento, & de largo quarenta. Das portas pera dentro deste mar, atè a ilha do Camaraõ ha muytos bayxos polla qual rezão se não pode nauegar senão de dia: mas do Camaraõ atè Suês he o mar limpo, & tē fundo de vinte & cinco, atè cincoenta braças, & pode se nauegar por elle denoite, sem perigo de bayxos.

¶ Das portas pera dentro está hum porto na Ethiopia, chamado Beliê, pouoado de Mouros do Reyno de Angáli, q̄ confina cõ o de Adêl. Destes dous Reinos pera dêtro do sertão está hũa grãde Prouíncia repartida em 24. senhorias pouoadas de Mouros, a que chamão Dobâs, de que já faley, q̄

Distância
p̄saõ do
mar Roxo.

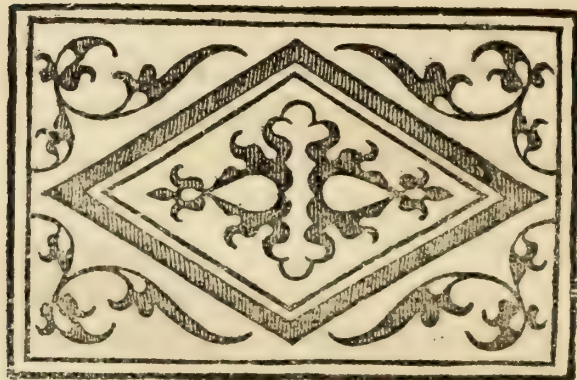
Experiē
cia de D.
João de
Castro.

Portas
do mar
Roxo.

saõ

saõ fronteiros da Prouincia Ianamôra, pouuada de Christãos sogeitos ao Preste Ioão, com quem ordinariamente trazem guerra. Por esta costa do mar Roxo acima, da parte da Ethiopia, estaõ os portos de Dalâça, Arquico, & da ilha de Mâçua, por onde facilmete se pode auer entrada pera os Reynos do Preste. As terras q correm ao longo destas prayas, muytas dellas saõ pouoadas de Mouros Alarues, pastores de vaccas, & muitas desertas, onde se crião bichos peçonhentos, & feras, como saõ tigres, leões, onças, adibes, & muita caça de lebres, perdizes, & porcos. Os lugares pouoados saõ fertilissimos, & abundantes de mantimentos, & legumes. Finalmete nestas prayas do mar Roxo feneçe a Ethiopia Oriental, de que temos fallado.

¶ LAUS DEO OPT. MAX:



FIM DA PRIMEIRA PARTE:

¶ Eūtes in mundū vni-
uersum, prædicate Euā-
gelium omni creaturæ.

Marc. 16.

¶ Opus fac Euangelistæ, ministerium
tuum imple. 2. Timoth. 4.

Ardebat, quasi facula, pro zelo
percutientium.



Pugnabat verbo, & miraculis, missis
per orbem fratribus.

**VARIA HISTO-
RIA DE GOVSAS NO-
TAVEIS DO ORIENTE.**
E da Christandade que os Religiosos da
Ordē dos Prégadores nelle fizerão.
SEGUNDA PARTE.
COMPOSTA POLLO P. Fr. IOAM
dos Santos da mesma Ordem,
natural da cidade de Euora.
DIRIGIDA AO EXCELLENTISSIMO
S. Dom Duarte, Marques de Frechilla,
& Malagon, &c.

Impressa no Conuento de S. Domingos de Euora
com Licença do S. Officio, & Ordinario,
& Priuilegio Real.

Por Manoel de Lyra. Anno de 1609.

¶ Super montem excelsum, ascende
tu. qui euangelizas Sion. Isa 40.



PROLOGO DA SEGUNDA PARTE.



VENDO de tratar nesta segunda parte de algúas cousas notaveis do Oriente, & particularmente da Chriſtandade da Ethiopia Oriental, que os Religioſos da Ordem dos Prêgadores nella tem feito, & vão fazendo, (pois ja tenho tratado na primeira parte de ſuas terras, & gentes) pareceome couſa conueniente dar principio a eſta segunda com hũa breue relação dos primeiros Religioſos deſta ſagrada Ordem, que forão prêgar o ſanto Euãgelho a muytas partes deſte Oriente, onde eu tambem fuy para ſeguir ſuas piſadas, & os ajudar na obra da conuerſão das almas, inda que indigno de me contar no numero de tão zelozos, & virtuoſos varões.

¶ E por quanto os ditos Religioſos tem trabalhado tanto nesta vinha do Senhor, que ſe não pode dignamête eſcreuer o fruyto que nella fizerão com ſua doutrina, ſenão em muytos liuros, & com outro eſtillo mais alto do q̄ em mim ha; me contentarey ſomête cõ dar eſta breue relação da Chriſtandade que fizerão em Armenia, India, Ethiopia, & terras do Abexim; & da morte glorioſa que algũs delles receberão da mão dos infeis, polla fê de Ieſu Chriſto, que prêgaurão com tanto zelo, & feruor, que beĩm ſe pode cuydar, que poſſuyão aquelle ſpirito, & palauras que Deos por Eſaias prometeo aos prêgadores Euangelicos, & ſe cantão no officio do Patriarcha S. Domingos, Spiritus meus qui eſt in te, & verba mea, quæ Iſai. 79. poſui in ore tuo, non recedêť de ore tuo, & de ore ſeminis tui, dicit Dominus, a modo, & vſque in ſempiternum.

¶ Deſtas couſas tratarei breuemente, como tenho dito, quanto baſte pera teçer & ordenar as da Chriſtandade da Ethiopia Oriental, em que reſidi onze annos, & do que nella nos ſocedeo; deyxando a relação mais copioſa das obras deſtes Religioſos, pera a Chronica dos ſantos, & varões illuſtres deſta noſſa Prouincia, que cada dia com o fauor diuino eſperamos que ſaya a luz; onde ſe podem ver mais largamente as marauilhas q̄ Deos por elles obrou.

¶ Tem eſta segunda parte quatro liuros. No primeyro tratarey dos Religioſos eminentes em virtudes, & letras, que paſſarão a prêgar a Fê neſtas partes do Oriente antes que foſſem deſcubertas pollos Portugueſes.

PROLOGO.

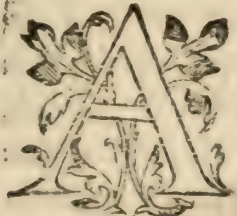
No segundo, dos que forão a ellas depois de conquistadas por elles.
No terceiro, da viagem que fizemos deste Reino, até entrar nas terras, & Christandade da Ethiopia Oriental; & de passagem fallarey em algũas perdições de naos da India, que fizerão naufragio nesta costa. No quarto, de algũas cousas notaveis, que ha nas terras de Goa, Chaul, & Cõchim, por serem as principaes, que os Portugueses possuem na India. Dos costumes dos Bramenes, & logues, que nellas habitão. Dos primeiros descubridores, & conquistadores da India, & Viçereis que nella ouue até o anno de 608. Dos Capuchos, & Iapões, que forão crucificados em Iapão, por prègarem a fe de Christo. De duas victorias insignes, que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros em nossos tēpos. Da Christandade de S. Thomé.
E finalmente das cousas notaveis que nos socederãõ na viagem da India até este Reyno.



LIVRO PRIMEIRO, DE VARIA HISTORIA, DA CHRISTANDADE ORIENTAL.

No qual se dà hũa breue relação de algũs Religiosos insignes em virtude, & letras, da Ordem dos Prêgadores, que passaraõ às partes Orientaes, antes que fossem descubertas pollos Portugueses, & das mortes gloriosas, que algũstiuerãõ, & martyrio que outros receberãõ da mão dos infieis polla fê de IESV Christo nosso Saluador, queprêgauãõ, andando occupados no ministerio da Christãdade.

¶ CAPIT. PRIMEIRO,
¶ Dos primeiros Religiosos da ordem dos Prêgadores, que passaraõ às partes do Oriente, & foraõ ao Cathayo por Embaixadores do Papa Innocencio 4.

 Ntes q̃ o Serenissimo Rei D. Manoel de gloriosa memoria mandasse descubrir as partes Orientaes, & se conquistassê nellas tantas Prouincias, & Reinos, como hoje estão conquistados, & senhoreados pollos Portugueses, cõ muita fama, & gloria de seu nome, digna de immortal memoria: foraõ estas terras descubertas, & pizadas pollos Religiosos dos Patriarchas S. Domingos, & S. Francisco: os quaes

mouidos cõ o zelo da conquista spiritual, passaraõ a estas partes a prêgar a ley Euangelica, como claramente nos cõstã do Itinerario de Marco Paulo Veneto, no lugar em que trata da Prouincia Tartarea, ou Mangália, & da gêração, & principio dos Mogõres habitadores destas terras, como refere Diogo do Couto por estas palavras: *Da Prouincia Tartarea, ou Mangália nos derãõ noticia confusamente o Padre Fr. Anselmo da ordẽ de S. Domingos, & o P. Fr. Odorico de Friuoli, da ordẽ dos Menores, os quaes na era de 1247.º Papa Innocencio III. mãdou por embaixadores ao grão Cão senhor do Cathayo, q̃ era Christão. Atẽ aqui Diogo do Couto. Este grão Cão dizẽ q̃ in da hoje he Christão. Foy esta embayxada duzentos & cin-*

Deç. 7.
da India
liu. 7. c. 3

Embaxadores
do Papa
ao grão
Cão.

coëta & hum annos antes que as Indias Orientaes fossé descubertas pollos Portugueses. De maneira q̄ estes dous Religiosos foraõ os primeiros que descubriraõ, & nos deraõ lume destas terras do Oriente, que depois delles auiaõ de ser postas, & pouoadas de Christãos, como outros dous fidelissimos filhos de Israel Caleb, & Iosue foraõ descobrir a terra de Promissão, que o mais pouo possuyõ depois, & se logrou dos frutos de seu trabalho.

Numer. 13 & 14.

¶ No anno do Sñor de 1598 no mes de Julho, estando o Padre Xauier da Cõpanhia de Iesu na corte do graõ Mogõr, em Laõr cõ o Principe, chegou alli hũ Mouro mercador natural de Comercão, de idade de 60. annos, & disse ao Principe que vinha do Cathayo, & q̄ sabia as cousas daquelle Reino, por residir nelle treze annos. O Principe lhe mandou q̄ na verdade relatasse tudo o q̄ sabia, & lhe fosse preguntado, cuja relação o padre Xauier escreveu & mandou à India, & o tressado della he o seguinte.

caminho da India atè o Cathayo.

¶ Primeiramente, Vayse de Laõr ao Reyno de Acano, & dalli ao Tabete pequeno, q̄ he de hum Rey Mouro amigo do

Achao, & dalli ao Tabete grã de, õde dizẽ auer muitos Christãos, & dalli a Coscar, & dalli ao Cathayo cõ chapas destes Reys, que saõ as prouisões, ou cartas de seguro, q̄ daõ aos passageiros. Sera caminho de cinco meses de Laõr atè o Cathayo. Primeiro q̄ entrem naquelle Reyno se leua recado polla posta ao Rey, no qual se gasta hũ mes, & vindo licença sua, entraõ entraõ seguramente, sem a qual ninguem entra.

¶ O Rey he Christão, & todo o seu Reyno, tirando algũs poucos q̄ tem de Iudéus & Mouros. Viuẽ os Cathayos em grã de quietação, & segurãça, polla muita & boa justiça que tẽ, & se guarda igualmente a todos. O Rey he poderoso, tem muita, & boa gente de guerra, & quatroçetos elefantes, que tambem deuem ser de guerra. Tem mil & quinhentas cidades, a fora villas & lugares, nas quaes tẽ sempre presidio.

O Cathayo Christão.

¶ Tem igrejas muito fermosas, & todas de tres naues muy cõpridas. Os clerigos vestem preto, & trazẽ barretes redondos, & grandes barbas. Cada igreja tem hũ padre mayoral, a que todos obedecem.

Igrejas, & sacerdots do Cathayo.

¶ Ninguẽ chega a fallar cõ o Rey,

o Rêy senão por petições, & hum seu priuado dà a reposta por mandado do Rey. Algũas vezes vio este Mouro a el Rey ir à igreja, & preguntandolhe eu se se circũcidauão, disse que não, senão que depois de nãcidos dalli a poucos dias os leuauão à igreja, & os lauauão cõ agoa, q̄ parece he o baptismo.

Baptismo dos Cathayos.

¶ Té nas igrejas imagẽs de vulto, & pinturas, aysi da Virgẽ nossa Sñora, como de Christo, & de santos: & preguntado como sabia elle, ou conhecia as taes imagẽs? respõdeo q̄ de Dño, & de Cõstantinopla, & de outras cidades de Christãos tiuera noticia daquellas imagẽs & as vira, q̄ eraõ semelhantes àquellas do Cathayo.

Imagẽs do Cathayo.

¶ Os Christãos quando se cafaõ, fazẽ logo suas couas, & jũtamente duas caixas em q̄ haõ de meter seus corpos, nas quaes se metẽ cada tres dias, chorando qual delles ha de ser o primeiro q̄ ha de pouoar aquella casa, & por ventura que o façaõ por se lembrarẽ da morte.

Memo-ria da morte.

¶ Disse mais que auia muitas molheres recolhidas, q̄ nunca casauão, & aysi mesmo muitos padres, & q̄ todos estes se sustentauão cõ esmolas do Rey; & o mesmo as igrejas. A terra

Religiosos do Cathayo

he muy fértil de mantimẽtos, & de todo o genero de frutas, maçãs, peros, marmellos, romãs, & muita fruta d'espinho.

¶ Té grandes minas de prata, & cõ ella cõpraõ todas as cousas, por pesos q̄ tem pera ifso. Tem muito almiscar. Atẽ aqui saõ palauras da informaçãõ q̄ mandou o Padre Xauier à Índia, como fica dito.

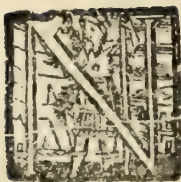
Minas de prata.

¶ D'algũas cousas desta informaçãõ se collige, q̄ a Christandade do Cathayo, se he atigua como dizẽ, ao menos q̄ foy reformada por sacerdotes de Europa, & não pollos de S. Thomè da India: porque primeiramente os do Cathayo baptizãõ os mininos nãcidos de poucos dias, como nõs fazemos: os clrigos trazẽ barretes, & barbas cõpridas, ao modo de Italia; as quaes cousas todas não faziãõ, nẽ traziaõ os Christãos de S. Thome: & finalmete por terem Religiosas recolhidas, q̄ professãõ castidade, o q̄ não auia etre os Christãos da India; pois todos eraõ casados. Colli-ge-se logo, q̄ esta Christandade foy reformada por sacerdotes de Europa, & que estes com muita probabilidade foraõ fra- des de S. Domingos, & de S. Frãscisco, pois la foraõ euiados

pollo Papa Innocençio III. como fica dito. Porque atè os Religiosos de S. Domingos, & de S. Francisco, q̄ foraõ martyrizados e Tanà, como adiante direy, tambẽ parece q̄ sayrà de Italia pera irè ao Cathayo, & deuião ter là Prouinçias pera onde fossẽ enuiados. E pois nos consta que inda hoje ha là Religiosos, he muito prouauel que feraõ da ordem de S. Domingos, & de S. Francisco, & não tratariaõ mais atè agora, nem se cõmunicarião com os de Europa, pollas grãdes guerras que de entãõ pera cà ouue em Turquia, & Persia, & outros muitos Reinos de Asia.

¶ CAPITULO II.

Da Christandade de Armenia, fundada pollo Bispo dom Frey Bertholameu de Parma Bolonès, Religioso da Ordem dos Prêgadores.



O tempo q̄ os dous Embayxadores do Papa tornaraõ do Cathayo, florescia em virtudes, letras, & pulpito, o Padre Fr. Bertholameu de Parma da ordem dos Prêgadores, natural de Bolonha. Pollas quaes partes o Papa Inno-

cencio III. lhe era muy affeioado, & desejando honrallo com as dignidades da Igreja, o fez Bispo titular da çidade & Prouinçia Narsiuan, situada e Armenia mayor, tres jornadas da Cidade Tauris, que entãõ era cabeça do Reino da Persia. A qual dignidade o Padre não quis logo açeitar, por sua muita humildade, mas vendo que o Sũmo Pontifice insistia nisso por lhe fazer a vontade a aceitou, cõ tençãõ de se sacrificar a Deos em buscar as ouelhas infieis, & barbaras, que lhe dauão em terras taõ remotas, onde tinha mais certa sua morte, que a obediença que lhe era deuida, como a Pastor daquel la Prouincia. Vendose pois cõ a dignidade Pastoral, & sem ouelhas presentes, que pudesse apacentar, pedio logo a bençãõ ao Sũmo Pontifice, & partiose de Roma a esta empresa, leuando por seu companheiro o Padre Fr. Pedro de Aragão, da mesma ordem, varaõ perfeito em virtudes, & letras: & ambos cometeraõ esta viagẽ mui aluoroçados, & em particular o Bispo, que ardia no desejo de buscar suas ouelhas desgarradas, & perdidas, pera ver se achaua algũas, que o reconhe-

F. Pedro de Aragão.

Fr. Bertholameu de Parma Bispo de Armenia.

cessem

cesssem por seu Pastor, & fossem por elle apaçentadas cõ a doutrina da Igreja Catholica. Em barcaraõse em Veneza pera Candia, & dahi, passando por Chipre, foraõ tomar porto em Soria, donde se foraõ a Hierusalé visitar o santo Sepulchro, & os mais lugares sagrados d' aquellas partes. Daqui se partiraõ por terra apè, & finalmente depois de passarem muitos trabalhos, & difficuldades neste caminho, assi por terra, como por mar, entraraõ pollos Reynos da Persia, & chegaraõ à Prouincia de Narsuan, vltimo fim de sua jornada, no anno do Senhor de 1253. como cõsta dos liuros que andão impressos em lingua Italiana por mandado do Papa Clemete 8. os quaes foraõ trasladados de hum transumpto authentico, q̃ lhe veyo de Armenia, tirado do proprio original, que está no archiuo daquelle Arçebispado. E posto que Ioão Botê-

Botêro,
lib. 2, 3.
p. f. 132.

Serafino
Razzi.

ro diga que o Padre Fr. Bertho lameu foy eleito em Bispo de Armenia no anno de 1337. pollo Papa Ioão 22. com tudo Serafino Razzi conforma com o que tenho dito acima, & isto he o que se deue ter.

¶ Tanto que estes dous Re

ligiosos chegaraõ a estas terras, logo começaraõ a prègar a ley Euangelica, & Catholica publicamente com grande cõstancia, & feruor, que o Spiritu sancto lhe ministrava. E perseverando neste officio muitos dias, foy Deos seruido, que se cõuertesse o Patriarcha de Babilonia schismatico, que até então seguia os erros do falso Nestor, & depois de reduzido à doutrina da Igreja Romana, & à obediencia do Papa, tomou o habito da Religiaõ do Padre S. Domígos, o qual lhe deitou o Bispo dom Fr. Bertho lameu com muito gosto, & nel le perseverou até a morte com grandes mostras de sancto. Da mesma maneira se conuerteo o Patriarcha, que os Nestorianos em lugar deste elegeraõ; o qual tambem tomou o habito de S. Domingos: com cujo exemplo se conuerteraõ muitos Nestorianos. Pera consolação dos quaes o sancto Bispo traduzio muitos liuros de Latim na lingua Armenia, como foy o Breuiario, & Missal da ordem de S. Domingos, & algũas obras de S. Thomas, & outros liuros deuotos, & tocantes à edificação & doutrina espiritual dos novos fieis: cuja

con

conuerſaõ foy em tanto crecimento, que hũs perſuadião, & inçitauaõ aos outros a ſeguir a doutrina do ſanto Biſpo. E muitos deſtes reçeberaõ o habito de S. Domingos da mã do meſmo Biſpo, o qual elle lhe daua como Prouinçial, q̄ era deſta Prouincia, & ſaõ inda hoje todos os Biſpos q̄ lhe ſoçedem, que agora tem titulo de Arçebiſpos de Nariuan. De modo, que neste ſeruiço de Deos foraõ eſtes Religioſos continuando, & fazendo tanto fruito nas almas, & no acrecẽtamento da Religiãõ, que em poucos annos edificaraõ vinte & cinco Conuentos de Religioſos da ſua Ordẽ, ſituados em diuerſos lugares, & pouos de Armenia, onde os Religioſos administrauaõ os Sacramẽtos aos mais Chriſtãõs ſeculares, obediẽtes à Igreja Romana, como ſeus Curas, & Paſtores, que ſaõ nestas partes, onde não ha outro Arcebiſpo, nẽ Eccleſiaſticos, mais que Religioſos de S. Domingos. Pollo que ſe deue notar, que toda a Chriſtandade que nestas partes ha, ſojeita, & obediẽte à Igreja Romana, foy feita, gouernada, & ſuſtentada pollos Religioſos da Ordẽ dos Prẽ-

gadores deſta Prouincia de Nariuan, os quaes ſe conſeruãõ tambem em hũas ſete aldeas, q̄ eſtaõ alẽ da çidade Iulſar, por que todos os mais Armenios que viuem nestas partes foraõ atẽ agora ſchiſmaticos herejes Neſtorianos, & inimigos da Igreja Romana, & obediẽtes ao Patriarcha de Babilonia, como ſaõ os que moraõ dẽtro em Iulſar, que eſtãõ trinta legoas de Tauris: & muito mais os que agora trouxe o Xãpera a Perſia de dẽtro da terra dos Turcos.

¶ CAPITVLO IIII

¶ *Das perſiguições que os Chriſtãõs de Armenia padeçerãõ por via dos Turcos. E do martyrio do Biſpo D. Fr. Bertholameu, & d'outros Religioſos de S. Domingos.*



Stando eſta Chriſtandade, & noua vinha do Senhor tanto auante, como tenho dito, com grande enueja dos Neſtorianos, induzidos pollo inimigo da ſaluação do mundo, ſoçedeolhe hũa grandiffima perſiguição, em q̄ muytos Chriſtãõs foraõ martyrizados polla fẽ Catholica, com
cujo

25. Con-
uentos de
Religioſos,

Martyrio dos christãos de Armenia.

cujo sangue ficou esta Igreja de Armenia tão bem fundada, & fortalecida, que inda hoje està em pè, firme, & constante ètre barbaras nações de Mouros, & Gentios. A causa destas mortes foraõ os Turcos, os quaes vindo com grãde poder contra o Rey da Persia, entraraõ polla Prouincia de Narsuan conquistando muita parte della, & fazendo grandes estragos, así nas pouoações, como nas pessoas dos Christãos seus habitadores, martyrizando muytos, que não quizeraõ ser Mouros: ètre os quaes martyrizaraõ o Bispo dom Fr. Bertholameu de Parma, que como capitão, & bom pastor se posdiante de suas ouelhas pera as defender, & tirar da boca dos lobos carniçeiros, & dar o sangue, & vida por ellas. E así padeceo martyrio com seu cõpãheiro o Padre Fr. Pedro d'Aragão, em dia de nossa Senhora da Assumpção, & jaz sepultado em a cidade Carnà, hũa jornada de Narsuan, no Conuento de nossa Senhora da Assumpção da sua ordem, onde està muy venerado, & faz muytos milagres. Outros muytos Religiosos foraõ martyrizados, que de boa vontade se of-

Martyrio do Bispo D. fr. Berth.

fereceraõ ao martyrio polla fè de Iesu Christo, & teraõ alcançado o premio de seus trabalhos. Os que desta perseguição ficaraõ com vida não esca paraõ da sojeição, em que viveraõ muytos annos, quasi como catiuos dos Turcos, a quẽ ficaraõ sojeitos com grandes tributos, & oppressão, atè que o Rey da Persia tornou a cobrar suas terras (& lãçados os Turcos dellas por força de armas) ficaraõ os nossos Christãos com a liberdade que dantes tinhão, sendo vassallos do Persa, & seus tributarios, sem oppressão algũa dos Turcos.

¶ Desta quietação gozaraõ estes Christãos algũs annos, atè que segunda vez tornaraõ os Turcos a entrar pollas terras de Persia, tornando a sojeitar, & tyrannizar a Prouincia de Narsuan cõ muito mayor estrago, & com mais mortes qdantes: no qual tempo martyrizaraõ o Arcebispo de Narsuan D. Fr. Nicolao Fridonix, & o Prior do Conuento de S. Ioão, chamado Fr. Raphael, & o padre Fr. Matthias, & outros muytos Religiosos, todos da ordem dos Prêgadores, & juntamête algũs Christãos seculares deste Arcebispado. De maneira

Segunda perseguição.

Arcebispo F. Nicolao. F. Raphael, F. Matt. mart.

maneira, que por causa destas perseguições se foy desbaratã do esta Christandade, & os Côventos, que nella tinhão os Religiosos de S. Domingos, que não ha hoje tantos, & os Religiosos q̄ nelles viuê, serã 150. pouco mais, ou menos, & os mais Christãos seculares desta Christandade serã ao presente setenta mil entre homêes, molheres, & mininos, polto que antigamente foraõ muytos mais, ajudãdo a esta destruição os Nestorianos, que como cruays inimigos nossos acompanhauão os Turcos em todos estes maleficios. Mas hoje pol la bondade de Deos estã esta Christandade fora da oppressão dos Turcos, & sojeita ao Persa, que lhe faz muitos faoures, & querera Deos por sua misericordia, que vã cadadia de bem em melhor pera honra & gloria de seu santo nome. Todos estes Religiosos (por ley do Sophi) são obrigados a trazer Turbantes na cabeça, pera se conformarem com os mais naturaes da terra, & posto que tragão os capellos com o habito, não nos poem na cabeça por guardarem esta ley.

¶ Toda esta informação alcancei do Arcebispo de Ar-

menia, que atè agora foy deff a igreja de Narsinan, chamado Dom Fr. Azarias Fridonix da mesma ordem, muy grande Religioso, muy austero, & penitente, & obseruantissimo no rigor desta sagrada Religião: o qual teue grande parte nesta segunda perseguição, porque sendo tomado pollos Turcos, sabendo que era Prior de hum Côuento, & Vigayro, & parente do Arcebispo dom Fr. Nicolao Fridonix, que já tinhão martyrizado, o puseraõ a tormento em hũa cruz, onde esteue atado cinco horas, & em todo este tempo lhe deraõ muitas pancadas, & feridas, & finalmente o deyxaraõ por morto, & daqui foy tirado pollos Christãos, & curado secretamente, atè que sarou. Os sinaes das feridas vi eu, & muitos Religiosos desta Prouincia de Portugal, onde elle esteue pera se embarcar pera a India, poufado no conuento de S. Domingos de Lisboa, no anno do Senhor de mil, & seiscentos, & seis, determinando passar da India à Persia ao seu Arcebis-pado, donde tinha saydo pol la via de Turquia, a dar a obediencia ao Papa, como tem de obrigação fazer cada três an-

Informação do Arcebispo de Armenia.

Setenta mil Christãos em Armenia

nos,

Os Arçebispos d' Armenia cada tres annos dão obediencia ao Papa,

nos estes nossos Arçebispos de Armenia, ou por si, ou por outrem. E a causa porq̄ não tornou a voltar polla mesma via de Turquia, foy por estarem esses caminhos impedidos com as guerras q̄ o Perfa hoje traz cõ o graõ Turco, & temer que o matassem no caminho. Este Arçebispo me contou a hystoria relatada, affirmandome q̄ assi a tinham em Armenia escrita, & guardada no archiuo de seu Arçebispado. Não fez a viagem que determinaua fazer aquelle anno pera a India, por não irem nelle as naos, impedidas pollos Ollandeses: & por esse respeito se tornou pera Roma, onde falleceo no anno de 1607. acabando os trabalhos de sua peregrinação com muitas mostras de santo, digno de ser chamado martyr como outro Hero Philosopho Alexandrino, a quem S. Gregorio Nazianzeno honra com este nome, sò porq̄ue foi desterrado polla fè de Christo, mostrando nisto, que todos os que são perseguidos, & padeçẽ por ella, posto que actualmente não morraõ nos tormetos, são dignos deste glorioso nome.

Morre deste Arçebispo.

Orat. 25

¶ CAPITULO IIII.

¶ De hũa relação que os Padres de S. Agostinho, que foraõ a Persia, mandaraõ ao Arçebispo de Goa

Dom Frey Aleyxo de Menezes.



O anno do Senhor de 1604. foy por ebyaxador ao graõ Sophi Rey da Persia por mandado do Papa Clemente VIII. o Padre Francisco da Costa, em cuja companhia foraõ dous Religiosos do glorioso padre S. Agostinho, que la ficaraõ, & saõ muy fauorecidos do Rey, & tem já casa fundada em Aspaõ cidade principal, & residencia da corte, onde os Religiosos dizem missa, & sem impedimento algum fazem Christandade. Os quaes escreuendo sua jornada, & o sucesso das guerras do Sophi com o Turco do anno de 1603. atè o de 604. escreuerão juntamente o q̄ viraõ da Christandade de Armenia, & mandaraõ a relação de tudo ao Arçebispo de Goa, Dom Fr. Aleyxo de Menezes, cujo traslado he o seguinte, samente do que toca à Christandade dos Religiosos de S. Domingos.

¶ Estando nos em Iulfar, entraraõ

entraraõ pollá porta do Embayxador quatro homês com suas toucas, & cabayas, & por cima das cabayas hũs escapularios brancos, & por capas hũ modo de gabões de mangas pardos, os quaes vinhaõ de hũas aldeas, que estauão dalli a tres ou quatro legoas, pedir ao Embayxador que fallasse por elles ao Xà, que lhes aliuiaſſe o graue jugo com que o Turco os tinha opprimido. Estes eraõ todos sacerdotes, & frades da ordem de S. Domingos, & obedientes à Igreja Romana conforme a sua informação, da qual ha perto de trezẽtos annos que lhe vem os Prelados, & por eſſa rezão se chamãõ Francos, é differença dos outros Armenios, que obedecẽ ao Patriarcha dos Armenios, & sãõ schismaticos. Desejei eu de ver as suas igrejas, & Chriſtandade, & vendo que o Embayxador não queria torcer duas legoas de caminho, me adiantey hũa jornada com meu companheiro, & tres soldados, & me fuy com eltes quatro padres, & chegamos o mesmo dia á tarde a hũa aldea grande, ou pera melhor dizer villa, & pollas ruas sayraõ os Chriſtãos a nos beijar a mão. Che

Vestido
dos Reli-
giosos.

Domini-
cos d' Ar-
menia.

gados á igreja, nos sayraõ a receber todos os padres, q̄ crãõ sete, com muito amor. Entrando nella, achey logo agoa benta (de que os schismaticos Armenios não vſaõ) & a igreja, & os altares ao noſſo modo.

Feita com alegria oração, por ver a fè de Chriſto com perfeição no meyo de Turquia, os padres nos leuaraõ á ſanchristia, onde nos mostraraõ as miſtras, & ornamentos do ſeu Biſpo, q̄ auia dous annos era morto, algũs delles ricos, mas já galtados, & nelles as armas dos Papas que lhos deraõ. Mostraraõnos hũa cruz de prata grande, feita em Roma, cõ muitas reliquias, aſſi do ſanto le-

Igreja
dos Ar-
menios.

Cruz de
reliquias

Miſſa
dos Ar-
menios.

das

das as çeremonias Romanas , fê differença algũa, saluo na lingua, que he Armenia, & mostrar o sacerdote depois da Epistola a cruz ao pouo, cantando hum Hymno, & adoralla o pouo cõ muita deuacão. Acabada a missa , fiz eu hũa breue practica, consolandoos de seus trabalhos, & animandoos a padecer por Christo , & por sua santa fê. E acabada a practica, todos os que alli vieraõ, se chegarão a mim, hũs beijãdo o habito, outros a mão, & outros os pês, com grande aluroço, porq̃ não tinhaõ visto naquellas terras outros padres Francos. Depois disto nos recolhemos , & eu preguntey aos padres o principio de sua Christandade, & quãtas aldeas auia de Francos , & quaes eraõ os ministros dellas? Respondeo me o Prior, que auia muito perto de trezentos annos que viera alli ter hum sacerdote chamado Bertholameu, o qual prêgava a fê de Iesu Christo, & cõvertendo algũas daquellas aldeas, se fora a Roma, dõde tornara feito Bispo, & continuando com sua prêgação, tendo já cõuertidas sete aldeas, em hũa que ainda era ametade de infieis , lhe deraõ peçonha, & o

matarão, & que este bemaventurado padre os ensinara a ser obedientes à Igreja Romana; donde atè entãõ lhe vinhão os Bispos, os quaes sempre eraõ dos frades naturaes daquellas terras de Armenia, porque morto o Bispo, dous frades hião a Roma, & hũ delles vinha consagrado em Bispo, como auia dous annos q̃ eraõ idos dous a Roma, & por causa das guerras com que estaua o caminho impedido não vinhão.

¶ O seu modo de Religião não he da perfeição de Europa. Os tres votos, segundo o q̃ pude alcançar, euideo q̃ os guardão no essencial: o prouimêto dos ministros pera as aldeas, he dos mesmos padres, & é cada hũa aldeã estã hum, ou dous que as cura. O Bispo he Prior sempre delles, & em sua ausencia deyxã sempre hum por Prelado, a que todos obedecem como a Prior. Eu quis ver algũas de suas igrejas das que estauão mais perto, & chegando a hũa, meya legoa nos veyo a receber hum padre velho por nome Fr. Dominico , que parecia hum santo, & creio que o sera. Este depois de çerta oração ; nos mostrou hũ braço inteyro atè o cotouello, com sua mão, do glo:

Morte do Bispo

Guarda dos 3. v. to.

Deuacão dos Armenios.

Braço de
S Iudas
Thadeo.

glorioso Apostolo São Iudas Thadeo, que nesta Persia foy martyrizado. Estaua a santa reliquia pobremente encastoada é pao, por se euitar ser roubada dos Turcos: via se em partes a cana do braço. Assim mais nos mostrou hũa cruz de ferro larga, & grossa, a qual o santo Apostolo fez com suas mãos, estendendo o ferro como se fora cera: *Mirabilis Deus in sanctis suis.* Nesta igreja estaua sepultado o Beato Bertholameu, cuja sepultura nós vimos: tiraõ os Christãos della terra com q̄ faraõ de algũas infirmitades. Achey mais no altar hum retabolo de S. Ioão Baptista, feito em dous pedaços, & hũ da Virgem nossa Senhora cõ seu benito filho. Estaua a taboa hum pouco torta, porque o quise-raõ tambem quebrar os Turcos, & não podendo, lhe deraõ muitas cutiladas, & cõm a ponta da espada tiraraõ os olhos â mãy, & ao filho. Os padres lhe tinhão grande deuação, & reuerença, & dizião que fazia milagres. Estes padres são pobres, & suas igrejas pobrissimas, mas simples, & virtuosos.

Cruz de ferro, q̄ fez S. Iudas.

Sepultura do B. Bispo.

Imagẽ q̄ fazia milagres.

¶ Dahi a hũa legoa me disse-raõ os padres que tinhão o ferro da lança que passou o la-

do de Christo nosso Redemtor: não foy possiuel por entãõ ir vello, por quanto o Embaixador era passado hũa jornada adiante, mas disse eu aos padres que da volta tornariamos por alli, como tornamos, & fomos a hũa aldeia que estaua ao pé de hũa serra cuberta de neuue. Na igreja que era pequena, achamos hum dos padres, virtuoso no que parecia, & acompanhauanos toda a gente da aldeia. Feita nossa oração, pedimos ao padre que nos mostrasse a santa reliquia. O padre com muita deuação nos leuou à Sanchristia, onde sobre hum altar estaua posto hũ caxilho de pao, com suas portas fechadas com hũ cadeado, em que estaua o santo ferro. O padre em tocando com a chave no cadeado começou a derramar muitas lagrimas com soluços, & em abrindo a porta do caxilho, se pos de joelhos, sem querer tocar na reliquia, & como eramos muitos, não se podia ver bem. Conhecendome eu tambem por indigno de tocar taõ santa reliquia, cõsiderando por outra parte como Christo nosso Senhor me fizera merçe de deyxar tocar seu sagrado corpo no sacrifi-

Ferro da
lança de
Christo,
ou de S.
Iudas.

cio da missa cõ minhas indignas mãos, tomei o ferro sagrado nellas, & leuantandoo, comeccei a cantar *Te Deum laudamus*, com meu companheiro cõ muitas lagrimas, & com o bater dos peitos qualquer duro coração se compungiria. Alli tomamos a medida do santo ferro com algúas folhas de papel, das quaes mandey húa a V.S. Agora direy a probabilidade q̄ tenho d'este ser o ferro santo da lança. Primeiramente pollo testemunho dos Padres, q̄ por tradição de perto de 300. annos tem q̄ foy furtado por hum frade seu de húa igreja dos Armenios, onde estava. Mais affirmão os Padres, que auendo peste algúas vezes, em o tirando em procissão, cessou logo, & tocãdo cõ elle é algús êfermos, receberão saude. O que eu vi foy sayr do santo ferro hum cheyro muy suaue, & causar tanta compunção, que não pode deyxar de ser cousa santa. Eu lhe disse, que sabia q̄ eraõ vexados dos Mouros por diuidas, polloque nôs lhe dariamos dinheiro cõ que as pagassem todas, & com que ficassem contentes, & que nos dessem aquelle santo ferro. O Prior me respondeo, q̄

ainda que lhe desse aquella ser ra d'ouro, & que primeiro cortarião as cabeças a elles todos que deixalo levar a ninguem. Tambem differão os Padres, que o Summo Pontifice o pediria a hum Bispo seu, & que elle lhe respondera, que aquelle santo ferro era occasião com seus milagres de muitos infieis se conuerterem, & os fieis se conseruarem entre os Turcos, & que se sua Santidade queria que lho trouxesse, que o faria: mas q̄ o Papa ouue por bem ficasse alli. E assi conforme a estas circumstancias, tenho pera mí que se o ferro da lança de Christo nosso Senhor não està em Roma, ou entre as reliquias que té el Rey de França (onde dizem que elle està) que sem falta he este que vimos. Atè aqui são palauras da relação que os Padres de S. Agostinho mandaraõ da Persia. E quanto ao ferro da lança de q̄ fallão, pareceme q̄ se não he o q̄ dizê, serà o da lança cõ q̄ mataraõ a S. Iudas Thadeo, q̄ foi martyrizado nestas terras.

¶ A relação acima he muy conforme em muitas cousas cõ a q̄ me deu o Arcebispo Azarias. E posto q̄ differe no modo do martyrio do Bispo D.F.

B Bertho

milagres
deste fer-
ro.

Bertholameu, dizendo que foi morto pollos infieis cõ peçonha: cõ tudo não se enganaraõ os Religiosos q̄ deraõ a tal in formaçaõ: porq̄ o mesmo Azarias me contou, q̄ os schismaticos Armenios por duas vezes deraõ peçonha ao dito Bispo, & da vltima vez q̄ lha deraõ, estaua elle por essa causa muito doente, & nesse tẽpo entraraõ os Turcos a primeira vez nestas terras cõ mãõ armada, & entaõ o mataraõ em odio da Fè, sabendo q̄ era o Prelado, & cabeça desta Christandade: cõ tudo tambẽ se pode dizer q̄ foi ajudada sua morte pollos schismaticos cõ a peçonha que lhe deraõ, pois cõ ella o chegaraõ a termos de morte: mas a verdade he que foy morto pollos Turcos, como fica dito.

¶ Alẽ destas perseguições q̄ padeceraõ estes Christaõs por via dos Turcos, apõtarei aqui outra q̄ neste passo me lembra, me contou tambẽ o mesmo Arcebispo Azarias, pera que se entenda com quanto trabalho & perigo das vidas estes Religiosos, & os mais Christaõs desta igreja sustentaraõ a Fè, & o Christianismo, & cõ quanta rezão se deuem louuar. O caso foy, que no tempo que os

Turcos entraraõ a segũda vez nestas terras, entraraõ tambem no Conuento dos Religiosos, em conjunção que estava dizendo missa o Padre Fr. Azarias (que nesse tempo era Prior desta casa) & foraõ se ao altar, onde elle estava, & lhe disseraõ que logo lhe fosse dar palha, & ceuada pera os cauallos, & que lhes fosse fazer da comer à cozinha. E respondolhe o Padre, que lhe deixassem acabar a missa, & que logo iria, elles o arrastaraõ polla igreja, & lhe deraõ muitos couçes, & hum delles lhe tirou com hum espeto, que já trazia da cozinha, & lho pregou em hũa ilharga, de que o Padre esteve à morte, & lhe ficou hum grande final da ferida, que nos lhe vimos estando elle neste Reino.

¶ Podemos logo dar muitas graças a nosso Senhor, que sustenta esta Christandade até agora, que os Religiosos de S. Domingos plantaraõ em Armenia, tendo tanta contradicção, & perseguições polla conseruar entre Turcos, & Mouros, & schismaticos Armenios.

F. Azarias atormentado.

¶ CAPITULO V:
 ¶ Da Inquisição de Armenia, Tartaria, & Russia, cometida aos Religiosos de S. Domingos: no qual se trata de como S. Domingos foi o primeiro Inquisidor gèral q̄ ouve na Christandade:



Conta o insigne Luis de Paramo Boroxense Inquisidor de Sicilia, q̄ Alberto Castellano entre outras Bullas dos Papas, que imprimio em Veneza no anno do Senhor de 1516. faz mção de oito, ou nove Bullas passadas por Gregorio vndeçimo, do 4.ão de seu Pontificado, atè o oitauo que foi do anno de 1379. & da confirmação da Ordem do Patriarcha S. Domingos, cento, & sessenta, & dous annos, nas quais Bullas entre outras couzas se contè como os Religiosos de S. Domingos andauão pregando a palavra de Deos, offerçidos a muitos trabalhos, & perseguições entre os Barbaros, & infieis, que viuem nas partes do Oriente, do Norte, & do Sul, & que tem edificados Conuentos em Valachia, Tiro,

ou Trapizonda, & nòutras partes do mundo remotissimas: E assim mais, que foraõ mandados pollo mesmo Papa Gregorio, muitos Religiosos da mesma Ordem, a esta santa empreza, & por seu Prelado, o veneravel padre Fr. Helias Petit Gallo, o qual alem de ser mui docto nas diuinas letras, era mui insigne, & dotado de muitas virtudes.

¶ Alem destas Bullas refere o mesmo Autor outra de Vrba no VI. da qual consta, que Gregorio vndeçimo mandou às partes do Oriente por Inquisidor gèral o padre Fr. Ioão Gallo da mesma Ordem: & o Papa Urbano na mesma Bulla declara, que morrendo este Fr. Ioão Gallo naquellas partes, o Gèral da Ordem dos Prêgadores possa nomear, & eleger è seu lugar tres Inquisidores: hum em Armenia, & Georgiana, outro em Greçia, & Tartaria, o terceiro em Russia, & ambas as VValachias. Pollo q̄ se mostra claramente, q̄ a autoridade do Santo officio da Inquisição se estende por todas as partes do mundo, & que os mereçimètos dos Religiosos da Ordè dos Prêgadores são mui grandes, & dignos de louuor,

Fr. Ioão Gallo Inquisidor de Armenia Tartaria, & Russia.

pois a dilataraõ atè as mais remotas partes do descuberto onde pugnaraõ polla Fè, & a defenderaõ, como Prêgadores & Inquisidores Apostolicos q̄ eraõ, arriscando por ella suas vidas & pessoas cõ grande cõfiancia, & zelo da Fè, o qual herdaraõ do glorioso Padre S. Domingos, primeiro Inquisidor gêral q̄ ouue na Christandade, como se pode ver largamente em Luis de Paramo allegado, onde conta q̄ o P. S. Domingos foy instituido Inquisidor gêral contra os herejes Albigêses de Tolosa, pollo Papa Innocêcio III. no âno de 1216. inda q̄ o Doutor Salzedo diga que foy instituido Inquisidor gêral no anno de 1200. Alé destes autores, todos os que escreuem desta materia concordão que o glorioso Patriarcha S. Domingos foi o primeiro Inquisidor gêral q̄ ouue na Christandade: entre os quaes se podem ver Camillio Campegio, & Francisco Pegna. E ainda q̄ não ouuera outras rezões effiacacissimas, bastaua pera prouadillo, ver q̄ antes do tẽpo do P. S. Domingos se não faz mençãõ algũa de Inquisidor Apostolico no S. Officio, nẽ em Decretos de Concilios, & Sũmos

Põtifices, nem è igrejas Cathedrais, & Religiões mais antigas, nem nos tratados das penas com que se castigaõ os herejes, nem finalmete em quaesquer historias, assi Ecclesiasticas, como profanas. E assi no Concilio gêral Lateranense, celebrado por Innocencio III. no anno de 1215. tratandose do juyz da heregia, nenhũa mençãõ se faz de Inquisidores Apostolicos, & somete se comete esse officio aos Bispos: dõde se vè claramente, q̄ antes q̄ Innocencio III. que fez Inquisidor ao Padre S. Domingos, não auia na igreja Catholica Inquisidores: o que se confirma tambem polla Bulla que o Papa Xisto III. passou na Canonizaçãõ do glorioso Padre S. Pedro Martyr, onde diz, que por Innocencio III. & por seu sucessor Honorio III. foy cõmetido este officio de Inquisidor dos herejes ao Padre S. Domingos primeiro que a todos os q̄ ouue na igreja Catholica, & porestã rezãõ encomenda o Papa na mesma Bulla, que depois do Padre S. Domingos seja venerado pollos Inquisidores S. Pedro martyr, como seu padroeyro,

S. Domĩgos pri-meiro Inquisidor

vbi sup. tit. 1. c. 1 & 2.

in Pract. crim. canonica, cap. 114.

3. p. Direct. cõ. 32. ver. officiu. Quod Inquisitores.

CAPITULO VI:

De algũs Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que socederaõ no officio de Inquisidor ao glorioso Padre S. Domingos.



Anto q̃ o glorioso Patriarcha S. Domingos cheo de milagres foy gozar da bẽaventurança eterna, se cometeo o officio de Inquisidor aos religiosos Prêgadores seus filhos, como por direita herança: & por muitos tẽpos o exercitaraõ com authoridade dos Sũmos Põtifices, cõ tanta diligencia, & feruor, quãta se esperaua de filhos de tal pay, pellejando cõtra os herejes, atẽ derramarẽ seu sangue, assi polla Fẽ, como polla cõseruação do S. Officio. E ainda q̃ meu intẽto seja tratar neste liuro somente dos Religiosos desta Ordẽ, q̃ habitaraõ as partes do Oriente: com tudo pera deuação dos fieis, não deixarey de nomear aqui algũs Inquisidores mais insignes, que socederaõ neste officio ao glorioso Padre S. Domingos, que saõ os seguintes:

Fr. Conrado mar
tyr.

¶ OP. Fr. Cõrado Cõstatiẽ se Prothomartyr desta ordẽ, Prouincial da Prouincia de Ger

mania, do qual escreue Luis de Paramo, q̃ foy o primeiro Inquisidor gẽral da Germania, instituido pollo Papa Gregorio IX. no anno de 1228. Este insigne varaõ estando prẽgando na mesma Prouincia em hũ grande auditorio, foy morto pollos herejes: de cujo martyrio diz muitas cousas Leãdro, & Ruperto Lycio Bispo de Aquitania, no sermão de S. Domingos, & S. Antonino.

¶ Acerca do anno do Sñor de 1233. o Papa Gregorio IX. fez Inquisidor de Tholosa o P. Fr. Pedro Sillano da Ordẽ dos Prêgadores, que acompanhou o glorioso Padre S. Domingos quando foy ao Concilio Lateranense, no qual officio trabalhou tanto, que alcançou nome de grande Inquisidor. Edificou o Mosteiro Lemonico, donde tornandose pera Tholosa, falleceo com maravilhosos sinaes de santidade & inteireza de vida, aos 22. de Feuereiro, do anno do Sñor de 1257.

¶ Fr. Guillelmo Arnaldo natural de Mõtpillier, celebre e prudẽcia & santidade, excellente Doutor e Canones, Inquisidor da Prouincia de Tholosa, foy morto polla fẽ catholica e

Leãdro
lib. 2. vir.
illust.
3. p. hist.
tit. 23.

F. Pedro
Sillano

Fr. Guil
lermo.

Amoneto, em casa de Raymundo Conde hereje, aos 28 de Mayo, de 1242. annos.

F. Bern.
F. Garcia
mar.

¶ Fr. Bernardo de Pegnaforte, & F. Garcia Aura, cõpanheiros no officio do S. Inquisidor Arnaldo, foraõ martyrizados pollos herejes no mesmo tẽpo.

F. Robal
do santo.

¶ Fr. Robaldo de Milaõ foi Inquisidor de Tholosa, do anno do Sñor de 1252. atẽ o anno de 1258. no qual tẽpo conuerteo muitos herejes à fẽ Catholica, & resplandeceo cõ tantos milagres, & sinaes de santidade, que hũ herege o foy tentar, cuidando q̃ seus milagres eraõ falsos & lhe disse se queria sarar hum enfermo q̃ trazia consigo: & o santo polto q̃ visse sua pouca, & fingida fẽ, se pos em oraçãõ, & sarou o enfermo. Cõ o qual milagre o hereje ficou confuso & se cõuerteo à fẽ Catholica.

S. Pedro
mar. Ve
ronense.

¶ S. Pedro Veronẽse exercitando mui diligentemẽte o S. officio de Inquisidor, q̃ o Papa lhe tinha cometido, foy morto pollos herejes entre Como, & Milaõ, no anno do Senhor de 1252. jaz sepultado em Milaõ em S. Eustorgio, o qual mais vẽceo os herejes sendo morto, cõ infinitos milagres q̃ fazia, q̃ sendo viuo. Foi canonizado em Perusio pollo Papa Inno-

cencio III. Este santo martyr he venerado do tribunal da S. Inquisiçãõ, como Patrono seu q̃ he. Sua festa se çelebra aos 29. d' Abril, & em Roma com muito mais solẽnidade pollos Reuerendissimos Cardeaes Inquisidores gêraes, q̃ neste dia se ajuntãõ em sua capella, que estã no Conuento da Miuerua, da Ordẽ dos Prêgadores, onde afsistẽ todos os mais officiaes da S. Inquisiçãõ, como mãdou o Papa Pio V. nõ anno do Sñor de 1569. A esta imitaçãõ se ajuntãõ os tribunaes de todas as Inquisições nos conuentos de S. Domingos, pera çelebrarem este dia, afsistindo à sua missa, & prẽgaçãõ. E como protector da S. Inquisiçãõ se pinta este santo em suas insignias cõ hũa cruz de seda vermelha, tecida com ouro, que he insignia de martyrio.

¶ Fr. Rainero Sacono Placẽtino, foy Inquisidor na Prouincia de Milãõ, acerca do anno do Sñor de 1258. Foy taõ feuero, & aspero contra os herejes, q̃ destruyo totalmẽte Gata, onde os herejes habitauãõ, o q̃ acõteceo como tinha profetizado o glorioso S. Pedro martyr, sendo Inquisido: desta mesma Prouincia.

Fr. Ray-
nero, a-
çoute de
herejes.

Fr. Põncio
Fio.

¶ Fr. Põncio Inquisidor Apostolico na Prouincia de Cathalunha, foy morto pollos herejes cõ peçonha polla constância, & inteireza da fê, & sepultado pollos Catholicos na Seda cidade de Mõtpillier no anno do Sñor de 1262. onde està mui venerado, pollos muitos milagres que faz.

Fr. Pedro
Fielmar.

¶ Fr. Pagano, por outro nome Fr. Pedro Fiel, he contado entre os primeiros Inquisidores Apostolicos: foy morto pollos herejes e odio da fê Catholica, dia de S. Esteuão primeiro martyr, no anno do Senhor de 1279.

Fr. Guil
Fielmo.

¶ Fr. Guillelmo Costa Inquisidor no Reino de Cathalunha em tempo de Benedicto Papa XI. pouco depois do anno do Sñor de 1304. entregou ao braço secular pera serem queimados muytos herejes, conuêcidos neste crime.

Fr. Nicol.
Roselli
Cardeal:

¶ Fr. Nicolao Roselli Mestre em S. Theologia, & Prouincial de Aragaõ, varaõ mui fan to, & douto, foi instituido Inquisidor gêral em todo aquelle Reino no tẽpo de Clemẽte VI. E depois no ãno de 1356. foi Cardeal do titulo de S. Xisto pollo Papa Innocencio VI.

CAPITULO VII:

¶ Em que se profegue a materia do capitulo precedente dos Inquisidores, successores do Padre S. Domingos.

Frei Nicolao Eymeriço Tarraconense M. em S. Theologia, & mui douto no direito Canonico, & Ciuil, floreceo no tempo de Urbano V. & Gregorio XI. & de Pedro IV. Rei de Aragaõ: foy instituido Inquisidor gêral acerca do anno do Sñor de 1358. como elle mesmo diz na 2. parte do Directorio. Escreueo muitos liuros, assi sobre as sciencias Physica, & Logica, como sobre os Euãgelhos, & outras muitas cousas, entre as quaes tem o primeiro lugar o liuro insigne chamado *Directorium Inquisitorum*, muy proueitoso pera os Inquisidores conhecerem as heregias, & as extirparem, & saberem as penas que se hão de dar aos herejes, sem auer excepção de pessoa.

Fr. Nicõ.
Eymeriçoq. 47. nu.
7. vers.
Qualites

¶ Fr. Nicolao, & Fr. Ioão, ambos Húgaros, & ambos Bispos, & Inquisidores: foraõ mortos pollos herejes, Fr. Nicolao foy esfolado, & Fr. Ioão apedrejado, & trespassado cõ hũa espada polla fê Catholica.

Fr. Nicõ
lao, & Fr
Ioãomar
tyres.

**F. Anto-
nio, & F.
Berthola-
meu mar-
tyres.** ¶ Frey Antonio Pauono,
& Fr. Bertholameu Cerueiro
Inquisidores em Sauiliano, fo-
raõ mortos pollos herejes, em
odio da santa fê q̄ defendião.

**F. Berto-
Podio.** ¶ Frey Bertholameu Podio
foy Inquisidor em Catalunha
acerca do anno do Senhor de
1400. castigou muitos herejes,
& destruyo muitas heregias,
das quaes foy autor Pedro Ol-
lerio.

**F. Berto-
lameu
Lapacio
Bispo.** ¶ Frey Bertholameu Lapac-
cio Florentino, foy instituido
Bispo Coronense, & achouse
no Concilio Florentino, que
celebrou o Papa Eugenio 4.
no anno do Senhor de 1441.
& depois foy mandado por In-
quisidor a Polonia, & às duas
Pannonias, contra os hereges
daquellas partes. Floreceo no
anno de 1430. & faleceo no cõ-
uento de S. Domingos de Flo-
rença.

**F. Conra-
do mart.** ¶ Frey Conrado Inquisidor
de Catalunha, foy martyrizado
pollos herejes em odio da
fê Catholica.

**F. Pedro
Cadereta
mart.** ¶ Frey Pedro Cadereta In-
quisidor Apostolico no princi-
pado de Catalunha, foy mor-
to pollos herejes, auêdose em
seu officio com grande intey-
reza, & louuor: & foy enterra-
do pollos catholicos honrada-
mente.

¶ Frey Pauono Seuiliano, **F. Pauõ-
no, & Fr.
Anton.
mart.** & Frei Antonio, Inquisidores
Apostolicos, foraõ mortos pol
los perfidos herejes.

¶ Frey Paulo Inquisidor de **F. Paulo
mart.** Dalmacia, foy queymado pol-
los herejes polla fê Catholica
como refere Frâcisco Diaceto
no vltimo capitulo da vida de
S. Domingos.

¶ Frey Põcio Prior Prouin- **F. Põcio
santo.** cial de Tolosa, & Inquisidor
Apostolico, faleceo a 16. de Ju-
lho, de 1546. & resplandece cõ
muitos milagres.

¶ Frey Ioão Eschenfeld In- **F. Io. Es-
chenfeld
mart.** quisidor de Praga, estando pe-
ra prêgar no seu conuêto hũa
sesta feira da Payxão, foyses hũ
hereje a elle, & pediolhe que o
confessasse, & o padre o leuou
â sua cella pera isso, & quando
depois o foraõ chamar pera ir
prêgar, o acharaõ morto na
cella com muitas punhaladas,
que o hereje lhe deu, & fugio:
Isto se referio no Capitulo gê-
ral da nossa Ordẽ, celebrado
em Roma no anno de 1580.
como o escreue o P. Gêral da
mesma ordem Frey Vicête Iul-
tiniano.

¶ Frey Guidoto de Sexto, **F. Gui-
doto.** primeiro Inquisidor de Lom-
bardia, fez queymar naquella
Prouincia quasi infinitos he-
rejes,

rejes, & confiscar-lhe suas fazendas, cõforme aos sagrados Canones, pollo que era muy temido dos herejes, & taõ excellentemête exercitou este officio, que de entaõ atè agora por seu respeito sempre nesta Prouincia lhe socederaõ no mesmo officio os Religiosos da ordem dos Prêgadores.

Fr. Miguel Ghislerio Papa Pio V.

¶ Frey Miguel Ghislerio, Inquisidor em Como, cidade de Lõbardia, passou nella grandissimos trabalhos, & perseguições, ordenadas pollos herejes, & depois foy Bispo Nepefino, feito por Paulo III. & Cardeal chamado Alexandrino, no ãno do Senhor de 1557. E finalmente foi Papa chamado Pio V. no ãno de 1566. aos 7. de Janeiro; cuja vida marauilhosa, & obras heroicas, escreuem muitos autores. Faleceo no anno de 1572. aos 4 de Mayo.

F. Vicente de Lisboa, Inquisidor de Espanha.

¶ Frey Vicente de Lisboa, Prouincial de Hespanha, foy instituido Inquisidor della, & depois de Portugal pollo Papa Bonifacio 9. no anno do Senhor de 1408. A este & a seus successores Prouinciaes da mesma Prouincia concedeo o mesmo Papa Bonifacio pudessem instituir Inquisidores de Por-

tugal como lhe parecesse: o q̄ consta de sua bulla, que estã no archiuo do nosso Conuento da Batalha.

¶ Não fallo aqui dos Inquisidores de Portugal, que ouue Inquisidores de Portug. mui insignes em letras, & virtudes, como foy o P. Fr. Hieronymo d'Azãbuja, Fr. Jorge de Sãtiago Bispo d'Angra, Fr. Manoel da Veiga, & outros, nem dos mais Inquisidores desta ordem, que ouue em diuerfas partes do muõdo, & inda oje viuê, exercitãdo o mesmo officio; por q̄ seria temeridade querer è vafo pequeno cõprehender agrãdeza do mar Oceano: mas sõmente estes quis aqui apontar pera mostrar que os Religiosos desta sagrada Ordem saõ columnas, & fortissimos propugnaculos da Igreja Catholica, os quaes com seu proprio sangue quebrantão ofuror dos herejes, & com sua doutrina reprimem seus atreuimentos. Estes (comõ diz o insigne Parãmo) saõ os rayos da milicia Christiã, mais excellentes que os dous Scipiões, Mayor, & Menor, aos quaes o Poëta poê este nome, não com tanta rezãõ, cõ quãta estes Religiosos podem, & deuê ser chamados.

vbi sup.

¶ Resta agora falar do martyrio

tyrio do Beato Fr. Philippe, da ordem de S. Domingos, Inquisidor gèral das terras do Abexim, o q̄ farey nos capitulos abayxo.

¶ CAPITULO VIII:
De oito Religiosos da ordem de S. Domingos, q̄ de Roma passaraõ ao Preste loão a prègar o S. Euangelho tirado da Chronica da Ordẽ, cõposta por Seraphino Razzi.



Vendo de falar neste capitulo do Martyr Philippe; Inquisidor gèral do Abexim, conforme a ordem que leuo dos Inquisidores, de q̄ vim falando: quero (pera mais clareza desta hystoria) relatar primeiro como os Religiosos do P. S. Domingos entraraõ naquellas terras, & pera que effeito.

¶ Governãdo a Igreja de Deus o Papa Ioão XXII. se offereceraõ muitos Religiosos desta sagrada Religiaõ, no anno do Senhor de 1316. pera irem prègar o santo Euangelho a diuersas partes do Oriente. Dos quaes o Gèral da mesma Ordem (que entaõ era o Padre M. Fr. Berengario) escolheo oito de vida, & sciência

aprouada: & por elle apresentados ao Papa, & recebida sua benção, partiraõ de Roma cõ bastantes poderes, & priuilegios do mesmo Papa, & Mestre da Ordem, pera poderem fundar Mosteiros, assi de frades, como de freiras, & receber ao habito nouiços: & pera esse intento leuaraõ em sua companhia hũa freira do terceiro habito da mesma Ordem, Matrona venerauel, & de grande respeito, assi por sua idade, como por sua muita virtude, a qual se chamaua Soror Clara, & na lingua dos Abexims Imâta. Dos frades não consta como se chamauaõ na nossa Europa; mas por escrituras antigas se sabe, que na lingua dos Abexims se chamauaõ Arghai, Grimahc, Luanos, Panthaleon, Samâ, Aleph, Afsê, Agûloa. Chegaraõ estes Religiosos a Hierusalê, & depois que visitaraõ os lugares santos, consultaraõ com os Religiosos de S. Domingos, q̄ entaõ alli residiaõ, pera que terras iriaõ, onde fizessem mais fruto na conuersaõ das almas: & assentaraõ q̄ fossem às terras do Abexim, de que he senhor o Preste loão; por auer nellas muitos erros, & abusos no Christianismo.

Nomes de 8 Religiosos, q̄ forão ao Abexim.

Razzi, Chron. de S. Domingos. fo. 299. Paramo, liu. 2. de ori. 174. to. 2. cap. 19. fol. 337.

Logo se partiraõ pera aquelles Reynos, caminhando por Egypto, & terras de Ethiopia. E tendo algũa noticia da lingua Chaldea, aprenderaõ em breue tempo a dos Abexîns, sendo ella difficultosa de tomar. Chegãdo pois a esta terra por elles escolhida naõ sem particular instincto diuino, comecaõ de prêgar publicamente com grande feruor de espirito, exhortãdo os ouuintes ao desprezo do mundo, & de suas vaydades, & a guardar os preceitos diuinos, em que elles tinhaõ muitos erros, & abusos, posto que fossem Christaõs. E tanta foy a graça, & virtude q̃ Deos pòs em suas palauras, acompanhadas com grande exemplo de suas vidas, que prouocaraõ muitas pessoas a deyxar o mundo, & pedir o habito de S. Domingos: & ganharaõ tanto as vontades aos Reis, & senhores daquellas terras, q̃ em breue tempo lhe edificaraõ côuentos. O primeiro se fez na Prouincia Torate, & puseraõ-lhe nome Alleluya (como tambeõ refere Luis de Paramo) & Francisco Aluares diz que lhe puseraõ este nome porque hũ Religioso santo ouiuo cantar naquelle lugar os Anjos a Al-

leluya, & nestes Conuentos entraraõ tantos Religiosos, que chegou o numero delles a muitos milhares, & naõ foraõ menos os das freiras, onde auia muitas, & nobres dôzellas mui obseruantes na Religiaõ, em que as fundou a Madre Soror Clara, por cujo respeito todos os Mosteiros das freyras se chamauaõ de S. Clara. E cõ todos estes Mosteiros ferẽ fundados em muita obseruancia regular, com tudo deputaraõ logo o principal delles, a que chamaõ Blurimanos (que quer dizer casa de santos) pera ser recollecto, onde se guardasse a regra do Padre S. Domingos, cõ todo o rigor, & inteireza, & assi eraõ tidos os Religiosos d'elle em grãde reputaçãõ. Este cuidaõ que he o Mosteiro, a que o padre Francisco Aluares chama Brilibanos, no seu liuro que fez do Preste Ioaõ, do qual diz mil marauilhas, & q̃o Prelado deste he o mayor que ha nestas partes, tirando o Patriarcha.

¶ Os Religiosos deste Conuento tem tres maneiras de vida religiosa, s. a ctiua, cõtemplatua, & mixta, que participa de ambas. Dentro da çerca (que he muy grande) estã hum hospiti-

Couento de Blurimanos.

Cap. 66.

Tresexercicios dos religiosos.

Chegãdo, & pregaõ no Abexî

Couento da Alleluya. Paramo, vbisup.

cap. 40.

hospital, de que tem cuidado certos Religiosos, agasalhando nelle peregrinos, & pobres cõ muita charidade: aqui residem os que a obediencia manda exercitar na vida actiua.

Em outra parte da mesma cerca estão hũas cellas muito pequenas, distantes hũas das outras, metidas entre aruores syluestres, brenhas, & furnas, onde residem outros Religiosos em muita gração, & contemplação, guardando continuo

Vida pe
ricente
destes re
ligiosos.

silêncio. Algũs comem somente heruas: outros trazem çingidas çintas de ferro sobre a carne nua: algũs jejuão muytos dias a paõ & agoa: & outros continuamente, fazendo vida solitaria, como antigamẽte faziaõ os Monjes do Egypto, & Thebas. Os mais Religiosos estão no Conuento occupados no Coro, estudo, confissões, prêgações, & no mais, q̃ a santa obediencia lhes manda. E neste modo de proceder não escolhe cadahum a vida que de seja, antes pera que os exerciçios sejaõ mais meritorios, saõ tomados polla obediencia, da maneira seguinte. Todos os annos fazem Capitulo neste Mosteiro, & nelle elegem com muita igualdade os que haõ de

assistir aquelle anno no hospital, guardando a vida actiua, como Martha, & os que hande ir à contemplatiua, ao hermo como Magdalena, pera que todos se exercitem, & participẽ de hũa & outra cousa, & os mais ficão no Conuento, seguindo as cõmunidades, onde tambem fazẽ suas penitencias muy grandes. De modo que o nome do Mosteiro, diz muito bem cõ o exerciçio dosque nelle viuẽ, chamãdose casa de santos. Frãcisco Alvarez fallando dos Religiosos destas partes, diz que hũs delles trazem capas como os de S. Domingos.

¶ CAPITULO IX

¶ *Da vida do beaunorado Fr. Thacleay Manoth, da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.*



Os primeiros no
uicos q̃ tomaraõ
o habito no Con-
uento de Blurima
nos das maos de F. Arghay (q̃ em lingua Chaldea quer dizer Padre velho, porque este era o mais antigo, & Presidente dos que vieraõ de Roma) foy Fr. Thacleay Manoth, que quer dizer fruto Apostolico, ou plan

Primei
ro noui
ço.

ta fructifera, o qual era de mui nobre geração. A sua mãy chamauaõ Sarra, & a seu pay Sacafab, que significa Graça de Deos, naturaes da cidade de Sceuah. Este Religioso floreceo em vida santa, & muitos milagres: refuscitou hum morto, deu vista a hum cego, pês a aleijados, ouuir a surdos, & falla a mudos: deitou o demonio fora de muitos corpos: mãdou ao demonio que seruisse sete annos aos frades, o que cūprio inteiramente, acarretando agoa, cortando lenha, & tangendo o sino. Foy aqui eleito Prior, & deitou o habito a muitos moços fidalgos, nobilissimos, & delles filhos de Reys. Teue tambem spirito de Prophecia. Sete vezes se disciplinua cada dia, conforme ao numero das sete horas Canonicas. Nũca comeo carne, nem estando doente. A mór parte da noite gastaua em vigilia, & oraçaõ, na qual muitas vezes se arrebatou, & ficaua em extasi, & o mesmo quando dezia missa, & nella algũas vezes o viaõ leuãtado no ar. Conuerteo à Fè todo hum Reyno inteyro de Mouros, chamado Dalmuth, & edificou ~~re~~ Conuentos da Ordem de S. Domingos, &

milagres
de Fr. Ta
cleay.

foy grande parte pera isso conuerterse o mesmo Rey, o qual elle baptizou. Foy o Senhor seruido de o leuar pera si depois de gouernar este Mosteiro muitos annos, auendo quarenta que recebera o habito. Na hora de sua morte estauaõ os Religiosos ao redor de sua pobre cama, tristes, & desconsolados, chorando seu desemparo, os quaes elle consolou com mui amorosas palauras, dizendo: Mais rezaõ tēdes de vos alegrar, pois vedes o fim de meus trabalhos, porque cōfio na misericordia de Deos, q̄ elles acabados se chegara oprīcio de meu descanso; & pois os Anjos & santos me estaõ esperãdo no ceo cō alegria, naõ he rezaõ que vos celebreis minha morte com lagrimas, porq̄ ja nesta pobre cella vejo a Iesu Christo, & a sua sacratissima mãy, com muitos santos. Ditas estas palauras, deu o spirito ao Senhor, & no mesmo instante foy chea a cella de marauilhoſo cheyro, & ouuiraõse cantos, & musicas Angelicas. Socedeo seu ditoſo trãſito na mesma noite da Resurreiçaõ do Senhor, do anno de 1366. posto que celebraõ sua festa naquellas partes a dezoito de

Mortedã
F. Tacl.

Agosto,

agosto. Como foi diuulgada sua morte concorreo logo ao Conuento muita gente, & cada hum trabalhaua por chegar primeiro a beijarlhe o habito, do quallhe romperão grande parte, & leuarão por reliquias. Foi sepultado com muita pompa, & metido em hũa arca, da qual sepultura logo manou hũa fõte perenne de agoa clara, a qual daua saude adoentes de diuersas infirmitades. Quarenta dias depois de sua morte appareço a Fr. Philippe que lhe soçedeo no Priorado, & a Fr. Elsa, & lhes reuelou a muita gloria de que estaua gozando.

¶ CAPITVLO X.

¶ *Da vida do bemauneturado Fr. Philippe, da Ordem de S. Domingos, Inquisidor geral, & martir, Abexim.*

Paramo, vbi sup. fol. 237. Razzi vbi sup. fol. 307.



PHILIPPE REY Philippe Inquisidor Gèral das terras do Abexim foi filho de Glareças Rey de Sceuah, hum dos sesenta Reys vassallos do Preste Ioaõ. Sendo de hum anno vestiraõ-lhe por deuação o habito de S. Domingos, & sendo ja de idade pera poder aprender, & es-

tudar, pedio el Rei ao Prior de Blurimanos Fr. Tecleay Manoth o mandasse ensinar no seu Mosteiro, onde residio atè idade de vinte & hum annos, & tanto se affeiçoou ao habito, que com instancia o pedio & recebeo. Foy muy docto na lição da sagrada escriptura, & com ser de sãgue Real, & grãde letrado era mui humilde. Quando tomou ordês de missa era ja tão exercitado na oração & contêplação, q quando cantou missa noua se enleuou nella demaneira que se arrebatou, & leuantou no ar. Todo o tempo que lhe restaua do seguimento da comunidade gastaua no estudo, ou na oração, & contêplação. Dormia muy pouco, comia hũa sò ves no dia, era mui amigo de estar sò, & de guardar silencio, nunca depois de ser frade comeo carne, tomaua disciplina todos os dias, trazia çinta de ferro, & sendo taõ riguroso pera consigo, era mui mauiozo pera os seus frades procurando sempre sua consolação: era mui caritativo pera os pobres.

¶ Sendo Prior apegouse o Milagrõ do fogo na chumine da cozinha do conuento, & por alguãs partes começaua ja de arder, mas

acodindolhe o apagou fomen-
te cõ lhe fazer o sinal da Cruz,
& andãdo a labareda muy ace-
sa pollo dormitorio, onde elle
tambem tinha sua cella, em tô-
das pegou, & queimou algũa
coufa, & fomite na sua não
tocou. Caminhando hum dia
por hum lugar deserto, & le-
uando em sua companhia qua-
si trinta pessoas, não aua entre
todas ellas quem leuasse alfor-
ge, & apertados da fome, come-
çaraõ de murmurar do padre,
dizendo que os leuaua a mor-
rer por tal charneca, sem man-
dar levar de comer. O santo
Prior, que hia diante de todos
enleuado em suas contempla-
ções, soube por spirito do Se-
nhor, que murmurauão delle
fobre o comer, & logo se recor-
reo à sua costumada oração, &
subitamente appareceo hũ An-
jo do Senhor, que trouxe mu-
ito Mannã, de que comeraõ
todos.

¶ Hũ Rey vassallo do Pref-
te Ioão, sendo casado, & ten-
do a mulher viua, esquecido
de sua saluação, & escandalo
que daua a seus vassallos, ca-
sou-se com outra. Vindo isto à
noticia do Patriarcha, cõmuni-
cou este negocio com o P. Fr.
Philippe, q̄ era Inquisidor gẽ-

Rei adul-
tero re-
prãdido.

Paramo.
vbi sup.

ral daquellas partes, & com ou-
tros Priores da mesma Ordẽ,
Inquisidores daquellas Pro-
uincias: & assentaraõ que se-
cretamente amoestassẽ ao a-
dultero Rey, que se emendasse
& pois era Christão não comẽ-
tesse publicamente taõ gran-
de peccado. A qual amoesta-
ção se lhe fez: mas elle a to-
mou taõ mal, que em lugar de
se emendar, ficou peor, & per-
seuerou no mesmo mau estado
em que estaua. Vendo o conse-
lho da santa Inquisição q̄ não
aproueytarão suas brandu-
ras, & bõm cõmedimento que
cõ elle tiueraõ, pôdo os olhos
em Deos, & lançãdo o temor
fora, procederaõ contra elle ju-
ridicamente, & foy declarado
por excõmungado. Tanto que
o disseraõ a el Rey, bramia
como leaõ, & cheyo de furor
diabolico, se foy aõde estauãõ
os Inquisidores fazendo mesa,
& os mandou espancar, & lan-
çar fora da casa do S. Officio:
polla qual rezaõ mandaraõ os
Inquisidores fixar excommu-
nhãõ mayor cõtra elle, nas por-
tas das igrejas, & da cidade,
& juntamente puseraõ inter-
diçto em todo o Reino, & say-
raõse delle, & foraõse pera ou-
tro. Durou o interdiçto tres

Padecẽ
polla fẽ
os Inqui-
sidores.

annos,

annos sem o Rey nunca se
querer emendar, & em todos
elles nunca chouseo, né se co-
lheiro fructo em todo a quelle
Reino, & pereceo muita gente
â fome, & nem com tudo isso
se quis o Rey emendar. Polla
qual rezão o Patriarcha, & o
Inquisidor Fr. Philippe ajunta-
rão hum exercito, & apregoa-
rão guerra contra o obstinado
Rey, como cõtra quẽ sêtia mal
da fê. Vêdose elle excomungado
& tão perseguido, appellou pe-
ra o Emperador Preste Ioaõ,
allegando que o seu caso era
ciuel, & por isso lhe pertença
conheçer d'elle. O Preste lhe re-
cebeo a appellação, & man-
dou çitar as partes que appare-
çessem diante d'elle em çerto
tempo. O Patriarcha, & os In-
quisidores appareçerão pesso-
almente, & por parte do excõ-
mungado appareço hum sa-
cerdote chamado Samuel, a
quem elle fez seu procurador,
homem altiuo, & inquieto, &
procedendose juridicamête no
caso, pronunçiou el Rey sen-
tença em fauor dos Inquisido-
res, mas nem com isso desis-
tiu Samuel da causa, queixan-
do se que se vsara de muito ri-
gor com hum Rey, & que os
Inquisidores erão inquieta-

dores da paz daquelle Reyno.
Vêdo os Inquisidores seu atre-
uimento, pronunçiarão huã te-
merosa sentença contra elle
nesta forma. A lingua de Iesu
Christo, & dos seus Aposto-
los S. Pedro, & S. Paulo, &
de toda a corte do Parayso te
amaldiçoẽ a ti, & a teu Rey a-
dultero. Com esta triste noua
se foy logo Samuel, & cõtou
ao Rey tudo o que passaua, &
acrecentando peccado a pecca-
do, administroulhe os Sacra-
mentos, & disselhe Missa, naõ
obstante as censuras, cõ q̃ hũ
& outro andauão ligados, & o
interdiçto, que estaua posto.
Mas naõ lhe tardou muitos di-
as o castigo de Deos, porq̃ al-
lem de se encher de lepra, lhe
inchou o ventre em tanta ma-
neira, q̃ arrebentou, como ou-
tro Iudas.

¶ Com a morte deste mal-
dito Samuel ficou o pouo mui
espantado, & vendo taõ admí-
rauel, & justo castigo de Deos
& as necessidades, q̃ padecia
o Reino pollas culpas do Rei
começaraõ inquietarse, & que-
rerse leuãtar cõtra elle; o qual
sabendo isto, & receando q̃ se
lhe leuantasse o Reyno todo,
fingio ter arrependimento de
sua culpa, & mandou logo em-
baixado

Sentença
contra Sa-
muel,

Estãoaju-
izo diate
do Preste

bayxadores ao Patriarcha, & aos Inquisidores, pedindolhe com muita humildade, que se contentassem com os rigores que contra elle tinhaõ vsado, & pois ja confessaua sua culpa, lhe leuantassem o interdicto, & os Religiosos se tornassem seguramente pera seus Mosteiros, assi pera o absoluerem das censuras, como pera se quietar o Reino. Cuydando o Patriarcha, & Inquisidores que isto era pedido de coração contrito, & não fingido, vsaraõ com elle da misericordia que pedia, & tornando se os Religiosos pera seus Conuêtos, entrarão na cidade, onde foraõ recebidos de todo o pouo com muita alegria, & principalmente o Padre Fr. Philippe, que em letras, zelo da fè, & santidade, era o principal de todos: ao qual recebeu el Rey com palauras asperas, & não podendo encubrir mais tempo, o odio q̄ lhe tinha, nem seu fingido arrependimento, leuado de hũa furia infernal, mandou aos soldados de sua guarda, que o despissem, & o açoutassem cruelmente, o que logo fizeraõ, deyxando quasi morto, & assi foy leuado pollos seus frades ao Conuento, & com muitos remedios q̄

Era amado de todos.

lhe fizeraõ cõualeceõ, & sarou. ¶ Sabendo este maluado Rey, q̄ o P. F. Philippe estaua saõ, cheyo de sobeja ira se foy ao Conuento de Blurimanos, acõpanhado de sua guarda, & o mandou amarrar, & açoutar tanto, atè q̄ o matou. No mesmo instante que deu a alma a Deos (q̄ foy a 4. de Nouebro) se ouiraõ musicas, & cantares Angelicos, & sayo logo do seu corpo suauissimo cheiro. Não ficou o sacrilego & homicida Rey sem particular castigo de Deos, nem seus ministros, porque no mesmo dia, saindose ao campo pera se recrear, estando o ceo muy sereno, & claro, subitamente se toldou o tempo, afuzilando com temerosos trovões, & delles sayo hum espantoso rayo, que o abraçou, & a quantos com elle estauão. Por intercessão do seu seruo, & martyr Fr. Philippe fez nollo Sñor muitos milagres depois de sua morte, dando saude a muitos doentes, & liurando muytos endemoninhados, & resgatando catiuos;

mortedo
P. F. Philippe.

¶ CAPITULO XI

¶ Da vida do Bemaueturado Frey Elsa, da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.

¶ Naceo

Razzi
vbi sup.
fol. 314.



Acção o bemaumentado Fr. Elsa na famosa cidade Sabâ: seus pais eraõ nobilissimos, & muy deuotos Christaõs. Puseraõlhe nome Elsa, que em sua lingua quer dizer Elifeu: & sendo de idade de seis annos o meteraõ no Cõuento de Blurimanos, pera que aprendendo as letras, aprendes se tambem os bõs costumes: o qual satisfazêdose da vida santa dos Religiosos q̄ nelle auia tomou o habito no mesmo Cõuento, sendo ainda de pouca idade, & nella jejuaua muytas vezes, sem comer mais q̄ hũa vez ao dia, & algũs passaua sê cousa algũa. E por sua pureza de vida, & muy profunda humildade, ouuerão os frades dispensação pera elle tomar Ordês de Missa, não tendo mais q̄ 20. annos de idade. Como foy sacerdote o mandarão pera a cõpanhia dos q̄ se exercitauão na vida contêplatiua, onde te ue grandes raptos, & recebeo muy particulares fauores de Deos, & muitas vezes quando celebraua ovião levantado da terra, todo enleuado no Ceo. Por morte do Inquisidor Frey Philippe lhe socedeo nos officios de Prior, & Inquisidor, os

quaes administrou com muita prudência, & virtude. Custumaua muitas vezes depois de Martinas (q̄ dizia cõ seus frades à meya noite) meterse na agoa fria dehũa ribeira q̄ corria por dêtro da sua cerca, & alli estaua em penitência atê q̄ tangião à Prima: Tomaua cada dia sette disciplina. Depois que foy Prior, o Preste loão o tomou por seu cõfessor: & hũ dia foy chamado por elle pera disputar cõ hũ hereje q̄ tinha presos & antes q̄ fosse, se pos em oração, encõmendandose muito a Deos, pedindolhe q̄ o ajudasse a cõuêcer aquelle inimigo de sua santa fê, & da Virgê nossa Senhora, pois não cria ser ella mãy de Deos; & tanto se enleuou na oração, & contemplação, que se leuanto no ar em rapto mais de hũa vara de medir.

¶ Tanto que chegou diante do Preste, trouxerão alli o blasfemo hereje, muy confiado em suas letras sophisticas: & o santo Inquisidor disputou cõ elle, & o cõfundio, & venceu diãte do Preste, & de toda sua Corte: mas nê cõ tudo isso se quis dar por vencido, nê abjurar sua heresia, ficando hella pertinaz, polla qual rezão o Preste loão

Faz aspe
rapenitẽ
cia.

Vêe hũ
herege &
disputa.

o mandou logo lançar aos leões famintos, os quaes o despedaçaraõ, & comeraõ. E porque aos maos nunca faltaõ defensores, murmurouse muyto na Corte de taõ cruel sentença, & de praça diziaõ algũs maos homês, que se lançassem Frey Elsa aos leões, por mais santo que fosse, tambem seria despedaçado, & comido, & q̄ se o não matassem, entaõ veriaõ claramente ser verdadeyra sua doutrina, & falsa a do q̄ chamauão hereje. Soube o Prefte desta murmuraçãõ, & pediu a seu confessor (de cuja virtude & santidade não duuidaua) q̄ por honra de Deos, & de sua sacratíssima mãy, entrasse na cerca dos leões, pera que todos os murmuradores ficassẽ confundidos. Fez elle o que el Rey lhe pedia, por particular mouimento que pera isso teue do Spiritosanto, & encõmendandose a Deos, & fazendo o sinal da Cruz, chamando pollo nome de Iesu, & da virgem Maria nossa Senhora, entrou na casa dos leões, os quaes em o vendo se chegaraõ a elle, & o receberaõ cõ muita festa, & reuerencia, & se deitaraõ a seus pês, como se foraõ mansos cordeiros. Todos os q̄ vi-

raõ este admirauel spectaculo derãõ muitas graças a Deos, & a sua santíssima mãy, & tiueraõ dalli em diãte muy grande opiniãõ da virtude, & santidade de seu seruo Fr. Elsa. Foi nosso Senhor seruido leuallo pera si em idade de setenta & quatro annos, auendo quarenta que era Prior, & Inquisidor, a qual morte elle conhecco hũ anno antes por diuina reuelaçãõ, & a disse, que foy em dia da Assumpçãõ de nossa Senhora, em cujo transito não faltaraõ muitos milagres pera confirmaçãõ de sua santidade, & tambem em sua vida fez algũs. Resuscitou dous mortos a hõra, & gloria de Deos.

Morte, e milagres de Fr. Elsa.

¶ CAPITULO XII:

¶ Da vida do Beato Frey Samuel, da Ordem de S. Domingos, Abexim de naçãõ.



¶ Aceo o beato Frey Samuel na cidade Essumin, sojeita ao Imperio do Preste Ioão, seu pay se chamou Esteuãõ, & sua mãy Isabel, gente muy nobre, & deuota. Sendo Samuel de dezoito annos, recebeu o habito de S. Domígos da

Razzi vbi sup. fol. 319.

Entra nõ lago dos leões, se receber dano.

Vida pe
nitente.

mão de Fr. Thacleay Manoth Prior de Blurimanos. Tanto que entrou na Religião, logo se exercitou por sua humildade nos officios mais bayxos da casa. Seruia na cozinha, acarretava agoa, & varria o Conuento. Comia hũa sò vez no dia, & de hũa sò cousa. E muitos annos continuou esta vida no Mosteyro, mas depois desejanado mais quietação, alcançou licença de seus Prelados (não mudando o habito) pera se ir recolher em hũ grande deserto com hum cõpanheyro, onde perseverou em vida solitaria, fazendo muita penitencia, comendo heruas cruas perpetuamente. Dormia tão pouco, que algũas vezes ajuntava as noites com os dias, orando em contemplação. No tempo dos frios se metia muytas vezes em hum rio atè a çinta, onde estava em penitencia desde Matinas, atè hora de Terça, cantando Psalmos, & Hymnos ao Senhor. A cada hora Canonica tomava hũa aspera disciplina. Ministrando hũa vez o santissimo Sacramento da Eucharistia a hũ doente, (estando ainda no Mosteyro) socedeo não o podêdo o doente reter no estamago, vomitar

Foy vi
uer ao de
serto.

as especies Sacramentaes no mesmo calix, q̃ o B. Samuel tinha na mão, & porque elle estava ainda em jejum cõ proposito de dizer Missa, consumio as mesmas especies cõ muita quietação, & deuação. Contentou a Deos tanto este acto de virtude, que lho mandou agardecer por hum Anjo.

Caso estranho.

¶ Estando no hermo algũas vezes lhe trazia hum Anjo a sagrada cõmunhão, de cuja mão a recebia. Todas as feras d'aquelle hermo lhe obedecião, reconhecendo sua santidade: & particularmente hũ leão q̃ o visitava muitas vezes, & acõpanhava. E sendolhe necessario algũas vezes passar o rio Nilo, que estava perto d'alli, assentado no leão passava da outra banda sem perigo algũ. Outra vez sendolhe necessario passar o mesmo rio, & não tendo em que o passar, fez o sinal da Cruz sobre as agoas, & passou por ellas à outra bãda, passando como sobre terra firme.

Comungava da mão dos Anjos.

Passava o Nilo sobre hum leão.

Passou por cima das agoas

Têdo viuido neste hermo 40. annos, & determinando acabar nelle a vida, appareceolhe hum Anjo, & disselhe da parte de Deos, que se tornasse pera a sua patria, na qual edificaria hum Mosteyro, em que

Falavaõ os Anjos com elle

que receberia muytos filhos spirituaes, & logo se pos ao caminho, & fez hũ grande Mosteyro na sua terra Essumin, onde pollo discurso do tẽpo deytou o habito a quatrocentos nouiços. Daqui foy tirado, & feito Prior no Mosteiro de Blurimanos, deyxando neste por Prior o companheiro que tiuera no hermo.

¶ Em hũa terra desta Ethio pia auia hũa moça, a quem sua ama chamaua muitas vezes ca della, & vendose ella muy affrontada com este nome, & ouundo fallar dos milagres de Frey Samuel, com muyta deuacão se encomendou a elle, posto que era Gentia, pedindo lhe muito que a liurasse desta affronta: & perseverando muitos dias nesta oraçãõ, foy leuada por hum Anjo ao Mosteyro do Padre Frey Samuel, & deyxoua dentro na igreja. Sabendo o Padre a causa de sua vinda, & quem a trouxera de taõ longe, logo a baptizou, & a fez receber em hum Mosteiro de Freyras da mesma Ordem, & lhe deitou o habito por suas mãos. Perseuerou ella nesta Ordem atè a morte, em grã de pureza de vida, & santidade, & chamouse Soror Arse-

nia. Hum Mouro do Estreito de Meca nauegando pollo mar de Arabia, vendose e hũa grande tormenta, bradou por Mafamede, & vendo que lhe naõ focorria, chamou grandemente por Fr. Samuel, de quem ouia contar muitas maravilhas & milagres. Subitamente lhe ventou prospero vento, com q̃ fez sua viágẽ: & lembrandose do beneficio que tinha recebido do santo, foy visitar o seu sepulchro (porque já neste tẽpo era fallecido) & foy nosso Senhor seruido de o acabar de conuerter nesta Romaria, & baptizandose, perseverou na Fè atè a morte. Finalmente faleceo este beato Fr. Samuel cheyo de muitos annos de idade, & de muitos merecimentos, aos doze de Dezembro, no qual dia viraõ muitos Christãos os ceos abertos, & a Iesu Christo com seus santos leuar sua alma pera a gloria, da qual nosso Senhor por sua infinita bondade, & misericordia nos faça participantes. Amen.

Saluõũ
hũ Mouro da tormenta,

Morte d
f. Samuel

¶ CAPITVLO XIII.

¶ Da vida, & martyrio do beato Fr.

Thaclanareth da Ordem de S.

Domingos, Abexim

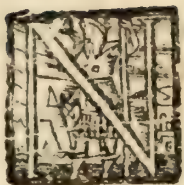
de nação.

C 3

Naceo

Conuersão de hũa Gentia.

Razzi
ubi sup.
fol. 324.



Aceo o deuoto Padre Frey Thaclaureth na Prouincia Sabbaïm. Foy filho de hum principal senhor Abexim, & de hũa irmã do Preste Ioão, chamada Lena. Sendo de idade de oito annos foy entregue aos Religiosos de S. Domingos d'aquella Prouincia, pera que lhe lançassem o habito, & o criassem nelle, pera ser frade. Desque recebeu o habito, sendo desta idade, logo começou de se exercitar nos jejús, orações, & abstinencias da Ordem, tanto que depois veyo a jejuar vinte annos continuos a paõ & agoa. Aprendeo com muita diligencia as letras, & nellas sayo muy douto. Era tambem muy prompto na obediencia, & tão humilde, que por força lhe fizeraõ tomar Ordês de Missa, achandose indigno de tão grã de dignidade. E dizendo Missa, algũas vezes viraõ os Religiosos na hostia que leuantaua, a Christo nosso Senhor em figura de minino estando no Presèpio, naõ tendo a hostia d'antes a tal figura. Alcançou licença pera se ir ao hermo, onde morou algũs annos, & nelle lhe aconteeo o caso se-

Abstinẽcia do P. f. Thaclaureth.

guinte. Hum homem encontrou com outro seu inimigo em hum caminho, que hia pera o deserto, & saltando com elle o matou, & lhe comeo o coração, por satisfazer ao odio q̃ lhe tinha. Isto feito, foy seu caminho, & chegou á hermita onde residia o Padre Frey Thaclaureth, & depois de fazer oração, o Padre se veyo a elle, & o saudou, & juntamente o reprehendeo do maleficio que cometera no caminho, afseandolhe muyto o peccado que nisso fizera contra Deos, & seu proximo. Ficou o homicida tão contrito com esta reprehensão, que logo se lançou a seus pês, chorando muytas lagrimas, & pedindolhe que pois nosso Senhor lhe reuelara seu peccado, que elle cuydaua ser occulto, lhe alcançasse do mesmo Senhor perdaõ d'elle, por que lhe pesaua muyto de o ter offendido. Fez o santo oração por elle por espaço de quarêta dias, & foilhe reuelado, q̃ a diuina Iustiza naõ permittia ficasse sem castigo tal peccado; Tornou o Religioso a continuar sua oração outros quarêta dias, & no fim delles lhe appareceo Christo N. S. & lhe disse q̃ naõ rogasse por tal homẽ.

Tinha
spirito &
profecia.

Res;

Respódeolhe o Religioso: Ah Senhor, lembreus que fostes crucificado, & morto pollos peccadores, não desprezeis a oração deste humilde penitente, & contrito, nem eu cessarey, nem me apartarei daqui até que lhe perdoeis, & tornou a insistir na mesma oração outros quarenta dias: no fim dos quaes lhe foy reuelado, que o Senhor lhe perdoava sua culpa. Em todos estes cento & vinte dias perseverou este homicida neste hermo chorando, & orando, & comendo somente heruas cruas: & como teue alcançado perdão de seu peccado, pediu ao Padre que lhe lançasse o habito, em o qual fez profissão, & nelle perseverou até a morte com muyta aspereza, & mostras de santidade.

¶ Indo hum dia este Padre por hum caminho deste deserto, appareceolhe Christo nosso Senhor em figura de pobre, & pediu lhe esmola. Respondeolhe o Padre, que não tinha ao presente que lhe dar, mas se quisesse ir até a sua hermida partiria com elle da pobre refeição que tinha. Christo nosso Senhor lhe respondeo; Como poderei ir contigo, se ves

que estou fraco, & doentê? Tornou lhe o Padre a dizer: Não te canfes, que eu te leuarei. E chegando se a elle, o tomou ás costas, & começou a caminhar pera a sua hermida: & tendo já caminhado hum pedaço, pediu lhe o pobre que o pusesse no chão: o Padre o fez logo, & nisto desapareceo o pobre, ficando elle muyto consolado por hũa parte, & polla outra magoado de não conhecer a Christo, quando o tinha em seus braços.

¶ Estando ainda no Conuento, faltou o paó em hum dia de Pascoa pera comerem os Religiosos, & sabendo elle, se pos em oração, na qual lhe appareceo hũ Anjo, & lhe apresentou hũa vasilha cheia de Mannâ, do qual comeraõ todos, & celebraraõ a festa da Pascoa com muita alegria, dando muitas graças a Deos, por lhe dar manjar do ceo.

¶ Pouco tempo antes de sua morte, lhe appareceo Christo no nosso Senhor, & lhe disse, que fosse prêgar o Euangelho a hum Reyno vezinho da sua hermida, reuelâdolhe que nel le auia de ser martyrizado. O bemaumenturado Padre fez logo o que o Senhor lhe mādou:

Alcançou
perdão a
hũ peccador.

hũ Anjo
lhe dá
pã
do ceo.

Apparece
lhe Christo.

Reuelação
de
Deos.

E prêgando neste Reyno fez grande fruto nas almas com sua doutrina, & exemplo. Soce deo pollo tempo em diante, q̄ dando a cõmunhão hum dia â Raynha daquella terra debayxo d'ambas as especies de paõ & vinho, como he custume naquellas partes, depois de lhe dar o corpo do Senhor, querendolhe dar o sangue com o calix, a Raynha deixou cayr os cabellos dentro de proposito, de modo que se lhe molharaõ no sangue, molhando jutamente o rosto com elles. Vendo o Religioso sua desenuoltura, mouido de zelo, & honra de Deos, cortoulhe cõ hũa tesoura todos os cabellos que tocaraõ no sangue, & rapoulhe a testa, que tinha molhada, com hum canuete, & meteo tudo dentro no sacratio. Tornando a Raynha pera sua casa, queyrouse a el Rey com muitas lagrimas da afronta que lhe o Padre fizera, de que elle ficou muy indignado: & cheyo de furia infernal se foy ao Mosteiro, & depois de tratar o Padre muito mal de palauras affrontosas, lhe mandou dar tanta pancada, atè que o matou: & desta maneira deu o espirito a Deos, & o malaventurado, &

homicida Rey foy morto cõ hum rayo do ceo, que o abraçou dahi a poucos dias.

¶ CAPITULO XIII:

¶ Do beato Fr. Andre da Ordem de S. Domingos, martyr, & Abexim de nação.



Aceo o bemaventurado Fr. Andre na cidade Sceuah, foi sobrinho de hũ Prette Ioão. Logo de pequeno deu claros sinais do muito que o Sñor auia de obrar nelle pollo discurso de sua vida, & ditosa morte. Folgaua muito de ouir fallar de Deos, era inclinado a fazer obras de misericordia. Sendo de vinte annos tomou o habito da Ordem de S. Domingos da mão do bẽ aventurado martyr Fr. Philippe, sêdo Prior de Blurimanos: foy muy obseruante, & puntual na guarda de todas as ceremonias da Ordem, muy abstinate no comer, & beber. Em algũas Quaresmas jejuou, sem comer toda a somana mais que ao Domingo. Celebraua com muita deuacão de espirito. Prêgava com muita graça, porque era grande Rhetorico, & muy douto. Foy eleito em Prior de Blu.

Marauil
Ihosa vi-
da do P.
F. Andre

Zelo de
Fr. Thla-
cauareth

morte de
Fr. Thla-
cauareth

Blurimanos, & socedeo a Fr. Elsa, afsi no Priorado, como no officio de Inquisidor, & ambos administrou com grande inteireza, & exemplo de sua vida. Sêdo Prior, & faltandolhe hum dia o pão pera jantarem os Religiosos (q̄ erão muitos) elle cheyo de fê, & de confiança, mandou que se assentassem todos à mesa; & do pão q̄ auia fez pera cada hũ sua fatia muito delgada, demodo que abrangesse a todos, & postas na mesa, levantou os olhos ao ceo, & benzeo o pão, & comendo todos delle ficarão muy satisfeytos, & sobejo u muito pão, que derão aos pobres. Outra vez cõuerteo a agoa em muito bõ vinho. Veyo à sua noticia que hum Rey Christão mais de nome que de obras, com grande perjuzo de sua consciencia, & escandalo do pouo, tinha duas molheres, & porque este era do districto de sua jurdição, foy ao sen paço, & com muita mansidão, & comedimento, lhe estranhou em segredo aquelle peccado tão feo, & tão publico: & não se emendando com esta amoestação, tornou outra & muitas vezes a amoestallo; & quando vio que nada aproucitaua com sua brandura, &

secretos auisos, então o reprendeo com muita seueridade publicamente. Sintio el Rey muito esta reprehêsaõ, & mandou a hum dos que presentes esta uão que o mataffe, & querendo o sacrilego ministro obedecer a tão peruerso mandado, leuãtou o braço com a espada nua pera o matar, mas por juizo de Deos o braço lhe cahio com a espada no chão, como se alguê lho decepara. Vendose o miseravel sem braço, deytouse aos pés do santo, pedindolhe perdaõ de seu atreuimento. O santo lhe ajuntou o braço ao hombro com suas mãos, & fazêdo oração por elle, sarou milagrosamente, & ficou saõ como dantes: mas não faltou outro ministro de Satanas, q̄ (por fazer a vôtade ao Rey) leuou de hũa espada, & fendeo a cabeça ao bemaumentado Frey Andre, da qual ferida logo cahio morto, & na terra em que sua cabeça tocou em caindo, se abriu hũa fonte de muy clara, & gostosa agoa, na qual lauandose muitos doentes, sararãõ de suas infirmitades, & fez nosso Senhor, por elle outros muitos milagres.

Acrecentou miraculosa mente o pão.

Conuerteo agoa em vinho.

Castigo de Deos.

milagres

mortedo P.F. Andre.

¶ CAPITULO XV.

¶ Da vida da gloriosa santa Clara,
Freira da Ordem de S. Domin
gos, Abexim de nação.



As terras do Abe-
xim ouue hum Rei
fojeyto ao Preste
Ioão, mui Catholi
co, & bom Christão, chamado
Scioaflam, ao qual naceo hũa
filha na cidade Sceuah, muyto
fermosa: a qual foy chamada
Zemedemarea, q̄ em nossa lin-
goagem quer dizer Clara, &
bem disse sua fanta vida cõ seu
nome, & fermosura, porq̄ foy
muy clara & fermosa em sua
alma. Logo de pequena se afei-
çoou aos santos, que guarda-
rão limpeza virginal, & moui-
da com seu exemplo, determi-
nou conseruar sua pureza, pois
tanto agradaua a Deos. Este
propósito teue muyto tempo
encuberto, por seu pay, & mãy
o não saberem: porque (como
elles não tinhaõ outro filho,
nem herdeiro do Reino) temia
que a obrigassem a casar por
força, & por este respeito pe-
dia muito a Deos que a ajudas-
se. Sendo ja de idade que se
começaua de publicar sua es-
tremada fermosura, & virtude,
mandou hum Rey pedilla por

molher a seu pay, pera hum fi-
lho que tinha, vnico herdeyro
de seu estado. Aceitou o pay,
a embaixada com muito con-
tentamento, & pera lhe dar re-
posta, perguntou â filha se es-
taua alegre de tal casamento?
A qual cheya de diuino spiri-
to, respondeo, q̄ ella tinha offe-
recido sua virgindade a Deos,
Rey dos Reys, & esposo das
fantas virgês, & não auia de re-
ceber outro. Ficou o pay muy-
turbado cõ tal resposta, & de-
terminou tiralla deste proposi-
to, louuãdolhe o estado do ma-
trimonio, que fora instituydo
por Deos no parayso terreal;
& que era hum dos sete Sacra-
mentos da Igreja. A estas re-
zões esteue a Princefa muy at-
tenta, & com humildade respõ-
deo: Bem sey que o estado dos
casados he santo, & bom, com
tudo a pureza virginal, amada
& louuada pollo mesmo Deos
he muito melhor: por tanto ro-
go muito a vossa Alteza menão
queira apartar deste santo pro-
pósito que tenho. Por entãõ
não quis o pay apertar mais cõ
ella, determinando fazello ou-
tro dia.

¶ Considerando a discreta
virgem, que seu pay não auia
de cessar de a importunar cada
dia,

Clara en-
geita o
casamen-
to.

Foge de
casa do
pay.

dia com o casamento, & q̄ não estaua segura no seu paço, determinou fugir. E encomendandose a Deos cō muita deuação, & fazêdo o sinal da cruz, se sayo do paço, & cidade hũa noite, & caminhou pera onde o spirito a guiaua, atè chegar a hum rio mui caudeloso, chamado Gúmarrá, onde parou pollo não poder passar: & estando aqui o dia seguinte, sem saber o que fizesse, virou os olhos pera o caminho por onde viera, porque sentio tropel de gente de cauallo, & vio vir algũs criados de seu pay, que lhe vinhaõ no alcance, porque tanto que se ella achou menos no paço, logo seu pay mandou por diuersas estradas gente de cauallo polla posta, que a fossem buscar, & a trouxessem. Vendose a virgem neste aperto, tendo por diante o rio, que não podia passar, & por detras os caualleiros pera a prenderem, leuantou os olhos ao ceo, & com lagrimas pedio a seu esposo Iesu que a favorecesse nesta necessidade. Não tardou elle cō sua ajuda, porque subitamente se apartaraõ as agoas (como antiguamete fizeraõ as do mar Roxo, pera passarem os filhos de Israel) & deraõ caminho à

Dividêse
as agoas,
& dáolhe
passagẽ.

menina afflicta: a qual fazêdo o sinal da Cruz, passou o rio a pê enxuto à outra banda, & elle se tornou logo a seu cultuado curso. Vendõ os caualleyros (que já estauaõ perto) taõ grande milagre, & não se atreuendo a passar o rio, tornaraõse pera o paço, & contaõ a el Rey o que passaua: o qual entendendo que era vontade de Deos o que sua filha fazia, quietou, particularmente quando lhe disseraõ que hia ao Mosteyro de Blurimanos, buscar o grãde seruo de Deos Fr. Thacleay Manoth.

¶ Depois que a menina se vio fora deste perigo, deu muitas graças a Deos, & foy continuando seu caminho pera o Cõuento de Blurimanos, aonde o Spiritosanto a guiaua, & antes que là chegasse, appareceo o Anjo do Sñor ao Prior, & disselhe como aquella Princeza fugira de casa de seu pay, & o hia buscar, pera lhe pedir o habito do Mosteyro das freiras de Bedenâgli, & que elle lho desse, porque ella era a vôtade de Deos. Não tardou muito em chegar a deuota donzella, & entrando na igreja mandou chamar o Prior, & descobriolhe sua tenção, & cuja fi-

Aparece
o Anjo
ao Prior

Chega a
Blurima
nos.

lha

Iha era. Louuoulhe o Prior seu
santo proposito, animandoa, &
consolandoa: & com tudo pos
lhe diante os rigores da Ordẽ,
& as obrigações que sobre si
queria tomar, & achãdoa muy
determinada em levar ao fim
seu intento, a mandou levar ao
Conuento das Freiras de Be-
denãgli, que era dalli meya le-
goa, & foy o primeiro que se
edificou naquellas partes, por
industria de Soror Imãta, de
quem atras fiz mēçaõ, ao qual
vão todos os dias certos fra-
des de Blurimanos pera dize-
rem missa, & tornãose a jantar
ao mesmo Mosteiro. Saõ estas
Religiosas muy obseruantes,
& recolhidas, & mui veneradas
de todos.

¶ Neste Conuento lança-
rão o habito à Princesa Clara,
& logo começou de seruir a
Deos, não como menina de
pouca idade, senão como hum
antigo padre do hermo. Foyse
cultumando a jejuar, tão que
veyo a não comer mais que ao
Domingo heruas cozidas, &
isto continuou por espaço de
cincoenta annos, que viuco na
Ordem. Dormia muito pouco,
porque o mais do tempo gas-
taua em oração. Fez lhe o de-
monio muitas perrarias, & apa-

recialhe em diuerfas figuras,
mas fazêdolhe o final da Cruz
logo desaparecia. Por outra
parte recebia muitos fauores,
& consolações do ceo. Estan-
do hum dia contemplando na
Paixão de Christo, teue gran-
dissimo desejo de ver os luga-
res sagrados de Hierusalem. Fez
lhe seu diuino esposo a vō-
tade, & foy arrebatada em spi-
rito, & visitou aquelles luga-
res santos com muita consola-
ção de sua alma. Isto mesmo
lhe acôteceo outras vezes, por
que de ordinario se enleuaua
na oração. Algũas vezes lhe
trazião os Anjos pão, & man-
nã que comia, & de suas mãos
recebia muitas vezes o santis-
simo Sacramento. Teue domi-
de propheta, & graça de co-
nhecer os pensamentos. Que-
rendo seu pay fazer hũa guer-
ra aos Mouros, escreueolhe el-
la que desse batalha, porq̃ sem-
duuida alcançaria hũa grande
victoria, como alcançou, o que
tudo soube por hum Anjo que
lho reuelou. Dahi a tempos
tornou seu pay a dar outra ba-
talha, & ficou catiuo em poder
dos Mouros, & foy cometido
que deyxasse a Fè, mas elle o
não quis fazer, polla qual re-
zãõ foy morto. E tudo isto viu

Fauores
q̃ recebe
de Deos.

Reuelas-
ões
que tem

lua

Cõuẽto
defreiras

cap. i.

Tomã o
habito
Clara.

Faz aspe-
rapenitẽ-
cia.

sua filha em espirito, & que os Anjos leuauão sua alma ao ceo com grande alegria: & tornando em si desta reuelação, em que estava enleuada, deu conta de tudo o que vira a seu confessor com grande alegria de seu coração.

¶ Chegandose já o fim de sua penitente, & innocente vida, adoeceo graueamente, & pediu com muita instancia os Sacramentos, & depois de os receber mui deuotamente, acompanyada de Anjos, se foy ao ceo, aos treze dias de Julho, auendo cincoenta annos que recebera o habito. Foy muytos annos Prioressa do seu Mosteyro. Na hora de seu falecimento ouuiraõ as Freyras hũa voz que dizia: Vem esposa minha, entra no thalamo de teu celestial esposo. E algũas dellas virãõ sua alma ser leuada ao ceo em companhia de muytos Anjos.

¶ Temos visto quantas maravilhas Deos obrou pollos Religiosos do Padre S. Domingos, na Christandade que fizeraõ nas terras do Abexim: dos quaes trata Serafino Razzi, & Luis de Paramo, como tenho dito. E não duuido que aja ainda nas mesmas terras Religio-

fos desta sagrada Ordem, tão penitentes, & seruos de Deos, como estes forão: pois ha muyta probabilidade que viuem, & residem nellas, não somente nos Conuētos de Blurimanos & de Alleluya, que elles fundaraõ, como fica dito, pois temos noticia de estarem ainda em pè, & pouoados de Religiosos, mas també em outras Prouincias deste Abexim, conforme à informação que me deu destas terras Hieronymo Cherubim, de quem já faley: o qual me affirmou, que na ilha Siene situada no rio Nilo, onde elle esteue, auia Conuentos, & Religiosos de S. Domingos, o q̄ sabia, por lhe ver trazer o seu habito. Isto confirma, & verifica o Padre Francisco Aluares no liuro que fez do Preste-Ioaõ: dizendo que naquellas terras auia muitos Frades, & que hũs delles traziaõ capas como as que trazem os Religiosos de S. Domingos. E não dis mais delles. E por aqui concluamos cõ os Religiosos do Abexim, & falemos daqui por diante dos que passaraõ à India antes que fosse descuberta pollos Portugueses.

Francisco Alu. cap. 40. & 66.

1.ª parte li. 4. cap. 1.

Cap. 29.

Morted Clara virgem

Vbi supra.

Cap.

¶ CAPITULO XVI.

¶ Dos primeiros Religiosos que pas-
saraõ à India Oriental, antes que fos-
se descuberta pollos Portugue-
ses, & do martyrio que nel-
la receberam.



Primeiro Reli-
gioso da Ordẽ
dos Prêgado-
res, que passou
à India Orien-
tal, antes q̃ fos-

se descuberta pollos Portugue-
ses, foy o Padre Frey Iordaõ,
prêgador muy docto, em cuja
companhia foraõ juntamente
quatro Religiosos da Ordem
dos Menores, como largamen-
te conta o Padre Frey Marcos
na Chronica de S. Francisco:
cujos nomes saõ Frey Thomas
de Tolentino, Fr. Iacome de
Padua sacerdotes: Frey Deme-
trio, & Fr. Pedro, irmaõs ley-
gos. Os quaes no anno do Se-
nhor de 1320. passaraõ ao Rey-
no da Persia, a hũa cidade prin-
cipal chamada Tauris, com de-
sejo de prêgar a fẽ de Christo
nosso Senhor aos Mouros, &
Gentios daquellas partes, &
receber martyrio por ella. E
nãõ lhe socedendo alli como
elles desejavaõ, foraõ deman-
dar a Ilha de Ormuz, com de-
terminação de passar à igreja

de S. Thome Apostolo, situada
na costa de Charamandel, em
a cidade Moleâpor, que por ou-
tro nome se chama Salamina,
pera o que se embarcaraõ em
hũa nao de Mouros, que fazia
sua viagem pera a dita costa. embarcã
se em Or-
muz pe-
ra S. Tho-
me.
Mas socedendo os ventos
contrarios, forão tomar o por-
to da ilha de Tanã, que està jũ-
to da terra firme da India, en-
tre as cidades de Baçaim, & de
Chaul: na qual ilha estava hũa
cidade pouoada de Mouros, &
Gentios vassallos do Soldão
da Persia, cujo gouernador en-
tão era hum Mouro chamado
Melique, & Casis mayor ou-
tro chamado Cadî, o qual era
como Bispo dos Mouros.

¶ Tanto que a nao lançou
anchora no porto da ilha, de-
sembarcarãose os Religiosos,
& foraõ pousar em casa de hũ
Nestoriano, que viuia na mel-
ma ilha casado, & fora alli ter
da Persia, com outros merca-
dores Nestorianos, os quaes
ainda que professaõ a ley de
Christo, tem muitos erros nel-
la. Nesta casa estiueraõ oito
dias, nos quaes os Nestorianos
lhe pediraõ muito, que algum
delles quisesse passar à terra fir-
me, a hũa cidade que nella esta-
ua, chamada Parroch, onde
auia

auia muitos Nestorianos, que não tinham da ley de Christo, mais que o nome, porque nem se baptizauão, nê fazião obras de Christãos, pera que lhe prêgasse, & os instruisse na Fé, & baptizasse. E por conselho de todos foy o P. Fr. Iordão a esta empresa, porque sabia muyto bem a lingua da Persia, & leuou consigo dous daquelles Nestorianos, que sabião muyto bem a lingua da India, tomando occasião do q̄ estes lhe offerecião, pera ir prêgar a verdadeira ley de Christo nosso Senhor, & apartallos da falsa feita de Nestorio, em que forão criados. Entrando pois em húa barca, chegaraõ à cidade Parroch, onde o Padre prêgou & baptizou muitos. Mas depois de estar alli dezaseis dias foy auisado pollos mesmos Christãos, que se escondesse, & fugisse, porque os quatro Religiosos seus cõpanheiros eraõ presos na ilha de Tanâ, onde ficarão. Ao que o Padre Fr. Iordão respõdeo: Nũca Deos queira q̄ eu fuja, & deixe meus companheiros presos. E logo no seguinte dia se tornou pera a ilha de Tanâ, onde achou q̄ os Religiosos seus companheiros eraõ martyrizados polla

fê de Christo dous dias depois que delles se apartou, & que forão mortos por mandado de Melique Governador da cidade, mais a requerimêto do Cassi Cadí, que por sua vontade, por lhe parecerem os ditos Religiosos innocêtes, & santos. Cujos corpos forão lançados em hum campo, sem auer que oufasse enterrallos com medo dos Mouros. No qual estiueraõ catorze dias, & no fim delles chegou o Padre Fr. Iordão & os enterrou no mesmo lugar com muito sentimento de perder seus companheiros, & com veneração daquellas reliquias, poys não duuidaua que as almas q̄ naquelles corpos morarão, estarião no ceo gozando da vista de Deos, premio de seus trabalhos, & martyrio.

Todo o successo do martyrio destes Religiosos escreueo o Padre Frey Iordão, & diulgou estas nouas por todas as partes que pode, pera que se soubesse da bẽauenturada morte destes seus companheyros, & os Christãos louuassem a Deos em seus santos.

¶ Depois que o Padre Fr. Iordão enterrou os corpos destes martyres, deixou se ficar na ilha de Tanâ, onde esteue mui

to.

O P. Fr. Iordão prêgou, & baptizou em Parroch.

Martyrio de 4 Frades menores

tão tempo sem o Melique lhe fazer mal algum, nem consentir que lho fizessem, porq̃ via nelle maravilhosos sinais de santidade, & sabia que tinha rendido os corações dos moradores da ilha Gentios, pollas excellentes obras que entre elles fazia, dando vista a cegos, pés a coxos, & saude a enfermos, per onde era de todos muy estimado, & venerado, & o mesmo Melique lhe tinha muyto respeito. As quaes cousas não podião soffrer os Mouros da ilha, particularmente o Calsis Cadî, & outro Mouro nobre grande inimigo dos Christãos chamado Oseph, antes muitas vezes persuadião o Governador, que mandasse matar aquelle Calsis Christão por honra de Mafamede, porque se o não mataua, muitos Mouros, & Gétios se auiaõ de fazer Christãos, polla prêgação, & milagres que obraua. Polla mesma rezaõ lhe respõdia o Melique que o não auia de matar, pois elles confessauão que o Padre fazia boas obras, & que tal homem não merecia morte, senão ser muito estimado, & venerado, & desta maneyra se liuraua dos queyxumes, que cada dia os Mouros lhe fazião.

Milagres
do P. F.
Iordão.

¶ CAPITULO XVII.

¶ Do martyrio do Padre Fr. Iordão, da Ordem dos Prêgadores, & da imagem que os Gentios lhe fizeram na ilha de Tanã, & como foy achada.



Endo o Calsis Cadî, & os mais Calsizes, que o Padre Fr. Iordão continuaua cõ sua prêgação, & conuertia muitos Gentios à fê de Christo, foraõse a casa do Governador, como cães rayuõs clamando com grandes queyxas, entre as quaes a principal que fazião do Padre, era, q̃ blasfemaua de Mafamede, abominando sua Seita, & que os afrontaua a todos, & que tudo isto fazia com fauor de Melique, pois o consentia, & não permittia que o castigassẽ polla soltura de suas palauras; & que por causa d'elle Governador ficaua a ley de Mafamede muy abatida naquella ilha. E tantas cousas destas lhe disserão, que o dobraraõ, & de importunado deu licença a Cadî que o castigasse, & fartasse já sua vontade: o que fez mais constangido de medo de o accusarem a el Rey, que por sua vontade, porque era bem incli-

Accusãõ
ções dos
Mouros

nado,

nado, & amigo do Padre. O Cadi, que outra cousa não desejava, tanto que teve licença do Governador, ajuntou grande numero de Mouros, & deu em casa do padre Fr. Iordão, & alli lhe deraõ muitos couces, & bofetadas, & lhe ataraõ hũa corda ao pescoço, & o leuaraõ arrasto atè o campo, onde o acabaraõ de matar cõ pedradas. A qual morte o glorioso Martyr desejava muyto pa decer por Iesu Christo nosso Salvador, a quem tanto amava & seruia. E quãdo vio sua hora chegada, a recbeo cõ mayor goitto, que o que tinhão os carneiros lobos, que lha dauão, porque com ella esperaua alcançar a vida eterna, & a vista daquelle Senhor, por quem morria:

¶ A gente popular da ilha, particularmente os Gentios, sentiraõ muito a morte do seu santo padre, de quem tinhão reccebido tão boas obras. Pollo qual respeyto lhe fizeraõ hũa imagem de pao, de comprimento de hũ palmo, tirada pollo natural do mesmo padre, vestida com seu habito cõ as mãos debaixo do escapulario, & o capello posto atè o meyo da cabeça, como ordinariamete an-

daua sendo viuõ, & puferaõ esta imagem entre os seus santos no seu Pagode, que he a sua igreja, onde o tinhão, & veneraõ por santo. Este Pagode pollo tempo adiante arruinou & cayo, como outros muitos fizeram depois da entrada dos Portugueses na Índia, se auer quem mais os leuantasse. Pollo que ficou esta imagẽ enterada debaixo das pedras, & calça muitos annos. Soccedeo depois correndo os tempos, q hum Antonio de Sousa, & sua mulher Dona Maria Pereira, fidalgos nobres, & honrados, moradores na ilha de Tanà, vi eraõ a possuir esta aldeia, onde estaua o Pagode, que dissemos do qual estauaõ ainda leuãntados hũs pedaços de paredes velhas: onde querendo elles fazer hũas casas pera recolhimẽto da sua gente, & da fabrica daquella aldeia, mãdarão tirar de dentro toda a pedra, & calça, & alimpar o vão da casa, & indo cauando, forão dar cõ a imagem de hum frade de S. Domingos, que alli estaua enterrada, a qual era de pao muy aluo, a que os naturaes da terra chamão pao Euo. Esta imagem era de feytio muyto primo, & tinha o rosto muito fer-

D mofo,

Martyrio do P. Fr. Iordão.

Imagem do P. Fr. Iordão.

Achase a imagem do P. Fr. Iordão.

moso, liso, & limpo, como se áquella hora fora enterrada, auendo muitos annos que alli estaua. O que não carece de grande misterio

¶ O caso pos em grãde admiração os señores da terra, & os mais q̄ presentes se acharão vêdo hũa imagẽ de Religioso de S. Domingos enterrada e hũs pardieiros tão antigos em terra de Gentios, tão distante de Christãos, & Religiosos. Pollo que mandarão logo chamar os Gêtios antigos daq̄lla ilha, & perguntaraõlhe q̄ memoria tinham d'aquellas ruinas, & que imagem era aquella, que alli acharão enterrada: os quaes responderão, que naquelle lugar ouue antiguamente hum Pagode de seus antepassados, & aquella imagem era de hum homem santo, que fora antigamente ter áquella ilha, & andaua vestido com habito branco, & cappa preta, & que fizera naquella terra muitos milagres, & fora morto pollo Castil della, que era Mouro, contra vontade de todo o pouo, que o veneraua, & tinha por santo; & contaraõ toda a mais historia acima referida, que dizião ter ouuido a seus antepassados.

¶ Esta imagem guardou áquella nobre fidalga dona Maria Pereira, & a tinha muito venerada. Socedeo que dahi a algũs annos foy ter à ilha de Taná o padre Frey Aleyxo de Setual, Prior que entãõ era de S. Domingos de Chaul, padre velho de muita authoridade, & verdade, & poustando em casa do dito Antonio de Sousa, de quem era muito amigo, vieraõlhe a contar a historia da imagem que tinham achado no Pagode dos Gentios, relatandolhe tudo como fica dito. E o padre lhe pediu muito, que lhe mostrasse a imagem: & dona Maria Pereira a foy tirar de hum caixão, onde a tinha guardada, & muy estimada, & a deu ao padre. O qual depois de a ter em seu poder, lhe pediu muyto que lha dessem, para a leuar ao seu Conuento de Chaul. E os ditos senhores ouuerão por bem, posto q̄ mostraraõ muyto sentimento de atirarẽ de si, & ficarẽ sem ella. O padre a leuou consigo a Chaul, onde a teue sempre muy estimada, & venerada.

¶ Demaneira, q̄ os Religiosos destas duas Ordens foraõ os primeiros que passaraõ à India Oriẽtal, & a regaraõ com

O P. Fr. Aleyxo trouxe esta imagem para Chaul.

Os Religiosos de S. Domingos, & S. Frãcisco primeiros que foraõ à India.

seu sangue derramado polla
 fê de Iesu Christo, que confes
 sauaõ, & prégauão, o qual da
 terra estaua dando brados ao
 Ceo, não como o sangue de A-
 bel polla vingança de Cain,
 Gene. 4. nê como o sãgue do sacerdote
 Zacharias pollo castigo & des-
 truição de Hierusalê, senão â
 imitação do precioso sangue
 daquelle innocentissimo cor-
 deiro, q̄ da Cruz estaua bradan-
 do ao Padre eterno perdoasse
 aquelles q̄ tão cruelmente lhe
 tirauão a vida: assi o sãgue des-
 tes santos Martyres semeado
 por esta terra da India, brada-
 ua, & pedia q̄ viesse a lume o
 fruto de sua sementeira, q̄ era
 ficar o conhecimento da Fê,
 porq̄ fora derramado, impres-
 so nos corações daquelle Gen-
 tilidade, que de tão longe fo-
 raõ buscar, pera lhe ensinar o
 caminho da verdade: Cujos
 brados não foraõ frustrados,
 âtes ouvidos do piedoso Deos,
 que foy seruido, & quis que
 nacesse, & se criasse nestas mes-
 mas terras hũa grandissima
 Christãdade como agora esta,
 porque sêdo Tanã hũa pouoa-
 ção pequena, tem Religiosos

de S. Francisco, de S. Agosti-
 nho, da Companhia, & de S.
 Domingos, aos quaes a Cama-
 ra deu chaõ, & o pouo esmolas
 com que tem feito hũa igreja
 da inuocação de nossa Senho-
 ra do Rosario, & hum Conuen-
 to competente, onde viuem os
 nossos Religiosos. O que tudo
 se pode attribuir aos mereci-
 mentos destes santos Marty-
 res, primeiros fundadores da
 quella Christandade, pois ve-
 mos, q̄ os mais Religiosos &
 Christãos, q̄ depois delles fo-
 raõ a estas partes, hoje as vaõ
 possuindo, & lográdo se do frui-
 to de seu Martyrio. De manei-
 ra q̄ temos vulto como os Re-
 ligiosos de S. Domĩgos foraõ
 prêgar o S. Euangelho às par-
 tes Orientaes, muito tẽpo an-
 tes que a viagem da India fos-
 se descuberta pollos Portugue-
 ses, indo hũs a Tartaria, ou-
 tros pera Armenia, outros pe-
 ra o Abexim, & estes vltimos
 pera a India, como tenho dito:
 Resta agora falar dos Religio-
 sos q̄ foraõ a este Oriente de-
 pois que foi descuberto pollos
 Portugueses: o que farey bre-
 uemente no liuro q̄ se segue.

¶ FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

D 2

LIVRO SE- GVNDO, DE VARIA HIS- TORIA, DA CHRISTANIDADE ORIENTAL.

No qual se dà hũa breue relação de algũs Religiosos insignes em virtude, & letras, da Ordem dos Prêgadores, que passaraõ às partes Orientaes, depois que foraõ descubertas pollos Portugueses, & das mortes gloriosas, que algũs delles receberaõ da mão dos infieis polla fê de IESV Christo nosso Saluador, que prêgauão, andando occupados no ministerio da Christandade.

¶ CAPIT. PRIMEIRO,
¶ Dos primeiros Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores, que passaraõ à India Oriental, depois de descuberta pollos Portugueses.



Anto q̃ el Rey D. Manoel descubrio as Indias Oriẽtaes, logo se começou a accender nos corações dos Religiosos deste Reyno de Portugal, & particularmente nos da Ordẽ do glorioso Patriarcha S. Domingos, hũa feruente charidade, & zelo de saluar as almas daquelles q̃ nonamẽte estauaõ cõquistados nos corpos, & nas terras, imitãdo nisto, como verdadeiros filhos, a seu Padre S.

Domingos, que continuamẽte andaua ardẽdo em zelo da saluação das almas. Pollo q̃ se offerecerã logo a esta noua empresa muytos Religiosos da mesma Ordẽ, deixando a quietação de suas cellas, desnaturalose de suas patrias, parentes, & amigos, tendo em pouco os trabalhos do mar, & perigos, q̃ em taõ cõprida viagẽ, & terras tão estranhas, & distantes lhe podião soceder. E assi era rezão que fossem elles dos primeiros, pois de direito lhe estaua deuida esta conquista spiritual, da qual seus antepassados Religiosos da mesma Ordẽ tinhamo tomado posse muitotẽpo antes q̃ fossem descubertas pollos Portugueses, & demarcado suas terras com seu martyrio, & sangue, como fica dito.

Os Religiosos de S. Domingos se offerecem pera ir à India.

F. Rodri-
go Ho-
mem.

v. p. cap. 2

¶ O primeiro Religioso Portugues da Ordem dos Prêgadores, q̄ acho ter passado a prêgar a esta noua côquista, foy o P. F. Rodrigo Homê, Religioso de muita authoridade, & reputação: o qual estaua já na India no anno de 1503. quando Affonso d'Albuquerque foy a primeira vez a essas partes, como se pode ver em seus Cômmentarios, onde se refere o seguinte. ¶ Vendo Affonso d'Albuquerque as muitas differenças q̄ tinha cõ Francisco d'Albuquerque seu primo, acerca da primeira fortaleza q̄ el Rey D. Manoel mādou fazer a ambos em a cidade de Côchim, & vendo q̄ se não pôdia conformar cõ elle, mandou chamar o padre Fr. Rodrigo da Ordem de S. Domingos, & deulhe conta do q̄ passaua, & pediulhe muito que quisesse dizer missa na igreja noua, que tinha feito na fortaleza, porque se queria ir a Coulão carregar suas naos, pera se tornar a Portugal, & seu primo Francisco d'Albuquerque ficasse embora, & fizesse o que quisesse. O padre Fr. Rodrigo lhe disse, que se espantaua muyto entre hús homens tão honrados, & tão parêntes, auer tantas differenças. E

cõ tudo foise cõ elle á fortaleza, & disse a primeira missa na sua igreja noua: & acabada a missa andaraõ em procissão por dentro della, & pustraõ lhe nome o Conuento de Christo. E depois disso, vendo o padre q̄ não podia concertar as differenças, que auia entre os dous primos, embarcouse com Affonso d'Albuquerque, & foise cõ elle pera Coulão. Donde partindose Affonso d'Albuquerque pera Portugal com suas naos carregadas, encômendou muito ao padre Fr. Rodrigo o gouerno, & administração de húa igreja de Christãos de S. Thome, que na dita cidade achou, da inuocação de Nossa Sñora da Misericordia, onde o P. ficou. E o q̄ nella fez se pode collegir dos mesmos Cômmentarios, onde se refere o seguinte. ¶ Nesta igreja deixou Affonso d'Albuquerque o P. Fr. Rodrigo, da Ordê de S. Domingos, por principal della, & elle teue tão bõ cuidado de sua administração o tẽpo q̄ nella esteve, q̄ cõ sua doutrina, & bõ exemplo tornou muitos Centios à Fè de Christo, baptizou, & fez muitos Christãos de idade de trinta, & 40. annos. Atè aqui he dos Cômmentarios.

primeira
missa na
igreja no
ua de Cô
chim,

Igreja de
Christãos
de Cou
lão.

v. p. ca. 4

Segundo
religioso
q̄ enterou
na India.

¶ O segundo Religioso da Ordem dos Prêgadores, que andaua na India em companhia dos primeiros conquistadores, se collige claramente dos Cômentarios de Affonso d'Albuquerque, onde se refere o seguinte. ¶ Quando Affonso d'Albuquerque tomou a cidade de Goa a primeyra vez, q̄ foy aos 16. de Feuereiro do anno do Senhor de mil & quinhentos & dez, leuaua em sua companhia hum padre de S. Domingos, o qual hia na dianteira de todo o arrayal, cõ hũa Cruz leuantada nas mãos, & logo detras da Cruz se seguia a bandeira Real, que era de setim branco, com as armas de Portugal, & toda a mais gente seguia estes dous estendartes: o numero da qual era mil Portugueses, & duzentos Malauares, que Affonso d'Albuquerque leuou consigo de Cochim, pera se ajudar delles. Atè aqui são palauras dos Cômentarios. De modo q̄ neste tempo andaua este Religioso na India em cõpanhia de Affonso d'Albuquerque, cujo nome não declara aqui o Chronista.

¶ Mas Damião de Goes na Chronica del Rey D. Manoel cõta, q̄ quando Affonso d'Albuquerque

que tomou Goa da primeyra vez, mandou por embaixadores ao Xequé Ismael, Ruy Gomez de Carualhosa, & o Padre Fr. Ioão da Ordẽ de S. Domingos, na qual jornada o Carualhosa foy morto em Ormuz pollos Mouros cõ peçonha secretamẽte, & o padre Fr. Ioão se tornou pera Goa. Dõde parece q̄ este he o mesmo Religioso de q̄ se faz menção nos Cômentarios, pois esta embaixada se fez logo depois da tomada de Goa. E tambẽ he de crer, q̄ em companhia deste Religioso andarião outros da mesma Ordem.

¶ O terceiro, & quarto Religiosos desta Ordẽ, q̄ passaraõ de Portugal a estas partes da India, a prêgar o Euãgelho, fõrão o P. Fr. Ioão de Haro, & o P. Fr. Luis da Vitoria, ambos letrados, & bõs prêgadores: os quaes mandou el Rey D. Ioão III. a prêgar à India no anno de 1522. De Fr. Ioão de Haro faz mção Castanheda, & Diogo do Couto na 4. Dec. onde diz, q̄ Lopo Vaz de S. Payo pediu ao padre Fr. Ioão lhe declarasse, se estaua elle dito gouernador legitimamẽte na gouernança da India, & cõ o parecer q̄ lhe deu q̄ si estaua, quietou a

Fr. Ioão
de Haro.
Fr. Luis
da Vitoria.

liu. 7. da
India, c.
14.
Dec. 4. li.
1. cap. 19

con.

Liu. 3. c.
7.
Iuy zes
da causa
de Lopo
Vaz, &
P. Mascarenhas

conciencia, & não desistio do cargo, & governo do dito esta do. E em outro lugar da mesma Decada dis, que no mesmo tempo foy eleyto o P. F. Luis da Vitoria por juiz desta causa com cinco fidalgos mais, o qual Padre era da Ordem de S. Domingos, & outro de S. Francisco, chamado Fr. João d'Aluî; pera que todos sete juntamente julgassem, & dessem sentença sobre as differenças que auia entre Lopo Vaz de S. Payo, & Pero Mascarenhas acerca da governança do Estado da India, como de feito de-raõ, & julgaraõ que Lopo Vaz de S. Payo era o verdadeiro, & legitimo Governador. De maneira que neste tempo andauão na India prêgando o P. Fr. João de Haro (a quem Diogo do Couto chama Fr. João de Hayo) & o Padre Frey Luis da Vitoria da Ordem de S. Domingos, ambos doutos, & bõs Prêgadores.

F. Pedro
Coelho.

¶ O quinto Religioso da Ordem dos Prêgadores, que passou a esta noua conquista, foy o Padre Frey Pedro Coelho, natural de Santarem, muy bom letrado, & grande prêgador. O qual no anno do Sñor de 1539. foi enuiado por el Rei

dom João Terceirõ, com tres Religiosos mais da mesma Ordem seus companheiros, pera que da India fossem ao Preste João em cõpanhia do Patriarcha de Alexandria Dom João Bermudez, o qual no mesmo anno partio deste Reino pera aquellas partes por ordem do Papa Paulo III. mas não veyo a effeito sua ida com o Patriarcha por justas causas, que pera isso ouue: pollo que ficou o Padre Frey Pedro Coelho na India com seus cõpanheiros prêgando, & fazendo officio de varões Apostolicos:

¶ CAPIT. SEGUNDO.

¶ Dos primeiros Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores, que forão à India em communidade a fundar Conuento.



S primeiros Religiosos de S. Domingos, que forão de Portugal à India Oriental em communidade a fundar casas de sua Ordẽ, forão o P. Fr. Diogo Bermudez Vigairo gêral, & doze Religiosos que leuou consigo, no anno do Senhor de 1548. (governando a India Garcia de Sâ) a imitação do sagrado Collegio de IESV Christo nosso

F. Diogõ
Bermudez.

Senhor, a quem pretēdiaõ imitar em todas suas obras. Entre estes doze foy o Padre Fr. Frãcisco de Macedo, varaõ muy virtuoso & docto. Este foy o primeiro, que na India ensinou Artes, & Theologia, a qual se leo em S. Domingos de Goa, muytos annos antes que se lesse em outra parte, ou Collegio algum da India. Na mesma companhia foy tambem o Padre Fr. Gaspar da Cruz, natural da cidade d'Euora, Religioso de muita virtude, & bõ Prêgador. O qual foy o primeiro Religioso que passou aos Reynos de Camboja com tenção de fundar nelles casa, & prêgar o Euangelho aos Gentios d'aquellas terras. O q̄ por então não veyo a effeito por algũs impedimentos, & grandes impossibilidades, que achou no Rey da terra, & nos Bramenes que são os seus religiosos, como o dito Padre aponta no seu liuro que fez da China. Polla qual causa passou logo dalli aos Reynos da China com o mesmo intento: & elle foy o primeiro Religioso, q̄ entrou, & prêgou naquelle grãde Reyno, posto que o Padre Francisco Xavier da Companhia de Iesus foy pera entrar nestes di

Fr. Francisco de Macedo primeiro q̄ leo na India.

F. Gaspar da Cruz, primeiro q̄ entrou em Camboja.

tos Reynos no anno do Sñor de 1552. mas antes que la chegasse falleceo na ilha de S. Gião, que està perto da China, & assi não entrou nella. Mas o Padre Fr. Gaspar da Cruz entrou por muitas partes daquelles opulentos Reynos, & prêgou nelles no anno do Senhor de 1556. do que tudo fez hum liuro, em que cõta miudamente todas as cousas da China, & as do Rey de Ormuz, aonde tambem foy a prêgar o Euangelho, depois de tornar da China. O Padre Mendoça no liuro que fez da China, diz que o Padre Frey Gaspar da Cruz da Ordem de S. Domingos andando na China prêgãdo, entrou hum dia no Templo dos Chinas, & lhe derrubou os Idolos, estando presentes muitos dell'es, pôdo-se a risco de o matarem. O que vendo todos os circũstantes, remeterãõ ao Padre pera o matar: mas elle lhe deu taes rezões contra o erro em q̄ estauão, adorando paos, & pedras, que ficaraõ conuencidos de modo, que nenhũ mal lhe fizeraõ. Isto mesmo conta o Padre F. Gaspar de si, no seu liuro da China.

F. Gaspar da Cruz primeiro q̄ prêgou na China.

Liuro 2.º c.º 35

F. Gaspar da Cruz derrubou os idolos porterra.

Cap. 17.

¶ Este Padre tornando da India pera Portugal, se offerenceo

ceo no tempo da peste grande de Lisboa, que foy no anno de 1569. pera confessar, & curar os enfermos que aua na dita cidade, juntamente com o Padre Fr. Isidoro Altamirano, & o P. Fr. Belchior de Monsanto da mesma Ordem, & cadahum delles trazia por seu côpanheiro hum irmão leigo, q̄ os ajudava a visitar os enfermos, cõ doces, cõsolações, & remedios assi spirituaes, como corporaes, diuididos pollos bayrros de Lisboa, que cadahum tinha à sua conta, & neste ministerio andaraõ em quanto a peste durou, exercitando esta obra de charidade: & acabada a peste de Lisboa, se foy o Padre Fr. Gaspar a Setuual pera o mesmo effeito, onde esteue até se acabar a peste, & no fim della adoeceo do mesmo mal, & morreo, como elle mesmo tinha certificado em sua vida, dizendo que tambem elle se feriria, & morreria da mesma peste, & que depois de sua morte nenhuma pessoa mais adoeceria deste mal, como aconteceu: de modo que elle foy o derradeiro que adoeceo, & morreo do mal da peste em Setuual, & dalli o leuaraõ a enterrar ao Conueto de S. Domingos de

Morte
do Padre
Fr. Gaspar

Azeitão, donde era filho. E nesta obra, & seruiço de Deos tão heroyco acabou seus dias, & trabalhos. Neste tempo q̄ falleceo me affirmou hũa pessoa de credito, que estava já eleito por el Rey dom Sebastião por Bispo de Malaca, mas a morte lhe atalhou esta dignidade nesta vida miseravel, pera Deos lhe dar outras mayores na vida eterna.

¶ Estes doze Religiosos fizeram o nobre Conuento de S. Domingos de Goa, em que agora residem ordinariamente cincoeta Religiosos, & já chegarão a morar nelle setenta. D'aqui foraõ fundar outros dous Cõuentos, hũ na cidade de Chaul, outro em a de Cochim: em cadahum dos quaes residem cõmummente trinta Religiosos, pouco mais, ou menos.

S. Domingos de Goa.

S. Domingos de Chaul.
S. Domingos de Cochim.

¶ Depois que estes Padres tiueraõ assento nas tres principais cidades da India, os mais Religiosos da mesma Ordem, que foraõ de Portugal dahi por diante não descansaraõ, nem se descuidaraõ da empresa, que tinham tomado à sua conta, antes cadahum por sua parte fazia muyto por aumentar, prêgar, & dilatar a Fè por todas

todas

todas as mais partes da India, com zelo de saluar, & ganhar almas pera Christo nosso Sñor, que as tinha redimido. Polla qual causa se foraõ espalhãdo por todas às partes, & lugares da India, & polla ilha de Goa, que toda estaua pouoada de Gentios idolatras, onde fizeram a Christandade, que se pode ver no capitulo seguinte.

¶ CAPITULO III.

¶ Da Christandade, que os Padres de S. Domingos tem feito na ilha de Goa.



Quando os Padres de S. Domingos, que residião na cidade de Goa a muyta Gentilidade que auia em toda a ilha, fizeram com o Governador dom Pedro Mascarenhas (que naquelle anno, que foy o de 1553. tinha ido de Portugal pera governar a India) que repartisse as aldeas de Goa, em que viuião estes Gentios, & cometesse a conuersaõ dellas aos Religiosos, que já estauão na India, pera que hũs & outros tomassem as que lhe coubessem à sua conta, & fossem entrando por ellas, prégando, conuertendo, & baptizando a todos os q̃

pudessem: o que logo fez o dito Governador D. Pedro, repartido a Christandade da ilha pollos Padres de S. Domingos, & da Companhia, que já neste tempo la estauão: & de trinta aldeas de Gentios, que na ilha auia, ficaraõ quinze à cõta dos padres de S. Domingos, todas quasi em hum direito, da aldea de Morumbim o grande, atè a aldea de Taleygão, entre as quaes logo os nossos padres fizeram quatro igrejas, pera que residindo nellas de mais perto, & com melhor cuidado fossem prégando, conuertendo, & trazêdo ao rebanho da Igreja Catholica aquellas brauas, & syluestres ouelhas, que della andauão apartadas.

¶ A primeira, & mais nobre igreja (que he da inuocação de S. Barbãra) fundou o Padre Fr. Aleyxo de Setual na primeira aldea, chamada Morumbim o grande, na qual o mesmo padre residio tres annos, & nelles baptizou passante de sete mil almas. Outra igreja foy fundada na aldea de Carãpor da inuocação de S. Cruz. Outra igreja fizeram na aldea de Taleigão, da inuocação de S. Miguel. E a quarta igreja finalmente fizeram na aldea de

Repartição da Christandade de Goa.

Igreja de S. Barbãra.

S. Cruz

S. Miguel.

Sirdão

S. Maria
Magda-
lena.

Sirdão, do Orago de S. Maria Magdalenã. Nas quaes igrejas os padres de S. Domingos fizeram muytos milhares de Christãos, & inda hoje vão fazendo, & continuando no ministerio desta Christandade de tal maneira, que já nestas aldeas não ha Gentios, senão muyto poucos, & esses ainda vem da terra firme de nouo a viuer na ilha, os quaes també se vão fazendo Christãos. Os padres que residem nestas igrejas ensinão a ler, & escreuer, & a doutrina Christã a todos os mininos daquellas aldeas: & todos elles, assi machos como femeas até idade de dez annos são obrigados a vir cada dia polla manhã à igreja, onde ouuem Missa, & depois se lhe ensina toda a doutrina cantada em voz alta, dizendo dous mininos dos mais destros, & respondendo os outros. Em cada aldea destas ha hum meirinho da doutrina, o qual cada dia polla manhã tem cuydado de tanger hũa campainha por toda a aldea, & todos os mininos della se ajuntão em hum certo lugar, & dalli vão êprocição cantado a doutrina até a igreja, & da mesma maneyra se tornão da igreja pera suas

Como se
ensina a
doutrina
aos mini-
nos.

casas: & se algum minino falta, he apontado pollo meirinho, & castigado pollo padre, pollo qual exercicio tão continuo, andão estes mininos tão destros na doutrina, que a sabê toda muitobem de côr. Em cada hũa destas quatro igrejas se ajuntarão cada dia a esta doutrina mais de cem mininos; como eu vi por muitas vezes, os quaes todos são já Christãos, filhos, & netos de Christãos, entre os quaes ha gente muy honrada, & rica, & muitos delles tem casadas suas filhas cõ Portugueses.

Fr. Simão
Botelho.

¶ Neste tempo que se começou esta Christandade, tinha tomado o habito.ẽ S. Domingos de Goa Simão Botelho d'Andrade (que depois de Religioso se chamou Frey Simão Botelho) o qual era homem fidalgo muy hõrado, & de grande prudencia, & gouerno, & cõmo tal foy doze annos Vêdor gèral da fazenda del Rey em toda a India, & depois foy capitão de Malaca, & tinha tanta authoridade, que os Governadores da India não fazião cousa de importancia sem seu parecer, por mandado expreso del Rey de Portugal. Pollo qual respeito foy muy sentida

lua

Sua entrada na Ordem do Governador D. Pedro Mascarenhas, que nesse mesmo tempo chegou à India, & pesoulhe muito de o achar feito Religioso, porque vinha de Portugal descansado, cuidando que o tinha no Estado, pera se acõselhar com elle nas cousas tocantes ao governo, como tinhamão feito seus antecessores. E assi tanto que chegou à cidade de Goa, dahi a poucos dias foy a S. Domingos, & entrando em casa de nouiços, fallou toda hũa manhã com o dito Fr. Simão sobre as cousas do Estado da India. E por seu parecer fez o dito Governador outro Vêdor da fazenda, & outros officiaes, como conuinha ao bom governo do Estado. E todas as vezes que se cediaõ cousas de importancia, o Governador hia logo a S. Domingos, aconselhar-se com Fr. Simão, em quanto foy nouiço, & depois de professo, o mandaua chamar muytas vezes pera o mesmo effeito. Nesta mesma reputaçãõ foy tido de todos os mais Governadores da India. E o Viçerey D. Constantino o leuou consigo, quando foy tomar Iafanapa-tãõ, pera nesta empresa se aju-

dar de seu conselho, como ajudou. Este padre com sua industria, valia, & ajudas, que teue dos Vice Reis, fez o nobre tẽplo de S. Domingos de Goa que he o melhor, & mais sumptuoso, que ha em toda a India. Foy muyto virtuoso, & muy grande Religioso. Falleceo em Goa, sendo sacerdote, & antes que fallecesse pedio os santos Sacramẽtos: & quando lhe deraõ o da Extremavnaçãõ fez hũa pratica a todos os Religiosos da dita casa, que presentes estauão, com que a todos espantou, & consolou muito: & desta maneira deu sua alma a Deos.

Igreja de S. Domingos de Goa, fundada por F. Simão Botelho.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ Em que se trata breuemente da Christandade q̃ os padres de S. Domingos tẽ feito nas ilhas de Solór, & Timór.



O mesmo tẽpo em que se começou a Christandade da ilha de Goa, foraõ outros Religiosos desta sagrada Ordem pouoar hũa casa, q̃ o P. Fr. Gaspar da Cruz tinha fundada em Malaca, onde agora residem ordinariamente cinco, & seis Religiosos, & dali foy

foy o P. Fr. Antonio da Cruz, cõ tres cõpanheiros, por mandado do Bispo de Malaca D. Fr. Iorge de S. Luzia, no anno do Senhor de 1561. às ilhas de Solòr, que estão em 8. graos da bãda do Sul, & de Malaca 480 legoas, & são tres ilhas em triângulo, s. Solòr, Lamalla, Loboballa, & nellas baptizou muitos Gétios, entre os quaes fez Christão o snõr da ilha de Solòr, a que chamão Sanguedepate, & dalli mandou Religiosos à ilha do Ende, que são trinta legoas de Solòr, & à ilha de Timòr, que jaz pera o Sul 20. legoas de Solòr, onde foram bem recebidos, & fizeram grande fruto. Dessas ilhas tinha já tomado posse o padre Fr. Antonio Taueiro, que foy o primeiro Religioso que nellas entrou, & fez Christandade: do qual diz o P. Fr. Gaspar da Cruz no Prologo que faz do liuro da China, que já quando elle passou de Camboja para a China (que foy ao anno do Senhor de 1556.) tinha este padre feyto na ilha de Timòr passante de cinco mil Christãos, & na ilha do Ende outra muyto grande cõpia delles.

¶ Esta Christandade de Solòr, & Timòr, foy crecendo em

tanta quantidade, que são innumeraveis os Christãos, que de então até agora se fizeram, & se vão fazendo cada dia por todas aquellas ilhas: entre os quaes se fizeram também Christãos os pricipaes dellas, & em particular o Principe legitimo herdeiro do Reino de Timòr, que o padre Frey Belchior da Luz Religioso desta Ordẽ cõuerteo, & cathechizou, & trouxe consigo a Malaca, onde foy bem recebido pollo capitão, & mais pouo da fortaleza, & particularmente pollos mercadores, q̃ de Malaca vão à sua ilha de Timòr, a buscar Sãdalo porque o conhecião, & sabião quem elle era: & foy baptizado em Malaca pollo Bispo D. Ioão Gayo Ribeiro. Este Principe tornou o P. Fr. Belchior levar à sua ilha, onde foy muybẽ recebido pollo mesmo Rey Gentio seu pay, o qual tinha tanta reuerencia, & acatamento ao dito padre, como se fora seu Prelado. O mesmo respeito té todos os moradores destas ilhas, alsí Christãos, como Gétios, aos nossos Religiosos que nellas andão, & particularmente aquelles, que viuẽ mais perto das igrejas, em que os ditos padres residem.

O Principe de Timor se fez Christão.
Fr. Belchior da Luz.

F. Antonio Taueiro.

Estas

Estas igrejas até o anno de 1599. eraõ dezoito, as quaes es-
taõ espalhadas por aquellas
ilhas, & em cada hũa dellas ha
grandes freguefias, & pouoa-
ções de Christãos ja feitos, &
outros muitos, que cada dia se
vão fazendo com muito traba-
lho, & vigilancia dos padres,
que os sustentão na Fè, & de-
fendem dos Mouros da Iaoa,
que alli vem muitas vezes em
suas embarcações: os quaes an-
tes que os Padres de S. Domí-
gos alli entrassem tinhão to-
mado posse da gente destas i-
ilhas, & a muitos tinhão feyto
Mouros, os quaes os padres
tornaraõ a conuerter, & fazer
Christãos, tirandoos da boca
dos lobos, como bõs pastores:
o que os Mouros sofrião muy-
to mal, & fazião muyta guerra
aos padres, & aos mesmos
Christãos nouamente conuer-
tidos, & desembarcando em as
prayas destas ilhas, salteauão
as pouoações, & as igrejas, &
roubauão, & matauão quantos
podiaõ, & tornauão a fugir pe-
ra a sua terra.

persegue
os Mou-
ros da Iaoa
os
Christãos.

Fortalez-
za de Solòr.

¶ Por respeito destes Mou-
ros fundou o padre Fr. Anto-
nio da Cruz hũa fortaleza em
a ilha de Solòr, de pedra, & cal,
onde ha peças d'artelharia, q̃

os Viceréis lhe mandaraõ dar
pera defensão sua, & da Chris-
tandade. Nesta fortaleza ti-
nhaõ os padres hum capitaõ
posto de sua mão (o qual ago-
ra he prouido por el Rey, pol-
lo muyto crescimento em que
foy esta capitania) & juntamẽ-
te tinhaõ soldados, que susten-
tauão a sua custa, & dos Chris-
taõs da terra, os quaes corrião
todas aquellas ilhas, & tinhão
muitas brigas com os Mouros
que nellas auia, matãdo a hũs,
& lançando fora dellas a ou-
tros por força d'armas: & era
a guerra tão crua, que até os
mesmos padres, que residiaõ
pollas igrejas, tinhaõ consigo
algũa gente pera sua guarda:
mas ja agora polla bõdade de
nosso Senhor não ha Mouros
nestas ilhas, q̃ estoruẽ a Chris-
tandade. A todos estes traba-
lhos, & perigos se offereceraõ
estes Religiosos polla salua-
ção das almas, padecendo alé
disso muitas fomes, & roim tra-
tamẽto de suas pessoas, pollas
terras em si serem pobres, &
muito faltas de mantimentos,
& do mais necessario pera pas-
sar & sustetar a vida. Do prin-
cipio desta Christandade de
Solòr, até o anno de 606. eraõ
passadosa ella 64. Religiosos.

Nesta

¶ Nesta ilha de Solôr tem os nossos padres hũa casa, que he Seminario, & cabeça de toda esta Christandade, a qual està dentro na fortaleza, que elles fizeraõ á sua custa, como fica dito. Aqui reside o Vigairo gêral de toda esta Christandade, com tres, ou quatro Religiosos, & daqui manda visitar & prouer as mais igrejas, que estão espalhadas pollas outras ilhas, & os padres que nellas residem. Dentro nesta casa de Solôr tem feito os nossos padres hum Collegio, em que recolhem muitos mininos de todas estas ilhas, os quaes trazê vestidos com hũas opas brancas, & alli lhe ensinão toda a doutrina Christã, & todos os bõs costumes, & ler, & escrever, & Latim: o qual hia em grande crescimento, & nõ tem po que eu na India estaua auia nelle mais de cincoenta mininos.

AS IGREIAS DE SOLÔR são as seguintes.

I **N**ossa Senhora da Piedade, que està dentro na fortaleza de Solôr de que agora fallamos: a qual he freguesia dos Portugueses, assi moradores da ilha, como estrangeiros q̃ a ella vão. Tem

dous mil Christãos.

S. Ioão Baptista, Igreja, & freguesia dos naturaes da terra, que està na pouoação em que elles com o senhor da terra viuem, & està da parte esquerda da fortaleza.

S. Ioão Evangelista, freguesia da pouoação Lamaqueira, na mesma ilha de Solôr. Tem duas mil almas Christãs.

A Igreja da Mãre de Deos, na ferra de Solôr, chamada Guno. Tem mil almas Christãs.

Na ilha Lamalla, defronte de Solôr, na pouoação chamada Carmã, està a igreja da inuocação do Spirito Santo. Tem mil & trezentos Christãos.

Na ilha Grande, que he de 45 legoas de comprido, na ponta da terra chamada Seruîte, està a pouoação Lauunana, & nella a igreja de S. Lourenço, donde era Vigayro o P. Fr. Francisco Calassa, que nella foy morto, como a diante direy. Tem mil almas Christãs.

A igreja de Nossa Senhora na mesma ilha, adiante de Lauunana, na pouoação chamada Larantûca. Tem mais de mil almas Christãs.

Nossa Senhora da Esperança na mesma ilha em apouoação Bayballo. Tem mais de mil almas

mas

Casa de S. Domingos de Solôr.

Collegio de Solôr

más Christãs?

- 9 S. Luzia, na mesma ilha, em a pouoação Siqua, onde ha tres mil vizinhos, dos quaes são Christãos mais de mil.
- 10 A igreja de Pagua, que he húa pouoação adiante húa legoa de Siqua. Té mais de mil Christãos.
- 11 Nossa Senhora da Assumpção na pouoação Queua. Tem poucos Christãos.
- 12 S. Pedro Martyr no porto Lena. Tem muitos Christãos.
- 13 S. Domingos na ilha do Ende dentro na fortaleza, que o Padre Frey Simão Pacheco mandou fazer em a pouoação dos Numbas, com cinco balluartes pera recolhimento, & defensão dos Christãos, que os Mouros, & Ollandeses, por alli vão roubar, & matar.
- 14 Santa Maria Magdalena, na pouoação Charaboro, que está à mão direita desta fortaleza.
- 15 Santa Catherina de Sena, na pouoação Curelалlos, que está à mão esquerda da fortaleza. Auera nestas tres igrejas da ilha do Ende, oito mil Christãos, bõs, leaes, & amigos dos Padres, & Portugueses.
- 16 Outras tres igrejas tem os nos
- 17 sos Religiosos fundadas nes-
- 18 ta Christandade, a que não pu

de saber os nomes, em que tam-
bem residem, & fazem Chris-
tandade.

¶ CAPIT. QUINTO.

*Das gloriosas mortes, que algũs Re-
ligiosos da Ordem dos Prêgadores
receberão polla Fè de Christo, &
por respeito da Christanda-
de de Solòr, em que an-
daõ occupados.*



A fica dito no capi-
tulo passado, quan-
tos trabalhos, fo-
mes, & perigos pa-
deceraõ os Religiosos da Or-
dem dos Prêgadores logo no
principio, & fundação desta
Christandade das ilhas de So-
lòr. Agora relatarey aqui bre-
uemente a morte que algũs pa-
deceraõ pollo augmêto da Fè,
& Christandade destas ilhas.
O primeiro foy o padre Frey
Antonio Pestana, grande Reli-
gioso, & seruo de Deos. O qual
estâdo em húa destas ilhas por
Vigayro de húa igreja desta
Christandade, cultiuando, &
doutrinando grande numero
de Christãos, que tinha cõuer-
tido, & baptizado, vieraõ os
Mouros da Iaoa desembarcar
secretamente na ilha, em que
elle estava, & derão logo sobre

Fr. Antõ-
nio Pestana mar-
tyrizado pollos
Iaos.

a igre

a igreja, ôde ô tomarão, & mal tratarão, não somente de palavras infames, mas também de muitas bofetadas, pancadas, & couces: & depois disso o levarão preso, arrastando até a praya, ôde tinham seus navios, & alli lhe fizeraõ justicias novas, & crueis martyrios; hum dos quaes foy encrauar lhe todos os dedos dos pês & mãos com canas agudas, & finalmente o degollaraõ, confessando elle sempre, & prégando a fé de Iesu Christo, por quem morria:

¶ O segundo Padre que os Mouros matarão nesta Christandade, foy o Padre F. Simão das Montanhas, o qual também foy salteado por estes infieis; mas primeiro que o matastem foy socorrido de muitos Christãos da ilha, que acudiraõ, como fieis que eraõ, a defender sua igreja, & seu pastor; o qual nesta briga andava entre elles com hũa Cruz nas mãos, animando, & confortando os ditos Christãos a pellejar, & morrer polla Fé de Iesu Christo. E finalmente aqui foy morto ás lançadas, & depois da briga enterrado pollos seus fregueses cô muita veneração, & létimêto de perderê tal pastor.

O Padre F. Francisco Calafsa natural da cidade de Goa, residia na ilha grande, de que

Fr. Francisco Calafsa.

atrásalley, na igreja de S. Lourenço, situada na pouoação Lauunana, ôde trabalhoutanto na vinha do Senhor cô sua prêgação, que conuerteo todos os moradores de hũa aldeia chamada Tropobolle, que estaua distante da sua igreja mais de meya legoa: & querendoos trazer pera junto da igreja, assi pollo trabalho que elles tinham de vir a ella de tão longe, como pollos ter mais perto de si, ôde os pudesse doutrinar, & cathequizar mais commodamente, consentiraõ elles nisso, & assentaraõ passarse pera junto da praya, mais perto da igreja. O que he facil a estas gentes, porque allem de serem muy pobres, & terê pouco q mudar, ás casas em q viuêsaõ demadeira, cubertas de palmas, ou de palha, q elles desmãchaõ muitas vezes, & as mudão facilmete de hũ lugar pera outro: mas como estes geralmete saõ varios, & incôstâtes, mudaraõ o parecer, & não se passaraõ como tinham prometido, nê taõ pouco vieraõ â igreja o Domingo seguinte. Vêdo o Padre sua frieza, se foy a

E Tro-

Fr. Simão das Montanhas martyrizado por los Jaos.

Trapobolle, pera fallar cõ elles, & saber a causa desta novidade. E não quis entrar na pouação polla não aluoroçar cõ sua ida, mas ficouse fora, & mandou o seu meirinho, q̃ leuaua consigo, q̃ fosse a ella, & chamasse o Sanguedepate (q̃ he como capitão) & os velhos da terra, q̃ viessem alli ter cõ elle pera lhes fallar. Foy o meirinho, & não achou em toda a aldeia mais q̃ hũa velha, may do Sanguedepate, porque os mais eraõ idos a seu trabalho, & outros se esconderaõ por não serem achados. Disse entãõ o meirinho à velha, q̃ o P. a mandaua chamar: & ella lhe respondeo, q̃ não queria la ir. Polla qual rezão pegou della, pera a levar preza. A qual vêdo q̃ a querião levar por força, começou de gritar, como he seu costume: a cujos gritos acodiraõ os q̃ esta uão escondidos, & deraõ sobre o meirinho cõ tanto impeto, q̃ o mataraõ logo, & depois que o tiueraõ morto: começaraõ de reccar o castigo que merecia o maleficio q̃ tinhamo feito, & assẽtaraõ de fazer outro peor, que era matar o mesmo Padre, & dous moços q̃ tinha cõsigo, pera q̃ não ouuesse que leuasse no uas a Solòr do q̃ tinhamo cõmet

tido, & quando se soubesse da falta do Padre, & dos mais, dissesem todos, q̃ hũa noite desta pareceraõ da ilha, & q̃ tinhamo pera si que eraõ idos a Solòr, como algũas vezes fazião: & que pois la não estauaõ, lhe parecia, q̃ algũs Mouros da Iaoa desembarcariaõ na ilha de noite, & que dariãõ em casa do Padre, que estaua perto da praia, & o leuariaõ catiuo com os mais que faltauaõ, ou os deytariaõ no mar, como a inimigos de sua feita. Esta diabolica determinação pareceo bem a todos, & logo a puseraõ em effeito, indo embusca do Padre: & tanto que chegaraõ a elle, o atraueslaraõ com as lanças, & dardos que leuauaõ, & a hum dos seus moços, que acodio à reuolta, & os mataraõ. O outro moço fogio, & foise embrenhar pollos matos onde esteue algũs dias sem ser achado, atè q̃ teue modo pera passar a Solòr, onde contou o successo lastimoso, que de todos foy mui sentido, & chorado.

¶ O capitão de Solòr, q̃ entãõ era Antonio de Vilhegas, deseioso de tomar vingança dos leuantados desta ilha, logo se fez prestes, & passou a ella com todos os soldados que

Morte
do P. Fr.
Francisco
Calassa.

auia na terra, & deu na dita aldeia, onde matou quãtos foraõ achados, e queimou, & arrazou toda a pouoação, & tornou-se pera Solòr. Isto feito, acabou o seu tẽpo de capitão, & socedolhe no cargo Antonio Andrã: o qual sabẽdo depois que auia ainda naquella ilha muitos culpados na morte do Padre, q̃ escaparaõ do primeyro encõtro, teue tal ardil, que por manha os prẽdeo, & enforcou a todos, alsi por seu castigo, como pera exẽplo dos mais Gẽtios, & tambẽ por estes serẽ de ma casta, & procederẽ de Mouros, q̃ facilmente se leuantaõ, & deixaõ a Fẽ, o q̃ nãõ tem outras muitas castas de Gẽtios, q̃ ha por estas ilhas ja conuertidos, porq̃ os mais delles sãõ muito bõs, & fieis Christãos.

Esta foy a morte do P. Fr. Frãcisco Calassa, q̃ recebeo pollo augmento desta Christandade em q̃ tanto tinha trabalhado, procurando sempre o bẽ spiritual pera suas ingratas ouelhas, q̃ em pago de taõ boas obras, lhe deraõ acruel morte q̃ tenho dito no ano de 1598.

Tres dias antes q̃ socedesse este caso, as ondas, & mares, q̃ vi nhãõ bater na praya destas ilhas, todas eraõ de agoa ver-

melha como sangue, q̃ parecia pronosticarẽ a morte do dito P. q̃ foi couza de grãde admiração, por nãõ acõtecer naquellas partes outra semelhante.

¶ No anno de 1599. socedeo na ilha de Solòr o caso seguinte, sendo capitão da fortaleza Antonio Andrã. Hũa legoa da fortaleza de Solòr esta hũa aldeia chamada Lamaqueira, q̃ foy pouoada antiguamẽte de Gẽtios, & agora sãõ ja todos Christãos, posto que maos, & pouco fieis, porq̃ procedem de hũa certa gêração malissima. Os moradores desta aldeia tiueraõ algũs castigos, q̃ o capitão lhe deu, por serem maos, & desobediẽtes: pollo q̃ se indignaraõ grandemẽte, alsi cõtra o capitão, como cõtra os Padres de S. Domingos, que andauãõ na quella Christandade, cuidando que por seu conselho foraõ castigados; & cõjuraraõ todos secretamẽte de se levantar cõtra a fortaleza, & matar os Religiosos, & o capitão. Pera o qual effeito sayraõ de sua aldeia hum dia dissimuladamẽte, & hũs delles se foraõ por em hum monte, chamado Guno, perto da fortaleza em çilada, onde mataraõ logo o P. Fr. João Trauaços, natural da Bata-

Treição dos de Solòr cõtra a fortaleza.

Morte do P. Fr. João Trauaços.

Iha, que alli estaua por Vigayro de hũa igreja da inuocação da Madre de Deos. Outros vierão ao Conuento dos Religiosos de S. Domingos, onde mataraõ hum irmão leigo, chamado Fr. Belchior, q̄ acharaõ na igreja. Outros foraõ a casa do capitão, mas elle sentindo o aluoroço, de tal maneira se escõdeo, que o não puderaõ achar. Pollo que logo dalli se foraõ à fortaleza, & fecharaõ as portas por dêtro, cuidando que ja estauão senhores della. Neste leuanto foraõ mortos estes dous Religiosos somente, porque os mais, tanto que sentiraõ a treyção, logo se fecharaõ, & seguraraõ quanto foy possiuel. Mas sempre os inimigos leuaraõ seu danado intêto ao cabo, se o capitão lho não atalhara, entrando na fortaleza com todos os Portugueses que auia na terra, por hum postigo secreto, de que os inimigos se não precatareaõ, q̄ ficou aberto, & por alli deu nelles com tanto impeto, & valentia que os desbaratou, & matou os mais delles, & castigou os que ficaraõ de maneyra, que bê caro lhe custou sua rebellião, & leuanto. Foy isto no anno do Senhor de 1598. aos do

Morte do irmão F. Belchior.

Entrão os nossos a fortaleza,

ze de Agosto.

¶ Algũs destes inimigos q̄ fugiraõ desta briga encontra raõ ao longo de hũa praya fora da pouoação com dous mi ninos do Seminario, nos quaes executaraõ o furor de sua danada tenção, arrancandolhe os olhos, & a lingua, & cortandolhe os braços, porque não quiserãõ negar a fê de Christo sêdo cõmetidos pera isso. Foy mais martyrizado Lourenço Gonçalues meirinho da igreja Lamaqueira, o qual sendo tomado pollos Lamaqueiras, & vendido aos Mouros da ilha Galeçio, q̄ està dalli 15. legoas elles o mataraõ, porq̄ não quis ser Mouro, & arrenegar da Fê.

Martirio dos mi ninos da Semina rio.

Martirio do meirinho.

¶ Foraõ mais mortos nesta Christandade de Solòr o P. F. Hieronymo Mascarenhas pollos infieis Macassãs, na ilha de Paguahũa dasde Solòr. E o P. F. Paulo de Mesquita, o qual vindo da Christandade de Solòr pera Malaca, foi morto no mar pollos Ollãdeses, & podêdo lhe dar a vida, como fizeraõ aos mais do seu nauio, a elle a não deraõ por ser Religioso. O P. F. Gaspar de Sã, & o P. Fr. Manoel de Lãbuaõ, vido da Christandade de Solòr, derão á costa ã Samãtra, onde foraõ mortos

Morte do P. Fr. Hieronymo Mascarenhas

Morte do P. Fr. Paulo de Misquita.

Morte dos P. Fr. Gasp. de Sã, & Fr. Man. de Lãbuaõ.

pollos

pollos Mouros do Dâchê, inimigos de nossa santa Fè.

¶ Allem destes Religiosos, q̄ foraõ mortos andádo no seruiço desta Christandade pollos infieis, & leuandados, falleceirão outros nella, q̄ foraõ grandes seruos de Deos, perfeitos e virtude, & de vida penitente. Estes foraõ o P. F. Antonio da Cruz, q̄ fundou esta Christandade, o qual he tido por santo, & dizê que fez algũs milagres em sua vida. O P. Fr. Simão das Chagas, varaõ muito virtuoso, tido de todos por santo: do qual se conta, q̄ faz muitos milagres. Os Christãos, & os mesmos Gentios destas ilhas chamaõ por elle nos perigos, & tormentas do mar, em q̄ se achaõ attribulados, nas quaes dizem q̄ lhes appareceo já algũas vezes, & os liurou de muitos perigos. Fr. Belchior d'Antas tido por santo em Solôr, dizem q̄ fez milagres em sua vida. Fr. Aleixo jrmão leigo, tido por santo em Solôr,

¶ C A P I T V L O VI

¶ Dos Religiosos da Ordem de S. Domingos, que foraõ prègar o Euangelho ao Reino de Syão, e do martyrio do P. Fr. Hieronymo da Cruz.



Epois que a Christandade de Solôr foy crescendo, & multiplicando, como temos visto, determinaraõ os ditos Religiosos tomar outras empresas nouas, & fazer noua sementeira da palaura do Senhor, pera que assi pudessem colher de todas as partes almas conuertidas á Fè (fruta de que Deos tanto se paga.) Pollo que dahi a poucos annos foraõ mandados ao grande Reyno de Syão o Padre Fr. Hieronymo da Cruz, & o Padre Fr. Sebastião do Canto, ambos Prègadores, & dotados de muitas virtudes: os quaes foraõ os primeiros Religiosos, que entraraõ naquelle Reyno, & nelle recebeo martyrio o padre Frey Hieronymo da Cruz, como podemos logo ver, & collegir do trespado de hũa carta, que o P. Mestre Fr. Fernando de S. Maria escreveu de Goa ao Reuerendissimo Padre Mestre Gêral de toda a Ordem dos Prègadores, que estaua em Roma: cujo trespado he o seguinte, traduzido de Latim, em nossa lingoagẽ.

¶ Carta do P. M. Fr. Fernando de S. Maria pera o Mestre Gêral da Ordem dos Prègadores.

¶ Ao Reuerendissimo Padre Mestre
Gêral de toda a Ordem dos Prê-
gadores, o amado filho Fr. Fernan-
do de S. Maria deseja muita saude
em o Seabor.

OS dias passados, estan-
do eu por Vigairo da
casa de S. Domingos de
Malaca, no anno do Sñor de
mil, & quinhentos, & sesenta,
& sete, mandey hũas cartas di-
rigidas a Portugal, pera que
dahi as mandassem a vossa Re-
uerendissima Paternidade: nas
quaes lhe daua conta de todas
as cousas, que o Senhor tem
obrado por meyo dos nossos
Frades cõ os Gêtios no minist-
erio do sagrado Euãgelho, no
q̃ cadadia mais nos alegramos
& dizemos cõ S. Paulo: *Benedic-
tus Deus, & Pater Dñi nostri Iesu
Christi, qui benedixit nos in omni be-
nedictione spiritali in caelestibus, in
Christo Iesu.* Estãdo nesta terra
(como tenho dito) mandei al-
gũs Religiosos à Christandade
de Solòr, & do Ende: onde cre-
creo tanto o numero dos Chris-
tãos nouamête conuertidos, q̃
ja passão os baptizados de cin-
coenta mil, & cadadia este du-
ro, & amargo sozambujeiro da
Gêtilidade inculta, se vay en-
xertando, & cõuertendo e fruc-
tifera oliueira, q̃ bẽ parece es-

tenderse aqui o cūprimêto do
dito do Propheta: *Letabitur de-
serta, & inuia, & exultabit solitu-
do, & florebit quasi lilium.* Neste
tempo fuy chamado pera ler
Theologia em Goa, cousa que
muito senti, por q̃ determinaua
passar ao grãde Reino de Syão
& gastar o reitante de minha
vida nesta noua semêteyra, &
trabalhar tambẽ nesta vinha
do Sñor. Mas vendo q̃ não po-
dia cõseguir esta vontade, man-
dei logo em meu lugar o P. F.
Hieronymo da Cruz, & o P. F.
Sebastião do Canto, ambos
Prêgadores, & dotados de mui-
ta doutrina, virtudes, & santi-
dade. Os quaes chegaraõ ao di-
to Reino a saluamento: onde
forão bẽ recebidos pollos na-
turaes da terra, eõ muita hõra,
& gosalhado, sabêdo já por in-
formação dos Portugueses q̃
la estauão, q̃ os padres erão de-
dicados ao culto do verdadei-
ro Deos. E logo lhe derão hũas
casas no melhor lugar da cida-
de, pera se recolherem, & cele-
brarẽ os officios diuinos, como
de feito logo começarão de ce-
lebrar: & juntamête aprende-
rão a lingua da terra cõ tanto
cuydado, que em breue tẽpo a
souberão tão bem, como se fo-
rão criados nella, (cousa que a

Icã. 35

Eph. 1.

todos

todos pos em grande admiração) & tanto q̄ a foubraão, logo começaraõ prêgar publica mēte a doutrina do santo Euãgeiho na mesma lingua da terra. Pollo qual respeito vinhaõ ter cõ os padres muitos Gétios nobres, & algũas molheres principaes, & os mesmos sacerdotes dos idolos, cõ desejo de ouuir a noua doutrina, de q̄ ficaram taõ satisfeitos, que logo aquella feroz Republica de idolatras começou honrar os Religiosos, dizêdo q̄ eraõ verdadeiros amigos de Deos. E atè os Gétios Religiosos, q̄ fazêda solitaria naquellas partes, & viuê de esmollas, & saõ grandes penitêtes, mortificando, & reprimindo suas paixões & fazêdoas obedecer â rezaõ, buscavaõ os nossos Religiosos & se deitauão a seus pês, reconhecendoos por seruos do verdadeiro Deos, & por esse respeito lhe faziaõ muitas hõras.

¶ Naõ soffrendo tanto bẽ o demonio, inimigo da saluação das almas, começou a inquietar os Mouros da terra contra os padres, & accêderlhe seu coraçãõ cõ hũ odio mortal, q̄ d'alli por diante naõ faziãõ mais, que buscar inuenções pera os matar, como a grandes inimi-

gos, & cõtrarios de sua deprauada feita. E vêdo q̄ naõ achauaõ modo pera isso, assentaraõ de affrontar os Portugueses mercadores, q̄ morauaõ junto dos Religiosos, de tal modo q̄ viessem às pancadas, porq̄ logo os padres auiaõ de sair fora, & acodir (como era seu costume) pera os apartar, & apaziguar, & q̄ entãõ poderião nesta enuolta executar sua danada vontade, dando-lhe cruel morte. E pera q̄ melhor pudessem effectuar seu intêto, sobornaraõ algũs Gentios cõ muito dinheiro, pera os terem de sua banda em fauor do sacrilegio que determinauão fazer. Estãdo pois assi determinados pera o maleficio, ordenaraõ hum grande aluroço, & discordia cõ os ditos Portugueses, de tal maneira q̄ leuaraõ das armas, & ouue feridos de parte a parte. Os padres, q̄ estauão recolhidos em sua casa, ouuindo as gritas, & clamores do pouo, & sabêdo a briga q̄ auia entre os Mouros, & Christãos, foraõ se logo a elles com tenção de os apartar, & quietar, pera q̄ se não mataffê: mas tãto q̄ foraõ vistos pollos Mouros (q̄ outra cousa naõ esperauão) deixaraõ a briga, & remeteraõ a elles,

Martyrio de P. F. Hieronymo da Cruz.

& atraueſſarão o padre Frey Hieronymo da Cruz com hũa lança, de que logo cayo morto: & ao padre ſeu companheyro defejarão fazer o meſmo, mas não puderão, porque lhe acodirão os Portugueſes, & o tiraraõ da mão dos Mouros, poſto que tão maltratado, & ferido na cabeça de hũa pedrada, que eſteue muito perto da morte. Os mais Gentios da terra vendo a crueldade, & diabolico feito dos Mouros, atrouão toda a cidade com clamores, & gemidos: os mininos com muitas lamentações bradauão, dizendo: VapaBeta, VapaBeta, que quer dizer, Padre meu, Padre meu. Os grandes & nobres da terra cobrião ſuas cabeças de cinza, ſinal com que manifeſtauaõ o grãde ſentimento que tinhaõ da morte do ſeu padre. Agête popular rafgava ſeus vestidos, moſtrando niſſo a triſteza de ſeu coração. Finalmente ajuntouſe grande concurſo de Gentios, & antes que ſepultaſſem o corpo do ſanto Martyr, todos lhe beijaraõ os pés, & as mãos com muyta deuacão.

Sentimẽto do rei de Syaõ, na morte do P.

¶ O Rey de Syaõ (que eſtaua dalli dez dias de caminho) tanto que ſoube do male

ficio, que ſe tinha cõmettido no ſeu Reino cõtra os padres, que elle muyto eſtimaua, recebeo diſſo tanta payxão, que logo mandou tirar deuaffa do caſo, & prender todos os malfeitores, aſi Mouros, como Gentios; & os Mouros mandou lançar aos elefantes brauos, que os despedaçaraõ, & aos Gentios, a hũs mandou cortar a cabeça, & a outros menos culpados, deſterrar pera todo ſempre de ſeu Reino. Neſte tempo, que ſe executauão eſtas juſtiças, o padre Fr. Sebaſtião eſtaua já melhor das feridas, que os Mouros lhe tinhaõ dado, & não ſoffrendo ſeu pio coração fazerſe tantas juſtiças de ſeus inimigos, foyſe lançar aos pés do Preſidente, que as executaua, & pediulhe com muita instancia, que ſobreſtiueſſe com o caſtigo dos culpados, atè elle ir fallar com el-Rey, a pedir-lhe perdaõ pera a quelles, q̄ eſtauaõ por caſtigar. A qual petição lhe concedeo o Preſidente, & ſobreſteue cõ a execuacão do caſtigo. Pollo que o padre ſe pos logo ao caminho, & depois d'algũs dias chegou à corte do Rey. O qual ſabendo de ſua vinda, mandou que vieſſe perante ſi, & o rece-

Caſtigo q̄ ſe deu aos q̄ mataraõ o Padre.

beo

Recebe o beo com muita benignidade,
 Rey d Si & preguntoulhe o que queria.
 aõ bẽ ao Ao que o P. respondeo: Quero
 P. Fr. Se- que vossa Alteza ouça este seu
 bastião. seruo, & lhe conceda bom des-
 pachos no que pede. O Rey lhe
 tornou, dizêdo que fallasse, &
 pedisse o que quisesse, porque
 tudo lhe cõcederia, quanto fos-
 se em sua mão. Então lhe disse
 o padre: Peçouos Senhor, que
 perdoeis aos culpados na mor-
 te de meu companheiro, que es-
 tão inda por castigar, & baste-
 ja o castigo que tendes dado
 aos outros, que são mortos, &
 desterrados, porque menão sof-
 fre o coração ver tãtos males
 nos corpos daquelles a quem
 nós deseamos salvar as al-
 mas. O Rey ficou marauilha-
 do de sua não esperada peti-
 ção, & esteue hũ pouco suspen-
 so, & logo lhe tornou, dizêdo;
 Certo grande bõdade he a vos-
 sa, & boa gẽte soys vos outros,
 pois tão facilmente perdoais a
 vossos inimigos: & naõ somẽte
 lhe perdoais, mas tão to a vossa
 custa lhe procuraes o perdão.
 E pois así quereis que seja, eu
 vos concedo o que pedis, com
 tanto que vos me cõcedais de
 boa vontade, o que vos quero
 pedir, que he ficardes nestes
 meus Reinos, & na minha Cor

te, onde espero de vós fauore-
 cer como mereceis. E logo lhe
 mandou dar aposento, & bom
 gasalhado. E despachou hum
 correo ao Presidente, dizendo
 que cessasse do castigo que es-
 taua por fazer, por quanto ti-
 nha perdoado aos malfeito-
 res por intercessão do P. Frey
 Sebastião: coufa que pos em
 grande admiração así a Mou-
 ros, como a Gentios, vendo hũ
 acto tão heroico, & pio, como
 era o que tinha feito o dito pa-
 dre: & todos a hũa voz louua-
 uão sua bondade, & santidade,
 & de nouo começaraõ sentir
 a morte do padre Fr. Hierony-
 mo, dizendo que naõ eraõ dig-
 nos de ter em sua companhia
 taes varões, & seruos de Deos.
 E o mesmo Rey dalli pordian-
 te estimauã tanto o Padre Fr.
 Sebastião, como se fora coufa
 vinda do Ceo:

¶ Quando estas nouas me-
 vieraõ por cartas, certo que as
 senti na alma, tanto, que o naõ
 sey encarecer a V. Reuerêdis.
 Paternidade, polla grande fal-
 ta que tal padre ficou fazendo
 nestas partes, onde eu esperã-
 ua que fizesse grandissima se-
 menteira da palaura Euange-
 lica. Por outra parte me conso-
 lo, pois o piedoso Deos quis
 coroar

Nouo se-
 timento
 da morte
 do P. Fr.
 Hieroni-
 mo.

Cõcede
 o Rey o
 perdão q
 o P. pede

coroar de sua gloria no Ceo este santo confessor de seu nome por via do Martyrio que recebeu na terra. Finalmete depois de passar hu anno os Portugueses que naquelle Reino andauao, trouxerao as santas Reliquias de seus ossos a Malaca, onde o Bispo, & o capitao da fortaleza os receberao com hu solenne procissao de todos os Religiosos, clerigos, & mais pouo; & foraõ trazidos com muita veneraçao ao nosso Conuento, onde lhe demos sepultura, depois que celebramos hu solenne Missa.

¶ Depois disto mandei outro Religioso, dos que estauao comigo em Malaca, que fosse ao mesmo Reino de Syao, & logo me torney pera Goa: onde agora fico lendo Theologia, com grande dor do meu coraçao, porque o meu animo, & desejo foy sempre de plantar a Fè, & diulgar o nome do Senhor por aquella vasta regio da Gentilidade, principalmente no Reino de Bima, & de Butim, nos quaes nao duuido, q se possa plantar hu noua igreja Catholica. Polla qual rezaõ, hu vez, & outra peço cõ muitos rogos a V. Reuerendis. P. queyra fauorecer o desejo

deste seu filho nesta parte, em q entendo fara hu grande seruiço a Deos, que he dar-me hu licençã de letra sua, & confirmada com seu sello, em que me tire desta occupaõ, em que fico, a qual podẽ satisfazer outros Religiosos muy doctos, que ha nesta nossa Congregaõ, & a mim mandarme pera exercitar o officio de varaõ Apostolico entre estes Gëtios. E posto que pera fazer hu tao grãde officio, eu seja minino, & nao saiba fallar, com tudo, o nescio da casa de Deos he mais prudente, & o mais fraco he mais forte, que todos os ho-mes do mundo, porque poderoso he Deos pera estender sua maõ, & tocar minha boca, & abraçar os beyços do homem gago. com ofogo acceso de seu Sanctuario, pera que assi fique poderoso pera cometer as mayores empresas do mundo. Torno outra vez a pedir, queira consolar esta minha alma nisto, que tao affincadamente pede, & deseja. E se lhe parecer que he justo concedermo, tambem peço me dê licençã, pera escolher hum padre, ou dous desta Congregaõ mais zelosos no seruiço de Deos, pera leuar comigo, porque esta

Jerem. 1.

Isai. 6.

dito

Recebi
moõ o que
fez e Ma
laca as re
liquias
do P. Fr.
Hieron.

Ecclesiast dito: *Vae soli, quia cum ceciderit,*
non habet subleuantem se. O Sñor
 Deos todo poderoso nos con-
 ceda possuyr aquelle Reyno,
 no qual sò està aquelle bẽ, em
 que se encerrão todas as cou-
 fas. Amen. De Goa, anno do
 Sñor de 1569. aos 26. de De-
 zembro. Deste padre Mestre
 Fr. Fernando de S. Maria tra-
 tarey adiante mais largamete.

¶ CAPIT. SETIMO .
*Dos Religiosos da Ordem dos Prê-
 gadores, que forão prègar o Evan-
 gelho aos Reynos de*
Camboja.



Am descansauão
 os Religiosos do
 Patriarcha S. Do-
 mingos, nẽ se con-
 tentauão com as empresas da
 Christandade, que tinham to-
 mado, antes se esforçauão ca-
 da dia mais em o Senhor, pera
 dilatarẽ sua Fẽ naquellas par-
 tes, onde não tinha entrado in-
 da seu conhecimento: & pera
 esse effeito passarão algũs ao
 Reyno de Camboja (que con-
 fina com o de Syão.) O primei-
 ro que nelle entrou, & prègou
 foy o P. Frey Gaspar da Cruz
 de quem ja tenho tratado. O
 segundo foy o padre Frey Lo-
 po Cardoso, varão muy to-

F. Gasp.
da Cruz,

Fr. Lopo
Cardoso

virtuoso, & grande Religioso,
 & por seu companheiro o pa-
 dre Frey Ioão Madeyra, tam-
 bem Prègador, natural da ci-
 dade d'Eluas. Tanto que che-
 garaõ a Camboja, o Rey da ter-
 ra os recebeu benignamente,
 & os fauoreceo muito: & elle
 em pessoa lhe escolheo hum si-
 tio, onde fizessem sua casa, dan-
 dolhe licença, que celebrassem
 Missa, & que pudessem prègar
 & fazer Christãos da gente de
 seus Reinos, os que o quisesse
 ser: & assi o mandou apregoar
 por toda a terra à petição dos
 ditos Padres. Os quaes fizeram
 no mesmo lugar q̃ lhes el Rey
 tinha dado, hũa igreja com aju-
 da do mesmo Rey, & dos Por-
 tugueses que la residião, & to-
 dos ajudauão estes novos, &
 santos principios. Aqui esti-
 neraõ estes padres algũs an-
 nos, em q̃ fizeraõ algũs Chris-
 tãos. A estes socederaõ os pa-
 dres Fr. Reginaldo de S. Ma-
 ria, Fr. Syluestre de Figueirei-
 do, Frey Gaspar do Salvador,
 Frey Antonio d'Orta, Frey
 Antonio Caldeyra. Os quaes
 baptizaraõ mais de trezentos
 mininos, com fauor que o Rey
 da terra daua pera isso. Os sa-
 cerdotes dos idolos o sofrião
 tão mal, que mataraõ hũ Cam-
 boja

Fr. Ioão
Madeira

Igreja de
Caboja.

bojá, porquē se tinha baptizado, & feito Christão, de que os padres ficaraõ mui sentidos. Porem sabendo o Rey o que passaua, mandou matar os homicidas e fauor da nossa Christandade.

¶ Depois que o P. Fr. Lopo Cardoso se veyo de Camboja, foy mandado pera a igreja de nossa Senhora dos Remedios, que he casa da mesma Ordem, & està meya legoa de Baçaim, onde esteue algũs annos viuen do santamente, & dalli o fizeraõ Prior de Cõchim, & vindo a Goa a hum Capitulo, falleceo nelle, & jaz sepultado em hum lanço do claustro de S. Domingos da dita cidade, & sobre sua coua estão cinco azulejos, postos em cruz, em memoria & veneraçãõ sua. Este claustro escolheraõ os Religiosos deste Conuento pera sepultura dos que nelle fallecessem, & não se enterraõ ao presente no Capitulo, por quanto a terra delle come mal os corpos, por rezãõ dos muitos que alli estão enterrados:

¶ De todos os Religiosos, que foraõ a Camboja, o padre Frey Syluestre cõtinuou mais tempo na sua Christandade, & residio nella muitos annos, se

nunqua o Rey della o querer deyxar tornar pera a India, polla muyta affeicãõ que lhe tinha. E pera mostrar o muyto que estimaua os Religiosos de S. Domingos, mãdou fazer duas cruces, de dous mastos, demais de 25. palmos cada hũa de comprido, oitauadas, & mui bem lauradas, & douradas, cõ mil lauores & debuxos, do proprio feitio, & modo das rodellas da China douradas. Estas duas Cruces mandou este Rei em hũa nao aos Religiosos de S. Domingos de Malaca, muy bem negoceadas, & cubertas de algodãõ, & de pannos, por se não dannificarem. As quaes receberaõ os nossos Religiosos com muita festa, & aruorãõ hũa dellas defrõte da porta da igreja do nosso Conuento de Malaca, & a outra mandaraõ em outra nao pera a casa de S. Domingos de Cõchim, onde tambẽ foy recebida polos padres della com muita festa, & aruorada no terreiro defrente da porta da nossa igreja com hum pê de pedra, que lhe fizeraõ muito fermoso. E inda hoje ábas estão nos mesmos lugares, muito fermosas, sem macula algũa.

¶ Deste Padre Fr. Syluestre refere

Duas cruces q̃ fez o Rey de Cãboja.

Faleci-
mẽtodo
P. Fr. Lo
po Car-
doso.

Fr. Syl-
uestre.

Cap. 21.

refere o Padre Mêdõça da Ordem do glorioso S. Agostinho no Itinerario do Nouo mûdo as palautas seguintes, trelladadas de Castelhano em Portugues. No Reino de Camboja està hum Religioso da Ordem de S. Domingos, chamado Frey Syluestre, a quem Deos leuou a esta terra, pera remedio das almas, & saluação dos moradores della: porque sempre se occupa em prêgar o santo Euangelho, pera o que tem licença do Rey da terra, & pera fazer igrejas, sem contra dição algũa, sendo pera isso ajudado do proprio Rey cõ grandes esmolras, & por seu consentimento tem aruorado por todo o Reino muitas cruces: as quaes são muy veneradas, & reuerenciadas dos Gentios. E o mesmo Padre he tão venerado neste Reyno, como outro Patriarcha Joseph é o Egypto, & assi tem o segûdo lugar d'aquelle Reyno, & todas as vezes que o Rey lhe falla, o manda assentar em cadeyrá (coisa que a ninguê faz) & allem disso tem outros muitos priuilegios do Rey. E sem falta que se tiuera mais ajudadores, fizera muito mais fructo na cõuerção das almas, do que faz, por

Gen. 41.

ser sô. Algũas vezes os tẽ mandado pedir a Malaca, & atè agora lhe não foraõ dados, polla falta que delles ha na dita fortaleza. Ate aqui he do Itinerario. Depois disto foraõ a Camboja o P. Fr. Iorge da Mota, & o Padre Frey Luys da Fonseca, estando inda là o Padre Fr. Syluestre.

¶ Neste tempo veyo o Rey de Syão cõ guerra sobre Camboja, & venceu o Rey della, & o pos em fugida, & juntamente lhe leuou muytã gente catiua pera Syão; entre os quaes foraõ tambem os Padres, & outros Portugueses, que no mesmo tempo se acharaõ com o Rey de Camboja nesta guerra: & todos hião presos, & muy receosos de os matarẽ, ou pollo menos de viuerem toda sua vida em catiueiro. Mas este Rey muy differentemente se ouue do que elles imaginauão porque tomou tanta affeição aos Padres, & em particular ao Padre Frey Iorge da Mota, q̃ o fez a segunda pessoa do seu Reino, assi no gouerno, como

Catiueiro dos P. F Syluestre, F. Iorge, & Fr. Luis.

Os Religiosos são reuerenciados do Rey de Syão.

tou o Rey a todos os Portugueses q̄ tinha catinos, & deu-lhe liberdade pera se poderem ir pera a India, & seguro Real a todos os que quisessem tornar a seu Reino com suas mercadorias, como faziaõ ao Rey no de Camboja. E aos padres teue sempre em muita estima, & nunca os quis largar, nê dar-lhe licença pera que se fossem pera a India, atê que não mandassem vir de là outros da mesma Ordê, que ficassem em seu lugar no Reyno de Syão. Pollo qual respeito, querendose tornar pera a India, escreueraõ ao padre Vigairo gêral da mesma Ordê, que estaua em Goa, tudo o que tinhão passado cõ o Rey de Syão, pedindolhe muyto quisesse mandar algũs Religiosos, pera ficareẽ naquelle Reino em seu lugar, & com isso satisfazerem ao Rey de Syão, & elles se poderem tornar pera a India, quietar, & descansar de tão larga peregrinação, como tinhão feito. Polla qual rezão o P. Vigairo gêral Fr. Hieronymo de S. Domingos, mandou logo no anno seguinte (que foy o de 1600.) o padre Fr. Pedro Lobato, & o padre F. Hieronymo Mascarenhas, pera ficarem no Reyno

de Syão, em lugar dos que lá estauão. E chegando a Malaca, souberaõ como o Padre F. Iorge da Mota morrera no mar vindo por embaixador do Rey de Syão, a tratar com o capitão de Malaca negocios do mesmo Rey. E o P. Fr. Syluestre era tornado pera Camboja, & o P. F. Luis morto em odio da Fè por hum Mouro, estando elle dizendo Missa em Syão. Pollas quaes rezões por então se ficaraõ em Malaca, & não passaraõ a Syão, por não saberem como estauão as cousas daquelle Reyno.

Relação da cidade de Angòr.

A Inda que pareça desuar-me da hystoria, q̄ trahey neste capitulo, da Christandade de Camboja, cõ tudo não deixarey de dizer algũa cousa de hũa cidade que neste Reino se achou, estando eu nestas partes, por ser hũa cousa estranha, & admiravel.

¶ No tempo que o P. Fr. Syluestre andaua no Reyno de Camboja, se descubrio hũa cidade, a que chamão Angòr, situada duzentas legoas polla terra dentro, começando a cõtar da entrada do rio: a qual estaua despouoada, cheya de matos, & herua, & habitada de bes

Morte dos P. F. Iorge, & Fr. Luis

Os pp. F. Pedro Lobato, & F. Hieronymo Mascarenhas vão a Syão.

rãs ferãs. Tinha hũa muralha de quatro legoas em roda, toda de pedra de Cantaria, posta hũa sobre outra sem cal. Da banda de dentro tinha grande entulho, que chegaua até o alto do muro, & da banda de fora hũa caua muy funda, de largura de hũ tiro de espingarda, cheia de agoa. Auia dentro nella ainda hũa rua muito larga, cõ sinaes de grandes edificios, mas já todos derrubados. Estaua no meyo della hum grande Templo dos Idolos, & fora da cidade muitos, hum dos quaes tinha noue claustros, & neste se acharaõ mais de doze Idolos, todos de ouro moçoço, & algũs como mininos de dez annos. Tinha quatro portas, & todas com suas pontes, que atrauessauão a caua, de pedraria, com figuras de pedra lauradas, de muito feitio. Nunca se soube da fundação desta cidade, nem da causa porque se despoouou, que he hũa cousa admirauel, & muito mais não auer pedra em todo este territorio, & auer se de trazer pera este edificio dalli a trinta legoas, onde samente ha pedra cõ que se podia edificar. Vão a esta cidade com embarcações, & perto della desembarcão em hũas

prayas, que até então erão matos desertos, & muy cerrados, habitados de ferãs. E hoje ja estã esmoutados, & feitos caminhos pera a cidade, aonde o Rey de Camboja se passou cõ sua corte, & nella viue. Os nossos Religiosos estiueraõ nella, & os Capuchos de S. Francisco, q̃ me contaraõ estas couzas, & muita gente da India tẽ la ido:

¶ CAPITULO VIII.

¶ Da fundação da casa de S. Domingos de Moçambique.



Epois que os Religiosos da Ordẽ dos Prégadores plantaraõ a Fè de Christo em algũas partes da India, como fica dito, desejosos de a dilatar pollas mais partes do Oriente, passarão às da Ethiopia Oriental, pera nellas cultiuarem o mato da inculta, & agreste Gentilidade. Estes foraõ os Padres Fr. Hieronymo do Couto, & Frey Pedro Vsus Máris: os quaes fundaraõ logo hũa casa na ilha de Moçambique, em que morassem ordinariamente seis, ou sete Religiosos. Isto foy no tẽpo que veyo ter a esta ilha o

Conde

Conde d'Atouguia dom Luis d'Attaide, quando foy a segunda vez por Viçerey da India, que foy no anno de 1577. Os quaes padres vieraõ alli da India dirigidos, pera irem à ilha de S. Lourenço, que entãõ se mandaua descubrir, & conquistar, pera nella prêgarem & fundarem casas, em que residissem Religiosos da mesma Ordem pera o mesmo effeito. O que entãõ se não pode executar, por senãõ fazer esta conquista nem o estado da India estar poderoso, pera fazer tantas despesas, & gastos, como pera tal empresa era necessario. Pollo que o dito Conde Vicerey deu xou os Padres em Moçambique, dandolhe ordem, pera que fizessem primeiro assento na dita ilha, escolhedolhe elle em pessoa o sitio, pera se fazer o Conuento, que os Ollandeses destruiãõ (como fica dito) a qual casa seria fundamento, & seminario de toda esta Christandade, & que d'alli poderião os Padres ir a todas as partes, assi à ilha de S. Lourenço, quando se conquistasse, como a toda esta colta da terra firme, do Cabo Delgado, atè o Cabo das Correntes, a prêgar o santo Euangelho.

Dõ Luis d'Attaide de princi piou a casa de S. Domingos de Moçambique.

¶ Estes justos, & prudentes intentos deste Viçerey não foram mal fudados, antes todos se cumpriraõ, & puseraõ em effeito: porque da mesma casa foram logo os Padres de S. Domingos cõtinuando cõ a Christandade, & prêgação do Euangelho por todas estas partes; dos quaes hũs foraõ à ilha de S. Lourenço (como adiante diremos) outros foraõ à ilha do Cabo Delgado, & fizeraõ com Diogo Rodriguez Correa senhor da ilha de Quirimba, que fizesse na mesma ilha hũa igreja, como fez, muito fermosa, da inuocação de Nossa Senhora do Rosario, a qual deu à Ordem de S. Domingos, com terras, & palmares, que estãõ ao redor della, com obrigação de duas missas rezadas cada semana. A qual igreja os Padres de S. Domingos aceitaraõ cõ a dita obrigação: & atè agora tem residido nella, & tem feito muitos milhares de Christãos. Nesta igreja estine eu dous annos, & a Christandade que nella fiz direy adiante em seu lugar.

¶ Outros Religiosos desta casa de Moçambique foraõ inuiados aos rios de Cuama, onde viuiaõ os Christãos que la andauãõ,

Igreja de Quirimba.

Estadõ em q os Padres acharã os Rios de Cua ma. andauão, como se o não foraõ nem professaraõ a guarda da ley de Deos, comendo sempre carne às festas feiras, sabbados & quaresmas, hús por não sabere[m] quando era dia de peyxe, ou de carne, nê terem quẽ lho lembrasse: outros por não quererem saber estas cousas, a que estauão obrigados. E a tanto chegaua o descuido desta gẽte, que os moradores de Sena tinhaõ em hũa hermida, q auia na terra, sobre o altar humpainel, no qual estaua pintada Lucrecia Romana, asfi como se pinta nua, atrauessada com hũa espada pollos peitos, á qual se encõmendauão, cuidando q era S. Catherina Martyr: de que se magoaraõ muyto os primeiros Padres, que alli foraõ desta sagrada Ordẽ, vendo em gente Christã tanto descuido, & ignorancia nas cousas da Christãdade. Pollo que foraõ logo estranhando, amoestando & prẽgando aos moradores deitas partes, & tirãdolhe pouco & pouco muitos maos costumes, em que estauão arreigados, atẽ os trazer ao conhecimẽto dos erros em que uiuã, & à obseruãcia da ley que professaõ, como Christãos te[m]entes a Deos. De modo, que

em todas as cõouas da Religiãõ Christã não tem agora estas terras differença algũa das que estaõ metidas no amago da Christandade. Estes mesmos Padres fizeraõ logo hũa igreja em Sena, da inuocação de Santa Catherina de Sena, com duas Confrarias mais, hũa de Nossa Senhora do Rosario, & outra de I E S V, com suas imagens muito deuotas, & curiosas, que mandaraõ vir da India.

Igreja d
Sena,

¶ Fizeraõ mais hũa igreja em Tete da inuocação de Santiago, & nella outras duas Cõfrarias, hũa de Nossa Senhora da Conceição, & outra de S. Antonio de Padua. As quaes igrejas ornarão de muitos ornamentos, & cousas necessarias pera o culto diuino. E asfi fizerão muytos milhares de Christãos dos Gentios da terra: entre os quaes baptizaraõ algũs Reys vizinhos de Sena, & de Tete. E os moradores destes Rios confessauão publicamente, que a Christandade destas partes se deuia toda ao trabalho, & vigilancia dos Padres de S. Domingos. Nestas igrejas estiue eu tambem hum anno, & a Christandade q nel las fiz contarei adiante.

Igreja d
Tete,

F Desta

¶ Desta casa de Moçambique foraõ algũas vezes Religiosos da dita Ordem a visitar toda esta costa, assi de Sofãla, & Rios de Cuama, como das ilhas de Quirimba, & costa de Melinde, com poderes de Visitadores dos Arcebispos de Goa, de cujo Arcebisnado he toda esta costa. Hũ dos quaes foy o Padre Frey Hieronymo de S. Agostinho, irmão do Padre Mestre Fr. Antonio de S. Domingos da mesma Ordem, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Theologia da Vniuersidade de Coimbra. Outro foy o Padre F. Diogo Cornejo, natural da India, da cidade de Chaul. Outro foy o Padre Presentado Frey Esteuão da Assumpção. Outro foy o Padre Frey Manoel Pinto: todos Religiosos de muita authoridade, prudencia, & virtude. Os quaes nestas visitações (que cada hum fez por sua vez, & algũs duas vezes, & mais) fizeram muitos seruiços a Deos, emendando muitos vicios, reprehendendo muytos peccados publicos, & maos costumes. que auia em todas estas partes. De modo q̃ esta casa de S. Domingos de Moçambique he Seminario, do qual se prouem to

F. Hieronimo de S. Agostinho

F. Diogo Cornejo

F. Esteuão da Assumpção.
F. Manoel Pinto

das estas Christandades da Ethiopia, q̃ tenho apontado, onde se faz muito seruiço a Deos & a el Rey nosso Senhor.

¶ C A P I T V L O IX:

¶ Que trata dos Padres Fr. Nicolao do Rosario, Fr. João de S. Thomas, & F. João da Piedade, que os infieis matarão andando na Christandade da Ethiopia.



¶ Endo capitão da fortaleza de Moçambique o Alferez mór D. Jorge de Menezes, no anno de 1587. determinou mandar hũ nauio à ilha de S. Lourenço, a tratar comércio cõ os moradores della, & assentar pazes cõ elles: pera bẽdas quaes pedio aos Padres de S. Domingos, q̃ morauão em Moçambique, quisesse algũ delles ir no dito nauio, pera mais segurança dos Mouros da mesma ilha; porq̃ inda que infieis, dão muito credito aos Religiosos, tẽdoos por gẽte de boa consciência, & q̃ não tratão enganõs, né falsidades. Pera o qual effeito se offereceo o Padre Frey Iohão de S. Thomas, que ja tinha feito muitos Christãos em a ilha de Quirimba, & era

F. João de S. Thomas
vay prẽgar à ilha de S. Lour.

Reli

Religioso de vida muy exemplar, Prêgador Euágelico. Chegado o tempo da partida, embarcou-se o Padre no nauio cõ intento de nesta empresa se sacrificar a Deos, & ver se podia naquella ilha tambem fazer sua mercancia, que era a cõuerção das almas, & augmento da Christandade. Partidos pois, chegaraõ à ilha de S. Lourêço, onde por via, & meyo do Padre se fez todo o resgate, & se tratâraõ, & apaziguarão as coufas de maneira, que elle se ficou na ilha, mouido com o desejo que tinha de conuèrter aquellas gentes, que alli se perdiaõ por falta de quem lhe ensinasse o caminho da saluação, & o nauio se tornou pera Moçambique, muy satisfeito do bom successo da viagem. O Padre ficando sò na ilha, começou de ensinar, & prêgar a fè de Christo aos Gentios da terra, com grandes esperanças de fazer muito fructo em suas almas. Mas os Mouros, que tambem morauão na mesma ilha, o não puderaõ soffrer, & dissimularão sua payxão por algũs dias, determinando de o matar com peçonha secretamête, por não quebrarem as pazes, que nouamente tinhaõ feyto com Mo;

cambique. A qual determinação, & deprauido intento puseraõ em effeito, deytando peçonha na agoa, que o Padre auia de beber. Da qual tanto que bebeo, logo sentio em si seus effeitos, com grandes agafamentos. Mas antes que morresse; conbecendo ser ja chegada sua morte, chamou algũs Cafres da terra seus amigos, & pediu-lhe muyto, que tanto que elle morresse, enterrassem seu corpo. E logo se começou aparelhar pera morrer, encomendandose muito a Deos, & offerecendolhe aquella morte, que recebia da mão dos infieis por seu amor, & pollo augmento que pretendia fazer naquella Christandade; & dahi a pouco falleceo. Os Cafres daquelle pouoação sentiraõ muyto sua morte, & maldiziaõ aos Mouros, que foraõ causa della. Enterraraõ seu corpo junto da praya entre hũs penedos grandes, que alli estão: & sua alma estara na gloria, gozando da visaõ de Deos, pois por dilatar; & augmentar sua santa Fè, & dálla a conhecer aos barbaros, que a não sabiaõ, prêgandolhes o santo Euangelho, se offereceo aos trabalhos, & morte que padeceo.

Morreõ de peçonha q os Mouros lhe derã

ficou na ilha fazendo Christandade.

F. Nicolao do Rosario

¶ Outro Padre da mesma Ordem, chamado Fr. Nicolao do Rosario, foy desta casa de Moçambique prêgar aos rios de Cuama, no anno do Senhor de 1592. o qual era muy grande prêgador, & dotado de muita virtude, & por tal tido não fomento da gente destes Rios, mas tambem de todos os que o conhecião, & conuersauão, & muito mais da gente da perdição da Nao S. Thome, na qual tambem se achou, indo da India pera Portugal. E em todos os trabalhos desta perdição (que foraõ infinitos) se ouue como verdadeyro seruo de Deos, soffrendo todos cõ muita paciencia, & grande constancia, animado com seu exemplo & amoestações aos outros, que não desfallecessem: & no exterior mostrou muito bẽ os quilates da virtude, que tinha no interior. Este Padre depois de vir desta perdição, foy a estes rios, como tenho dito, em os quaes andaua prêgando, & fazendo officio de varaõ Apostolico. Neste tẽpo succedeo hũa guerra entre os Portugueses destes rios, & hũa nação de Cafres, a q̃ chamao Zimbas, muy Barbaros, & crueys, os quaes comião carne humana, & fa-

zião muytos males, & muyto maiores se esperaua que fizessem. Pollo qual respeito o capitão de Tete, que então era Pero Fernandez de Chaues, com a mayor parte dos Portugueses que auia na terra, determinou lançar fora estes Cafres dos lugares que tinham tomados por força aos Cafres vizinhos destes rios, & tornallos outra vez a seus donos. Posta sua ida em conclusão, pediu o capitão muito ao Padre Fr. Nicolao o quisesse acompanhar neste caminho, pera sacramentar a gente desta companhia. O que elle aceitou, & fez com muito gosto, parecêdolhe que nisso fazia muito grande seruiço a Deos, & aos Portugueses. Mas neste caminho morrerão quasi todos às frechadas em hũa çilada, q̃ os Cafres lhe fizeram (como largamente atrassica cõtado.) & o Padre Frey Nicolao, que ficou inda viuo, posto que muito mal ferido, foy preso & leuado ásua pouoção, & atado de pês, & mãos a hum pao, o affetearão, & acabaraõ de matar cruelmente às frechadas, por ser Religioso, a quem elles chamão Caçiz, dizendo q̃ os Portugueses não fazião aquella guerra senão por

por seu côselho, porq̃ os Christãos não fazem semelhantes cousas sem conselho, & parecer de seus Caçizes. Desta maneira acabou este Religioso, como outro S. Sebastião, todo atrauêssado de frechas, prêgando sempre, & confessando a Fè de Christo, por quem morria. Depois de morto, os mesmos Cafres o fizeraõ em pedaços, & o repartiraõ entre si, & o comeraõ cozido. Mas sua alma terà ja alcãçado o premio dos trabalhos, & morte que soffreo por amor de Deos.

¶ Desta casa de Moçambique que foy mandado pera a Igreja de Sena o P. F. Ioão da Piedade, onde se occupaua no seruiço daquella Christandade. Neste tẽpo socedeo, q̃ hum Cafre Gentio, chamado Sañapãche, fenhor de hũas terras dos Rios de Cuama (vêdose opprimido de seus inimigos) fugio pera Sena ao abrigo, & emparo dos Portuguezes; & pera os mais obrigar, & ter de sua parte, se fez Christão, & o P. Frey Ioão da Piedade o catechizou, & baptizou. Mas como este Cafre se conuerteo (segũdo depois mostrou) mais por respeito da necessidade, em q̃ estaua, q̃ com desejo de sua salua

ção, tornou a fugir pera suas terras por certa occasião q̃ teue, & leuantouse cõtra os Portuguezes, declarandose por seu inimigo, & fazendolhe todo o mal q̃ podia. Nesta conjunção vindo o P. Fr. Ioão pollo rio e hũa embarcação, este Cafre lhe sayo ao encontro, & o matou cruelmẽte, em pago de o fazer Christão, & de lhe dar conhecimento de Deos. De maneira q̃ a estes perigos, & mortes andão ordinariamente offerecidos os nossos Religiosos, que nesta Christandade se occupaõ polla augmentar, & dilatar.

Morte do P. F. Ioão,

¶ CAPIT. DECIMO
 ¶ Das mais casas, & Conuentos, que os Religiosos da Ordem dos Prêgadores fundaraõ nas partes Orientaes.



A temos visto de quanta importãcia foraõ as casas, q̃ os Religiosos de S. Domingos fundaraõ em Malaca, & Moçãbique, dõde fairaõ tantos Padres a prêgar a Fè pollos Reynos de Solòr, Timòr, Ende, Syão, & Camboja, & pollos Reynos da Ethiopia, como fica dito. Resta agora saber q̃ os mais Religiosos da mesma Ordem, que andauão na India

tambem trabalhauão , não sò-
mente na mesma prêgação , &
doutrina do Euangelho , mas
també na fundação de outras
casas, Conuêtos, & Collegios.
Dos quaes hús foraõ fundar o
Conuento de Dio , em q̄ viuê
dez Religiosos. Pera a cidade
de Baçaim foraõ outros, onde
fizeraõ húa casa da inuocação
de S. Góçalo, em q̄ moraõ seis
& sete. Outros fundaraõ duas
casas, húa em Maim, & outra é
Tarâpôr, em cada húa das qua-
es viuê somête dous Religio-
sos, por causa das obras que se
vão fazêdo em ambas. Outros
dous Religiosos residem sem-
pre na igreja de nossa Senhora
dos Remedios, q̄ tambem he
da nossa Ordê, a qual està meya
legoa de Baçaim, polla terra
dêtro, casa de muita Romagê,
onde a Virgem nossa Senhora
tê feito, & faz cadadia muitos
milagres. Pola qual rezão não
fõmente os Christãos, mas tam-
bem os Gentios daquella ter-
ra lhe tê muita deuação, & lhe
leuão azeite pera acender sua
alampada , & lhe vão pedir o
remedio , q̄ todos nella achão
pera suas doenças, & infirmi-
dades; & por esta mesma rezão
muitas pessoas nobres de to-
das as cidades do Norte , &

ainda da cidade de Goa, q̄ està
dalli oitenta legoas, lhe prome-
tem nouenas, q̄ vão cumprir a
sua casa , & muitas molheres
honradas tomaõ por deuação
varrerlhe os degraos do seu al-
tar com os cabellos, por lho
terem assi prometido em mui-
tas pressas, & necessidades, em
que a Virgem cõmumente lhe
socorre. Outros dous Religio-
sos residiraõ muitos annos na
igreja dos Reis Magos , q̄ està
pollo rio acima de Còchim,
onde os Portugueses tem húa
fortaleza q̄ chamão o Castel-
lo, na qual os Padres desta Or-
dê fizeraõ muita Christãdade,
& depois largaraõ o ministe-
rio desta igreja ao Bispo, pol-
las muitas forças, & tyrannias
q̄ certos moradores da terra fa-
ziaõ, perdendo a reuerencia, &
respeito q̄ deuiaõ ter aos ditos
Padres, & a suas amoestações.
Pollo q̄ deixada esta igreja, se
vieraõ pera S. Domígos de Cò-
chim, onde tem augmentado a
cõfraria de nossa Senhora do
Rosario, que alli seruireã muí-
tos annos os Maluares Chris-
tãos, cõ muita veneração, &
deuação, & hoje a seruem os
Portugueses cõ a mesma, & a
tê de modo, q̄ não ha em toda a
India cõfraria mais rica q̄ esta.

Reis Ma-
gos.

Outros

S. Domí-
gos de
Dio.

Cõuêto
de Baça-
im.

Casas de
Maim,
& Tarâ-
pôr.

N. S. dos
Remedi-
os.

¶ Outras duas casas tiueraõ os Padres de S. Domígos, hũa em a fortaleza d'Ormuz, onde residiraõ muitos annos. Outra em a fortaleza de Chale, aqual os Maluares cercaraõ, & puseraõ em tanto aperto de fome que o capitão della lha entregou a partido: & foy, q̄ deyxariaõ os inimigos sair toda a gente da fortaleza liurementes. O que posto em effeito, tomaraõ os Maluares posse da dita fortaleza, & logo a derrubarão, & puseraõ por terra, & así está até hoje despouoada: & a casa d'Ormuz largaraõ aos Padres de S. Agostinho, os quaes inda hoje conseruaõ nella a confraria do glorioso S. Gonçalo de Amaranthe, que alli ficou em muita veneração, & tem feyto muitos milagres.

¶ Depois de todas estas casas sobreditas, fundaraõ os Padres da nossa Ordem hũa casa na China, na ilha de Machao, onde os Portugueses tem hũa nobre pouoação, na qual reside o Bispo da China. Nesta casa viuem cinco, ou seis Religiosos: a qual fundou o Padre Presentado Frey Antonio Arcediano Hespanhol, Religioso de muito exemplo, virtude, & letras, que alli foy ter cõ dous

companheiros, que foraõ os Padres Frey Alonso, & Frey Bertholameu, indo das ilhas Philipinas, õde os Religiosos de S. Domingos tem Conuentos, & feyto muita Christandade: das quaes foy primeiro Bispo Dom Frey Domingos de Salazar Religioso muy docto da Ordem dos Prégadores, eleito por el Rey Philippe II. que Deos aja, & consagrado em Madrid no anno de 1579. Tornando pois ao Padre Fr. Antonio Arcediano, depois q̄ fundou a dita casa de Machao, mandou à India chamar os nosos Religiosos Portugueses, que fossem tomar posse della, como fizeraõ: & nella residem hoje, como fica dito. E o Padre Frey Antonio se veyo pera Goa com seus companheiros, onde leo muytos annos Theologia muy doctamente, & depois se tornou pera Hespanha polla via de Portugal, onde chegou a saluamento. E finalmente estando lédo Theologia no Collegio de S. Domingos de Alcalá de Henares, falleceo, deixando grande satisfação de suas virtudes, & letras. Pollo que foy muyto sentida sua morte de todos os Religiosos da Ordem.

F 4 Depois

Casas de S. Domígos em Ormuz, & Chale.

Casa de S. Domígos na China.

D.F. Domingos de Salazar Bispo das Philipinas.

Collegio de S. Th. em Goa.

¶ Depois desta casa fundaraõ os Padres da dita Ordem hum Collegio em a cidade de Goa, junto ao rio, lugar muy sadio; & apraziuel. O qual Collegio he da inuocação de S. Thomas de Aquino, & nelle residem ordinariamete quarenta estudantes cõ seu Prior, & Leitores de Artes, & Theologia.

Casa de S. Domingos em S. Thome.

¶ Outra casa tinhão os nosos Religiosos principiada em a cidade de S. Thome, da inuocação de nossa Senhora do Rosario, & o anno de 1603. foraõ dous da mesma Ordem acabar a dita casa, pera nella residirẽ dahi por diante, prẽgarem, & sacramentarẽ, como nas mais fazem. O que puseraõ em effeito à petição & rogo dos moradores da cidade, & hoje ja estã nella cinco, ou seis, & tem bastante sustentação.

Casa de S. Domingos em Bengala.

¶ No anno de 1603. foraõ chamados os Religiosos desta sagrada Ordem pollos moradores de Bengala, pedindolhe com muita instancia quisessem ir ao dito Reino fundar casas, & morar nellas, pera doutrinãr aquelles pouos tão faltos de remedios spirituaes, prẽgãdolhe, & administrandolhe os Sacramentos. O que visto pol

los Religiosos, ordenaraõ logo mandar algũs padres, pera satisfazerem a tão justa petição, & deuacão, q̃ mostrauão ter à Ordem de S. Domingos. E foraõ a esta empresa o P. F. Belchior da Luz, & o P. Frey Gaspar da Assũpção: os quaes chegando la a saluamento, foraõ muy bem recebidos, & logo ordenaraõ a fundação de hũa casa com ajuda de todo o pouo:

Os PP. F. Belchior & Fr. Gaspar, vão a Bengala.

¶ Tanto que o Rey do Arrecção soube, q̃ estauão Padres de S. Domingos em Bengala, mandou chamar o Padre Frey Belchior da Luz, & o recebeo com grandes honras, fazendo lhe muitas merces, pretendendo tratar por sua via pazes, & amizade com os Portugueses, porque a desejava muito: & pera isso lhe pedio que fosse a Goa tratar este negocio com o Viçerey. E fazendo elle esta viagem, tomou Bengala de caminho, pera ver em que estado estaua o padre Frey Gaspar seu companheiro, & a casa que tinha principiada: & andãdo nestes rios em seruiço d'aquella Christandade, perdendose o batel em que hia, se afogou. O P. Fr. Gaspar vendo se sò, & falto de algũas cousas neces,

O P. Fr. Belchior vay ao Arrecção

Mortedõ P. F. Belchior.

necessarias pera esta Christandade, vindo a Goa a tratar del las com o Vigerey, & com o P. Vigayro gèral, foy tomado na viagem, de hum nauio de Malauares, & morto em odio da Fè, porque dando a vida aos mais que tomaraõ, a elle a tiraraõ por ser Religioso, & defensor da ley de Christo.

¶ No anno seguinte foraõ tambem Religiosos desta sagrada Ordè pera Pegû, onde agora estaõ cinco, & tem fundado duas casas, hũa na ilha de Syrião, da inuocação de S. Thomas, que se vay fazendo com muita pressa, & tem ja cellas pera morarem os Religiosos, & segundo seus principios sera hũa casa muito grande: onde tambem se faz Seminario pera criação de moços, & ja nelle estaõ algûs, a quem os Religiosos ensinão a ler, escreuer, Latim, Canto, & bõs custumes. O Vigayro desta casa, que corria com suas obras, era o P. Fr. Antonio d'Oliuares, bom letrado, & Prêgador. E o Vigayro gèral desta Christandade, era o Padre Frey Francisco da Annunciação: o qual tem feito muito seruiço a Deos nesta terra, & foy dos primeiros q̃ nella entraraõ em companhia de

Filippe de Brito Nicote, por outro nome Changa, o qual ganhau o Reino do Arrecão por força de armas, & agora dizê q̃ he Rey de todo elle. Este Padre no anno de 1607. veyo a Goa por terra no inuerno, por via de S. Thome, a negocios d'aquella Christandade, offerecendose a muytos trabalhos pollo seruiço de Deos, & del Rey nosso Senhor. Algûs annos depois de estaré neste Reino os Religiosos de S. Domingos, foraõ la os da Companhia & os de S. Francisco. As mais particularidades não soube até agora.

¶ No mesmo anno de 1604. foraõ pedidos com muyta instancia de Negapatão Religiosos desta sagrada Ordem, pera que fossem fundar casa na dita cidade: a cuja petição differiraõ, & aceitarão a casa, que os moradores della lhe fazem, & sustentão à sua custa quatro, ou cinco Religiosos.

¶ No anno seguinte de 1605 foraõ pedidos Religiosos desta Ordem da ilha de Ceylão, onde foy mandado o Padre F. Manoel da Gama natural da cidade de Cochí, bõ Prêgador, & Religioso muy obseruante, com outro companheiro sacer

dote,

O P. Fr.
Gaspar
morto
Pollos
Malauares.

Casas em
Pegû.

Casa em
Negapatão.

Casa em
Ceylão.

dote: os quaes foraõ bem recebidos, & fundaraõ logo casa em que viuem, & tem instituida nella a Confraria do Rosario, que he de muita deuação.

¶ De maneira, que estes novos cõquistadores d'almas tomaraõ tanto a peito esta santa empresa, que em muito poucos annos prêgarão a ley Euãgelica, & dilatarão a fè de Christo nosso Senhor pollas mais remotas partes do Oriente, & aproueitaraõ tanto no ministerio da Chrittandade polla misericordia de Deos, que tem feito nestas casas, que atras ficão nomeadas, muitos milhares de Christãos. Queira nosso Sñor augmentar sua Fè nestas partes, pera honra, & gloria sua, & abatimento da perfida feita de Mafamede, que està semeada pollos mais destes Reinos.

¶ C A P I T V L O X I.

¶ De algũs Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que foraõ inuiados à India Oriental por Bispos.



Entre os Religiosos desta sagrada Ordem foraõ continuando nesta conquista spiritual da India: entre

os quaes entraraõ varões muyto eminentes, asy em virtudes, como em letras. Dos quaes algũs foraõ inuiados pollos Reys de Portugal pera Bispos da India, pera que com sua doutrina, & virtude apacentassem, & gouernassem o nouo rebanho das ouelhas, que seus antepassados tinham ganhado, & conuertido a a Iesu Christo.

¶ O primeiro foy Dõ F. Jorge Themudo, que foy o primeiro Bispo de Cochim, & depois o segundo Arcebispo de Goa, por renunciação do Arcebispo Dom Gaspar, que foy o primeiro. Este Dom Frey Jorge se ouue asy no Bispado, como no Arcebisado com muyta vigilancia, & zelo da saluação de suas ouelhas, apacentandoas com doutrina, exemplo, & santos costumes, como se esperaua de tão grande Religioso, como elle era. Falleceo em Goa, & jaz sepultado honradamente na Sè da dita cidade.

¶ No mesmo anno foy tambem Dom Frey Jorge de S. Luzia por Bispo de Malaca: o qual foy tambem o primeiro Bispo daquella terra. Este Bispo, tanto que chegou a Goa indo de Portugal, gouernou primeiro o dito Arcebisado por mandado

D. F. Jorge Themudo.

D. F. Jorge de S. Luzia.

gado del Rey, até ir de Portugal o Arcebispo Dom Gaspar, que foy logo no anno seguinte. E tanto que elle tomou posse do Arcebisado, logo D. Fr. Jorge se foy pera o seu Bispoado de Malaca. Deste santo Bispo se contão muitas cousas, q̃ no juizo dos bem intencionados foraõ tidas por notaueis merces, & fouõres do ceo, assi no cerco grande de Goa, em tempo do Viçerey dom Luis d'Attaide, como estando em Malaca: das quaes apontarey fomite algũas.

¶ Estando este seruo de Deos em Goa no tẽpo do cerco grande, & sabendo hum dia que o Viçerey D. Luis d'Attaide estava mui enfadado, & opprimido polla infinidade de Mouros que o Idalcão tinha juntos pera entrar na ilha de Goa (com cuja cõparaçãõ o numero dos Portugueses era muito pequeno, pera lhe poderem resistir) sayõse de sua casa, & foy visitar o Viçerey, & disselhe as palauras seguintes: Não se canse V. S. nem se pene por ver tantos inimigos contra si, antes se alegre, & de muitas graças a nosso Senhor, porque amanhã terá hũa gloriosa vitoria contra todos elles, de modo q̃ lar-

guem o cerco, com muita confusaõ, & vergonha sua, & se recolhãõ pera suas terras, deixando muita parte de seus companheiros mortos na batalha, q̃ ha de custar muito pouco sangue de Portugueses. Cõ estas palauras ficou o Viçerey muy animado, & confiado, porq̃ bẽ conhecia que hum tal Prelado a quem elle, & todos tinhãõ por santo, não affirmava semelhantes cousas sem spirito de Deos, & que por suas orações alcançaria vitoria de seus inimigos, como de feito alcançou, porq̃ aquella noyte cometerãõ os Mouros a entrada da ilha de Goa por hum passo seccõ, & lançando muitos Mouros em hũa ilha (que de entãõ até agora se chama dos mortos, pollos muitos infieis que os Portugueses nella mataraõ) quis nosso Senhor, q̃ todos fossem vencidos, & mortos à espada. De modo que o inimigo vendo a melhor de sua gente morta, & sua força destruida, levantou o cerco, & fugio vergonhosamente, ficando a fẽ de Christo exalçada, & o nome Portugues com muita gloria de tão honrada vitoria.

¶ Depois que este varaõ de Deos foy pera Malaca gouernar

Reimões
de Mala
ca, que o
Bispo ar
fugēt ou

nār o seu Bispado, lhe fez nos-
so Senhor muy notauéis mer-
ces em muitas occasioēs. A pri-
meira foy amaldiçoar os Rey-
mões (que he hũa especie de fe-
ras muito mais crueis, & carni-
ceiras, & de muito mais medo-
nha, & espantosa catadura, que
os Tygres) os quaes eraõ tan-
tos naquelles matos de Mala-
ca, que ninguē ousaua sayr da
cidade a buscar lenha, porque
sayão do mato. estas feras, &
matauão, & comião muita gen-
te. E taõ crueis eraõ, que den-
tro à cidade vinhão de noite
apanhar a gente, que achauão
descuydada. Mas tanto q̄ este
santõ varaõ entrou em Mala-
ca, & soube o estrago, que os
Reymões fazião nella, foyse à
entrada do mato com Cruz le-
uantada, & agoa benta, & ben-
zeo todos os matos, & amaldi-
çoou os Reymões, mandando
lhè da parte de Deos, que não
viessẽ alli mais, & de então
atè agora nunca se mais viraõ
no termo, & cõfins de Malaca.

¶ Hũa molher de Malaca
pretendeo matar este seruo de
Deos, porque lhe tolhia certos
tratos illicitos que tinha. E pe-
ra isso fez hum manjar de leite
& açucar, a que na India cha-
mão Syricaya (que he hum co-

mer muito excellentẽ) & deytõ
toulhe dentro peçonha, & or-
denou por terceira pessoa, que
esta iguaria fosse presentada
na mesa ao Bispo, quando jan-
tasse: mas elle tanto que a vio
diante de si, disse que a tomassẽ
& lançassẽ no rio, ou a enter-
rassẽ, & q̄ ninguem comesse
della: não querendo com tudo
dizer que tinha peçonha, por
não infamar quem tanto mal
tinha ordenado. O que vèdo o
despenseyro do Bispo man-
dou tirar a iguaria da mesa, di-
zendo que lha guardassẽ, pe-
ra elle mesmo por em effeito o
que o Bispo mandaua; & depo-
is disso comeo della, parecen-
dolhe, que o Bispo deixaua de
a comer por ser muito delicio-
sa, & não teria outro mal.
Mas tãto que comeo, logo sen-
tio em si os effeitos da peçonha
da qual inchou, & morreo em
breue tempo.

Como o
Bpõ foi
liure da
peçonha
q̄ lhe da
uão.

¶ CAPITULO XII.

¶ De outros successos do Bispo de
Malaca D. Fr. Iorge de
S. Luzia.



Stando este Bis-
po em Malaca, dis-
se hum dia ao ca-
pitaõ da fortale-
za, que se apare-
lhasse

lhasse pera resistir aos inimigos, que não tardariaõ muito: porque elle os via da sua janel la vir já muito perto. O capitão mandou logo vigiar o mar pera ver se descubriaõ a dita armada, no que se gastou muita parte do dia, sem verem cousa, que pudesse fazer mal a Malaca. Pollo que algũs soldados começaraõ logo motejar do Bispo, dizendo que sonhara o auiso que dera. Mas o prudente capitão, não fez pouco caso delle, sabendo que tal homem não dizia semelhantes cousas no ar, & sem fundamento. Pollo que se apercebeo, & pôs suas vigias necessarias no mar, & mandou, que todos estivessem prestes com suas armas, o que foy bem necessario pera salvação da cidade: porque os inimigos chegaraõ logo na madrugada seguinte, & desembarcraõ cõ muita onfadia, parecendo-lhe que tomavaõ a gente de Malaca descuidada, & que podia fazer sua presa muyto a seu saluo. Mas não lhe succedeo como cuidavaõ, porque os nossos (auisados ja dos vigias) estanaõ esperando sua vinda com as armas nas mãos: & tanto que forão desembarcando em terra, logo lhe sayraõ ao

encontro; & matarãõ muitos inimigos, & os mais q ficarãõ com vida ouuerãõ por grande forte tornarse a embarcar. E assi logo se tornou a dita armada enuergonhada, & afrontada pera Samâtra donde tinha saydo, com muita parte menos da gente que trazia.

Quando este seruo de Deos renunciou o Bispo, estauão no porto duas naos de caminho pera Goa, hũa dellas noua & muito fermosa, em q todos se embarcauãõ, & outra velha, & pouco está que, onde ninguém se queria meter. Mas o Bispo deixou a nao noua (na qual o capitão della lhe daua os melhores galhados) & escolheo antes a nao velha, dizendo que a tinha por mais segura, & que nella esperaua em Deos chegar a Goa mais depressa, & a saluamento. O que socedeo assi como elle tinha dito, porque a nao noua em que se não quis embarcar se perdeo na ditaviagem cõ quantos nella vinhãõ, & a do Bispo chegou a saluamento.

¶ Aconteceo mais nesta viagem, que estando a nao em q o Bispo auia de ir no porto de Malaca, pera dar vella, mādou o capitão mōr daquelle mar, que

(que entãõ era Matthias d'Al-
buquerque) tomarlhe a mayor
parte dos marinheiros da nao,
dizendo, que os auia mister pe-
ra a sua armada, com q̄ andaua
correndo aquella costa: o que
fez porque o Bispo se não pu-
desse ir, deixando Malaca taõ
desemparada de sua presença.
Mas o Bispo vendo que lhe im-
pedião a pãrtida por aquella
via, mandou a terra chamar os
irmãos da Confraria de Nossa
Senhora do Rosario, que eraõ
da gente da terra. Os quaes en-
trando na nao, com elles leuã-
tou as vergas, & leuou as an-
choras, & deu â vella. E depois
que foy mareado, despedio os
irmãos da confraria, pera q̄ se
fossem pera terra no batel, & el-
le veyo fazêdo sua viagem cõ
o Piloto, & Mestre da nao, &
muito poucos marinheiros.
Mas quis nosso Senhor fauore-
cer a viagẽ do seu seruo de tal
maneira, que a nao veyo de Ma-
laca atè o porto de Côchim sê
amainar as vellas, que saõ qui-
nhentas legoas de mar muy
cheo de baixos, & perigos, &
cõbatido de trouoadas, & ven-
tos, que nelle curião, hora de
hũa parte, hora de outra. Pollo
qual respeito as naos desta car-
reira ordinariamente amainão

as vellas forçadãs dos tempos
contrarios. Os quaes não te-
ue esta nao, porque se os tiuera
& fora obrigada a amaynar as
vellas, não auia gente na dita
nao, que lhas pudesse outra vez
leuantar, & assi ficara no meyo
do mar sem se bollir, & sem ca-
minhar, & finalmente acabara
nella toda a gente. Mas Deos
não quis que o seu seruo tiues-
se semelhãtes perigos. Outras
marauilhas se contaõ deste ser-
uo de Deos, q̄ fez em sua vida,
q̄ aqui não ponho, porque meu
intento não he mais, que dar
hũa breue relação dos Religio-
sos Prêgadores do Oriente, co-
mo no principio disse. Final-
mẽte viueo este varaõ de Deos
algũs annos em Goa, no Con-
uento de S. Domingos, cõ sum-
ma pobreza monastica, & vi-
da austêra, sêdo pera todos hũ
exemplo de virtude, & santida-
de. Falleceo no mesmo Con-
uento, & estã sepultado no Ca-
pitulo da mesma casa.

¶ CAPITULO XIII.

¶ De outros Bispos da Ordem dos
Prêgadores, que passaraõ â
India Oriental.



Depois que D. Fr.
Jorge Themudo
Bispo de Côchim
foy

Força da
deuação
do Resa-
rio.

Cõ pou-
cos mari-
nheiros
nauegou

foy cleyto em Arcebispo de Goa, mandou el Rey dom Sebastião o Padre Frey Hêrique de Tauora à India por Bispo de Còchim. Este Padre era irmão do Bispo do Funchal D. Fr. Fernando de Tauora, também Religioso da mesma Ordê, de nobre gêração. Os quaes ambos forão eleitos em Bispos no mesmo tempo pollo dito Rey. Este Dom Frey Henrique Bispo de Còchim, depois de governar seu Bispado algũs annos, foy Arcebispo de Goa; em cujo governo esteue algũs tempos, no fim dos quaes determinou de visitar pessoalmête seu Arcebisado. Pera o que se embarcou, & foy visitar logo o Norte. E tendo ja visitado todas suas cidades, & fortalezas, veyo ter a Chaul, onde lhe derão peçonha, por ser muito inteYRO, & riguroso em reprehender, & castigar peccados publicos. Da qual peçonha morreo, & jaz sepultado em hũa sepultura, que està no Cruzeyro de S. Domingos de Chaul, na parede junto do altar de N. Senhora do Rosario. O companheiro do Arcebispo Religioso da mesma Ordem, que ajudou a comer da peçonha, não morreo della, mas pelouse

todo, & esteue muito mal.

¶ Governando Francisco Barreto o estado da India (que foy no anno do Sñor de 1556.) veyo ter a Goa por via de Ormuz hum Bispo Religioso da Ordem dos Prêgadores, natural de Malta, chamado D. Frey Ambrosio de Melita. O qual foy mandado pollo Papa Paulo III. com poder de Legado à latere pera todas as partes dos infieis, onde quer que se achasse, assi por elle ser homem muito douto, & Mestre em santa Theologia, como por saber muyto bem a lingua Arabica, como sabem ordinariamête os mais dos naturaes de Malta. Este foy mandado em companhia de hum Patriarcha Basilio, que neste tempo veyo a Roma dar obediencia ao Papa, ao qual o dito Summo Põtifice fez muytas honras, & o tornou a mandar, & com elle este Bispo, pera instruir aquella Christandade nos custumes, & ceremonias da Igreja Romana: Chegado pois o Patriarcha à sua terra, foy morto por seus proprios subditos com peçonha: por cuja morte fez o Bispo logo outra eleição de Patriarcha com os mesmos naturaes, & a mãdou confirmar pollo Papa,

D. f. Am
brosio de
Melita
Bispo.

por

D. F. Hê
rique de
Tauora,
2. Bispo
de Cò-
chim.

Foi tam
bê Arce
bispo de
Goa.

Foi mor
to cõ pe
çonha.

pōr hum seu irmão , que leua-
 ra consigo , tambem Religi-
 oso de S. Domingos , chama-
 do Fr. Matheus. E tardando
 muito a confirmação, & não sa-
 bendo o Bispo a causa de tanta
 tardança , nem que seria feyto
 de seu irmão, que fora embus-
 ca della, temendo juntamente
 a gente da terra, de que se não
 fiaua, antes temia que o mata-
 sem, como tinham feito ao seu
 Patriarcha com peçonha, deter-
 minou tornarse pera Euro-
 pa. E parecendolhe que pol-
 la via da India tinha melhor
 commodo pera isso, veyo ter a
 Ormuz com outro companhei-
 ro, chamado Fr. Antonio, tam-
 bem da mesma Ordem, que le-
 uou cōsigo de Roma. E de Or-
 muz se ébarcarão pera a India
 onde forão bem recebidos, por
 causa dos Breues authenticos,
 que o Bispo leuaua do Papa, q̄
 declarauão quem elle era, & a
 dignidade que tinha. E residi-
 rão ambos em a cidade de Goa
 dous annos no Conueto de S.
 Domingos, onde o Bispo se of-
 ferceco por sua humildade pe-
 rá ler Theologia, como leo qua-
 si todo o tempo que alli esteue.
 E juntamente prégua muitas
 vezes na mesma cidade cō mui-
 to espirito. No fim deste tempo

pretêdeo embarcar-se pera Por-
 tugal, & pera isso foy ter a Cō-
 chim, onde adoeceo de febres,
 & falleceo no Conuento de S.
 Domingos, & nelle jaz sepulta-
 do. E asy acabou os trabalhos
 de sua peregrinação, com mui-
 tas esperanças de alcançar o
 descanso eterno. O Padre F.
 Antonio seu companheiro em-
 barcouse d'alli pera Portugal,
 onde chegou a saluamento, &
 depois se tornou pera Roma,
 a dar conta ao Summo Ponti-
 fice de todo o successo de seus
 caminhos, & o Papa o fez Bis-
 po de Vienna.

¶ No anno do Senhor de
 1583. foy mandado à India por
 Arcebispo de Goa D. Frey Vi-
 cente da Fonseca, por el Rey
 Philippe primeyro de Portu-
 gal. O qual era Religioso da
 mesma Ordem, natural de Lis-
 boa, de nobre geração, & de
 muyto grandes partes, asy de
 pulpito, & letras, como do offi-
 cio de Pastor, porque era muy
 solcito, & zeloso da saluação
 de suas ouelhas, & grande cas-
 tigator de vicios, & peccados
 publicos. Pollo qual respeito,
 foy muy perseguido de algũas
 pessoas poderosas, a quem to-
 lhia certas conuerções illici-
 tas, que tinham; as quaes não

Morte
do Bispo
D. F. Am-
brofio.

Fr. Ant.
Bispo de
Viena,

D. F. Vi-
cente da
Fonseca
Arceb.
Goa.

Leo em
S. Domi-
gos de
Goa.

se podendo vingar na propria pessoa do Arcebispo, o fizeram em seus criados publicamente, pretendendo com isso affrontallo, mas elle tudo soffreu com generoso, & firme animo, & nem por isso deixou de fazer seu officio e castigar peccados publicos: porque neste tempo, em que os maos cuydauão, que o bom pastor deyxaria de o ser, & dissimularia suas culpas, nesse mesmo mandou vir perante si hũa mulher solteyra, que era causa de todos estes males, assi por sua grande fermosura de rosto, como por sua demasiada deshonestidade. A qual se negoceou & compos pera este dia com muitos affeites, & ricos vestidos, que tinha, dizendo às pessoas de sua casa: O Arcebispo me manda chamar, & cuyda que me ha de prender, mas elle he o que ha de ficar prezo de minha vista. E desta maneyra com grande confiança em seu parecer, & fermosura, & muy acompanhada de pagens, entrou polla sala do Arcebispo; onde elle a veyo receber com muyta cortesia, cuydando que era outra pessoa nobre. E preguntadolhe quem era, & que queria: Respondeo, que

era hũa mulher que vinha a seu chamado, & dizendolhe o seu nome, lhe tornou o Arcebispo com muyta colera; Certo que mal dizem vossas obras com o nome que tendes de tão grande santa como foy santa Ursula, honra, & cabeça de onze mil virgens: mas vos soys cabeça das mais deshonestas mulheres, que ha no mundo, instrumento, & laço do demonio; que não tendes pejo de apparecer diante de mim deffamada de esta maneyra: E tanta foy a payxão que o Arcebispo disse tomou, que se defautorizou, & leuou de hũa cana de Bengala, que tinha na mão, & com ella lhe deu tres ou quatro pancadas, diante de toda a gente que estava na sala. E com este castigo publico a mandou lançar polla porta fora, affrontada, & frustrada de seus intentos desbonestos. E certo que foy este castigo muy grande parte pera esta mulher se emendar, & viuer melhor d'alli por diante, do que ate então tinha viuido. Este Prelado, depois de gouernar seu Arcebispado alguns annos com o zelo, & integreza de justiça, que temos contado (tornandose a embarcar pera este Reino a tratar cõ

Falleceõ
vindope
raPortu
gal,

el Rey muitas coufas importã-
tes pera o bem do Estado, &
Christandade da India) falle-
ceo no mar em hũa paragem, a
que chamão a Volta do Sarga-
ço: & aqui foy lançado. E des-
ta maneira acabou os traba-
lhos desta miseravel vida, muy-
to confiado em Deos lhe dar a
eterna.

¶ CAPITVLO. XIII.

¶ De outros Bispos, & algũs Inquisi-
dores desta Ordem, que passa-
raõ à India Oriental.



O anno do Senhor
de 1583. foy manda-
do à India por In-
quisidor o muyto
docto, & virtuoso Padre Frey
Gaspar de Mello, Mestre em
Theologia. O qual ja tinha ido
outra vez à India por Vigairo
gêral da Cõgregação dos Fra-
des Prêgadores. E depois de
os gouernar com muita prudẽ-
cia quatro annos, tornou a este
Reyno, pera nelle com mais
quietação gastar o restante de
sua vida, como fez algũs an-
nos, com grandes mostras de
virtude; & no fim delles o tor-
nou el Rey Philippe I. a man-
dar à India com o officio de
Inquisidor, como tenho dito.

F. Gasp.
de Mel-
lo Inqui-
sitor.

A cujos novos trabalhos, & pe-
rigos não resistio, antes abay-
xando a cabeça ao jugo, & obe-
diencia, que lhe punhão seus
Prelados, aceitou o cargo, pa-
recendolhe q̃ nisso fazia gran-
de seruiço a Deos. Nesta via-
gem padeceo tâtos trabalhos,
& infirmitades, que chegando
a Goa em breue tempo falle-
ceo, & jaz sepultado no Capi-
tulo de S. Domingos da mes-
ma cidade.

¶ Deste Padre se affirmava
em seu tempo ser dos melho-
res Theologos, que auia em
Portugal, muy claro, & reso-
luto em todas as materias, que
leo muitos annos em S. Do-
mingos de Lisboa, no Conuen-
to da Batalha, no Collegio de
S. Thomas de Coimbra, & na
Vniuersidadeda mesma cidade
pollo Padre Mestre Frey Mar-
tinho de Ledesma da mesma
Ordem, Lente jubilado na Ca-
deyra de Prima, muy conhe-
cido nas escolas pollos liuros
que compos. Não imprimio
o Padre Frey Gaspar seus escri-
tos, por ser atalhado da mor-
te, que lho impedio: mas de
suas matérias, & escritos se a
proueitão inda hoje muito os
Theologos, por sua grande eru-
dição.

¶ No anno do Senhor, de 1585. mandou o mesmo Rey por Inquisidor à India o Padre Presentado Frey Thomas Pinto, Religioso da mesma Ordem de S. Domingos, varão muy docto, & de grande habilidade. O qual tambem leo Theologia em Portugal nos Conuentos da mesma Ordem. Este Padre indo pera a India se perdeu nos bayxos da India em a nao Santiago, de que era capitaõ mór Fernão de Mendõça. Na qual perdição se ouue como verdadeyro filho de S. Domingos, prégando, animando, & confessando a mór parte da gète, que alli acabou. E de cima destes baixos se saluou no batel da nao com outros Portugueses, & foraõ ter a terra de Cafres, onde foraõ catiuos pollos mesmos Cafres & no catiueiro padeceraõ muitos trabalhos, & fomes. E o Padre Frey Thomas Pinto foy muy grande parte pera os pasarem, & soffrerem com paciencia, pollas continuas praticas spirituaes, & de consolação, que lhe fazia. Finalmente passando por todos estes trabalhos (como mais largamente contarey adiante) foy ter a Moçambique: & d'ahi se tornou

a embarcar perã a India, onde viueo algũs annos, assillindo nõ Tribunal da santa Inquisição, que estã em Goa, & depois disso falleceo, & jaz sepultado em S. Domingos da dita cidade, no Capitulo.

¶ No anno de mil & seiscentos & tres foy eleito em Bispo de Congo o Padre Frey Antonio de S. Esteuaõ natural da cidade de Lisboa, Religioso de muyta virtude, & Prégador insignificante, o qual tambem tinha passado à India Oriental, & nella prégado o santo Euangelho com muyto spirito, & zelo da saluação das almas. E depois de tornar da India, & préggar em Lisboa com muita fama, & applauso de todo o povo, ardendo a cidade em peste no anno de mil & quinhentos & nouenta & noue, elle se offerreceo pera estar na casa da faude da dita cidade, mouido de compaixão, & charidade de seus proximos, porque soube padecerem na dita casa grandes necessidades spirituaes. E offerrecido a este tão heroyco sacrificio, & seruiço de nosso Senhor, esteue todo o tempo, que a peste durou, que foy por espaço de dous annos, No qual tempo cõtinuou sempre cõ as

D. F. An
tonio de
S. Esteuã

Fr. Tho.
Pinto in
quisidor

Lib. 2.
cap. 20.

obras de charidade cõ outros cõpanheiros que t eue da mesma Ordem, confessando, sacramentando, & finalmente curando a muitos milhares de doentes, que na mesma casa estiueiraõ, & morreraõ. Passada esta peste, o tomou el Rey nosso Senhor por seu prégador da sua capella: & depois o leuou consigo o Arcebispo d'Euora Dõ Theotonio de Bragãça à Corte de Castella, pera se aconselhar com elle sobre negocios de muita importancia, a q̃hia. Tornando de Castella, foy eleito em Bispo de Congo, & Angola, como fica dito, pera onde foy, & chegou a saluamẽto, & foy muito bem recebido do Rey de Congo, & dos Portugueses, que naquellas partes andão.

Dõ Frey
Ioão da
Piedade.

¶ No mesmo anno foy eleyto em Bispo da China o Padre Presentado Frey Ioão da Piedade natural d'Abrantes. O qual tinha ja ido à India, & nella leo muitos annos Theologia no Collegio de S. Thomas da mesma Ordem, que està em Goa, & depois foy Prior do dito Collegio, & fez muita parte d'elle, & finalmete foy Prior do Conuento de S. Domingos de Goa: donde se tornou pera

Portugal, tendo gastado na India dezaseis annos. E estando recolhido em o Conuento de S. Paulo d'Almada da mesma Ordem (onde viuia muyto quieto, & consolado) foy eleyto em Bispo de Machao, como fica dito, por el Rey Philippe II. de Portugal, & obrigado por obediencia de seus Prelados, que aceitasse o dito cargo. Ao que se elle offereceo, & aceitou nouos trabalhos, que taõ comprida viagem taz consigo. Partio pera as ditas partes no anno do Senhor de mil & seiscentos & cinco, no qual chegou a saluamento a Goa: & dahi se tornou a embarcar no seguinte anno em companhia do Vicerey Dom Martim Afonso de Castro, quando foy focorrer Malaca, q̃ os Ollandeses tinhão cercado, & na batalha naval que cõ elles teue; o Bispo D. Fr. Ioão se ouue como verdadeiro filho de S. Domingos, andando em hũa embarcaõ pequena de Galeaõ em Galeaõ por entre os pelouros, curando os feridos, com ouos, pannos, fios, & outras mêzinhas, q̃ elle por suas mãõs administrava com muita charidade, o que foy grandemete louuado em toda a armada:

na qual tambem foraõ outros Religiosos de S. Domingos, que juntamente se occuparaõ nas mesmas obras de charidade, confisões, & cura dos enfermos.

¶ CAPITULO XV.

¶ Em que se dá hũa breue relação dos Vigairos gêraes desta Ordẽ, que ouue na India Oriental.



I
F. Diogo Bermudez.

Primeiro Vigairo gêral que passou à India, foy o Padre F. Diogo Bermudez com doze Religiosos, no anno de 1548 sêdo Governador da India Dõ Garcia de Sã, & Prouincial desta nossa Prouincia o Padre Mestre Fr. Fancisco de Bobadilha. Governou a Congregação onze annos, & em seu tempo se edificaraõ os Conuentos de S. Domingos de Goa, Chaul, Côchim, Malaca, & a casa de S. Barbara, que està na ilha de Goa.

F. Anton. Pegado.

2 ¶ O padre Frey Antonio Pegado Mestre em Theologia muy douto, & de muyto grande prudencia, & governo, foy mandado à India por Vigairo gêral. O qual por sua virtude & letras era muy estimado dos

Gouernadorẽs da India, & em todas as cousas de pezo, & importancia se aconselhauão cõ elle. Governou quatro annos.

3 ¶ O Padre Frey Manoel da Serra foy o terceiro Vigairo gêral. Governou quatro annos com muita prudencia.

F. Maõ. da Serra

4 ¶ O Padre Fr. Antonio Pegado socedeo a este padre no governo, por cõmissão, que pera isso lhe foi desta Prouincia. E desta segũa vez governou somente dous meses, porque foy nosso Senhor seruido de o leuar neste tempo pera si.

Fr. Anton. Pegado.

5 ¶ O padre F. Manoel da Serra tornou a soceder por morte do padre Fr. Antonio no governo da Cõgregação, por ser entaõ Prior do Conuento de Goa, & auer hũa Ordenação naquella Congregação, que o Prior de Goa socedesse no governo ao Vigairo gêral, q morresse na India antes de ir outro de Portugal. Governou desta segunda vez dous annos.

F. Maõ. da Serra

¶ Deste padre se conta, que estando aposentado na igreja de Santa Barbara, que he casa da mesma Ordem, que està na ilha de Goa, chegaraõ à India as naos que foraõ deste Reino, que leuauão as tristes novas da perdição del Rey Dom

Sebastião em Affrica. As quaes sendolhe leuadas, dizem que deu hum grãde suspiro, & cayo da outra parte sem fallar mais palavra, & logo falleceo: como outro Sacerdote Heli com as nouas da perdição dos filhos de Israel, & do catiueiro da arca do Testamento.

1. Reg. 4

F. Fracisco d'A-

6 ¶ O Padre Frey Francisco d'Abreu socedeo a este no cargo de Vigayro gêral. O qual foy homem de muita authoridade, gouerno, & prudencia. Governou quatro annos.

F. Gaspar de Mello.

Lin. 2.

7 ¶ O Padre Frey Gaspar de Mello Mestre em Theologia; do qual tenho ja fallado no capitulo 16. que trata dos Inquifidores desta Religiaõ, que ouue na India. Governou quatro annos.

Frey Bernardino d'Almeida.

8 ¶ O Padre Fr. Bernardino d'Almeida governou esta Congregação quatro annos com muyta prudencia. Em seu tempo se fez a casa de nossa Senhora dos Remedios de Baçaím.

9 ¶ O Padre M. F. Fernando de S. Maria, muy docto, & grande Religioso. O qual foy muitas vezes Prelado na India, & leuou muito tempo nella Theologia, & finalmente sendo ja de perto de setenta annos foy Vigayro gêral da Congrega-

ção da India, & gouernou com muita prudencia, & virtude todo o seu tempo. No fim do qual seis meses antes que acabasse adoeceo de hũa graue infirmitade, de que eiteuc por muitas vezes desconfiado dos medicos, mas elle nunca desconfiou de si, & sempre disse, que não auia de morrer, até não ir outro Vigairo gêral de Portugal, a quem entregasse o gouerno da Congregação, afirmando isto muitas vezes. E desejava este varaõ de Deos isto, por entender, que era sua vida necessaria pera bem d'aquella Congregação, até ir outro Vigairo gêral de Portugal; & o Senhor Deos lhe cumprio seus desejos, porque estando (como tenho dito) seis meses em hũa cama, cadadia pera morrer, não falleceo senão o mesmo dia q̄ chegou a Goa o Padre Frey Hieronymo de S. Thomas, que de Portugal foy por Vigairo gêral. O qual tanto que entrou no Conuento de S. Domingos de Goa, foy logo visitar ao padre Frey Fernando enfermo, & elle vendo Vigayro gêral nouo, leuantou as mãos ao ceo, & disse cheo de alegria, como outro santo Simão, *Nunc dimittis, &c.* & así

logo

logo pediu o Sacramento da Extrema vnção, que o mesmo Vigayro geral nouo lhe deu. E dahi a poucas horas falleceo com vniuersal sentimento de todos os Religiosos. Foy isto no anno de 1586.

10 ¶ O P. Fr. Hieronymo de S. Thomas socedeo neste cargo ao padre Mestre Fr. Fernando de S. Maria, & governou sete annos. Em sua companhia foraõ 24. Religiosos à India, de cuja viagem tratarei adiante mais largamente. Em seu tempo se fez a casa da China.

11 ¶ O padre Fr. Fancisco de Faria Religioso de muita virtude, & humildade. Do qual tratarei adiante mais largamente, quando fallar no Collegio de S. Thomas, que elle edificou em Goa. Governou cinco annos.

12 ¶ O Padre Fr. Hieronymo de S. Domingos socedeo neste officio por morte do P. F. Frãcisco de Faria. Governou quatro annos.

13 ¶ O Padre Frey Antonio Leão foy de Portugal com este cargo, & governou somente seis meses, & falleceo em Goa.

14 ¶ O Padre Frey Antonio d'Orta socedeo a este padre. Governou anno & meyo, &

tambem falleceo antes que fosse outro de Portugal. Em seu tempo se fez a casa de Negapatão, & foraõ Religiosos a Pegû, & a S. Thome.

15 ¶ O Padre Frey Domingos Picó natural de Côchim lhe socedeo no cargo. Em seu tempo se comecou a casa de Tanã. Governou dez meses somente porque foy outro de Portugal.

16 ¶ O Padre Fr. Antonio de Siqueira foy de Portugal com este cargo de Vigairo geral. Vay em quatro annos que governa cõ muyta prudencia, & Religião.

17 ¶ O Pádre Fr. Thomás de Siqueira, varaõ de muita virtude, & exemplo, partio deste Reino pera a India com o mesmo cargo em Março de 608. de que se espera q̄ governe aquella Congregação com o zelo, & Religião que sempre teue.

¶ Outros Religiosos partiãõ deste Reyno pera a Congregação da India por Vigayros gêraes, que por fallecerem na viagem os não conto entre os outros, que a governaraõ.

¶ CAPITULO XVI.
De outros Religiosos da Ordem dos Prégadores, eminêtes em letras, & virtude, que passaraõ à India.

F. Domingos Picó.

F. Ant. de Siqueira.

F. Th. de Siqueira.

Fr. Hieronymo de S. Thom.

F. Frãcisco de Faria.

Liui. 3. c. 16.

Fr. Hier. de S. Domingos.

F. Anton. Leão.

F. Ant. d'Orta.



Lem destes Padres, que atras ficão nomeados, foraõ tam bem a estas partes do Oriente outros muitos Religiosos da mesma Ordem, muy graues, & bõs letrados, Prêgadores insignes, & dotados de muitas virtudes. Os quaes cõ sua vida, letras, & santos costumes illustraraõ muito as partes da India, & as allumiaraõ com sua doutrina, lendo, & ensinando, prêgando, & conuertendo à nossa santa Fè muitos milhares de Gentios, & Mouros: do q̃ se podião fazer grandes chronicas.

Fr. Ignacio da Purific.

¶ Entre estes foy o Padre Frey Ignacio da Purificação, grande Religioso, tido por santo, así por sua vida obseruantissima, & singulares virtudes, de que era dotado, como pollo grande zelo, que tinha da saluação das almas. Este Padre prêgando hum dia na igreja de S. Domingos de Côchim com grande espirito, como costuma ua, do pulpito foy tirado acabando de prêgar, quasi morto, & no mesmo dia falleceo, com grandes mostras de santidade. Este glorioso Padre anda no Cathalogo, & Martyrologio dos santos desta sagrada Ordẽ.

¶ Foraõ mais a esta spirtual conquista o Padre Fr. Diogo d'Ornellas muy grande Religioso, & seruo de Deos, que foy dos primeiros doze, q̃ passaraõ à India.

Fr. Diogo d'Ornellas.

¶ O Padre Fr. Francisco de Robles Castelhana, varaõ muy perfeito em virtudes, letras, & pulpito.

Fr. Francisco de Robles.

¶ O Padre Fr. Ioão de Robredo, muyto bom prêgador, & letrado. O qual leo muitos annos Theologia em S. Domingos de Goa, & depois teue o grau de Presentado.

Fr. Ioão de Robredo.

¶ O Padre Fr. Sebastião de Vargas Presentado, grande prêgador, & letrado. O qual muitos annos leo em Goa Theologia, não somente no Conuento de S. Domingos, mas tambẽ no de S. Francisco aos Religiosos da dita casa. Os quaes neste tempo não tinhão inda Religiosos da sua Ordem naquelas partes, que lhe pudessẽ ler, como agora fazem muy doctamente.

Fr. Seb. de Vargas.

¶ O Padre Frey Esteuão da Assumpção Presentado, & bõ letrado. O qual leo tambem na India Theologia, & depois disso foy visitar as partes de Moçambique, ilhas de Quirimba, & a colta de Melinde, à pe

Fr. Esteuão da Assump.

tição

tição do Arçebispo de Goa, & dos Inquisidores, leuando os mesmos poderes, que pera isso lhe concederaõ. E nesta visita que fez emêdou muitos erros, & castigou muitas culpas com muita prudencia, & inteireza.

Fr. Ped. d'E uora ¶ O Padre Frey Pedro d'E uora, que tambem leo na India muitos annos Theologia, & fez nella muito bõs discipulos & doctos na mesma sciencia.

Fr. Diog. d' Aueiro. ¶ O Padre F. Diogo d'Aueiro varaõ tido por santo, & perfeito em virtudes.

Fr. Thomas do Spirito sancto. ¶ O Padre Fr. Thomas do Spiritofanto, tido em toda a India por santo, assi dos Religiosos, como do pouo. Pollo qual respeito os Viçereis da India do seu tẽpo estimauão muito sua amizade, & conselho. E assi todos os negocios de importancia communicauão cõ elle. Este Padre sendo Prior de S. Domingos de Goa, fez o Conuento de S. Domingos de Pangim com sua industria, & esmolas, que lhe fizeraõ, & merces do Viçerey D. Duarte de Meneses. No qual Conuento estiueraõ moradores trinta Religiosos algũs annos, & depois se veyo a derribar, & desmanchar por certas causas, que os Relligiosos pera isso tiuerãõ,

& em seu lugar fizeraõ na cidade de Goa o Collegio de S. Thomas, que tem o mesmo ordenado del Rey, & rendas, q̄ tinha Pangim. Este padre foy Deputado do S. Officio na India. Foy muyto grande Religioso, mui austerõ pera sua pessoa, & muy penitente.

¶ O Padre Fr. Thomas da Coua, varaõ muy perfeito em virtudes: o qual depois de ser Prior do Conuento de Chaul, estando em Mangalõr por Viçayro, falleceo, & essa mesma noite viraõ os Gentios ir sua alma ao ceo cõ grande resplendor, em companhia da Virgem nossa Senhora, & de muytos santos: & no dia seguinte diuulgaraõ estas nouas por toda a terra, com o que muitos delles se conuerteraõ.

¶ O Padre Fr. Luis de Meideiros, varaõ muy virtuoso: sendo Prior de Côchim fez crescer o trigo do celeyro, & orando diante de hum retauolo, elle se lhe veyo pòr nas mãos. Morreo em Côchim, sendo eleito em Prior de Goa.

¶ O Padre Frey Ioão Soares Religioso de muita virtude, foy morto pollos Gentios, do Sanguisel em cõpanhia de Dom Gileanes.

Fr. Thomas da Coua.

Fr. Luis de Meideiros.

Fr. Ioão Soares.

Fr. Simão
da Pieda
de.

¶ O Padre Fr. Simão da Piedade vindo em hum nauio de Cõchim pera Goa, foy tomado, & morto pollos Maluares Mouros inimigos de nossa Fè.

Fr. Pedro
irmão lei
go.

¶ O irmão Fr. Pedro leigo, foy morto em hũa batalha, q̃ os Mogores tiueraõ e Dâmão com os Portuguezes, indo em sua companhia com hũa Cruz levantada nas mãos.

Fr. Pedro
Vfusma.

¶ O padre Fr. Pedro Vfusmaris, vindo de Chaul pera Goa, foy morto pollos Maluares. ¶ Outros muitos Religiosos desta sagrada Ordem de muitas letras & virtude foraõ a esta spiritual conquista, os quaes aqui não aponto por abreuiar: mas fomite fallarey de vinte & quatro Religiosos q̃ deste Reino foraõ inuiados à Christandade de Solòr, & da Ethiopia Oriental, por eu tambem ir em sua companhia, & participar de seus trabalhos: & o que nesta viagem nos socedeo se pode ver pollo discurso da historia seguinte.

¶ CAPITULO XVII.

¶ De vinte e quatro Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que foraõ de Portugal offerecidos pera as Christandades de Solòr, & da Ethiopia Oriental.



A temos dito, como no annodo Senhor de 1585. viuõ da India cartas

1. p. cap. 1.
ol. 5.

do Bispo de Malaca Dom Ioão Gayo Ribeiro ao Cardinal Alberto, que entã gouernaua este Reino de Portugal, & ao Prouincial da Ordem dos Prêgadores deste Reino, em q̃ elles declaraua a grande Christandade que os padres da mesma Ordem faziaõ nas ilhas de Solòr, & Timòr, & do Ende, & do grande augmento, em q̃ a tinhaõ posto, & que não bastauã os que nesse ministerio andauã occupados; & assi se deixaua de fazer muita mais Christandade, por ser grande a sementeira, & poucos os obreiros, & não poderem acudir a tanto. Pollo que amoestaua, & pedia muito, fossem de Portugal padres da dita Ordem a socorrer esta necessidade.

Estas cartas por descuido que ouue em que as trouxe, se detiuerã atè dous dias antes do Natal, & entãõ se deraõ ao Cardinal, & ao nosso Padre Prouincial, que nesse tempo era o Padre Mestre Frey Hieronymo Correa. E vistas por elles, as mãdaraõ ler em Capitulo aos Religiosos do Conueto de S.

Domin

Domingos de Lisboa. Pollo q se offereceraõ logo cinco Pa-
dres pera se embarcar no Galeão Reis Magos, que estaua
pera partir pera Malaca o dia seguinte, q era vespora de Na-
tal. Estes cinco Padres eraõ, o P. Mestre Fr. Thomas de Bri-
to, muy douto, que a ctualmente estaua lendo Theologia em
S. Domingos de Lisboa. O Padre Presentado Fr. Francisco
de Matos muy habil, que juntamente estaua lendo Artes no
mesmo Conuento: O P. Frey Luis de Brito. O Padre Frey
Francisco da Cunha. E o Padre Frey Gaspar Teixeira, to-
dos letrados, & Prêgadores de muitas partes, & grandes espe-
ranças. Dos quaes hia por Presidente o Padre M. F. Thomas
de Brito, com muitos fauores, & priuilegios do Cardeal. Em-
barcados pois no dito Galeão (de que era capitaõ Ioão Gago
d'Andrade, piloto Andre Lopez, & Mestre Antonio Cor-
rea) não puderão partir da Barra de Lisboa senão vespora de
Reys do Anno de 1586. A qual viagem foy muy traba-
lhosa, & padeceraõ nella muitos infortunios, assi dos tem-
pos contrarios, como por via de ladrões Ingreses, com duas

naos dos quaes pellejaraõ, & tiueraõ taõ cruel briga, q abal-
roando o Galeão com as naos vieraõ à espada, & pellejaraõ
obra de duas horas, auendo feridos, & mortos de parte a par-
te; & vendo os ladrões a pouca esperança que tinhão de leuar
a melhor dos nossos, defa ferraõ o Galeão, & se fizeraõ nou-
tra volta, & os do Galeão foraõ continuando sua viagem:
& a cabo de seis meses chegaraõ a Moçambique, por causa
dos ventos contrarios que tiueraõ.

¶ Depois de partidos estes cinco Religiosos, foraõ leua-
das estas cartas do Bispo de Malaca pollos nossos Conuen-
tos desta Prouincia de Portugal, & lidas aos Religiosos del-
la. E logo se offereceraõ pera esta noua empresa muitos, par-
ticularmente no Collegio de Coimbra, donde sayraõ algũs
Collegiaes de grande habili-
dade, & vieraõ a Lisboa pera se embarcarem nas naos, que se auiauaõ pera ir à India, co-
mo de feito embarcaraõ deza-
noue por todos, em cõpanhia do Padre Frey Hieronymo de
S. Thomas, que nesse anno foy pera a India por Vigayro gê-
ral da Congregaçaõ dos Frades

Fr. Tho-
mas de aFr. Fran-
cisco de
Matos.Fr. Luis
de Brito.
F. Fracif-
co da Cu-
nha.
F. Gasp.
Teixey-
ra.

des Prêgadores. Estes Reli-
giosos se repartirão em duas
naos, q̄ eraõ a nao Reliquias,
& a nao S. Thome Capitaina,
na qual hia por capitaõ môr
Dom Hieronymo Coutinho,
piloto Alvaro de Villasboas,
& Mestre Antonio Negraõ.
Nesta nao se embarcarã com
o padre Vigayro gêral 13. Reli-
giosos, s. O P. Presentado F.
João da Piedade, que agora he
Bispo da China. O padre Fr.
Hieronymo de S. Domingos,
o qual depois de estar na India
treze annos foy eleyto é Vigay-
ro gêral da Congregação da
mesma Ordem. O P. Fr. Do-
mîgos da Visitação, Religioso
muy virtuoso, & docto, o qual
leo Artes tanto que chegou â
India, & depois Theologia. O
Padre Fr. Serafino de Christo.
O padre Fr. Cosmo Carreira.
O padre Fr. João Lopez. O pa-
dre Fr. João de S. Paulo Fra-
mengo de nação. O Padre Fr.
João Fraulsto. O padre F. Dio-
go. O padre Fr. Pantaleão da
Sylua. O irmão Fr. Domingos
leigo. E eu, a quem coube tam-
bem a sorte de acópanhar nes-
ta viagem tão virtuosos, &
graues Religiosos, & fiz este
Roteyro pera lembrança das
muytas & grandes merces, que

Deos nos fez em tão larga pe-
regrinação. Em a nao Reli-
quias se embarcarã os padres
Fr. Domingos Gomez, Frey
Francisco da Sylua, Fr. Diogo
Barreira, Fr. Hieronymo Lo-
pez, Fr. Miguel dos Anjos, &
o irmão Fr. Antonio de S. Ior-
ge leigo.

¶ CAPITULO XVIII.

¶ Do que nos aconteceu na viagem de
Portugal, até o Cabo de
Boa Esperança.



Artimos da barra
de Lisboa aos tre-
ze d' Abril de 1585.
Vindo nesta frota cin-
co naos, s. a nao Capitaina S.
Thome, a nao Caranjã, a nao
S. Philippe, a nao Salvador, &
a nao Reliquias. Aos dous di-
as de viagem chegamos a hũa
paragem do mar, a que os ma-
reâtes chamaõ Val das Egoas,
onde achamos grandes vêtos,
& mares empolados, & por el-
les fomos nauegando cinco
dias. E aos vinte de Abril che-
gamos â ilha da madeira: & do
Portosanto veyo hum batel de
pescadores â nossa nao, q̄ nos
deraõ algum pescado, & leua-
rãõ pera terra algũs soldados
enjoados, q̄ alli quiserãõ ficar.

Aos

¶ Aos dez diãs de Mayo chegamos à Linha Equinoccial: onde tiuemos muytas calmarias, trouoadas, & chuueiros, q̄ nos tratarão muito mal, & nos romperão as velas da çeuadey ra por duas vezes. Outra vez nos deu hũa grande trouoada de noite, que nos leuou a vela grande da gaueá. E cõ esta trouoada se apartarão todas as naos, q̄ atè então tinhaõ vindo juntas, & cada hũa foy pera feu cabo: de modo q̄ quando veyo polla manhã nenhũa vio a outra, nẽ se ajuntarão; senão em Moçambique. Finalmête a cabo de oyto dias q̄ alli andamos muy enfadados, entrou o vento gèral, cõ que passamos a Linha do Norte pera o Sul, aos 18. dias do mes de Mayo. E nesta paragê se nos corrõperão os mais dos mâtimêtos.

¶ Aos tres dias de Junho vimos hũa ilha deserta em altura de 23. graos da bãda do Sul, de ferras muy altas, & muy cheas de aruoredos. Teria mais de hũa legoa de cõprido, & meya de largo. Por jũto da qual passamos hũa manhã sê ser conhecida do piloto, nẽ dos marinheiros. Passada esta ilha, tiuemos alguns dias de calmaria, & no fim delles hũ grande temporal

de ventos furiosos; cõ que fomos nauegando polla bolina escaça cõ muyto trabalho. E foy o tempo tanto, q̄ nos quebrou a verga do masto grande polló meyo, & rompeo a vela grande em pedaços. Mas quis Deos q̄ não pirigassemos é outra cousa mais, & tudo se cõcer tou passada a tormenta: & fomos outra vez continuando nossa viagem.

¶ Chegamos ao cabo de Boa Esperança (que esta em 34. graos, & meyo da banda do Sul) o primeiro dia de Julho, onde nos acalmou o vèto. O mesmo dia à tarde, & toda aquella noyte, & parte do dia seguinte pescarão os marinheiros, & tomaraõ infinidade de Pescadas, Ruyuos, Cações, & outro peixe de diuersas castas: com que aliuiamos muyta parte das fomes, enfadamentos, & trabalhos do mar.

¶ No dia seguinte atarde nos entrou bõ vento em popa, com que fomos nauegando pera Moçambique com muyto aluoroço, & alegria.

¶ CAPITULO XIX:
¶ Do Corpo santo, que vimos, & de mais, que nos soccedeo atè Moçambique.

Depois

Cabo de Boa Esperança.

Chegamos à Linha.

Ilha deserta.



Depois q̄ passamos o Cabo, como ficado, fomos nauégado com bõ tempo tres ou quatro dias, até chegarmos a hũa paragem, a que os mareâtes chamão Terra do Natal (q̄ começa em 32. graos, & acaba em 34. da banda do Sul) onde nos veyo hũa grande tormenta em poppa, com a qual (amainadas todas as velas, & semente com a vela de correr cingida no castello de proa) fomos nauégando quasi sempre allagados com os mares, que entrauão na nao: & era o vêtoto, que andaua a nao sô cõ esta vela que disse, setenta, & oitenta legoas cada sangradura, que he cada 24. horas.

¶ A segunda noite da tormenta (que foy aos 9. dias de Julho) estando nôs bem atribulados, & quasi desconfiados da saluação, a horas de meya noite pouco mais, ou menos, nos appareceo o Corpo santo em a verga do masto grande, em figura de hũa faísca de fogo muito clara, & resplandecente, & d'alli à vista de todos se foy pôr sobre o masto da mezena, onde o saluou o piloto da nao, da cadeyra, em que estaua governando, dizendo: Salue Cor

po santo, Salue: Boa viagem, Boa viagem. E toda a mais gente da nao, que presente estaua, respondeo da mesma maneira: Boa viagem, Boa viagem, com muitas lagrimas de alegria. Neste lugar esteue esta luz resplandecête hum grande espaço de tẽpo, & dalli desappareceo à vista de todos.

¶ Os mareantes desta carreira tem pera si com grande fê, que esta luz que lhe apparece nas tormẽtas, he S. Pero Gonçalves Telmo, natural de Palencia cidade de Castella velha, Religioso que foy da Ordẽ de S. Domingos, pollo qual ordinariamente chamão, quando se vem opprimidos das tempestades, & o nomeaõ ou por S. Pero Gonçalvez, ou por S. Telmo, ou por Corpo santo, & muytas vezes lhe apparece nesta figura de luz muy resplandecente, & então se tem por seguros, & ordinariamente se abrandão cõ sua vinda as tormentas, & tempestades, como nos aconteceo nesta viagem, & por isso lhe tem todos muyta deuação, posto que não falte quẽ tenha pera si, que esta luz, que apparece nestes tempos, he natural, causada das exhalaçõs que se leuantaõ; o que

Corpo
santo.

os mareantes não consentem, porque também dizem, que no mesmo lugar, onde esta luz apparece, acharão algúas vezes cera verde, como que cayra de algúã vela de cera, que alli ardera. E na vida deste santo se conta, que algúas vezes appareceo aos mareantes visiuelmẽte, quando chamauão por elle nas tormentas, & os liurou dos perigos do mar.

¶ No tẽpo que esta luz nos appareceo, vi hum soldado, q̃ presumia de prudente, & esforçado, estar pôsto de joelhos na nao diante della, batendo nos peitos, & dizendo com muitas lagrimas; Adorouos meu Sñor S. Pero Gonçaluez, vos me saluay neste perigo por vossa misericordia: repetindo isto muitas vezes. Eu, & outro Padre, que junto d'elle estauamos, lhe dissemos, q̃ aquella adoração sò a Deos se fazia, & se deuia, & não aos santos, por tanto q̃ orasse d'outra maneira. Ao que elle respondeo com outro mayor despropósito, dizẽdo: Meu Deos será agora quẽ deste perigo me tirar. Entãõ o deixamos em sua porfia. O qual o dia seguinte, ja fora da tormenta; veyo ter com cadahum de nòs pedindo perdão, & segredo no

que tinha dito, & feito a noite d'antes, confessando estar destinado, com o temor da morte; & conhecia ter errado, como ignorante.

¶ Com a vista do Corpo santo cobramos todos muito esforço, & confiança de nossa saluação. O que fomos logo claramente conhecendo; porque o tempo foy abrandando, & as ondas mingoando, pollo que demos muitas graças a Deos. E logo se largaraõ todas as velas, & fomos continuando nossa viagem algũs dias com muito bom tempo. Mas antes que chegassemos à Ilha de S. Lourenço, em altura de 29. graos da banda do Sul, deunos hum grande vento polla proa contrario a nosso caminho, com o qual (amaynadas todas as velas) andamos ao payro sete dias bem enfadados, tanto que ja determinauamos ir por fora da ilha, & deixar Moçambique. Mas esse mesmo dia, que se determinou esta derrota, nos socorreo Deos com sua custumã da misericordia, dandonos outra vez o vento prospero, com que fomos fazendo nossa viagem pera Moçambique. Aos 27. dias de Julho chegamos aos Baixos da Iudia (que estão em

22. grãos da banda do Sul) pol
 los quais passamos de noyte,
 segundo depois disse o piloto.
 ¶ Aos 10. dias d'Agosto tiue-
 mos vista da terra firme, & das
 ilhas de Angoxa (que estão 30.
 legoas de Moçambique) onde
 encontramos a Galeão de Ma-
 laca, q̄ tinha partido de Portu-
 gal tres meses diante de nos, e
 que hião os cinco Padres de S.
 Domingos (de q̄ ja fallei) pera
 a Christãdade de Solòr: os qua-
 es tinhaõ saydo de Moçambi-
 que o dia d'antes, onde estiu-
 raõ algũs dias refazendose do
 cãsaço, & e fadametos do mar,
 & tomaraõ refresco, & agoa ne-
 cessaria pera dalli atè Malaca.
 E porq̄ correm muito as agoas
 naquella paragem, & o vento
 lhe faltou, tornaraõ atras estas
 30. legoas q̄ sã de Moçãbiq̄ atè
 Angoxa, õde os topamos: mas
 tornãdolhe bõ vèto foraõ cõti-
 nuãdo sua viagẽ atè chegarẽ a
 saluameto à fortaleza de Mala-
 ca; & dalli se tornaraõ a ebar-
 car pera as ilhas de Solòr, &
 Timòr: aõde chegaraõ depois
 de passarẽ muitos cõtraftes, &
 perigos na viagẽ. Nestas ilhas
 estiueraõ, & fizeraõ muitos ser-
 uiços a Deos no augmento da
 Christandade, & cõuersaõ da
 Gentilidade, q̄ nellas moraua.

¶ Depois que perdemos de
 vista este Galeão de Malaca, ao
 outro dia q̄ forão 13. de Agos-
 to, chegamos a Moçambique,
 onde achamos ja a nao Caran-
 jã, & a nao Reliquias da nossa
 companhia, que tinhão alli che-
 gado auia dous dias. E aos 14.
 logo depois de nos chegou a
 nao Saluador tambem da nossa
 companhia.

¶ CAPITULO XX.

¶ Da gente que se saluou da perdi-
 ção da nao Santiago, que achã-
 mos em Moçambique.



¶ QVI nesta fortalez-
 za de Moçãbique
 achamos a gẽte da
 nao Santiago, que
 se tinha perdido a 19. d'Agos-
 to do anno atras de 1585. nos
 Bayxos da Iudia, a qual se sal-
 uouno esquife, batel, & jã gadas
 da maneira seguinte. Os pri-
 meiros (q̄ foraõ Fernão de Mẽ-
 donça Capitão da mesma nao,
 & o mestre della cõ mais 17.
 homẽs) lancarão mão do esqui-
 fe da nao em que se ebarcarão,
 & nelle se sairão dos bayxos
 aos 20. d'Agollo, leuãdo por
 masto hũ remo, por verga hũ
 pique, & por vela hũ lençol. E
 o esquife fazia tanta agoa, q̄
 a nao

Em An-
 goxa ui-
 mos Ga-
 leão de
 Malaca

a não podiaõ vêcer a dous bal des. O mantimento que comiaõ cada dia, era hũa talhada de marmelada; & meyo quarti lho de vinho. E desta maneyra nauagaraõ oito dias, padecendo muita fome, & de, frios denoite, & calmas de dia, que os affauaõ. No fim dos quaes vieraõ dar â costa em terra de Cafres, entre o rio de Quilimã ne, & o rio de Linde, onde foraõ logo despídos, roubados, & espancados pollos Cafres da terra. E dalli vieraõ ter a Quilimãne com muyto trabalho, & descãfaraõ algũs dias em casa de hũs Cafres Christaõs, escrauos de hum Francisco Brochado Portugues, que moraua nestes Rios, & d'alli se foraõ pollo rio acima, atè chegarem ao forte de Sena, onde foraõ bem agasalhados, assi do capitaõ da fortaleza, como dos Portugueses, que nella moraõ.

Os segũ dos se sal uaraõ no batel.

¶ Os segundos se saluãraõ no batel grande da nao, em que entraraõ mais de cincoenta homens, hum dos quaes era o Padre Frey Thomas Pinto da Ordem de S. Domingos, que hia de Portugal por Inquisidor da India, com seu compãheyro o Padre Frey Adriaõ

de S. Hieronymõ. E assi mais o Padre Pero Martins da Companhia de Iesu, com cinco compãheiros seus, & o Piloto da mesma nao, que governaua o batel. Estes (depois que o esquife se fayo dos bayxos) lançaraõ maõ do batel, que à nao deitou fora depois que abriu, & concertado, se embarcaraõ nelle, ficando toda aoutra multidãõ de gẽte sobre os bayxos, esperando que acabasse de encher a marê, pera se affogareõ, como affogaraõ: onde ouue casos muy lastimosos. Os mesmos ouue tambem no batel, do qual por estar muyto carregado de gente, foy necessario deytar algũa ao mar, como fizeraõ a muytos, que logo se affogaraõ à vista do mesmo batel: caso certo muy lastimoso, & triste spectaculo. Depois disto foraõ naugando por cima dos bayxos, pollo fundo dos quaes hiã vendo muyto coral branco, verde, roxo, & vermelho: o qual de branco se hia fazendo verde, & de verde roxo, & de roxo vermelho: com sa mui fermosa, & deleitosa pera a vista, mas não d'aquelles, que em tanta variedade de fermosas cores, estauãõ tambem vêdo a negra, & escura morte.

Coral de diversas cores.

H Destes

Destes bayxos se partirão a 21 d'Agosto com pouco mantimēto, & menos agoa pera beber, o que tudo se daua por estreita regra, que era hũa sò mão chea de biscoyto; & menos de meyo quartilho de vinho agoado, a cada pessoa cada dia. E desta maneira forão passando oyto dias: no fim dos quaes derão à costa entre o rio de Loranga, & o de Quizungo. Onde saindo na praya, fora dos trabalhos do mar começarão de sentir os da terra: porque no mesmo dia forão salteados pollos Cafres, despídos, & roubados, & algũs delles feridos, como foy o Padre Fr. Thomas Pinto, a quem derão duas azagayadas. E finalmente todos forão presos, & catiuos. No qual catiueiro estiueraõ 15 dias padecendo muyto grandes fomes: porque não comião mais, que farellos de milho, & cascas de Patecas, que são como as nossas Balancias. E assim mais padecerão grandissimos frios denoite, & calmas de dia por estarem todos nus. Acabo de quinze dias forão resgatados por via dos Mouros do rio de Loranga, que tinham commercio com os Portugueses de Cuiama que dalli estava perto, pe-

Forão catiuos por los Cafres.

ra onde foraõ depois de resgatados.

¶ Os terceiros se saluaraõ em hũa jangada, que fizeraõ sobre os bayxos da madeira da nao, & de tauoas de caxões. Na qual se meteraõ dezaseis pessoas, em que entrava o Sotapiloto, que a governaua, & depois de embarcados, partirão dos bayxos a 22. d'Agosto & foraõ nauegando sempre cõ agoa polla cinta dētro na mesma jangada, sem poderem repouzar, nem dormir, nem sòmēte encostar a cabeça, porque não tinhaõ onde, pois toda a jangada hia cuberta d'agoa, & destamaneyra andaraõ no mar treze dias. Leuauaõ taõ pouco mantimento, que não se daua mais a cada pessoa, que hũa pera em conserua cada dia, ou hũa talhada de marmelada, & menos de meyo quartilho de vinho agoado de agoa salgada. E deste pouco comer, & maõ beber, & de não dormirem, morreraõ algũs com os canos da garganta pegados. Outros se lançaraõ ao mar tresuallados, sem lhe poderem valer. E os que ficaraõ na jangada (que foraõ oyto) tambem meyos tresuallados chegaraõ a terra acabo de treze dias.

Os terceiros se saluaraõ em hũa jangada

Os quaes sairão na praya entre o rio de Linde, & o rio de Cuama a velha. Onde logo forão despídos d'esses molhados fatos, com que sayrão, & roubados pollos Cafres: posto que em pago disso lhe derão esse dia hūs poucos de feijões cozidos em agoa tal, & agoa pera beberem a fartar, que foy a mayor paga, que em tal tempo lhe podião dar. Neste lugar estiuerão oito dias padecendo grandes fomes, porque os Cafres lhe não dauão a comer mais, que os farellos do milho, & esses ainda por grande regra. E assim mais padecerão grandissimos frios por estarem todos nūs, & dormirem sobre a terra nua. Acabo de oito dias forão resgatados por Francisco Brochado, que estava no rio de Luabo. Este os agasalhou, & teue em sua caza o tempo, que alli estiuerão, até se ajuntarem com os outros companheiros da mesma perdição, que estauão no forte de Sena. Daqui se tornarão todos a embarcar pera a fortaleza de Moçambique, onde os achamos contando estas, & outras muytas lastimas. Desta fortaleza se foraõ pera a India nas nossas naos, que então tinham che-

gado de Portugal.

¶ CAPITULO XXI

Do mais successo, que tiuerão todas as naos desta nossa frota.



ESTAS quatro naos S. Thome, Salvador, Caraja, & Reliquias estiuerão em Moçambique oito dias, fazendo sua agoada, & tomando o refresco necessario. No fim dos quaes (q̄ foy a 22. d'Agosto) partiraõ todas pera a India: aonde chegarão a saluamento. Depois d'ellas partidas, d'ahi a quinze dias, chegou a esta ilha a nao S. Philippe, tãbem da nossa companhia. A qual tanto que entrou neste porto, & soube da partida das outras naos, tomou logo o refresco necessario, & partio se pera a India. Mas d'ahi a oito dias tornou a arribar a esta mesma ilha com ventos contrarios, que lhe venturão âtes de passar o Cabo Delgado, & nella inuernou, por serem já acabados os ventos do Sul, a que nesta costa chamão Monção do Ponente, com que se nauega de Moçambique pera a India. Mas logo nõ

Successo da nao S. Philippe

Março seguinte de 1587. partio d'este porto pera a India, e onde chegou a saluamento. E da India tornou a partir pera Portugal no anno de 1588. E fazêdo sua derrota costumada, chegou ao Cabo de Boa Esperança: onde achou ventos contrarios, & tormentas muyto grandes, com que andou ali algũs dias quasi perdida sem nũqua poder dobrar o cabo de Boa Esperança, pelloqual respeito tornou arribar outra vez a Moçãbique, onde inuernou. E d'ahi partio pera Portugal em Novembro do dito anno. Mas antes que chegasse ao Reyno, foi saltreada, cõbatida, & tomada pollo Draque Cossayro Ingres; o qual andaua cõ hũa armada de cinco, ou seis naos Ingresas, salteando, & roubando as embarcações, que achaua pollo mar. Esta nao S. Philippe foy a primeira d'esta carreira, que os Ingreses tomaraõ.

¶ De todas estas cinco naos da nossa frota, nenhũa tornou a Portugal, mais q̃ a nao capitaina S. Thome, em que nõs fomos pera a India. A qual chegou ao Reyno muyto prospera, & muyto rica, & sem perigo algum.

¶ A nao Caranjã ficou d'ef

ta vez na India, por ser já muyto velha, & não estar pera poder tornar a fazer viagem taõ comprida.

¶ A nao Saluador partio de Cochim carregada pera Portugal. Mas depois de estar perto de trezentas legoas da India fez tanta agoa, que tornou a arribar: & não podêdo tomar a India foy demandar o estreito da Persia, & entrando por elle dentro, foy ter à fortaleza de Ormuz: onde foy descarregada de toda a fazenda que leuaua, por não estar pera fazer viagem.

¶ A nao Reliquias estando na barra de Cochim carregada pera tornar pera Portugal, em largando as velas, se virou cõ as velas, & mastos pera baixo, & se foy ao fundo defronte do mesmo porto de Cochim, sem se saluar d'ella mais que a gête quasi toda: à qual accudirão logo as embarcações, que estauão ao redor da nao, quando deu vela. A perdição desta nao dizem q̃ foy causada assi pollo pouco lastro q̃ tinha, como por ter as cubertas de bayxo carregadas de Canella, & de outras mercadorias leues, & as de cima de caxaria, & fardos de roupa, & anil, q̃ são fazendas muyto pezadas, & por esse respey-

Perdição
da nao
Reliquias

to virou com o grande pezo que tinha e cima, & se perdeu. Este foy o successo das naos desta nossa viagem.

¶ CAPITULO. XXII.

¶ Do successo, que tiverão os Padres, que forão à India nesta frota.



TANTO, q os Religiosos desta nossa cõpanhia chegarão à India, logo o Padre Vigairo Gêral os começou de repartir, & occupar no ministerio da Christandade pera effectuarem o intento, a que foraõ de Portugal, que era pregar o Euangelho, & conuerter os infieis. Pollo que mandou algũs delles pera as ilhas de Solõr, & Timõr: õde fizeraõ muito fruito nas almas, conuertendo, & baptizando muytos Gêrãos, & fazendo outros muytos seruiços a Deos.

¶ Outros mandou pera os fortes de Sena, & Tete, que estaõ nos rios de Cuama: onde auia muytos annos q estauão Padres da mesma Ordem cultuando esta Christandade. Pera a igreja de Sena foy a P. Fr. Hieronymo Lopes. O qual fez naquella terra hũa fermosa i-

greja, porque a velhã estaua ja muito dãnificada. E depois disto foy a Tete fazer outra a peção de seus moradores. E em Sena fez muytos Christãos, & se occupou em outros seruiços de Deos tres annos & meyo q nella residio por Vigairo.

¶ Pera a igreja de Tete foy o P. Fr. Ioão Frausto; onde esteu outros tres annos, & meyo. E neste tempo fez tambẽ grande copia de Christãos, & foy algũas vezes dẽtro ao Reyno do Manamotapa a cõfessar, & sacramentar os Christãos, que por aquelle Reyno andão espalhados, & occupados em suas mercançias, assim Portugueses, & Mistiços, como dos naturaes da terra.

¶ Outros mandou pera as ilhas de Quiriba. Entre os quaes foy o P. Frey Pantaleão da Sylua grande Religioso, & seruo de Deos. O qual nas ditas ilhas fez muytos Christãos, & outros seruiços a Deos, & cõ sua vida muy austerã, & penitente mostrou bem ser verdadeyro filho de S. Domingos.

¶ Outros Religiosos mandou ler Artes, & Theologia no Collegio que estaõ tinhamos em Pangim, que forão o Padre Presentado Frey Io-

Fr. Ioão Frausto foy a Tete.

Fr. Pãta leão da Sylua foy a Quiriba.

Fr. Hierõ nimo Lopes foy a Sena.

ão da Piedade, & o Padre Fr. Domingos da Visitação. Dos mais Religiosos mandou hũs pera a Christandade de Solôr, & outros diuidio pollos Conuentos da India: onde prẽgavaõ, confessauão, & ensinauão com muyta charidade, & zelo da saluação das almas. Hum destes foy o Padre Fr. Ioão Lopez: o qual assim como era honesto, & limpo em sua alma, assim tambem no exterior tinha hũa fermosura acompanhada de muyta modestia, & grauidade, com que catiuaua os corações daquelles, que o uião, & tratauão. Estando este Padre morador no Conuẽto de Goa, hũa mulher se affeiçoou a elle demasiadamẽte, & determinou de lhe fallar, & manifestar a affeição, que lhe tinha, como fez na igreja, fingindo que se queria confessar. Mas o Padre se deuuiou d'ella d'alli pordiante, & nõqua mais lhe quis fallar, entendendo sua danada tenção. Vendo ella, q̃ lhe nõ podiadoutra maneira fallar, fingio se doente, & deitou se em cama, & mandou ao Cõuento de S. Domingos pedir nomeadamente o Padre. Fr. Ioão Lopez dizendo que era seu confessor, & queria tratar com elle cou-

fas de sua consciẽcia, porque estaua muyto mal. Pollas quaes rezões mandou o Prior ao dito Padre, que a fosse confessar. O qual indo com seu cõpanheiro, sê saber pera onde o chamauão, guiado por hnm homem, que o foy buscar, chegou â caza da mulher: & sobindo ambos por hũa escada, achãrão outra mulher na caza dianteira, que os recebeo, & leuou o Padre Fr. Ioão pera dentro de hũa camara, onde estaua a fingida doente. E deyxandoo dentro, tornouse pera fora a fallar com o companheiro. Tanto que o Padre Fr. Ioão ficou cõ a doente tratou de aquerer cõfessar. Mas a diabolica mulher lhe desuiuou logo esse proposito, & começou descobrir seu danado intento, conuidandoo pera sua deshonestidade. Vendose elle salteado, & affrontado do cazo nõ esperado, começou logo de a reprender, & juntamente se foy levantando pera se sair pera fora. O que ella nõ sofrendo, se levantou muyto depressa, & afferrou d' elle pera o ter. Porem elle se despedio de suas mãos, & fugio pera a camara defora, como outro casto Ioseph, ficandolhe o

Cazo, q̃
a conte-
ceo 20^o.
Fr. Ioão
Lopez.

da mulher, que lho tirou da ca-
beça, pera assi o obrigar a não
se poder ir: mas elle assi sem
capello se sayo da camara, & se
deceo logo pollas escadas a-
bayxo, & sem elle se vinha pe-
ra casa, porq̃ antes queria per-
der o vestido do corpo, que a
honestidade, & castidade, com
que trazia vestida sua alma. Po-
rem antes que sayffe polla por-
ta da rua, lhe lançaraõ de cima
da escada o capello, que elle
pos outra vez na cabeça. E tor-
nandose pera S. Domingos, pe-
dio muyto ao cõpanheiro não
descubrisse o caso, por não in-
famar aquellas mulheres, que
pareciã honradas. Vendose
esta mulher frustrada de seus
deshonestos intentos, determi-
nou vingarse do Padre, con-
uertendo toda a affeição, que
lhe tinha, em odio mortal. Pol-
lo que ordenou hum pouco de
doçe, em que deitou peçonha,
& buscou modo com que se des-
se ao Padre per outra via bem
differente, & sem sospeita. E af-

si lhe foy dado: & depois que
comeo d'elle, dahi a oito dias
morreo todo cheyo de pintas
pretas: & logo se soube a cau-
sa de sua morte, porque a mes-
ma mulher a descubrio a ou-
tras q̃ a disseraõ, & o cõpanhei-
ro entã cõtou o successo todo
sobre o qual os Padres não qui-
seraõ bollir, por ser o caso cri-
me, & taõ graue. E assi morreo
o P. Fr. Ioão Lopez innocente-
mente polla guarda da casti-
dade, como verdadeiro Reli-
gioso, que era.

¶ Pera a fortaleza de Sofalã
me mandou o nosso P. Vigay-
ro gêral, na qual estaua ja o P.
F. Ioão Madeira da mesma Or-
dem, Religioso velho, & hon-
rado, pera estarmos ambos no
ministerio desta Christandade,
& nos consolarmos, & ajudar-
mos hũ ao outro em terras taõ
distantes, & remotas da India:

E o que nellas nos soccedeo
tratarey no seguin-
te liuro.

H 4

¶ FIM DO SEGUNDO LIVRO.



LIVRO TER CEIRO, DE VARIA HIS TORIA, E CHRISTANDADE DA ETHIOPIA

Oriental, & de muytos casos que nella nos soccederaõ; & da
perdição de algũas naos da India, que fizeraõ naufrã
gio nesta Costa, & de outras cousas nota
ueis desta Região.

¶ CAP. PRIMEIRO,
¶ *Da primeira viagem que fiz de Mo
çambique pera a fortaleza
de Sofala.*



M Moçambi
que me deixou
a obediencia,
pera dahi pas
sar à Chritan
dade de Sofa
la, que são cento, & sessenta le
goas de viagem. E depois dene
goceadas todas ascousas, q̃ nos
eraõ necessarias pera a dita
Christãdade, partmos o primei
ro de Nouembro de 1586. com
muito bom tempo, & com elle
fomos nauegãdo atè horas de
vespora. E chegamos aos bay
xos de Muginquãle (que sam
quinze legoas de Moçãbique)
sobre os quaes estiuemos per
didos por culpa do Piloto, tem
algũa etperança de saluação.
Eitando nõs neste perigo, já
todos despídos esperãdo nossa

perdição, quis nõsso Sñor q̃ ve
yo hũ grande mar, & levantou
a embarcação (a que nesta cos
ta chamão Pangayo) & a tirou
decima dos bayxos, onde se es
taua desfazendo com panca
das, & a lançou dentro em hũs
canaes, que estão entre aquel
les bayxos; por õde fomos sain
do sem tocar em outrobayxo al
gum dos muytos, que auia por
diante. Finalmẽte o dia seguin
te fomos tomar o porto das
ilhas de Angoxa: onde se con
certou o Pangayo, que vinha
aberto, sem leme, quebrado,
& quasi allagado com muyta
perda da fazenda, que dentro
estãua.

¶ Estas ilhas de Angoxa
sãõ sete, ou oito pequenas, hũas
de legoa, & outras de meya, &
menos: as quaes estão trinta le
goas de Moçãbique. Tres del
las samente sãõ pouoadas de
Mouros pobres, & mesquinhos

Ilhas de
Angoxa

Os quaes são grãdes officiaes de teçer esteiras de palha muyto fina, brâcas, & de cores muyto fermosas, que seruem nos estrados das molheres nobres, & tambem pera dormirem nellas no tempo das calmas, que nestas terras são muyto ordinarias, & muyto grandes: & fazem muytos chapeos de palha fina de que vzão muyto os Portugueses nestas partes. Entre estas ilhas deu à costa, & se perdeu a nao N. Senhora do Castello, mas agente quasi toda se saluou, & muyta parte da fazêda da nao.

¶ Destas ilhas nos partimos depois do Pangayo concertado, que foy d'ahi a quinze dias. Mas o segundo dia de viagem nos foy forçado entrar no rio de Quilimãne por cauza de hũa trouoadada, que nos sobreu do Sueste, o qual he trauessaõ nesta costa; & na barra deste rio estiuemos quasi perdidos, porque o negro Piloto errou a barra de modo, que fomos entrando por cima de todos os bayxos mais de hũa legoa, todos allagados com as grandes ondas, que auia. Mas quis Deos, que não perigassemos, & assim entramos dentro sem tocar em bayxo algum.

¶ Na barra deste rio se perdeu a nao S. Luis o anno de 1582. Aqual indo de Portugal pera a India amanheceo hum dia defronte deste rio em tão pouca agoa, que foy necessario cortarlhe os mastos, porque o vento, cõ que alli foy, era do mar, & não podia com elle tornar por detras, nem fugir dos baixos, que auia por diãte. Mas nem isso baltou pera que deixasse de dar à costa, & quebrar as amarras de duas anchoras, que tinha lançado ao mar. Finalmente dando nos baixos se fez em muytos pedaços, & alli se affogarão muytas pessoas, & outras se saluaraõ no batel, & no esquife da mesma nao, que foraõ ter a terra: onde em desembarcando, forão roubadas pollos Cafres de quãto saluaraõ, & daqui se forão pollo rio acima, até o forte de Sena.

¶ Nesta barra estiuemos oito dias: no fim dos quaes partimos pera o rio de Luãbo, onde auiamos de deyxar algũas fazêdas, que leuaua o nosso Pangayo. Mas antes, que chegassemos a este rio, nos deu hum vento contrario do Sul, muyto grande, com que entramos no rio de Cuama a velha, que està çinco legoas de Luãbo,

Perdição
da nao S.
Luis.

Ilha de
Luâbo.

bo, & alli dormimos hũa noite. E no dia seguinte fomos pera o rio de Luâbo por dentro de hum esteiro, que deuide a terra firme da ilha de Luâbo, a qual he de cinco legoas de largo, & outras tantas pouco mais, ou menos de comprido, & por causa desta ilha chamão Rio de Luâbo a este braço, que he o principal dos Rios de Cuama. Neste rio estiuemos cinco dias, & nelles se descarregarão as fazendas, que alli auião de ficar : & depois disso nos partimos pera Sofala, onde chegamos a saluamento aos cinco de Dezembro do dito anno. Na qual fortaleza fuy recebido com muito aluoroço, assim do Padre Fr. Ioão Madeira meu compañeyro, como do Capitão da fortaleza, que então era Garcia de Melo, Fidalgo nobre, & honrado, cunhado do Alferes môr de Portugal Dom Iorge de Menezes, que então era Capitão de Moçambique.

¶ CAPIT. SEGVNDO:

¶ De algũas viagens, que fiz por este mar de Sofala em seruiço da sua Christandade, & dos perigos que nel las tinue.



NDANDO eu nesta Christandade de Sofala; muytas vezes me foy necessario passar a hũa ilha chamada Inhãçato (que esta da outra bãda do rio) por respeito dos Christãos, que nella morauão, hũas vezes a confessallos, & sacramentallos quando estauão doentes, outras a dizerlhe Missa: & na passagem do rio, que he muito perigoso, & largo, me vi perdido algũas vezes com tempos contrarios, & trouoadas, que me soccederão. E particularmente hũa vez tornando da ilha pera Sofala, vindo no meyo do rio, a horas de sol posto se armou hũa grande cerração, & subita trouoadade vento, & chuua, cõ q̃ totalmente me vi perdido: pollo q̃ mandei logo remar pera a terra que apparecia mais perto, & foy entre huns matos, onde chegando com muito trabalho saymos na praya, deyxando o batel nella todo allagado: & dalli à fortaleza de Sofala era hũa legoa sem caminho, por entre matos, onde auia muitos ribeiros, q̃ todos hião cheyos de agoa, nos quais nos vimos muito mais perdidos, pollo escuro

curo ser muyto grande, & não vemos por onde caminhauamos. Finalmente chegámos à fortaleza junto da meya noite feridos nos pés, & mãos, & rosto, do mato, emfopados em agoa, & muy maltratados. Do qual trabalho se me causou hũa grauissima infirmitade de quartãs, q̄ me duraraõ seis mefes.

¶ Aos cinco dias de Nouẽbro do anno de 1588. dous homes honrados cazados em Sofala, & eu fomos a hũa ilha deserta, que esta no rio de Bango sete legoas de Sofala, pera la estarmos algũs dias cortando madeira (que na dita ilha ha muy fermosa) pera emadeirarmos a Igreja Matriz, que estaua pera cair. Partindo nõs hũa madrugada com o terreno, antes que sayffe o Sol se leuantou hũa das mayores tormentas, que tenho visto: mas quis Deos, que a furia d'ella nos tomou ja perto da ilha: porem durou tres dias, & tres noites. O qual tempo todo estiuemos na dita ilha oito pessoas sem comer, & sem beber, porque outra embarcação que nos auia de leuar as camas, & o mantimento necessario pera todo o tempo, que la auiamos de estar não se attreueo a partir de So-

fala, nem o tempo lhe deu lugar pera isso, senão passados os tres dias. No fim dos quaes chegou à dita ilha, õde nos achou ja muy desfallecidos, assim da fome, & sede, como do mau tratamento dos ventos furiosos, que tinhão ventado, & do desabrigo da ilha porque a mayor parte della era allagadiça, & quando enchia a marè, estauamos sobre as aruores, assi de dia, como de noyte, atè tornar a vazar. E o que mais nos atormentaua, eraõ infinitos mosquitos, q̄ nos comiaõ os olhos, se lhe poder fugir, nẽ resistir. E deste mau tratamento adoeceamos todos depois: & foy grãde merçe de Deos, naõ durar mais o tempo, porq̄ se durara dous dias mais, todos alli acabaramos: mas como hiamos em seruiço de Deos, & do seu templo, ouue misericordia de nõs, & tornou bom tempo, cõ que trouxemos a madeira necessaria, & concertamos a igreja muy perfeitamente.

¶ No anno seguinte me foy necessario ir a Moçambique a certos negocios importantes à Christandade de Sofala. Pollo q̄ me ébarquey é hũ pangayo. E sayndo polla barra, estiuemos perdidos, porq̄ achamos

Viagem perigosa que tiuemos.

nella

Fome, & sede grãde q̄ passamos.

nella tão grandes mares, que nos quebrou a vergado malto com os grandes balanços, que a embarcação daua, & se rompeo a vela em pedaços; & por outra parte as ondas nos leuauão aos bayxos, aos quaes se chegamos, sem falta nos perderamos. Mas quis Deos que a marê vazaua, & foy leuando a embarcação pera o mar fora dos bayxos, onde ficou mais quieta, & os mares derão lugar pera se tornar a côcertar a verga, & vela, com que tornamos outra vez a nauegar leuando bom tempo, & vento. Mas o segundo dia nos deu hũa tormenta do Sueste com muytos trouões, fuzijs, & chuua grossa a horas de meya noite muy triste, & medonha, em que nos vimos tão perdidos que fomos é busca da terra pera darmos á costa, & saluarmos quando muyto nossas vidas. Pelloque nauagando toda a mais noite até as dez horas da manhã, chegamos à vista della, & fomos lhe pondo a proa, indo todos ja despídos, postos em feição de nadar, tanto que o nauio tocou se em terra. E juntamente uinhamos rezando as Ladainhas & pedido misericordia a Deos. A qual elle ouue com nosco,

porque chegando à terrã, vimos hum riacho pequeno, chamado Inhagea, onde entramos sem perigo algum, & nelle estiuemos algús dias, esperando bom tempo pera seguir nossa viagem: mas não a fizemos, por serem ja acabados os Ponentes & entrados os Leuantes, q̄ são os dous ventos, que cursaõ ordinariamente nesta costa: pelo que nos tornamos d'alli pera Sofala acabo de hum mez de viagem.

¶ Muytas vezes caminhey em seruiço da Christandade de Sofala pollos matos de que a fortaleza està toda çercada, onde ha muytos Elefantes, Bufaras brauas, & outros bichos: dos quaes muytas vezes encôtrei algús a cazo, & polla misericordia de Deos nunca me fizeraõ mal algum, & assim me liurou sempre dos perigos do mar, & da terra: pello que lhe dou muytas graças. Apontey aqui estes cazos pera que se veja a quantos perigos andão os nossos Religiosos offerecidos nestas partes pollo augmento desta Christandade.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ *Da gente, que se saluou da perdição da nao S. Thome, & veyo ter a Sofala, onde estauamos.*



Stando eu nesta fortaleza de Sofala, veyo aqui ter agente, que se saluou da perdição da nao S. Thome: aqual se perdeu da maneira seguinte. Esta nao (de que era Capitão Esteuão da Veiga) partio de Cochim pera Portugal no anno do Senhor de 1588. & fazendo sua derrota costumada chegou perto do cabo de Boa Esperança: onde achou muytas tormentas, & mares grossos, com que trabalhou tanto, que abriu polla roda da proa, por onde fazia tanta agoa, que a não puderão vencer com muytas bombas. Polloque forão arribando pera Moçambique: mas foy crescendo a agoa em tanta quantidade, que antes q̄ passassem a terra do Natal, a nao se encheo quasi até a cuberta deçima. O q̄ vêdo o Capitão mandou deytar logo o Esquife ao mar com guardas, que o defendessem à espada da gente que a elle se quisesse acolher: & posto debayxo da varanda, embarcouse nelle quem o Capitão quiz polla mesma varanda, lançandose por cordas a bayxo: étre os quaes se embarcou Dom Paulo de lima com

sua molher Dona Britis, & Dona Maria, molher de Goterre de Monroy. Embarcouse mais Dona Ioanna Fidalga viuua, aqual se offereceo a esta tão trabalhosa viagem, por trazer a Portugal hũa sô filha que tinha minina de oito annos, pera se recolher com ella em hũ Mosteiro de Freyras, & acabar o restante de sua vida em seruiço de Deos. Mas a perdição desta nao atalhou seus sanctos intentos, porque alli lhe ficou sua filha, a qual diante de seus olhos vio affogar rodeada de suas escrauas, que com ella ficarão na dita nao, sem lhe poder valer, pedindo muytas vezes aos do esquife lha quisesse ir buscar, o que nenhum quis fazer, antes a reprendião por suas importunações. Polloque a lastimosa mãy perdendo a esperança da saluação da filha, a pranteou como morta, estando inda viuua. Embarcarãose tambem neste esquife dous Religiosos hum de S. Domingos, chamado Fr. Nicolao do Rosario o qual despois foy afeteado pollos Cafres Zimbas, como ficadito, & o outro Capucho de S. Francisco chamado Fr. Antonio Irmão Leigo, & outros muytos homes da nao,

dos

dos quaes se encheo o esquife de tal maneira, que não eltava pera nauegar. E logo a nao se acabou de encher de agoa, & se foy ao fundo com quanta gente tinha dentro, ficando algũa della hum pouco espaço sobre a agoa, bracejando, & pellejando com a morte, até que de todo se affogou. Depois que os do esquife ficarão sòs sem a companhia da sua na, opuserão se a feição de nauegar, & vendo o Capitão a muyta gente que tinha o esquife, & q̄ corria muyto risco chegar a terra sem se alagar, mandou lançar ao mar muytos homês, pera assim descarregar o esquife: os quaes logo à vista de todos se affogarão

¶ Outros muytos casos lastimosos acontecerão neste naufragio, assim no esquife, como na nao, que deyxo pera que escreuer esta perdição mais de proposito. Finalmête os que ficarão no esquife forão nauegando algũs dias, até q̄ chegarão à terra firme, chamada Terra dos Fumos, que he junto da terra do Natal: onde lançarão dous homês na praya, pera q̄ fossem descobrir o campo, & trazer nouas do que achauão. Os quaes forão, & tendo andado obra de hum quarto de le

goa, derão com hũa aldeia de Cafres bem inclinados, & mauiosos, muy differentes de outros que por esta terra morão. Estes tanto que virão os Portugueses, espantandose muyto de os verem brancos (coufa q̄ elles até então não tinham visto) chamaraõ lhe filhos do Sol, & como a taes lhe fizeraõ muyto gafalhado, & lhe deraõ de comer, & beber. Vendo os nòs os tão boa gente, ficarão muyto contentes, & deraõ lhe a entender por azenos como elles se tinham perdido no mar, & que tinham seus companheiros na praya, & que lhe leuasssem vacas, & mantimento, porque tudo lhe comprarião muyto bem. Polloque vierão algũs Cafres com elles até a praya, onde ficou o esquife: mas não o acharão, nem vista delle por todo o mar, com que ficaraõ muyto tristes. E o caso foy, que depois destes dous homês se meterem polla terra dentro, tornou a ventar o vento em popa muyto boa pera nauegar: polloq̄ não quizerão os do esquife esperar por elles, nem perder taõ boa occasião, & tornaraõ a dar vela, & foraõ correndo a costa pera os Rios de Lourêço Marques.

¶ Vêdose os pobres homês
sem

sem o esquife, disserão aos Cafres, que tinham vindo com elles, como seus companheiros se forão, & os deyxarão, & que querião ir embusca delles por aquella praya adiante. Os Cafres mostrarão pezar, & sentimento de os ver perdidos, & disserãolhe, porque erão elles paruos, que se metião no mar, que era doudo, & sempre andaua agastado, & que andassem polla terra, como elles fazião, que nunca se perderião. Aqui se despediraõ hũs dos outros, & os dous Portugueses foraõ caminhando toda aquella tarde polla praya bem tristes, até que chegaraõ ao dito esquife, que estaua amaynado junto da terra por causa do vento, que lhe tornou a faltar: com cuja vista ficaraõ muycontentes, & tornaraõse a embarcar nelle carregados de ambar, q̃ a charaõ por aquellas prayas desertas. Deste lugar tornarão o se guinte dia a dar vela, & foraõ correndo a costa até a ilha do Inhaqua: & toda a gēte desembarcou a saluamento na dita ilha:

¶ CAPIT. QVARTO.

Do mais que soccedeo a esta gente da nao S. Thome.



TANTO quē esta gente da perdição da nao S. Thome desembarcou nesta ilha do Inhaqua, puzeraõ logo fogo ao esquife, porque o não furtassē de noite algũs da mesma companhia, & se fossen nelle pera Sofala, deixando os mais na ilha. O qual feito não foy muy acertado, porque depois tiueraõ muyta necessidade do esquife pera passarem à terra firme, porquanto a ilha era depouoada, & não auia nella que comer, nem agoa pera beber, & ficaraõ alli muy arriscados à morte com fome, & sede: mas quis Deos, que os Cafres da terra firme vierão à ilha em duas embarcações pequenas a ver o que nella estaua, por terem visto a noite dantes os fogos que os Portugueses fizeram, & nestas pequenas embarcações passaraõ todos à terra firme poucos, & poucos com muyto trabalho, & muy arriscados aos mares grandes, que ha nesta trauesla, aqual em partes he de quatro, & cinco legoas.

¶ Desembarcados na terra firme, forão caminhando por ella, até chegarem ao lugar do Inhaqua Rey da mesma terra, grande amigo dos Portugueses.

Queima
rão o es-
quife.

ses. O qual os agasalhou benignamête, & lhe mandou dar os mantimentos necessarios, a huns por prata, aljofar, & peças que saluaraõ da nao, a outros fiados, até vir o nauio de Moçambique, que vem cada anno àquelle porto a fazer o resgate do marfim. Nesta terra estiueraõ todos os perdidos muytos dias, até que algũs determinaraõ sayrse della, & caminhar por terra até Sofala. Os que cõmeterão este caminho forão Esteuão da Veyga capitão da nao, & doze companheyros mais, em que entraua Gaspar Ferreyra sotapiloto da mesma nao, & Antonio Gomez Cacho, hum dos deus que sayraõ em terra de Cafres. Todos estes se puserão a caminho, & vierão por terra até Sofala, que são mais de oitêta legoas de terra aspera, & trabalhosa de caminhar, pouoada de muytas nações de Cafres malísimos, & mal inclinados. No qual caminho padecerão muytos trabalhos, fomes, & sedes. E depois que chegarão a Sofala, a primeira couza que fizerão foy irem todos juntos à nossa igreja de nossa Senhora do Rosario: onde se lançaraõ por terra, beijando a muytas vezes, cõ

muytas lagrimas, & sóspiros) nacidos do contentamento q̄ tinhão de se verem em terra de Christãos, fora de tantos perigos, como tinhão passado no mar, & na terra: pollo que dauão muytas graças a Deos, & à Virgem nossa Senhora. O Padre meu companheiro, & eu os recebemos com charidade, & agasalhamos algũs delles em nossa casa, & os mais aposentamos pollas casas dos moradores de Sofala, que a nosso rogo os recolherão todos com muyta charidade, & os vestirão, curarão, & sustentarão em quanto alli estiueraõ, até se embarcarem pera Moçambique.

¶ Depois que tiemos estes agasalhados, dahi a poucos dias chegarão outros da mesma perdição: entre os quaes vinhão os dous Religiosos de S. Domingos, & de S. Francisco, & a todos recebemos, da mesma maneyra que aos primeyros. A mais gente da perdição, que se não atreueo cõmeter este caminho, ficouse nas terras do Inhaqua, esperando pollo nauio, que de Moçambique auia de ir ao resgate de marfim. E neste tempo, que alli estiueraõ padecerão muytas necessidades, fomes, & doenças, de que

morreraõ muitos, entre os qua
es falleceo tambem D. Paulo
de Lima capitãõ muy esforça
do, & venturoso em muitas ba
talhas, que teue com os Mou
ros na India: dos quaes sempre
alcançou vitorias no mar, &
na terra, particularmête aquel
la tão gloriosa, q̄ teue pellejan
do com o Rey de Iòr inimigo,
& maõ vizinho de Malaca, on
de lhe desbaratou, & pos por
terra sua rica cidade, destruindo
quanto nella auia a ferro,
& a fogo, com grande valor, &
esforço, como no seguinte ca
pitulo contarey. Este capitão
acabou aqui seus dias em ter
ra de Cafres de sua infirmida
de, causada de muitos desgost
tos, fomes, & trabalhos, em que
se via, sintindo muito ver se cõ
sua molher em terras taõ estra
nhas, & desemparradas do re
medio necessario. O qual desê
paro chegou à tanto, q̄ até a se
pultura pera seu corpo lhe ne
garaõ os Cafres da terra, não
querendo q̄ o enterrassem nel
la, tendo por agouro enterrarê
se nas suas terras gêtes estran
geiras. Pollo qual respeito foi
enterrado pollos Portugueses,
q̄ alli se acharaõ da mesma per
dição de noite secretamête en
tre hũs canaueaes, onde não

fosse vista terra cauada de fres
co, nê final de sua coua. Aqui
esteue esta gente arê q̄ em Mo
çâbique se soube de sua perdi
ção, q̄ foy dahi a hum anno, nõ
fim do qual foi la ter hũ nauio
que os trouxe pera Moçambi
que, donde se tornaraõ embar
car pera a India.

¶ CAPIT. QUINTO:

*¶ Do que soccedeo a Dom Paulo de
Lima partindo de Goa pera Malaca,
por capitão mór de hũa gros*

sa armada.



A que no capítulo
passado falley nes
te valeroso capitão
Dom Paulo de Li
ma, & navitoria, que alcançou
do Rey de Iòr, pareceome não
seria pouco agradauel relatar
àqui breuemête o successo des
ta guerra, q̄ foy logo no seguin
te anno, que eu cheguey a esta
costa de Sofala, pera q̄ se veja,
quam pouca rezão tem os ho
mês de confiar nas prosperida
des deste mundo.

¶ O Rey de Iòr, & o da ilha
de Samatra fazião grande, &
cõtina guerra a Malaca, pôdo
lhe algũas vezes cerco, & rou
bando os nauios, & naos dos
mercadores desta costa, q̄ trata
uaõ cõ Malaca, de modo, que
os Portugueses della padecião

I muytas

muitas affrontas, & apertos, & particularmente do Rey de Iòr, em cujo porto se recolhião as armadas dos ladrões, & dali sayão a fazer assaltos. Pollo qual respeito ordenou o Viceroy D. Duarte de Meneses hũa grossa armada, & fez della capitão General a Dõ Paulo de Lima, pera que fosse socorrer Malaca, & tomar vingança dos maos vizinhos que tinha. Concertadas depressa todas as cousas necessarias pera esta viagem, partio D. Paulo de Goa com a dita armada no mes de Junho, do anno do Senhor de 1587. & fazendo sua derrota pera Malaca, chegou às ilhas de Nicobâr (que estão perto da ponta da ilha de Samâtra) onde teue tantas calmarias, q̄ lhe foy forçado, polla muita sede que auia em toda a armada, mândar Simão d'Abreu de Mello com duas Galês, & noue Galeotas tomar terra, & buscar agoa o mais perto, que se pudesse achar. O qual foy, & des embarcou na ilha de Samâtra, dezafete legoas da cidade, em que residia o Dache Rey da mesma ilha, & tomou agoa cõtra o poder de mil & quinhentos Mouros, q̄ sayraõ a lha defender cõ dezafete elefâtes de

pelleja. E depois de tomar agoa se tornou a recolher, & a embarcar, sem danno algum. E daqui se foy ao longo da costa do Dache, saindo algũas vezes em terra, & fazêdo muyto danno aos inimigos. E indo asy corrédo a costa, encontrou cõ hũa armada do Dache, q̄ vinha de Iòr, & pellejando com ella, lhe tomou onze embarcações, & matou, & catiuou muitos Daches: entre os quaes tomou dous capitães, & o Embayxador del Rey de Iòr, que hião fazer gente ao Reino do Dache, metendolhe no fundo a Capitaina, em q̄ leuauão o dinheiro pera a paga da gête. Desta maneira chegou a Maiaca, onde foy recebido cõ muyto aluorço de todos. E logo o auiarão pera ir embusca de D. Antonio de Noronha, que andaua na costa de Malaca por capitão mór, pera o que lhe deraõ mais dezoito nauios, a que chamão Bâtins.

¶ Simão d'Abreu se partio de Malaca com duas Galês, noue Galeotas, & dezoito Bâtins, & com todo o necessario de mantimentos, & petrechos de guerra, & regimêto que fosse embusca de Dom Antonio de Noronha, que andaua no

Estreito

Victoria
q̄ Simão
d'Abreu
alcãçou
dos Daches.

Estreito de Sincapura, & trazia côfigo dous galeões, & duas fustas, & algũs båtins. Partido Simão d'Abreu, foy dar em Muâr (que està cinco legoas de Malaca) onde queimou meya pouoação: & dalli se foy ter cõ D. Antonio, o qual achou na Romania tres legoas de Iõr, onde se saluaraõ cõ toda a arte lharia, & festejaraõ dambas as partes. Simão d'Abreu se foy ter cõ D. Antonio, & lhe disse como D. Paulo de Lima vinha de Goa por General de toda a armada: & logo affentaraõ, que se fossem pera Iõr, como fizeram. Onde tanto q̄ chegaraõ, appareceo hũa armada do inimigo, q̄ lhe sayo ao encontro: a qual os nossos remeteraõ cõ grande animo, & pellejaraõ valerosamente com ella, queimando quatro Galês, & tomando duas, & a mais armada varou e terra de Iõr, & seguindo os nossos a vitoria, desbarcarão sobre os inimigos, & ouveraõse de maneira, q̄ lhe tomaraõ hũ balluarte, que estava hũ quarto de legoa da cidade, pouco mais, ou menos. No qual acharão dezaseis peças d'artelharia, & muyta fazenda, & tudo queimaraõ. Isto feyto, foram pellejando com os inimigos

atè as tranqueiras, metendo-se por entre elles com grande animo, até chegaré aos muros. Aqui neste passo chegou D. Antonio, & fez recolher Simão d'Abreu com a gente, dizendo-lhe, que o tinha muyto bem feito: & com a pelleja ser bem trauada, fomite quatro nossos ficaraõ mortos. E tomado o conselho do que farião, affentaraõ que não desembarcassem mais, & fomite inquietassem os Mouros de dia, & de noite, até chegar D. Paulo, & mandaraõ a Malaca hũ Bâtimo com nouas da vitoria q̄ ouveraõ.

¶ Tornando a D. Paulo de Lima (que tinha ficado nas calmarias entre as ilhas de Nicobâr) depois que teue melhor vento foy nauegando pera a costa de Malaca, & teue vista della, em sesenta legoas de Malaca, & daqui foraõ correndo a costa até chegarem á dita fortaleza, tendo passado na viagem muitas fomes, sedes, & trabalhos. Logo dahi a tres dias chegou o Bâtimo com as nouas da vitoria, q̄ D. Antonio, & Simão d'Abreu tiueraõ dos Mouros de Iõr: as quaes D. Paulo mandou festejar, & ao Bâtimo, que voltasse outra vez com cartas suas pera os capitães,

Parte D.
Paulo
pera lôr

significandolhe, que seria pres-
to com elles. Depois de orde-
nadas as cousas necessarias pe-
ra o intêto, que leuara de Goa,
partio de Malaca com cinco
galeões, & hũa nao da China,
& chegou a lôr aos dez d'Agos-
to, cõ cuja chegada ouue gran-
de alegria em toda a nossa ar-
mada, & grande jogo de arte-
lharia de parte a parte. Logo
os capitães vieraõ ter com D.
Paulo, & lhe deraõ informa-
ção do q̄ passaua na terra, & de
como os inimigos serião dez
mil homêes de pelleja bẽ apare-
lhados. Então lhes declarou
D. Paulo, como vinha determi-
nado combater a fortaleza, &
entralla cõ o fauor de Deos.
O q̄ foy approuado de todos,
& no cõselho & traça deste ne-
gocio gastaraõ aquella noite.
E logo no dia seguinte mãdou
o General confessar toda a gen-
te: o que todos fizeraõ cõ muy-
ta deuação. Isto feito, mandou
fondar de noite o fundo do rio
ao longo da fortaleza, onde os
galeões auião de surgir, & or-
denou a gente da maneyra se-
guinte.

Apare-
lhãse os
soldados
pera a
briga.

¶ CAPIT. SEXTO.

¶ Da gloriosa vitoria, que dom Pau-
lo de Lima alcançou do
Rey de lôr.



Ntes que alguem
desembarcasse or-
denou seus esqua-
drões, & compa-
nhias desta maneyra. A D. An-
tonio de Noronha deu a Van-
guarda. A D. Bernardo, & Mat-
theus Pereyra mandou que fol-
sem logo detras d'elle com sua
gente. E D. Paulo ficouse na
Retaguarda com a bandeyra
de nosso Senhor Iesu Christo.
E todos os mais Capitães, &
soldados postos em seus luga-
res, com suas bandeiras, & gui-
ões abordaraõ com os galeões
a fortaleza dia de nossa Senho-
ra d'Agosto, & o galeão de D.
Paulo abalroou com o mais pe-
rigoso balluarte, onde el Rey
tinha a mayor força de sua gen-
te, & desembarcou em terra cõ
quatrocentos & vinte Portu-
gueses, & algũs homêes da ter-
ra, todos muy bem aparelha-
dos, deyxando por Capitão
môr da frota Luys Martinz Pe-
reyra, com regimento do que
auia de fazer.

¶ Depois que todos foraõ
desembarcados, começaraõ lo-
go a marchar, fazendo seu ca-
minho pera a fortaleza: da
qual lhe sayraõ ao encontro
os inimigos com muyta furia,
& logo se começou a pelleja, &
brie

briga muy trauada. Dom Paulo com grande esforço disse: Auante, auante. E todos assim o fizerão, indo pellejando sem pre com grande esforço até chegarem às tranqueiras da cidade (lugar de grande perigo) onde cortarão com machados, & desfizerão hum pedaço da tranqueira de largura de tres braças. E por alli entrarão dentro com grande impeto, apezar dos inimigos, que defendião o passo fortemente. Depois que forão dentro, tiuerão tres encôtros grandes de muyto pezo, & multidão de inimigos, nos quaes os Portugueses fazião grande matança, & estrago. Andando a batalha accessa, vendo elRey o negocio mal parado, & sua pessoa em grãde aperto, sayose fora da briga por entre os Portugueses por força de armas, & fugio com algũs dos seus, que o seguirão. Ademais gente neste tempo, ja toda desanimada, não pretendia mais, que saluar a vida: pollo que algũs se lançarão ao mar cuidando escapar assim, onde se affogaram perto de oitocentos; tanto temião o ferro dos Portugueses. Dom Paulo em muytos encôtros pellejou muyt valerosamente, não sô mête como bom

Capitão, mas cõmo soldado dos mais esforçados, q̃ alli se acharão, acudindo a todas as partes necessarias, esforçando, & animando os soldados com palauras de Capitão generoso. Matheus Pereyra ganhou o forte, & o êtrou muyt valerosamente: ao qual Dõ Paulo mandou logo socorrer com mais gente, porq̃ lho não tornassem os inimigos a entrar. Durou abriga por espaço de tres horas: no fim do qual tempo se pos fogo a toda a cidade, que ficou despejada de inimigos, sem auer que lhe resistisse. Detiuerão se aqui seis dias, festejando a victoria, & dando sacco ao mais da cidade. Na qual se acharão mil, & quinhentos canos de espingarda, cõ as coronhas queimadas, & quatro mil mais, a q̃ não chegou o fogo, & nouecentas peças de artilharia de bronze. As quaes todas Dom Paulo mandou embarcar: o que se fez com muyto trabalho, porque auia algũas muyto grossas, como era hũa aguia, hum leão, & hum basilisco. Depois disto, mandou pôr fogo a mil, & cem embarcações do inimigo, que estauão no porto: entre as quaes entrãõ Galês, & Fustas. Nesta batalha se acharão

Sacço q̃ se deu a cidade.

Esforço dos Portugueses nesta batalha.

Fugida de elRey de Ior.

Temor dos inimigos.

doſ Religioſos de S. Domin-
gos, que foraõ na meſma ar-
mada de Malaca, ſ. o Padre
Fr. Luis de Brito, & o P. Frey
Nicolao do Roſario, que ſe a-
chou neſta perdição da nao S.
Thome, de q̄ falley atras, dos
quaes ambos collegi eſta rela-
ção.

Descrip-
ção daci-
dade de
Iòr.

¶ Eſta cidade de Iòr era cer-
cada em hũas partes de pedra,
com ſeus balluartes muy for-
tes, em outras de madeira
muy groſſa, com entulho de
terra tão forte, que nenhũa pe-
ça d'artelharia ò podia paſſar,
por groſſa, & furioſa que foſſe.
A cidade ſeria do tamanho das
mayores fortalezas, q̄ ha na In-
dia. El Rey de Iòr fugio pera
Pam (que he na coſta da China
contra a coſta de Malaca) on-
de o não quiferaõ recolher cõ
medo dos Portugueſes: pollo q̄
voltou a Bintaõ, q̄ ſaõ as ilhas
de Linga, de q̄ era Rey hũ ſeu
sobrinho. Sabendo iſto Dom
Paulo, mandou logo là parte
da armada, & queimaraõ, & af-
ſolaraõ o lugar, onde ſe reco-
lheu, fugindo elle cõ os mais
da terra, ſem auer reſiſtência pe-
ra os noſſos. Morreraõ neſta
guerra de Iòr cincoenta & cin-
co Portugueſes: nos quaes en-
traraõ D. Bernardo de Mene-

Gente q̄
morreo
neſta ba-
talha.

ſes, & D. Manoel d'Almada: &
outros muitos foraõ feridos;
entre os quaes foy o P. Fr. Ni-
colao do Roſario, a que deraõ
hũa eſpingardada na cabeça,
de q̄ eſteue à morte. E dos ini-
migos morreo grãdiſſimo nu-
mero, q̄ ſe não pode cõtar. Cõ
eſta vitoria ſe partio D. Paulo
pera Malaca, onde foy recebi-
do cõ pallio, & tantas feſtas,
quantas tão glorioſa vitoria
merecia. E depois de quietas
todas as couſas de Malaca, ſe
tornou pera Goa cõ muyta hõ-
ra. E logo no anno ſeguinte ſe
embarcou pera Portugal cõ to-
da ſua caſa: na qual viagem ſe
perdeo, & morreo tão miſera-
uelmente, como fica dito. No
que a inconstante fortuna moſ-
trou claramente ſua variedade
& pouca firmeza, que tem nos
bês, & glorias, que promete,
pois tão facilmente deſanda
com ſua roda de males, ſobre
os meſmos que leuãta cõ prof-
peridades.

¶ CAPIT. SETIMO.

¶ De hũa Miſquita, que os Mouros
de Sofala fixeraõ a outro Mou-
ro rico, onde o veneraõ co-
mo ſanto, a qual en-
queimey.

DEFRONTE da fortaleza de Sofala está hũa ilha da outra banda do rio chamada Inhançato, como já disse. Desta ilha foy senhor antigamente hum Mouro chamado Mwynhe Mafamede, o qual era muyto rico, & muyto amigo dos Portugueses moradores de Sofala, tanto que muytas vezes comia, & bebia com elles em suas casas todos os comeres, inda que leuassẽ porco (couza muyto prohibida na sua ley) & particularmente era muyto amigo de lacão, & de chouriços de carne de porco, & muyto mais de vinho, que tambem he prohibido na mesma ley. De modo que zombava da sua lei em estas, & outras muytas cousas: & dizia, que Mafamede não defendera o vinho, nem a carne de porco aos Mouros: pera proua do qual contava hũa historia (que eu já ouui neste Reyno muytas vezes) em desprezo de Mafamede, dizendo, que antes de Mafamede ser rico, & honrado, fora primeyro regatão de vinhos, os quaes andaua vendêdo pelos campos aos lauradores, & que hum dia leuando hum jumento carregado de vinhos,

layo do mato hum porco bravo, & atrauessando o caminho, por onde elle passaua com muita furia, o jumêto se espantou, & indo fugindo, com o medo deu com a carga do vinho no chão, & rōpendose as vazilhas entornou o vinho, & que neste passo dissera Mafamede mal de sua vida, & que não beberia mais vinho, nem comeria porco, & que isso dissera Mafamede do porco que fugio, & do vinho que alli se entornou, & não do vinho, & porco que agora auia.

¶ A este Mouro depois que morreo, fizeraõ os Mouros de Sofala hũa Misquita na sua ilha de Inhançato, dentro na qual tinhaõ sua sepultura em grande veneração, & respeito; fomite porque fora Mouro honrado, & rico: as quaes partes achauão estes Mouros barros serem muy sufficientes pera o terem, & honrarem por santo, não tendo elle de Mouro mais que o nome: & tinhão lhe toda a sua Misquita armada cõ pannos pintados, & as pedras de sua sepultura vntadas de sádalo cheiroso, & ao redor della muitos brazeiros, em que deitauã incêso pera perfumar a Misquita, & porcima da coua

Zôbaria
que hũ
Mouro
fazia de
Mafamede.

estaua muyto arroz, & milho derramado, q̄ os Mouros lhe deitauão, pedindolhe com esta offerta prosperas nouidades. De frôte da porta da Misquita estaua hũ meyo masto metido no chão com muytos pregos, onde todos os marinheyros Mouros (antes que fizessẽm algũa viagem) pendurauão pedaços de remos, roldanas, ou algũa corda de sua embarcação, pera que o Mouro lhe desse boa viagem. De maneyra que lhe fazião petições, & rezauão como a santo.

¶ Sabendo eu isto, desejava summamente ver esta Misquita, pera lhe fazer as honras que merecia. O que veyo a effeito, indo hũ dia a folgar à dita ilha com o dono della (que então era hum Portugues nobre, & hõrado, chamado Pero Lobo) porque depois de estarmos na ilha chamey dous moços nossos secretamente, & outro moço do dito Pero Lobo, q̄ sabia onde estaua a Misquita, & disse-lhe que me leuassẽm a ella, porq̄ desejava muyto de a ver. Os quaes me leuaraõ por dentro da ilha obra de hum quarto de legoa atè a dita Misquita, que estaua em hum grande terreiro, cercado de muytos, &

espeffos matõs. E depois de a olhar muito bem, pus-lhe o fogo com hum murraõ de espingarda, que mandei leuar aceso a hum dos nossos moços, não lhe dizendo pera que era, porq̄ se lho differa, ou elles imaginãõ o que eu queria fazer, nenhum delles fora comigo a isso, porque temem muito fazer algum mal aos defuntos, quanto mais àquelle, que os Mouros tinhão por santo. Mas tanto que lhe pus o fogo, a Misquita (que era de madeyra, & cuberta de palha, como saõ todas as casas de Sofala) ardeo com quantos pannos tinha armados dentro, sem ficar cousa algũa por queimar. E foy o fogo tão forte, que acodiraõ a elle os mais dos Mouros da ilha, & vêdo a Misquita queimada, & posta por terra, & feyta hũa braza viua (que bem representaua o fogo em que Mafamede ardia) ficaraõ todos espantados, & magoados, & bem quizerãõ tomar vingança de mim, se lho não impedira o medo, q̄ tem dos Portugueses, & a veneração, & respeito que tem aos nossos Religiosos: mas hũs, & outros me rogarãõ mil pragas entre si, & me agouraraõ mil males, & castigos da mão de

Arde a Misquita de Mafamede.

Mafamede.

Mafamede, polla descortesia, que tinha feyto á sua sepultura. Isto dizião não sò os Mouros, mastambê algũs dos Christãos da terra, tédome por atreuido, & o menos que me esperauão era morrer por isso muyto cedo.

¶ Soccedeo dahi a algũs dias que tiue hum corrimento em hum olho, & vindo isto á noticia dos Mouros, fizeraõ grandes festas, dizendo que ja Mafamede me começaua castigar, & que me auia de quebrar os olhos. Mas quis Deos, a quem eu seruia, dar-me perfeita saude, ficando os Mouros frustrados de suas esperanças. Contey esta historia, pera que se veja o pouco fundamento, que to dos estes Mouros tem na veneração de seus santos, pois tem aos maos por justos, como tinhão a este Mouro, q̃ o não foi mais que no nome (como ja disse) somente por ser rico, & honrado em sua vida.

¶ CAPITULO. VIII.

¶ Da Christandade que fizemos nas terras de Sofala, & de como nos saymos della, & fomos aos rios de Cuama, & de algũas cousas notauéis, que vimos neste caminho.



Stiuemos nesta fortaleza de Sofala o Padre Fr. Ioão Madeira, & eu quatro annos, & logo no primeiro anno reparamos as igrejas daquella terra, que mais parecião Misquitas de Mouros mal concertadas, que igrejas de Christãos, & fizemos duas hermidas de nouo, hũa de nossa Senhora do Rosario nas cazas em que morauamos, & outra da inuocação da Madre de Deos fora da pouoação em hum palmar nosso, que he a melhor laida q̃ tem Sofala. E a hermida he de muyta romagem, & deuacão. As quaes Igrejas tinhamos muyto limpas, curiosas, & bem ornadas de vestimentas, & do mais neçessario pera o culto diuino. E fizemos muyto por a crecentar, & conseruar a Christandade nestas terras: a qual polla bondade, & misericordia de Deos, foy em muyto crescimento, afsi entre os Gentios, como entre os Mouros, conuertendose muytos á nossa santa fê, afsi por nossas pregações, como pollas procissões, & officios diuinos que nos vião fazer: no q̃ trabalhauamos de continuo por ser a gēte destas ter-

rās muyto bābarā , & trabalhosa de conuerter, & trazer ao conhecimento de seus erros. Dos quaes o Padre Frey Ioão Madeira baptizou mais de mil pessoas, & eu baptizey seiscentas, & nouenta, & quatro.

¶ No fim destes quatro annos que estiuemos no ministerio desta Christandade (q̄ foy até Julho de 1590.) tiuemos recado da India do nosso Padre Vigairo Geral, que tornassemos pera Moçambique, onde rinharnos outras cousas de muyta importancia, & seruiço de Deos, a que a codir. O que sentirão muyto os moradores de Sofala, pollo desemparo, em que ficauão sem Religiosos de S. Domingos. Mas foy forçado cumprir a obediencia que tinhamos. Pellaqual rezão entregamos ao Vigairo da terra as nossas igrejas com todos seus ornamentos, pedindolhe muyto as conseruasse, & tratasse com alimpeza, & cuydado, com que as nòs tinhamos orna das, até tornarempera ellas outros Religiosos da nossa Ordē. E logo nos determinamos partir pera Moçambique, mas por quanto o nauio em que nòs auiamos de ir, ficou metido no rio de Luābo sem poder che-

gar a Sofala, por causa dos ventos contrarios, que teue, nos foy forçado ir por terra ebusca d'elle, pera nos embarcarmos, & irmos a Moçambique.

¶ Posta nossa ida em conclusão, partimos aos 13. de Julho por terras de Cafres, com duas guias, que nos guiassē até os Rios de Cuama, que são trinta legoas de caminhos asperros, & trabalhosos, & os mais d'elles despouoados de gente, & cheyos de matos, & aruore dos syluestres, òde ha muytos elefantes, tygres, onças, leoēs, bufaros brauos, & outros muytos bichos, & feros animaes: dos quaes vimos muytos de longe, & encontramos algūs, que nos puserão em muyto sobressalto, & perigo. Mas nenhū ousou a nos cōmeter, porq̄ leuauamos em nossa companhia 14. escrauos de algūs nossos amigos de Sofala, que nollos eprestarão, pera este caminho; os quaes hião todos armados de arcos, frechas, & azagayas.

¶ Todas estas terras são do Reyno do Quiteue snōr do rio de Sofala nosso amigo. Pollo qual respeito ē todos os lugares, onde chegauamos, pouoados de Cafres, logo o Capitão do lugar (a q̄ chamāo Encosse)

Partimos de Sofala pera Luābo.

nōs agāzalhauá, & fazia muita festa, sabendo que eramos os Padres de Sofala, a quem elles chamão Cacizes, & nos mandaua hū presente de galinhas, inhames, & massa de milho, q̄ he o seu comer ordinario, & juntamente mandaua ajuntar todos os musicos da terra cō seus tambores, & outros instrumentos á nosa porta, onde fazia hūa musica tão desconcertada, & cō vozes tão dissonantes, que nos atroauão; & desta maneira tangião, cantauão, & baylauão toda a noite, de modo, q̄ a festa que faziaō nos era muy penosa: mas não ousauamos dizerlhe que se callassem; por se não agrauarē. E quando vinha a manhã, dauamos a estes musicos hūa maõ chea de contas a cadahum, que valeria dez rs (couza muyto estimada entre elles) & ao Encosse dauamos hum panno, que valeria quatro vintens. E cō isto ficuaō todos muy satisfeitos, & contentes. E desta maneira fomos passando por todos os lugares pouoados, até chegar ao rio de Tendancūlo.

Aues no
 Sturnas.

¶ Depois que passamos estes Cafres, entrando ja em outras terras, que saō do Manamotapa, dormimos hūa noyte

em hūs matos desertos; onde ouuimos muita parte da noite grandissimos apupos de hūas vozes muy grandes, & temerosas, como vozes de homem, do modo que enxotão os passaros do trigo. Com as quaes vozes & brados ficamos muy atemorizados, parendonos q̄ erão Cafres ladrões, q̄ vinhaō em nosso alcance, pera nos matar, & roubar. Pollo que não ousauamos fallar hūs com os outros, por não sermos ouvidos, nem sentidos; antes nos dexauamos estar sobre as aruores, onde ja estauamos sobidos por causa das feras, & bichos, que ha por aquelles matos. E desta maneyra estiueamos até amanhecer vigiando, bem atribulados. Evindo a manhã (que pera nos foi de muita alegria) tornamos a cōtinuar nosso caminho, sem vermos pessoa algũa. E no primeyro lugar de Cafres, a que chegamos, cōtamos o que nos tinha soccedido: & os Cafres nos disserão, que aquillo que gritaua de noite, eraō aues muyto grandes, mayores que gallos, as quaes de dia estauão escondidas, & sômēte de noite voauão, & andauão caçado outras aues pera comerem, & que por isso lhe

apu

apupauão, pera que espantadas de suas vozes saysem das montas, & aruores, onde estauão dormindo: & tanto que sayão logo erão caçadas, & comidas. Isto mesmo nos certificou Francisco Brochado, de que ja faley. atras, que estaua no Rio de Luãbo, doze legoas d'aquella paragem, onde achamos estas aues.

CAPITULO IX.

De hum animal marinho, que a chamamos neste caminho, & de hums passaros muyto grandes, & do mais, que nelle nos soccedeo.



TANTO que passamos o rio de Tendanculo, indo caminhando pollas praias ao longo do mar Oceano (terras do Manamotapa) achamos hum animal morto, com muytas feridas de frechas, & a zagayas: o qual tinhão morto o dia dantes os Cafres daquelle terra, andando pescando na entrada do rio em hũs bayxos, que estão ao longo da praya, onde dizião que viera ter o animal, como desatinado, & alli nos bayxos se embaraçara de modo, que em vez de nadar pera o mar, foy varando pera

terra, onde o matarão, estando meyo em seco. Este animal era cuberto de cabello cinzento pollas costas, & branco poila barriga, como cabello de boy, mas muyto mais aspero: a cabeça, & boca era como de tigre, com grandissimos dentes: tinha bigodes brancos de comprimento de hum palmo, & tão grossos, como sedas, com que cozê os çapateiros. Teria mais de dez palmos de comprimento: era mais grosso, que hum grosso homem. Tinha hum rabo de hum palmo muyto grosso, & orelhas de cão, braços de homẽ pellados sem cabello algum, & nos cotouellos hũas barbata-nas grãdes como de peyx. Tinha junto ao rabo dous pès curtos, espalmados como pès de mono grande, & não tinha pernas. Tinha cinco dedos em cada pé, & mão, cubertos com hũa pelle, ao modo de pè de pato: mas depois de esfolhada a quella pelle, ficarão lhe os dedos soltos de hum grande palmo cada hũ. No meyo dos dedos dos pès sòmente, da banda das costas, tinha vnhas brãcas muyto grandes, & agudas, como vnhas de tigre. Tinha junto do rabo final de macho: as tripas, bofes, & figados erão

Animal marinho & suas feições.

como

como são as de hum porco.

¶ Este animal mandamos esfollar pollos nossos escrauos, que leuauamos conosco naquella mesma praya, onde o achamos morto, & tinha a pelle tão grossa, & mais, que a de hū boy. Estando nos nisto, vierão alguns Cafres da terra ter conosco: aos quaes mādamos perguntar polla lingua, qual era a causa porq̄ não comião da carne d'aquelle animal, pois era tão vermelha, & tão gorda, comendo elles cobras, lagartos, ratos, & todo o mais genero de carne, que achauão. Ao que elles responderão, que não tinhaõ visto tal besta como aq̄lla, nem na terra, nem no mar: & que tinhaõ pera si que aquillo era filho do diabo, porque quando o mataraõ daua tão grandes roncõs, que a todos assombrou, & foraõ ouvidos dentro no seu lugar (que estaria dalli meya legoa) & por essa rezão auião medo de comer delle. Mas como viraõ que os nossos escrauos lhe tomaraõ a ferçura, & fizeraõ hūa grande espetada em hum pao, & a assaraõ, & comeraõ, saltaraõ todos no animal, & em pedaços o leuaraõ pera comerem, & nem o couro lhe deixarão.

¶ Dezoito dias pusemos neste caminho: & detiuemonos tanto nelle, porque algũs dias esperauamos à borda de rios, & lagoas mui grandes, q̄ achauamos, atè lhe sabermos ou por onde melhor se pudesse passar, & algũs passamos cõ agoa pollo pescçoço com muito trabalho. Allem disto tiuemos algũs dias de fomes, & maõ gafalhado, dormindo muytas noites no chão, & algũas que nos tomauão em despouado, sobre aruores, atados, por não irmos com o sono, o que faziamos com medo das feras, que por alli andauão de dia, & de noite. Mas em todos estes trabalhos achauamos sempre a suauidade, & consolação de serem padecidos por respeito da Christandade, a que estauamos offerecidos. Outras muytas cousas nos aconteceraõ, & vimos neste caminho, de que tenho tratado na descripção destas terras, como fica dito.

¶ Chegamos ao rio de Luãbe o primeiro dia d'Agosto de 1590. onde fomos bem recebidos, & agasalhados do capitão dos rios de Cuama, que então alli estaua, chamado Francisco Brochado (de quem ja fallei algũas vezes) & alli achamos

Trabalhos que passamos no caminho

I. p. liu.
2. cap. 1.

o Pan.

Chamaraõ-lhe os Cafres filho do diabo.

O pangayo, em que auiamos de ir pera Moçambique, o qual esperaua por nós. E tanto q chegamos, logo ao outro dia nos embarcamos, & fomos lançar â chora na barra do mesmo rio, pera d'alli partirmos, como tiuessemos tempo pera isso. Mas forão os ventos tão côtrarios, que nunca pudemos sayr do rio: & por esse respeito estiue- mos alli oito dias. Neste tēpo sayrão em terra algūs mari- nheiros a buscar lenha, & fru- tas pollos matos, que estão ao longo das prayas: dôde trouxe- rão dous passaros novos cuber- tos inda de penujê branca, q a charão no ninho, muy semelhã- tes a aguias nas vnhas, olhos, & bico: mãs na grandeza do corpo muyto mayores, que grã- des aguias. Tinhão noue pal- mos de comprimento da pon- ta de hũa aza atè a outra, que lhe eu mandey medir por faça- nha. Os marinheiros os mata- rão, por senão poderem inda cri- ar sem mãy, & fizerão hũa grã- de panellada de sua carne, que comerão. Donde se pode cla- ramente collegir, que estes pas- faros depois de chegarẽ a sua perfeita idade, deuem ser de es- pantosa grandeza. Outros pas- faros dizem que ha nestas ter-

Passarõs
de admi-
rauel grã-
deza.

ras muy grandes, de que ja tra- tey na descripção de Sofala.

¶ Estãdo nõs aqui nesta bar- ra esperando tempo prospero, começou o pangayo a fazer tanta agoa, que nos hiamos ao fundo, sem lha podêr tomar, & foy merçe de Deos faltarnos o vento pera nauegar, porque se o tiueramos, & sayramos ao mar, tanto que o pangayo co- meçasse de nauegar, ouuera de abrir de todo, & nos, & elle nos ouueramos de perder: mas quis Nosso Senhor fazernos mer- çe, que aquelles dias descobrio o mal, que tinha; & tornamos pera dentro do rio, & foy va- rado em terra pera se conçer- tar. Pollo qual respeito não fi- zemos viagem aquella mon- ção, & ficamos este anno nes- tes rios.

Primeira
p. liu. 1.
cap. 24.

¶ CAPITULO XI

¶ De como fomos pollo rio de Luãbo
acima, & de como residimos
nas igrejas de Sena,
& Tete.

DOZE dias estiue- mos nesta ilha de Luãbo. No fim dos quaes, vendo que não podiamos ir pera Moçam- bique, nos partimos pera Sena em companhia do Capitaõ dos rios,

rios. Pollo meyo deste rio ha muitos ilheos grãdes de areas, onde dormiamos, & sômente de dia nauegamos, por causa das muitas correntes, & baixos que tem. Os Cafres moradores destas prayas, tanto q̄ vião a nossa embarcação, logo vinhão a ella metidos em outras muito pequenas (a que chamão Almâdias) em que trazião a vêder frutas, legumes, galinhas, & peixe: o que tudo lhe cõpramos muyto barato.

¶ Indo nauegando por este rio acima, vimos hum dia estar hũs poucos de Cafres à borda do rio com grandes festas, & gritas. Pollo que mandou o capitão ao que governaua (a quem alli chamão Mâlemo) q̄ fosse ao lôgo de terra, pera vermos que festa era aquella: & chegando a ella vimos, qui tinhão morto, & tirado do rio hũ grandissimo lagarto, & começauão de o fazer em pedaços, pera o comerem. Dõ que muyto me marauilhey, porque os Cafres de Sofala não matão, nê pescaõ lagartos do rio, porque o seu Rey lhe té posto pena de morte, que o não fação: & a causa he, porque dizem, q̄ os figados do lagarto he a mais fina peçonha que se acha, &

por esse respeito não quer o Rey que se matê, por não vza-rem della.

¶ Chegamos ao forte de Sena aos 22. dias d'Agoſto do dito anno: onde fomos bem recebidos dos moradores da terra, & do capitão do forte, que então era Gõçalo de Beja, o qual nos leuou pera sua casa, & nos agazalhou com muita charidade. Logo no outro dia começamos de entender no seruiço da igreja, & da Christandade: porque nestes rios nenhum Padre auia, que administrasse os Sacramentos, mais que hum sô clerigo, que estaua muyto doente em Tete, onde tambem pol- la mesma causa não podia seruir: & assi estauão ambas as igrejas sem ministros. E por isso os Christãos destas terras padecião muitas necessidades spirituaes. Por tanto logo começamos de lhe administrar os Sacramentos, dizendolhe Missa, cõfessando, & baptizando, com muita diligência. E nisto fomos continuando ambos trinta & dous dias. No fim dos quaes mandaraõ os moradores de Tete hũa embarcação, & hũa carta, e que nos pedião muito, & requeriaõ da parte de Deos, que hum de nos lhe quizesse

Chegamos a Sena.

Estado e q̄ achamos os rios de Cuama.

Fomos chamados de Tete.

os Cafres de Luã-pocomẽ lagartos

zesse acodir, pois Deos nos trouxera àquelles rios em tempo, que elles padecião tantas necessidades na alma: porque passaua ja de quatro mezes, q̄ não tinham missa, nem quem lhe administrasse os sacramentos, & algũas pessoas erãõ fallecidas sem elles, & que pera isso mandauãõ aquella embarcaçãõ prouida do necessário, & que fosse cõ a m̄or breuidade, que pudessemos. Vistas taõ iustas causas, logo o outro dia me parti pera Tete, ficãdo o P. Fr. Ioãõ Madeira na igreja de Sena.

¶ Indo de Sena pera Tete (q̄ saõ. 60 legoas de caminho pollo rio acima) achamos muytas, & perigosas correntes: em hũa das quaes (que estã na Lupãta, onde ha grandes, & altas ferras, de q̄ ja fallei) estiuemos perdidos; porque esta corrente q̄ pretendiamos passar a remo, & vela, foy taõ forçosa, q̄ nos leuou a embarcaçãõ atrauessada, & meya embarcada pollo rio abayxo mais de hũ tiro de espigarda, atè nos encostar sobre hũas pedras, onde se tem perdido muytas embarcações, & a nossa esteue nesse risco: mas naõ o permitio Deos: ates milagrosamente se tornou a endireitar, & foy polla corrente a

baxo sem perigo, atè que atrauessamos o rio à outra banda; posto que descaymos hũa grande meya legoa. Edalli tornamos a continuar nossa viagem atè o Forte de Tete; onde chegamos a saluamento a cabo de sete dias, que foy a 21. de Setembro. Ena praya estaua ja o Capitão com a mayor parte do pouo esperando por mim: os quaes me receberam com tanto aluoroço, & allegria, como se fora vindo do Ceo; & assim dizião, que agora conheciãõ claramente, que Deos se não esquecia d'elles, nem o Padre S. Domingos da Christandade, que os seus Religiosos tinham feyto naquellas partes; pois em tempo de tanta necessidade os mesmos Religiosos, que a fundarão, a tornauãõ socorrer, & sustentat. O que muyto me edeficou, vendo o grande sentimento, que este pouo mostraua de lhe faltarem os Sacramentos tão importantes pera sua saluação. Logo ao outro dia (q̄ foy Sabbado) disse Missa de Nossa Senhora, a que veyo toda a gente da terra, como se fora diafan-
to, & nisso fuy continuando, & administrando os sacramentos, en quã
to alli estiu.

Fuy be-
recebi-
do em
Tete.

Fr. p. li. 2.
cap. 6.

Perigo q̄
tiue na
Lupãta.

CAPITULO XI.

De hũas feiticeiras, que auia em Tete, as quaes fiz Jetterrar desta pouoação.



ESTANDO eu nesto forte de Sãtiago de Tete, auia nesta terra duas Castras Gentias, que fingião serem feiticeiras: as quaes morauão no campo em hũas ferras, q̃ estão perto da pouoação dos Portugueses. Pollo qual respeito muitas pessoas, asy dos Gentios, como dos Christãos da terra, hião ter com ellas denoite secretamēte, a consultar feitiços, & a pedirhe que descubrissem algũs furtos, que lhe tinham feito, ou lhe adiunhassem como, & onde acharião as cousas que tinham perdidas, & o mais, que cadahum desejava saber. E posto que estas feiticeiras ordinariamente não respondião a proposito, antes disbarates, & o que acaso lhe vinha ao pensamento, com tudo tinham adquirido tanto credito pera com estes ignorantes, que as consultauão, que se não persuadião serem suas feitiçarias, falsas, & mintirosas, antes tinham pera si, que fallauão cõ o diabo, & elle lhe descubria

tudo quanto querião saber. O que ellas muy bem sabião fingir, porque publicamente se punhão a fallar com elle, & fingião que lhe respondia em hũa voz, que todos os presentes ouuião com grande admiração: o que faziaõ da maneyra seguinte.

¶ Cada hũa destas feiticeiras tinha hum cabaço, em que estauão dentes de homens, de tigres, & de bugios, boita de elefantes, cabellos de homens brancos, & de Cafres, retalhos de panno, & carouços de certa fruta, & tudo isto misturado com cinza. Na boca destes cabaços tinham hum grande molho de penas de rabo de gallo. E quando algũa destas feiticeiras queria consultar o diabo, punha o cabaço sobre hũa tripeça, onde lhe fallaua muitos amores, & palauras brandas, como que fingia chamma, & prouocallo a que lhe viesse fallar dentro no cabaço. E depois de fazer este fingimento, quando ja queria acabar de cõcluir sua mintira, dizia q̃ ja o diabo era chegado, & o recebia cõ muita cortesia, dizendo lhe; Vinde embora meu Sñor. E logo se chegaua junto do cabaço, & metia o rosto por etre

Inuẽça de feitiços.

Como duas feyticeiras fingião fallar cõ o diabo.

as penas de modo, que ellas lho cobrião todo; & desta maneira com a boca posta na do cabaço, fallauão muyto manso, perguntandolhe como estaua, & porque lhe tardara tanto, que tinha ja grandes fraudades delle; & algũas vezes seria, fingindo que o diabo lhe dezia algũas graças. E todas estas cousas fazião ambas diante daquelles, que as buscuaõ: E pera que dessem mais credito a suas feitiçarias, vsauão desta arte diabolica taõ secreta, que ninguem lha podia entender.

¶ Tomauão dous carouços de fruta redondos, como carouços de cerejas, furados pollo meyo, como contas, & metião cada hum delles em sua ventado do nariz, & desta maneira fallauão por entre as penas de tal modo, que retumbando a voz dentro no cabaço, fazia hũ echo brando, aqual voz tornauão a foruer com os narizes & por respeito dos carouços furados, que dentro nelles tinham, soaua outra voz diferente da primeyra, mais branda, & delgada, ao modo de assouio, que parecia reposta do que perguntaua a feyticeira, de que todos os circun-

Modo cõ
q̃ fingião
fallar cõ
o diabo.

tantes ficauão espantados. E desta maneira ganhauão estas feyticeiras de comer, porque nenhũa pessoa hia consultar com ellas algũa cousa, por pequena que fosse, que leuasse as maõs vazias, mas antes todos lhe leuauão o preço, que lhe auiaõ de dar, conforme o remedio que buscuaõ. E pera que estas feyticeyras fossem achadas de noite, subia se cada hũa dellas sobre hũa serra, & tangia com hum chocalho, poilo tom do qual os que as buscuaõ hião ter onde ellas estauão. E assi viuiaõ estas feyticeiras, enganando muita gente ignorante, que se fiaua de suas mintiras, & embaymentos; mas com tudo ninguem sabia do engano dos carouços furados, de que vsauão, sendo este o principal instrumento, com que fazião dar credito a suas falsidades.

¶ Tendo eu noticia destas feyticeyras, & de como algũs Christãos hião denoite secretamente consultallas com tanto perigo de suas almas, fiz com o Capitaõ de Tete (que entãõ era Pero Fřz de Chaves) q̃ as mandasse prender, castigar, & desterrar, deste lugar, por naõ inficionarẽ com suas artes

artes diabolicas os moradores da terra. O que elle logo fez, mandando ao seu meirinho, que fosse em busca dellas, & que as trouxesse prezas. O que o meirinho fez com muyta diligencia, trazendoas com seus cabaços a caza do Capitão. Ao outro dia polla manhã, mandou-me o Capitão recado, que tinha as feitiçeras em sua caza, que me chegasse pera la, se as queria ver, & consultariamos o castigo, que lhe daria. Fuy eu logo ter com o dito Capitão, em cuja companhia estauão ja seis, ou sete Portugueses, que elle tinha chamado pera o mesmo effeito. Estando nós assim todos juntos, mandou o Capitão ás feitiçeras, que fallassem com seus cabaços, como costumauão, & chamassem seus diabos, que lhe viessem fallar, porque estauamos nós todos presentes, & queriamos ver suas artes, & maravilhas. A feitiçera mais velha, & mais sagaz estaua muyto triste, & disse, que o seu diabo estaua longè d'alli occupado em outra couza melhor, & que o não podia por então chamar: mas a outra feitiçera mais moça, & menos acutelada que a velha, disse

que ella chamaria o seu, & fallaria com elle. Nós todos aluorçados pera ver esta farça, tomou ella o cabaço, & pollo sobre hũa meza, que pera isso foy posta no meyo da caza, & começou de lhe fallar muytos amores, prouocando ao diabo, que viesse, & não se detiuesse, porque lhe importaua sua honra, & credito: & dali a pouco fingio que ja viera, & estaua metido no cabaço, & pos se a fallar com elle da maneira, que acima tenho dito! E todos quantos alli estauamos, tinhamos pera nós, que de dentro lhe respondia outra voz: mas tornandonos a certificar, vimos, que se formaua esta voz dentro no nariz da feitiçera, & dandolhe hum dos circunstantes nelle hũa pancada, cayolhe de dentro hũ dos carouços furados. E logo vimos o engano, de que vzaua: pollo que lhe buscarão logo a outra venta, donde lhe tirarão outro carouço semelhante, ficando ella muy toruada, & confusa, por lhe descobrirem seus enganos. E logo lhe fizerão o cabaço em pedaços; do qual cairão os dentes, cinza, retalhos, & tudo o mais, q̃ acima tenho dito. E também

quebramos o outro cabaço da feytiçeira velha, onde estauão as mesmas coufas. O capitão as mandou açoutar publica mente, & as degradou pera sempre fora das terras de Tete. Con-tei esta historia, pera que se veja quam barbaros são estes Cafres & quam amigos de feitiçarias, porque inda aquelles, que não são feytiçeiros, fingem que o são, pera serem mais temidos, & estimados.

¶ CAPITULO DOZE.

¶ *Da Christandade, que fizemos nos rios de Cuama, & do que nos socce-deo, saindo delles, até Moçambique, onde achamos hũa caranel-la da companhia do Galeão S. Lucas.*



QUITO meses estive no forte de Tete, seruido do aquelle po-uo em lhe administrar os sacramentos, q̄ foy até o fim de Abril de 1591: no qual tempo ja o Vigayro da terra, que alli estaua doente, se começaua de levantar. Polla qual rezão logo determinei tornar pera Sena onde estaua o Padre meu companheiro, & tambem porque se

vinha chegando o tempo, em q̄ nos auiamos de ir pera Moçambique. Muyto sentirão os moradores de Tete minha partida, & pretenderaõ impedir ma cõrogos, & lagrimas de sentimento, pedindome que os não deyxasse desemparados, pois taes ficauaõ sem a vista do habito do P.S. Domingos, a quem tinhaõ muyta deuacão, & sem a cõpanhia de seus Religiosos, de que tinhaõ recebido os bẽs spirituaes, que possuião: & que pois Deos alli me leuara, ficasse com elles, porque me sustentarião á sua custa, & darião hũa boa esmola pera as obras da caza de S. Domingos de Moçambique, que então se fazia. Mas eu não lhe pude satisfazer a seus desejos, porque me era necessario cumprir a obediencia, que me mandaua tornar pera Moçambique. E pera os quietar, & consolar, lhe prometi, que leuandome Deos a Moçambique, faria com o Padre Vigayro da caza, que alli temos, que lhe mandasse algũs Religiosos (como elle de feito mandou logo) & com estas esperanças ficarão quietos & satisfeitos, & me deyxarão tornar pera Sena, dandome pera isso embarcação, que dantes

deuacão da gẽt de Tete ao habito de S. Dom.

me negação, póllos não deixar:

¶ Polloque me embarquey logo, & say de Tete o primeiro de Mayo do dito anno; & no segundo dia de viagem tiuemos hum grande perigo no rio abayxo das serras da Lupâta, onde nos deu hum repentino pê de vento tão furioso, que nos fez a vela em pedaços, & estiuemos em risco de se nos allagar a embarcação. Estes pêds de vêto repêtininos são muy ordinarios neste rio, & cômumête vêtão sobre a tarde, & durão meya hora, pouco mais ou menos, cõ tão impeto, & furia, que arrancão grãdissimas arvores, & as virão com as rayzes pera o ar, parecendo cousa impossuvel auer pê de vento, q̄ as possa mouer, quanto mais arrancar. E assim he este vento muy perigoso pera os que nauegão por este rio, por vir de repente, estando o tẽpo claro, & sereno: & por isso os que nauegão por aqui, vão sempre vigiando as prayas, porque de muyto longe se vê o final deste vento, que he grandissima poeira no ar, palhas, & ramos, que elle leuanta por onde vem, em tanta quantidade, que parece hũa nuuem: & quando se vê este final de longe, logo amay-

não as velas, & chegãõ as embarcações a terra, se podem; & assim esperãõ, atè que passe esta corda de vento, como nõs fizemos, quãdo este nos tomou de subito, sem sentirmos sua vida, por ser da parte de hũs matos, onde não auia areas, que nos dessem o final, que tenho dito. Depois da tormenta passada, se concertou a vela, & tornamos a nauegar pollo rio abayxo, atè Sena; aonde chegamos a quatro de Mayo.

¶ Nestes rios de Cuama estiuemos hum anno no seruiço destas igrejas: no qual tempo o Padre F. Ioão Madeyra baptizou em Sena mais de duzentas pessoas, & fez muytas pazes, & amizades entre alguns moradores desta terra, que andauão em bandos, & muy diferentes. Da mesmã maneyra foy Deos seruido, q̄ eu me ouuesse no forte de Tete é seruiço do seu pouo, & de sua Christandade; onde baptizei 117. pessoas, assim dos filhos dos Christãos, como dos Gétios da terra dos quaes achamos por cõta a fim dos liuros velhos, como dos nouos, q̄ auia nesta Christandade dos baptizados, que do tempo que os nossos Religiosos entrarãõ nestes rios, atè o

Christãos
que fizemos nos
rios de
Cuama.

Perigo q̄
tiue na
Lupâta.

Pêds de vêto
deste
rio.

anno de 1591. tinhaõ conuertido, & baptizado passãte de vñte mil almas, ètre as quaes baptizarão muytos Encosses, que saõ capitães, ou cabeças dos lugares vizinhos destes fortes, & algũs Regulos deste fertoã. Polloque com muyta rezaõ dizem os moradores destes rios que toda a Christandade, que nelles ha, se deue aos Religiosos do Patriarcha S. Domingos.

¶ Estiuemos nesta pouoação de Sena atè oito de Julho do mesmo anno, & dalli nos partimos pollo rio abayxo ja de viagem pera Moçambique: mas depois que entramos pollo braço, que vay ter a Quilimãne, demos em seco no meyo do rio em hum bayxo de area, onde virou a embarcação, com a força da corrente, & ficou de ilharga, & nõs todos com agoa pollaçinta, & depois com muyto trabalho tornamos a endireitar a embarcação, & deitar a agoa fora: & tãto que a marè tornou a encher, & a embarcação nadou, tornamos a seguir nossa viagem com muyta perda do que traziamos dentro, & o dia seguinte chegamos ao porto de Quilimãne: onde nos enxugamos, & refizemos do trabalho passado.

¶ Neste porto estiuemos sete dias, & daqui nos embarcamos em hum de quatro pangayos, que alli estauão do Capitão de Moçambique, no qual hia hum caxão com cem mil cruzados em ouro de pô, lascas, & pastas, que erão do contrato, que Dom Iorge de Menezes tinha feito nestes rios com o Governador da India Manoel de Sousa Coutinho. O qual ouro ordinariamẽte se tira cada seis mezes destes rios, entre o de partes, & do Capitão.

¶ Partidos de Quilimãne todos juntos, fomos ter a Moçambique dentro em oito dias de viagem, que foy o primeiro d'Agosto de mil, & quinhentos, & nouenta & hum: onde achamos cartas do nosso Padre Vigairo Gèral da India, em q mandaua que o Padre Fr. Ioaõ Madeira ficasse por Vigairo da nossa caza de Moçambique, & eu fosse pera a igreja das ilhas de Quirimba.

¶ Achamos aqui mais em Moçambique hũa carauella de Portugal, em que foy, Gaspar Fagundez por Capitão, & em sua cõpanhia hum Padre de S. Domingos, chamado Fr. Manoel Pantoja natural de Viãna d'Aluito

Perigoõ
tiuemos
no rio d
Quilimã
ne.

Ouro q
se tira
dos rios
dCuama

Carauella
de Portugal.

d'Alúito. Esta carauella partio de Portugal a dezoito de Dezembro de mil, & quinhentos & nouenta, em companhia do Galeão S. Lucas, por Capitão do qual vinha Ruy gomez da Grã. O qual (segundo a gente desta carauella dizia) se perdeu no Val das egoas perto de Portugal: onde tiuerão grande tormenta, & com ella anoitecerão, & ao outro dia os da carauella não viraõ o Galeão, antes viraõ andar por cima da agoa muitos paos, & taboas de cayxas (final euidente do naufragio, que o Galeão tinha feyto) nẽ tiuerão mais vista delle até Moçambique. Pollo que logo julgaraõ, que se perdera aquella noite.

¶ Neste Galeão foraõ pera a India dez Religiosos de S. Domingos, os mais delles grãdes letrados, & bõs Prêgadores, & de mui boas habilidades, como era o P. Fr. João Teixeira, natural da villa de Thomar. O qual tinha ja lido Artes no Conueto da Batalha muy dou tamente. O P. Fr. Mauricio da Veiga, natural da villa d'Arrayolos, muy grande prêgador: o qual tambem tinha lido Artes e S. Domingos de Lisboa. O P. Fr. Thomas Galuão natu

ral da cidade d'Euorã, grande Religioso, & de muyta habili dade, & não menor prêgador, & orador, & muy dado ao estudo das tres lingoas Latina, Grega, & Hebraica. O P. Fr. Gemez de Mello, natural da villa de Monçaraz, de nobre geração, & muy bõ Religioso, & Prêgador. E os PP. F. Thomas Freire, natural da cidade d'Eluas. Fr. Jorge Leytão natural da cidade do Porto. F. Bertholameu de S. Domingos natural do Pedrogaõ. Fr. Thomas da Cruz Ingres de nação. Fr. Simão dos Santos natural de An sede juto ao Douro. Os quaes todos se embarcaraõ neste Galeão, em cõpanhia do P. F. Antonio de Lacerda, que pera as partes da India hiã por Vigayro gêral dos Frades da Ordem dos Prêgadores. O qual sendo ja de mais de sessenta annos, (idade mais pera descansar, q̃ pera nauegar) & tendo ja gouernado a Prouincia de Portugal quatro annos, que foy Prouincial, & duas vezes mais, q̃ na mesma Prouincia foy Vigayro gêral, & sendo Prêgador del Rey, & homem de muita autoridade, tudo isso pos debayxos dos pês, & se offereceo a fazer esta tão trabalhosa viagẽ, mo

Fr. Thomã
mas Galuãõ.

Fr. Gẽ
mez de
Melo.

Fr. Thomã
mas Freire.

Fr. Jorge
Leytão.

Fr. Bertholamẽ
de S. Domingos.

Fr. Thomã
mas da
Cruz.

Fr. Simão
dos Santos.

Fr. Antonio
d' Lacerda
Vigayro gêral.

Perdiçã
do Galeão
S. Lucas.

Fr. João
Teixeira.

Fr. Mauricio
da Veiga.

uido com o zelo, que tinha de augmentar a Christandade da India, onde elle tomou o habito sendo soldado: pera o qual intento leuaua consigo os ditos Religiosos, que na Prouincia escolheo, porque bem entedia, que se chegarão todos à India, cõ suas letras, Prêgações, & virtudes allumiarião, & augmentarião muyto sua Christandade. Mas Deos permitio o contrario por seus occultos, & secretos juizos, não sabidos, nem entendidos dos homês.

CAPITULO XIII.

Da viagem, que fiz pera a Igreja de Quirimba, & de alguns buzos, que tirei aos Mouros da dita ilha.



ESTA Fortaleza de Moçambique estiu desta vez oito mezes, & meyo sem ir a Quirimba, onde a obediência me mãdaua, por cauza de hũas quartãs, que trouxe dos Rios de Cuama, que inda me durauão: & no fim deste tempo, andando inda conualescente me embarquey, pera fazer a dita viagem, aos quinze d'Abril de 1592. com prospero vento. E ao segundo dia de viagem milagrosamente nos liurou Deos

da morte, porque passamos de noyte porçima dos bayxos de Pinda (que são de grande meya legoa) sem sabermos por onde hiamos com o grande vêto, & escuro, que fazia. E não sabendo, q̃ os tinhamos ja passado, & cuydando, que nos ficauão polla proa, deyxamos de nauergar cõ medo delles, & fomos abrigar ao longo da terra, onde lançamos anchora, & alli estiuemos esperando a manhã, pera com de dia passarmos os ditos bayxos. Mas tanto que a manheceo, vimos que nos ficauão os bayxos ja a tras, & que os tinhamos passado denoite, nos quaes inda de dia se perdẽ muytos nauios: polloque demos muytas graças a Deos, & fomos seguindo nossa viagem. Aos 20. dias do dito mez d'Abril chegamos à vista da ilha de Quirimba, & lançamos anchora ao longo da ilha das Cabras, que he a primeira de todas as ilhas de Quirimba, pera dormirmos alli por ser ja noyte, & auer por alli muytos bayxos. E como eu fosse ainda fraco, & debilitado da doença passada, esta vltima noyte me deu o ar no rosto, & em hũa perna, estando alli no már: de que fiquei muy mal tratado, & assim

Milagrosamente escapamos dos bayxos à Pinda.

Nesta viagem me deu o ar.

me desêbãrãõ ao outro dia, q̄ chegamos a Quirimba. Mas quis nosso Senhor, que a cabo de trinta dias fiquey saõ de todo com os muitos remedios, q̄ me fizeraõ: porque sabem nellas curar grandemente este mal, que nellas he muy ordinario, como fica dito atras mais largamente, onde trato dos costumes da gente desta terra.

¶ Tanto que fuy saõ desta infirmitade, logo entendi nas cousas necessarias â Christandade de todas estas ilhas, sojeytas â Freguesia de Quirimba: nas quaes viuem muitos Christãos, Gentios, & Mouros. E assi mais fuy tirando, & prohibindo algũs abuzos, & ceremonias, de que vzauão os Mouros destas ilhas entre os Christãos mui perjudiciaes a nossa sagrada ley. O que fiz cõ muito trabalho, porque naõ somente tiue os Mouros contra mim, mas rambem alguns Christãos.

¶ O primeiro abuzo, que tirey, foy a circuncisaõ, que faziaõ a seus filhos dêtro nas terras dos Christãos. A qual cerimonia faziaõ com grandes festas, & banquetes: & o pior de tudo era, serem pera isso fauorrecidos dos Christãos seus a-

migos, particularmête das molheres, que pera estes dias emprestauão suas joyas, cadeas, & vestidos, pera se as Mouras ornarê naquellas festas. E naõ faltaua a certos Christãos mais, que serê padrinhos do Mouro circuncidado. O primeiro Mouro, a quem tolhi esta solêne circuncisaõ, foy hum Mouro fidalgo, & honrado de Quirimba, chamado Maçuco, grande meu amigo, irmão de hũa Moura velha, chamada Manãfua, grande mestra, a qual me tinha curado do ar, q̄ me deu, com muito cuidado, pollo que lhe estaua muy obrigado. Este Mouro, querendo circuncidar hum filho seu, tinha feito pera isso grandes gastos, & festas, & juntos em Quirimba quantos Mouros honrados auia por todas aquellas ilhas, sem eu saber nada. E estando eu hũa tarde com dous Portugueses em nossa casa, ouui grande tanger de tambores, & cornetas; & chegando à janella pera ver o que era, vi hũa embarcaçãõ muito enramada, onde vinhaõ muitos Mouros da ilha do Mâtemo, que està dalli cinco legoas, entre os quaes vinha o Cacis dos Mouros. E perguntando aos que estauaõ comigo, que

feita

f.p. liu.
3. cap. 5.

Festas q̄ os Mouros fazem na circuncisaõ dos filhos.

ta era aquella; differãome o q̄
passava, & que aquelle Caçis
vinha pera circuncidar o filho
de Maçuco. Polla qual rezão
mandey logo chamar o noſſo
mgirinho, & o escriuão, & man
dey notificar ao dito Maçuco,
que não circuncidasse seu filho
na noſſa ilha, nem com festas,
nem sem ellas, ſopena de çem
cruzados, & de o mandar prezo
pera Moçambique. O Mouro
ſe veyo logo a mim chorando,
& rogandome lhe não eſtoruaſſe
ſe ſua feſta, allegando pera iſſo
o cuſtume, que os Mouros da
quellas ilhas tinham de circun
cidar ſeus filhos nellas, & pon
dome diãte a muyta amizade,
que comigo tinha, & a obriga
ção, em que eſtaua a ſua irmã,
que me curara. Mas depois que
ſe vio deſenganado, diſſe, que
elle queria dar os çem cruza
dos d'el'mola pera a noſſa igre
ja, & que lhe não eſtoruaſſe ſua
feſta. Mas nada diſſo baſtou pe
ra lhe cõſentir fazer entre nõs
as taes çeremonias, & aſſim
não circuncidou o filho na noſ
ſa ilha, nẽ outro depois d'elle. E
quando algum Mouro agora
quer circuncidar os filhos, vai
ſe à terra firme dos Cafres, & la
ſecretamente o faz ſem ſolen
nidade algũa, nem auer Chriſ

Prohibi
a circunçi
ção dos
Mouros
na noſſa
ilha.

taõs, que lhe autorizẽ ſuas feſ
tas, como dantes fazião. Eſtes
Mouros não circuncidãõ ſeus fi
lhos aos oito dias, como em ou
tras partes fazem, & cuſtumãõ
os Iudeos, ſenão quando que
rem, & ordinariamente o fazẽ
de ſete annos pordiante:

¶ O ſegundo cuſtume, que
tenham eſtes Mouros, era no tẽ
poda ſua Quareſma, a q̄ chamãõ
Ramedão: a qual dura toda
hũa lua inteira, & os Mouros
jejuãõ todos os dias della, ſem
comer, nem beber couſa algũa,
deſque ſae o Sol até que ſe poẽ
mas tanto que he noite, comẽ,
& bebem até polla manhã, &
taes ficão, que o mais do dia
dormem: demodo que não ſen
tem o jejum. Eſta lua, que jeju
ãõ, não he ſempre hũa em hum
tempo çerto, mas cada anno je
juãõ hũa lua differente, tornan
do ſempre peratras: demodo,
que ſe eſte ãno jejuãõ a lua de
Janeiro, o anno ſeguinte hande
jejuar a lua de Dezembro, & o
outro de Nouembro, & aſſim
em doze annos jejuãõ a lua de
todos os mezes, tornando pera
tras. O dia que hande começar
eſtes jejũs, que reſpõde ao dia
de entrudo entre nõs, fazem os
Mouros muyto mayores deſa
tinõs, que os Chriſtãos, porq̄
todos

Ramedão dos
Mouros!

Festados
Mouros
no ſeu
Ramedão

todos se embebedão, & andão despídos pollas ruas, pintados cõ almagra, & gesso, pollo corpo, & rolto, & cada hũ faz de si os mayores momos, que pode. Outros com tambores, & buzinas andão atroando todas as pouoações, em que morão, que parecem andando assi, ministros do Diabo. Todas estas festas custumauão os Mouros destas ilhas fazer dentro na pouoação dos Christãos: os quaes lhas festejauão, & fauoreciaõ, recolhendoos e suas cazas, & dandolhe mais vinho, pera se a cabarem de embebedar. Tambem estas festas lhe prohibi, & defendi com penas, & com prizaõ de algũs, & as mesmas penas pus aos Christãos, q̃ consentissem, & recolhessem os Mouros em suas cazas, ou os fauorecessem em tal tẽpo, porq̃ em certo modo era autorizar-lhe suas festas, & aprouar-lhas. O que tudo se guardou d'alli por diante.

¶ Outro costume muy perjudicial tinhaõ estes Mouros, que tambẽ lhe prohibi. O qual era em os nossos Domingos, & sanctos de guarda, virem as Mouras visitar as Christãs suas amigas, & todas juntas cantauão, bailauão, comiaõ, & be-

biaõ taõ amigauelmête, como se fossem todas Mouras. No q̃ auia demasias muy escandalosas, & esta mistica conuersação era muy danosa, & perigosa pera a nossa Christandade: O que tambem se deyxou de fazer, posto q̃ nisso ouue muyto sentimento, & resistencia, assim da parte dos Mouros, como dos Christãos. Mas com tudo nunca mais vzaõ destes ajuntamentos.

¶ CAPITULO XIII

¶ De como fuy de Quirimba a Moçambique, & de algũs Religiosos nosos, que alli chegarão, indo deste Reyno pera a India, & da arribada das naos Chagas, & Nazareth.



O anno do Senhor de 1593. me foy necessario tornar a Moçambique, alsim pera mandar fazer algũs ornamentos, de que a igreja de Quirimba estaua falta, como pera negociar muytas cousas necessarias pera as obras da capella q̃ fiz de nouo; porq̃ esta igreja he da nossa ordem, como ficado dito, & a jurdição destas ouelhas nos tem cometido o Arcebispo de Goa.

¶ Partimos de Quirimba o ultimo

Defendi aos Mouros as festas, q̃ fazião no seu Ramedão.

Costume muy perjudicial q̃ prohibi às Mouras

2.º p. li. 2.º
cap. 8.

Ultimo de Setembro, & fomos
nauegando com muyto bom
têpo tres dias, no fim dos qua-
es (que foy hum Sabbado à tar-
de) nos recolhemos em hũ rio
por cauza de hũa trouoada grã
de, q̃ se vinha armando, aqual
durou muyta parte da noyte:
mas depois de passar, tornou o
tempo a ficar tão sereno, como
d'antes. Polloque logo polla
manhã (que foy o primeiro Do-
mingo de Outubro, dia em que
se faz a festa de nossa Senhora
do Rosario) tornamos a dar
vela, & fomos sayndo pera fo-
ra do rio: na barra do qual esti-
uemos perdidos com os gran-
des mares, que ficarão feitos
da trouoada passada, & os mais
delles entrauão no pangayo,
& o allagauão. Neste perigo
bradamos todos polla Virgẽ
do Rosario, que nos valesse, &
juntamente querendo allijar
ao mar algũa carga do Pangay-
o, bradou o Piloto (a que nes-
ta costa chamão Malêmo) o
qual era Mouro, & disse a alta
voz: Senhores Christãos não
deiteis o fato ao mar, que oje
he dia grande de Nossa Senho-
ra, & não nos auemos de per-
der, nem perigar nelle. E posto
que este Mouro dizia isto com
pouca fê, & mais por respeito

Ditõ de
hũ Mou-
ro.

de lhe não deitarem algum fa-
to feu ao mar, com tudo não se
allijou fato algum, antes com
muyta confiança esperamos, q̃
a Virgem Nossa Senhora nos
liuraria daquelle perigo: o que
logo fomos sentindo, porque
forão mingando as ondas, &
nõs saindo dos bayxos pera o
mar. Polloque demos muytas
graças a Deos, & á Virgem
nossa Senhora, & fomos seguin-
do nossa viagem atè Moçam-
bique, onde chegamos a salua-
mento, aos seis dias do dito
mez de Outubro.

Fauor q̃
a Virgẽ
nossa Se-
nhora
nos fez.

¶ Nesta fortaleza de Mo-
çambique achamos nouas das
naos de Portugal, que alli ti-
nhão vindo o Agosto atras, in-
do de viagem pera a India: nãs
quaes hia o P. Fr. Francisco de
Faria por Vigayro Gèral da
nossa Congregação da India,
& por Commissario Gèral da
Bulla da Cruzada, que no mes-
mo anno foy pera a India em
sua companhia.

F. Frãcis-
co de Fa-
ria Vi-
gairo Gè-
ral.

¶ Este Padre era natural do
cabo de Guè lugar de Africa,
onde naçeo, quãdo era pou-
ado de Christãos: & depois, sen-
do este lugar tomado pollos
Mouros, o catiuarão, sendo de
idade de sete annos. E porque
os Mouros matauão no tempo
da

da briga todos os machos, que achauão, grandes, & pequenos, elle foy escondido debayxo das roupas de hũa molher, onde esteue até passar o primeiro impeto dos Mouros, & assim escapou da morte, & depois foy resgatado, & trazido com os mais pera Portugal. Quando foy pera a India era de 70. annos. Este P. mādou desfazer na ilha de Goa o Collegio, que os Padres de S. Domingos tinham em Pangim, & em seu lugar fundou na cidade de Goa o Collegio de S. Thomas, por entêder, q̄ na cidade estaua mais accomodado pera o estudo, no qual trabalhou, & fez tâto, q̄ antes que morresse o poz em estado, que morauão nelle 40. Religiosos Theologos, & Artistas, & oje he das melhores cazas, que os Religiosos de S. Domingos tem em toda a India, & està ao longo do rio de Goa, lugar muy sadio, & de bõs ares. Foy muy grande Religioso, & assim na vida como na morte deu mostras de grãde virtude, & santidade. Falleceo em Chaul, andando visitãdo a Congregação, depois de a ter governado cinco annos, cõ muyta inteireza, & Religião.

¶ Em companhia deste Pa-

dre forão de Portugal cinco Religiosos. s. o Padre Fr. Angelo de S. Thomas de muyto grãde habilidade, & muy grande prêgador. O qual falleceo sendo Prior do Conuêto de Goa. O P. Presentado Frey Diogo Taveira muy docto, & de grãde engenho, & bom prêgador. O qual leu muytos annos Theologia no Collegio de S. Thomas de Goa, & depois foy Prior do dito Collegio, & finalmente falleceo no mar, vindo da India pera Portugal. O Padre Fr. Matheus dos Anjos bõ letrado, & prêgador. O qual tambem leu Theologia no dito Collegio, & depois foy nel le Prior, & fez muyta parte de suas obras. O P. Frey Manoel dos Santos, de muy boas partes, & habilidade, & bom prêgador: o qual da India veyo por terra pera Portugal, a traueffãdo muyta parte do Imperio do Turco, & passou por Babylonia, & foy a Hierusalẽ; d'onde veyo a Veneza, & a Roma, & dahi a Portugal; da qual viagem tem fe ito hum curioso Itinerario; q̄ sayrà a lume muito cedo. O quinto Religioso foy hum irmão leigo, chamado Fr. Esteuão de S. Maria.

¶ Achamos aqui mais nesta ilha

Fr. Angelo d S. Thomas

F. Diogo Taveira.

Fr. Matheus dos Anjos

Fr. Manoel dos Santos.

Fr. Esteuão d S. Maria.

F. Fracisco de Faria fundou Collegio de S. Thomas em Goa.

Nao Nazareth.

ilha de Moçambique duas naos, que vindo da India pera Portugal, arribarão a ella: húa das quaes era a nao Nazareth, em q̄ vinha por Capitão Bras Correa. Esta nao, depois de passar a linha, veyo fazendo tanta agoa, que logo, antes de passar a ilha de S. Lourenço, veyo arribando por entre ella, & as ilhas do Comoro, & Mazallagê a esta de Moçambique; onde chegou fazendo muyta agoa: pollo que foy logo descarregada, & depois de vazia se acabou de encher d'agoa, & se foy ao fundo no mesmo porto.

Nao Chagas.

A outra foy a nao Chagas muy grande, noua, & fermosa, que se fez na India, & esta era a primeira viagem, que fazia pera Portugal, cujo Capitão era Francisco de Mello Canaveada, irmão do Monteiro mór. Esta nao chegou ao Cabo de Boa Esperança, onde lhe quebrou o masto de proa com as tormentas, & ventos contrarios, q̄ nelle achou: pollo que arribou a esta fortaleza & nella foy concertada de todas as quebras, que trazia, & emmasteada com o masto de proa, que se tirou da nao Nazareth.

Achamos aqui mais nesta

ilha a Nuno Velho Pereira cõ toda a gente, que se saluou da perdição da nao S. Alberto, & a mais della se tornou a embarcar nesta nao Chagas pera Portugal, cujo successo, & perdição d'ambas as naos se pode ver no seguinte capitulo.

CAPITULO XV.

Da perdição da nao S. Alberto, & da nao Chagas, a qual os Ingreses queimarão, vindo de Moçambique pera Portugal.



nao S. Alberto (de que erá Capitão Iulião de Faria Cerueira) depois de partir

de Cochim, veyo nauegando com prospera viagem até o Cabo de Boa esperança. Onde achou muytos tempos contrarios, & mares grandes, com q̄ abrio, & fez tâta agoa, que foy forçada arribar a Moçambique. Mas chegando â terra do Natal, polla agoa ser muyta, foy necessario dar â costa, onde se fez em pedaços, & algũa gente se affogou, particularmente aquelles, que se lançarão ao mar, fiandose em saber nadar: os quaes indo nadando pera terra, se fizerão e pedaços nas rochas, em que os mares batiaõ

Perdição da nao S. Alberto.

com

cô grãde força, por ser a praya toda muy alcantilada, & de penedia. Mas a outra gente, que se deyxou ficar na nao, se saluou sobre os pedaços da mesma nao, q̄ forão encalhar nas pedras da praya, onde todos sayraõ em terra, & nella estiueraõ algũs dias, tomãdo armas, pregadura, cobre, & o mais, q̄ puderaõ auer da nao, que lhe era necessario pera o caminho, que auiaõ de fazer pollas terras da Cafraria. E depois de negociados, forão caminhandos por terra com suas armas às costas, ordenados em modo de arrayal, com seu capitão da Vanguarda, & Retaguarda, ficando Nuno Velho Pereyra por capitão gèral de toda esta companhia. E desta maneyra se meterão polla terra dentro afastados do mar por causa dos rios, que se v̄ meter nelle muy largos, onde se não podem passar. De modo, q̄ assi polla terra dentro forão caminhandos, & governandose por Astrolabio.

¶ Neste caminho padecerão muytos trabalhos, assi polla aspereza das serras, & matos que acharaõ, & muitas lagoas & rios, que passaraõ com agoz pollos peitos, como tambem

pollos desertos, que atrauestarão: onde lhe faltaraõ os mantimentos, & a agoz. E desta maneyra chegaraõ ao rio de Lourenço Marques, donde forão ter à ilha do Inhaca, em que acharaõ hum nauio de Moçambique, de que era capitão Manoel Malheiro, & tinha vindo àquelles rios ao resgate do marfim por mandado de D. Pedro de Sousa capitão de Moçambique; o qual nauio estaua ja pera se tornar carregado, & polla chegada desta gente se deteu mais algũs dias, & no fim delles se embarcou Nuno Velho Pereyra com a môr parte da gente, & forão ter a Moçambique a saluamento. Os mais, que não couberaõ no nauio, passarão da ilha do Inhaca pera a terra firme, & forão continuando seu caminho por terra, com tenção de ir à fortaleza de Sofala, onde eu entãõ estaua; mas pollas desordens, & demasias que tiueraõ, & v̄sãrão cõ os Cafres no caminho, forão mortos pollos mesmos Cafres, & muyto poucos escaparão, que forão ter a Sofala. Onde se viõ claramente a falta que lhe fez Nuno Velho Pereira, o qual com sua prudẽcia, & bom governo os tinha guido,

Chegaraõ à ilha do Inhaca.

Algũs forão mortos pollos Cafres.

Caminha por terra.

Trabalhos que passarão no caminho.

do, & sustentado por toda a terra da Cafraria, até a ilha do Inhaca, com muita paz, & quietação, sem algum delles perigar, nem ser affrontado de tantas, & tão diuerfas nações de Cafres, que acharão.

Nuno Velho Pereira esteve nesta ilha de Moçambique até q̄ se fez prestes a nao Chagas, q̄ alli estaua d'arribada, como fica dito, & nesta nao se embarcou pera Portugal com muita parte da gente de sua companhia, & juntamente se embarcaram muitas fazendas, & gēte da nao Nazareth, que por todos serião quatrocētas pessoas pouco mais, ou menos, em que entravaõ muitos fidalgos, & fidalgas, & soldados honrados, que se vinhão pera Portugal, em requerimento de despacho de seus seruiços.

¶ Esta nao Chagas partio de Moçambique pera este Reino em Nouembro de 1593. & fazendo sua derrota custumada, passou o Cabo de Boa Esperança com muito bom tempo, & foy correndo a costa até Angola, onde tomou o refresco necessario, & muitos escrauos, & dalli tornou dar vela pera Portugal. Mas antes que chegasse à ilhas dos Açores, foy

combatida de três naos Ingresas, com as quaes pellejou muito esforçadamente, matando muitos dos inimigos. E vendo elles sua muita resistencia, & que a não podiaõ render, lhe lançaram fogo no proa, onde se ateou no cuxim, que está ao pé do masto, & dalli nas velas, & em toda a mais nao, de maneira, que lhe não puderaõ acudir, nem apagallo, & a gente que dentro vinha toda alli acabou miseravelmēte, hūs mortos cō a artelharia dos inimigos, outros queimados, & outros affogados, que se lançaram ao mar escolhendo antes a morte de agoa, que a de fogo. E somente se saluou Nuno Velho Pereira, & Bras Correa capitão da nao Nazareth, com outros, que por todos foraõ treze; os quaes se lançaram a hũa antena, que andaua no mar, & sobre ella andarão, até que os mesmos Ingreses os vieraõ tomar com suas Lanchas, por respeito de alguns bisalhos de pedra ria, que lhe mostrarão, & do resgate que lhe prometerão auerem de ter de Nuno Velho Pereira, se o tomassem. E por este interesse os tomaram a todos, & os leuaram a Inglaterra, donde depois se resgataram, & vierão

Briga nã
ual da
nao Cha
gas.

Foi quei
mada.

Com
se saluou
Nunove
lho, &
outros.

rão a Portugal. Desta perdição, & fogo desta nao, se contão muitos, & mui lastimosos casos, que acontecerão, os quaes deixo, pera quem tratar esta historia de proposito.

¶ **CAPITULO XVI.**

Da Christandade, que fizemos nas ilhas de Quirimba, donde tornei a Sofala cõ as Bullas da Cruzada, & do que nos soccedeo nesta viagem.

DEpois de ter negociado em Moçambique as cousas necessarias pera a igreja de Quiriba, me tornei a embarcar, & fauorecendonos o tempo, & ventos, chegamos a Quirimba a 16. de Nouembro de 1593. onde acabei de todo as obras q̄ tinha começado; & fui continuando no seruiço desta igreja, & Christandade destas ilhas, em q̄ estiuue dous annos; & nelles fiz 694. Christãos, affi dos Gentios, como dos Mouros de todas estas ilhas: entre os quaes baptizey hum sobrinho del Rey de Zázibâr, filho de hũ seu irmão ja defunto, moço de 17. annos, aoqual pus nome Andre da Cunha, por respeito do padrinho que teue no

Baptismo, Senhorio da ilha de Quirimba, q̄ tinha o mesmo nome. Este moço fugio de casa del Rey seu tio, onde estaua, & se embarcou em hum Pangayõ de hũ Portugues, cõ muito segredo, de noite, & veyo ter comigo a Quirimba, pera q̄ o fizesse Christão. O q̄ fez mouido de algũs recados, & amoestações, q̄ lhe eu mãdei secretamente por algũs Portugueses, tẽdo noticia de sua boa inclinação, & do desejo q̄ tinha de ser Christão. Mas el Rey seu tio sabẽdo de sua fugida, & de como estaua em minha cõpanhia feito Christão, teue grandissimo desgosto, & payxão, & dizia, q̄ tẽpo viria, em q̄ eu lhe pagasse esta affrõta, & o furto, q̄ lhe fizera de seu sobrinho, q̄ elle tinha criado pera seu herdeiro, porq̄ não tinha filhos. Este moço tiue comigo mais de hũ anno, & nelle lhe dei sempre todo o necessario, assi por elle o merecer, como por respeito dos Mouros, q̄ nestas partes viuẽ, não dizerem q̄ os Christãos tratão mal aos Mouros, que se cõuertem, & depois que o tiue bem instruido na Fè, & na doutrina Christã, o ensiney a ler, & escreuer: o q̄ tomou muy de pressa, & muito bem. E depois

Fiz em Quirimba 694. Christ. baptizey hũ sobrinho del Rey de Zázibâr

o mandei pera o nosso Conuen-
ro de Moçambique: onde este-
ue mais de dous annos, & nel-
le ficaua ainda, quando desta
costa me fuy pera a India. Nes-
tas ilhas tinhão os nossos Reli-
giosos conuertido, & baptiza-
do atè este anno de 1593. mais
de dezaseis mil Gentios, & algũs
Mouros, como cõstou dos
liuros dos baptizados desta
Christandade.

¶ Acabo de dous annos, q̃
estiuue nestas ilhas de Quirimba
tiue recado do nosso P. Vigay-
ro gèral da India, q̃ tornasse a
Sofala, por Cõmissario da Bul-
la da Cruzada, de que elle era
Cõmissario gèral daquelle es-
tado da India. O que pus em
effeito aos 23. de Abril, de 1594
ficando em meu lugar na igre-
ja de Quirimba o P. F. Manoel
Pantoja da mesma Ordem. Par-
tindo pois de Quirimba, fomos
nauegando com tão prospero
vento, que não amaynamos a
vela, senão em Moçambique:
Onde estiuue esperando atè che-
gar o tempo, em q̃ se nauega pe-
ra Sofala. No qual o capitão
de Moçambique auio hum na-
uio, pera mandar ao Cabo das
Correntes, & de caminho auia
de entrar em Sofala. E por es-
se respeito me embarquei nel-

le. Deste nauio era capitão Ma-
noel Malheiro, homẽ honrado
& de boa cõsciencia. Partindo
nõs desta fortaleza, tiuemos
tão prospero vento, q̃ em cinco
dias fomos a Sofala, onde o na-
uio se refez das cousas, que lhe
eraõ necessarias. E depois de
auiado se partio, & chegou à
ilha do Inhaca a saluamento.
Nesta ilha esteue Manoel Ma-
lheiro, fazendo seu relgate de
marfim, quasi hum anno. E ten-
do ja o nauio meyo carregado
pera se tornar pera Moçambi-
que, vierão ter cõ elle algũs Ca-
fres da terra firme, moradores
no rio de Lourenço Marquez,
vassallos do Manhiça Cafre,
Rey de grande parte desta ter-
ra: os quaes cubiçosos do fato,
& fazêda, q̃ viraõ ao capitão,
& ao mestre do nauio, os mata-
rão, & lhe roubarão a casa, & o
nauio, dando por causa princi-
pal de seu maleficio, terẽ rece-
bido agrauos do mestre, & cõ
essa cappa de vingança fizerão
seus costumados roubos.

¶ Os antepassados desta na-
ção de Cafres forão os q̃ rou-
barão, & maltratarão a Mano-
el de Sousa, & a sua molher D.
Leonor, & forão causa de sua
destruição, & lastimosa morte,
como largamete se pode ver na

Morte
do capi-
tão do
nauio, q̃
fuy a
Sofala.

historia da perdição do Galeão S. Ioaõ: onde se cõta, q̄ indo estes fidalgos da India pera Portugal, deraõ à costa na terra do Natal, & dalli vieraõ por terra caminhando seis meses; a cabo dos quaes chegaraõ a este rio, õde foraõ despídos, & roubados por estes Cafres. Pollo que aquella honesta fidalga, vendose despida, no mesmo lugar fez hũa coua na area, & nella se meteo até a cinta, sê mais se levantar, tendo junto consigo dous mininos de tenra idade seus filhos, chorando pollo comer, que ella não tinha pera lhe dar, cõ que mais se lhe dobravaõ seu trabalhos. Manoel de Sousa por outra parte, sintindo estas necessidades, se meteo pollos matos, embusca de algũas frutas, pera lhe trazer, & quando tornou, achou a mulher muito fraca, así da fome, como de chorar hũ dos filhos, que lhe morreo tambem de fome. E dando graças a Deos, por se ver é tanto desemparo, fez hũa coua na mesma area, onde enterrou o filho. E o dia seguinte tornou ao mesmo mato, embusca de mais frutas, & quando tornou achou a mulher & o outro filho mortos. E cõ este lastimoso spectaculo ficou

tal, q̄ não fallou mais, nê pode chorar; mas como homé espanado se chegou aos defutos, & o melhor q̄ pode, fez hũa coua no mesmo lugar, em q̄ estauão, & nella os enterrou com ajuda d'algũas moças da India suas escrauas, q̄ alli estauão com a senhora. E depois ditto se tornou a meter pollo mato, sem mais tornar. Dõde se presume que o mataraõ, & comeraõ os tigres, & leões, que naquelles matos andaõ. E así taõ miseravelmente acabaraõ estes nobres fidalgos, por causa dos maos Cafres desta terra, dos quaes descendem os que mataraõ a Manoel Malheiro.

¶ Os marinheiros do nauio & outro Portugues, que andauão fazendo resgate de marfim na terra firme, depois q̄ tornaraõ à ilha, & virã mortos seu capitão, & mestre, & o nauio roubado, meterãose nelle, & ferã pera Moçambique, onde chegarão a saluamento.

¶ Eu depois q̄ o nauio se partio pa a ilha do Inhaca, fiquey na nossa igreja de Sofala, pôdo em effeito as coulas, & negocios, de que fuy encarregado, & juntamête ajudey a cõfessar, & sacrametar aquella Quarema toda agête desta fortaleza!

Morte d
Man. de
Sousa.

Morte d
D. Leão,
&
seus fi-
lhos.

E depois q̄ não tiue mais q̄ fazer em Sofala, me torney a embarcar pera Moçambique, em hū Pangayo de Mouros, onde vinhão tambē quatro Portugueses mercadores. E o q̄ nos soccedeo nesta viagem direy no capitulo seguinte.

¶ CAPITULO XVII.

¶ *Da tornauiaḡe, que fiz de Sofala pera Moçambique, & do que nella nos soccedeo.*



P Artimos de Sofala pera Moçambique a 16. de Abril, de 1595. cō muito bō tēpo, & cō elle fomos nauegãdo 4. dias. No fim dos quaes, a horas de sol posto, nos deu hūa espantosa tormēta do Sueste, em q̄ nos vimos perdidos muitas vezes. A noite se veyo cerrando tão medonha, & escura, q̄ nos não viamos hūs aos outros, nē enxergauamos a vela se governaua direita, & auia da pera o vēto, q̄ era o mayor perigo, q̄ tinhamos. A allarida & cōfusão dos Mouros, que vinhão no Pangayo, era tanta, q̄ se não entendião, nē o q̄ gouernaua ouuia o q̄ lhe dizião da proa, pera saber aonde auia de lançar o leme. Outros se abraçauão, & dauão as mãos, beijã

Grande tormēta que tiue mos.

doas (q̄ he o modo q̄ tē, quando se despêdē hūs dos outros) dizēdo, q̄ ja era chegado seu fim. Os mares, q̄ rebentauão é flor, fazião tão grande ardentia, q̄ parecia irmos nauegando por entre ondas de fogo, q̄ nos cubrião, & abraçauão. Onde se me representou muitas vezes o medonho spectaculo do fogo do inferno, & assi parecia, que no mar andauão soltas as Furias infernaes.

¶ No meyo de tantos trabalhos, cinco Portugueses, que alli vinhamos, tres acudiraõ à proa ao gouerno da vela, & dous ao leme, ajudando o Mállemo, q̄ gouernaua, & tendo tento nelle, q̄ não esmorecesse, & largasse o leme cō medo das ondas, que a cada passo nos cobrião: de modo, que tirando forças de fraqueza de animos tão atribulados, como os nossos estauão, animauamos fortemente os Mouros, q̄ não desmayasē, & trabalhassem é dar â bôba, & lançar a agoa fora do Pangayo, pois nisto estaua grande parte de nossa saluação. E desta maneira andamos toda a noite, hora debaixo, hora sobre as ondas, cō a morte diante dos olhos, & quando amanheceo, nos achamos perto

Animã-
uamos a
os Mou-
ros q̄ tra-
balhaſſe

da

da terra firme, defronte de hũ rio chamado Quizũgo, onde o P. Fr. Thomas Pinto Inquisidor da India foyter, quando se saluou no batel da nao Santiago, q̃ se perdeu nos Bayxos da India, como fica dito. Neste rio entramos cõ muito trabalho, pollos grãdes mares, q̃ na barra auia, por ser conjunção de baixamar na costa, onde vinhão as ondas encapellando, & quebrãdo hũas sobre outras cõ tanta furia, q̃ a mais pequena dellas era bastante pera desfazer muitos, & grãdes nauios, quanto mais hũ Pangayo tão fraco, & tão pequeno, como o nosso era. Neste perigo nos parecia, q̃ não auia mais q̃ fazer, senão cruzar os braços, & entregar de todo à morte, & este julgamos por mayor perigo, q̃ todos os passados. Finalmente foy Deos seruido, q̃ entrassemos no rio, onde lançamos faretas, quasi allagados, & taes, como quem tinha escapado das mãos da morte.

¶ Aqui estiuemos 32. dias, se termos tẽpo, nẽ vento, pera poder nauegar. Pollo q̃ passamos muitas fomes, por se nos acabar a matalotagẽ, q̃ traziamos pera 8. dias fomento (q̃ he o tẽpo ordinario, q̃ se gasta nesta

viagẽ de Sofala atẽ Moçambique.) E depois de acabada, não tiuemos outro mantimẽto mais, q̃ milho cozido em agoa tal perto de 20. dias, nẽ ousauamos desembarcar na terra firme, pera buscar algũ mantimento, al si por auer nella grande fome, como por estar então pouoada de Zimbã (cruel nação de Cafres, q̃ comẽ carne humana) pollo qual os Cafres Macũas naturaes da terra, fugirão della pera hũa ilha deserta, ao lógo da qual nõs estauamos anchorados, & nella padecião crueis fomes. E posto que todos estes Cafres sãõ malissimos, cõ tudo sempre em quanto alli estiuemos, lhe demos do nosso milho, mouidos de cõpaixão de os ver perecer. Estes Macũas logo quando alli chegamos, como souberão da nossa vida, vierão o dia seguinte ter à praya cõnosco, & fingirão se muy agastados, meneando os arcos, & frechãs, q̃ trazião, cõtra nos, por quanto tinhamos desembarcado na sua ilha se sua licença, & lançaraõ mão de dous escravos nossos, pera os leuarẽ presos, & tudo isto fazião a fim de lhe darmos pannos, & mãmẽto. Pollo q̃ nos viemos a cõcertar com elles em tres pannos,

Os Zimbãbas comẽ carne humana.

Passamos fomes no rio de Quizun 30.

& hũ pouco de milho, q̃ lhe dê mos. Depois dillo se foraõ pòr à borda de hũ lagoa, donde bebiamos, & disseraõ que se quizessemos agoa, q̃ lha auiamos de pagar muito bê: pollo q̃ lhe demos mais dous pannos. E dalli por diante ficaraõ muyto nossos amigos, mas nũqua nos fiamos delles, porq̃ saõ muy cobiosos, & interesseiros. Estes Cafres foraõ os que catiuarão o P. Fr. Thomas Pinto, & seus cõpanheiros. Aqui nos morreraõ algũs escrauos, & nõs estiuemos mui perto delhe fazer companhia, por causa da fome, q̃ pa deciamos, da qual estauamos ja tão debilitados, q̃ totalmẽte me pareceo, q̃ todos pereciamos: pollo q̃ me aparelhei pera morrer. E vendo quam mal se enterrauão os que alli morrião, pois escassamẽte os cobrião de terra, por não auer enxada, mandey fazer hũa coua bê funda ao pè de hũ espinheiro, q̃ estaua jũto da praya, pera minha sepultura, se alli morresse, & no tronco do espinheiro abri hũa Cruz cõ hũa faca, & ao pè della hũas letras, q̃ dizião meu nome, & como estaua alli enterrado, pera q̃ se alli fosse algũa hora ter os nossos Religiosos, que andão nesta

Christandade, se lebrassem de me encõmentar a Deos. Vêdo meus companheiros, como eu trataua de minha morte, & como me aparelhaua pera ella, & conhecendo q̃ tambẽ estauaõ no mesmo risco, todos se aparelharaõ pera morrer, & fizeraõ comigo largas confissoes com muitas lagrimas, de que fiquei mui edificado, & alegre; & dalli por diante galtamos os mais dias em orações, & Ladainhas, atè q̃ Deos ouue misericordia de nõs. E a cabo de 32. dias, q̃ alli estiuemos, entrou vento prospero, com q̃ saymos destorio de nosso purgatorio, & cõ elle chegamos a Moçambique a 26. de Mayo do dito anno; pollo que dou muytas graças a Deos.

¶ CAPITULO XVIII.
Das nouas q̃ achamos em Moçambique da vinda dos Ingreses, & da viagem que daqui fizemos pera a India.



Este tempo, que chegamos a Moçambique, estaua a gente desta ilha toda inquieta cõ as nouas que tinhão; de virem os Ingreses a ella: as quaes mandou Manoel de Sousa Coutinho Governador da India ao capitão de Moçambique, auizandoo, que se aparelhasse

Ihassé pera sua vinda, porque tiuera recado por terra de Portugal, que passaua â India hũa grossa armada de Ingreses, & por ventura tomarião Moçambique de caminho. Pollo qual respeito, os moradores desta ilha recolherão todos os mantimentos, & fato, que tinhaõ, dentro na fortaleza, no que auia grande oppressão. Dom Hieronymo d'Azeuedo, que então era capitão, auisou ao capitão da costa de Melinde, Bras d'Aguiar, pera que se viesse recolher a Moçambique. O qual veyo logo com duas Fustas cheas de soldados, & dous Pangayos mais, carregados de mantimentos. O que tudo por então se pudera escusar, porque os Ingreses não vieraõ senão dahi a dous annos em duas naos somente. As quaes chegarão â vista de Moçambique aos treze de Junho, de 1597. & foraõ passando, & seguindo sua viagem pera Malacá, aonde depois se soube, que foraõ ter. E ja o anno de 1591. seis annos antes d'estas duas naos irem, tinha ido hũa sò nao de Ingreses a Moçambique, que foy a primeira que de Inglaterra passou à India, depois de Francisco Drach. A qual não

lançou anchora defronte de Titãgõne (fõte muy nomeada cinco legoas de Moçambique) onde fez sua agoada aos 27. de Outubro do dito anno, & dali se foy caminho de Malacá.

¶ Os nossos Religiosos de Moçambique té na terra firme, q̄ está defronte, chamada Cabaceira, hũa hermidã em hũ palmar do Conuento, aonde vão muitas vezes dizer Missa, particularmente os Domingos, & dias santos, por respeito dos Christãos, q̄ moraõ naquelles palmães, ouuirê Missa: a q̄ ordinariamente acodê todos, como ouuê tanger o sino: & allí lhe fazê praticas spirituaes, & lhe dão os dias de guarda, & de jejũ, q̄ vem polla semana, como se fossê seus curas, sem pera isso terê obrigação algũa, nê interesse, mais q̄ o de seruir a Deos, & conseruar esta Christadade. Entre estes palmães viuê também muitos Cafres Gentios à sôbra dos Christãos, os quaes cadadia se vaõ conuertêdo, vêdo nossos costumes, & modo de procedêr.

¶ No tẽpo da inquietação, q̄ auia nesta terra cõ as nouas da vinda dos Ingreses, me mãdou a Obediencia, que fosse estar nesta hermidã, assi pera dizer

Hermidã da Cabaceira, onde fazemos alguns Christãos,

Missa, & sacramentar os Christãos, que residiaõ na terra firme, como pera quietar a muytos, q̄ andauaõ atemorizados, & quasi leuantados pera fugirem polla terra dentro pera os Cafres Gentios, quando soccedesse virem os Ingreses. Nesta hermidia estiu tres meses: no qual tempo baptizey vinte & sete Gentios daquella terra, & corri cõ as mais cousas importantes a esta Christandade, atè que adoecei de hũa graue infirmitade de febres Quartãs, que me duraraõ quasi cinco meses.

¶ Outras muitas doenças, & perigos tiue, assi na terra, como no mar, des quaes me liurou sempre Deos por sua misericordia em onze annos, que andei na Christandade destas terras de Sofala, rios de Cuama, ilhas de Quiriba, & de Moçambique, que foy de treze dias d'Agosto, do anno do Senhor de mil & quinhentos, & oitenta & seis, atè vinte & dous de Agosto, de mil & quinhentos, & nouenta & sete. E a todos estes perigos, & trabalhos esrão offerecidos os Religiosos de S. Domingos, que viuem nestas Christandades, porque cõmummente andão embarcados de hũa terra pera outra, & de

ilha em ilha, prégando a palaura de Deos, confessando, & sacramentando os Christãos, & baptizando muitos Gentios, & Mouros, que cada dia se cõuertem: dos quaes eu baptizey em diuersas partes, mil & quatrocentos, & oitenta & oito. Pollo q̄ dou muitas graças a Deos pois foy leruido, por meyo de hum tão fraco ministro, trazer esta gente ao gremio de sua Igreja, & ao conhecimento de sua ley.

¶ No fim deste tempo chegaraõ a esta ilha de Moçambique as naos de Portugal, de q̄ era capitão môr Dom Affonso de Noronha: em companhia do qual se embarcou o Padre Fr. Pedro dos Anjos da Ordem de S. Domingos, que aquelle anno hia por Vigayro gêral da nossa Congregação da India, grande Religioso, & homem de muita prudencia, letras, & pulpito; mas antes que chegasse ao Cabo de Boa Esperança falleceo. Em sua companhia foy o Padre Frey Gaspar do Rosario natural d'Aueiro, o qual tambem falleceo na mesma nao depois de passar o Cabo de Boa Esperança. O Padre Frey Antonio da Visitação sobrinho do mesmo Vigayro gêral,

Baptizei 27. Gentios na Cabançeira.

F. Pedro dos Anjos Vigayro gêral.

F. Gaspar do Rosario.

Fr. Antonio da Visitação.

gêral, muyto grande Religio-
fo, de muita virtude, & exêplo,
& bõ letrado. O qual depois
de estar na India, leo Theolo-
gia no Collegio de S. Thomas.
Foraõ mais os PP. F. Ioão Lo-
bo, Fr. Reginaldo do Spirito
santo, Fr. Iose de Moraes, Fr.
Andre da Fonseca, Fr. Baltha-
sar da Veyga, o qual falleceo
no mar, depois de passar a ilha
de S. Lourenço, & tinha ja ido
outra vez à India. Os quaes
Religiosos se offereceraõ pera
ir à Christandade de Soldr, co-
mo verdadeyros filhos de S.
Domingos, & herdeiros do ze-
lo, que sempre teue da conuer-
saõ das almas.

¶ Na companhia destes Pa-
dres me embarquei desta ilha
de Moçambique pera a India.
E partimos a 22. d'Agosto, de
1597. cõ muito bom vento, &
cõ elle chegamos à ilha do Co-
moro, ao longo da qual passa-
mos aos 27. do dito mes. Esta
ilha está em 11. graos, & meyo
da banda do Sul: té 16. legoas
de comprido; he cheia de ferras
tão altas, que se vão às nuuês,
mui frescas, onde se crião mui-
tas vaccas, cabras, & carney-
ros. He pouoada de Cafres Gé-
tios, & de Mouros brauos; os

quaes té cômercio cõ os Mou-
ros do Estreito de Meca, & da
costa de Melide. Daqui fomos
continuando nossa viagem, &
chegamos à linha Equinoctial
aos 6. de Setebro. A qual pas-
samos cõ algum trabalho, por
respeito das muitas calmarias
que tiuemos, & no fim dellas
entrou muito bõ vento, q̄ nos
leuou atè a India. E aos 20. de
Setebro entramos na barra de
Goa ao sol posto, onde lança-
mos anchora, & alli dormimos
essa noite; mas no dia seguinte,
deixada a nao, fomos pollo rio
acima atè Goa em hũa Man-
chua, q̄ tinha vindo por nõs.
Este rio té quasi tres legoas de
comprido da barra atè a cida-
de de Goa, cuja entrada he a
mais fermosa, & alegre, que se
pode ver, porque todas suas
prayas de hũa parte, & da ou-
tra saõ cheas de fermosos pal-
mares, & campos de arroz, &
muita parte delles pouoada de
nobres aposentos, & de muita
frescura de aruoredos; vista
muy bastante pera alegrar os
mareâtes, que a este porto che-
gão enfadados, & cansados
de tão comprida, & tra-
balhosa naue-
gação.

Chega-
mos a
Goa.

Fermõ
sura do
rio de
Goa.

¶ FIM DO LIVRO TERCEIRO.

Fr. Ioão
Lobo.
F. Regi-
naldo do
Spõ S.
F. Iose d
Moraes
F. Andre
da Fon-
seca.
F. Balth.
da Veig.

Parti de
Moçam-
bique pe-
ra a In-
dia.

Ilha do
Comoro

LIVRO QVARTO, NO QVAL SE TRATA DE ALGVMAS COVSAS NOTAVEIS, que ha nas terras de Goa, Chaul, & Cõchim: & dos custumes dos Bramenes, & Iogues, que nellas habitão: & dos Vicereis, que ouue na India do seu descobrimento até o presente anno: & de algũas vitorias insignes, que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros no tempo que nestas terras andey: & do martyrio dos Capuchos de S. Francisco, que foraõ crucificados em Iapaõ. E finalmente das mais cousas notaveis, que nos soccederaõ na viagem da India, até Portugal.

¶ CAPIT. PRIMEIRO.

*¶ Em que se dá hũa breue relação
da ilha de Goa.*



AINDA QUE
muitos, & gra-
ues autores te-
nhão tratado
das cousas da
India Oriental,
& das proezas, que os Portu-
gueses nella fizeraõ, cõ tanta
satisfação, que parece me não
ficaua lugar pera tratar da mes-
ma materia: com tudo saõ suas
cousas tantas, & tão grandes,
que ainda que dellas se escre-
ua cada dia, nunca se acaba-
raõ de contar perfeitamente.
Polla qual rezão, tomei atreui-
mento, pera neste vltimo liuro

relatar algũas das muitas no-
taueis, que nestas partes ha, &
outras, que soccederaõ no tẽ-
po q̃ nellas andey. E por quan-
to a ilha, & cidade de Goa he
a principal terra, & cabeça de
toda a India, della começarei,
& direy breuemente algũa cou-
sa, por onde se possa vir em co-
nhecimento do muito que nel-
la ha.

¶ Esta ilha de Goa tem de
comprimẽto quasi tres legoas,
& de largura em partes mais
de hũa, & no mais estreito me-
nos de meya legoa. He toda
cercada de terra firme, & de ou-
tros ilheos, que estãõ ao redor
della. O rio, que a cerca, he de
meya legoa de largura em par-
tes, & noutras muyto menos
de

de meya. Muita parte desta ilha he cercada de muy grosso, & forte muro de pedra & cal, & fortalecida de balluartes, & particularmente nos lugares por onde podia ser entrada dos inimigos da terra firme.

Nos quaes passos residem sem pre capitães com guardas, & vigias, q̄ de dia, & de noite guardão, & vigiaõ o rio: & ninguê passa da ilha pera a terra firme, nem da terra firme pera a ilha, sé registrar nestes passos, & mostrar o q̄ leua na embarcação. E os Mouros, ou Gentios, que passaõ da ilha pera a terra firme, inda que não leuem mercadorias, que registrar, com tudo registaõ suas pessoas, & mostraõ a licença que leuaõ do capitão da cidade de Goa, pera poderem passar, sem a qual nenhum delles passa.

¶ Ha nesta ilha muitas aldeas, pouoadas dos naturaes da terra; dos quaes os mais são ja Christãos, filhos, & netos de Christãos. Muytos palmares, onde ha casas sumptuosas, forradas, & pintadas. Muitas horas cheas de altos, & fermosos aruoredos; boa ortaliga, & muitas batatas, & ananazes. Muitas ribeyras, & fontes d'agoa doce, que recolhê em grandes

tanques perã se lauar, & nadar nelles (couza muy costumada de todos na India) & algũs são de pedraria laurada de muyto culto, & cercados de Arecaes, & outras aruores frescas de diuerfas castas, & fruitos, como são mangas, iaquas, carambo las, iambos, mirabulanos, grã des cidras, & limões; figueiras da India, que dão grandes ramos de figos: algũas parreiras, & figueiras de Portugal, q̄ dão figos pretos muito bõs, semelhantes a figos rebaldios. Tê muitas aruores tristes, que todas as noites, veraõ, & inuerno carregão de flor branca, ao modo de flor de jasmim, que chey ra suauissimamente, & quando faye o sol, lhe cae toda, & torna do a noite, lhe nace outra de nouo. Dos pês destas flores (q̄ são amarellas) vsaõ em lugar de açáfrão, depois de seccos, & pizados. Em algũas partes da ilha estão muitas marinhas de sal de muita renda. Ha muitas & boas pescarias, onde se toma muito peixe. Tem bom pão de trigo Anafil; boas carnes de vacca, carneiro, galinhas, cabritos, lebres: o que tudo trazem a esta ilha da terra firme, viuo, à vender por preço ac commodado.

¶ Nō porto desta ilha entrão muitas naos, & nauios, q̃ a elle vem de quasi meyo mundo. Aqui vão ter as naos de Portugal, da Ethiopia, do mar Roxo, da Persia, da Arabia, do Sinde, de Cambaya, de Dio, do Iapaõ, da China, de Maluco, de Malaca, de Bengála, de Charmandel, de Ceylão, & de outros muitos Reynos, & ilhas, q̃ ha por todas estas partes, que seria infinito contallas. E todas estas naos, & nauios entrã neste porto de Goa, carregados de muitas mercadorias, & riquezas, como são ouro, prata, perolas, & pedraria, roupas finissimas, muitas sedas, & alcátifas, todas as especiarias, & mais drogas, peças, & brincos que da India vem pera Portugal: & as mais destas embarcações lanção anchora dētro no rio, defronte dos paços do Vicerrey, ou defronte das alfandegas, onde se pagão os direitos das fazendas que leuão, tirando as que vão de Portugal, porque samente estas são izentas, & liures de todo direito, & seus donos as desembarcão, & leuão pera suas casas, sem pagar cousa algũa. O que não he da tornaviagem, porque então todas as mercadorias, que saẽ

polla barra fora pera qualquer parte que seja, pagão hum por cento, atē do mesmo dinheiro, fopena da fazenda, ou dinheiro perdido, que se achar por registar. E pera este effeito ha guardas, assi nos portos, como na barra, que buscão todas as embarcações, & as pessoas, que nellas vão.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

¶ Em que se dà hũa breue relação da nobre cidade de Goa.



Ilha de Goa (a que os Gentios chamão Tisuari) está em 16 graos largos da parte do Norte. Nella está situada a nobre cidade de Goa, ao longo do rio, da banda do Norte. A qual he Metropoli, & cabeça de toda a India, muito fermosa, & fresca, pollos muitos bosques, & aruoredos, que tem dentro em si, em muitos quintaes, & hortas. Ao longo da praya desta cidade estão as Alfandegas, & logo abayxo hũs fermosos Almazens de mantimentos, a que na India chamão Bangaçal, que respondem ao Terreiro do trigo de Lisboa, onde ha muitas & grandes lojas, em que se recohe, & ven-

almazens dos má-timētos

dem

Cômercio de Goa.

Mercadorias q̃ entrão em Goa.

Direitos q̃ se pagão em Goa.

Conueñ
ros, & i-
grejas d
Goa.

dem todos os mantimentos, como he trigo, arroz, grãos, & outros muitos legumes em grande abundancia, que trazem a esta cidade os mercadores, que nella viuem, assi Christãos, como Mouros, & Gétios: os quaes tem suas naos, & nauios, q mandão a diuersas partes da India com suas mercadorias. Junto deste Bangaçal está a casa da poluora; onde ha grande fabrica, & muita gente, que de cõtinuo se occupa no feitio della. Logo abayxo ficão os paços do Vicerey, de que logo fallarey: & defronte delles estão os Almazês das munições & artelharia del Rey; a Ribeyra das Galês, õde estão algũas varadas em terra, debayxo de muy grandes ramadas; a Ribeyra das naos, & nauios del Rey, onde mora o Prouedor mór da Ribeyra, com os mais officiaes della; a casa da fazenda, onde mora o Vêdor da fazenda del Rey; a casa da fundição, onde se funde ordinariamente muyta artelharia: a Ferraria, & Tenoaria del Rey: os Almazês de toda a madeyra, cordoalha, anchoras, ferragẽ, & fabrica necessaria pera as naos, & nauios del Rey.

¶ Tem esta cidade dentro

em si sete Conuentos de Religiosos, s. dous de S. Domingos, hum de S. Francisco, dous dos Padres da Companhia, & dous de S. Agostinho: & allem destes hũ de freiras da mesma Ordem, que hora fundou o Arcebispo Dõ Fr. Aleyxo de Meneses. Fora da cidade estão dous Conuêtos de Capuchos. Té hũa Sê noua muito fermosa, que se vay acabando, & outra antiga, onde agora reside o Arcebispo com seu Cabido. Tem oito freguesias mais, que são Nossa Sñora do Rosario, S. Pedro, S. Aleyxo, S. Luzia, S. Ioseph, S. Thome, Trindade, Nossa Senhora da Luz, & outras muitas hermidas, assi na cidade, como por toda a ilha. Tem hũa fermosa igreja da Misericordia, cõ muito grãde, & nobre irmandade. Dous hospitaes muyto prouidos de todo o necessario pera os doentes: hum delles he el Rey, em que se curaõ os enfermos Portugueses à custa do mesmo Rei & outro dos pobres, & gente da terra Christã: cuja prouisaõ & administração está à conta dos irmãos da Misericordia. Tem muitos aposentos, grandes, & sumptuosos, em que morão muitos fidalgos Portugueses,

Hospit
taes,

Casa da
poluora

Ribeiras
das Galês,
&
naos.

Inqui-
ção.

les, & gente nobre, & rica. E hús paços antigos, & grandes, onde agora está a Inquição: os quaes (quando esta ilha era de Mouros) foraõ apofetos do Sabayo Rei desta ilha, & dater ra firme, q̄ hoje he do Idalcão. Nestes paços moraraõ muytos annos os Gouvernadores, & Vicereis da India, mas agora viuem dentro na fortaleza, que antiguamēte foy a principal força, que os Mouros tinhamo nesta cidade. No terreiro desta fortaleza, pera húa parte, estão as cadeas, & troncos, onde estão os presos polla justiça: pera outra parte está a casa da moeda, onde os Vicereis mandão bater moeda de ouro, & prata.

¶ De ouro se batē húas moedas pequenas, a que chamão S. Thomes, porque tem de húa parte o a imagem do Apostolo S. Thome padroeiro da India Oriental: val cada húa destas moedas noue Tangas, de tres vintens cada Tanga. Bate-se de prata Xerafins, meyo Xerafins, Tangas, & meas Tangas. Os Xerafins são do tamanho de hum tostão, & de grossura de dous tostões, val cada hum tres tostões. As Tangas valem tres vintens. E todas es

tas moedas têm de húa parte a imagem do Apostolo S. Thome, & da outra os cunhos de Portugal. Na ribeyra del Rey se batem Bazarucos de cobre, & de estanho fino, a que chamão Calaim, que são como ceitij grossos, quinze dos quaes valem hum vintem. Esta he a moeda ordinaria, que corre na ilha de Goa samente. Por toda a India correm patacas, & meyas patacas, que vão de Portugal. Val cada pataca logo quando chegaõ as naos hū cruzado: & depois que se tornão pera Portugal, vão sobindo, & chegaõ muytas vezes a valer quinhentos rs cada húa: & nas partes da China, Bengala, & Sinde (pera onde se leuão) valē muitas vezes seis tostões, por ser muito estimada sua prata. En toda a India correm tambem Venezianos d'ouro, que vão polla via de Ormuz, & do mar Roxo; val cada hū delles onze Tangas, que são seiscentos & sesenta rs. Tambem correm em toda a India Lârim, q̄ são húas barrinhas de prata de comprimento de hum dedo, & tem húas letras esculpidas da lingua Persica, a qual moeda se bate na cidade de Lara, & he de muito fina prata; val cada

valiadas
patacas
na India

Venezi
anos mo
eda.

Lârim
moeda.

Moeda
q̄ se bate
em Goa.
S. Tho-
mes.
Xerafins

Lârim

Lârim quatro vintens. Outra muita variedade, & feições de moedas ha em algũas terras, & Reinos particulares da India, que não correm, nem valẽ nas outras terras.

¶ Esta fortaleza, de que acima falley, fica perto do rio, que cerca Goa, onde estão edificados os paços do Vicerey, muito grandes, & sumptuosos, cõ aposentos, asy pera o Vicerey, como pera seus criados, & officiaes. Aqui estã hũa fermosa capella, onde os Vicereis ordinariamente ouuem Missa; a casa da Relação; dos Contos; & da Matricula. Tem duas salas onde estão pintadas todas as armadas, que de Portugal forãõ à India, & todos os Vice-reis della, tirados pollo natural, polla ordem que nos capitulos seguintes se pode ver.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ Dos primeiros conquistadores da India Oriental, & das primeiras armadas, que a ella forãõ.



A primeira sala dos paços do Vicerey estão todas as armadas, & frotas, que passarão de Portugal à India,

pintadas em paineis, com todas suas naos, & carauellas, & nomes dos capitães, que nellas foraõ: cousa certo muito curiosa. No primeiro painel estã pintada aquella venturosa frota, em que o grande D. Vasco da Gama foy por mãdado del Rey dom Manoel de gloriosa memoria a descobrir a India. O qual partio de Lisboa com tres nauios, em que leuou cento, & sesenta homẽs, a oito de Julho, do anno do Senhor de 1497. & tornou a Lisboa cõ dous nauios a 20. de Agosto, de 1499.

¶ No segundo lugar estã a frota de Pedr' Alvarez Cabral, fidalgo nobre. O qual partio de Lisboa pera a India cõ treze naos, em que forãõ mil, & duzentas pessoas, oito Frades de S. Francisco, & oito Clerigos, no anno de 1500. aos nove dias de Março. Nesta viagem à ida descobrio o Brasil a 24. de Abril do dito anno. No Cabo de Boa Esperança se perderãõ quatro naos de sua companhia. Fez na India pazes com el Rey de Cõchim, & de Cannanor, & trouxe seus Embayxadores a Portugal, & de caminho mandou a Sofala Sancho de Thoar.

Primeira armada q̃ foy á India, capitãõ D. Vasco da G.

2. frota, P. Alu. Cabr.

descobri m̃to do Brasil.

3. frota de João da Nova

¶ No terceiro lugar se segue a frota de João da nova, fidalgo, o qual partio de Lisboa pera a India a cinco de Março, de 1501. Na India teue muitas vitorias de Mouros, & da volta, que fez pera Portugal, descobrio a ilha de S. Helena, & chegou a este Reino a 11. de Setembro de 1502.

descubrimêto da ilha de S. Helena.

4. frota de Vasco da Gama

¶ No quarto lugar está outra vez D. Vasco da Gama com sua frota de vinte velas, com o qual partio segunda vez de Portugal pera a India, a 30. de Janeiro de 1502. Da qual viagem o fez el Rey D. Manoel Almirante do mar de todo Oriete. Leuou em sua companhia os Embaixadores del Rey de Cóchī, & de Cannanor, que Pedr'Alvarez Cabral trouxe a Portugal. Chegando à ilha de Quiloa, fez o Rey della tributario & vassallo del Rey de Portugal. De cujo tributo (que foy o primeiro que veyo do Oriente) mādou el Rey fazer hũa custodia pera Nossa Senhora de Belehem.

Primeiro tributo da India.

5. Frac. de Albuquerque

¶ A quinta frota foi de tres naos, em que Francisco d'Albuquerque partio pera a India, no anno de 1503. & da tornaiagem se perdeu, sem se saber onde. Teue na India muytas

vitorias do Camorì Rey de Calecut.

¶ A sexta frota foy de duas naos, em que Affonso d'Albuquerque partio de Portugal pera a India no mesmo anno de 1503. Leuou em sua cõpanhia o grande Duarte Pacheco, & o Padre F. Rodrigo Homem da Ordem de S. Domingos, Prêgador muy docto. Desta viagem se fez a fortaleza de Cochim, sobre que ouue grandes differenças entre os capitães Francisco d'Albuquerque, & Affonso d'Albuquerque.

6. Aff. de Albuquerque

Fortaleza de Cochim.

¶ A setima frota foy de Antonio de Saldanha. O qual partio de Portugal no mesmo anno de 1503. com tres naos, pera andar na costa de Arabia. E ficando âquem do Cabo de Boa Esperança fazendo agoada na costa da Cafraria com sua nao, outra nao da sua cõpanhia passou logo o Cabo, & foy ter à costa de Melinde, onde o capitão della, chamado Ruy Lourenço, fez tributario, & vassallo del Rey de Portugal o Rey da ilha de Zanzibâr, & a cidade de Braua.

7. Antõ de Saldanha.

¶ A oitava frota foy de doze naos grossas, de que foy capitão mór Lopo Soares d'Albergaria, & nella forão 1200.

8. Lopo Soares d'Alb.

homens

homens, a mayor parte delles nobres, & criados del Rey. Partio de Portugal a 22. de Abril de 1504.

9. frota de Dom Franc. de Almeida. ¶ A 9. frota foy de D. Frãcisco d'Almeida, primeiro Vice-rey da India, de q fallarey no cap. seguinte dos Viceréis.

10. frota, de Pero da Nhaya. ¶ A 10. frota foy de Pero da Nhaya: o qual partio de Portugal no anno de 1505. pera a cõquista de Sofala cõ 6. naos: onde chegou, depois de passar na

Fortaleza de Sofala. viagê muitos trabalhos. E fez a fortaleza q hoje os Portugueses tẽ em Sofala: em cuja edificaçãõ teue muita cõtrouersia, & briga cõ os Mouros da terra, q depois de lhe terẽ dado licença pera a fazer, lhe armaraõ treizaõ pera o matar. Mas elle como esforçado, os desbaratou a todos, matãdo na euolta o Rey da terra, chamado Zufe como fica dito.

3. p. liu. 1. cap. 3. 11 frota d' Tristão da Cunha. 12. fro. de Aff. de Albuquerque. ¶ A vndecima armadã foy de Tristão da Cunha. E a 12. de Affonso d'Albuquerque, em q foy por capitãõ mór de 6. velas, pera andar cõ ellas na costa d'Arabia, até entrar no gouerno da India, quando D. Frãcisco d'Almeida acabasse o seu triênio. Partiraõ estas duas armadas de Portugal no anno de 1506. Desta viagê descobriãõ

a ilha de S. Lourenço. Destruirãõ a cidade de Braua, por rebelde, & levantada. Tomaraõ hũa fortaleza, q os Mouros de Caxẽ tinham na ilha de Socotorã, em Abril de 1507. Daqui se partio Tristão da Cunha pera a India, & Affonso d'Albuquerque pera a costa d'Arabia, onde fez tributario o Rey de Ormuz, & principiou a fortaleza, que hoje os Portugueses tem na dita ilha.

¶ Logo adiante se seguem por ordẽ as mais armadas, conforme suas antiguidades, pintadas em seus paineis, q deyxõ aqui de referir, & fomite estas 12. relatey, assi por serem as primeiras, q foraõ á India, como tambem por me passar á segunda sala, em que os Viceréis da India estão tirados pollo natural por sua ordem, conforme suas antiguidades, como se vera nos cap. seguintes.

¶ CAPIT. QVARTO:
¶ Dos Viceréis, que ouue na India Oriental, em tẽpo del Rey D. Manoel.



A segunda sala destes paços (na qual os Viceréis ordinariamẽte ouue as par

M tes,

Descubri-
mẽto da
ilha de S.
Lour.

tes) estão pintados todos os Vi
cereis, & Governadores, q̄ ou
ue na India, cada hũ tirado pol
lo natural é seu painel, hũs ves
tidos ao modo antigo, q̄ então
se costumaua, cõ seus tabardos
& gorras na cabeça; outros ar
mados, outros vestidos á mo
derna, & todos são os seguintes.

D. Frãc.
de Almei
da 1. Vi
ccrei da
Indi.

¶ D. Francisco d'Almeida, fi
lho de D. Lopo d'Almeida pri
meiro Cõde d'Abrantes, foy á
India por mandado del Rei D.
Manoel cõ titulo de Vicerey.
Partio de Lisboa a 25. de Mar
ço de 1505. cõ hũa armada de
22. velas, f. 16. naos, & 6. cara
uelas. De caminho destruyo
Quíloa, & pos nella outro Rei
de sua mão. Destruyo Mõbaça
pouoada de Mouros leuanta
dos, pôdo a ferro, & fogo. Da
India mandou pera Portugal
parte de sua armada, em q̄veyo
o primeiro elefante q̄ se vio em
Portugal. Fez na India a for
taleza de Angediu. Queimou
a frota del Rey d'Onôr, & mui
ta parte da cidade. Começou
a fortaleza de Cãnandør. Fez
tributario a el Rey de Ceilão.
Alcançou dos Mouros, & Gẽ
tios mui gloriosas vitorias, &
é particular aquella tão admi
rauêl, q̄ ouue dos Rumes em
Dio, cuja frota era de 200. ve.

las. Fez tributario o Rei de Ba
tecalá. Tornando da India pe
ra Portugal, tomou terra na
volta do Cabo de Boa esperãça
na agoada do Saldanha, & fa
indo é terra, foy morto pollos
Cafres o 1. de Março de 1510.
cuja morte foi mui sentida del
Rey D. Manoel, & dos Reys
Catholicos de Castella, a quẽ
tinha seruido nas guerras de
Granada. Quãdo morreo seria
homem de sessenta annos.

Morte d
D. Franc.
de Alma.

¶ Affonso d'Albuquerque,
andando por capitão môr do
mar de Arabia, soccedeo no go
uerno da India a D. Francisco
d'Almeida. Acabou de fazer a
fortaleza de Ormuz, q̄ tinha
principiada. Ouue muitas vi
torias dos Mouros desta cos
ta. Tomou a primeira vez a ci
dade de Goa, no anno de 1510
em Feuereiro, a qual tornou a
largar aos Mouros, polla não
poder sustetar por então; mas
logo no mesmo anno, a 25. de
Nouebro, dia de S. Catherina
martyr a tornou a tomar, des
truindo, & desbaratando gran
des exercitos do Idalcão. E for
tificou a ilha de modo, q̄ sépre
a defêdeo dos Mouros. E logo
no anno seguinte foy tomar a ci
dade de Malaca, no mes de Ju
nho de 1511. onde ouue grãdis
simos

Affonso
de Albu
querque

Tomada
de Goa.

Tomada
d' Malaca

simões despojos, así de riquezas, como de arthelharia, q̄ fo-
raõ mais de 3000. peças entre
grandes, & pequenas. Tornan-
dose pera a India, fez tributa-
rio o Rey das ilhas de Maldiu-
ua. E tornado daqui pera Goa
tomou a fortaleza de Benastarim
aos Mouros: cõ cujas vito-
rias cobraraõ os Mouros, &
Gentios da India tanto medo,
q̄ os mais dos Reis do Oriẽte
lhe cometeraõ pazes, & algũs
se fizeraõ vassallos del Rey de
Portugal. Foy dentro ao mar
Roxo, & cõbateõ a fortaleza,
& cidade de Adẽ. Mãdou em-
bayxadores, & descobridores
à China, às ilhas Malucas, às
de Maldiuua, ao Reino de Cou-
laõ, a Ceilão, ao grande Ismael
Sophi da Persia, ao Rey de Sy-
aõ, ao de Narsinga, & a outras
muitas ilhas, & Prouincias: as
quaes todas, ou a mayor parte
dellas por sua industria se vie-
raõ a sojeitar, & someter debai-
xo da vassallagẽ de Portugal.
Falleceo vindo de quietar, &
acabar a fortaleza de Ormuz,
em chegando a Goa, na barra,
estando inda na nao, aos 16. de
Dezembro de 1515. Sua morte
foy mui sentida de todos, atẽ
dos Mouros seus amigos. Seu
corpo foy trazido pera Portu-

gal no anno de 1566. & sepul-
tado em Lisboa em nõssa Sño-
ra da Graça.

¶ Lopo Soarez passou à In-
dia por Governador della, pe-
ra soceder a Affonso d'Albu-
querque, no anno do Sñor de
1515. Foy ao Estreito do mar
Roxo, & na costa da Ethiopia
Oriental destruyõ, & queimou
Zeyla cidade de Mouros, por q̄
lhe quiserão defender o porto,
& negar lhe a agoa, & mantimẽ-
tos, q̄ elle queria mercar pacifi-
camente por seu dinheiro. Edi-
ficou a fortaleza de Coulaõ, &
a de Colũbo, & fez tributario
o Rey della; & acabou o seu tri-
ennio no anno de 1518.

Lopo So-
arez. 3.

¶ Diogo Lopez de Siquey-
ra Alcayde mór da villa do A-
landroal, foy mãdado por Go-
uernador da India no anno de
1518. O qual ja tinha nella an-
dado em tẽpo de D. Francisco
d'Almeida, & por seu mandado
fora descobrir Malaca, & a i-
lha de Samãtra. E sendo Go-
uernador foi ao mar Roxo, &
mandou D. Rodrigo de Lima
por Embaixador ao Preste Io-
ãõ. Fez a fortaleza de Chaul.
Nõ seu tẽpo se fez a fortaleza
de Paçẽ por meyo de Iorge de
Albuquerque capitão de Mala-
ca, & fez o Rey de Paçẽ vas-

Diogo
Lopez d'
Siqueiras

fallo d'el Rey de Portugal. Fez hũa grossa armada, & mandou por Capitão mór d'ella Antonio Correa, pera restituir Bàrem a el Rey de Ormuz, vassallo, & amigo d'el Rey de Portugal, com aqual cidade se tinha leuantado hum Mouro seu vassallo. Oqual tyrão foy morto, & a cidade restituida a seu dono. Este mesmo Antonio Correa (q̄ dalli pordiãte se chamou d'alcunha Bàrem, por respeito desta cidade, que tomou) destruyó hũa armada d'el Rey de Bintão mao visinho de Malaca, & trouxe desta victoria muitas peças d'artelharia, & muytos mantimentos, & despojos pera Malaca. E assimais desbaratou hũa grossa armada de Melique Az senhor de Dio em Chaul, cõ muyta hõra. Outras muytas victorias se alcançãrão na India, em tempo deste Governador. Oqual acabou seu triennio no fim do anno de 1521.

D. Duart.
de Menezes.
fcs. 5.

¶ Dõ Duarte de Menezes foy inuiado por Governador da India no anno de 1521. Este fidalgo era filho herdeyro de Dom Ioão de Menezes Cõde de Tarouca, & Prior do Crato, & tinha sido Capitão de Tangere. Em tempo deste Co-

uernador se leuãtou el Rey de Ormuz contra os Portugueses, & fez cruel guerra à fortaleza, & por fim della foy o Rey desbaratado, & a cidade de Ormuz queimada, & o Rey ficou tributario a Portugal. No tempo do mesmo Governador o Almanfor Rey de Tirdõre, fez guerra ao Capitão de Tarnate hũa das ilhas Malucas Mas o dito Capitão (que então era Antonio de Brito) lhe destruyó suas terras, alcançando delle muytas victorias. Governou todo o seu triennio com paz, & justiça.

¶ CAPITULO V.

¶ Dos Vice-reys, q̄ ouue na India em tempo del Rey D. Ioão terceiro.



DOM Vasco da Gama tornou à India terceira vez, cõ titulo de Vice-rey, no anno de 1524. E tanto, que là chego u, oy tão grande ome do de todos os Mouros, & Gêtios destas partes, que cada hũ cuydaua ser chegada sua total destruição. Mas durõulhe pouco este medo, porque D. Vasco não gouernou mais, q̄ tres mezes, & vinte dias, & falleceo em Cochim a 25 de Dezembro do dito anno. Era de meya estatura, enuolto em carnes.

D. Vasco
da Gama. 6

Falleci.
mõto de
D. Vasco
da Gama.

Dom

¶ D. Henrique de Meneses fêdo capitão de Goa, succedeo no governo da India por morte de D. Vasco da Gama. Este Governador mādou derrubar a fortaleza de Calecut, pollo pouco proueito, q̄ della tinha el Rey de Portugal, cō muyto trabalho dos Portugueses, q̄ a defendião. Alcãçou muitas vitorias dos Mouros, & Gētios da India, particularmēte do Camorî, a quē destruyou a fortaleza de Chale, & outros muitos lugares, & armadas. Desbaratou a el Rey de Bintão, q̄ antiguamēte o fora de Malaca. Falleceo antes de acabar o tempo de seu governo, em Cananor, indo cō hũa grossa armada contra Dio, aos 23. de Feuereiro, de 1526. Este Governador foy filho de D. Fernando de Meneses o Roxo da casa de Cantanhede. Era muy catholico, & amigo dā justiça, & sem algũa cobiça, senão de honra.

¶ Lopo Vaz de Sápayo succedeo a D. Henrique no gouerno da India no anno de 1526. Alcancou muitas vitorias dos Mouros, & Gentios da India, particularmēte del Rey de Malaca, & do Camorî, & do Sultão Bâdur Rey de Cábaya; & finalmēte gouernou todo seu

triennio cō muyta satisfação del Rey, & do pouo, deyxando feita hũa grossa armada de 136. velas pera cōquistar Dio, cousa que muito desejaão os Portugueses.

¶ Nuno da Cunha filho de Tristão Vaz da Cunha soccedeo no gouerno da India a Lopo Vaz no anno de 1529. E logo no princípio de seu gouerno passou a Dio cō hũa grossa armada, & fez grande guerra ao Sultão Bâdur, & pos a ferro, & fogo a ilha do Betle, sem escapar pessoa viua. Destruyos as cidades de Baçaim, & Dâmão, alcançando grandes vitorias dos Mouros, & Turcos, que as defendião. Fez a fortaleza de Dio no anno de 1535. cō consentimēto do Rey de Cábaya, q̄ o queria ter por amigo, por auer medo de suas armadas.

No tēpo deste Governador arrou Diogo Botelho hũa Fusta na India, & veyo nella a Portugal, correndo toda a costa da Ethiopia Oriētal, & Occidētal: o q̄ pos em grande admiração a todo Portugal: mas pollas boas nouas q̄ trouxe da fundação da fortaleza de Dio, lhe fez el Rei D. Ioão muitas merces. Feita a fortaleza, arrependeose el Rey de Cábaya de ter

Nuno da
Cu. ha9

Fortaleza
de Dio
feita an.
1535.

Fusta, q̄
veyo da
India a
Portug.

D. Henr.
de Mene
ses. 7.

Morte d
D. Henr.
de Mene.

Lopo
Vaz de
Sápayo
8.

Homem
de 300.
annos.
Andrade
e. cerco
de Dio.

do tal consentimêto aos Portu-
gueses, & pretêdo leuantarse,
& matar o Governador por
treição: mas sabida sua danada
têçaõ, foy morto, & todas suas
terras senhoreadas pollo Go-
uernador. Aqui foy achado a-
quelle homẽ, que tinha 300. an-
nos de idade, & mudara tres ve-
zes os dentes, ou lhe cayraõ, &
tornaraõ a nacer de nouo, &
tres vezes se lhe fez o cabello
bráco, & preto, aysi da cabeça,
como da barba. Outro homẽ
semelhante a este se achou ago-
ra em nossos dias, de q̄ tratarei
no cap. seguinte. Este Gover-
nador mãdou hũa grossa arma-
da ao mar Roxo. Da qual
viagê Heitor da Sylueira capi-
tão môr della fez tributario,
& vassallo del Rei de Portugal
o Rey de Adem, posto q̄ durou
pouco sua obediencia. Em tem-
po deste Governador passaraõ
os Castelhanos por via das Phi-
lippinas a Maluco, & tiueraõ
algũas guerras cõ os Portugue-
ses, mas sempre foraõ vécidos,
& lâçados das ditas ilhas. Des-
barateu por duas vezes dous
grãdes exercitos do Idalcão, q̄
mandou sobre Râchol. Alcan-
çou aquella gloriosíssima vito-
ria dos Turcos, q̄ vieraõ do Es-
treito de Meca sobre a fortale-

za de Dio. Fez a fortalezã de
Baçaim. E finalmete partindo
pera Portugal, depois de gouer-
nar a India mais de dez annos
(que foy atè o fim do anno de
1539.) chegãdo perto do Cabo
de Boa Esperança, falleceo de
sua doença, & alli foy lançado
no mar Oceano, sepultura tão
larga, como foraõ as grãdezas
de tal capitão.

Falleci-
mêto de
Nuno da
Cunha.

¶ Dom Garcia de Noronha
partio de Portugal no anno de
1539. cõ titulo de Vicerey, cõ
onze naos grandes, & chegan-
do à India tomou o governo
della da mão de Nuno da Cu-
nha: mas não durou nelle mais
q̄ seis meses, porq̄ a morte lhe
atalhou seus altos pêsamêtos,
& grande prudêcia, cõ que go-
uernaua. E nesse tẽpo q̄ teue o
governo, deixou a India pacifi-
ca, particularmete fez pazes cõ
o Rey de Cambaya, & senho-
reou quasi toda sua costa.

D. Gar-
de Noro-
nha 10.

¶ D. Esteuaõ da Gama filho
segundo do grãde D. Vasco da
Gama, Cõde Almirãte, q̄ auia
pouco tẽpo fora capitão de Ma-
laca, soccedeo no governo da
India por morte de D. Garcia
de Noronha no anno de 1540
O qual no principio de seu go-
uerno foi cõ hũa grossa armada
ao Estreito do mar Roxo; õde
des-

D. Esteu-
da G. 11.

destruyó muitas cidades populosas aos Mouros, & armou muitos cavalleiros no monte Sinay, hum dos quaes foy D^o Luis d'Attaide. Mádou daqui socorrer ao Preste Ioão, & restituirhe muyta parte de seu Reino, q̄ lhe tinha tomado hū tyranno Mouro. A qual restituição foi feita por D. Christo não da Gama, irmão do dito Governador, cō quatrocentos Portugueses, que o acõpanha- raõ. Daqui se tornou o Gouvernador pera a India.

¶ Martim Affonso de Sou- sa partio de Portugal por Go- uernador da India no anno de 1542. onde chegou a saluamen- to. Em seu tempo foraõ descu- bertas as ilhas de Iapaõ, & na cidade de Meliapõr do Reyno de Charamandel se fez hū Té- plo ao Apostolo S. Thome, & nos seus alicerces se achou hūa miraculosa cruz aberta em hūa pedra com hum letreyro, que declarava toda a morte do A- postolo S. Thome, & algūas gottas de seu sangue derrama- das na mesma pedra. O qual estaua inda fresco. Alcançou este Governador muitas vito- rias do Camorã. Castigou a Ra- inha de Batecalá. E finalmete governou o seu triennio com

muita justiça.

¶ D. Ioão de Castro soccedeo no gouerno da India a Marti Affonso de Soufa no anno de 1545. O qual era muito grande Mathematico, & em outras sci encias insigne, & no esforço de sua pessoa, & nobreza não me- nos. Teue no seu tēpo glorio- sas vitorias dos Mouros, & del Rey de Cábaya Sultão Mamu de, neto de Sultão Bádur. Li- urou a fortaleza de Dio de hū grande cerco, em q̄ a tinha pos- to este Rey, destruindolhe seus exercitos, & muita parte de seu Reino, & tomoulhe a cidade de Dio, em q̄ matou toda a coufa viua, q̄ nella achou, no anno de 1547. Venceo dous poderosos exercitos do Idalcão, com que veyo sobre Goa, & por força d'armas lhe tomou a fortaleza de Dabul, & a destruyó, & quei- mou. Das proezas, & feitos he- roicos deste Vicerey té cõpos- to hū liuro muito curioso o P. M. Fr. Fernando de Castro seu neto, Religioso da nossa Ordē: o qual cõ outros, q̄ o mesmo Vi- cerey cõpos sayra cedo a lume. Finalmente falleceo, tendo governado a India tres años.

¶ Garcia de Sã soccedeo no gouerno a Dom Ioão de Cas- tro no anno de 1548. O qual

D^o Ioão
de Cast.
13.
Vicerey

Morte d.
D. Ioão
d'Castro

Garcia
de Sã 14

Martim
Affon. de
Soufa 12.

Descu-
brimēto
do Iapã

gouernou o Estado da India pouco mais de hum anno, com muita prudencia, justiça, & liberalidade. No seu tempo forão à India doze Religiosos da Ordem dos Prêgadores, a fundar casas, & Conuentos, como fica dito. Fortificou todas as fortalezas da India, & as proueo de muitas cousas, que lhe faltauão. E finalmente falleceo no anno de 1549.

Neste tempo forão 12. Religiosos d's. Domingos à India. 2. p. liu. 2. cap. 2.

Jorge Cabral, 15.

¶ Jorge Cabral, que actualmente era capitão de Baçaim, soccedeo no gouerno da India a Garcia de Sá, no qual esteu menos de hum anno. Mas neste pouco tẽpo desbaratou muitas armadas dos inimigos, & destruyo o Camori, que ja o meçaua a leuantar cabeça, & muyta parte do Maluar. No seu tempo se alcançaraõ muitas vitorias dos Reis das ilhas de Maluco, que se leuantaraõ contra os Portugueses.

D. Aff. de Noronha 16.

¶ Dõ Affonso de Noronha irmão do Marques de Villareal, capitão que fora de Ceita, partio deste Reino pera gouernar a India, com titulo de Vicerrey, no anno de 1550. Alcançou insignes victorias dos inimigos. Restituyo o Rei de Columbo a seu Reino, que lhe tinha vsurpado hũ tyranno. Des

truyo a cidade de Ceitãuaca, onde estaua fortificado. Desbaratou 25. Galês Reaes do Graõ Turco Solymão, que fayraõ do Estreito do mar Roxo, & forão cercar a fortaleza de Ormuz, não escapando dellas mais q̃ duas, & o capitão môr Turco em hũa dellas; mas não escapou da morte, que o Graõ Turco lhe deu cõ rayua da perda das outras Galês. Em tẽpo deste Governador se perdeu Manoel de Sousa de Sepulveda, & a nao S. Bento de Fernã d'Alvarez Cabral. Finalmente gouernou a India quatro annos, com muita inteireza, & justiça.

¶ Dõ Pedro Mascarenhas (que foy Embayxador em Roma) partio de Portugal por Gouernador da India com titulo de Vicerrey, no anno de 1554. O qual repartio a Christandade da ilha de Goa pollos Padres de S. Domingos, de S. Francisco, & da Companhia. Da qual repartição couberão 15 aldeas aos Religiosos de S. Domingos, onde fizerão, & fazem muitos milhares de Christãos, como acima dissemos, & o mesmo fazẽ na sua parte os de S. Francisco, & da Companhia. Não durou no gouerno

D. Pedr. Mascar. 17.

2. p. 12. c. 3

mais

mais de noue meſes, porq̃ falle-
ceo no melhor delle.

Franciſ-
co Barre-
to 18.

¶ Francisco Barreto lhe ſoc-
cedeo no gouerno da India, no
anno de 1555. Gouernou tres
annos com muyta ſatisfação,
entendendo em refazer as for-
talezas da India, & conſeruar
a Chriſtandade começada em
Goa. Alcançou glorioſas vi-
torias em batalha campal, que
deu aos capitães do Idalcão:
de que elle leuou a principal
honra, por ſeu eſforço, & valê-
tia: & foy em todo o ſeu tempo
bem aſſortunado.

D. Conſ-
tantino
19.

¶ Dom Conſtantino meyo
irmão do Duque de Bragança
D. Theodoſio, partio de Portu-
gal pera gouernar a India com
titulo de Viceroy, no anno de
1558. Gouernou o dito eſtado
todo ſeu triennio, com muita
prudencia, & grãde liberalida-
de, como nobre, & generoſo, q̃
era. Tomou por força de ar-
mas a cidade de Damão aos
Mouros, & fez a fortaleza, que
hoje nella eſtã, da qual fez ca-
pitão D. Diogo de Noronha
o Corcoz. Desbaratou o Rey
de Iaphanapatão, & tomoulhe
a fortaleza; em que deixou por

capitão Fernão de Sou-
ſa de Caſtello
branco.

¶ C A P I T V L O V I .

¶ Dos Viceroyes, que ouue na India do
tempo del Rey Dom Sebaſtião, atê
o preſente anno de
1608.



OM Fracisco Cou-
tinho Cõde do Re-
dondo, partio de
Portugal por Vice-

D. Frac.
Coutin.

20.

rey da India no anno de 1561.
O qual eſtado gouernou com
muita paz, & juſtiça. Falleceo
antes de acabar o ſeu triennio
no anno de 1564.

¶ João de Mendoça ſocce-
deo no gouerno da India, por
morte do Conde dom Francis-
co Coutinho: & gouernou o di-
to eſtado noue meſes, atê que
foy de Portugal dom Antão
de Noronha.

João de
Mend.
21.

¶ Dõ Antão de Noronha,
irmão do Marques de Villare-
al, partio de Portugal por Vice-
rey da India no anno de 1565.
& gouernou o dito eſtado qua-
tro annos, com muita ſatisfa-
ção, & augmento da Chriſtan-
dade daquellas partes, que elle
muito fauoreceo. Fez a forta-
leza de Mangalõr, & instituyo
por capitão della a ſeu cunha-
do Dom Antonio Pereyra.

D. Antã
de Nor.

22.

¶ Dom Luis d'Attaide par-
tio de Portugal por Viceroy

D. Luis
d'Attai-
de 23.

da

da India no anno de 1569. onde chegou a saluamento; & nella fez a fortaleza de Ondr, & a de Braçelòr. E no ãno de 1572 defêdeo muita parte da India do cerco gêral, q̄ lhe puſeraõ, o Idalcão é Goa, o Izamaluco é Chaul, o Camorè é Chale, & o Achem sobre Malaca, todos é hum tempo, com todo ſeu poder, & forças. Os quaes todos foraõ desbaratados por industria deſte eſforçado Vicerey, mandádo ſocorro a hũas, & outras partes com ſuas armadas, eſtando elle ſempre em Goa defendendoa do grande poder do Idalcão. Governou todo o ſeu tempo cõ muita prudêcia.

D. Ant.
de Nor.
24.

¶ Dom Antonio de Noronha ſoccedeo no governo da India a Dom Luis d'Attaide, com titulo de Vicerey, & governou dous annos com muita paz, & juſtiça, & grande augmento da Chriſtandade, que ſempre fauoreceo com muyto zelo da ſaluação das almas. Falleceo no anno de 1573.

Antõn.
Monis
Barreto
.25

¶ Antonio Monis Barreto ſoccedeo a D. Antonio de Noronha no dito anno, & governou quatro annos, que foy até o de 1577.

Rui Lou.
de Tauo
ra.26.

¶ Ruy Lourenço de Tauo-
ra, indo pera a India por Vice

rey, falleceo no mar perto de Moçambique, & foy leuado à dita ilha, & ſepultado na hermi-
da de noſſa Senhora do Ballu-
arte, no anno de 1577.

¶ Dom Diogo de Meneſes ſoccedeo no governo da India a Antonio Monis Barreto no meſmo anno, porq̄ morrédo o Vicerey Rui Loureço no mar, abriraõſe as vias em Goa, & ſayo elle na primeira via. Governou ſomente ſete meſes, até que foy de Portugal D. Luys d'Attaide.

D. Diogo
de Mene
ſes.27.

¶ Dom Luis d'Attaide foy por Vicerey da India ſegunda vez no meſ de Outubro, de 1577. antes que el Rey Dõ Sebaſtião partiſſe pera Africa, & foy o derradeiro, q̄ o dito Rey mandou à India. Governou dous annos, & cinco meſes, & falleceo no meſ de Abril, do anno de 1580.

D. Luis
d'Attaide.
de.28.

¶ Fernão Telles de Meneſes ſoccedeo no governo da India a Dom Luys d'Attaide em tempo do Cardeal, & Rey Dõ Henrique, & governou ſomente cinco meſes. No qual tempo chegou à India D. Francisco Mascarenhas.

Fernão
Tellesde
Mene.29

¶ Dom Francisco Mascarenhas Conde de S. Cruz foy o primeiro Vicerey, que el Rey

D. Fran.
Mascar.
30.

Phi

Philippe primeiro de Portugal mandou à India, no anno de 1580. O qual governou o dito Estado quatro annos.

D. Duarte de Meneſes. 31.

1. p. liu. 5. c. 4. & 5 & 2. p. 1.3 c. 1. & 6. Manoel de Souſa Cout. 32.

1. p. liu. 3. cap. 9.

Matth. de Albuquerque 33.

¶ Dom Duarte de Meneſes Conde de Tarouca foy à India por Vicerey, no anno de 1584. & governou o dito Estado mais de quatro annos. Em ſeu tempo foy deſtruida Ampaça, & Iôr, como fica dito. Finalmente falleceo em Goa.

¶ Manoel de Souſa Coutinho ſoccedeo no governo por morte de D. Duarte de Meneſes, no anno de 1587. & governou o dito Estado mais de tres annos. E vindo pera Portugal ſe perdeu, ſem ſe ſaber a tegora onde, nem de que maneira. No tempo deſte Governador ſe tomaraõ quatro Galês aos Turcos em Mõbaça, & foy deſtruida a ilha, & a cidade, como fica dito. Tomou doze Galeotas em Carapatão, ao coſſayro Mouro Cunhale.

¶ Matthias d'Albuquerque foy por Vicerey da India no anno de 1591. & governou o dito estado mais de cinco annos. Em ſeu tempo foy tomado o Morro em Chaul, q̄ era hũa das mayores fortalezas, que auia no mundo; onde alcançou aquella admiravel,

& milagroſa vitoria dos Mouros do Melique, como adiante direy.

cap. 13.

¶ Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueyra, & Almirante do mar da India foy de Portugal por Vicerey do dito Estado no anno de 1596. No qual eſteue quatro annos. Fez a fortaleza de Mõbaça, & deſtruyo a fortaleza do Cunhale, onde ouue hũa glorioſa vitoria: & finalmente degollou o dito Cunhale na cidade de Goa, onde o trouxeraõ preſo, como adiante veremos.

D. Frãc. da G. 34

cap. 17. & 18.

¶ Ayres de Saldanha par- tio de Portugal por Vicerey da India, no anno de 1600. governou o dito Estado quatro annos: & vindo pera eſte Reyno, falleceo na viagem.

Ayres de Sald. 35

¶ Dom Martim Affonso de Castro irmão do Cõde de Mõſanto foy por Vicerey à India no anno de 1604. Em ſeu tempo foraõ os Hollãdeſes ſobre Malaca, & a tiueraõ de cerco, mas elle a ſoccorreo em peſſoa com hũa groſſa armada, & pellejou cõ os inimigos, & os deſbaratou, & deſcercou Malaca, poſto que foy cõ muita perda de gente, & naos de ſua cõpanhia. Falleceo na meſma fortaleza de Malaca de ſua doença;

Martim Affo. de alr. 36

Rela

¶ *Relação de hum homem de 380. annos de idade.*

Homem de 380. annos.

EM tempo deste Vicerey se soube de hum homem, q̄ auia no Reino de Bengala, que era de trezentos, & oitenta annos. O Bispo de Cochim, que hora he D. Fr. Andre de S. Maria mandou tirar hũa larga inquirição delle, & de sua idade, pollos Religiosos, & clerigos, que andão naquelle Reino, os quaes neste caso fizeram grande exame, & acharam, que este homẽ era Bengala de nação, & auia trezentos, & oitenta annos que viuia. Lembrouse de dezanoue Reis, que reinaram 250. annos no Reyno de Horon sua patria. Naceo de pais Gentios, & elle o foy muitos annos, & depois se fez Mouro, como inda era neste tempo. Foy casado oito vezes & teue filhos, netos, bisnetos, & tresnetos, & algũs morreraõ velhos. Depois que lhe morreo a oitaua mulher, esteue 40 annos viuuo, atè o año de 605. no qual tornou a casar, & tinha a mulher prenhe de oito meses. Nunca foy doente, nẽ sangrado, nem sintio falta na vista. Os dẽtes lhe cayraõ tres vezes, & outras tres lhe tornaram a nacer. Algũas vezes lhe

nãceraõ cãs, & logo lhe cayraõ & naceraõ cabellos pretos. Parecia no aspeito homem de 35. annos, sem ruga, nem final de velhice. Era alto de corpo, grosso, & bem affombrado.

Parecia de 35. an.

¶ Sendo este homem pregũtado como viuia tanto tempo, sendo as idades de agora taõ curtas, respondeo, que estando elle hũ dia junto do rio Gãges dando de beber a hũas vaccas, chegou a elle hum homem franco, vestido em hum habito de burel, & cingido com hũa corda de nõs, chagado nas mãõs, pês, & lado, & lhe pidio que o passasse à outra banda do rio, que entãõ leuaua pouca agoa: & elle mouido de compaixão, de o ver chagado, o tomou às costas, & o passou. E logo este homem lhe dera hũas contas, das quaes tinha ainda agora tres em muita estima, & lhe disse: Vos fereis sempre da ida de que agora tendes, & despidindose delle nunca mais o vira, atè o anno de 605. no qual entrando hum dia na igreja de Bengala (que he da inuocação de Nossa Senhora da Saude) & vendo o P. S. Francisco pintado em hum painel do altar, começou de bradar, & chorar cõ alegria, dizendo; A quelle he o

Aparece o P. S. Frãc.

Tres vezes lhe cairã os dẽtes.

homem

homẽ chagado, que eu passley no rio Ganges, & me disse, que sempre seria da idade que então tinha, & ilto affirmaua publicamente; & por mais que o contradifferão, disse sêpre, que era a quelle, & o conhecia muy bem, & disse mais, que esperaua em Deos morrer Christão. Cõ forme ao dito deste homem, pa reçe, que o Serafico P.S. Francisco lhe appareceo. Deos sabe os segredos deste misterio, & por ventura que seja este homẽ predestinado, & por este meyo se venha a conuerter, & morra Christão, pera se salvar.

Ruy Lou
renço 37.

¶ O vltimo Viçerey que a gora vay pera a India, he Ruy Lourenço de Tanora Gouvernador, q̃ foy do Algarue, partito da barra de Lisboa em hũa carauella, no mes de Outubro de 1608. cuja viagẽ Deos prospere, & o leue a saluamento.

¶ De modo, que polla ordẽ açima dita, estão nesta sala postos por suas antiguidades, todos os conquistadores, Viçereis, & Governadores, que ouue na India, tirados pello natural. Dos quaes dei aqui esta breue relação, pera os renouar na memoria dos homẽs, onde he muyta rezão, que viuão eternamente suas proezas & fey-

tos heroicos.

¶ CAPIT. SETIMO.

¶ Dos Pagodes, frescura, & outras cousas notauéis da terra firme de Goa.



Atemos visto brẽ uemente algũas particularidades, que ha na ilha de Goa, & sua cidade & armadas, Viçereys, & Governadores, que estão retratados nas salas do Viçerey: vejamos agora algũas cousas notauéis, que ha na terra firme, que çerca Goa.

¶ Estando eu nesta ilha de Goa, ouuia gabar muytas vezes as ribeiras, & frescura da terra firme do Idalcão, onde tambem me dizião, que auia outras cousas notauéis. Pollo que fomos hum dia seis Religiosos do nosso Conuento de S. Domingos de Goa a ver estas cousas, & pera isso nos embarcamos em hũa Manchua, em que fomos correndo estes rios, & ribeyras, até que chegamos a hũa pouoação, a que chamão Sancalim, çinco legoas de Goa pouuada de Gétios, & algũs Mouros, onde estaua por Capitão hum Mouro posto pollo Idalcão. O qual tanto que soube de nossa chegada, lo-

Bois de
carga.

go nos mandou visitar cõ hum presente muy honrado, & nos fez muitas honras, & offercimentos. Ao longo da ribeira estuemos muita parte do dia, & neste tempo chegaraõ a esta terra muitos almocreues Mouros com hũa grande cafila de boys carregados de courama, como se foraõ mulas, ou cauallos. Destes bois se seruem os Mouros, assi pera carga, como pera cauallaria, aos quaes poẽ hũas albardilhas, & furaõlhe as vêtas, & nellas lhe atão hũa corda cõprida, que fica seruindo de cabresto, ou de freo, por onde os fogigaõ, & governão. Depois que jantamos, mãdou nos dizer o capitaõ, se queriamos ver hũa ribeira, que estava dalli meya legoa, cuja agoa caya toda junta de altura de vinte braças, coufa pera se poder ver. Nos lho agardecemos & accitamos a ida: pera o que mandou logo buscar bois, em que fossẽmõs. E nelles caminhamos taõ seguros, & taõ de pressa, como se foraõ cauallos muito bem domados. E desta maneira chegamos à ribeyra, onde vimos aquella fermosa agoa, qnaisce no alto de hũas grandes, & compridas serras, por cima das quaes vem fazẽ-

do sua corrente, até chgar a este passo, onde fica a mais terra muito baixa, & do alto da serra, que he toda de pedra viua, & rocha talhada, dece esta agoa toda junta de pancada cõtãõ grande estrõdo, que atroatõs cuuidõs, & naõ ha quẽ possa alli aguardar, que parece outra Catadupa do rio Nillo, de que ja tratey. Teue a corrente desta agoa tanta força, que no alto da serra donde dece, rompeo a rocha viua, & fezlhe hũ buraco redondo tamanho como o vaõ de hũa roda de carreta, por dentro do qual corre toda esta agoa no veraõ, quando a ribeira leua pouca: mas no inuerno quãdo uay cheya, trefborda, & corre por cima de modo que se naõ vè o buraco.

¶ Neste lugar à borda da ribeira, estã hum Pagode de Gétios, onde achamos algũs, que tinhaõ alli vindo em romaria. Destes Pagodes ha muitos por esta terra firme (que saõ os Têplos dos Gétios.) Algũs delles saõ de tres naues, & outros de hũa sõ, & os mais delles saõ pintados pollas paredes de dentro, onde tem muitas figuras de animaes, monstros, molheres, & homẽs; entre os quaes tem pintados algũs do modo

Catadupa de Sã Callm.

1. p. liu. 4. cap. 3.

Pagodes de Gétios.

que

que entre nos se pintão os Prophetas. Nestes Pagodes não ha capellas, nem altares, mais que na frontaria da naue do meyo, onde as nossas igrejas tem a capella môr, alli tem hũa capellinha muyto pequena, quadrada, de altura de hum homem, de comprimêto de duas varas de medir, & outro tanto de largura. No meyo desta capellinha tê hũa banca quadrada, pequena, & bayxa, sobre a qual estão tres, ou quatro degraos em roda, ao modo de Elsa, de altura de hum couado: & nestes degraos tem muitos cádieyros de barro com azeyte ardêdo. Os Bramenes (de que abayxo fallarey) tem cuydado destes Pagodes, & andão dentro nesta capellinha nũs da cinta pera cima, atijando, & prouendo de azeite os candieyros. Não sei se andão desta maneira por veneração do lugar, se por não çujarem o vestido. A porta desta capellinha he tão estreta, & bayxa, que escassamente pode hũa pessoa entrar por ella em pé, & nella tê posto sempre hum panno branco, como guardaporta, tão difumado, & cheyo de azeite, q̃ mais parece preto, que branco, & tal he tambem a capellinha

por dêtro, polla continuação do fumo, & azeite. Aqui dêtro não consentem os Bramenes, que entre pessoa algũa, mais q̃ elles, por terem este lugar por cousa sagrada. Pollas paredes destes Pagodes estão feitos algũs nichos toscos, & defautORIZADOS, em q̃ estão algũs Idolos de figura de homês, & molheres, & de monstros, feytos de pedra, ou de metal, a que os Gentios tambem chamão Pagodes, & dizem que saõ os seus santos, & Deoses. Hum Idolo destes vi de figura de molher, que tinha quatro braços, & era muy venerado dos Gëtios. Em todos estes Pagodes està hũa vacca feita de pedra, posta no meyo do Templo; o qual animal tem por cousa sagrada, & dedicada a Deos, & por esse respeito os Gentios offerecem algũas vaccas aos Pagodes: as quaes tanto que saõ dos ditos Pagodes, ficão logo sagradas, liures, & isentas: andão, & comem por onde querê, sem auer quem lhe faça mal, ainda que as veijão comer na sua semêteyra, nem se seruem mais dellas, por serem dedicadas a Deos: & chamãohe vaccas forras: & por esse respeito chamão na India aos yádios Vaccas forras.

Idolos de
Gentios.

Vaccas
forras.

Todos

Capella
& lugar
venerado
dos Gët.

¶ Estes Pagodes tem defrõte da porta hũa fonte, ou ribeyra, ou tanque cheyo de agoa, na qual se metem os Gétios, & lauão todo o corpo, dizendo, q̃ alli se purificação, & alimpaõ de seus peccados, pera poder entrar no Pagode, & fallar com seus Deoses. Algũs Pagodes ha, que tem molheres publicas, dedicadas ao torpe ganho, applicado pera os mesmos Pagodes, as quaes viuẽ jũto delles e casas pera isto ordenadas. Em hum Pagode destes nos achamos hũ dia cinco Religiosos; & fallando com hum Bramene que dêtro estaua, lhe estranhamos, & abominamos muito, permittirem nos seus templos molheres publicas, & deshonestas, adquirido torpes ganhos: onde se via quam diferente, & melhor era a ley, & costumes dos Christãos, que não consentião taes deshonestidades, & torpezas em seus templos, antes tudo o dedicado a elles era santo, & honesto. Ao q̃ o Gentio respondeo confuso, & enuegonhado, Verdade he que a honestidade parece bem em toda a parte, mas isto, que vos estranhaes, he costume mui-ãtigo, & approuado entre nos. E dizendo isto, virou as costas, &

Molheres publicas, q̃ ganhão pera os Pagodes.

foyse, se esperar mais resposta.

¶ CAPIT. OITAVO.

¶ De algũs sacrificios, que estes Gentios costumão fazer de si aos Pagodes.



Algũs Pagodes destes Gentios ha, que tem defrõte da porta hum masto aruado no chaõ com seu pê, & degraos em roda, ao modo de pê de Cruz. No alto deste masto, está hum castellet de madeira bẽ feito, & pintado, & por bayxo d'elle hũa cinta de ferro, q̃ cinge o mesmo masto cõ duas orelhas mui fortes, das quaes estão pêdurados por duas grossas cadeas, dous ganchos de ferro grossos, & agudos nas pontas. Nestes ganchos he costume pollo dia da festa daquelle Pagode morrerem algũs Gétios pregados, que se offerecẽ a esta cruel morte por sua deuação, & não constrangidos. Estes desuêturados tanto que se offerecem pera este sacrificio, os sobẽ por hũa escada de mão até onde estão os ganchos pêdurados, & alli lhos metẽ pol-las costas de tal maneira, que lhe atrauessaõ as entranhas, & assim os dexão pêdurados perneando

Masto onde se faz sacrificio os Gétios

Morte cruel, a q̃ se offerecem.

neando no ar, até que acabaõ de morrer à vista de todos os mais Gentios, que tem vindo à quella festa, & em quanto estão vivos, andaõ embayxo ao pé do masto outros Gétios cõ grande festa, cantando, tangendo, & bailando, & depois que morrem, são tirados d'aquelle lugar com muyta veneraçãõ, como santos, & queymão os corpos, como he seu costume, & quando os leuaõ a queymar, os deitaõ sobre hum carro muito enramado; & desta maneira os leuaõ até a fogueira com muitas festas, & musicas. Mas antes que la cheguẽ, indo pollo caminho, algũs Gétios moidos de deuaçãõ, se lançaõ nũs estendidos no caminho, diante das rodas do carro, as quaes vaõ passando por cima delles; & algũs ficãõ cortados, & moydos de tal maneira, q̃ logo morrẽ; & esses são logo lançados sobre o carro, & queimados cõ os outros, & depois lhe recolhẽ as cinzas, & as guardãõ como reliquias.

Outro modo de sacrificar

Pagode de Tremel.

¶ Hũ Pagode tẽ estes Gentios da India, a q̃ chamaõ o Pagode de Tremel, muy nomeado, assi polla muita riqueza, & thesouro que dizem ter, como por ser casa de muita romagem

dos Gentios, em que se achãõ ordinariamente cada dia infinitos, que alli vem de diuersas partes, & Reynos, & muyto mais no dia da festa do dito Pagode; entre os quaes vaõ algũs alli fazer voto de tornar dahi a hum anno sacrificar-se ao Pagode: pera o qual effeito se vão aparelhando, & mortificando com jejũs, & abstinencias, & neste jejũ vão continuando todo o anno, indo cada dia diminuindo o comer, até que ja no cabo vem a não comer mais que hum bocado cada dia, & assi se mirraõ, & secaõ de tal maneira, que lhe não fica mais, que a pelle, & o osso, & de fraqueza se não podem ter em pé. E no fim do anno tornaõ ao Pagode pera comprirem o voto, que tem feito, ou por seu pé, ou leuados pollos outros Gentios. E depois que la chegaõ, fazem nelle oraçãõ, & vaõse a hum lugar, que está fora do Pagode, de grandissima altura, o qual tem de queda mais de cincoenta braças, & dalli abayxo se deixaõ cayr, & se despenhãõ à vista de todos os mais Gentios, que alli se achãõ naquele dia: da qual queda se fazem logo em muytos pedaços.

Voto, q̃ os Gétios fazem a este Pagode.

E todos estes, que aqui morrê desta maneira, são tidos por fãtos na opinião dos Gentios.

Pagode
do Mala-
uar.

¶ Outro Pagode tem os Gêtios ao longo de hum rio, que está nas terras do Malauar, de que he senhor o Camori Rey de Calecur, o qual he de muita romagem, & nelle se fazê grandissimas festas de certos ê certos annos, & duraõ muitos dias, nos quaes acode alli grande numero de Gentios, assi pol la deuação do Pagode, & festas que se fazem, como também polla grande feyra, que alli se faz naquelle tempo. Nestes dias he custume irê certos Gentios a morrer, & a matar quantos puderem deste ajuntamento, offerecêdo todas estas mortes em sacrificio, & em louuor do Pagode, por cujo respeyto se fazem estas festas. Outros dizem, que ficou este cruel custume do tempo, que nestas festas se matou hum Rey dos que ha neste Malauar, à treição; o qual vindo a ellas, ouue grandes aluoroços, & brigas, entre os seus vassallos, & os do Camori, de maneira, que se matarão algũs de parte a parte: & querendo o dito Rey acudir, pera os apartar, foy morto na briga polla gente do Camori

â treição. Pollo qual respeito o Rey que lhe soccedeo, & todos os mais successores de então até agora, é satisfação desta morte, mandão nestes dias, (que se faz a dita festa) trinta homens armados, & apostados a matar quantos poderem deste pouo, até morrerem na contenda: & por isso chamão a estes Amoucos, que he o mesmo que dizer Homês determinados, & apostados, que não temem a morte, & desprezão a vida.

¶ Estes Amoucos em hum dia destas festas, vem a este Pagode, o mais secretamente que podem, & metemse pollo meyo da gête, que nelle achão com grande furia, & matão todos os que podem. Mas como sua vinda he sabida, & esperada, ja pollo custume que tem, de virem nesta occasiã, em todos estes dias, que duraõ as festas, ha muita vigia, & gente de guarda, em torno de toda esta feira, & tanto que os Amoucos chegão, saemhe logo ao encontro, & pellejaõ com elles, até q̃ os mataõ, & cõ estas mortes, & crueldade se acabaõ as abominaueis festas deste Pagode. Destemodo traz o demonio enganados, & tiranizados

Amou-
cos.

estes Gentios, fazendolhe tomar tanta variedade de tormētos, & mortes por seu seruiço, como temos visto, prometēdo lhe por isso béa venturança, como falso, & tyranno q̄ he. Donde se pode ver, quanta razão tē os Christãos de dar muitas graças a Deos, pollos trazer ao gremio de sua Igreja, dandolhe conhecimento de si, & sua ley tão suaue, polla qual possaõ alcançar a verdadeira felicidade.

¶ CAPITULO IX:

De algũs Pagodes notauēis, que os Gentios tem na India.



DOVS Pagodes tē os Gentios na India, hum chamado Pagode do Elefan

Pagode do Elefan
te.
ec. te, por respeito de hum Elefante muito grãde, que tem à porta feito de pedra preta, rija como ferro; o qual està entre Caranjã, & Baçaim: & outro chamado o Pagode do Canarim, que està na ilha de Tanã. Os quaes são de estranho, & immenso feitio: porque cada hum delles he aberto em hũa ferra de pedra viua, preta, & dura como ferro, & laurado por dentro com tanto engenho, & arti

ficio, que toda a ferra fica vã por dentro, & todo este vão he hũa grande & fermosa casa de hũa pedra moçiça, a qual anti guamente seruia aos Gentios de templo. Pollas paredes destes Pagodes estão lauradas na mesma pedra viua de meyo releuo muitas figuras de homē, & molheres de mui grande estatura, feitas com grande artificio, & custo, obras certo espantosas, que se podião contar entre as marauilhas do mūdo; no feitio das quaes se deuião gastar muitos annos, assi polla dureza da pedra, como polla grandeza dos Pagodes, & artificio primo, com que são laurados. Não tem janellas, nē frestas, senão hũa sô porta grãde, muito bem laurada, por onde se abrio, & fez todo o vão da casa, & por ella lhe entra a claridade, que não he tanta, quanta a grandeza da casa require.

¶ No Pagode do Canarim da Pagode do Canarim. banda de fora, porcima da mesma ferra estão muitas casas abertas, & lauradas na pedra viua, apartadas hũas das outras, como cellas de Religiosos, em q̄ viuião antiguamēte os Bramenes, ministros deste Pagode. Cada casa destas tē defrõte

da porta hum pateo pequeno, & quadrado, aberto tambem na pedra viua. E os vãos destes pateos, são cisternas de agoa, abertas, & vazadas por hũa boca pequena, q̄ cada hũa tem muito bem feita, por onde se recolhe dêtro a agoa da chuua, & se tira a que se ha de beber. Destas cisternas bebião os habitadores desta serra, ministros do Pagode, q̄ nella viuião apartados da conuersação dos outros Gentios, & daqui decião a ministrar, & seruir o Pagode. Mas ja agora ninguẽ mora nestas casas, nẽ estes Pagodes são tratados dos Gentios, nẽ vão a elles fazer suas romarias, & oração, como dantes faziaõ, por estarẽ nas terras, que agora são de Christãos, & pouoadas de Portugueses, onde se lhe não permitem Pagodes nem vsarẽ publicamẽte de seus costumes, & ritos Gêtilicos. E cõ tudo os ditos Pagodes estão inda hoje em pẽ deshabitados da maneira que disse.

¶ Hum Rey do Maluar Gêtio, vendose necessitado de dinheiro, determinou ajudar-se do thesouro de hum Pagode mui rico, q̄ auia no seu Reino, & com esta determinação se foi ao dito Pagode. Sabida

sua tējaõ pollo Bramene môr do Pagode, que reside nelle como Bispo entre os Gêtios, lhe foy â mão, & não lhe deyxou fazer o que pretêdia, antes lho defendeo com muitas rezões, q̄ pera isso lhe deu: mas o Rey, que ja vinha resolutõ no que auia de fazer, as não accitou, nem teue deuer com o que o Bramene lhe dizia, antes foy entrando no Pagode pera lhe tomar o dinheiro, que nelle estaua enthesourado. O Bramene môr vendo a força, que o Rey lhe fazia, determinou de o escomungar; pera o que tomou hum ferro na mão, & deu com elle em sua propria testa, de modo que tirou sangue, a qual cousa entre os Gentios he como escomunhão maior, porque todo aquelle, por cujo respeito o Bramene tira sangue de si, fica escomungado, & não pode mais entrar no Pagode, nem ser absolto d'aquella culpa, atẽ q̄ pague muiro dinheiro pera o mesmo Pagode, empena do crime, que cometeo. E tal ficou o Rei neste caso, porq̄ não somente ficou sem o dinheiro, q̄ pretendia tomar, mas tambẽ pagou a pena da escomunhão, pera ser absolto, & entrar no Pagode.

Escomunhão que vsão os Gentios.

Dõde se pode nõtar o grande respeito que os Gentios tẽ aos seus Prelados, porque atẽ os mesmos Reis lhe guardão o decoro devido, & aceitão as penitencias que lhe dão.

¶ CAPIT. DECIMO.

¶ Dos Bramenes Gentios, que habitão as partes da India, & de seus costumes.

NM todas as terras da India habitão muytas castas, & nações de Gẽtios: entre os quaes os Bramenes são mais honrados, & melhor gente, porque são como sacerdotes, & Religiosos, dedicados ao serviço dos Pagodes. Estes ordinariamẽte viuẽ entre palmares, & bosques muito frescos, regados com muitas fontes, & ribeyras, de que a terra he abundante. Não comem carne, nem peixe, nem cousa que tenha cor de sãgue, pollo qual respeito não comẽ bredos vermelhos, porque lanção de si agoa vermelha. Sustentãose cõ heruas, manteyga, leite, arroz, & outros legumes; de modo, q̃ seu ordinario comer he hũa dieta, & así são muito saos, & poucas vezes adoecem, & viuem

muitos annos. Nunca se san grão, inda que adoeção de febres; mas poẽse em mais dieta, ou ã não comer, atẽ q̃ selhe vão as febres. Não vsão de armas offensiuas, nem defẽsiuas. Não matão, nem ferem, nem tiraõ sangue a cousa viua: antes se podem dar vida a qualquer animal, que outrem aja de matar diante delles, são obrigados a dar-lha se podem; inda que seja comprar-lha por dinheiro. Pollo qual respeito os moços Christãos da India, particularmente os de Dio, ar mão aos passaros, & como tomão algũ viuo, vaõse aos Bramenes, ou Baneanes Gentios, dizendo que lhe comprem aquelle passaro viuo, pera com o dinheiro d'elle comprarẽ outra cousa pera comerem, & se não que o haõ de matar pera isso: & se o Gentio o não quer mercar, fingẽ que matão o passaro diante d'elle, ao qual o Gẽtiologo acode muito depressa, & compra o passaro, dando por elle ordinariamente dobrado mais do que val; & depois de o ter em sua mão, o solta, deytando a voar, & fica muyto contente, dizendo, que saluou aquella alma da morte, que lhe querião dar.

Os Gentios com prão a vt da aos passaros.

Hospitaes
para
animaes.

¶ Estes Gentios tem muitos hospitaes dedicados pera os brutos animaes, õde sustentão & curaõ os bois velhos, que ja não podem trabalhãr, & todos os mais animaes, que achão doentes, ou aleijados, & todas as aues que não podem voar. E finalmente aqui sustentão todos os brutos, que se não podẽ sustentar por si. E pera cadahum genero delles tem casas particulares, onde lhe dão bastantissimamẽte de comer. Allem disso deitaõ de comer a todas as aues do ceo, que querem vir comer a estes hospitaes. Pera estes gastos tẽ estes hospitaes muitas, & mui grossas rendas, que lhe deixarão os Gentios, cuidãdo que faziaõ nisso grande obra de misericordia. E cõ auer estes hospitaes de tantas rēdas pera os brutos animaes, fomite pera os homẽs os não tem, & os pobres que adoecẽ, andão caindo pollas ruas, & morrendo ao desemparo. E a causa desta desordem he, por dizerem os Gentios, que os homẽs, & mulheres podem fallar & manifestar seus males, & necessidaes, & buscar o remedio pera ellas, pedindo o que lhe falta, as quaes cousas não podem fazer os brutos ani-

maes, & porque todos tem alma, por tanto dizem que sãõ obrigados socorrer aos mais necessitados.

¶ Os mais destes Gentios costumãõ queimar seus defun-
tos, assi como nos costumamos enterrar os nossos. E quando algum Bramene morre, sua mulher he obrigada em ley de mulher honrada, morrer tambem com elle. Polla qual rezaõ, quando leuaõ o marido morto a queymar, conforme seu costume, leuaõ juntamente sua mulher viua, a qual vay acompanhando seu corpo até a fogueira muito galante, & vestida dos melhores pannos, que tem, como quem vay peravodas, ou festas, & diante della vaõ muytas mulheres tangendo, cantando, & bailando: & tanto q̃ chegãõ ao lugar, õde hãõ de ser queymados, fazem hũa grande fogueira, em que deytaõ o corpo do Bramene morto, & depois disso dão hũa certa beberagem à mulher que se ha de queymar, com a qual fica alienada, & quasi fora de seu juyzo: o que fazem, pera que não aja medo do fogo. Isto feito, a leuaõ os Padrinhos & Madrinhas a este sacrificio (os quaes ordinariamente sãõ

Queimã
os defun-
tos.

as molhe-
res se fa-
zẽ quey-
mar vi-
uas cõ os
maridos
defuntos

Rezãõ q̃
dão pera
terẽ hos-
pital de
brutos.

saõ dos parentes mais chegados que tem) & andão bailando com ella ao redor da fogueira, atè que dão com ella dentro no fogo, onde se queima viua, & fica tida de todos os Genticos por molher virtuosa, que hõrou a morte de seu marido. E se algũa se não quer queimar quando queimão o marido, pode fazer dahi a algũs dias em outra fogueyra feita pera si; mas se totalmente recusa morrer desta maneyra, então ficã molher infame, & desestimada de todos os Genticos, & particularmente dos parentes, que tomaõ isso em caso de honra. E estas, em pena desta culpa, fição obrigadas como molheres infames, a ganhar torpemente pera algum Pagode; o qual ganho arrecadão os Bramenes dos mesmos Pagodes.

As que se não queimão ficã infames.

¶ CAPITULO XI.
 ¶ Dos logues Genticos, a que alguns chamão Daruis, & outros Gymnosophistas, & seus costumes.



Entre estes Genticos da India ha hũa certa casta, a que chamão logues, & outros

lhe chamaõ Daruis. Estes saõ peregrinos, & andão de terra em terra, como Siganos. Algũs andão muito rotos, & remendados, outros nũs de todo sem cobertura algũa, nem inda pera as partes secretas: & desta maneira andão em desprezo do mũdo, & de suas vaydades, dizendo, que não querem delle mais, que escaçamente a sustentação pera passar a vida, & que lhe basta pera vestido do corpo a pelle q̄ Deos lhe deu, como aos outros animaes. Estes andão todos cheyos de cinza pollo rosto, cabeça, & mais corpo. Não tem casa, nem cama, mais que a terra nua. Pedẽ esmolla, & não tomaõ mais, q̄ aquella, que lhe pode bastar pera comerem logo. Não guardaõ couza algũa de hum dia pera outro, nem menos tem em que o possaõ guardar. Saõ mui penitentes, & desprezadores do mundo.

os logues andão nũs,

¶ Hum Religioso graue, & de muita verdade me contou, estando eu em Chaul, que achandose elle no Reyno de Cambaya, sendo inda secular, vira estar hũ logue nũ assêrado jũto a hũa fogueira, com as costas pera o fogo, assandose por sua propria vontade, & offerecen-

Caso admiravel de hũ logue

dose desta maneira em sacrificio a hum Pagode, q̄ alli estaua & soffria o fogo com tanta paciencia, que não se mouia, nê confrangia, nem menos gemia, como se fora homem de pedra. O qual spectaculo estauão vendo outros muitos Gentios, cō muita deuação, tendo p̄r santo aquelle, que se assaua viuo. E o dito Religioso me affirmou, que lhe vira todas as costas assadas, & crestadas, como o couro de leitão assado, & que sem falta lhe parecia, q̄ o Gentio morreria daquella ignorancia q̄ fez, estando ao fogo mais de hũa hora.

Penitencia de hũ Gentio.

¶ De outro Gêtio me contaraõ na India, q̄ se pos ao longo de hũa estrada no campo, sobre hum pao grosso de altura de duas braças, assêtado sobre hũas taboas, que tinha pregadas na ponta do pao, onde estaua assentado, & que alli se dedicou, & fez voto a Deos de estar nũ, até que morresse. O q̄ cumprio inteiramente, por q̄ sobre este pao esteue toda sua vida, inuerno, & veraõ, soffrêdo o rigor do sol, & frio, chuvas, & as mais injurias do tẽpo, sê se decer do pao, em q̄ se pos o primeiro dia: & alli assentado dormia, & fazia as mais neces-

sidades corporaes, & não cõmia, nê bebia, mais que hũa s̄o vez no dia, das esmollas, q̄ lhe dauão os passageiros. Neste lugar esteue muitos annos, com espanto de todos os que o hião ver, até que morreo.

¶ Entre estes logues ha hũs que são grãdes Philosophos, de que fazem menção diuersos authores, chamandolhe Gymnosophistas, que he o mesmo, q̄ Philosophos nũs. Destes diz Plinio, que costumão muitas vezes por se em pé ao Sol, com os olhos pregados nelle todo o dia, desque nace até que se poem, hora em hum pé, hora em outro como grou, no campo sobre a areia, que está arden-do como fogo, com a grande quentura do sol daquellas partes. Isto mesmo diz S. Agostinho, & allê disso accreenta, q̄ são muito cõtinêtes, & não chegaõ a molher algũa, & morão nos desertos da India, soffrêdo o ardor do sol, & os frios, & tẽpos asperos, sem se queixarem. M. Tullio tambê diz destes, q̄ viuê nũs, & soffrê os frios, sem mostrar sentimento, & postos ao fogo se deixão queimar, sê se mouer, nem gemer, com muita inteireza, & paciencia.

Gymnosophistas

Li. 7.º cap. 2.º

Li. 17.º de ciu. Dei. cap. 10.º

Quæst. Tusc. lib. 5.º

Inst. ecip. lib. 2.º tit. 7.º

¶ Francisco Patricio diz, q̄ hum

hum Indio chamado Calano, muy estimado entre os Gymnosophistas, vendo em Persia a Alexandre Magno, & parecendo-lhe couza mui acertada morrer diante de hum taõ grande Principe, & de seu vitorioso exercito, mandou fazer hũa fogueira, & entrado nella pediu aos Macedonios, que presentes estauão, que fizessem grande festa, porq̃ dahi a poucos dias auia de ir ver o seu Rey a Babilonia, onde residia. E dizendo isto, mandou accender a fogueira, em que estaua, & nella se deyxou queimar, sem fazer mouimento algũ de si, em quanto esteue viuo, & desta maneira acabou, offerecẽdo-se em sacrificio ao diabo.

¶ O mesmo autor conta de outro Philospho Indio, chamado Larmanochargas, que vendo a Octauius Augusto Cesar em Athennas, se queymou tambem viuo, dizendo que então queria morrer, quando via o mais excellente varaõ de todos os homẽs; porque depois não visse outra couza menos nobre, do que era Octauius Augusto.

¶ Estes Gymnosophistas refere o mesmo autor, q̃ são grandes Philosphos, & que algũs

delles estando cativos em poder de Alexandre Magno responderão sentenciosamente ao que lhe preguntauão; a tres dos quaes o mesmo Alexandre fez tres perguntas, dizendo ao mais velho delles; Que farey pera ser amado de todos? O qual respondeo: Selloeis; se a ninguẽ vos mostrardes feroz. Preguntou mais ao segundo: Qual vos parece mais forte, a vida, ou a morte? Respondeo: A vida, pois soffire mais aduersidades. Preguntando ao terceiro, quanto lhe parecia bem que viuesse hum homem; respondeo: Quanto tempo lhe parecer melhor a vida, que a morte.

¶ Destes se conta, que indo Alexandre Magno à India, o reprenderão muy liuremente no seu rosto com aspereza, dizendo, que sendo elle hum homem mortal, se mostraua tão ambicioso das couzas, q̃ tambem eraõ mortaes, & não se contentando com o que lhe cõuinha, viera sojeitar, & destruyr a India toda com suas ladroices: Isto tudo referi aqui, pera mostrar q̃ os logues da India deue ser estes Gymnosophistas, de quem os autores fallão, porque são muy semelhantes em

todos

Calanose
queimou
viuo.

Ditos de
tres Gym
nosoph.

Ibidem.
Larmano
chargas
faz o mes
mo.

Calapino
verbo,
Gymno
sophista.

Ibidem.

todos os costumes, & modo de viuer.

¶ Outras muytas castas de Gentios ha nestas partes da India muy diferentes entre si, assim nos costumes, como nas leys, & ritos, que deyxou por serẽ infinitos, & auendo de tratar delles de proposito, seria necessario fazer muytos liuros.

¶ CAPIT. DOZE.

¶ Da cidade de Chaul de bayxo, & de cima.



DEPOIS de estar na ilha de Goa algũs tempos, me mãdou a obediencia a Chaul. Pera õde parti a 14. de Dezembro de 1597. na armada que entãõ hia pera o Norte, de que era Capitãõ Luiz da Sylua irmão do Regedor, o qual depois morreo na guerra do Cunhale, como adiante diremos. Chegamos a Chaul a 20. do dito mez com prospero tempo.

Cidade de Chaul

¶ Chaul he hũa cidade pequena cercada de muro alto, fortalecida de grandes, & fortissimos balluartes, assim polla parte do mar, como polla da terra, onde està muyta, & muy grossa artelharía. Todos os dias ao por do Sol, se fecha

& polla menhã se torna abrir, & toda anoite se vigia, & guarda por cima dos muros, & balluartes, onde sempre estão vigias pera isso deputadas. Estã situada à borda do mar, & ao longo de hum rio, que na boca terá quasi meya legoa de largura. Tem dos muros a dentro quatro Conuentos. s. de S. Domingos, de S. Francisco, de S. Agostinho, & da Cõpanhia, & fora dos muros tẽ outro Cõueto de Capuchos. Tem mais outras igrejas, freguesias, & Hermidas, assim dẽtro, como fora, e hũ grã de arrabalde, que esta junto da cidade. Tem muytos aposentos nobres, & homens muyto ricos, entre os quaes ouue antiguamente hum, que se embarcou deste Reyno por soldado pobremete, como vão muytos. Mas depois que se achou na India, foy tãõ fauorecido da fortuna, que nãõ ouue no seu tempo outro homẽ mais rico na India: & quando morreo, deyxou a hũ so filho, que lhe ficou, mais de seisçẽtos mil cruzados em dinheiro de contado. Este filho conheci eu nesta cidade cazado, honrrado, & nobre, do qual se dizia, que tinha muyto mais dinheiro, do que lhe deyxou seu pay.

Chaul
dos Mou
ros.

¶ Por este rio de Chaul açi
ma da mesma parte da nossa ci
dade obra de meya legoa, está
a pouoação dos Mouros nos
sos vizinhos, a q̄ chamaõ Cha
ul de cima. Nella viuem tam
bem muitos Gentios, quasi to
dos mercadores, & officiaes de
muitos officios, particularmẽ
te de colchas de toda a sorte,
de escritorios marchetados,
catres, & mais peças, & brícos
de torno, teçelões de sedas mui
to primas, & boas. Aqui se
achão peças muito ricas, infini
dade de brincos muito curio
sos de cristal, marfim, tartaru
ga, madreperola, pedras de san
gue, & de leite, algũas das qua
es são muy approuadas, & ou
tra muita variedade de merca
dorias: de maneira, que Chaul
de cima he hũa feira perpetua,
onde se achão quasi todas as
peças, sedas, roupas, & brícos,
que da India vem pera Portu
gal. A este porto vão algũas
naos da Ethiopia, do Estreito
de Meca, de Mascate, Ormuz,
Sinde, Cambaya, & de Dio, as
quaes leuão muitas destas mer
cadorias.

Duas cor
bras, que
ballauão.

¶ Algũas vezes fuy a Chaul
de cima, onde vi algũas cousas
que me puferão em grande ad
miração, como foy ver hũ dia

baylar duas cobras de capello
muy grandes, & grossas, q̄ são
as mais peçonhẽtas, que ha na
India. Estas rrazião dous Gẽ
tios enroscadas dentro e dous
cestos, & cubertas cada hũa cõ
seu panno, & quando as que
riaõ fazer bailar, as tirauão
dos cestos com a mão, & pon
doas no chaõ, hum delles tan
gia hũa gaita, & o outro hũ inf
trumento ao modo de sanfo
nina, que pera isso trazião. E
as cobras ouuindo a musica, an
dauão de hũa parte pera a ou
tra dando voltas, & leuantan
do o collo no ar, & meneando
a cabeça de modo, que clara
mente mostrauão que bayla
uão, & gostauão do som, que
lhe fazião. E depois disto as to
mauão os mesmos Gentios, &
as punhaõ ao pescoço, enrosc
cadas nelle, sem lhe morderẽ,
nem fazerem algum mal. E des
ta maneira andauão com ellas
ganhando dinheiro.

¶ Dous Gentios vi por ou
tra vez nesta mesma pouoaçã,
fazer muitos tregeitos, & sor
tes de mãos, mui sotijs, & de
grande habilidade, & depois
disso voltear mui ligeiramẽte,
com voltas espantozas, & par
ticularmẽte fazião hũa de grã
de admiração, que era ter hum
delles

Gentios
volteado
res.

delles hũa meya lança sem ferro nas mãos, com hũa ponta direita pera o ceo, & outra sustentada sobre seu peito, & o outro cõpanheiro sobir polla lança arriba mui ligeiramẽte, & depois de chegar à ponta, punha nella hũa taboinha redõda de meyo palmo de roda, & sobre ella se lançava de barriga, & affi estaua em vão deitado, & estendido, com as pernas, & braços abertos, tão seguro, como se estiuera estendido no chaõ, & desta maneira daua tres, ou quatro voltas em roda, como se fora hũa dobadura posta sobre hũ fuso; & tudo isto fazia sem pegar cõ pê nem mão na hastea: & o cõpanheiro que estaua debayxo, tinha mão nella, & o sustentaua na mesma hastea, tão direita, & seguramẽte, como se estiuera bem firme, & metida no chãõ. E tanto q̃ acabauão esta habilidade, o que estaua em cima se deixaua cair abayxo, dando hũa volta no ar, & ficando em pê no chaõ mui direito, junto de seu cõpanheiro. E acabado isto, abos pregũtauão aos circunstantes, qual delles tinha mayor habilidade, se o que volteaua na põta da lança, se o outro, que o sustentaua no ar tão seguramẽte,

que não caya. E desta maneyra ganhauão muito dinheyro. A estas habilidades, fortes, & tregeitos, & inuencões de ganhar dinheyro, são muy inclinados todos estes Gentios, porq̃ naturalmente são ociosos, & priguiçosos.

¶ CAPITULO XIII:

¶ Do Morro de Chaul, & da gloriosa vitoria, que os Portugueses nelle alcançaraõ dos Mouros.



DE frõte da nossa cidade de Chaul da outra parte do rio, na ponta da terra, à entrada da barra, está hũa serã muy alta, & muy fragosa, a que chamão Morro, na India muy conhecido, & nomeado: onde os Mouros do Melique tinhaõ feito hũa das mayores fortalezas, que auia no mûdo, com hũa caua de altura de hũa lança, & muito larga, que chegaua do mar até o rio, ficando o Morro na ponta da terra, como em ilha, cercado por tres partes de mar, & da parte da terra com a caua; na qual tinha hũa ponte leuadiça de madeyra, por onde se feruião do Morro pera a terra firme. Desta caua pera dẽtro, estaua logo

Fortaleza do Morro de Chaul.

ao pé do Morro hū panno de muro muito alto, & forte, que tomava do mar até o rio, & nelle dous fortíssimos balluartes. No meyo do Morro estava outro semelhante panno de muro cō outros balluartes. E no alto do Morro estava hum grandíssimo, & fortíssimo balluarte, que tomava toda a cabeça daquelle mōte, ao qual chamauão o balluarte da resistencia. Da parte do mar, à entrada da barra, estava outro muyto forte, & grande balluarte; de modo, que eraõ sete balluartes por todos, nos quaes auia mais de setenta peças de artilharia grossa, & muy furiosa. Destas cercas pera dentro tinhaõ os Mouros hūa cisterna, ou tanque muito fundo, todo de pedraria laurada muyto perfeito, & custoso, no qual nacia agoa de que bebiaõ. Tinhaõ muitos almazês, de todas as cousas necessárias pera a guerra, & hūas casas muyto bem acabadas, onde morava o General de toda esta gente de guerra, que era hum Abexim chamado Fratecaõ.

¶ Junto a este Morro, da cáua pera fora, estava assentado hū arrayal de gente de guerra, em guarda, & defensão do Mor-

ro; no qual auia oito mil homens de pelleja, quatro mil de pé, & quatro mil de cavallo; gente escolhida, em que auia Mouros muito nobres, & ricos; todos alojados em suas tēdas de diuersas cores louças, & curtidas. Estava mais junto a este arrayal hūa grande feira, a

Bazar de
prouimē
to.

que na India chamaõ Bazar, onde auia sete mil almas, pouco mais, ou menos, entre homens, mulheres, & mininos, todos mercadores, & vendedores de todo o necessário pera hūa tão grande copia de gente, como alli estava. Alli se achauão muitas peças ricas, muito dinheiro, muitas mercadorias, & tudo o mais, que hoje se vende em Chaul de cima.

¶ Estando as cousas nestes termos da parte dos Mouros, os Portugueses estauão metidos na cidade de Chaul, cada dia combatidos, assi da artilharia do Morro, que ordinariamente jugava contra a cidade, como da gente de cavallo, que por terra vinha correr até as portas da cidade, fazendo mil sobrançarias. Neste tempo veyo Dom Aluaro de Abran-

Tinha 7
balluar-
tes.

Arrayal,
& guarda
ua o Mor-
ro.

D. Alvaro
de Abran
ches fo-
corre a
Chaul.

fa destes mefmos Mouros, que corrião todas estas terras) & trouxe esta gēte cōfigo embarcada em nauios, com os quaes entrou pollo Rio de Chaul por bayxo de infinitos pelouros, que do Morro lhe tira uão, sem nenhum delles lhe fazer mal: & entrados, desembarcaraõ todos em Chaul, cō grande festa, & alegria.

¶ Cosmo de Lafeitaraõ estava em Chaul por General de toda esta gēte de guerra, & logo tō a chegada de Dom Alvaro d' Abraches determinou passar da outra banda do rio, & queimar o Bazar dos Mouros, & inquietar o seu arrayal, sem ter intento de cometer por entãõ o Morro, porque tinha isso por cousa impossivel. Pera o qual effeito se confessaraõ, & comũgarãõ aquella noite todos os soldados nos Conuentos, & Igrejas da cidade, que pera isso estiueraõ abertas, & aparelhadas. E depois de confessados, passarãõ à outra banda em barcos, & bateis, que pera isso tinham prestes, & antes de amanhecer desembarcaraõ todos, (que serião mil & quinhentos) & logo começaraõ marchar pera o Bazar: mas antes que la chegassem, lhe sayraõ ao encõ-

Confessa-
raõ de to-
dos os sol-
dados.

tro os Mouros cō muito grande de resistencia, pellejando esforçadamente a pē, & a cauallos: Porem os Portugueses os acometerãõ com tanta oufadia, & esforço, que os Mouros não podendo resistir a seu valeroso impeto, voltarãõ as costas foggindo pera o Morro com tanto desatino, que hūs hiãõ por cima dos outros, assi apē, como a cauallo, correndo a quem primeiro auia de entrar polla ponte dentro: da qual cayo a bayxo, & morreo muita gente, por ser a ponte estreita, & muito grande o concurso dos homēs, molheres, & mininos, cauallos, & elefantes, que por ella querião passar. Os nossos lhe forraõ dando no alcance taõ esforçadamente, que juntamente entrarãõ cō os Mouros polla ponte dentro até a primeira cerca, matando sempre nelles. Tanto que os Mouros viraõ os Portugueses entrados na primeira cerca, forraõ pera fechar a porta da segunda, mas não o puderaõ fazer, porque lho impedio hum elefante dos que os Mouros tinhãõ no arrayal, o qual indo tambē fugindo muito mal ferido, cayo entre as portas, sem se poder mais leuatar. E por esse respeito as não puderaõ

Morreo
muitos i-
nimos
na ponte.

Os Portu-
guezes
ganharãõ
a primei-
ra cerca.

Ganharã
a segūda
porta.

derão fechar; & os nossos as fo-
raõ logo cometendo com tan-
to impeto, que por cima do ele-
fante as entraraõ, & senhorea-
raõ a pesar dos Mouros, que as
defendião valerosamente. Aqui
casiuarão o General Fratecão,
que ja andava muito mal feri-
do. De modo que em obra de
tres horas os nossos mil & qui-
nhentos Portugueses desbara-
taraõ oito mil Mouros de pé,
& de cavallo, & ganharão a pô-
te, & as duas cercas do Morro
com seus balluartes. Ficava
samente o balluarte da resistẽ-
cia, que estava no alto da serra,
onde se acolherão os Mouros,
que escaparaõ da briga, & nel-
le se fecharaõ, & fizeraõ fortes:
mas aproueitoulhe pouco, por
que os nossos mandaraõ logo
ã cidade de Chaul buscar esca-
das, & postas ao muro do bal-
luarte, entrarão por ellas den-
tro a pesar dos Mouros, que o
defendião tão esforçada, & va-
lerosamente, q̃ por duas vezes
tomaraõ as escadas aos nossos
& as alaraõ acima, & meterão
dentro, primeiro que fossem en-
trados. Morrerãõ nesta briga
os mais dos Mouros, & os que
ficarãõ viuos foraõ todos cati-
uos; entre os quaes casiuarãõ
a mulher, & hũa filha de Fra-

Ganharã
todo o
Morro.

62

tecão, o qual depois de se ver
casiuo, se fez Christão, attribu-
indo o bom successo desta vito-
ria ao nosso Deos ser verdadei-
ro, & poderoso; mas depois de
Christão morreo das feridas,
com que sayo da batalha, & foi
enterrado em Chaul com gran-
de pompa, & aparato, acompa-
nhado de toda a cleresia, ca-
pitães, & soldados, que nesse
tempo indã todos estauão em
Chaul. A mulher de Fratecão
se resgatou depois por muyto
dinheiro, & a filha foy leuada
ã Goa, & Matthias d'Albuquer-
que, que então era Vicerey, a
trouxe pera Pórtugal, & a fez
Christã. Nesta gloriosa, & mi-
lagrosa vitoria não morrerãõ
dos Portugueses mais que vin-
te & hum, & foraõ feridos pou-
co mais de quinhentos, que to-
dos depois sararãõ: & dos ini-
migos morrerãõ mais de dez
mil almas, & os demais foraõ
casiuos. Esta vitoria se alcan-
çou a dous de Setembro do an-
no do Senhor de 1594. sendo
Vicerey da India Matthias de
Albuquerque. Os balluartes,
& cercas deste Morro foraõ
todos derrubados pollos Por-
tugueses, por se não poder suf-
tentar tão grande machina, se-
nãõ com muita gente de guar-
nição,

Fratecão
morreo
Christão.

Morrerã
21. Portu-
gueses.

Morrerã
mais de
dez mil
Mouros.

nição, & sômente deixaraõ em pé o balluarte da resistencia, & o balluarte, que está ao longo do mar, na entrada da barra: nos quaes de entaõ atè agora reside hum capitão nosso, com soldados Portugueses, que o Vicerey sustenta, & paga pera defensão deste Morro.

¶ CAPITULO XIII:

¶ Dos Religiosos de S. Domingos, & S. Francisco, que forão por embaxadores das Philippinas ao Iapaõ, & de como os de S. Francisco forão crucificados.

Estão eu nã cidade de Chaul, trouxeraõ a ella hũa cabeça de hum Religioso Capucho da Ordem de S. Francisco, que foi crucificado em Iapaõ, com outros cinco da mesma Ordem. Esta cabeça foy recebida dos Religiosos de S. Francisco desta cidade cõ solenne procissão, missa, & prêgação: onde nos achamos todos os de S. Domingos da mesma cidade, pera lhe ajudarmos a celebrar (como irmãos que fomos) a festa de taõ gloriosas mortes, como foraõ as destes ditos Religiosos; dos quaes por lhe ter muita deuação, &

foceder seu martyrio no tẽpo q̃ andey nestas partes do Oriente, darey hũa breue relação, que he a seguinte.

¶ No anno do Senhor de 1590. auia nas ilhas de Iapaõ hum homem chamado Taycozama, o qual, sendo de bayxa sorte, teue tanta ventura, que veyo a senhorear o Iapaõ, & sojeitar debayxo de seu Imperio sessenta Reis, q̃ nelle auia: de modo que se intitulaua Quabacundono, que he nome como de Emperador. Este cheyo de muita soberba (desejando manifestar seu nome pollo mudo) mandou seus embaxadores a muitos Reys d'aquellas partes, pedindo a hũs vassallagem, a outros cõmercio, & amizade. Esta vltima mandou pedir ao Governador das Philippinas (q̃ entaõ era Gomez Perez das Marinhas) o qual por satisfazer a sua embaxada, & aceitar a paz, & amizade, que lhe offerecia, mandou o Padre Frey Ioão Cobos da Ordem dos Prêgadores (Religioso de muita prudẽcia, & autoridade) por embaxador ao Iapaõ, onde chegou a saluamento, & foi muy bem recebido de Taycozama, & despachado com muitas honras, & em sua cõpanhia mandou

Fr. Ioão Cobos embaixador das Philippinas.

mandou ás Philippinas outro embaixador seu, chamado Faranda, pera cõfirmar as pazes, que tinha assêtado cõ o Padre. Partidos pois de Iapão cada hũ em seu nauio, o do Padre F. Ioão veyo aportar na ilha Formosa, pouuada de Gentios barros, na qual foy morto, com todos os q̄ vinhão no nauio. O de Farãda chegou á ilha de Luzão, cabeça das Philippinas, onde foy bẽ recebido do Governador. A morte do P. Frey Ioão se soube dahi a poucos dias, & de todos foi mui sentida, assi por ser pessoa de muita calidade, como por trazer as cartas de Taycozama, & as cõdições das pazes, q̄ com elle tinha assentado, as quaes por entãõ não podiaõ ter effeito, pois não se sabia que taes erãõ. Polla qual rezaõ tornou o Governador a mandar outro embaixador a Iapão, q̄ foy o P. Fr. Pedro Baptista, Religioso descalço da Ordem de S. Francisco, bom prẽgador, & de vida exẽplar. O qual partio de Luzão em Junho de 1592. leuãdo em sua cõpanhia tres Religiosos da mesma Ordem; & chegando a saluamẽto a Iapão, forãõ bem recebidos de Taycozama, & aposentados em Meã

co cidade populosa; & cabeça de todos aquelles Reinos, onde dizem auer cẽ mil vizinhos. Aqui fizerãõ hũa casinha, & igreja com licença del Rey, a q̄ puserãõ nome Nossa Sñora da Porciuncula, onde prẽgauão publicamente, diziãõ Missa, & baptizauãõ muitos Iapões, q̄ se conuertião. Nesta conjunção chegarãõ a Iapão mais Religiosos da mesma Ordem, q̄ o Prouincial das Philippinas mandaua pera ajudarem os primeiros a cauar nesta vinha do Senhor. Com sua chegada instituyto logo o P. Fr. Pedro Baptista (q̄ era Prelado de todos) dous hospitaes dentro na mesma cidade, onde curauãõ os enfermos, chagados, & leprosos. Daqui se foy o P. Fr. Pedro cõ algũs companheiros, á cidade Vzaca, q̄ estã dalli 7. legoas, & nella fez outra casinha, a q̄ chamou Belchem, onde fez muito fruto nas almas cõ sua prẽgação; & deixando alli dous Religiosos, se veyo cõ só hũ cõpanheiro a Nangasaqui porto de mar, onde vão os Portugueses cõ as naos da China, & nella estiuerãõ algũs meses prẽgando, com grande aceitação, & concurso, assi dos Catholicos, como dos Gentios naturaes.

N. Sñora da Porciuncula é Meãcõ.

Hospitaes em Meãcõ.

Belchem igreja de Vzaca.

O Daqui

Morte do P. Fr. Ioão Cobos.

F. Pedro Bapt. em baixador

Daquí se tornaraõ pera Meãco, deixando muito sentimêto em todo o pouo, que os desejava ter em sua companhia.

¶ Neste tempo arribou a Iapão hũa nao das Filippinas, carregada de muita fazêda, na qual hião mercadores, & soldados Castelhanos, q̄ fazêdo sua viagem pera Noua Espanha, foraõ ter a esta ilha quasi perdidos, & na sua praya deraõ â costa, mas cõ tudo saluaraõ a fazenda da nao. De tudo isto foy logo sabedor o Taycozama, o qual como tyrãno, & ambicioso da fazenda alhea, pretendeo apanhala toda com a gũa capa de justiça, por lhe não ser vituperada sua ladroice. E pera isto lançou fama, q̄ os Castelhanos foraõ ter a Iapão, pera lhe sondarem os portos, & irê a elles cõ suas armadas a lhe tomar o Reino, & por essa causa tinhão inuiado diante os frades, com titulo de embaixadores, a prêgar sua ley, pera que fazendo muitos Christãos, tiuessem gente da sua parte de que se ajudassem, pera se levantarem com o Reyno, como fizeraõ com o de Noua Espanha, Peru, & Filippinas. E com este achaque, que este tyranno fingio, apanhou toda a

fazenda da nao, & mandou prêder quantos nella foraõ, & aos Religiosos das Filippinas, cõ todos os Iapões Christãos seus familiares. Os quaes foraõ logo presos no seu Cõuento, & os da nao em outra casa, õde estauão aposentados, & todos cercados de gente de guarda.

¶ Algũ dias estiuerão presos desta maneira, & no fim delles fingio o tyranno, q̄ mouido de misericordia, perdoaua a morte aos da nao, & mandou q̄ os soltassê, & se fossê liuremente pera as Filippinas, nòs nauios q̄ saisssem do Iapão, & q̄ lhe bafasse por castigo perderê suas fazêdas: mas q̄ os frades fossê deforelhados, & crucificados em Nangasaqui, cõ todos os Iapões seus familiares. Cõ esta sentença foraõ soltos os da nao, & os Religiosos cõ os Iapões leuados ao carcere publico: na qual mudança soccedeo o caso seguinte.

¶ Chegando os ministros da justiça ao Cõuento dos frades pera os leuarê, & aos mais Iapões, foraõ lêdo o rol em q̄ estauão os nomes de todos, & acharão q̄ faltaua hũ Iapão chamado Matthias, o qual, ou se escondeo, ou estaria fora do Cõuento; & bradando os sol-

soltão os Castelhanos.

Caso no.º trauel de hũ Iapão

dados

dados duas, ou tres vezes por Matthias, acodio hum Iapaõ do mesmo nome, que viuia jũto da Conuento, & tocado do Spirito santo, rompeo polla gente, & pondose diante dos ministros da justiça, disse: A qui està Matthias, & polto que eu não sou o que vos chamais, sou logo Christão polla graça de Deos, & amigo destes Religiosos, que tēdes presos. Réf ponderão os ministros: O que dizes basta pera te leuarmos atitambem preso. E logo lançarão mão d'elle, & lhē atarão as mãos atras, como aos mais, & assi os leuerão, sē preguntare mais pollo outro Matthias, & cayo a sorte sobre este Matthias, por venturaque seria o outro Judas que fugio, & não foy digno de ser contado entre estes martyres. Forão aqui tambem presos tres mininos, que ajudauão á Missa aos Padres, & o mayor feria de 14. anos.

¶ Deste carcere publico forão tirados, & leuados a hũa praça, onde cortaraõ a cada hũ delles ametade da orelha esquerda, o q̃ os seruos de Deos soffreraõ com tanta cõstancia, q̃ atè nos tres mininos se mostraua seu valor, pera confusão dos Gentios, porque hũ delles

chamado Thomè, cortandolhe a orelha, & deitãdolha no chaõ se abaixou por ella, & a amostrou ao algõz, dizendo: Corta corta mais, se quiseres, & farta te de sangue de Christãos, coufa que a todos pos em grande admiração. Tanto que os def orelharaõ, os subiraõ em carros, & os leuaraõ polla cidade Meâco á vergonha, & daqui á cidade Vzaca, tambem a correr as ruas publicas, dizêdolhe mil affrontas, indo elles muy pacientes, & contentes, por terem ja derramado sangue pol la fè de Iesu Christo, do qual hão tintos, & muito airofos.

¶ Desta cidade foraõ leuados a Nangasaqui, caminhando mais de cem legoas, hora a pê, hora a cauallo, hora cõ as mãos atadas, hora com cordas ao pescoço, atè chegarẽ á vista da cidade, onde todos se cõfesarão, & aparelharaõ pera morrer. E depois forão leuados a hũ campo defronte da cidade, onde estauão as cruzes lãçadas no chãõ, & cercadas de soldados armados cõ lanças, & arcabuzes. A qui forão estendidos sobre suas cruzes, & presos nel las cõ cinco argolas de ferro, s. hũa no pescoço, duas nas mãos, & duas nos pês; & desta

Animo
dehũ mi
nino.

Apare
lhãosepe
ra mor
rer.

cortãõ as
orelhas
aos mar.

mãeira leuantados no âr, & aruorada cada cruz em sua coua, que já estaua feita pera isso, distante hũa da outra quatro passos em carreira, cõ os rostos pera a cidade, quelhe ficaua ao Meiodia. Postos desta maneira, estauão cantando muytos Hymnos, & Psalmos, cõ muita alegria de padecer por Christo: & os tres mininos tambem cantauão como Anjos o Psal. *Laudate pueri Dominum*, &c. que lhe tinha insinado seu mestre o P. Frey Pedro Baptista, pera cantarem nesta hora: na qual fairão tres, ou quatro soldados cõ agudas lanças nas mãos, & foraõ alanceando os crucificados, dando a cada hũ duas lançadas, hũa pollo lado direito, outra pollo esquerdo, q̃ os tres passauão atè os hombros: & desta maneira morrerão todos como cavalleiros de Iesu Christo, em hũa festa feira aos 6. de Fevereiro, do anno do S. de 1597. Em cada cruz estaua escrito o nome do q̃ nella auia de padecer, q̃ por todos eraõ 26. s. os Padres Fr. Pedro Baptista Cõmissario, Fr. Martinho da Ascensãõ, Fr. Francisco Branco sacerdotes, & prégadores. Fr. Philippe de Iesu Chorista, Fr. Francisco de S. Miguel, & Fr.

Jonuauã
a Deos,
postos
as cruces

Sfoalan
ccados.

26. cruci
ficados.

Nomes
dos Reli
giosos.

Gõçalo Garcia irmãos leigos: os outros 20. erão Iapões, dos quaes não trato aqui, porq̃ dei xo isso pera que tratar sua historia mais de proposito; cujos nomes he de crer estão escritos no liuro da vida, pois derão a sua pollo autor della. Defronte das cruces estaua a sentença de sua morte escrita em hũa ta boia em lingua do Iapão, posta em alto, pera q̃ todos a lessem; cujo theor na nossa lingoagem Portuguesa he o seguinte.

¶ Sentença dos crucificados.

POr quanto estes homẽs vieraõ das ilhas de Lusãõ cõ titulo de embaixadores, & se ficaraõ no Meãco prẽgando a ley dos Christãos, que eu prohibi mui rigurosamente os annos passados: mando que se jãõ justicados, juntamẽte cõ os Iapões q̃ se fizerão da sua lei & serãõ crucificados em Nangasaku. E torno a prohibir de nouo a dita ley daqui por diante, porque venha â noticia de todos. E mando que se execute. E se alguẽ for ousado quebrantar este mandamento, seja castigado com toda sua gêração. O primeiro Queicho, aos dez dias da vndecima Lua.

O sello Real.

Depois

¶ Depois de crucificados, cercario os Gentios o lugar das cruces com hũa sebe, & pu feraõlhe guarda de soldados, q̃ de dia, & de noite vigiaão os corpos dos martyres, pera que não fossem furtados pollos Christaõs, & alsi os vigiaão noue meses; no qual tẽpo estiueraõ seus corpos nas cruces, sem receberem corrupção algũa: antes ficarão cõ seus rostos tão aluos, & fermosos, como se morreraõ aquelle dia. A cabo de 9. meses mandou o Governador das Philippinas pedir estes corpos a Taycozama, & foraõlhe cõcedidos, & leuados pera as Philippinas. Mas antes q̃ os recolhessem das cruces, tomaraõ os Portugueses da cidade de Nãgasaqui muita parte destas reliquias, & algũas cabeças inteiras, das quaes hũa de hum destes Religiosos veyo ter a Chaul, onde eu estaua, & a recebemos cõ a solênidade, q̃ ja disse. A hõra, & gloria de Deos.

¶ CAPITVLO XV.

¶ De hũa armada, que o Vicerey Dom Francisco da Gama fez contra o Cunhale, pera a qual vieraõ os soldados, que andauão no Norte, em cuja companhia tornei de Chaul pera Goa.

DEsta cidade de Chaul me tornei a embarcar pera Goa é hũa armada de dez nauios, em que vinhão todos os soldados, que tinhão inuernado aquelle anno nas fortalezas do Norte; os quaes se auião de ajuntar em Goa, pera irem contra o Cunhale. Partimos pois desta barra hũa madrugada do primeiro dia de Outubro de mil & quinhẽtos, & nouẽta & oito, com muito bom terreno, com que fomos nauegando atè as dez horas do dia: no qual tempo acalmou o vento, & todos os nauios tomaraõ os remos, & forão continuando a viagẽ obra de hũa hora. Nesta conjunção foy visto da nossa armada hum nauio de Mouros do Sanguicel, ladrões, que andauão roubando pollo mar; o qual estaua ao longo da terra, & tão cosido com ella, que parecia pedra da praya, & por não ser visto, estaua desemmasteado: mas nẽ isso lhe valeo, pera deyxar de ser conhecido, & cometido dos nossos nauios: os quaes postos todos em alla, se foraõ a elle remando, a quẽ primeiro lhe auia de chegar. Os ladrões vendo, que eraõ descubertos,

Nauio de ladrões, q̃ seguímos, & tomamos.

allijarão logo ao mar maisto, verga, & velas, pera ficarem mais lestes, & menos carregados; & tomando os remos em punho, foraõ remando ao longo da praya com tanta ligeyreza, que fazião voar o nauio, & así passarão fugindo por entre a nossa armada, & em breue tempo nos leuarão mais de meya legoa de ventagẽ, por ser o nauio pequeno, ligeiro, & descarregado, & os nossos muito grandes, & carregados: mas nem por isso deyxarão de os seguir mais de duas horas, atè que entrou a viração do mar muy fresca, com a qual â vela, & remos lhe forão dando caça, & tirando com a espingardaria, & berços, de maneira, que vêdose elles apertados, & quasi alcançados, vararão em terra, & fugiraõ por hũa serira acima, que perto estaua, deixando o nauio na praya, com algũs roubos, que já tinham feyto, o qual leuamos connosco pera Goa. E âtes de chegarmos â sua barra, cayo hum homem ao mar, que vinha dormindo na percha do nosso nauio, & foy tão ditoso, que vindo outro nauio desta mesma armada polla esteira do nosso, o tomou sem perigar.

¶ Tanto que os soldados do Norte desembarcarão em Goa, começou logo o Viceroy Dõ Francisco da Gama negociar hũa grossa armada de nauios, & Galês pera mandar em ajuda do Camorî Rei de Calecut contra o Cunhale Mouro seu vassallo, que se tinha leuando, & rebellado contra elle, no meandose por Rey, tendo adquirido a si muitos Mouros de Carapuça, que saõ os mais esforçados desta costa, com que fazia muita guerra, así ao mesmo Camorî, como aos Portugueses com suas armadas, & nauios, que mandaua por todo o mar da India a saltar, & roubar todos os nauios, así de Christãos, como de Gentios, que vinhão pera os nossos portos, com cujas presas estaua muito rico, poderoso, & soberbo, recolhido em hũa fortaleza cheya de muita artelharia, da qual fazia todos os males q̄ tenho dito. Pollas quaes causas, o Camorî (q̄ atè então estaua de guerra cõ o estado da India) cometeo pazes ao Viceroy Dõ Francisco da Gama, pera q̄ lhe ajudasse a destruir, & desbaratar este tão forte inimigo. As quaes accitou o Viceroy, vêdo quão pueito dellas resultaua

or denise
armada,
contra o
Cunhale

Faz o Ca
morî pa
zes cõ o
estado da
India.

pera

pera quietação; & sossego do estado da India. Pollo que se embarcarão muitos, & nobres fidalgos, & mui esforçados soldados: os quaes todos se offercerão cõ muito gosto pera esta tão justa empresa, & foi por seu capitão môr D. Luis da Gama irmão do mesmo Vicerey.

¶ Partidos pois desta ilha de Goa em Dezembro logo se guinte de 1598. chegarão à barra do rio do Cunhale, onde ês tiuerão algum tempo negociãdo as cousas necessarias pera cometer o inimigo. E assentado o dia do combate, entraraõ pollo rio dentro com todos os navios. Dos quaes mandou o capitão môr que desembarcassem na terra dos inimigos hũa madrugada seiscentos Portugueses, gente muy esforçada, & escolhida, levando por seu capitão a Luis da Sylua irmão do Regedor, fidalgo mui esforçado, & de quem auia muyto grandes esperanças, pollas boas partes, de que era dotado: em cuja companhia, & no mesmo batel forão o Padre Frey Antonio da Costa, & o Padre Fr. Reginaldo do Spirito santo, Religiosos da Ordem dos Prêgadores. Mas este batel não chegou a desembarcar na

terra dos inimigos, por respeito do dito Luis da Sylua, por que antes de chegar a terra, os Mouros, que defendião a praya, lhe derão hũa espingardada entre ambos os olhos, de que logo cayo morto no batel; & por não se saber na terra dos inimigos de sua morte, tornou o batel a voltar do mesmo lugar, & os ditos Padres vierão com seu corpo, até lhe darem sepultura da outra banda do rio, onde estaua a nossa armada surta.

¶ Os mais soldados desembarcando na praya a pesar dos Mouros, que a defendião, pellejarão tão esforçadamente, que em breue tempo forão senhores das tranqueiras, & da pouoação dos Mouros, à qual puserão logo o fogo, & os mais dos Mouros se recolherão à fortaleza, & fecharão as portas com grande pressa, & medo; mas depois tornarão a sayr de refresco com muyta ousadia; por verem, que os Portugueses andauão já muy cansados de pellejar auia quatro horas, & juntamente vião, que os mais delles não tinhão já poluora, nem pellouras, com que pudessem continuar a briga, & que andauão já espalhados,

Morte de
Luis da
Sylua.

600. Por
tugueses
cometê
o Cunh.

& desgarrados, como quẽ andaua sem capitão, que os ajuntasse, & governasse; pollo que deraõ sobre elles, & sobre a gente do Camorî, que tambẽ nesta briga ajudaua aos Portuguezes. E neste segundo encontro foraõ mortos os mais delles, & outros feridos, que escaparaõ a nado, & da gente do Camorî morreraõ mais de mil Nayres.

desbarate
dos Port.

¶ Vendo o capitão mór tão roim principio a esta guerra, & tão delestado successo no primeiro assalto, que tinha dado, foyse d'aqui pera Cochim com toda a armada, pera mandar curar algũs doentes, & feridos, que escaparaõ desta briga, & de Cochim tornou pera Goa, pera se refazer de mais gente, & de outras cousas necessarias pera a empresa começada, & o Camorî se deyxou ficar com todo seu arrayal alojado defronte da fortaleza do Cunhale, tẽdo o cercado da parte da terra, onde esteue esperãdo todo o inuerno, sem leuantar o campo, nem deyxar o cerco, que tinha começado, atẽ que lhe tornasse outro socorro de Goa.

Fim de
ta guerra

¶ CAPITULO XVI.

¶ Da segunda armada, que D. Francisco da Gama Vicerey da India mandou contra o Cunhale, & do que lhe succedeo.



O anno seguinte de 1599. tornou o Vicerey D. Francisco da Gama fazer outra armada cõ muita mais gente, & muitos mais petrechos de guerra, pera tornar a mandar contra o Cunhale: da qual fez capitão mór Andre Furtado de Mendoça, fidalgo muy noble, & muy esforçado, & temido dos Mouros, por ter delles ja alcançado muitas vitorias, sendo capitão mór do Maluar. Tanto que este valeroso capitão teue prestes, & negociado todo o necessario pera esta empresa, partio da barra de Goa em Dezembro da dita Era, & chegou ao Cunhale no mesmo mes; com cuja chegada logo os Mouros desconfiaraõ de sua saluação, & se deraõ por desbaratados. E por outra parte o Camori ficou muito allegre, tendo por certa a vitoria de seus inimigos. E logo mandou visitar Andre Furtado por seus Regedores à Galê, onde estaua, & elle em pessoa o veyo visitar

O Camori visita
Andre Furtado.

visitâr o dia seguinte à praya, onde Andre Furtado desembarcou, & o recebeu com muita cortesia: alli trataraõ ambos do modo, que auião de ter no accometimento, & destruição do Cunhale. E pera mais segurança, & firmeza desta liga, ordenaraõ, que ouesse refês de parte a parte. O Camorî deu em refês o Principe de Tânor, & o Regedor môr de seu Reyno: os quaes leuou D. Francisco de Sousa na sua Galè a Cochim, onde fotaõ bẽ agasalhados, & guardados na ilha de Vaypim. Ao Camorî deraõ ã refens dous fidalgos Portugueses, q̃ elle teue no seu arrayal.

¶ Isto feito, começou logo Andre Furtado entender no q̃ era necessario pera o combate da fortaleza, & de suas tranqueiras. Primeiramente, fez hũa tranqueira logo à entrada da barra, na praya, da parte do Norte, pera recolhimento, & defêção da gête, que desembarcasse da armada. Fez mais outra tranqueira allem da fortaleza do Cunhale, pera defêder os rios, que decẽ da serra, donde vinhão mantimentos aos inimigos. Fez outra tranqueira em hũa ponta da terra, que estaua defronte da fortaleza,

onde pos algũas peças d'artelheria, com que varejaua a fortaleza, & lhe fazia muito dano. Depois disto desempedio a barra do rio, que o Cunhale tinha empedida com muitos mastos, & anchoras, encadeadas com cadeas de ferro, de modo, que não podia entrar a nossa armada da barra pera dentro. Acabado isto, determinou combater hum forte, que os Mouros tinhão feito na ponta da terra à entrada da barra, da parte do Sul, fortalecido com muita gente de guerra, & artelheria. Pera o que hũa madrugada desembarcou na dita praya com muitos soldados; & posto que da parte dos Mouros ouue muita resistencia, com tudo quando amanheceo, tinha jã ganhado o forte com morte de muitos Mouros, & de trinta Portugueses, que alli morrerão, afora outros tantos feridos. A este forte pos o capitão môr nome de Nossa Senhora da Vitoria, & logo lhe meteo dentro boa guarnição de soldados. E desta maneira ficarão os Portugueses senhores de todo o rio, alsí da parte do Norte, como do Sul, & os Mouros de todo desconfiados, & desejosos de se sayr da fortaleza, & fugir:

Ganhou
se o forte
da barra.

Refês do
Camorî,
& Portugueses.

Tranqueiras dos
Portugueses.

A qual cousa sabida pollo Camorã, & capitão mór, deraõ licença, pera que se sayffe da fortaleza quem quisesse liuremente, & se fosse em paz. Com este seguro se sayrão della mais de mil pessoas entre molheres, & mininos, & algũs homẽs, ficando dẽtro o Cunhale com a melhor gente, que tinha de pelleja, todos Mouros.

¶ Esta fortaleza estaua situada, quasi toda dẽtro no rio, cercada de agoa por tres partes, & na que estaua pera a banda da terra, auia duas cercas muy fortes; a primeira, que estaua mais chegada à fortaleza, era de pedra, a segunda de madeyra, ẽtre as quaes auia dous balluartes muy fortes, hum se chamaua do Catamuça (que era hum Mouro muy esforçado capitão, & parẽte do Cunhale) & outro o balluarte branco. Dentro destas cercas estaua a Misquita, & a pouoação dos Mouros, que o anno d'antes tiuerão ganhado, & queymado os Portugueses, que foraõ em companhia de Luis da Sylua, como disse no capitulo passado. A tranqueira, ou cerca de

do o forte da barrã, & com me nos perigo dos soldados, & logo lhe pos o fogo, ficando ainda a cerca de pedra cõ os dous balluartes, Branco, & do Catamuça, & a mesma fortaleza, onde estauão os Mouros cercados de todas as partes: porq̃ tambem da banda do mar estauão todos os nauios da armada, & as barcaças, com muita, & boa artelharia, que de continuo varejaua os cercados.

¶ CAPITULO XVII.

¶ Do vltimo combate, que se deu ao Cunhale, & de sua prisão, & morte.



Stando as cousas do Cunhale nos termos que atras fica dito, vendo Andre Furtado de Mendoça, que lhe não ficaua mais que fazer, senão cometer a fortaleza, & os balluartes, determinou delhe dar bataria por mar, & por terra. Pera o qual effeito desembarcou em terra com seus esquadrões de soldados muy bẽ negociados, & guiados por hum estãdarte Real, que leuauão diante aruorado em hũa lança, & desta maneira foy marchando até a

Defẽbẽ
ca Andr.
Furt. em
terra do
Cunhale

tran

sítio da
fortaleza
do Cunhale.

Ganhou
se a pri-
meira tra-
queira.

madeyra ganhou logo Andre Furtado com muito menos trabalho, do com que tinha ganha

a tranqueira de pedra, que primeiro avia de cometer. E mandou aos navios, que estauão no rio, que cometessem juntamente o balluarte branco. O que tudo prestes, & aparelhado, ao som de hũa trombeta (q̄ era o sinal de abalroarem) remeterão cada hum por sua parte, & combaterão os lugares, que lhe forão encomendados, com tanto animo, & esforço, q̄ em breue tempo foy ganhada

a tranqueyra de pedra, & os balluartes ambos, & a pouoação, & Misquita, & todos estes fortes, & passos, forão logo fortalecidos, guardados, & muito bem vigiados pollos Portuguezes. Neste combate morrerão muitos Mouros, & os mais se recolherão na fortaleza malferidos, & desbaratados.

¶ Andre Furtado não cessou do trabalho, que tinha começado, antes logo cõ nouas forças, & grande animo mandou cõbater a fortaleza muy rijamente por todas as partes, de dia, & de noite, sem deyxar quietar os inimigos: os quaes, inda que tão opprimidos, defendião muy valerosamete suas vidas, & casa, jugando sem cessar com sua artelharia contra os Portuguezes, & gente do Ca

morî, que em toda esta guerra sempre ajudou aos nossos, & com os muitos pellouros, que os inimigos despidião da fortaleza, faziaõ grande danno a toda a nossa gente. Mas nem isso foy bastante, pera deixarem de lhe furar, & arrombar a fortaleza cõ a nossa artelharia das barcaças, de tal maneira, que já podião ser entrados os inimigos, pollas roturas, que tinhamo no muro.

¶ Vendose já o Cunhale desbaratado, & quasi entrado, determinou entregar-se ao Camorî, sem auer mais briga. O que pos em effeito aos 16. de Março do dito anno. Pera a qual entrega, se aballou o Camorî com todo o seu arrayal (que serião mais de dez mil Nayres) & veyose pòr a porta da fortaleza de hũa parte, & Andre Furtado com todos os Portuguezes (q̄ serião mais de mil) veyo tambem pera a dita fortaleza, & posse da outra parte, ficando hum caminho pollo meyo dos dous arrayaes. Isto feyto, abrião de dêtro as portas da fortaleza, & veyo saindo toda a gente, que estaua dentro, desarmada, & foy passando em fileyra por entre os dous exercitos. No fim da qual gente vi-

Entrega
se o Cur
nhale.

Ganha
cerca. &
os ballu
artes.

Cõbate
da fort
leza.

aha

inha o Cunhale cercado de todos os seus Mouros prícipaes: o qual vinha vestido honesta, & custosamente, com muitas peças, manilhas nos braços, & aneis de ouro muito ricos nos dedos, & cõ hũa espada nua na mão; & desta maneira chegou atè onde estaua o capitão môr & o Camorî: & logo Andre Furtado lançou mão d'elle por consentimento do Camorî, & o entregou aos soldados, pera que o leuassem a bom recado, & metessem na Galé Capitaina, aonde logo foy leuado preso, & agrilhoado, com outros quarenta Mouros dos prícipaes do Cunhale, que tambem o Camorî mandou entregar aos Portugueses, pedindo muito a Andre Furtado, que lhes não desse a vida.

¶ Isto feito, entrou Andre Furtado com o Camorî na fortaleza, & disselhe as palauras seguintes. Pois V. A. tem respondido com sua amizade, & verdade, como se esperaua de hum tão grande, & poderoso Rey, como he, eu em nome del Rey de Portugal meu Senhor, liberalmente largo, & dou a V. A. tudo quanto nesta fortaleza se achar, sê querer d'aqui cousa algũa pera as despensas

desta armada, nem pera os soldados della, tirando as peças d'artelharia, porque essas auemos de partir pollo meyo, como já temos assentado. O Camorî ficou tão contente com este offerecimento, que o não sabia encarecer com palauras, louuando muito a verdade, & liberalidade dos Portugueses. E isto dizia, pollos receyos, q̃ sempre teue de Andre Furtado se senhorear de todo o despojo, que na fortaleza se achasse, tomandoo pera si, & pera seus soldados. Depois disto foraõ contadas todas as peças d'artelharia, que na fortaleza esta-

Mais de 300. peças de artelharia forão achadas na fort.

¶ Depois de tudo isto concluido, despediose Andre Furtado do Camorî, & veyose pera Goa, trazendo em sua companhia

Prisam do Cunh.

Offereci mentode And. Furtado ao Camorî.

panhia hum sobrinho do Camorí chamado NiâleCharàle, pera confirmar as pazes com o Vicerey entre o Camorí, & o estado da India. Chegou â cidade de Goa a 13. de Abril do anno do Senhor de mil, & seiscentos, onde foy recebido cõ tantas festas, & allegria, quantas vitoria tão insigne estaua pedindo. As pazes forão confirmadas, & o Mouro Cunhale degolado publicamente sem se querer fazer Christão, sendo amoestado muitas vezes pera isso por muitos Religiosos, que de proposito lhe foraõ prêgar ao tronco, onde estaua preso, & assi morreo como viuero. Sua cabeça foy leuada em hũa gayola de ferro, & posta no mesmo lugar, onde esteue a sua fortaleza, sobre hum masto. E desta maneira se quietarão as guerras dos Portugueses com o Malauar, & acabou este Cunhale cruel inimigo, & perseguidor dos Christãos.

¶ CAPITULO XVIII.
¶ De como parti de Goa pera Cochim vindo ja de viagem pera Portugal, & da cidade de Cochim, & Christãos de S. Thome, & seu martirio.



DEPOis que Andre Furtado de Mendonça partio de Goa com sua armada pera o Cunhale, como fica dito, dahi a cinco dias, que foy a 8. de Dezembro, do anno do Senhor de 1599. partio a nao S. Simão da mesma barra pera Cochim a tomar a carga da pimenta, pera dahi fazer sua viagem pera Portugal. Nesta nao me mandou o Vicerey D. Frãcisco da Gama embarcar, com titulo de capellão, pera nesta viagem confessar, & sacramentiar os passageiros della, como fiz. Partidos pois, tiuemos tão bom tempo, & vento, que fomos sempre correndo a costa do Malauar, & passamos polla barra do Cunhale, onde achamos Andre Furtado surto na boca do rio; & d'alli fomos passando, & continuando nossa viagem, atè a barra de Cochim; onde chegamos a saluamento, aos 16. do dito mes.

¶ Cochim he hũa cidade muy bem assentada, sem auer nella outeiro, ou ladeira alguma. Estâ situada juto do mar ao longo de hum fermoso rio, de muy boa agoa doce, posto q̃ alli na barra he salgada, por causa das marês. Este rio dece

Descripção
daõ de Cochim.

de hũas ferras, a que chamão Gate, cujas agoas são excellen-
tissimas, & regão muita parte
das terras de Cochim, fazendo
por ellas ribeiras, & ilhas mui
frescas, onde ha grandes fol-
gas, & passatempos, de que os
moradores de Cochĩ se lográo.
Ha nesta cidade quatro Con-
uentos de Religiosos, s. de S.
Domingos, de S. Francisco, de
S. Agostinho, & da Cõpanhia;
& fora da cidade outro de Ca-
puchos. Tem Sê, com seu Bis-
po, & conegos, & outras fregue-
sias, & hermidas. Ha nella
muita, & boa casaria, & gente
muy nobre, & rica. Tem quasi
tantas mercadorias como Goa,
porq̃ em seu porto entrão mui-
tas naos, & nauios, com a s mer-
cadorias, q̃ custumão ir a Goa.
Aqui carregão as naos a pimẽ-
ta, que se apanha no Maluar,
& a canella que vê de Ceilão.
Antiguamête se carregaua tã-
bem muita canella, que se co-
lhia nos matos de Cochim, a q̃
chamauão canella do mato, &
ja hoje a não colhẽ, polla pou-
ca valia que tem, por respeito
da muita fina, que vem de Cei-
lão. Finalmête, aqui neste por-
to carregão as naos de Portu-
gal a principal caixaria, rou-
pas, & drogas, que da India

vem pera este Reino.

¶ Por este rio de Cochim a-
cima obra de hũa legoa, da mes-
ma parte da nossa cidade, està
Cochim de cima, cidade po-
nuada de Gentios, os mais del-
les Nayres (que he a gente no-
bre destas terras) entre os qua-
es morão tambem algũs Mou-
ros, & Iudeos. Nesta cidade
estã a corte do Rey destas ter-
ras, onde ordinariamente resi-
de, com o qual tiuerão sempre
os Portugueses paz, & amiza-
de, conseruandoa elle sempre
com muita lealdade, como lar-
gamente se cõta nas chronicas
da India; polla qual rezão os
Reys de Portugal lhe derão
parte dos direitos, que rendem
as Alfandegas na nossa cidade
de Cochim: aqual o Rey Gêtio
mãda arrecadar por seus feito-
res, q̃ alli tẽ. Este Rey vem al-
gũas vezes a esta nossa cidade
pollo rio abaixo, mui bem acõ-
panhado de Nayres, com suas
espadas nuas na mão, & rode-
las abraçadas, do qual modo
andão ordinariamente: & o ca-
pitão de Cochim com o mais
pouo, o recebe com tanta cor-
tesia, como se fora o Vicrey
da India: & logo o capitão lhe
entrega as chaves da cidade e
hũa salua de prata, em reconhe-

Cochim
de cima.

Direitos,
q̃ se pa-
gão a el-
Rey de
Cochim.

cimento.

cimento da muita amizade, & irmandade, q̄ sempre teue cō os Reis de Portugal; a qual cerimonia el Rey de Cochim estima muito: & tomando as chaves da mão do capitão, lhas torna logo a entregar cō muita alegria.

¶ Por este mesmo rio acima polla terra dentro està hũa corda de serras mui grandes, que atraueſſaõ toda a India, nas quaes morão muitos Christãos naturaes da terra, de cor baça. Estes descendem daquelles que conuerteo, & baptizou o Apostolo S. Thome naquellas partes, & por isso lhe chamão Christãos de S. Thome. Deste glorioso Apostolo se lee, q̄ se foi inuiado pollo Spirito santo a prêgar o Euangelho à India Oriental, logo se pos ao caminho: & depois de prêgar, & fazer muita Christãdade na ilha de Sacotorá, & no Reyno da Persia, onde foy ter, dalli se tornou a embarcar pera a India, onde chegou a saluamêto, & correndo algũas terras do Maluar, cõuerteo nellas muitos Gentios à fê de Iêsu Christo nosso Senhor, assi com sua prêgação, como com muitos milagres, que obrou entre elles; & depois de ter baptizado

muitos, fez algũas Igrejas, & ordenoulhe ministros, pera administrarem esta Christãdade. Isto feito, se tornou a embarcar pera a costa de Charamandel, & foy aportar na cidade de Maleapõr, pouoada de Gentios, muy populosa, onde prêgou, & conuerteo a mayor parte da gente da terra; entre os quaes fez Christão o proprio Rey della, & ordenou muitos ministros, pera cultiuarem esta Christandade.

¶ Não podendo soffrer os Bramenes, sacerdotes dos Gentios, que sua seita se fosse assi acabando, com tanto descredito de suas pessoas, pois perdião a honra do sacerdocio dos Idolos, que possuyão, consultaraõ como matarião o glorioso Apostolo, tendo pera si, que cõ sua morte cessaria a Christandade que fazia: & buscando pera isso tempo, & occasião, em q̄ lhe não pudessẽ valer os Christãos, effectuarão seu danado intento, esperando o Apostolo hum dia fora da cidade, onde alem de lhe darem muita pedrada, lhe derão tambem hũa lançada, cõ q̄ o atraueſſaraõ, & matarão. E desta maneira deu sua alma santissima a seu amado Senhor, & Mestre IESV,

Cap:

Christo, por cujo amor, & fê morria.

¶ CAPITULO XIX.

¶ Do que succedeo aos Christãos de S. Thome, & de como receberam a feita Nestoriana, & de sua redação à Igreja Romana.

DEPOIS da morte deste glorioso Apóstolo, perseguiu a Christãdade q̄ deixou feita nesta terra muitos annos com grande augmento, así de Christãos, como de Bispos, & igrejas, até o tempo em que outros Reis barbaros & infieis vierão tomar posse deste Reino por força d'armas, os quaes destruyrão esta Christãdade, derribãdolhe as igrejas, matandolhe os Bispos, & grande numero de Christãos; & os que puderaõ escapar desta perseguição, fugiraõ, & vierãose pera o Malauar; onde estauão os primeiros Christãos, q̄ S. Thome na India tinha feito: outros foraõ viuer e o Reino de Cráganor, outros na cidade de Coulaõ: outros no Reino de Trauancor: & outros finalmente nas serras do Malauar, situadas polla terra dêtro no Reyno do Camorê, & de

destruição da Christãdade de S. Th.

Cochim, onde até agora viueraõ mui fauorecidos de todos os Reis deste Malauar, concedolhes grandes priuilegios, & liberdades, como aos mais nobres de seus Reinos: porque na mesma reputação eraõ tidos dos Gentios, & particularmente de hum grande Senhor & Rey de todas estas terras, chamado Xaraõ Perumal, que foy o mais nobre, & rico Rey q̄ ouue nestes Reinos, & muy venerado de todos os Reis do Oriente, por suas excellências: o qual trouxe sempre na cabeça estes Christãos, & lhes concedeo as mayores hōras, & priuilegios, que hoje possuem. De maneira, q̄ sempre estes Christãos foraõ nestes Reinos tidos & áualiados por gente nobre, & mais honrada, que todos os Gentios, & Mouros deste Oriente.

Os Reis fauorecẽ os Christãos de S. Thome.

¶ Nesta perseguição, que os Christãos padeceraõ em Maleapòr, foraõ mortos os Bispos, como fica dito, & así ficaraõ sem pastores, & Prelados, que lhe administrassem os Sacramentos. Pollo qual respeito os que fugiraõ pera o Malauar mandaraõ pedir ao Patriarcha de Babylonia, que os prouesse de Bispo, que governasse,

Pedẽ Bispo de Babylonia.

&

& cultuasse estas ouelhas, q̄ es-
tauão s̄ pastor; o qual querêdo
satisfazer a tão justa petição,
Ihe mandou logo Bispo, q̄ or-
denasse algũs sacerdotes, & mi-
nistros pera o culto diuino, co-
mo de feito ordenou. E desta
maneira se sustetou esta Chris-
tandade muytos annos em ver-
dadeira, & Catholica doutrina
atè o tempo, em q̄ se leuâtou è
Constantinopla o falso Patri-
archa Nestor cõ suas heresias,
& falsa doutrina, a qual foy la-
urando, como peçonha, atè che-
gar à Igreja de Babilonia, onde
foy recebida, & d'alli cõmuni-
cada, & ensinada a estes Chris-
tãos do Malauar, & nella forão
criados, & sustentados atè o ã-
no de 1597. em o qual morreo
o vltimo Bispo Nestoriano, q̄
tiuerão, chamado Mar Abrahã.
Por cuja morte o Arcebispo de
Goa D. Frey Aleyxo de Mene-
ses foy visitar pessoalmête esta
Christandade, & tomou posse
della, & celebrou Synodo em
Diampèr lugar principal, õde
morão estes Christãos, no qual
se a charão presentês todos os
Ecclesiasticos desta Christan-
dade, & quatro Procuradores
de cadapouo: & neste Synodo se
prohibirão, & refutarão muy-
tos abusos, & cutumes depra-

uados, em q̄ viuiaõ estes Chris-
taõs, seguindo os erros do falso
Nestor, que erão muytos, cõ os
quaes viuiaõ è taõ grãdes tre-
uas & cegueira, q̄ parece lhes fal-
taua ja o proprio lume natural
& da rezaõ; como se pode ver
em algũs dos que se seguem.

¶ Primeiramente negauão a
virgindade de Nossa Senhora,
& a Encarnação do Verbo di-
uino, & a adoração das Imagẽs,
por q̄ nenhũa tinhaõ, nê venera-
uaõ mais q̄ a Cruz: & diziaõ, q̄
os santos, q̄ erão passados des-
ta vida, não viaõ a Deos, nem
auiaõ de gozar de sua gloria, se
não depois do vltimo juizovni-
versal, & q̄ atè então estauão
no Paraizo terreal, & os maos
q̄ morrião è peccado, não hião
logo ao Inferno mas q̄ estauão
junto ao Paraizo terreal em hũ
lugar escuro, atè o dia do juizo
no qual auiaõ todos os conde-
nados juntamente ir ao Infer-
no. Seus Bispos erão Chaldeos
de nação, mandados pello Pa-
triarcha de Babylonia, aq̄e o
bedeção. Estes vendiaõ os Sa-
cramentos, conçertandose cõ
quem os auia de receber, è pre-
ço de dinheiro. Não tinhaõ
mais que tres Sacramentos, de
que vzauaõ, q̄ erão os do Bap-
tismo, Eucharistia, & Ordem.

Erros dos
Nestori-
anos.

Recebã
feita Nes-
toriana.

O Arce-
bispo de
Goaroma
posse da
Christan-
dade de
S. Thom.

No do Baptismo cometião mil erros, porq̃ não baptizauão as crianças de oito dias, senão de muitos meses, & annos; & outros se não baptizauão, por não ter dinheiro pera pagar aos sacerdotes, q̃ os auião de baptizar, & sem ferẽ baptizados hião à igreja, & cõmungaũão cõ os baptizados, sem lhe fer por isso prohibido. Não se confessauão, nẽ ṽsuaũão do Sacramento da Vnção, nem do Chrisma, nẽ de Oleo santo no Baptismo. Em lugar de confissão tinhão no meyo da igreja hum braseiro, onde os que se querião purificar, deitauão incenso nas brasas, & se perfumauão, tendo pera si, q̃ com aquelle fumo se lhe tirauão os peccados. Os sacerdotes se ordenauão de dezafete até 20. annos. Dizião Missa cõ vinho de palmeira, & com bolos de farinha de trigo amassados cõ azeite. Não dizião Missa mais que dez, ou doze vezes no anno. Não obrigauão o pouo a ir à igreja, nẽ ouuir Missa. Depois de sacerdotes casauão, & se lhe morrião as mulheres, podiaõ casar outras vezes. Não se apartauão das mulheres o dia que auião de celebrar. Seus vestidos ordinarios

eraõ hũas ceroulas grandes; brãcas, & hũa camisa solta por cima dellas, & hũa cappa branca, & comprida. Traziaõ grandes coroas na cabeça. Comião às quartas, & festas feiras peyxe fomite, & todos os mais dias podião comer carne. Iejuauão a Quaresma, começãdo da Quinquagesima. Não ṽsuaũão a cerimonia da cinza, de que nos ṽsamos. Não comião em toda a Quaresma, nem no Aduento mais que hũa so vez ao sol posto: nos quaes tempos não comião peixe, nem ouos, nem cousa de leite, nem chegauão a suas mulheres. Se quebrauão hum dia de jejum na Quaresma, ou no Aduento, cuidauão, que ja tinhaõ quebrado o jejum todo daquella Quaresma, ou Aduento, & por isso não jejuauão os mais dias, que lhe restauão dos ditos tempos, tendo pera si que lhe não aproucitaua o jejum, nem peccauão de nouo deixando de jejuar. Não jejuauão os dias santos, que vinhaõ em dia de jejum. Guardauão os dias de festa das primeiras vesporas até as segundas fomite: demaneira, que no mesmo dia de festa depois de vesporas, já não era dia santo, & podiaõ trabalhar

atè noite. As molheres, q̄ parião macho, não entraão na igreja senão dahi a 40. dias, & as que parião femea, depois de 80. guardando nisto o costume dos Iudeos. O homicida voluntario ficava excômungado pera sempre de excômunhão mayor, & della não podia ser absolto, nê na hora da morte. Outros muitos erros, & superstições, tinhão, q̄ por abbreviar deixo, dos quaes todos polla misericordia de Deos hoje estão apartados, & reduzidos à obediencia do Papa, guardando em tudo as ceremonias da igreja Romana, da qual auia mais de mil annos, q̄ estauão apartados, como cõstou de seus mesmos liuros, q̄ se viraõ no Synodo, q̄ tenho dito. O qual fruto, & redução desta igreja, se deu ao Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Meneses, q̄ os reduzio cõ muito trabalho, & cõtradição: porq̄ passando por todas as difficuldades, leuou ao cabo, esta obra taõ heroica, polla qual terà o premio de Deos, & o louuor dos homẽs, que entendê de quanta importancia foy.

¶ E pera que esta Christianidade se conseruasse cõ mais firmeza, no estado em q̄ ficou re-

duzida pollo Synodo, foi eleito em Bispo della o P. Francisco Roz, a petição do mesmo Arcebispo D. F. Aleixo, & confirmado pollo Papa Clemẽte VIII. polla noticia q̄ tinha da lingua Suriana, ou Suriaca, em a qual estão escritos os liuros, de q̄ vsaõ os Ecclesiasticos desta Christãdade, chamados Casanares. O qual bispo foy muito bem recebido nesta igreja da Serra, alsi do Ecclesiastico, como do Secular; & todos hoje viuem na fê Catholica, como os mais Catholicos da Igreja Romana.

Francisco
Roz
Bispo da
Serra.

¶ C A P I T V L O XX.

¶ De como nos partimos de Cochim pera Portugal, & do q̄ nos succedeo atè os bayxos das Chagas.



Estiuemos nesta cidade de Cochim 34 dias, tomãdo a carga da nao, & negociãdo todas as mais cousas necessarias pera tão cõprida viagem, como he a da India pera este Reino, em q̄ se gastaõ ordinariamente sete meses. E depois de tudo auiado, partimos da barra de Cochim em a nao S. Simão aos 19. de Janeiro, do anno do Sñor de 1600. na qual

vinha por capitão Diogo de Sousa, nobre, & esforçado cavalleiro do habito de Christo, natural de Viana de Caminha: o qual tinha seruido a el Rey nas armadas de Portugal de capitão de nauios muitas vezes. Por piloto vinha Ioão Pirez, mui certo, & confiado em seu sol, & mui acertado em sua nauegação: & por mestre Antonio Diaz, muy esperto, & grande vigiador, diligente, & bom official deste officio, & sobretudo homem de boa consciencia. Vinhão mais nesta nao 150. pessoas, s. cento & cinco Portugueses, assi passageiros, como da obrigação da nao, & os mais escrauos.

Ilha de Mamalc.

¶ Indo pois assi cõtinuando nossa viagem, aos 23. do dito mes, vimos hũa ilha das de Mãle, situada em 9. graos & hũ terço da bãda do Norte, a qual tinha de cõprido duas legoas, pouco mais, ou menos, de terra raza, muy verde, & fresca ao parecer, pollos muitos palmares, q̃ tinha. O dia q̃ vimos esta ilha, vimos hũa nao lõge de nos, que não conhecemos, mas depois foubemos na ilha de S. Helena, onde nos ajutamos, q̃ era a nao Conceição de nossa cõpanhia. Fomos passando ao

lõgo desta ilha (que dizião ser habitada de Mouros, & Genticos) com muito bom vento, & com elle nauegamos até cinco graos da banda do Norte, onde nos acalmou o vèto de modo, que andamos nesta paragê quinze dias, padecendo grandes calmas, & muito enfadamento, por não fazermos viagem: mas depois nos tornou o vento prospero, com que chegamos à linha Aequinoctial, & a passamos sem trabalho algum aos 23. dias de Feuerciro do mesmo anno. passamos a Linha.

¶ Aos 25. dias do dito mes passamos polla altura dos baixos das Chagas, os quaes vinhamos bem receando, & temêdo, por serẽ muito perigosos. Nestes baixos se perdeu antigamente a nao S. Pedro, vindo da India pera Portugal: & dizem os que se nelles perderão, que são cinco ilhas razas, & a mayor parte dellas allagadiças, entre as quaes ha canaes, por onde pode entrar qualquer nao de marê chea. Ao mar destas ilhas estão grandes restingas de area d'algũas partes, & doutras grãde parcel & arriçifes de pedra muy perigosos. Entre estas ilhas amancheço hum dia a nao S. Pedro, vindo

Baixos das Chagas, em q̃ se perdeu a nao S. Pedro.

vindo nauêgando com muito poucovêto, quasi em calmaria, & quando descobrio o dia achouse dentro em hū canal destes, jundo de hūa destas ilhas, pera onde o mar a oncostou, dando cō ella em terra, de modo, que ficou meya descuberta. No que Deos inda fauoreceo muyto aos que nella vinhão, porque asy como virou pera a banda da ilha, se virara pera o mar, encherase toda d'agoa, & affogarase muita gente, & não se puderaõ aproueitar da madeira, & cordoalha da nao, & dos mantimentos della, como depois fizeraõ.

¶ Tanto que a nao fez assento, desembarcaraõ todos na mesma ilha sem perigo algum, & fizeraõ nella choupanas, & tēdas, em que se aposentaraõ; & tiraraõ da nao todo o arroz & todo o mais mantimento, q̄ puderão, & toda a cordoalha, madeira, & pregadura, que se pode tirar, & com ella arma-raõ hum nauio sobre o Esqui-fe da nao, ajudandose pera isso tambē de muita madeira, que cortarão em hūa destas ilhas. Este nauio foy em parte calafetado com seda da China, que vinha na mesma nao pera este Reyno, & breado cō beijoim,

por não auer breu nem estopa em abundancia. E depois de estar auiado de todo o necessario, metese nelle toda a gente da nao, & fazēdose â vela, tornou pera a India, aonde chegou a saluamento, deixando na dita ilha muita fazenda da nao que não coube no nauio.

¶ Nestes bayxos auia muitos palmares, carregados de cocos, que moltrauão serem já em algum tempo habitados, & hoje são desertos, & deshabitados, mas não de passaros, porq̄ affirmauão os q̄ se acharão nesta perdição, serem tantos, que cubrião as prayas destes bayxos, & tão pouco espartadiços, que não fugião, nem auião medo da gente, pollo descustume, que tinhaõ de aver. Os ouos destes passaros eraõ em tanta abundancia pollos campos, & prayas destas ilhas, que não podião andar por ellas, sem os pisar: o que não foy pouco remedio pera esta gente, pois destes ouos, & passaros se sustētaraõ muito tēpo. Auia mais nestas ilhas hūa casta de cangrejos da terra, q̄ viuião em cotas, os quaes erão tamanhos quasi, como hūa ro-della, cujas pernas, & bocças eraõ de tanta grandeza, que

Hã nestes bayxos muitos palmares, passaros, & cangrejos.

Fizeraõ hū nauio em q̄ foy reõ â India.

abarcão hũa palmeira, & sobriaõ por ella acima, & cortauão hum cacho de cocos com a bocca, & deyxandoo cayr de cima no chão, tornauão a decer polla palmeira abayxo, & tirandolhe as cascas com as boccas, abrião todos os cocos, & comiãolhe o miollo. Destes cangrejos comia tambem esta gente que se perdeu, & dizia, que eraõ muito gordos, & saborosos. Todas estas cousas me contarão algũs homẽs, que se acharão nesta perdição, particularmẽte Antonio Negraõ, que era o Contramestre desta nao S. Pedro, & foy o principal na armação do nauio, que tornou à India, em que se saluou esta gente, depois de estar nestes bayxos mais de seis mezes. Nesta perdição da nao S. Pedro se achou hum Religioso da nossa Ordem, o qual foy grande parte da saluação desta gente, porque andaua sempre animando a todos, prégandolhe, & incitandoos a trabalhar no nauio, que se fazia, em que algũs se mostrauão descuidados: & particularmente com os que nesta perdição adoeceirão, mostrou que tinha herdado a charidade de nosso Padre S. Domingos, porque a

mais desta gẽte adoeceõ de camaras, por causa dos rois mantimentos, que comia, & o Padre foy sempre seu enfermeyro, curando a todos, & buscandolhe o necessario, & todo o possiuel remedio, que em tal deserto se podia achar, pera suas infirmitades, & elle em pessoa os allimpaua, & lhe lauaua a roupa, & foy causa de auer entre todos muita paz, & conformidade, atalhando a muitas dissensões, que se ordenauão, porque bem entendia, que se em tal afflicção não fossem todos vnidos em hum corpo, & amizade, não poderião sayr daquelles bayxos desertos, em que estauão.

¶ CAPITULO XXI

¶ Do mais que nos succedeo nesta viagem, atẽ o Cabo das Agulhas, & das tormentas, que nelle tiuemos.



DEPOIS que passamos os bayxos das Chagas, de que falei no capitulo passado, fomos seguindo nossa derrota com muito bom tempo; & logo o seguinte dia, que foraõ 26. de Feuereiro, vimos o mar cheyo de hũs passaros, que

que nós enfadaraõ muito, por que cuidamos ferião dos mesmos baixos, que por ventura nos ficariaõ inda polla proa. Mas o Piloto nos tirou logo desta duuida, & sobrefalto, afirmando que tinhamos passado já os baixos, & que os passaros que viamos, eraõ de duas ilhas, que naquella paragem estauão, chamadas Duas irmãs. Pollo que fomos navegando mais desassombrados, & com o mesmo vento em poppa, sem acharmos baixo, nem coufa, que nos desse trabalho. Aos 29. do dito mes passamos pollos baixos dos Garajaos, q̄ estão em 17. graos, & hũ terço da banda do Sul: os quaes tambem são muito perigosos. Nesta carreira da Linha atè a ilha de S. Lourenço estão outros muitos bayxos tambem perigosos, de que não tiuemos vista, como são os bayxos de S. Miguel, os da Saya de malha, & os de Nazareth, que todos ficão à mão direita quando viamos da India, tirando os das Chagas, que ficão à esquerda. Aos dous dias de Março passamos polla ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte graos, & hum terço da banda do Sul. Na qual paragem nos en-

trou tão grande vëto, que não podiamos nauegar mais, que com os Papafigos a meyo malto: & desta maneira fomos correndo o mar da ilha de S. Lourenço. E aos cinco dias do dito mes ficamos Leste Oeste cõ a ponta da mesma ilha de S. Lourêço, a que chamaõ S. Rômão. E logo daqui fomos em busca da terra do Cabo de boa Esperança, com muito bõ vento em poppa, & muita allegria.

¶ Aos vinde dias de Março do dito anno, tiuemos vista da terra firme do Cabo, em trinta & quatro graos largos; onde nos acalmou o vento, com que atè entãõ tinhamos nauegado: & alli andamos à vista da terra cinco dias, com tão pouco vento, que quasi nos não buliamos. E no fim delles nos deu hũa grandissima tormenta de vëto contrario polla proa, com que tornamos pera tras. E o dia seguinte viramos sobre a terra, onde chegamos ao sol posto, & amainadas as velas, estiuemos ao payro dous dias, afastados da terra obra de cinco, ou seis legoas. Mas vendo que o tempo não abrandaua, antes cada vez crecia mais, & a nossa nao posta daquella maneira ao embate dos

Terra firme do Cabo.

Tormenta do Cabo.

Passaros das ilhas Duas irmãs.

Ilha de Diogo Róis.

mares se abriã com os grandes ballanços que daua, tornamos a dar o Papafigo da proa, & fomos fugindo aos mares, & ventos em poppa, arribando pera Moçãbique. Mas dahi a dous dias foy abrandando o vento, & tornamos a virar pera o Cabo, posto que com muito trabalho, & polla bollina, por serinda o vento contrario. Neste mesmo dia, que foraõ trinta de Março, em Quinta-feira d'Endoenças, tornou a refrescar o mesmo vento com muita mais furia que de primeiro, vindo acompanhado de espantosos trouões, & fuzijs, que parecião abraçar a nao. Os mares andã não tão brauos, que muitos julgaraõ andar nelles enuoltas as furias infernaes: porque se leuantauão as ondas tão altas, como grandes serras, & se abriã por entre ellas valles tão fundos, & medonhos, que parecião descobrir o centro da terra; & a nao enuolta nesta variedade de mares, hora no fundo delles, hora no alto, esperaua cada momento sua perdição. A gente que nella vinha, toda descoraçoadã, & demayada, lamentaua sua misera uel sorte, & pouca ventura. Hũ elefãte, que traziamos na nao,

daua muy grandes bramidos, acompanhados com muitas lagrimas, q̃ lhe eu vi chorar por duas vezes, como que sentia o perigo, & aperto, em que todos estauamos. Desta vista confesso, que se me acrecentou mais o temor, que tinha de nossa perdição.

¶ Este tempo nos dureu oito dias inteiros com suas noites: nos quaes a nao sempre andou aruore secca, sêm velas, & sêm nauegar. E tal andaua o mar, que os mesmos officiaes da nao, experimentados nesta carreira, & costumados a semelhantes trabalhos, auião medo de olhar pera elle. E muitos marinheiros me affirmaraõ, q̃ hũa tarde destas viraõ enuoltos entre estas furiosas ondas muitos peixes muito grandes, com as cabeças fora da agoa, de espantosas, & medonhas figuras. Donde collegirã claramente, que aquillo não eraõ peixes, senão diabos, porq̃ nunca taes peixes, nem de taes figuras se viraõ no mar, nem em taes tempos de tormenta andã peixes sobre as ondas, antes fogem dellas, & se vão abaixo, õde não sejião maltratados do quebrar dõs mares.

¶ A os sete de Abril, que foi

Sentimẽto de hũ elefãte.

Diabos e figuras de peixes.

o vltimo dia de tormenta, deu hum mar banzeyro dentro na nao, que a teue quasi allagada de todo, õde cuidamos ser chegado nosso vltimo fim. Com este mar ficou o conues da nao tão cheyo de agoa, que tudo, quanto nelle auia nadaua, & o batel, que vinha no mesmo conues amarrado, quebrou as dragas por onde estaua preso, & cõ os ballanços, que a nao daua, elle tambem daua de hũa parte pera a outra tão grandes pãcadas nas bordas da mesma nao, q̃ foy merce de Deos não a abrir, ou arrombar. A este perigo acodio logo toda a gente da nao, occupandose hũs em alijar ao mar quanto fato, cayxões, & barrijs andauão nadando no conues, outros e ter mãõ no batel, que tambem andaua nadado, como tenho dito: mas antes que tiuessem mãõ nelle; tomou o Sotapiloto entre si, & a borda da nao, & quebrou he hũa perna, & hum braço, & a hum grumete escallou hũa perna com hum prego. E com este desastre foy Deos seruido, q̃ cessou a tormenta. E logo no mesmo dia, que foy sexta-feira depois de Pascoa, leuarão as vergas, & velas acima, & largas ao bom vento, que vinha

Desamarrouse o batel.

Desastres do sotapiloto, & de hum grumete.

entrando em poppa, começamos a nauegar em altura de 33. graos, com tanta allegria; quanta era rezão que tiuesse quẽ tinha escapado de tão penosa, & espantosa morte, como tantas vezes nestes dias se lhe tinha representado.

¶ CAPITULO XXII:

¶ De como passamos o Cabo de boa Esperança, & de sua descripção, & do mais que nos succedeo até a ilha de S. Helena, onde achamos duas naos de Holandeses:



¶ Endo já passado estas tormetas, & perigos, & entrado o bõ vento, com que vinhamos nauegando, logo no dia seguinte, que foy hum Sabado 8. d' Abril, vimos hũa nao em 34. graos, & meyo, com cuja vista nos allegramos muito & esperamos por ella quasi todo o dia. Mas vendo que anoi-tecia, & ella não acabaua de chegar, disse o Piloto ao Capitão, que viessemos continuando nossa viagem, & nos aproveitassemos do bom vëto, que tinhamos pera passar o Cabo, antes que tornasse outro tempo contrario, que nos fizesse andar

andar alli outros vinte dias per-
didos. Pello que assi o Capi-
tão, como todos os mais foraõ
de parecer que nos viessemos,
& não esperassemos mais pol-
la nao. E logo viemos seguin-
do nossa derrota à vista da ter-
ra do Cabo das Agulhas,

¶ Este Cabo das Agulhas
está em 35. graos da banda do
Sul. He hũa terra grossa, mui-
to alta, parda, & malenconiza-
da, sobre a qual estão muytas
aruores juntas, ao modo de hũ
bosque, do qual vem correndo
pera o Noroeste hũa ponta de
terra grossa atè o mar, onde a-
caba muito ingreme. E no al-
to da serra faz hũa cabeça grã-
de, lâçada em vão sobre o mar,
que parece sombreiro. Aqui
nesta pôta he o proprio Cabo
das Agulhas. Na terra deste
Cabo está hũa mancha de ter-
ra branca, ou de pedra, da ban-
da de Nordeste: & da banda de
Leste tem hũa lombada, q̄ vay
correndo ao longo do mar, atè
acabar em hũa ponta delgada,
que tambem lança ao mar co-
mo Cabo; donde se vay fazen-
do hũa enseada, que terá seis le-
goas de boca. Daqui fomos
nauegãdo pera o Cabo de boa
Esperança, ao longo desta cof-
ta, que toda he montuosa, &

chea de grandes, & medonhas
ferras, atè que chegamos a hũa
ponta de terra grossa, que lan-
ça muito ao mar, a que os mari-
nheiros chamão Cabo falso, pol-
la muita semelhança q̄ tem cõ
o Cabo de boa Esperança. Des-
te Cabo falso pera diãte se faz
hũa enseada, cuja terra em ro-
da he de grandissimas ferras:
& no fim desta enseada come-
ça o Cabo de boa Esperança
de serra talhada com o mar, so-
bre a qual se faz hũa mesa com
prida, & na pôta della hũa grã
de baixa, raza, & muito cõpri-
da, & logo se segue outra gran-
de serra, com dous môtes mais
pequenos ao pè, defronte dos
quaes fica o Cabo de boa Es-
perança, lâçado ao mar como
ilha.

¶ A segunda feira logo se-
guinte, dia de nossa Senhora
dos Prazeres, que foy a dez de
Abril do dito anno, polla ma-
nhã ao sair do sol nos deu a vir-
gem nossa Senhora perfeito
prazer, & allegria, porque nes-
se mesmo tẽpo passamos o Ca-
bo de boa Esperança, à vista
do qual me reuesti, & logo dif-
fe Missa secca na nao. A qual
acabada, deu o Piloto Boa via-
gem ao passar do Cabo, como
he costume. E logo o capitão

Cabo de
Boa espe
rança.

Passamos
o Cabo,

man

Cabo das
Agulhas.

mandou abrir a carta de regimento do Viceroy da India, q̄ todas as naos trazē fechadas, & selladas, atē passar este Cabo, & depois de passado as abrem, pera saberem a derrota que hão de seguir dalli atē Portugal. A qual carta aberta pelo capitão diante dos officiaes da nao, & lida pollō escriuão da mesma nao em voz alta, dizia, que fossemos á ilha de S. Helena, onde esperarião hūas naos pollas outras, atē o derradeiro de Mayo; dando mais outros sinaes, & diuisas, q̄ auião de ter, pera serem conhecidas, & differençadas das dos inimigos, que aqui não he necessario declarar.

¶ Depois que tiuemos passado o Cabo de boa Esperança, fomos nauegando cō muyto bom tempo perá a ilha de S. Helena. E aos 23. do dito mes vimos hum nauio, que vinha do rio da Prata, em altura de 16. graos, & fazia sua viagem pera Angola; com cuja vista se aluoreçou toda a gēte da nao, & veyo a bordo perá ver o nauio: entre a qual se pos hum moço na borda da nao tão descuidado, que cayo ao mar, sem lhe poderem valer, nem acodir por ser muyto grande o vento,

Nauio do
rio da Prata.

& os mares, & a não ir muito despedida. De modo, que allinos ficou aquelle moço nadando, & bracejando sobre as ondas, com muita lastima, & dor, dos que o vião ficar, sem lhe poder dar remedio, mais q̄ encomendar a Deos lva alma. O nauio chegou a nos dahi a cinco, ou seis horas, & veyo conosco atē a ilha de S. Helena, onde chegamos aos 25. do dito mes de Abril, hūa terça-feira, ás tres horas depois do meyo dia. Na qual ilha achamos duas naos anchoradas no porto da Agoada, defronte da Hermita; as quaes estauão embandeiradas de vermelho, & muyto soberbas, & tinha cada hūa dellas duas ordens de artilharia por banda. Com cuja vista ficamos muyto tristes, porque bem entendemos logo serem naos de inimigos; mas já então não podiamos deixar de ir ao mesmo porto, onde elles estauão; assi por lhe não dobrar o animo, vendo q̄ lhe fugiamos, como polla muita falta de agoa, que traziamos, pera beber. Pollas quaes rezões fomos a elles, cobrando forças, & animo, polla necessidade em que nos viamos: & lançamos anchora perto delles, a tiro de mosquete.

Chegamos á ilha de S. Helena

¶ CAPITULO XXIII.

¶ Da briga, que tiemos com os Hollandeses nesta ilha de S. Helena.



Anto que fomos lançando anchora de frente desta ilha de S. Helena, logo se desamarrou hũa lancha das naos dos Hollandeses (porque elles eraõ os que alli estauão fazendo agoada) & veyose remando pera nos: & como este ue perto, q̄ se podia ouuir sua embayxada, disse hum dos que vinhaõ na lancha em voz alta, & lingua Espanhol muy clara, que todos entendemos: O senhor capitão môr daquellas duas naos, que alli estão furtas manda dizer a todos os q̄ nessa nao vem, que logo se lhe entreguem sem pelleja, & que o capitão della se meta no seu esquife, & lhe va logo dar a obediencia, & a entrega da nao: & senão por força, & mal que lhe pes, lho fara fazer. O nosso capitão lhe mandou respõder, que se chegassem mais perto, pera lhe dar a resposta, determinando de lha dar com hum pelouro de hum Falcão, que ja se estaua borneando pera isso. O que elles entédendo, voltaraõ

Recado
q̄ os inimigos
mandará

pera as suas naos, & metêdose nellas, logo ambas dispararaõ sete, ou oito peças d'artelharía grossa sobre nos. Dos quaes primeiros tiros se espantaraõ os nossos marinheiros, que andauão por cima das vergas tomando as velas, de tal maneyra, que as largaraõ, & deraõ cõfigo embaixo com tanto impeto, que foy merce de Deos não se fazerem em pedaços, & de bayxo com muito trabalho se acabaraõ de recolher as velas, & se amarrou a nao. Neste cõbate foraõ os inimigos continuando sem descansar, fazendo nos sempre muito danno, porque allem de nos matarem dous homens, cortaraõ o mastareo de proa, & os estaes amebos da nao, & quasi toda a enxarcea, cordoalha, & aparelhos, & passaraõ o masto grande cõ hũ pellouro pollo meyo, romperaõ as velas, & cortaraõ as antennas, que vinhão polla borda da nao, cõ que ficamos de todo desaparelhados pera poder nauegar.

Primeira
bateria
de artelharía.

Estrago,
q̄ fez a artelharía
dos inimigos na
nossa nao

¶ Com este estrago muita parte da gête da nossa nao estua tão desmayada, q̄ em vez de ajudar aos poucos, que trabalhauão com mais animo, se escondiaõ polla nao, & não appareciaõ:

pãreção. Nem bastauão amo-
estações, & reprehensões do capi-
tão, & d'outros soldados e sfor-
çados, que alli vinhão, pera a se
animarem, antes algũs se puse-
rão da banda de fora da nao,
& se querião embarcar no na-
uio do rio da prata, que tinha
vindo comnosco, pera nelle fu-
girem secretamente de noite,
dandose já por desbaratados,
& perdidos. Vendo isto hum
esforçado, & nobre caualleiro,
que na nao vinha, chamado Pe-
ro Gomez d'Abreu de Lima,
veyose a mim (que neste tem-
po estaua ao pé do masto gran-
de em pé, confessando muita
parte da gente da nao, que jun-
tamête estando com as armas
nas mãos, se armava também
das spirituaes) & tomandome
de parte, disse-me, que auisasse
ao capitão, da gente que fugia
pera o nauio, & deixaua a nao,
o que elle não fazia em pessoa
por estar algum tanto differen-
te com elle. Pollo que me fuy
logo ter com o capitão, & dei-
lhe conta do que passaua. Ao
que elle logo acodio com mui-
ta diligencia, mandando reco-
lher pera a nao a todos os que
estauão no nauio, & largar o
nauio por hum cabo, que ficaf-
se longe da nao, de modo, que

ninguem se pudesse tornar a
elle.

¶ Isto feito, vêdo o capitão
tanta fraqueza, & desmayo, na
major parte da gente da nao,
determinou (deixando represen-
sões, & ameaças) leuallos por
outra via, & foy que lhe man-
dou trazer ao conues da nao
muito biscouto branco, & vi-
nho, pera que todos comeassem
& bebessem, & se esforçassẽ pera
o trabalho da briga. O qual
remedio foy excellentissimo,
porque tanto que começaram
de comer, & beber, forão tomã-
do tanto animo, & esforço, q̃
parecião leões brauos, & grita-
uão, dizendo mil roncas con-
tra os inimigos, & pedião ao
capitão, que os fossem abaf-
roar, & cometer com a nossa
nao. Finalmente com este fer-
uor, ajudaraõ a carregar a arte-
lharia, & pellejar cõ ella muy
esforçadamente, sem auerem
medo dos infinitos pellouros
dos inimigos, que entrãõ na
nossa nao tão bastos por entre
nos, que foy milagre, & merce
mui grande de Deos não aca-
barmos alli todos.

Os Hollandeses, vendo o
grande danno, que recebião
da nossa artelharia, determina-
rão de se desfuiar della. Pera o
qual

Excellen-
te reme-
dio pera
os desma-
yados nes-
ta briga.

Ardil do
inimigo.

qual effeito tomarão hũa ácho-
ra da sua nao mais pequena,
em hũa lancha, & foraõ a lan-
çando auante das suas naos. E
atoãdoſe polla sua amarra pou-
co, & pouco, indo hũa nao de-
tras da outra à toa, atè que ſe
forão atraueſſar diãte da proa
da noſſa nao, onde lhe não po-
dia fazer mal a noſſa arte-
lharia mais que duas peças, q̃
hião na proa da nao, & a ſua ar-
tellaria jugaua toda, & trata-
uanos muito mal. O que ven-
do o mestre da noſſa nao, man-
dou logo lançar hũa anchora
ao mar, pera hũa ilhargada da
noſſa nao, ficãdo a amarra pol-
la poppa metida por junto da
canna do Leme, por onde ao-
cabreſtante fez virar a nao, &
obedecer à dita anchora, em
reues das anchoras de proa,
de modo, que ficou outra vez
a nao atraueſſada com o eſti-
bordo pera os inimigos, & ſu-
as naos descubertas à noſſa ar-
tellaria, de que receberão grã
de danno. Neste combate per-
feueramos toda a tarde, & to-
da a noite ſeguinte, que foi de
luar muito fermoſo, & toda a
manhã atè as 10. horas do dia.
No qual tempo lhe fizemos
tanto danno, que largando o
porto, derão as velas, & foraõ

Ardil do
neſſo
mestre.

O comba-
te durou
20. horas

fugindo, deixando em terra ^{Fogẽ os}
muitas pipas vazias, & outras ^{inimigos}
cheas d'agoa, que andauão fa-
zendo.

¶ CAPITULO XXIII.

¶ De alguns caſos, que acontecerão
neſta briga, & de como deſem-
barcamos na ilha.



Esta briga, que tiuẽ
mos cõ os Hollan-
deſes, acontecerão
caſos eſpãtoſos, de
pellouros, q̃ entraraõ na noſſa
nao. Hum pellouro de bõbar-
da de ferro coado deu no ca-
marote do piloto, eſtando elle
dentro repouſando ſobre a ca-
ma, de muito trabalho, que ti-
nha leuado a mayor parte da
noite: o qual pellouro fez den-
tro no camarote grande eſtra-
go, & paſſãdolhe por cima dos
pês, veyo ter junto à cabecei-
ra, onde parou, ſem fazer algũ
mal ao piloto. Outro pellou-
ro entrou por hũa portinhola
de hũa bombardeira do cões
da nao, onde eſtauão a actual-
mente ſete, ou oito peſſoas car-
regando hũa peça de artelha-
ria, pera a embocarẽ polla meſ-
ma portinhola, & paſſou por
entre toda eſta gente, ſem fa-
zer mal a alguem; o qual pel-
louro

Caſos de
pellou-
ros.

louro

louro era de ferro coado, & tinha de peso trinta & dous arratens. Outro pellouro passou por entre as pernas de hum grumete, que andava sobre a xareta, recolhendo os cabos, & polleame, q̄ cayaõ do masto grande, certados dos pellouros dos inimigos, sem lhe fazer danno, nem mal algum, mais que affõbrallo. Hum soldado chamado Fernão Baracho estava sobre o chapiteo em pé, & tinha hum arcabuz nas mãos com a boca pera cima, & estava encostado nelle, sobejando-lhe por cima do hombro quatro dedos da boca do arcabuz: & estando desta maneira fallando cõ outros soldados, veyo hũ pellouro dos inimigos, & passou-lhe por cima do hombro, sem lhe fazer mais danno, que leuar-lhe fora a alheta da roupeta, que tinha vestida, & a boca do arcabuz redonda, como se a cortaraõ com hũa faca: né menos fez mal aos circunstantes, que com elle fallavaõ. Todos attribuímos o bõ successo destes casos a grandes milagres, que a Virgem nossa Senhora do Rosario obraua nesta nao, a qual todos tomamos por auogada, & valedora nesta briga, tendo sua imagem em hum retauolo

pintada, & pendurada no meyo do masto grande, à vista de todos, pera se encomendarem a ella, & animarem com sua presença a pellejar contra os inimigos. Todos estes pellouros erão de bombardas, hũs de ferro coado, & outros de pedra muy grandes, outros de picão com duas pontas de ferro agudas, & outros de cadea, com q̄ nos cortarão a cordoalha. Depois que os inimigos desaparecerão, que seria as tres horas depois do meyo dia, forão os carpetteiros, & calafates pella bãda de fora da nao, a tapar-lhe os buracos, que os pellouros dos inimigos tinhaõ feito no costado: dos quaes acharão sete ao lume d'agoa, por onde entrava muyta dentro na nao, & por alli nos pudemos allagar se a briga durara mais tempo. Isto feito, mandou o Capitão algũs soldados, & marinheiros a terra no esquife da nao, pera que descubrissem a ilha, & trouxessem novas do que nella achavaõ: os quaes tornarão cõ grande feitura, & allegria dahi a obra de duas horas com o esquife enramado, & carregado de figos maduros excellêntissimos & agoa fresca da ribeira, & duas cabras, que ficarão aos inimigos

N. S. do
Rosario
nossa auo-
gada nel-
ta briga.

migos, prèzas ao pe de hũa fi-
guerra. Com o qual refresco al-
leuiamos muyta parte do tra-
balho passado.

Fo mos a
terra,

Letireiros
dos Hollã
deses.

¶ O dia seguinte fomos a
terra o Capitão, & eu, & muy-
ta parte da gente da nao: onde
desembarcando, fomos logo
à hermidã de S. Helena fazer
oração, & dar graças a Deos
pollas muytas, & grandes mer-
çes, que nos tinha feito, liuran-
donos de tantos perigos, asim
de fogo, como de agoa, pellos
quaes passamos nesta viagem.
Depois q̄ fizemos oração, des-
preguamos das paredes da her-
midã hũa grande quantidade
de letreiros, & rotolos, que ti-
nhão alli deixados os inimi-
gos, em que contaão sua vi-
agem, & como tinhão saydo
de sua terra, que era Hollãda,
& Gellanda, pollo que soube-
mos então, que os inimigos e-
rão Hollandeses. Logo depois
disto desenterramos o caixão
dos ornamentos (que sempre al-
li fica enterrado em lugar sabi-
do dos Portugueses) & deita-
mos a enxugar, & assoalhar
da humidade, que tinhão, & var-
remos, & enramamos a hermi-
da, na qual não achamos feito
danno algum, antes achamos
hum letreiro em linguagê Caf-

telhana, que dizia: Yo Iuan Ró-
berto no hago mal a esta Igle-
sia, porque soy Christiano, y te-
mo a Dios, que me ha librado
de muchos baxos, ado me he vil-
to perdido en esta viage, y ansi
mas me ha librado de catiue-
ro de la Iaoa, add estuue capti-
uo seis mezes, a punto de me fa-
caren la vida cada dia. E o ca-
zo foy, que estes ladroës forão
à Iaoa a fazer resgate, & car-
regar as naos de pimenta, &
de massa, com patacas falsas
de cobre muyto bẽ prateadas,
& depois de terem a carga
quasi feita, foy conhecida pel-
los Iaos a falidade das pata-
cas. Pello que prenderão a to-
dos, & tomarão lhe outra vez
as mercadorias, & querião lhe
tambem tomar as naos. E esta
foy a causa, porque estiuerão
seis mezes catiuos, até que che-
garão ao dito porto outras na-
os de sua companhia, & fizeraõ
as pazes, dãdo outras patacas
boas em resgate das fazendas,
que tinhaõ comprado os falsa-
rios. E esta historia soubernos
de outros Hollandeses, que vi-
eraõ ter a este porto de S.

Helena, estando nos
ainda nelle, como
abayxo con-
tarey.

Capit.

Letreiro
de hũa Fra-
mengo &
Castelha-
no.

Patacas
falsas dos
Framen-
gos.

CAPITULO XXV.

¶ Da ilha de S. Helena, & do que nos succedeo estando nella.



Depois que tiuemos concertada a Hermitida, fomos passear do polla ilha, por entre os figeirases, q̄ estauão carregados de figos excellētissimos, maduros, & regoados, & outros ja passados em as figeiras: dos quaes mandamos colher boa quãtidade, & assentados ao longo da ribeira descãfamos todo aquelle dia, & comemõs delles: & o mesmo fizemos o tempo que alli estiuemos, dormindo e terra muitos dias, com muita allegria, festejando o bom succẽsso, que nos Deos tinha dado. Algũs destes dias se fizeraõ nesta ilha grandes caçadas de porcos, & leitões, cabras, & cabritos, os quaes todos se tomuaõ a cosso, & às mãos, de cuja carne todos comeraõ abũdãtissimamente em quanto alli estiueraõ, & allem disso trouxeraõ muita copia desta caça viua, de que vieraõ comendo até Portugal. Outros dias se faziaõ grandes pescarias, em que se tomuaõ muitas lagostas, & muito peixe, muy gordo

Recreaçã
da ilha
de S. He-
lena.

& bom, afsi pera se comer logo, como pera secarem escaldado, & salgado, pera a matalotagem, dalli até Portugal.

¶ Aos 30. dias do dito mes de Abril chegou a esta ilha a nao, que tinhamos visto no Cabo das Agulhas, que era a nao Paz da nossa cõpanhia: a qual vinha fazendo muita agoa, & por essa rezaõ não podia bem governar: & essa foy a causa, porque não pode aquelle dia chegar a nos, quando esperamos por ella no dito Cabo.

Nao Paz

¶ Aos tres dias de Mayo chegou ao mesmo porto a nao Conceição, tambem da nossa companhia, a qual soubemos entã fer a nao, que tinhamos visto junto das ilhas de Mamãle, quando saymos de Cochim.

Nao Con-
ceição.

¶ Aos 15. do dito mes se partio de nossa cõpanhia pera Angola o nauio do rio da Prata, que tinha vindo conosco a esta ilha, quando nella achamos os Hollandeses.

Foyle e
nauio do
rio da
Prata.

¶ Aos 16. do dito mes chegou a esta mesma ilha a nao Capitaina S. Roque, que tinha partido de Goa dia de Natal, & veyo polla via de Moçambique, em que gastou perto de cinco meses, por causa das muitas calmarias, que achou na

Nao S.
Roque.

Q viagem

viagem. Nesta não vinha por capitão mor Dō Hieronymo Coutinho, o qual auia quinze annos, q̄ tinha ido à India por capitão mor, em cuja nao, & companhia eu tambem fuy, como fica dito.

¶ No mesmo dia, que chegou a nao capitaina, vierão também a esta ilha, quasi nas suas costas, duas naos de Hollandeses, da mesma companhia das outras duas naos, que tinhaõ pellejado com noscō. As quaes tanto que chegarão à ponta da ilha, donde se descobre o porto da agoada, & virão que estauão furtas nelle quatro naos nossas, não quizerão vir a elle, mas lançarão anchora na mesma ponta da ilha, onde lhe não podiaõ da nossa armada fazer dano algum, assim por estarem longe, como por ser de là o vento com que a nossa armada as não podia ir cometer.

¶ Neste mesmo dia ja com hũa hora de noite, chegou à mesma ponta da ilha a nao S. Martinho tambem de nossa companhia, & vendo alli furtas as duas naos, conheceo logo serẽ naos de inimigos; pello q̄ não quiz uir ao porto, em que nõs estauamos, cuidando, que tambem nõs eramos da mesma cõ

serua, antes fugindo, se foỹ na volta do Brasil, onde chegou a saluamento, & dahi veyo pera Portugal. Os Hollandeses vendo que na quella ponta da ilha não auia agoa, mandarão hũa lancha às nossas naos com hũa carta pera o Capitão mór, em que dizião como elles erão Christãos, & amigos, d'el Rey de Portugal, naturaes de Hollanda, & Gellanda, & que erão mercadores, que andauão pelo mundo ganhando, & buscãdo sua vida, & que tinhaõ chegado a esta ilha com muyta necessidade de agoa; pello que pediaõ a sua S. lhe desse licença pera d'alli fazerem agoada cõ suas lanchas. O Capitão mór. lhe respondeo tambem por escrito, dizendo, que pois eraõ amigos dos Portugueses, como dizião, que se viessem pera nõs com suas naos, & que ca no porto, onde nõs estauamos, fariaõ sua agoada cõ menos trabalho, & tomarião do mais refresco da ilha. A qual resposta lhe mandou por ver se os podia tomar ca entre a nossa armada, & tratallos como a inimigos tão descubertos, como ja estauão. Mas elles não se cõfiaraõ de tão boa resposta, nem quizerão vir, & do mesmo lu-

Cartados
Hollande
ses ao Ca
pit. mór.

Resposta
do Capi
tão mór.

gar

Duas na
os de Hol
landeses.

Nao S.
Martinho.

Forãse os inimigos gar, ôde estauãõ, se foraõ dahi a cinco dias, q̄ foy dia do Spirito fante em 21. de Mayo, lançando das suas naos muytos foguetes, & com muyta festa.

Nao S. Mathcus

¶ No mesmo dia, que estes inimigos se foraõ, à tarde chegou a esta ilha a nao S. Mathcus, tambem da nossa companhia, que era a derradeira; porque esperauamos, com cuja vinda determinamos logo de nos partir d'esta ilha, como fizemos.

Descripç. da ilha de S. Helena

¶ Esta ilha de S. Helena està em 16. graos da bãda do Sul Tem cinco legoas de roda, pouco mais, ou menos. He quasi quadrada, muyto fragosa, & de muy altas terras, & grandes valles, pollos quaes correm muytas ribeyras d'agoa doce excellentissima, que nasce no alto das terras, donde vem caindo em partes toda junta de pancada, couza muy fermosa, & deleytosa à vista, porque como as terras sejaõ muyto altas, espalha a agoa, que vem cayndo, no ar, de tal maneyra, que quando chega abayxo, parecẽ perolas, ou graõs de aljofar, q̄ chouem. Por estes valles tem muytas figeyras de figos de Portugal, muy semelhantes a figos rebaldios; os quaes ha to

Frêscura desta ilha

do o anno; têm romãs; limeiras de muy boas limas, & algũas lorangeiras. Tem muytas heruas de Portugal, como saõ beldroegas, sarralhas, lingoa de vacca, fedegosa, maluas, muytas mostardeiras de boa mostarda, muytas, & boas nabissas que alli cozem com o porco, & cabra: ha muyto endro: & toda a outra ortaliça, que alli se semea, se cria em grande abundancia. Em toda esta ilha ha muytas cabras syluestres, muytas galinhas brauas pintadas, muy fermosas, & grandes, & muytas perdizes. Das quaes couzas todas fazem matalotagem as naos, que vem a esta ilha, com pouco custo, & trabalho, tomando tudo às mãos, tirando as galinhas, & perdizes as quaes matão muyto facilmente à espingarda, porque não se espantão nem fogem muyto da gente. Aoredor desta ilha ha muyto peyxe bom, & laboroso, de que as naos se prouem em grande abundancia: o qual pescaõ à linha, assim nos bayxos da ilha, como no porto deçima das mesmas naos, com muyta facilidade: onde se tomão muytas cauallas, garoupas, moreas, albocõras, & lagoltas muy grandes. Nesta

Caça desta ilha.

Peixe desta ilha.

ilha não há cobras, nem lagartos, nem lagartixas, nem osgas nem outro bicho roim. Tem hũa hermida da inuocação de S. Helena, situada à borda do mar, da banda de Portugal, toda cercada de figeiras: por junto da qual corre hũa ribeira de agoa, muyto fermosa, & fresca, onde as naos fazem sua agoada.

Hermida de S. Helena.

¶ CAPITULO XXVI.

¶ De como nos partimos da ilha de S. Helena pera Portugal, & da ilha da Ascensão, & do mais que nos succedeo nesta viagem.



DEPOIS, que todas as naos de nossa companhia foraõ juntas na ilha de S. Helena, tirando a nao S. Martinho, que se foy ao Brasil, como tenho dito, feita a agoada, & tomado o refresco necessario, logo se poz em effeito nossa partida: mas primeiro dissemos Missa todos os Religiosos, que nesta ilha nos achamos & confessamos, & sacramentamos quasi toda a gente, na hermida de S. Helena, com muyta festa, & allegria, assim por ser dia de Corpo de Deos, co-

Cóffessou se quasi toda a gente.

mo por ser chegado o dia de nossa partida pera Portugal que tanto desejavaamos. Isto feito, recolheose toda a gente a suas naos, & leuando as anchoras, largarão as velas ao bom vento, q ventaua em poppa por cima da ilha, o primeiro dia de Junho, todas as naos juntas, & todo aquelle dia viemos nauegando à vista da dita ilha, que nos ficaua nas costas, da qual ja traziamos muytas saudades.

¶ Aos dez dias de Junho tiemos vista da ilha da Ascensão, que está em 8. grãos da banda do Sul, dozentas legoas da ilha de S. Helena, & outras tantas da linha Equinocial. He de sete, ou oito legoas de comprimento, terra muyto bayxa, & quasi toda de area solta. Não tem aruoredo, nem agoa doce pera beber. He deshabitada, mas não de passaros, porque são infinitos os que nella crião. De frente desta ilha foy necessario abriremse os escutinhos da nao todos até o Porão: & por desastre cayo hũ homẽ de cima do conues em bayxo sobre o lastro, que são mais de trinta palmos d'altura. E quiz Deos, por intercessão da Virgem Nossa Senhora do Rosario

Ilhada Ascensão.

rio, que não perigasse, porque elle me disse, que quando cayo andaua rezando o seu Rosario, & que indo pollo ar, se encomendou a ella de todo seu coração, & que sem falta lhe pareçia, q̄ N. Senhora fizera milagre por elle.

¶ Aos 18. de Junho passamos a linha do Sul pera o Norte: ôde tiemos muytas calmarias: & grandes trouoadas, & chuueyros, & com elles andamos até 26. do dito mes. No qual dia encontramos hũa carauela, em altura de 7. graos da banda do Norte, a qual vinha do Brasil carregada de açucar, da Baya de todos os Santos, & fazia sua viagem pera Portugal, & vinha ja meya destroçada das trouoadas, com algũas velas rotas, & mastarços quebrados. Mas tão to que chegou a nos, logo foy remediada do que lhe faltaua, porque tudo se lhe deu das nossas naos, & veyo em nossa companhia até Lisboa.

¶ Aos onze de Julho começamos a entrar por hum mar, a que os mareâtes chamaõ Volta do fergaço: & a causa he por que todo he cheyo de fergaço, o qual anda solto sobre a agoa de hũa parte pera a outra, ao sô

do vento. Este fergaço começamos achar em altura de 24. graos da banda do Norte, & foy continuando até 36. graos que são duzentas, & trinta legoas de mar, pouco mais, ou menos. Nesta volta tiemos muytas calmarias, quasi hum mez, onde passarão todas as naos muytos trabalhos, & enfadamentos, & em todas ouue muytas doenças, particularmente hũa, a que chamaõ mal de Loan do, que ordinariamente dá nos escrauos, da ilha de S. Helena até Portugal, & tambem he muy commua em Angola. Esta tanto que dá em hũa pessoa, faz lhe inchar a barriga, & vaylhe sobindo esta inchação até os peitos, & como da no coração mata. Desta doença, & de febres morrerão em a nao Capitaina passante de cem pessoas: entre os quaes falleceo hum Padre de S. Domingos, chamado Fr. Luis de Brito, q̄ vinha por capellão da nao. Na nossa nao S. Simão morrerão 7. pessoas, duas na briga dos Hollandeses, & hũa que cayo ao mar, & quatro de doença, da qual eu també tiue minha parte nesta viagem, por duas, ou tres vezes.

¶ Depois que passamos esta

Deuação
do Rosario

Passamos
a linha

Carauela
do Brasil.

Mal de Loan
do.

Morte de
Fr. Luis de
Brito.

Volta do
fergaço.

Voltã do fargaço, ou (pera me
lhor dizer) de nossos trabalhos
doenças, & mortes, viemos cõ
tinuando nossa viagem por fo
ra da ilha do Coruo, atè altura
de 42. graos da banda do Nor-
te. Donde fizemos volta pera
Portugal aos 9. d'Agosto, na
uegando sempre a Leste cõ vè
to taõ rijo, que parecia de tor-
mêta, & taõ frio, como se fora
em Janeiro. Chegamos à vista
de Portugal, que forão as ilhas
das Berlengas, oito legoas de

Cascaes, aos 22. do dito mes.
& no mesmo dia, ja com duas
horas da noite, vieraõ todas as
cinco naos juntamente lançar
anchora em Cascaes, onde esti
uemos o dia seguinte: & aos 24
dia de S. Bertholameu, entra-
mos pollo rio de Lisboa com
muita allegria, & lançamos an
chora defronte dos paços del-
Rey, a saluamento. Pollo que
dou muitas graças a Deos, &
elle seja louuado pera to-
do sempre. Amen.

Chega-
mos a Lis-
boa.

FINIS.

LAVS DEO.

IMPRESSO NO CONVENTO
de S. Domingos de Euora, com licença da san-
ta Inquisição, & Ordinario, & priuilegio
Real. Por Manoel de Lyra,
Anno 1608.

(?) (?) (?)

(?) (?)

(?)



